



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DOUTORADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**



DIOGO FRANCO RIOS

**MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DA BAHIA SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA MODERNA: A
CONSTRUÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO MODERNIZADORA**

**Salvador
2012**

DIOGO FRANCO RIOS

**MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DA BAHIA SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA MODERNA: A
CONSTRUÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO MODERNIZADORA**

Tese apresentada à Universidade Federal da Bahia e à Universidade Estadual de Feira de Santana, sob a orientação do Prof. Dr. André Luis Mattedi Dias, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

**Salvador
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA

R586 Rios, Diogo Franco.
Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de uma instituição modernizadora. /Diogo Franco Rios - Salvador, 2012.
504 f.

Orientador: Prof. Drº André Luis Mattedi Dias.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física.

1. História da Educação Matemática 2. Matemática Moderna.
3. Memória I. Universidade Federal da Bahia – Centro de Formação de Professores. II. Título.

CDD 510.7

AGRADECIMENTOS

Quero aqui fazer um lugar de memória. Uma celebração em agradecimento a todos que contribuíram de modo direto ou indireto para que eu conseguisse cumprir esta tarefa. Muito obrigado a todos.

Gostaria de registrar um agradecimento especial:

À minha família, especialmente à minha mãe, minha avó e minhas tias, pelo carinho, generosidade e compreensão nas minhas muito frequentes ausências. A vocês, devo muito – o que tenho de melhor.

Ao professor André Luis Mattedi Dias, pela orientação e confiança. As oportunidades que me foram viabilizadas por você fizeram muita diferença em minha vida, tanto profissional quanto pessoal. Mais uma vez, obrigado.

Aos ex-alunos que colaboraram com esta pesquisa, pela generosidade e confiança que me depositaram enquanto me contavam suas histórias dos tempos do colégio. À professora Maria Augusta, pelo carinho e acolhida.

A todos os examinadores, pelas contribuições em suas leituras, Carlos Roberto Vianna, Claudinei de Camargo Santana, Elisabete Zardo Búrigo, José Luis de Paula Barros Silva, Nilton de Almeida Araújo e Olival Freire Júnior.

Ao Marcos, pela primavera que trouxeste quando se anunciava o inverno.

Às minhas amigas Janúzia, Ivana, Cíntia e Cilene, pela torcida e apoio sempre presente e à Helena e Samuel, pelo apoio em POA.

Às minhas amigas Nilza e Maria Inês, pelo suporte técnico, cada uma a seu modo. E à Bete, pelo que só nós três sabemos.

Às colegas do GHAME, especialmente à Irani, Januária e Daniela pelas risadas e carinho compartilhado.

Aos colegas do Colegiado de Matemática do CFP/UFRB e aos meus orientandos Adriano, André, Afonso, Silmary e Wilson, pela colaboração e compreensão. A Clarivaldo, diretor do CFP, pelo apoio e a Fabiana de Jesus Cerqueira, bibliotecária do CFP/UFRB, pela elaboração da ficha catalográfica.

Serei sempre grato pela oportunidade de compartilhar minha vida e desafios com vocês.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivos analisar as memórias de ex-alunos do Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia a respeito do ensino de Matemática Moderna na instituição, de 1966 a 1976, e produzir fontes históricas a respeito desse processo educacional.

Foram analisadas quatorze entrevistas nas quais foram tratados aspectos políticos, culturais e pedagógicos daquele cotidiano escolar, destacando-se o caráter experimental e modernizador das práticas de matemática. Contudo, isso não a particularizou como moderna, institucionalmente. Antes, isso a vinculou ainda mais à marca moderna amplamente atribuída à instituição, uma vez que as outras disciplinas e práticas culturais e sociais por eles recordadas também foram reconstruídas sob essa forte marca. Ao analisar o modo como a tentativa de institucionalização de um padrão de ensino de matemática foi realizada no Colégio de Aplicação, ao lado de outras iniciativas modernizadoras da instituição, esta tese oferece uma ampliação do entendimento sobre a história da educação matemática na Bahia, que passa a ser olhada a partir de um cotidiano peculiar, tendo como base as memórias desse grupo de sujeitos muitas vezes ignorados pela historiografia tradicional. Considerando as relações entre história e memória, busca-se uma aproximação com vertentes que apontam para a importância de resgatar a história, a memória e a identidade de grupos que têm sido menos valorizados, a partir dos seus próprios discursos, atribuindo-lhes centralidade. Esta contribuição pretende associar o processo relativo a uma disciplina escolar a uma época, uma instituição e seus atores.

PALAVRAS-CHAVE

História da Educação Matemática; Matemática Moderna; Colégio de Aplicação; Universidade da Bahia; Memória; Alunos.

ABSTRACT

This research aims to analyze ex-students' memories about modern mathematics teaching at the *Colégio de Aplicação* of the *Universidade da Bahia*, from 1966 to 1976, and to produce historical sources about this educational process.

There were analyzed fourteen interviews in which were treated political, cultural and pedagogical aspects of that school routine, especially experimental practices and modernizing math character. However, this condition does not particularizes the mathematics as modern, institutionally. Rather, it linked to the more modern brand to widely attributed to the institution, since the other disciplines and cultural and social practices they remembered also been renewed under this strong brand. By analyzing how the attempt to institutionalize a pattern of teaching mathematics was held at the *Colégio de Aplicação*, alongside other modern initiatives of the institution, this thesis provides an increase of Bahia's mathematics education history understanding, which passes to be looked at from a peculiar routine, based on the memories of this group of subjects often overlooked by traditional historiography. Considering relations between history and memory, we seek a rapprochement with aspects that point the importance of recovering the history, memory and identity of groups that have been less valued from his own speeches, giving centrality to them. This contribution is intended to associate the file on an academic discipline at a time, an institution and its actors.

KEY-WORDS

History of Mathematics Education; Modern Mathematics; Colégio de Aplicação; Universidade da Bahia; Memory; Students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – LEMBRANÇAS DA ÉPOCA DO COLÉGIO	21
1.1 A ORGANIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA	23
1.2 O AMBIENTE ESCOLAR DO APLICAÇÃO	29
1.3 AÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL NO CA	33
1.4 OS PRATICANTES E OUTROS PERSONAGENS DO COLÉGIO	45
2 – O COLÉGIO DE APLICAÇÃO E SUAS PRÁTICAS MODERNIZADORAS	53
3 – CONEXÕES ENTRE A MEMÓRIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS E DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO	76
3.1 MEMÓRIAS DE PROJETOS MODERNIZADORES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS	78
3.2 MEMÓRIAS DE PROJETOS MODERNIZADORES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA	85
3.3 MEMÓRIA DA CONEXÃO ENTRE O ENSINO DE MATEMÁTICA E O CECIBA	92
3.4 AS COLEÇÕES DE LIVROS E APOSTILAS NO CA	98
4 – SOBRE O COTIDIANO DA MATEMÁTICA MODERNA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS E FONTES	140
ANEXOS	151

“Meu caro companheiro”, disse Sherlock Holmes quando estávamos sentados, a lareira entre um e outro, em seus aposentos em Baker Street, “a vida é infinitamente mais estranha do que tudo que a mente humana seria capaz de inventar. Não ousaríamos conceber coisas que, na realidade, não passam de lugares-comuns da existência. Se pudéssemos sair voando de mãos dadas por aquela janela, pairar sobre esta grande cidade, remover suavemente os telhados e espreitar as esquisitices que estão acontecendo, as estranhas coincidências, as maquinações, os quiproquós, os maravilhosos encadeamentos de fatos, que atravessam gerações e conduzem aos resultados mais estapafúrdios, toda a ficção, com suas convenções e conclusões previsíveis, pareceria extremamente batida e inútil.”

(Conan Doyle, As aventuras de Sherlock Holmes, p.77)

INTRODUÇÃO

A tese aqui apresentada se inscreve no campo das pesquisas em história do ensino de matemática na Bahia, especialmente no âmbito do Grupo de Pesquisa História, Matemática, Educação (GHAME), da UFBA. Esse grupo se desenvolve em uma trajetória iniciada pela tese “Engenheiros, mulheres, matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968)”¹ e vem se propondo a “analisar historicamente a apropriação da matemática moderna em instituições escolares baianas”². Tem como demarcações temporais a implantação do curso de matemática da Faculdade de Filosofia da Bahia, em 1942, indo até 1976, aproximadamente, quando o Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia encerra suas atividades.

Essa iniciativa do GHAME se articula com outras iniciativas e grupos que realizam trabalhos relacionados com a história do ensino da matemática. Atualmente, existem na base do CNPq cento e vinte e oito grupos de pesquisa, localizados a partir dos descritores *história; educação; matemática*. Nos sites de alguns desses grupos é possível acessar dissertações, teses e outras produções relacionadas à temática, a partir de variados enfoques, conteúdos e problematizações. Os dois grupos mais numerosos e com o maior número de produções são o Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT) e o Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Esses dois grupos representam uma importante parcela do que há de mais consolidado nessa área, que conjuga seus trabalhos a partir de referenciais teórico-metodológicos bem específicos³, participando da composição do grande quadro da pesquisa sobre história da educação no Brasil.

A produção de estudos a respeito da história da educação no Brasil não se constitui uma iniciativa recente e é possível acompanhar, nos últimos anos, um aumento considerável do número de trabalhos acadêmicos a respeito do tema. Foram criados vários grupos de pesquisa, revistas científicas e fóruns especializados, denotando não apenas o interesse por um campo de investigação muito particular, mas também uma preocupação dos pesquisadores com a sua inserção nas perspectivas propriamente historiográficas⁴.

¹ DIAS, A. L. M. Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968). 2002.

² DIAS, A. L. M. A modernização da matemática escolar em instituições educacionais baianas (1942–1976). (UEFS-CNPQ). 2009, p. 1.

³ Não é objeto deste trabalho fazer um inventário teórico-metodológico. Isso implicaria citar e explicar cada uma das vertentes que participam desse campo rico e diversificado que é a pesquisa em história. Um exemplo das diversas especificidades desse campo: Cf. BARROS, J. D. O campo da história: especialidades e abordagens. 2004.

⁴ VIDAL, D.; FARIA FILHO, L. M. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880/1970). 2003, p. 37-70.

Com relação ao ponto específico da história do ensino de matemática, os temas daqueles trabalhos parecem estar mais voltados para períodos recentes da história do ensino dessa disciplina e, mais especificamente, tem crescido o número de investigações interessadas nos processos de apropriação e institucionalização de padrões modernos no ensino da matemática no país, durante o século XX.

Nos últimos anos, associada a essa pluralidade de experiências que pretendeu modernizar o ensino de matemática e que ficou amplamente conhecida como *Movimento da Matemática Moderna* (MMM), têm-se acompanhado, no Brasil, a produção de uma rica e diversificada análise histórica que considera diferentes iniciativas e dimensões do MMM, bem como variados âmbitos de estudo – regiões, instituições, grupos e personagens.⁵ Nesse sentido, muito há para ser feito no que se refere a pesquisas que analisem as práticas de ensino e de aprendizagem acontecidas no interior de escolas brasileiras onde houve tentativas de modernização dos padrões de ensino da matemática e que podem ser associadas ao referido movimento. Essas iniciativas se ancoraram em debates internacionais a respeito da reorganização e modernização dos currículos escolares para o ensino de matemática, que teve como acontecimento demarcador⁶ aquele que ficou conhecido como Seminário de Royaumont, durante o qual, em 1959, ocorreu uma sessão de estudos dedicada à reforma do ensino de matemática.⁷

Em âmbito nacional, o trabalho de Soares, Dassie e Rocha já foi considerado uma importante referência entre as produções de história da educação matemática, apresentando uma análise das modificações que o MMM implementaram no ensino de matemática a nível secundário a partir da década de 1960:

Ao aproximar a Matemática Escolar da Matemática Pura, centrando o ensino nas estruturas e usando a linguagem dos conjuntos como elemento de unificação, reforma deixou de considerar que aquilo que se propunha estava fora do alcance dos alunos e dos professores. [...] O ensino passou a ter preocupações excessivas com abstrações internas à própria matemática, mais voltadas à teoria do que à prática. A linguagem dos conjuntos foi ensinada com tal ênfase que a aprendizagem de símbolos e de grande quantidade de terminologia comprometia o ensino do cálculo, da geometria e das medidas.⁸

⁵ RIOS, D. F.; BURIGO, E. Z.; OLIVEIRA FILHO, F. ; MATOS, J. M. O Movimento da Matemática Moderna: sua difusão e institucionalização. 2011, p. 21-63; BURIGO, E. Z. Tradições Modernas: reconfigurações da matemática escolar nos anos 1960. 2010, p. 277-300.

⁶ Ver: BRAGA, Ciro. Felix Klein e os princípios do movimento modernizador do ensino da matemática secundária do início do século XX. 2003.

⁷ GUIMARÃES, Henrique Manuel. Por uma matemática nova nas escolas secundárias: perspectivas e orientações curriculares da matemática moderna. 2007, p. 21-45.

⁸ SOARES, Flávia S.; DASSIE, B. A.; ROCHA, J. L. Ensino de Matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. 2004, p. 12.

Contudo, nos trabalhos mais recentes, ampliou-se muito a compreensão a respeito das modernizações do ensino de matemática ligados à MM concluindo, por exemplo, que constituíram-se em diferentes iniciativas espalhadas pelos diversos estados do país, as quais propuseram mudanças também diferenciadas e que incluíram, além da inserção de novos conteúdos, a reorganização dos programas de matemática e a proposição de novas abordagens para tópicos tradicionais dos programas de ensino. Essa revisão conta com análises que contemplam outras dimensões desse processo histórico, inclusive, os aspectos regionais peculiares das diversas expressões associadas ao referido movimento.⁹

Na Bahia, vinculados àquele projeto mencionado¹⁰, diversos estudos estão sendo feitos tentando produzir análises históricas a partir de práticas didáticas e pedagógicas da matemática em instituições escolares do estado, principalmente em relação ao ginásio e ao colegial, trazendo à tona aspectos locais e regionais dos processos de modernização do ensino. Desse trabalho têm resultado dois tipos de produção: por um lado, teses e dissertações e, por outro, os artigos publicados e, considerando os expedientes de socialização do conhecimento, trabalhos apresentados em eventos científicos.

Do primeiro grupo, dentre as teses e dissertações, podemos destacar “Formação de professores de matemática: um estudo histórico comparativo entre a Bahia e Portugal (1941-1968)”¹¹, “Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969)”¹² e “A trajetória e a contribuição dos professores de matemática para a modernização da matemática nas escolas de Vitória da Conquista e Tanquinho (1960-1970)”¹³. Além desses trabalhos, já concluídos, podemos citar outros que estão em andamento, a saber: “A modernização da matemática na Escola de Aplicação da Universidade da Bahia”¹⁴, “Jacy Monteiro, Bourbaki e a institucionalização da álgebra

⁹ Entre outros trabalhos, destaco: MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. (org.). A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos. 2007; BÚRIGO, E. Z.; FISCHER, M. C. B.; SANTOS, M. B. (org.). A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos. 2008; FLORES, C.; ARUDA, J. P. (org.). A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: contribuições para a história da educação matemática. 2010; OLIVEIRA, M. C. A.; SILVA, M. C. L.; VALENTE, W. R. (org.). O Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular. 2011.

¹⁰ DIAS, A. L. M. A modernização da matemática escolar em instituições educacionais baianas (1942–1976). (UEFS-CNPQ). 2009.

¹¹ BERTANI, J. A. Formação de professores de matemática: um estudo histórico comparativo entre Bahia e Portugal (1941-1968). 2012.

¹² FREIRE, I. A. A. Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970). 2009.

¹³ SANTANA, I. P. A trajetória e a contribuição dos professores de matemática para a modernização da matemática nas escolas de Vitória da Conquista e Tanquinho (1960-1970). 2011.

¹⁴ LANDO, J. C. A modernização da matemática na Escola de Aplicação da Universidade da Bahia. Projeto. 2008.

moderna no Brasil”¹⁵, “CECIBA: profissionalização e modernização do ensino da matemática na Bahia (1942-1978)”¹⁶, “A modernização do ensino de Matemática e os centros de treinamento de professores de ciências no Brasil: o trabalho do School Mathematics Study Group (SMSG) na Bahia”¹⁷, “Formação de professores e a modernização do ensino de matemática no município de Jequié-BA na década de 70 do século XX”¹⁸, “O Movimento da Matemática Moderna na perspectiva da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) na Bahia (1950-1970)”¹⁹.

O segundo grupo já é bem mais volumoso. Evidentemente, a lista de artigos²⁰ e trabalhos²¹ não pretende esgotar a produção do GHAME, mas apenas oferecer um panorama

¹⁵ LIMA, E. B. Jacy Monteiro, Bourbaki e a institucionalização da álgebra moderna no Brasil. Projeto. 2008.

¹⁶ FREIRE, I. A. CECIBA: profissionalização e modernização do ensino da matemática na Bahia (1942-1978). Projeto. 2009.

¹⁷ RAMOS, M. M. L. P. A modernização do ensino de Matemática e os centros de treinamento de professores de ciências no Brasil: o trabalho do School Mathematics Study Group (SMSG) na Bahia. Projeto. 2010.

¹⁸ BRAGA, M. N. S. Formação de professores e a modernização do ensino de matemática no município de Jequié-BA na década de 70 do século XX. Projeto. 2010.

¹⁹ ROCHA, D. S. O Movimento da Matemática Moderna na perspectiva da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) na Bahia (1950-1970). Projeto. 2010.

²⁰ DIAS, A. L. M. Martha Dantas (1923-2011): mathematics teaching, pedagogical experiments and teacher's training. 2012, p. 46-47; _____. Interseções teórico-metodológicas entre a história do ensino e a história da matemática: discutindo a pesquisa sobre o movimento da matemática moderna. 2009, p. 61-79; _____. O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968). 2008, p. 1049-1075; _____. Profissionalização dos professores de matemática na Bahia: as contribuições de Isaías Alves e de Martha Dantas. 2008, p. 243-260; _____. A universidade e a modernização conservadora na Bahia: Edgard Santos, o Instituto de Matemática e Física e a Petrobras. 2005, p. 125-145; FREIRE, I. A.; DIAS, A. L. M. Um encontro promissor para o ensino de matemática na Bahia: pesquisas e realizações na década de 60 do Séc. XX. 2010, p. 143-156; _____. Seção científica de matemática do CECIBA: propostas e atividades para renovação do ensino secundário de matemática (1965-1969). 2010, p. 363-386; LIMA, E. B.; DIAS, A. L. M. Concepções modernas de rigor: Omar Catunda, Jacy Monteiro e o movimento da Matemática Moderna no Brasil. 2010, p. 171-184; _____. A Análise Matemática no ensino universitário brasileiro: a contribuição de Omar Catunda. 2010, p. 453-476; _____. O curso de Análise Matemática de Omar Catunda: uma forma peculiar de apropriação da análise matemática moderna. 2010, p. 211-230; LANDO, J. C.; DIAS, A. L. M. Modernização de Práticas do Ensino de Matemática na Escola de Aplicação da universidade da Bahia (1953-1973). 2010, 199-222; PINHEIRO, M. M. L.; RIOS, D. F. As Rede de Interação Social e o Movimento da Matemática Moderna na Bahia. 2010, p. 343-361.

²¹ DIAS, A. L. M. Uma História da Educação Matemática na Bahia. 2011, p. 1-21; BERTANI, J. A. A Profissionalização do Professor de Matemática e a Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letra da Bahia: Contribuições e Controvérsias de Isaías Alves. 2008, p. 1-15; BERTANI, J. A.; DIAS, A. L. M. O curso de matemática e o curso de didática na Bahia: a história da constituição de um corpo profissional. 2009, p. 1-10; BRAGA, M. N. S. A relevância do Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de professores de Ciências Experimentais e Matemática - PROTAP. 2011; FREIRE, I. A. A. Ensino de geometria no secundário: programas curriculares Omar Catunda e Georges Papy na década de 1960. 2011; FREIRE, I. A. A.; LANDO, J. C.; LIMA, E. B. Duas mulheres e uma trajetória: o processo de profissionalização docente e o ensino de matemática na Bahia - Brasil (1948-1964). 2010; LANDO, J. C. O estudo dirigido no ensino de Matemática no Brasil (1955-1966). 2011; LIMA, E. B.; FREIRE, I. A. A.; LANDO, J. C.; DIAS, A. L. M. A Institucionalização da Matemática Moderna nos Currículos Escolares ou a Hegemonia da Cultura Matemática Científica nas Escolas. 2010; RAMOS, M. M. L. P.; DIAS, A. L. M. O IBECC e a modernização do ensino de matemática: alguns aspectos históricos. 2011; ROCHA, D. S. Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário CADES: formação de professores de matemática na Bahia (1950-1970). 2010; RIOS, D. F. Experimentação, modernização e o ensino de matemática moderna: lembranças dos ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia (1966-1976). 2011, p. 1-15; RIOS, D. F.; LIMA, E. B.; FREIRE, I. A. A.; SANTANA, I. P.; LANDO, J. C.; BERTANI, J. A. Análise Histórica do Ensino de Matemática na Bahia (1942-1976). 2010;

da produção mais significativa para esta tese.

Vale dizer que esses estudos não são análises particularizadas de processos de modernização mais amplos, mas iniciativas de análise de práticas modernizadoras²² específicas do ensino de matemática na Bahia que tiveram ocorrências similares tanto em âmbito nacional como internacional.

Esta tese está vinculada a essa proposta. Considerando um estudo já realizado sobre as relações entre história e memória²³, busco uma aproximação com vertentes que, nas últimas décadas, vêm incorporando uma variedade de novos temas que também trazem consigo a pluralidade e a diversidade de abordagens teórico-metodológicas²⁴. Dessa pluralidade, destaco aquela que aponta para a importância de resgatar a história, a memória e a identidade de grupos que têm sido menos valorizados, a partir dos seus próprios discursos, da sua própria voz, atribuindo-lhes centralidade, algo que nem sempre lhes foi atribuído, seja pela história tradicional, seja pela memória oficial.²⁵

No caso dos alunos, a sua não centralidade na historiografia da educação pode ser explicada, em parte, em função da tradicional escolha dos pesquisadores da área. Costumou-se concentrar as análises, prioritariamente, em aspectos relacionados aos líderes e personagens proeminentes dos projetos educacionais, sejam eles legisladores, lideranças em geral, diretores ou professores, tomando como fontes privilegiadas, além dos documentos oficiais, seus discursos e documentos pessoais. Ainda que possa parecer forçado tomar as memórias dos ex-alunos como memórias marginalizadas, fazendo uma alusão às memórias políticas, por exemplo, a ausência de documentos de alunos e a ausência de uma centralidade de suas versões sobre as experiências vividas em processos educacionais constitui-se em uma marca nas análises historiográficas, nas quais essa lacuna tem sido reconhecida recentemente.²⁶

Essa não centralidade pode ser explicada também como uma consequência

SANTANA, I. P.; SANTANA, C. C. Estudo da Modernização da Matemática no Colégio Batista Conquistense. 2011, p. 1-8.

²² Sobre “moderno”, ver: LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. 1984. p. 370-392; LATOUR, B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. 1994; RODRIGUES, A. D. Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação. 1994.

²³ RIOS, Diogo F. História e Memória. 2008, p. 18-50.

²⁴ BARROS, J. D. O campo da história: especialidades e abordagens. 2004; CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. 1990; FALCON, F. J. C. A identidade do historiador.. 1996; _____. História cultural e história da educação. 2006; PESTRE, D. Por uma nova História social e cultural das ciências: Novas definições, novos objetos, novas abordagens. 1996; CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. 1990.

²⁵ POLLAK, M. Memória e identidade social. 1992; _____. Memória, esquecimento, silêncio. 1989; SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. 2003, p. 103-128.

²⁶ CASSAB, M. A produção em história das disciplinas escolares pela escrita de pesquisadores brasileiros. 2010, p. 225-251.

decorrente da dificuldade de acesso ou, mesmo, à inexistência, nos acervos institucionais e pessoais, de documentos referentes às práticas escolares específicas dos alunos. Em muitos casos, isso representa um desafio adicional às pesquisas que pretendam tomar fontes dessa natureza para realização de suas análises. De um modo mais geral, se referindo às práticas escolares cotidianas, Julia já havia apontado a dificuldade de se ter acesso aos registros relacionados com práticas culturais escolares²⁷. No caso das pesquisas históricas no âmbito do ensino de matemática, essa dificuldade não tem se mostrado menor.²⁸ Considerando esta ausência e tentando colaborar com o preenchimento dessa lacuna é que este trabalho se propôs, a partir da realização de entrevistas com alguns ex-alunos do Colégio de Aplicação Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia²⁹, constituir fontes a respeito do ensino de Matemática Moderna, bem como do cotidiano escolar dessa instituição, propondo oferecer “uma oportunidade para narradores relativamente obscuros serem canonizados no discurso público: um relato público realizado por pessoas que raramente têm a oportunidade de falar publicamente.”³⁰

Vale ressaltar, aqui, que não se trata, meramente, de valorizar a contribuição ou a perspectiva de um grupo que pode ser visto como periférico nas análises históricas realizadas, mas destacar que a singularidade dessa condição qualifica sua perspectiva com a riqueza de uma memória que reconstrói, bem a seu modo, a institucionalização de padrões modernos de ensino de matemática no Colégio de Aplicação.

Essa não é a única contribuição proposta por esta tese. A partir das narrativas³¹ e considerando alguns aspectos das relações entre história e memória, desenvolvo uma análise a respeito do modo como alguns ex-alunos reconstroem o ensino de Matemática Moderna no Colégio de Aplicação, uma instituição interpretada por eles como modernizadora. Este trabalho, cumprindo o expediente de dar centralidade às interpretações desses personagens, se

²⁷ JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. 2001, p. 9- 43.

²⁸ VALENTE, W. R. A matemática na escola: um tema para a história da educação. 2005, p. 21-32.

²⁹ O Colégio teve outras cinco formas oficiais de identificação: Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia; Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia; Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia; Colégio de Aplicação Reitor Miguel Calmon e, por último, Centro Pedagógico Reitor Miguel Calmon, já vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, após a reforma universitária, em 1968. Nas próximas ocorrências no texto usaremos as formas simplificadas Colégio de Aplicação, CA, Colégio ou somente Aplicação.

³⁰ PORTELLI, A. Ensaios de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 186.

³¹ PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. 1996, p. 59-72; _____. História oral como gênero. 2001, 9-36; _____. Ensaios de História Oral. 2010; AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos e abusos da História Oral. 1996; THOMPSON, P. R. A voz do passado: história oral. 2002. FERNANDES, T. M. D.; ARAUJO, M. A. P. O diálogo da história oral com a historiografia contemporânea. 2006, p. 13-32; MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. 1996; MONTENEGRO, A. T. História, metodologia, memória. 2010.

interessa em destacar e centrar sua análise na versão³² desses atores sociais que também participaram do referido processo histórico na instituição.

De acordo com a versão predominante na historiografia do ensino de matemática da Bahia, o Colégio de Aplicação tem sido considerado uma instituição que teve uma condição privilegiada para a implementação de propostas modernizadoras e experimentais para a matemática. Esse traço é reconhecido tanto pela historiografia existente, já mencionada nos parágrafos anteriores, quanto por personagens que participaram liderando e organizando propostas dessa natureza³³.

Sem explorar a condição supostamente privilegiada do Colégio, esta tese pretende contribuir com essa discussão acrescentando uma abordagem suplementar, qual seja, as memórias dos ex-alunos sobre o ensino da Matemática Moderna. A própria interpretação do Colégio como uma instituição modernizadora fez parte desse exercício analítico, ao tomar o modo como, nas memórias, a instituição é reconstruída³⁴.

Minha pesquisa tem como intuito, além de produzir fontes históricas, analisar o modo como a tentativa de institucionalização do padrão de ensino de matemática identificado como Matemática Moderna (MM) foi realizada no Colégio de Aplicação ao lado de outras iniciativas modernizadoras da instituição. O trabalho tem como ponto de referência o ano de 1966, quando, segundo Martha Maria de Sousa Dantas³⁵, teve início a experiência de implantação da MM no Colégio³⁶, indo até o ano 1976, período em que o Colégio teve suas atividades encerradas.

O Colégio de Aplicação começou a funcionar em 1949. Teve como fundador e primeiro diretor o professor Isaías Alves de Almeida³⁷ e como primeira sub-diretora a

³² LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. 1996, p. 15-25.

³³ DANTAS, Martha Maria de Souza. Depoimento. 1993, p. 11-36; GARNICA V. M. Resgatando oralidades para a história da Matemática e da Educação Matemática brasileiras: o Movimento Matemática Moderna. 2008, 163-217.

³⁴ Eventualmente, o leitor irá perceber intervenções teóricas a respeito dos mecanismos da memória ao longo do texto. Trata-se de uma estratégia usada por ter escolhido não apresentar um capítulo de revisão de literatura, como usualmente acontece em diversos trabalhos acadêmicos. Farei a demarcação teórico-metodológica ao longo do trabalho, ao mesmo tempo em que busco estabelecer um diálogo entre fontes dos ex-alunos e a historiografia existente.

³⁵ Martha Maria de Souza Dantas (1923-2011) cursou bacharelado na terceira turma de matemática da Faculdade de Filosofia, formando-se em 1947, licenciando-se no ano seguinte. Posteriormente, em 1952, torna-se professora de Didática Especial da Matemática da mesma instituição. Cf.: DIAS, A. L. M. Profissionalização dos professores de matemática na Bahia: as contribuições de Isaías Alves e de Martha Dantas. 2008, p. 243-260; _____. Martha Dantas (1923-2011): mathematics teaching, pedagogical experiments and teacher's training. 2012, p. 46-47.

³⁶ DANTAS, Martha Maria de Souza. Depoimento. 1993.

³⁷ Para análises a respeito Isaías Alves e a formação de professores de matemática na Bahia ver: BERTANI, J. A. A Profissionalização do Professor de Matemática e a Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letra

professora Martha Dantas. Começou com uma turma de 1º ano ginásial e, a partir de 1953, passou a ter turmas do segundo ciclo do secundário³⁸, sendo uma de Estudos Clássicos e outra de Científico³⁹. Inicialmente, eram oferecidas 30 vagas e, posteriormente, passaram a ser 60 vagas, sendo o Exame de Admissão o sistema geral de ingresso. No caso do segundo ciclo também era possível ingressar no 1º ano a partir de exame de admissão similar, feito para as vagas remanescentes. O Colégio nunca teve curso primário.

Entre seus principais objetivos, destaca-se a proposta de possibilitar a prática docente dos alunos matriculados no Curso de Didática, uma das cadeiras pedagógicas a serem cursadas pelos licenciandos da Faculdade de Filosofia (FF)⁴⁰. Em seu quadro docente, tinha duas categorias de professores: os professores assistentes das cadeiras de Didática, vinculados à Universidade, e os professores regentes do próprio Colégio, que deveriam para isso possuir o título de licenciado oferecido por uma faculdade de filosofia⁴¹.

No primeiro período de sua existência, funcionou nas instalações da FF, que ficava na Rua Joana Angélica, no bairro de Nazaré, em Salvador. Em 1967, transferiu-se para uma sede própria construída na Rua Araújo Pinho, no bairro do Canela, também na capital baiana.

Depois de 27 anos de funcionamento, em 1976, encerrou suas atividades por decisão do Reitor da Universidade Federal da Bahia⁴², professor Lafayette Pondé, após um processo de desaceleração de suas atividades iniciado em 1973.

Com o propósito de investigar como se deu a institucionalização do novo padrão de ensino de matemática no Colégio, a partir das memórias dos alunos, me propus a realizar tantas entrevistas quantas me fossem possibilitadas pelos ex-alunos do CA com quem pudesse ter contato. Logo percebi que não seria possível cumprir esse propósito ante o expressivo número de ex-alunos dispostos a dar entrevista. A cada entrevista que realizava, saía com pelo menos mais um número de telefone ou endereço eletrônico ou, mesmo, já tendo falado com algum colega do entrevistado para quem ele fazia questão de telefonar, por considerar que eu

da Bahia: Contribuições e Controvérsias de Isaías Alves. 2008, p. 1-15; DIAS, A. L. M. Profissionalização dos professores de matemática na Bahia: as contribuições de Isaías Alves e de Martha Dantas. 2008, p. 243-260.

³⁸ Independentemente da nomenclatura oficial estabelecida em cada período da história da educação brasileira, vou manter o termo empregado pelos entrevistados.

³⁹ HISTÓRICO do Colégio de Aplicação anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1965). Centro de Memória da FACED, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁴⁰ Sobre a formação de professores de matemática na FF da Universidade da Bahia, ver: BERTANI, J. A. Formação de professores de matemática: um estudo histórico comparativo entre Bahia e Portugal (1941-1968). 2012.

⁴¹ REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944). Centro de Memória da FACED, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁴² Com a reforma universitária, em 1968, a Universidade da Bahia assumiu a nomenclatura Universidade Federal da Bahia. Neste trabalho me referirei indistintamente à Instituição pelo termo UFBA.

não deveria deixar de ouvi-lo, que tinha histórias incríveis para contar e que, como costumavam afirmar, lembrava de mais coisas do que ele próprio.

Comecei minhas entrevistas com um professor da UFBA. Ao fazê-lo, ele me pôs em contato com dois outros ex-alunos – Maria Eunice e Jocano⁴³. Maria Eunice me oportunizou alguns contatos e, curiosamente, quando eu os procurei, já haviam sido informados do que se tratava, evidenciando a existência de uma rede de comunicação bem ativa entre eles. Também destaco o papel de uma mensagem eletrônica enviada para lista do Yahoo-grupos que os ex-alunos do CA mantêm. A partir daí, os contatos começaram a se multiplicar, chegando ao ponto em que decidi parar: já tinha realizado dezesseis entrevistas e possuía vinte e três horas, cinquenta e quatro minutos e quatorze segundos de gravação. Por problemas técnicos com o equipamento, um arquivo foi danificado e aquela primeira entrevista não pode ser recuperada para ser transcrita. Além disso, um dos entrevistados, após receber o material transcrito, não autorizou sua utilização, totalizando catorze entrevistas⁴⁴ para realização deste trabalho.

A cada entrevista, de um modo ou de outro, pude reconhecer os entrevistados como guardiães da memória⁴⁵ dessa instituição escolar, daquilo que o Aplicação significa, para os entrevistados.

Eles mantêm, a partir dessa rede de contatos, atividades em que podem celebrar os anos durante os quais conviveram no Colégio e me contaram desde iniciativas de tentar escrever um livro sobre o CA, até a tentativa de reativá-lo, negociando diretamente com o reitor da UFBA na ocasião, o professor Naomar de Almeida Filho. Além disso, foi mencionada a existência de um projeto independente – que ainda não foi posto em prática – para a criação de um colégio à “imagem e semelhança” do que foi o Aplicação.

Destaco quão expressiva foi a euforia e a satisfação com que, em geral, me contaram suas memórias sobre a experiência que lá viveram. Eles me deram a impressão de que o faziam na expectativa de que minha tese pudesse trazer de volta – ou fazer preservar – aquela instituição que se mantém celebrada nas memórias individuais e na memória coletiva de todos os que lá estudaram. Sem diminuir as contribuições dos outros guardiães da memória

⁴³ A opção deste trabalho é se referir aos entrevistados pelo prenome, quando autorizado, ou pelo pseudônimo por eles indicados, mantendo apenas na referência da entrevista o padrão da ABNT. Tal escolha visa contribuir e distinguir mais claramente as fontes orais de referenciais teóricos citados no corpo do texto. O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido consta nos anexos deste trabalho.

⁴⁴ As 348 páginas das transcrições autorizadas encontram-se nos anexos desta tese.

⁴⁵ Para Nora: “O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. [...] Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens.” NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. 1993, p. 17.

do CA, quero destacar o papel que Anna Cristina, uma das entrevistadas, realiza no sentido de preservar as memórias do Colégio. Ela opera como uma das articuladoras de contato entre os ex-alunos, desde a realização, em 2005, de uma grande festa de reencontro organizada pela turma de 1968, no Tropical Hotel da Bahia, em Salvador. Reproduzo abaixo o convite que foi apresentado pela entrevistada e o faço com o intuito não apenas de indicar a existência de um evento organizado pelos ex-alunos para celebrar a memória dos anos vividos na instituição, mas, especialmente, de ressaltar que a preservação desse documento, assim como de outros, constitui-se uma evidência do papel que ela tenta ocupar como guardiã dessa memória.



Arquivo pessoal de Anna Cristina Fontoura de Almeida

Além de reproduzir o convite, vou deixá-la contar um pouco a respeito de si:

A gente pensou em ter esse intercâmbio, mas nada ficou formalizado, hoje existe uma união maior, porque com a própria internet hoje eu tenho o email de todo mundo, aí você vai dizer “pô, essa mulher sabe é de coisa, como é que ela sabe isso tudo?” – porque, como eu tava lhe dizendo, quando...

[...] adoro ficar na internet, adoro essa parte de e-mail, acho que a internet é fantástica pra comunicação –, aí comecei a conversar com as pessoas por e-mail, não sei o quê... montei um cadastro de ex-alunos, fiz uma ficha de... para as pessoas preencherem, muita gente preencheu, outros, não, aí tenho... e virei mais ou menos o centro, o pessoal diz que eu mantenho essa comunidade, porque eu tô sempre mandando mensagem, as pessoas me comunicam algumas coisas e eu repasso pra outras, então, tô sempre fazendo esse meio de campo [...] tenho esse histórico e eu continuo tendo contato com algumas pessoas por conta disso, porque eu me envolvi mais do dia dessa festa pra cá, mesmo... [...] Muita coisa, tá vendo? Muita história e

eu falo muito.⁴⁶

Destaco que, das horas de gravação, muito do que se conversou extrapolou o tema do ensino de MM no Colégio de Aplicação, já que, como afirma Portelli, “encontros em campo muitas vezes são difíceis e conflituosos: o que ‘interessa’ aos ouvidos do pesquisador não coincide necessariamente com o que o narrador tem vontade de contar.”⁴⁷

As memórias dos entrevistados me puseram diante de uma matemática que é explicada dentro de um cotidiano escolar particular em que ela se realizou. O Colégio de Aplicação tinha um ensino de matemática característico que foi considerado moderno não somente por si mesmo, mas, principalmente, por ser praticado naquele contexto.

Na memória dos ex-alunos, a matemática é reconstruída como um traço daquele Colégio, pregada na Instituição, e não como uma intervenção independente ou um processo que se desenvolveu arbitrariamente ali. Observo, a partir das memórias dos ex-alunos, que a MM encontrou no CA um terreno propício, um conjunto de condições para ser implementada, uma convergência de padrões modernos e experimentais que eram praticados e abriam o flanco para que essa disciplina também se implementasse de forma “moderna”. Nesse sentido, a modernização do ensino da matemática poderia ser tida como uma consequência, assim como as experimentações e modernidades que eram praticadas no âmbito das outras disciplinas, na organização pedagógica e no cotidiano daquela Instituição. Convergiam, no CA, o contexto político e social da época, que favorecia e até instigava a ruptura com os padrões sociais tradicionais da sociedade baiana, e o contexto cultural, que provocava os jovens às modernidades no âmbito das práticas sociais, do comportamento e da *contracultura*⁴⁸, por exemplo, seguindo o movimento *hippie* e a *tropicália*. Não se pode negar que, se havia uma série de restrições impostas pela ditadura militar, o próprio contexto do desenvolvimentismo e da guerra fria possibilitava um forte incentivo ao conhecimento, às ciências e à tecnologia modernas⁴⁹.

⁴⁶ ALMEIDA, Anna Cristina F. de. *Entrevista*. Salvador, 28/10/2010, p. 17-18.

⁴⁷ PORTELLI, A. *Ensaio de história oral*. 2010, p. 211.

⁴⁸ De um lado, o termo *contracultura* pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude [...] que marcaram os anos 60: o movimento *hippie*, a música *rock*, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. E tudo isso levado à frente com um forte espírito de contestação, de insatisfação, de experiência, de busca de uma outra realidade, de um outro modo de vida. [...] De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Cf.: PEREIRA, C. A. M. *O que é contracultura*. 1983.

⁴⁹ Nesse sentido, não se pode deixar de mencionar o papel decisivo que Universidade da Bahia desempenhou nos anos 50-60 na Bahia. Cf.: DIAS, A. L. M. *A universidade e a modernização conservadora na Bahia*: Edgard Santos, o Instituto de Matemática e Física e a Petrobras. 2005, p. 125-145.

A questão de fundo da minha pesquisa é como, para os alunos, se realizou o ensino de Matemática Moderna no Colégio de Aplicação. Apesar de terem sido lembrados aspectos didáticos e pedagógicos sobre a matemática, isso não a particularizou como moderna, institucionalmente. Antes, isso a vinculou ainda mais à marca moderna amplamente atribuída à instituição, uma vez que as outras disciplinas e práticas culturais e sociais lá realizadas também foram reconstruídas sob essa forte marca.

Nas páginas a seguir apresento a análise resultante das entrevistas, respondendo àquela questão maior. Ao fazer essa análise, expandi o resultado de meu trabalho investigativo, apresentando, a partir da perspectiva dos alunos, que cotidiano escolar era esse, no qual se modernizou a matemática praticada com a implementação da MM, durante o período analisado.⁵⁰

O aspecto didático-pedagógico do ensino da Matemática Moderna é um dentre os traços do cotidiano desse Colégio, e será discutido no último capítulo. Lá, evidencio que a marca fundamental da MM, para os alunos, é, principalmente, a presença de conteúdos diferentes daqueles que eram ensinados em outras escolas, na época. Desses, os mais lembrados são teoria dos conjuntos e lógica e, em decorrência deles, também são lembradas modificações no ensino de geometria, que passou a ser trabalhada a partir das transformações geométricas e com destaque para o método lógico-dedutivo.

Vale dizer que a inserção desses conteúdos não figura, para eles, como uma novidade maior do que o ensino de ciências experimentais que vivenciavam quando faziam uso do laboratório e de coleções de livros americanos. Eles identificam esse uso como efeito da influência do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA) e o associam frequentemente ao ensino de matemática. Segundo suas memórias, tratadas no Capítulo 3, as ciências experimentais também não figuraram sozinhas entre as inovações pedagógicas: o Colégio tinha uma marca de ser experimental e isso é um traço que se evidencia tanto nos documentos oficiais, quanto é reconstruído nas memórias dos entrevistados, que se recordam desse caráter e, no Capítulo 2, o associam a particularidades como a possibilidade de cursar Dança Moderna em turma oferecida na Escola de Dança da UFBA.

O Capítulo 1, por fim, se compõe de uma narrativa que objetiva apresentar alguns elementos mais pitorescos, mas não menos importantes, da memória individual e coletiva sobre o CA. Ali são trazidas lembranças sobre personagens do ambiente escolar, que vão desde o “caderneteiro” até as “praticantes” (as estagiárias da FF que atuavam nas aulas) e

⁵⁰ Foi possível abordar o cotidiano escolar do CA no período de 1959-1975, definido pelo ingresso do primeiro ex-aluno entrevistado e saída do último.

sobre a ação política estudantil, com narrativas sobre a interrupção das aulas para que participassem de manifestações políticas, por exemplo.

Esta tese oferece uma ampliação do entendimento sobre a história do ensino da Matemática Moderna na Bahia, que passa a ser olhada a partir de um cotidiano peculiar, tendo como base as memórias de um grupo de ex-alunos do Colégio de Aplicação. Esta contribuição pretende associar o processo relativo a uma disciplina escolar a uma época, uma instituição e seus atores.

Eu me lembro de tudo, de tudo, de tudo o que decidi recordar.

(Rodrigo Fresán, Jardins de Kensington, p. 47)

1 – LEMBRANÇAS DA ÉPOCA DO COLÉGIO

Começo este capítulo com um trecho da entrevista de uma ex-aluna, Eunice, que servirá de mote para iniciarmos uma reflexão sobre as lembranças da época do Colégio:

E - [...] tinha dois pés de jambo, que quando era o tempo de jambo ficava o chão em baixo cheio das flores de jambo caído, e tinha vendedora de acarajé na porta e a gente tinha caderneta que seu Antônio... ah e tinha uma coisa no Colégio: o Colégio – piração – porque o Colégio festejava Santo Antônio, imagine [...] só sei que a festa de Santo Antônio, 12 de junho ou era 13 de junho era um dia que a gente tinha cerimônia na Escola e aí, a gente tem música com seu Antônio caderneteiro, entregando a caderneta pra assinar...

[...] Ah... que mais que assim, que eu podia falar da Escola... o cheiro da Escola, a escada...

D - O cheiro da Escola?

E - O cheiro da Escola de Aplicação, em Nazaré!

Tinha assim, tenho uma lembrança de um cheiro, entendeu?

[...] Tinha um cheiro... aquela entrada, a entrada era linda... era um palácio aquilo ali, né? Que agora não tem mais a fachada, mas dentro mantém. Era um palácio que você entrava assim, de chão de ladrilho preto e branco e minha sala que ia pro terceiro ano, aqui assim, e depois a diretoria e tinha a escada que subia pra o auditório que era chamado... era um auditório em cima, onde tinha a sala de aula do coral, tinha as figuras da Faculdade [...] eu lembro da Escola bem essa coisa do clima e dessa coisa da gente ter liberdade também.

[...] Tinha uma farda de prega que tinha que ficar arrumada, tinha boina, tinha luva pra esse dia de festa...⁵¹

Ao narrar recordações sobre o tempo do Colégio, Eunice menciona elementos bastante ligados aos seus afetos com relação aos anos em que cursou o ginásio no prédio da Faculdade de Filosofia, em Nazaré. As flores caídas dos pés de jambo, a sensação de que lhe é quase possível recuperar o cheiro que sentia na entrada do prédio, os detalhes do ladrilho do piso da entrada do “palácio” onde convivia com a vendedora de acarajé, onde cantava a música para o seu Antônio caderneteiro, onde comemorava o Santo Antônio e ficava “arrumada” de boina e farda de prega nos dias de festa!

A maneira como conta tais detalhes, a carga de emoção evidente em sua expressão, as pausas demoradas e os suspiros entre cada detalhe de sua narrativa, oferecem indícios do elo positivo que a entrevistada ainda mantém com aquele espaço escolar de sua memória e com as pessoas que participaram daquele momento de sua vida, nos anos em que estudou no Colégio de Aplicação em Nazaré.

Trechos de forte carga afetiva como esses estão presentes em diversas outras entrevistas que realizei⁵², reforçando uma particularidade de uma pesquisa que se propõe a trabalhar com memórias: as narrativas de memória contam aquilo que os entrevistados viveram, impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos

⁵¹ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*. Salvador, 05/10/2010, p. 4-5.

⁵² Como já mencionado, as transcrições completas encontram-se em anexo.

significados que atribuem, no tempo presente, a tudo aquilo⁵³.

No caso desta pesquisa, os entrevistados, ao contarem sobre o período em que estudaram no Colégio de Aplicação – particularmente, a respeito do ensino de matemática –, o fizeram permeando suas narrativas com associações as mais diversas, relacionadas com os interesses e vivências próprias de um período muito particular de suas vidas, caracterizado pela saída da infância e parte da juventude. Sobretudo, também é preciso considerar que suas narrativas sofreram a influência do modo como, hoje, eles e os grupos sociais dos quais participam avaliam o próprio Colégio e o que viveram na época, atribuindo às suas memórias um peso derivado dos seus julgamentos atuais.⁵⁴

1.1 A ORGANIZAÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA

Juízos particularmente relacionados com o contexto da época também compuseram as entrevistas, nas quais os entrevistados não narraram tão somente episódios ou aspectos específicos do CA, mas avaliaram o que viveram e algumas repercussões daquela época em suas trajetórias de vida. Eduardo, por exemplo, “brincando”, atribui aos anos em que estudou no CA uma relevância superior a todas as outras etapas de sua formação acadêmica.

[...] eu fiz Aplicação durante sete anos, né? De 62 a 68 e... brinco, às vezes, dizendo que a coisa mais importante que aconteceu em minha vida é o tempo do Aplicação, sete anos de Aplicação. Depois eu fiz duas graduações, fiz direito e fiz história, fiz um mestrado em administração, mas nada disso foi tão marcante pra mim quanto o Colégio de Aplicação.⁵⁵

Não se pode considerar que ele esteja desmerecendo suas graduações ou o mestrado que cursou, uma vez que explicita o juízo de que se trata de uma “brincadeira” considerar o período do colégio como o mais importante de sua formação acadêmica. No entanto, ainda que possa não representar, “de verdade”, o período mais importante ou com mais repercussões para sua carreira profissional, é evidente que considera aqueles anos do ensino secundário como os mais marcantes de toda a sua trajetória como estudante.

Outro aspecto que merece nossa atenção no excerto acima é que ele se refere ao

⁵³ PORTELLI, A. Ensaio de História Oral. 2010; _____. História oral como gênero. 2001, p. 9-36.

⁵⁴ SILVA, H. R. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. 2002, p. 425-438; BOSI, E. Memória e sociedade: lembrança dos velhos. 1994.

⁵⁵ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*. Salvador, 05/12/2010, p. 1.

período como sendo “o Colégio de Aplicação”, fazendo-o acompanhar-se do artigo definido e singular. Ou seja, esse é um exemplo expressivo em que se nota que é em torno daqueles sete anos e daquela instituição como um todo que o entrevistado organiza sua memória⁵⁶ e, não em função de certos aspectos específicos das práticas escolares. Isso também pode ser tomado como exemplo de narrativa que atribui um forte apelo à memória do que deixou de existir. A entrevista é um lugar de memória⁵⁷, um lugar para o culto de uma contingência ou coletividade à qual pertenceu e que hoje não existe mais, cuja referência não se fixa apenas nos aspectos pedagógicos do Colégio, mas naquela época de estudante, nos anos da infância e da juventude.

Eis aí um aspecto que será importante na análise das memórias de todos os ex-alunos do Aplicação entrevistados. Mesmo que em diversos trechos das narrativas eles mencionem aspectos específicos e particulares, ainda estarão se referindo àquela época e àquela instituição marcantes em suas vidas, com implicação direta sobre os juízos específicos que proferiram ao longo de suas entrevistas.

O que estou defendendo é que, positiva ou negativamente, pesa sobre as memórias a respeito do ensino de matemática do Aplicação o juízo que os entrevistados construíram a respeito do Colégio como um todo, o qual foi produzido na avaliação que fazem hoje quando narram aquele tempo. Cabe aos mecanismos da memória, associando os movimentos de lembrar e esquecer, o trabalho de ajuste⁵⁸ dessa narrativa que se constrói durante as entrevistas⁵⁹.

É imprescindível entendermos que mesmo que algum deles afirme não gostar ou que tivesse dificuldades com a matemática, a formulação dessa crítica terá sido influenciada por um juízo mais amplo feito sobre o CA. Portanto, não se trata de reclamar da matemática em si ou das dificuldades apresentadas no trato de seus conteúdos, mas contar suas memórias sobre a matemática que estudavam naquele colégio, considerando que ele ocupou uma etapa marcante em suas trajetórias de vida. Assim, ainda que agora considerem ruim estudar matemática, é a respeito do ensino do Aplicação, em geral, que se referem. Mesmo que demarquem rupturas e dissensões, é ao seu colégio querido que se referem, ainda que falem especificamente do ensino de matemática.

Nesse sentido, vale considerar que a crítica mais enfática apresentada nas entrevistas está relacionada com a impossibilidade de voltar no tempo e recuperar aqueles

⁵⁶ POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. 1989.

⁵⁷ NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. 1993, p. 7-28.

⁵⁸ POLLAK, M. Op. cit.

⁵⁹ PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. 1996, p. 59-72.

anos e, igualmente, dirigida para a insatisfação com o fechamento do Colégio, como se nota na entrevista de Jocano:

[...] só me lembro das coisas agradáveis, das coisas que ficaram. Isso me leva a dizer: porra Aplicação, você não devia acabar, porra. Eu queria tanto que meu filho ao invés do Anchieta, meus filhos, na verdade, tivessem estudado no Colégio de Aplicação. Queria tanto, tanto, tanto... Quando eu digo isso para eles... ‘ah, porque era colégio público...’, e eu digo, ‘era colégio público, mas era de boa qualidade’. Eles não acreditam que o ensino público daquela época... isso não era privilégio só do Aplicação, não, o Aplicação tinha uma certa relevância, uma história, mas... o Severino Vieira também, o Colégio Central, eram escolas, realmente, que primavam por um nível de ensino de excelência... O Colégio de Aplicação porque tinha um vínculo com a Universidade ele tinha uma projeção maior, era de âmbito federal, mas o ensino das outras escolas era também excelente...⁶⁰

Pode-se identificar nas falas de Eduardo e de Jocano, o tom saudosista a respeito da qualidade educacional do Colégio que não existe mais, que foi interrompido mas ainda ocupa um lugar de destaque nas lembranças contadas por seus ex-alunos. O CA é apontado, ao lado de outras escolas públicas da cidade, como o modelo de excelência no contexto escolar baiano das décadas de 60 e 70.

Jorge também celebra com saudade os anos vividos no Aplicação e a existência de uma coletividade identificada por laços de amizade construídos entre aqueles que estiveram ligados à Instituição, que, segundo ele, foi responsável não apenas por propiciar a convivência de professores e alunos nas atividades escolares, mas também por promover a integração social e cultural desse grupo, como se nota no trecho a seguir:

O Aplicação integrou tanto que as amizades daquela época estão sacramentadas até hoje, não houve, por assim dizer, nenhum rasgo na amizade, nenhuma mancha, todos continuam amigos e quando nós nos encontramos nós sempre enfatizamos isso, que nós fizemos uma amizade tão forte naquela época, com a participação decisiva do Colégio, é claro, que ajudou muito a mostrar a vida, a integrar todo mundo...⁶¹

Neste trecho ainda podemos destacar um aspecto da identidade coletiva⁶² daquele grupo de alunos. Segundo a fala de Jorge, o CA teve uma contribuição direta no fortalecimento dos laços entre os alunos, por ter interferido no modo como eles foram apresentados ao mundo e à sociedade, representando uma menção à formação escolar que se recebia no Colégio e à própria organização das rotinas da Instituição.

O delineamento da identidade coletiva dos alunos do Aplicação, a partir da apropriação dos valores ensinados no Colégio, também aparece nas memórias de Roberto, que

⁶⁰ JOCANO. *Entrevista*. Salvador, 14/10/2010, p. 9.

⁶¹ BARRETTO, Jorge B. *Entrevista*. Salvador, 18/10/2010, p. 19.

⁶² Para um debate mais extenso a respeito das identidades coletivas dos grupos sociais, ver CANCLINI, N. *Culturas híbridas*. 1990.

afirma:

Muitas vezes quando a gente encontra alguém que estudou no Colégio de Aplicação, mas que a gente não conhecia, já vem imediatamente afinidade, ‘ah, você foi do Aplicação e tal...’ então, já tem aquela coisa de confraria meio velada, como se dissesse: ‘ah, então você deve ser gente boa, se foi do Aplicação deve ser gente boa...’⁶³

Ao atribuir um valor positivo *a priori* a qualquer ex-aluno do Colégio de Aplicação, o entrevistado contribui para marcar o quanto o sentimento de pertença⁶⁴ àquela coletividade ainda se mantém preservado. Igualmente, com sua narrativa, o entrevistado sugere a existência de um entendimento, entre eles, de que qualquer membro desse grupo seria dotado de valores comuns, produzidos e assimilados durante o tempo de convivência no Colégio, que os tornaria parte de uma categoria particular de indivíduos baianos, uma espécie de marca distintiva associada ao fato de terem estudado no CA e que lhes conferiria certos traços comuns.

Ter integrado essa coletividade é algo celebrado como uma condição especial para a maioria dos entrevistados, sendo frequentemente associado a repercussões relevantes e cujos valores foram bem significativos para seus membros que, como nos diz Jorge, “se me perguntassem o que você preferiria, ter continuado sua vida e hoje ter seguido outra coisa e ter ganho na loteria, ou ter continuado no Aplicação. Eu diria ter continuado no Aplicação, sem dúvida, porque o horizonte que aquilo ali...”⁶⁵

As marcas da identidade coletiva desses alunos (já mencionada a partir das narrativas laudatórias dos entrevistados a respeito do juízo sobre os anos vividos no Colégio) também podem ser notadas nas lembranças específicas, onde as fronteiras dessa identidade se demarcam em confronto⁶⁶ com a identidade dos alunos de outros colégios de Salvador, como destaca Denise, que estudou no CA de 1961 a 1967:

Quando tinha alguma coisa comemorativa, que outros colégios compareciam, Isaías Alves ia pessoalmente lá no Colégio. Nós nos sentíamos assim muito... Havia muita deferência: “Ah, estuda no Aplicação!” Porque era muito difícil você entrar, as provas eram muito difíceis, eram as chamadas provas de admissão.⁶⁷

Jaci, por outro lado, apesar de afirmar que não havia razões que justificassem qualificar o CA como um colégio de qualidade diferenciada, contribui para a ampliação desse modo de entendimento ao admitir que havia, fora do Colégio, um reconhecimento de que se

⁶³ SENNA, Roberto D’A. *Entrevista*. Salvador, 01/11/2010, p. 6.

⁶⁴ BARROS, M. M. L. *Memória e família*. 1989.

⁶⁵ BARRETTO, Jorge B. *Entrevista*, p. 27.

⁶⁶ POLLAK, M. *Memória e identidade social*. 1992.

⁶⁷ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*. Salvador, 06/12/2010, p. 7.

tratava de uma instituição “especial”, tanto que se produzia entre seus colegas do Central⁶⁸ algum espanto quando ficavam sabendo onde ela estudava.

[...] eu nunca achei que eu tivesse num lugar especial, eu nunca achei que era um colégio que... o pessoal dizia que: “pô, você é aluna do Aplicação!”, porque eu andava muito também com o pessoal do Central, certo, e... eu nunca achei que a gente tivesse em um lugar especial, era uma coisa muito natural o trabalho.⁶⁹

Se, por um lado, a interpretação que coloca o Colégio de Aplicação e os seus alunos em um lugar de destaque contribui para a cristalização do mito da excelência em torno dele, produz, por outro lado, um certo ranço ou estigma de ser um colégio elitista.

De fato, certo caráter elitista até pode ser atribuído ao Colégio, apesar de se tratar de uma instituição pública, em função do seu concorrido processo de seleção feito pelo Exame de Admissão. Segundo Raimundo, a barreira social imposta por esse exame apenas refletia uma disparidade social bem mais ampla existente no Brasil e na Bahia e que impunha restrições educacionais severas às classes menos favorecidas.

Apesar de ser um colégio público, era um colégio federal, gratuito, inteiramente gratuito, ele era um colégio de classe média, classe média alta e de gente rica. Muito pouca gente... pobre mesmo, cara, pra dizer a verdade, talvez um ou outro, você tinha um pessoal classe média mais apertada, que tinha mais uma certa dificuldade, mas pobre mesmo um ou outro, porque era de difícil acesso, então, só as pessoas mais preparadas que entravam.

Bom, o ensino na época [...] não era tão universal como é hoje, então, o analfabetismo era uma realidade bem mais do que hoje e várias pessoas que não tinham oportunidade nem de ter acesso ao curso primário, quanto mais ginásio e científico. Então, pobre, pobre miserável mesmo, nem ia pra escola [...]⁷⁰

Se o Exame de Admissão do Aplicação selecionava os grupos sociais que estudariam no Colégio, acabava, por outro lado, também por equiparar os estudantes ingressantes, fato que contribuiu para a definição de outro aspecto daquela marca coletiva dos alunos do CA já mencionada pelos entrevistados. Segundo eles, uma vez que ingressavam no Colégio, deixavam de ser reconhecidos entre si como os alunos extraordinários ou muito acima da média dos colegas.

Boa parte dos entrevistados declarou que, apesar de terem sido considerados como os melhores alunos das suas turmas enquanto cursaram o primário, a partir do ingresso no Aplicação essa realidade mudou. Eles perderam o lugar de protagonistas entre os colegas,

⁶⁸ “O Colégio Estadual da Bahia, mais comumente conhecido como Central, inaugurou o Ensino Secundário na Bahia. Por causa da grande procura, em 1948, a Secretaria da Educação anunciou a abertura de unidades anexas a esse Colégio, em diversos bairros de Salvador. Como consequência, sua unidade principal ficou conhecida como Central.” Cf.: RAMOS, M. M. L. P.; DIAS, A. L. M. O IBECC e a modernização do ensino de matemática: alguns aspectos históricos. 2011, p. 4.

⁶⁹ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*. Salvador, 20/12/2010, p. 7.

⁷⁰ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*. Salvador, 27/10/2010, p. 7.

pelo menos em função do desempenho escolar, o que possibilita uma certa caracterização do perfil de estudantes do Colégio e que se definia pela competência individual demonstrada no exame de admissão,

Quando eu fiz o exame de admissão eu entrei bem, eu fiquei em terceiro lugar, o quê que acontece comigo no Colégio Aplicação? Primeiro, eu tava acostumada a sucesso, segundo, eu era uma menina suburbana, sabe menina suburbana que veio do interior e que lá também era acostumada ao sucesso, assim, sabe, cantar na rádio, essas coisas, né.

Eu gostava muito de me “amostar”, como o povo dizia antigamente e, aí, como é que se diz, isso dentro do Colégio de Aplicação virou brincadeira, virou chacota, como eu tava costumada a tirar 9 e 10, o primeiro 7 que eu tirei, eu chorei na sala, pronto, isso foi para sempre, levei dois anos meus colegas gozando da minha cara. Em francês, quando eu levantava pra ler, um menino gritava lá atrás: “vai chorar”. Aí eu chorava.

Era podre, até que me acostumei com o novo clima... deu trabalho, levou dois anos, entendeu? Mas, fora isso, a dificuldade não era de ensino nem de aprendizagem... você tem apenas que se acostumar: se antes você era a melhor da sala, agora todos eram iguais, o nível era o mesmo, tava todo mundo junto, entendeu?⁷¹

Jaci chama atenção para os ajustes comportamentais que o funcionamento social daquele grupo impunha a seus membros para que estes fossem bem aceitos. Uma vez que se reduziam as diferenças de nível entre os alunos⁷², era preciso adaptar-se para conviver como anônimo entre os colegas que, pelo que parece, não eram muito tolerantes com aqueles que gostavam de “se amostrar” se destacando entre os demais.

Trata-se de uma marca bastante curiosa do mecanismo de regulação daquele grupo que, em sua maioria, se acostumou a ser considerado brilhante durante o curso primário e que agora convivia com colegas mais ou menos do mesmo nível no Aplicação, aspecto que os unia numa mesma categoria, mas que também supunha a necessidade de um novo código de conduta social de respeito à coletividade, controlando os possíveis colegas que quisessem se destacar.

O que Jaci declara como sendo “o novo clima” ao qual ela teve que se ajustar, é uma pista importante sobre o modo como se organizava aquele cotidiano escolar que contava com alunos rigorosamente selecionados combinado com uma instituição de elevados padrões de exigência acadêmica, de acordo com a comparação⁷³ que Ricardo faz do Aplicação com o Colégio Marista de Salvador, que ficava no Canela.⁷⁴

⁷¹ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 9.

⁷² A homogeneização do nível dos alunos que ocorria nas turmas do CA era proporcionada pelo exame de admissão e, de algum modo, se adequava à proposta educacional defendida por Isaías Alves para a educação na Bahia. A respeito da referida proposta, ver: BERTANI, J. A. *Formação de professores de matemática: um estudo histórico comparativo entre Bahia e Portugal (1941-1968)*. 2012.

⁷³ Ricardo passou a estudar no CA a partir do 1º ano do Científico, em 1962.

⁷⁴ Em 2008 o Colégio Marista de Salvador foi fechado e o prédio vendido. Cf.: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=978726>>.

[...] eu posso lhe dizer que eu nos Maristas, eu costumava ser primeiro da turma. Os Maristas faziam um sistema de calcular as notas de cada turma e eles davam uma medalha, cada mês eles davam uma medalha para o melhor aluno daquela turma e eu disputava com mais dois colegas esse primeiro lugar da turma.

[...] Eu disputava com eles, mais ou menos um terço das medalhas pra cada um, durante o período que eu fiquei nos Maristas [...]

Eu tô mencionando isso, porque no Aplicação eu tive que estudar muito mais e tinha notas bem menores, então, era muito mais duro no Colégio Aplicação, com certeza.⁷⁵

É de se supor que o referido “clima” do Colégio não fosse estático, mas tenha obedecido às variações impostas por diferentes fatores que interferiram no contexto escolar, como a mudança do prédio de Nazaré para o Canela ou as alterações no funcionamento e controle disciplinar impostas por mudanças de diretores na gestão do Colégio⁷⁶, mudanças que serão discutidas na medida em que forem requeridas pela narrativa ou necessárias para a análise de aspectos especificamente relacionados com o ensino de matemática, uma vez que se tratava de uma disciplina escolar, com suas especificidades, que esteve sujeita às condições sociais desse ambiente escolar mais amplo.

Na tentativa de contextualizar o “clima” vivido pelos alunos naqueles anos no Colégio de Aplicação, apresento alguns aspectos das práticas políticas dos alunos e também daquelas relacionadas com infância e a juventude deles, por considerar a relevância para esse trabalho de outras dimensões da cultura escolar que não apenas aquela associada aos mecanismos didáticos da escola, uma vez que não podemos reduzir a cultura escolar às repercussões das ações dos professores ou àquilo que se expressa na sala de aula e, assim, é que proponho um deslocamento de atenção para aquela dimensão que se relaciona com “as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e no afastamento que apresentam em relação às culturas familiares”⁷⁷.

1.2 O AMBIENTE ESCOLAR DO APLICAÇÃO

Nós tínhamos o Vale do Canela ali no fundo, ah... esse é um episódio importante. [...] o Colégio dava pro Vale do Canela [...] não era avenida nem nada. Era mato!

⁷⁵ SILVA, Ricardo A. A. da. *Entrevista*. Salvador, 27/10/2010, p. 1-2.

⁷⁶ Assumiram a direção do CA além de Martha Dantas (1950-1957), Leda Jesuíno (1957-1964), Leopoldo Carvalho (1964), Maria Angélica Matos (1964-1967) e Zilma Parente de Barros (1967-1976). BARROS, Z. P. Breve notícia sobre a criação, desenvolvimento e encerramento das atividades do Colégio de Aplicação da UFBA. Conferência de abertura do Encontro dos Ex-alunos do Colégio de Aplicação da UFBA. Salvador, 26/09/2005 (Texto Digitado). Acervo pessoal de Sueli Prata; MATTOS, M. A. PAINEL V - Maria Angélica Mattos Diretora do Colégio de Aplicação (1964 a 1967). In: MENEZES, J. M. F. *Experiências Inovadoras na da Bahia*. 1. ed. Salvador: Editora Uneb, 2002. v. 2. p. 143-176.

⁷⁷ JULIA, D. *A cultura escolar como objeto histórico*, 2001, p. 11.

Tinha um campo de futebol, lá embaixo [...] Tudo ali era mato. Então, os meninos iam jogar bola e as meninas iam fazer a torcida [...] e o portão para o Vale era trancado, só que tinha um muro e dava pra a gente pular, né? Então era... O nosso recreio era no Vale do Canela. Ali você pulava, aí você namorava, você fumava, discutia política... tudo acontecia naquele Vale, entendeu?

Era muito gostoso, era bem arborizado e tudo... era ótimo!

Teve uma época que uma das minhas colegas, das minhas amigas que... Porque é assim: teve gente que foi expulsa do Colégio. Chegou na terceira ou quarta série e a Escola pediu pra fazer o favor de se retirar, porque, apesar de ser avançada, aquelas pessoas eram avançadas demais! Mais do que a Escola gostaria. Então, uma das minhas amigas, ela conheceu Baby Consuelo, que tava na época começando o grupo os Novos Baianos, né? O pessoal dos Novos Baianos vivia lá no Vale... A gente saía da aula e ia e ficava com Baby, Pepeu, Moraes [...] a gente conheceu ali, a gente conviveu com eles ali. Então isso, imagine, pra os pais, pra própria escola, conviver com esse pessoal, naquela época [...] Mas o Vale do Canela foi ótimo, foi muito importante. Eles até têm uma música sobre o Colégio de Aplicação. Existe uma música dos Novos Baianos sobre o Aplicação.⁷⁸

Anna Cristina descreve o Vale do Canela⁷⁹, “os fundos do CA”, como um espaço alternativo do próprio Colégio, destacando a atitude transgressora dos que o frequentavam, pulando o muro para chegar até ali e usufruir das delícias da adolescência, das experiências de uma época, de uma Salvador do passado, de uma idade própria ou de uma atuação estudantil. Contudo, não o descreve como um espaço de negação do ambiente escolar já que se tinha no CA um colégio assumidamente “avançado”. Segundo ela, a transgressão se estabelecia na medida em que as práticas ali realizadas pudessem ser entendidas como “avançadas demais” até para os padrões institucionais.

Não é possível ignorar o quanto aquilo lhe parece significativo, tanto quanto prazeroso, a ponto de reivindicar atenção para a narrativa do “episódio” – das práticas estudantis no Vale do Canela – em função da relevância que lhe atribui na reconstrução de seu período de estudante no ginásio no CA.

Mencionar a música “Colégio de Aplicação” pode ser entendido não apenas como uma maneira da entrevistada fortalecer seu argumento de que existia uma relação próxima entre os músicos e os alunos do Colégio, mas também, como um modo de afirmar que pelo menos um grupo de alunos, do qual ela se orgulha de ter feito parte, podia ser identificado com a letra da canção. Segue a letra da música “Colégio de Aplicação”:

*No céu, azul, azul fumaça
Uma nova raça
Saindo dos prédios para as praças
Uma nova raça
No céu, azul, azul fumaça*

⁷⁸ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 11-12.

⁷⁹ A entrevistada refere-se ao local onde atualmente fica a Av. Reitor Miguel Calmon, também conhecida como o Vale do Canela, construída como parte da modernização urbana que ocorreu em Salvador a partir do final da década de 1960, que definiu parte da configuração atual da cidade com a criação de várias “avenidas de vale”. A esse respeito, ver: OLIVEIRA, P. C. M. A organização da cultura na “cidade da Bahia”. 2002.

*As palavras correm pelos pensamentos
No céu, azul, azul fumaça
A mídia a morte calçam igual
Uma geração em busca
Nem o bem, nem o mal
O próprio passo é a razão.⁸⁰*

É possível supor que, ao afirmar que o Vale do Canela também era um lugar onde, entre outras coisas, se discutia política, reforçada pelos versos destacados, segundo os quais tratava-se de “*uma nova raça saindo dos prédios para as praças*”, Anna Cristina estivesse demarcando a importância que julga ter a contribuição dos alunos do CA para as passeatas e protestos que se sucederam nas ruas de Salvador, iniciativas que não se constituíram ações isoladas do Colégio, mas do movimento secundarista organizado na capital baiana.⁸¹ A participação política de estudantes secundaristas em partidos políticos e em mobilizações de rua não era uma prerrogativa exclusiva dos alunos do Aplicação, mas um traço característico da atuação estudantil dessa época. A contribuição dos alunos do CA nessas mobilizações também é apontada na entrevista de Sueli Prata, assumindo, inclusive, um papel de articuladores desse processo.

[...] eu não me lembro exatamente o ano, mas começaram as passeatas aqui, que começou com o movimento secundarista, efetivamente, depois os universitários entraram, mas começou com os secundaristas, o Aplicação, a gente saía do Aplicação numa passeata e ia pro Dois de Julho, pro Vieira, chamar a moçada do Dois de Julho e do Vieira, e a gente conduzia os caras, mesmo, e era assim um negócio, realmente, fantástico, né, um colégio, assim, politicamente engajado, intenso, que vivia as coisas todas...⁸²

Eduardo concorda com a interpretação de que os alunos do Colégio tinham um papel de liderança dentro do movimento estudantil secundarista de Salvador, acrescentando um elemento bastante peculiar, especialmente no período em que este esteve em Nazaré. Tratava-se de um colégio pequeno e, segundo ele, isto trazia implicações políticas importantes:

[...] quando eu entrei no grêmio no Aplicação, quando eu me envolvi com política, o Aplicação era um detalhe, só não era um detalhe total, porque algumas pessoas do Aplicação, sobretudo [...] o pessoal que veio um ano antes de mim ou dois anos antes de mim no Aplicação, esse pessoal tinha uma influência intelectual dentro do movimento estudantil [...] isso não foi... não nos permitiu uma coisa mais intensa de relações, eu acho, porque o Colégio de Aplicação [...] quer dizer, quando eu entrei no Aplicação em 62, era um colégio tão pequenininho que só entravam 30 pessoas, eles faziam o admissão para 30 vagas. [...] Eu acho que isso não nos deu, por exemplo, uma relação forte com o momento estudantil da época, teve uma relação fraca, quer dizer, enquanto Colégio é que eu tô falando, participávamos disso de

⁸⁰ NOVOS BAIANOS. Colégio de Aplicação. In: _____. É ferro na boneca. São Paulo: RGE, 1970.

⁸¹ Cf.: ZACHARIADHES, G. C.. (org.). Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. 2009.

⁸² SUELI PRATA. *Entrevista*. Salvador, 17/12/2010, p. 5.

uma forma... participávamos sim, participamos sim, mas essa participação era bem menor, por exemplo, do que ocorreu em outras plagas, em outras escolas públicas estaduais, sobretudo ainda, escolas públicas estaduais que tinham um contingente, uma mobilização, infinitivamente maior, caso específico do Central, caso específico do Severino, foi um Colégio com quem eu convivia aí, por força da militância política, durante um tempo, e que tinham, formaram e tinham um movimento estudantil extremamente efervescente, nós não tivemos isso, eu acho que não tivemos isso, tão intensamente quanto [...] na verdade, não com uma intensidade ou peso que os outros tiveram...⁸³

Para Eduardo, a particularidade do CA quanto ao seu tamanho é entendida como um aspecto negativo em função do contingente político participante. Contudo, sua narrativa longe de indicar uma desqualificação da atuação dos alunos do Aplicação junto ao movimento estudantil de Salvador, sinaliza uma atuação peculiar dos alunos do Colégio. Ele reconhece que participação deles poderia até ser considerada um detalhe se comparada ao número de alunos que outras instituições escolares mobilizavam, mas também podia ser caracterizada por realizar uma “influência intelectual” junto à liderança do movimento. Ou seja, pode-se identificar aí uma narrativa em prol do reconhecimento do valor qualitativo da participação dos alunos do CA no movimento estudantil.

O tamanho do Colégio é um tema abordado por vários entrevistados que, em sua maioria, o interpretam como um colégio pequeno, mesmo depois que se mudou para o prédio próprio no bairro do Canela em 1967, onde “[...] ampliaram as turmas de trinta para sessenta alunos e eram duas turmas e depois no ens... no exame de admissão, já não eram 30 vagas, eram 60 vagas, eram 60 vagas”⁸⁴. Além da ampliação do número de vagas, essa mudança de endereço marca, de acordo com Eunice, uma mudança “no clima do Colégio” oferecendo “mais liberdade ainda”⁸⁵ e um intercâmbio mais sistemático com aspectos da sociedade externos à Instituição, ao tempo em que as mobilizações políticas estudantis em Salvador ficavam ainda mais tensas com os militares.⁸⁶

[...] o Canela deu essa coisa de mais... como se fosse de mais liberdade ainda, mas tinha também uma coisa de politização e também nós estávamos mais velhos, a minha turma, eu estava mais velha, então, pode ter tudo isso junto, mas a sensação é que tinha mais liberdade, veio mais gente pra escola, mais liberdade nesse sentido, a gente fazia mais coisas relacionados à vida fora.⁸⁷

Eunice reconhece que a sensação de ampliação da liberdade no Colégio se explica, de certo modo, pela associação de diversos fatores que iam desde interação com um

⁸³ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*. p. 2-4.

⁸⁴ ANÔNIMA. *Entrevista*. Salvador, 02/11/2010, p. 2.

⁸⁵ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 7.

⁸⁶ ZACHARIADHES, G. C. (org.). *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. 2009; MARTINS FILHO, J. R. (Org.) *O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas*. 2006.

⁸⁷ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 7.

número maior de colegas até a conquista de mais autonomia propiciada pela idade e pelos modos de interação com a sociedade externa ao Colégio. Mudanças que admite se processavam também nela própria, nos modos de perceber a sociedade possibilitando, em função dos anos que viviam, uma maior integração nas mobilizações políticas. Ou seja, a liberdade que ela imputa à mudança para o Canela é, por ela mesma, explicada como parte de uma mudança no modo de ver e interagir com o mundo de maneira menos infantil e mais adulta, aliada à articulação político-estudantil que era admitida no Aplicação.

1.3 AÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL NO CA

Quanto ao debate sobre a atuação política dos estudantes do Colégio de Aplicação darei destaque para dois aspectos relacionados à mobilização política estudantil em torno do Colégio de Aplicação, ou seja, no interior e no exterior do Colégio.

O primeiro se refere à articulação política estudantil dentro do Colégio, sobre a qual Jorge ajuíza que fazia parte da formação que se tinha no CA.

Então o Aplicação, realmente, de fato, nos deu, assim, uma visão muito grande, a começar que eles tratavam com muito carinho a questão do grêmio estudantil, não só nos orientavam como acompanhavam, eu diria até que as atividades gremistas faziam parte até, entre aspas, do próprio currículo, claro, você dava parte do grêmio para você exercitar a parte política e colocava cultura na sala de aula que unia o útil ao agradável.⁸⁸

Angela acrescenta uma narrativa⁸⁹ sobre suas lembranças da agitação relacionada com a eleição da chapa gestora para o grêmio. Sua narrativa indica tanto o fascínio despertado pelos alunos mais velhos quanto um indício das relações de poder entre os discentes:

[...] me lembro de ver, de não participar diretamente, mas de ver – e eu achava aquilo lindíssimo – aquela militância estudantil, porque eu estava chegando, né, e geralmente era o pessoal mais adiantado, pessoal já de último ano de ginásio e de colegial envolvido naquela militância política e achava interessante...
[...] na época tinha eleição para o diretório, era uma eleição muito disputada, tinha muita propaganda política, fazia reunião e distribuía panfleto, era bem marcante, mesmo assim, a militância.⁹⁰

Para ela, a articulação política cabia aos mais velhos, aos “mais adiantados” que, de certo modo, serviam de modelo para os recém chegados ao Colégio, fosse em função do

⁸⁸ BARRETTO, Jorge B. *Entrevista*. p. 21.

⁸⁹ Angela não cursou o científico no CA. De acordo com ela, pelo fato de ter ficado em segunda época em matemática no 1º ano, preferiu sair do Colégio e cursar magistério no Colégio Sophia Costa Pinto.

⁹⁰ GUIMARÃES, Maria Angela. *Entrevista*. p. 7.

engajamento político, fosse pela ousadia com que se posicionavam, como reforça Eduardo:

Tinham pessoas que se assustavam pelo grau de rebeldia, você ficava admirado pra cacete, né, eu me lembro de A. [...] era o apelido de A., A. um dia num jogo de futebol, no torneio de futebol, futebol de salão [...] A. cometeu uma falta e o juiz expulsou A., A. disse “eu não vou sair”, e tinha que sair porque foi expulso, tinha que sair, tinha que sair... o diretor da Escola disse... Leopoldo, lembrei agora, Leopoldo nesse intervalo, – que ficou um intervalo –, desce e vai pra quadra pra tentar tirar A., e A. gritava, nós éramos meninos, né [...] A. devia ser uns quatro ou cinco anos na nossa frente, A. gritava, berrava com o diretor, na frente do diretor, cara a cara com o diretor, que pra você era autoridade, né [...] Isso pra mim, pra meu grupo de 14 anos, 13 anos, era um susto tenebroso, era uma coisa inacreditável, que alguém dissesse isso a um diretor, na frente de um diretor, e ele dizia sem nenhuma menor cerimônia.⁹¹

Segundo esses entrevistados, os mais novos iam chegando e vendo como os mais velhos se portavam, como as coisas se davam no Colégio, o que era permitido e até onde poderia chegar o limite da ousadia. Tal interpretação pode ser considerada plausível uma vez que era incentivado um comportamento hierarquizante entre os alunos do Colégio, pelo menos oficialmente. Na caderneta escolar⁹² referente ao ano letivo de 1964 no tópico “*do aproveitamento nos estudos e do comportamento em geral*” no item de número 30, que descreve o que seriam “deveres do aluno”, na letra C orienta: “acatar os colegas representantes da turma.”⁹³

A articulação entre os estudantes sugerida nas entrevistas e também na caderneta escolar aponta para o quanto a disciplina escolar seguia um padrão hierárquico de controle institucional, organizada em torno de uma espécie de acordo de respeito e obediência a ser cumprido pelos estudantes com relação à direção, autoridades, componentes da administração, professores, funcionários do Colégio⁹⁴ e, inclusive, licenciandos da Faculdade de Filosofia que estagiavam no CA, se verifica em trecho do tópico “*compromisso de honra*”, também se exigia obediência, conforme encontramos na já referida caderneta:

Matriculando-me no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, assumo, sob a minha palavra, o compromisso de cumprir o Regimento Interno deste estabelecimento em geral e, em particular; o de:

- a) Respeitar e obedecer aos senhores Diretor, Coordenador, Orientador, professores e demais autoridades constituídas do Colégio;
- b) tratar a todos com cordialidade, quer sejam ou representem autoridades do Colégio, quer, ainda sejam colegas ou servidores da mesma instituição;

[...]

⁹¹ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*. p. 36-37.

⁹² Refiro-me como Caderneta Escolar ao documento do aluno em que era registrada a presença diária e contém elementos importantes quanto à rotina do Colégio. Tais orientações se modificavam de um ano para o outro. Entre as cadernetas localizadas, a de 1964 é a que apresenta mais recomendações disciplinares. Todas as cadernetas aqui referidas pertencem ao acervo pessoal de Denise Scheyerl.

⁹³ CADERNETA Escolar de 1964.

⁹⁴ CADERNETA Escolar de 1961.

d) respeitar os licenciandos da Faculdade de Filosofia e concorrer, pela atenção e bom comportamento, para o êxito de suas aulas de prática de ensino no Colégio;⁹⁵

Temos aí evidência sobre como deveria funcionar o padrão disciplinar daquele grupo de alunos do Aplicação frente às normas institucionais. Se informalmente a relação com os mais velhos estabelecia os limites do padrão de comportamento e disciplina a serem seguidos, por outro lado, tinha-se um modelo oficial de organização institucional que entre os “*compromissos de honra*” para serem cumpridos pelos estudantes constava desde respeitar e obedecer as autoridades da escola (os adultos) até acatar os colegas representantes da turma.

O caráter oficial do cargo de representante estudantil favorece a abordagem de pelo menos dois aspectos da ação política estudantil no âmbito interno ao CA. O primeiro é que o cargo oferecia a concessão de uma deferência ao representante ante seus colegas de turma, constringendo-o em troca, ainda que parcialmente, a desempenhar um papel de delegado institucional junto a seus colegas e cooperando com os mecanismos disciplinadores do Colégio a respeito de assuntos a respeito dos quais deveria ser “acatado”. Tal cooperação, caso fosse questionada, não se sobreporia às autoridades administrativas (adultos) em momentos em que se fizesse necessária a imposição de decisões superiores da gestão escolar.

Por outro lado, a função de representante de turma acabava por legitimar e incentivar a atuação daqueles que se sentissem interessados na função de articuladores estudantis junto às autoridades escolares pelos interesses coletivos da turma que representavam e, conseqüentemente, nas instâncias estudantis existentes dentro do Colégio.

Cabe salientar, contudo, o aspecto contraditório que subjaz nas narrativas referentes a atuação política estudantil no interior do Colégio. A partir da narrativa de Eduardo, por exemplo, quando menciona o aluno que contesta o diretor, ao mesmo tempo em que isso reitera as possibilidades de questionamento e contestação dentro do Colégio, também aponta, ainda que sutilmente, para a existência de personagens que exerciam funções disciplinadoras. Esse elemento da narrativa do entrevistado oferece indícios importantes da atuação das autoridades institucionais que, de acordo com sua memória, admitiam certas variações nos comportamentos, mas também figuram como aquelas que estabeleciam os limites. Não havia uma liberalidade plena, ainda que se possa interpretar que houvesse certa condescendência com a “rebeldia” dos alunos, como contou.

Temos evidenciado também a função disciplinadora que a caderneta escolar, diversas vezes mencionada nas entrevistas, desempenhava como um mecanismo de controle

⁹⁵ CADERNETA Escolar de 1964.

de entrada e saída do Colégio. Jaci, por exemplo, narra que seus reincidentes atrasos, além de registrados na caderneta, lhe impuseram um constrangimento frente à sua turma:

[...] tinha uma caderneta e essas cadernetas, todos os dias, se você chegasse atrasado, o porteiro carimbava “atrasado”, certo? Minha caderneta vivia assim, coitada, toda carimbada. Depois de um certo período mandava a cartinha pra família, “olhe, ele está chegando atrasado, pê-pê-pê...”

Eu me lembro de ter recebido uma certa punição, mas não da direção, de uma professora, já o terceiro ano colegial, porque realmente eu não consegui chegar 7:10. [...] eu não conseguia, eu saía de casa todo dia 6:15 da manhã, para poder chegar lá. Era muito cedo. Eu ia de ônibus... eu não conseguia chegar, então, a professora me chamou atenção e chamou atenção em sala, geralmente ninguém fazia isso, não.⁹⁶

As memórias dos entrevistados apontam tanto para certa condescendência das autoridades institucionais, quanto para a presença de mecanismos disciplinadores. Esses mecanismos acabavam por filtrar o que seria considerado pela instituição como práticas “avançadas demais”⁹⁷, como já mencionado na memória de Anna Cristina, ou, ainda, situações como a mencionada por Jaci, de um certo autoritarismo praticado por professores.

Contradições como essas são muito importantes para a composição daquele cotidiano escolar, o qual figura nas memórias de seus ex-alunos como um lugar de modernização de padrões institucionais em permanente negociação com elementos conservadores e disciplinadores que também ali coexistiam.

Partamos agora para o segundo aspecto, para a análise da atuação política dos estudantes no âmbito externo ao Colégio de Aplicação. Dentre as diversas mobilizações estudantis que foram realizadas em Salvador na segunda metade da década de 60 e início da década de 70⁹⁸, faço uma menção especial àquelas relacionadas contra a Lei Orgânica do Ensino do Estado da Bahia⁹⁹, por terem sido muito citadas nas narrativas de diversos entrevistados. Segue trecho da entrevista de Raimundo.

[...] eu cheguei lá na Escola em 66, eu tinha dez anos de idade, eu me lembro da gente parar, a Escola como eu já te disse, era em Nazaré e a gente participando de passeatas, indo até a Praça da Piedade, o Centro, todo mundo lá gritando: ‘abaixo a Lei Orgânica, abaixo a Lei Orgânica...’, eu não tinha a menor ideia do que era a Lei Orgânica, mas, aparentemente, pelo que se desenvolveu depois, né, isso ocorreu de fato, essa privatização do ensino ocorreu de fato, porque hoje você vê... a classe média principalmente tá todo mundo em escola privada, que era minoria antes, era

⁹⁶ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*. p. 18.

⁹⁷ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 12.

⁹⁸ ZACHARIADHES, G. C. (org.). *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. 2009.

⁹⁹ A Lei Orgânica do Ensino do Estado da Bahia, promulgada em 13 de setembro de 1967 enquanto tramitava na Assembleia Legislativa produziu mobilizações estudantis contra os artigos da referida lei, os quais previam que instituições públicas de ensino secundário cobrassem anuidades. A respeito dessas mobilizações ver: SILVA, S. R. “Ousar lutar, ousar vencer”: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). 2003.

minoria antes...¹⁰⁰

Ao comentar as passeatas contra a Lei Orgânica, Raimundo aponta para um detalhe bastante relevante: não se tratava de uma mobilização suficientemente esclarecida, pelo menos entre os alunos mais jovens. Então, porque eles iam? O que os mobilizava a participar?

Os indícios encontrados no trecho da entrevista de Raimundo apontam para um entendimento que ultrapassa o engajamento político em si. Pelo menos para os mais novos, essa participação em mobilizações políticas estava relacionada, como já discutido anteriormente, a uma tentativa de integração com os alunos mais velhos, tanto do Colégio quanto da Faculdade de Filosofia, com aqueles que poderiam inseri-los no mundo dos maiores, aspecto da cultura do Aplicação que parecia lhes fascinar. Os mais velhos, por sua vez, aproveitavam-se dessa influência para atraí-los para a atuação política e partidária, como sugere Denise:

Bem, nós éramos muito maduros, assim, né? Com treze ou quatorze anos, a gente discutia política, a gente ia pra rua, a gente era super politizado.

Era assim: a gente tendo aula aqui e os estudantes da Universidade lá no diretório acadêmico. A gente via e dialogava muito com os próprios estudantes, éramos aliados, também, claro. Sempre tinha todo um esquema de você... Eu mesma me lembro que todas as vezes que tinha greve, protesto, era muito comum circular que tinha muito dedo duro circulando por aí...¹⁰¹

De certo modo, a atuação política dos alunos do Aplicação ultrapassava a associação com o movimento estudantil secundarista, ligando-se às ações políticas dos estudantes universitários e dos partidos políticos, tema que já havia sido indicado por Sueli Prata ao longo de sua entrevista.

Vale ressaltar que, além de os estudantes do CA contarem com o incentivo dos estudantes da Faculdade de Filosofia para integrarem-se nas mobilizações políticas, segundo Anna Cristina, a ausência coletiva dos alunos do CA para participação em mobilizações contava com relativo apoio da direção do Colégio que, contrariando as normas institucionais, não punia os alunos que se ausentavam para as passeatas. De acordo com a caderneta escolar do ano letivo de 1964, no item “*do aproveitamento nos estudos e do comportamento em geral*”, tópico número “22 – São consideradas graves as seguintes faltas: [...] g) a ausência coletiva (parede) às aulas.”¹⁰², mas a direção não aplicava a esses casos o mesmo tratamento também estabelecido no item “*do aproveitamento nos estudos e do comportamento em geral*”

¹⁰⁰ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*. p. 14.

¹⁰¹ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*. p. 10.

¹⁰² CADERNETA Escolar, p. 1964.

tópico número 25: “[...] A ausência coletiva às aulas (parede) será punida com a suspensão da turma por 3 (três) dias.”

D - Suspendiam as aulas quando vocês iam fazer as passeatas, ou vocês suspendiam as aulas?

C - Suspendiam as aulas, exatamente, mas a diretoria concordava com isso ela, realmente, é... assim, entendia que isso tinha que acontecer, não tinha maiores problemas com o assunto nem com aula, não, entendeu?¹⁰³

Como forma de ilustrarmos a magnitude dessas manifestações, lançamos mão de uma imagem recortada do jornal A Tarde¹⁰⁴ de 23 de agosto de 1967 que Denise guarda em seu acervo pessoal e foi apresentada como parte de seu arquivo da época do Colégio. Segue imagem com detalhe da mobilização:



[“Aspecto de uma das passeatas ontem realizadas pelos estudantes quando subiam a rua Chile protestando contra a Lei Orgânica”]

Arquivo pessoal de Denise Scheyerl

¹⁰³ ALMEIDA, Anna Cristina F. de. *Entrevista*, p. 16.

¹⁰⁴ Jornal A Tarde. Salvador, 23/08/67.

Se referindo à imagem apresentada, a ex-aluna afirma: “[...] a gente participava de tudo isso. Essas passeatas, com certeza tem muita gente aqui do Aplicação.”¹⁰⁵ Ao dizer isso, toma a imagem como evidência da participação dos alunos do CA nas mobilizações estudantis e, ao fazer tal menção, aponta para sua forte identificação com esse traço politicamente engajado dos alunos que costumavam participar de atos de protesto ocorridos em Salvador. Aliás, vale mencionar que as passeatas e protestos que aconteceram nos dias 21 e 22 de agosto de 1967 contaram com ampla participação de estudantes secundaristas e universitários, que se mobilizaram temendo que, com base no parágrafo 9 do Artigo 36 da já referida Lei Orgânica, as escolas públicas se transformassem em fundações, com a cobrança de mensalidades. Destaca-se aqui a imagem preservada pela entrevistada que mostra a ocupação da Rua Chile pelos estudantes, impedindo o trânsito e chamando a atenção inclusive das pessoas que, dos prédios de um dos trechos mais importantes do centro da capital baiana, à época, assistiam à mobilização.¹⁰⁶

A ditadura militar no Brasil e na Bahia foi tema de demoradas narrativas de memória dos entrevistados indicando o quanto a política e o contexto social externo ao CA é relevante para eles na construção da narrativa explicativa do funcionamento do Colégio de Aplicação naqueles anos e contribuem para um delineamento minucioso dessa cultura escolar.

Apresento mais alguns indícios que me pareceram pertinentes para explicar a ambiência política baiana em que estiveram envolvidos os entrevistados. A seguir temos a imagem de uma folha de registro de frequência da caderneta escolar de Denise, que sinaliza para a interrupção de aulas de primeiro a quatro de abril de 1964 e que foi identificado como *revolução* pela aluna, na época:

¹⁰⁵ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*. p. 1.

¹⁰⁶ BRITO, A. M. F. O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar (1964-1968). 2008.

ABRIL			
DIAS		DIAS	
1		17	Compareceu
2		18	Compareceu
3	Revolução	19	Domingo
4		20	Compareceu
5	Domingo	21	Feriado
6	Compareceu	22	Compareceu
7	Compareceu	23	Compareceu
8	Compareceu	24	Compareceu
9	Compareceu	25	Compareceu
10	Compareceu	26	Domingo
11	Compareceu	27	Compareceu
12	Domingo	28	Compareceu
13	Compareceu	29	Compareceu
14	Compareceu	30	Compareceu
15	Feriado		
16	Compareceu		

Arquivo pessoal de Denise Scheyerl

A caderneta indica que não houve aula nos dias que sucederam o golpe de estado de 1964. Tal rotina de registro, segundo ela (e como consta nas páginas da caderneta) era uma prática que lhe era peculiar, servindo como uma espécie de diário escolar:

[...] por uma questão minha de diário mesmo, eu fazia isso aqui era como se fosse uma espécie de diário eu anotava aqui os feriados, domingos, os dias que nós não fomos ao colégio...

Aqui não teve aula. Então, eu anotei a razão que não teve aula assim, como eu anotava os dias de feriado e de sábado e domingo. Aqui não teve aula, tá vendo, não teve. Aqui: férias. Então, eu anotava tudo que acontecia aqui [...]¹⁰⁷

Apesar de Denise não explicar quais razões haveriam implicado na interrupção das aulas durante a “revolução” – que ocorrera apenas uma semana depois dos feriados ligados à da semana santa e que já haviam interrompido as aulas desde a quinta-feira, dia 26 de março de 1964¹⁰⁸, a suspensão das atividades do Colégio durante os primeiros quatro dias

¹⁰⁷ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*. p. 2.

¹⁰⁸ De acordo com as páginas da Caderneta Escolar de 1964, indica-se como feriados os dias 26 a 28 de março

de abril daquele ano seguiu a determinação do reitor da Universidade na época, Albérico Fraga, de fechar todas as Unidades¹⁰⁹, quebrando mais uma vez a rotina escolar. Na ocasião, o CA ainda compartilhava o prédio com a FF, em Nazaré.

Para Jorge, o golpe de estado interferiu direta e violentamente na rotina daquele primeiro de abril no Colégio de Aplicação, o que justificaria perfeitamente a paralisação das aulas por quase uma semana, como se lê no trecho a seguir:

[...] com o advento do golpe militar de 64, ao qual eu lhe digo que não foi em 31 de março, foi em primeiro de abril, porque eu me preparava [...] no dia 31 pra fazer uma prova no dia primeiro de abril e quando eu ingressava na Escola, antes de adentrar propriamente na Escola, um colega meu [...] eu me lembro perfeitamente desses lances todos com a maior tranquilidade, com a maior transparência [...] quando eu entro na Faculdade... no Colégio de Aplicação, F. fez, ‘Braga entre devagar que a Escolar tá cheia de metralhadora e fantá’ – fantá são aqueles cassetetes imensos [...] ‘vai devagar porque, senão, você vai cair na pancada’, eu disse, ‘que nada, otário’ – disse assim mesmo – ‘que nada, otário, primeiro de abril, tô preparado’. Nunca esqueço, quando eu olhei que eu vi o primeiro de abril [...] Foi uma coisa assim, extremamente grosseira, estúpida e, principalmente, num colégio onde a média de idade era o que? De doze, treze anos a dezessete, dezoito, estourando. Aliás, acho que não tinha ninguém de dezoito anos ainda.
[...] O exército invadiu e deixou todo mundo incomunicável, invadiu a Filos... não foi só lá só, não, invadiu no Brasil todo, naquele dia onde havia estabelecimento de ensino, principalmente aqueles que tinham uma formação... que davam uma formação ideológica, socializante, esses aí dançaram feio, dançaram feio...¹¹⁰

Além dos detalhes relacionados à invasão dos militares no prédio que servia à FF e ao CA, reforçados por seu apelo à “maior tranquilidade, com a maior transparência” de sua memória, Jorge segue com seu argumento de que o Colégio era um espaço onde a formação política ocupava um lugar importante na formação dos alunos. Sua narrativa se propõe, a partir desse caso, a demarcar que se tratava de uma atuação política de oposição à ditadura, o que sustentaria a associação que faz do Colégio de Aplicação e da FF com outras instituições que ofereciam “uma formação ideológica” e, em consequência disso, ficaram visadas pelos militares em todo país.¹¹¹

Segue trecho da entrevista de Denise em que apoia a categorização do CA como uma instituição com vinculação a política esquerdista, atribuindo o fato ao engajamento político de “muitos” professores. A entrevistada baseia seu argumento na afirmação de que era propiciado no Colégio a leitura a respeito de países não-aliados aos Estados Unidos na Guerra Fria:

sem referência clara à semana santa, contudo, a partir de um calendário de 1964 pode-se constatar que se referia a semana santa. Cf. calendário 1964: Disponível em: <<http://www.webcid.com.br/?pg=calendario&ano=1964>>. Acesso em 19 out. 2011.

¹⁰⁹ BRITO, A. M. F. Op. cit.

¹¹⁰ BARRETTO, Jorge B. *Entrevista*. Salvador, 18/10/2010, p. 3; 8-9.

¹¹¹ ZACHARIADHES, G. C. op. cit.

A gente se interessava extremamente por países como a Albânia, Rússia e China... a gente devorava aqueles livros todos de depoimentos de pessoas que estiveram nesses lugares e voltavam, porque a gente tinha muitos professores engajados politicamente, o próprio Valdir Oliveira, em geografia, a própria Idalina Azevedo, que era minha professora de alemão e professora de literatura da minha irmã, e vários outros, então a gente tava o tempo todo, né?

Além dos estudantes, nós éramos a Grande Faculdade de Filosofia e tudo funcionava no mesmo prédio.¹¹²

Temos também aí na narrativa de Denise um detalhe¹¹³ que dá suporte a outro aspecto de seu argumento. O interesse pelas histórias de pessoas que tiveram experiências em países sob regimes socialistas não era uma prerrogativa exclusiva dos professores, mas também dos alunos do CA que “devorava[m] aqueles livros todos de depoimentos de pessoas que estiveram nesses lugares e voltaram [...]”.

Notemos que, para ela, o Colégio e a Faculdade não são explicadas como instituições distintas abrigadas por uma mesma estrutura física, mas uma única instituição que atendia a diferentes níveis de ensino. Assim, ao afirmar que “Além dos estudantes, nós éramos a Grande Faculdade de Filosofia¹¹⁴”, ela rompe com as barreiras que poderiam separar a formação acadêmica da FF daquela realizada no Aplicação, o que favorece uma interpretação que os coloca em um nível de politização e de enfrentamento da política em voga na época próximo ao dos estudantes universitários.

Eduardo também admite essa aproximação com os alunos mais velhos que já estavam no ensino superior, acrescentando que motivos pessoais também contribuíam para a influência desses sobre os alunos do CA. Isso, conseqüentemente, acabava por favorecer a vinculação dos estudantes ainda no ensino secundário aos partidos políticos de esquerda que tinham uma base importante entre os universitários da FF.

[...] pra minha formação mesmo, aí tem influência em algumas figuras que tinham, digamos, que tinham relativo peso no Partido Comunista e tinham um relativo peso no movimento estudantil universitário, que tinha uma influência forte dentro do Aplicação, por conta de Sueli Prata [...] Sueli Prata foi namorada, ainda no Aplicação, de [...], que foi dirigente da União de Estudantes da Bahia, que era da Federal, etc., etc., [...] era uma liderança estudantil forte. Sueli Prata é irmã de um cara que fez Economia, [...], que era na época um dos principais cabeças do Partido Comunista no movimento estudantil universitário [...]¹¹⁵

Sueli Prata, ex-aluna a que se refere Eduardo, confirma suas motivações pessoais

¹¹² SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*. p. 23.

¹¹³ RODRIGUES, M. B. F. (Org.). Exercícios de indiciamento. 2006. GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 1987; _____. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. 1989.

¹¹⁴ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*. p. 23.

¹¹⁵ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*. p. 33.

que a vinculavam aos estudantes da FF e, em sua narrativa sobre as atividades políticas que participava no Colégio, não faz uma distinção muito clara entre os alunos do CA e os universitários, com os quais conviviam cotidianamente no prédio da FF em Nazaré.

[...] todo mundo da minha família se meteu com política, de alguma forma, política estudantil, enfim, sempre fomos todos assim, aí pronto. Aí veio o golpe, eu tinha... 13 anos e, como todo mundo sempre se metia em política, você chagava em casa, na minha família era assim, nove horas da noite só tinha minha mãe em casa, onze horas tava a família toda reunida, conversando, ta-ra-ra...
[...] eu pequena e os irmãos maiores, já universitários, mas todo mundo libertários, todo mundo contra a ditadura [...]¹¹⁶

[...] vivíamos uma vida híbrida com a Universidade, né, numa época em que a Universidade era altamente participativa da vida política e nós, meninos, participávamos também da vida política intensamente, né [...] entrei no Aplicação tinha um pátio enorme que separava o prédio antigo do prédio novo [...] Esse pátio era onde aconteceram as maiores... onde aconteceram, assim, as assembleias, né, eu mesma conheci o meu primeiro marido numa assembleia ali, né, assembleia, assim, quer dizer, você tava lá, participava das assembleias universitárias e tal e de todo movimento universitário, de greve... a gente participava e tal.¹¹⁷

Essa influência dos universitários sobre os alunos do CA era construída em função do compartilhamento de um mesmo espaço físico e de motivações pessoais e ideológicas, sendo também reconhecida entre os líderes do movimento estudantil universitário, que viam no Aplicação “um território de formação de novas lideranças.”¹¹⁸

Segundo Eduardo houve, em decorrência dessa relação, uma efetiva vinculação dos alunos do CA aos partidos políticos. Esse fato acabou tendo repercussões importantes para suas práticas políticas, sendo possível, para ele, inclusive, identificar a influência partidária nas chapas que concorreram às eleições do grêmio do Aplicação no ano de 1967, como se nota em trecho de sua entrevista:

Eram duas chapas que concorriam ao grêmio, uma chapa era a encabeçada por R., da qual eu participava, uma chapa com a marca, com o carimbo do Partido Comunista Brasileiro, o partidão, uma outra chapa, que era uma chapa de independentes, que ainda não tinha... ainda não tinha o dedo da outra organização política que se forma, que também se organizou no Aplicação, que também existia no Aplicação, que é a AP, Ação Popular, que também se organizou no Aplicação, que também tinha no Aplicação, mas não tinha, ainda, a presença da AP, e não tinha, a presença que vai ter depois, forte, da Juventude Católica, JUC, que era chamada Juventude Universitária Católica, que se formou também, fortemente, no Aplicação, nesse momento não tinha isso, era um pessoal independente, com ideias de esquerda, mas um pessoal independente, encabeçado por Z[...]. Z. contra R.¹¹⁹

Para finalizar a análise a respeito das lembranças das práticas políticas dos ex-

¹¹⁶ SUELI PRATA. *Entrevista*. p. 10-11.

¹¹⁷ SUELI PRATA. *Entrevista*. p. 4.

¹¹⁸ BRITO, A. M. F. op. cit., p. 176.

¹¹⁹ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*. p. 29.

alunos do Aplicação, sem a pretensão de ter abrangido completamente o tema, destaco um trecho da entrevista de Jaci. Ela também estabelece a identidade coletiva dos alunos dos CA não pelas diferenças entre eles e os estudantes da FF, mas pelas semelhanças que os tornava partícipes de uma “mesma” coletividade. Essa integração com os universitários lhe parece ter sido a causa do enfrentamento de circunstâncias tensas e desagradáveis pelos alunos do Aplicação, como já fora citado no episódio de 1º de abril de 1964.

[...] um colégio diferente porque, inclusive, a gente tava dentro da Universidade. Eu sou universitária desde os 11 anos de idade, entendeu? Então, quando chegou o momento das lutas estudantis, a gente tava dentro da Faculdade de Filosofia. Teve um dia que a polícia cercou a Faculdade de Filosofia e a gente teve que fugir pelo portão do fundo, dona Odile e dona Lêda nervosas, “rancando [os] cabelos”, ‘vamos meu filho, vamos meu filho, por aqui, ó a fila...’ tudo menino pequeno [...] ¹²⁰

A lembrança da fuga dos alunos pelos fundos do Colégio orientados pela vice-diretora e diretora, por exemplo, é um aspecto importante ao considerarmos que Jaci a narra ao mesmo tempo em que se identifica como universitária desde a época de ginásio. Dessa maneira, contar um episódio em que tiveram que se defender da truculência dos militares representa uma ocasião extraordinária naquele período. Com esse episódio, Jaci nos oferece um indício significativo a respeito de uma ruptura fundamental da identidade coletiva dos estudantes do CA e que passava a igualá-los aos estudantes universitários, pondo a descoberto uma tensão entre essas duas coletividades e questionando o modelo tradicional que põe em lados opostos os estudantes desses níveis, como estabelecido por Chervel,

[...] o verdadeiro limiar é aquele que separa o ensino das crianças e dos adolescentes do ensino dos adultos. [...] Entre o ensino primário e o secundário de um lado, e o ensino superior de outro (para retomar uma terminologia que não remonta além dos anos 1830 ou 1840), as diferenças são múltiplas e importantes. Elas se referem às matérias ensinadas, mesmo se há alguns pontos comuns em letras e em ciências, à qualidade do pessoal docente, aos estabelecimentos de ensino, às relações que unem mestre e alunos, e à própria natureza dos públicos de alunos, “forçados” num caso, e livres no outro. ¹²¹

Ao narrar o modo como se lembra das diretoras que “rancando os cabelos”, se referindo aos alunos como “meus filhos”, que deveriam “obedecer a fila”, a entrevistada aponta tanto para um vocabulário quanto para uma certa prática disciplinar não muito condizentes com um padrão de tratamento que seriam utilizados caso se referissem de fato aos estudantes universitários.

Nos remetendo às citações anteriores, podemos identificar que, apesar de sutil, esse é um traço que perpassa a atuação dos alunos do CA e que, paradoxalmente, ao mesmo

¹²⁰ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*. p. 10.

¹²¹ CHERVEL, A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. 1990, p. 185.

tempo os distinguia e aproximava dos universitários. Por mais que tivessem acesso ao exercício da política, inclusive partidária, ou que fossem às ruas protestar ou, ainda, que julgassem a si próprios como “muito maduros”, em determinadas circunstâncias, se identificavam como crianças e jovens (“tudo menino pequeno”), cujos interesses e comportamentos obedeciam, ainda que não exclusivamente, a padrões de desenvolvimento afeitos à sua faixa etária, lhes impondo tanto a supervisão dos adultos quanto o seu cuidado, como também conta Eunice no trecho a seguir.

Eu lembro muito que teve uma passeata, o ano exatamente eu não lembro, podia ser 63, sei lá, só lembro que fomos pra passeata e que a diretora ligou para nossas mães, no trabalho ou em casa, pra dizer que a gente tava na passeata e a gente receber carão ou, pelo menos assim, preocupados porque a gente tinha saído da escola para ir para passeata.

Então, assim, isso não é coisa que se faz em colégio grande... não é possível se fazer, entendeu? Eu tô pensando assim, no cuidado, o que é controle, mas que também era cuidado e também era possibilidade de acompanhamento.¹²²

A autoridade dos adultos responsáveis pelo Colégio é considerada pela entrevistada como sendo tanto de cuidado quanto de controle. Isso corrobora o esclarecimento da identidade coletiva daquele grupo de alunos que, ainda que convivessem de perto com os estudantes da Faculdade de Filosofia, possuíam características distintas, segundo as quais deveriam obedecer aos padrões comportamentais próprios da idade e sendo regulados pelas autoridades do Colégio, as quais lhes cobravam um comportamento “adequado” para os alunos do ensino secundário daquela época.

1.4 OS PRATICANTES E OUTROS PERSONAGENS DO COLÉGIO

Além de terem dividido o prédio com os alunos da Faculdade de Filosofia, enquanto o Colégio de Aplicação esteve em Nazaré, os alunos mantiveram algum contato com os estudantes universitários mesmo depois da mudança para sua sede no Canela, pois estes continuaram a realizar suas atividades de estágio nas turmas do Aplicação.

Os “aplicantes” ou “praticantes”, como alguns entrevistados apelidaram os estagiários da Faculdade de Filosofia, ocuparam um lugar pouco expressivo nas memórias relacionadas com o ensino de matemática. Apesar de terem apresentado algumas memórias a respeito, o que podemos perceber é que a presença dos estagiários no Colégio não

¹²² KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*. p. 2.

representava uma mudança significativa nas práticas didáticas de matemática.

Vale observar que as menções à modernização do ensino da matemática (objeto do capítulo 4 desta tese) serão associadas às práticas dos professores e não dos estagiários. Aqui, nesta seção, tratarei dos estagiários como personagens que fizeram parte das lembranças do tempo do colégio. A menção a esses personagens é importante para este trabalho, porque, além de destacar um traço que era característico dessa instituição escolar que tinha entre suas finalidades específicas a de “[...] *proporcionar a licenciandos da Faculdade campo adequado para observação e prática de ensino*”¹²³, possibilita aceder à dimensão didática da relação dos alunos do CA e aqueles da FF. Segue a narrativa de Raimundo sobre a atuação dos estagiários no CA.

R - [...] normalmente eles ficavam sentados no fundo da sala, a professora tava lá e ficavam três ou quatro aplicantes lá no fundo da sala assistindo a aula, né, e substituíam a professora. Eles davam, não sei se uma unidade inteira, sei lá... eu já não me lembro mais o período, quinze dias de aula... algumas substituíam assim, às vezes, até sem a presença da professora. Todas as matérias tinham isso, geografia, química, matemática, português e, naturalmente, como todo lugar, tinha aplicantes melhores e piores, né.

Hoje eu me coloco na pele deles, a pessoa devia ir para lá meio insegura, por dois motivos, primeiro porque ia falar na frente de vinte, vinte cinco, trinta adolescentes... e incentivados a contestar, porque...

[...] Além disso, eles estavam sendo julgados também, porque a professora, pelo menos no princípio, ficava lá assistindo a aula dele então, provavelmente, faria uma avaliação dele [...] e os alunos reagiam a isso, se chegava lá uma pessoa segura e que sabia transmitir, que tinha pulso, você respeitava mais, senão você respeitava menos, o que acontece sempre...

D - Lembra de diferenças entre as aulas deles e as aulas dos professores, com relação ao método?

R - Não. Ao método, não. Me lembro, assim, uma lembrança bem difusa, que quando o aplicante era suficientemente bom para você achar que não tava caindo o nível em relação ao professor, a gente respeitava como o quê, mas é uma lembrança bem difusa, não lembro de nenhum caso específico, nem pro mal nem pro bem, de algum que tenha marcado como muito bom nem de nenhum que tenha sido um fiasco total. O método não mudava, os métodos não mudavam, continuavam todos os trabalhos de equipe e tudo, a matéria também não, era apenas a pessoa que ia ensinar.¹²⁴

Além de uma descrição geral, Raimundo aponta para existência de dois motivos específicos que produziriam tensão e insegurança nos estagiários. Figurando ainda como um motivo anterior ao fato de estarem sendo julgados pelo professor que os avaliava do fundo da sala, segundo ele, os alunos do Colégio tinham certa responsabilidade no desconforto do “aplicante”, por serem incentivados a contestar.

Analisando apenas esta fala de Raimundo não se tem elementos suficientes para

¹²³ REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944). Centro de Memória da FACED, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

¹²⁴ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 33-34.

concluir que ele e seus colegas fossem incentivados a contestar os estagiários. Especialmente, se considerarmos o que já foi dito a respeito da atuação política dos estudantes do CA, reforçando a ideia de que Raimundo se referia a um certo incentivo mais geral à contestação, recebido por eles. Vejamos como o tema aparece na narrativa de Sueli Prata:

[...] experimental de uma forma muito legal, porque promovia uma... uma intensa relação entre o alunado do Aplicação e os novos professores que se formavam, porque os professores todos estagiavam no Aplicação. Isso também virava um mito, né, se você conversar com alguém, que virou professor e que estagiou no Aplicação, você vai ver o terror que foi na vida dele enfrentar os alunos do Aplicação, né. A gente fazia disso uma coisa natural, né, era um horror, os estagiários se acabavam de medo de estagiar com a gente, porque a gente era questionador, tarará... aquela coisa toda, então, tinha esse caráter.¹²⁵

Sueli Prata, ao se referir ao caráter experimental¹²⁶ do Colégio, indica como os alunos do Aplicação lidavam com esse mecanismo de formação dos estudantes da FF. Segundo ela, lhes parecia “natural” a participação na tarefa de avaliação das condições do estagiário para atuar na sala de aula, sugerindo ainda que eles cumpriam tal papel de bom grado. Parece que, para os alunos, “implicar” com os estagiários era um modo “divertido” de testar suas competências para atuar no cargo e isso era realizado com tamanha ênfase que alguns deles chegavam a desistir do estágio.

Anna Cristina se lembra de um exemplo durante a aula de uma estagiária:

[...] tem professores, assim, professor que não voltou, começou a estagiar lá e não voltou, porque não se respeitava, entendeu? [...] nós alunos, naquela época, de doze, treze, quatorze anos também tínhamos determinados comportamentos terríveis, né, então, a gente lembra assim de histórias... tem um aluno que saiu por cima das carteiras, a professora tava lá dando aula, ele chegou na sala e achou que ele deveria andar por cima das carteiras, as carteiras eram dessas, não era de braço, não, era... tinha a mesinha na frente com uma parte embaixo pra botar os livros e tinha cadeira, né, cada um tava ali na sua mesinha, e ele aí subiu na primeira e saiu andando até chegar onde ele queria sentar, a professora quase enfarta, né.¹²⁷

Jaci confirma com sua narrativa que eles testavam propositalmente os licenciandos e, assim como sugerido na fala de Sueli Prata, parece que havia nessa prática um pouco de crueldade dos alunos que se ocupavam preparando maneiras de constranger o que ela classificou como “pobres estagiários”.

A gente pintava horrores com os pobres estagiários, nós testávamos eles, a gente ficava inventando pergunta difícil pra fazer, pra eles ficarem embaraçados, geralmente entrava um grupo de seis ou sete estagiários com o professor catedrático,

¹²⁵ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 3.

¹²⁶ Segundo regimento interno, estabelecia entre suas finalidades a de proporcionar “aos professôres e alunos da Faculdade oportunidades de [...] experimentação metodológica”. REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944). Centro de Memória da FACED, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.1.

¹²⁷ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 24.

que era o professor deles de metodologia e eles assistiam, observavam durante um período e, depois, cada um deles também dava uma semana, quinze dias de aula, não mais que isso.¹²⁸

Temos vários elementos que favorecem a interpretação de que os alunos eram incentivados a contestar os estagiários. Mas, por quem eles se sentiam incentivados a contestar? Talvez pelos próprios colegas, que se divertiam em perceber a situação delicada em que ficavam os estagiários frente aos docentes da FF ali presentes. Talvez, ainda que não tenha sido possível responder a essa pergunta, o que parece ser importante é que os alunos do Colégio tinham consciência do quanto poderiam interferir no processo de avaliação dos estagiários e, diante disso, escolhiam resistir e contestar.

Segundo a avaliação de Raimundo tratava-se de uma reação “natural” dos alunos que se posicionavam com mais ou menos displicência em função do juízo que faziam da qualidade da ação docente dos estagiários. No entanto, ainda que não venha ao caso analisarmos a naturalidade ou não desse comportamento, as lembranças dessas práticas estudantis nos servem como fonte esclarecedora de um traço da identidade coletiva daqueles alunos. Temos agora diversos indícios para considerar que o perfil contestador dos estudantes do Aplicação também era uma característica que aparecia no âmbito pedagógico. Esse traço é construído e celebrado nas memórias como um aspecto positivo e, segundo Sueli Prata, constitui-se em um mito em torno do cotidiano escolar daquela instituição na época.

Anônima corrobora a interpretação de que os alunos do Aplicação eram participantes esclarecidos no processo de avaliação dos estagiários da FF. Ela lembra que participava formalmente dessa avaliação, uma vez que chegava a ser pedida sua opinião a respeito da atuação dos “praticantes”. “Aí tinha as praticantes... E a gente respondia como tinha sido a aula delas, a gente também respondia, a gente respondia.”¹²⁹

Ainda com relação à opinião dos alunos a respeito dos estagiários, Ricardo interpreta que esse processo didático de interação com os estudantes da FF atrapalhava um pouco o ritmo escolar, ainda que não significasse uma avaliação negativa a respeito da competência dos estagiários da FF, como se nota em trecho de sua entrevista, referindo-se especificamente aos estagiários de matemática.

Eu tenho uma leve... um leve sentimento de que a coisa atrapalhava um pouco, porque até dona Martha trazia, de vez em quando, trazia uma substituta que não era, naturalmente, do mesmo nível. Tinha bastante aula de substitutos. Era gente

¹²⁸ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 17.

¹²⁹ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 18.

preparada, claro, mas eu acho que quebrava o ritmo.¹³⁰

Para Denise, entretanto, tratava-se de uma época muito agradável no Colégio, uma vez que considerava que os estagiários proporcionavam um clima mais flexível e politizado.

S - [...] tinha uma época que era muito agradável, que era a época da chegada dos estagiários, a gente os recebia muito bem, porque a gente gostava: eram pessoas mais jovens, mais flexíveis, mais atualizados no mundo, mais engajados. Então, era uma época que a gente saía um pouco do currículo pra debater o assunto mais tabu da Literatura ou coisa assim. Era um mês de estágio em várias disciplinas, né?

Os estagiários de História, de Geografia, de Língua Portuguesa. A nossa professora titular aqui do Instituto, a professora Rosa Virgínia Matos, ela foi estagiária da minha turma, na segunda série do ginásio.

D - Lembra das estagiárias de matemática, também?

S - Não, não me lembro. Quer dizer, não devia ser muito comum, não devia ser muita gente. Eu me lembro que tinha muita gente em Literatura e Língua Portuguesa, me lembro que tinha muita gente em Língua Estrangeira, entendeu? Eles arrasavam, era raro a gente... Quer dizer, a gente não sentia o fato deles serem ainda estudantes, podendo até fragilizar o nosso conhecimento, não.¹³¹

Destacar os trechos das entrevistas tanto de Denise quanto de Ricardo tem por objetivo possibilitar algo mais do que o acesso à opinião deles a respeito dos estagiários, mas indicar o caráter heterogêneo das lembranças a respeito de diversos assuntos que foram tratados nas entrevistas. Vale destacar que essa variedade reforça a evidência de diversas motivações e interesses particulares que moveram os entrevistados durante a narrativa de suas lembranças¹³².

Denise, por exemplo, se lembra dos professores das áreas de Letras e Ciências Humanas (em função de sua trajetória de vida e vinculação profissional¹³³), mas não chega a recordar dos estagiários de matemática. Esse silêncio¹³⁴ nos sugere um distanciamento e/ou um possível desinteresse pela disciplina na época da escola, como deixa claro em outros trechos de sua entrevista. Ricardo, de sua parte, chega a lembrar que variava o “nível” dos estagiários de matemática que atuaram no Colégio, sugerindo que os alunos percebiam que os estagiários não tinham o mesmo domínio de conteúdo ou o mesmo preparo que os professores.

¹³⁰ SILVA, Ricardo A. A. da. *Entrevista*, p. 16.

¹³¹ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*, p. 18.

¹³² POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. 1989; PORTELLI, A. História oral como gênero. 2001; .. Ensaio de História Oral. 2010.

¹³³ Possui graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas com Alemão pela Universidade Federal da Bahia (1976), graduação em Bacharelado em Letras Vernáculas com Alemão pela Universidade Federal da Bahia (1973), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1979) e doutorado em Linguística Teórica - Ludwig Maximilian Universität München (1985). Atualmente é Professora Associada III da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando no grupo de pesquisa Transculturalidade, Linguagem e Educação (ANPOLL), línguas, discursos e culturais à margem. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4799843J8>>.

¹³⁴ POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. 1989.

É importante salientar que esta variação das memórias não sinaliza para uma falibilidade da memória como fonte histórica¹³⁵. Elas se encarregam de contribuir para o esclarecimento de diferentes pontos de vista que os estudantes tinham dos mais diversos episódios vivenciados no Colégio.

Ademais, uma variação de pontos de vista expressos nas memórias, como no exemplo acima, contribui para iluminar um aspecto próprio da constituição de uma memória coletiva. Apesar de propiciar alguma estabilidade produzida pela variedade de aspectos do passado que se cristalizaram e passam a figurar como uma espécie de memória comum para todos os membros do grupo¹³⁶, esse enquadramento não é absoluto. A consolidação de uma memória coletiva também passa pela possibilidade de se preservar as particularidades das memórias individuais dos sujeitos a ela ligados, que não chegam a questionar a coerência interna da memória coletiva.

As narrativas de Ricardo e Denise apresentam ainda um elemento que me interessa discutir aqui, um traço comum que possuem com as narrativas de outros entrevistados, quando tratam da atuação dos estudantes da FF no CA. Em ambas sugere-se que a chegada dos estagiários provocava uma mudança no ritmo escolar cotidiano, que para Ricardo é indicado como relativamente negativa e para Denise como um período positivo para as práticas didáticas do Colégio.

Ao que parece, não se tratam de mudanças metodológicas significativas com relação às rotinas de ensino dos professores efetivos do CA, tanto que os entrevistados sequer fizeram menção a tal possibilidade. Quando foram perguntados a esse respeito, responderam fazendo associações com a indisciplina ou a insubordinação já mencionadas. No caso de Denise, que declarou gostar muito “da época da chegada dos estagiários” isso sugere bem mais uma diferença propiciada pela possibilidade de sair um pouco do conteúdo previsto pelo programa escolar. Eunice corrobora essa interpretação ao narrar a lembrança de uma estagiária de língua portuguesa:

[...] lembro de uma estagiária de português, que agora não vou lembrar o nome, que era tão gozado, que ela ficava falando pra gente da vida dela com o noivo (risos) eu não sei que horas ela falava disso pra gente, da vida dela, da vida dela com o noivo... que quando começaram a namorar, ele levava pra ela essas revistas de fofoca, não sei o que lá... que eram outras na época, e que ela não lia, que ela nunca tinha lido essas revistas e ele levava pra agradar a ela e ela teve que dizer que não gostava

¹³⁵ SILVA, H. R. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. 2002, p. 425-438; SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. 2003, p. 103-128.

¹³⁶ LEMOS, M. T. B.; MORAES, N. A. (Org.). Memória, identidade e representação. 2000; POLLAK, M. Memória e identidade social. 1992.

dessas coisas...¹³⁷

Além dos “praticantes”, outros personagens também foram marcantes nas entrevistas dos ex-alunos. Apareceram o “baleiro Tchulha”, a vendedora de acarajé e o Seu Antônio “caderneteiro”, personagens que, apesar de aparentemente secundários, ajudam a compreender traços peculiares que caracterizavam aquela instituição para seus ex-alunos e que não poderiam deixar de, pelo menos, serem citados aqui.

[...] tinha um baleiro dentro da Escola que era... a história do baleiro você conversa com os meninos, porque era uma amizade enorme – ele faleceu agora –, e foi assim muito orientador da parte sexual dos meninos, que ele morava no brega, então essa parte aí eles que sabem, eu não sei, Tchulha, o nome dele do baleiro, tinha baiana de acarajé dentro da Escola, né, tinha até os lanchezinho... e no próprio arredor dali tinha um pé de cajarana [...] ¹³⁸

Ao rememorar a ambiência do Colégio, além do pé de cajarana, fruta típica da região, e da vendedora de acarajé, Anna Cristina aponta para mais um elemento daquele cotidiano escolar carregado de marcas de uma época. Apesar do Aplicação ser um colégio misto, havia demarcações importantes pelo menos em alguns comportamentos que separavam meninas e meninos.

Um exemplo disso é a “amizade enorme” com o “baleiro” que aparece na sua narrativa. Esse personagem é identificado como ligado apenas aos meninos e, segundo a entrevistada, exercia a função de orientá-los sexualmente. Ela, não teria como ser orientada diretamente por não ser do sexo masculino.

Vale destacar que o tema sexualidade não ficava restrito aos meninos, sendo tratado pelas meninas de um modo diverso. Um episódio interessante sinaliza como o tema sexualidade era discutido entre elas. Denise conta como, por volta dos seus treze anos, ficou sabendo a respeito do modo como nasciam os bebês.

Eu não sabia nem como é que os filhos nasciam. Esse segredo me foi colocado, acho que entre a segunda e a terceira série, no jardim de Nazaré. A gente ia pra Biblioteca Monteiro Lobato, a turma inteira... Aí começou, kikiki, kakaka...

Eu disse: – o que é?

Aí outros colegas... acho que foi V., que hoje é médica, disse: – Você não sabe como é que os filhos nascem?

Eu disse: – Não, nunca me...

Aí, outra colega – eu lembro, foi E. – me pegou e fomos pra debaixo de uma árvore aí me explicou.

Fiquei tão chocada, tão arrasada nesse dia...

– não é possível!

Incrível, acho que isso foi na segunda ou na terceira série, foi muito engraçado, né? Chegar naquele ponto... Meu Deus, eu tinha doze pra treze anos. Então, me lembro

¹³⁷ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 18.

¹³⁸ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 16.

desses momentos assim, quer dizer, tudo existia, né?¹³⁹

Por um lado, a fala de Anna Cristina indica que para os meninos as descobertas sexuais eram compartilhadas com um homem adulto, um personagem do Colégio que não possuía uma função pedagógica oficial mas, na prática, cumpria o expediente de um tipo de “orientador sexual dos meninos”. No caso das meninas, segundo Denise, a questão se explicava “no segredo” entre elas mesmas, a partir daquelas que possuíssem um pouco mais de informação. Marcas peculiares de um cotidiano particular e indicadores de uma época e uma sociedade que não se restringia à participação nas aulas ou ao cumprimento de atividades pedagógicas.

Na memória de seus ex-alunos, o Colégio de Aplicação situa-se em um universo de práticas e relações que iam desde o empenho para a aprovação nas disciplinas até o esclarecimento e preparação para participarem do mundo dos adultos, fosse pela esfera política, fosse com relação às práticas sexuais¹⁴⁰.

Muitos outros personagens e episódios vividos no Aplicação, narrados pelos entrevistados deste trabalho também mereceriam ser mencionados e, certamente ofereceriam contribuições interessantes para o entendimento daquele tão complexo cotidiano escolar, mas tiveram de ser preteridos em função da especificidade da proposta, ficando as entrevistas, anexadas e podendo ser acessadas na íntegra pelo leitor interessado.

¹³⁹ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*, p. 12.

¹⁴⁰ Não foram feitas menções a episódios de orientação sexual formal no Colégio de Aplicação.

Todas essas cartas, recortes de jornais e fotografias são agora como os degraus descendentes de uma escada construída sobre uma areia movediça que puxa você mais e mais para baixo, para os porões sufocantes e escuros da memória: essa hidra de lembranças em que brotam várias cabeças cada vez que você se atreve a cortar uma.

(Rodrigo Fresán, Jardins de Kensington, p. 19)

2 – O COLÉGIO DE APLICAÇÃO E SUAS PRÁTICAS MODERNIZADORAS

O Colégio de Aplicação tinha, entre suas finalidades, a de proporcionar “a professores e alunos da Faculdade oportunidade de pesquisa pedagógica e experimentação metodológica.”¹⁴¹ O declarado caráter experimental, para além de compor as normas institucionais, era reconhecido pelos os alunos da instituição, que consideravam-no como um traço que o diferenciava positivamente frente a outras escolas públicas da cidade, como ajuíza Sueli Prata:

[...] além de ser uma boa escola como o Central ou o Severino, tinha um outro caráter que era maravilhoso nele que era o fato de ser uma escola experimental. Duas coisas importantes: o fato de ser experimental, quer dizer, todas as novidades pedagógicas e educacionais eram primeiro colocadas no Colégio Aplicação e era também experimental de uma forma muito legal, porque promovia uma intensa relação entre o alunado do aplicação e os novos professores que se formavam, porque os professores todos estagiavam no Aplicação [...] Então, tudo que foi de reforma... acontecia primeiro no Colégio Aplicação.¹⁴²

Segundo a entrevistada, havia outras boas escolas em Salvador¹⁴³, não sendo essa, portanto, a razão que destacaria o Colégio de Aplicação no cenário educacional soteropolitano¹⁴⁴. Em sua interpretação, tratava-se de um colégio que cumpria um papel importante no contexto educacional baiano pelo menos em duas dimensões distintas. Primeiro, por funcionar como uma escola-laboratório para as “novidades pedagógicas e educacionais”, que ali eram experimentadas antes que fossem implementadas nos outros colégios. Segundo, como já foi tratado anteriormente¹⁴⁵, por servir de campo de estágio para os futuros professores que se formariam pela FF.

Há nas narrativas dos outros ex-alunos entrevistados uma série de lembranças que corroboram o argumento de que o Colégio de Aplicação figura, na sua memória, como uma instituição experimental. Segundo eles, os novos métodos, conteúdos, disciplinas, padrões educacionais e até professores eram primeiro testados e somente depois de avaliados ali é que seriam inseridos nas outras escolas da cidade, o que, por consequência, lhe atribuía de certo modo um papel de agência de modernização e vanguarda ante os padrões educacionais

¹⁴¹ REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944). Centro de Memória da FAGED, Universidade Federal da Bahia, Salvador. p. 1.

¹⁴² SUELI PRATA. *Entrevista*. p. 11.

¹⁴³ O Ginásio Estadual Severino Vieira, inicialmente denominado de “Seção Ginásial do Bairro de Nazaré”, funcionando como extensão do Colégio Central, começou a funcionar em 1948 no Bairro de Nazaré no prédio que pertenceu ao presidente do estado da Bahia, de 1900 a 1904, Severino dos Santos Vieira, doado para abrigar a instituição escolar. A partir de 2009 foi transformado em Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão Severino Vieira. Disponível em: <<http://1ceepseverinovieira.blogspot.com/>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2012.

¹⁴⁴ A historiografia da Educação na Bahia aponta para a existência de outras instituições de ensino que tiveram um papel proeminente na configuração educacional na capital, mas não serão analisadas aqui uma vez que não trabalhei com fontes que viabilizem comparações dessa natureza. Um exemplo de instituição reconhecidamente relevante é o Central, já mencionado nesta tese.

¹⁴⁵ Ver seção 1.4 deste trabalho.

baianos da época.

Sueli Prata, ao afirmar que “tudo que foi de reforma... acontecia primeiro no Colégio de Aplicação”, aponta para essa associação entre o caráter experimental do Colégio, elemento que coincide com aquilo que era proposto como uma das finalidades próprias do CA, e a função modernizadora a ser desempenhada pela Instituição. Decorre de sua narrativa que, além de experimentar métodos, conteúdos e padrões educacionais, para ela o CA funcionava como uma espécie de laboratório escolar para as “novidades educacionais” antes que se institucionalizassem em outras escolas baianas.

Para Valber, o padrão institucional do CA se destacava tanto do modelo organizacional da maioria das instituições de ensino secundário da época que seria mais bem identificado com o padrão acadêmico da Universidade Federal da Bahia. Isso se explicita nos exemplos que conta. Primeiro, pela existência de uma grade curricular com certa flexibilidade, disponibilizando algumas disciplinas eletivas, que não tinham o mesmo peso daquelas do quadro oficial¹⁴⁶, e também não possuíam o mesmo sistema de avaliação. A frequência era basicamente o critério de aprovação¹⁴⁷, como no caso de “Teatro”. Depois, pelo fato das aulas não serem fixadas apenas em um turno. Elas eram distribuídas em todas as manhãs e, em alguns dias, à tarde. Por fim, no caso das línguas estrangeiras, as turmas não se organizavam pela idade ou adiantamento escolar dos alunos, mas em função do nível de domínio do idioma. Vejamos.

A gente tinha aulas lá, no formato da Universidade Federal, que era, por exemplo, você ter aulas normais de manhã e você escolhia as matérias eletivas ou optativas, como se fosse na Universidade, aí você tinha matéria que tinha um peso, as que você podia pegar e as que você não podia pegar, aí a gente tinha... pra você ter um ideia, a gente tinha que pegar duas por semestre, tinha artes industriais, [...] você tinha aulas de história da arte, através de slides – imagine isso no início da década de 70 –, você aprendendo Grécia, Roma, os grandes artistas do Renascimento, através de slides, você tinha taquigrafia, [...] iniciação artística [...]

Outra característica muito interessante da Escola é que você tinha testes de língua estrangeira, no primeiro ano [...] e aí um garoto do quinto ano... do que seria hoje a quinta série, primeiro ano de ginásio, fazia um teste – mas se ele estudava inglês desde garoto – ele era nivelado aos caras que estavam no segundo grau, ele frequentava aulas de inglês com esses caras, na mesma sala, era um pivetinho de onze anos com uns caras já barbados [...] Essas aulas eram à tarde e isso permitia você frequentar uma outra sala, com outras pessoas, porque de manhã era o ensino natural, normal.

[...] Ah, tinha teatro também, outra matéria optativa, eu cheguei a fazer teatro lá [...] a gente saía da Escola e atravessava a rua, andava uns trezentos metros e ia pra

¹⁴⁶ De acordo com Art. 10, Título II, Capítulo I, da Lei Orgânica do Ensino Secundário, que trata das disciplinas que deveriam compor a estrutura do ensino secundário. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinossecundario.htm>>. Acesso em 05 de nov. de 2011.

¹⁴⁷ Na Caderneta Escolar de 1964, por exemplo, nas linhas referentes às disciplinas “Coral”, “Educ. Física” e “Taquigrafia” não há registro de notas, mas apenas de faltas. Cf.: CADERNETA escolar, 1964.

Escola de Teatro tomar aula de teatro na Escola de Teatro, imagine, cara...¹⁴⁸

É notória a admiração de Valber quanto à modernidade dos padrões educacionais do Aplicação e seu espanto diante daquela organização escolar que lhe possibilitava vantagens como, por exemplo, ter acesso a artistas importantes do renascimento a partir de imagens projetadas por slides. Cabe salientar que seu juízo não é realizado unicamente com elementos já existentes no passado, mas produzido também com elementos do presente¹⁴⁹. Pode-se notar que sua entrevista apresenta indícios do quanto ele se orgulha do fato de ter estudado em um colégio com padrões tão modernos para época.

Nesse sentido, se evidencia o esforço do entrevistado em organizar intencionalmente sua memória em torno de aspectos que consolidem uma imagem¹⁵⁰ do CA como um colégio moderno na Bahia: tanto por admitir que os alunos estudassem língua estrangeira em turmas niveladas pelo domínio do idioma e não em função da idade, quanto pelo uso de equipamentos tecnológicos ainda pouco comuns ou, mesmo, porque se oportunizasse que estudantes secundaristas estudassem teatro na Escola de Teatro da UFBA.

Em relação às disciplinas obrigatórias do currículo, ministradas pela manhã e que no trecho anterior da entrevista de Valber foram interpretadas como aquelas do “ensino natural, normal”, Jaci argumenta que também possuíam um padrão moderno e serviam para que fossem testadas algumas inovações pedagógicas. “Então, eles experimentavam com a gente as propostas didáticas que eram inovadoras, na época. Isso valeu tanto pra matemática como valeu pra português, que me lembre, isso era o que era mais marcante, era português e matemática.”¹⁵¹

Aproveitando o ensejo da narrativa de Jaci, destaco algumas práticas que foram consideradas modernas pelos alunos, não apenas em português, mas também em história e geografia. Tratarei das experimentações de propostas relativas à matemática e às ciências nos capítulos seguintes deste trabalho.

Em português, o que era considerado como “moderno” era um ensino voltado para leitura, interpretação e produção de textos que, segundo Eduardo, se distinguia muito do modelo de ensino praticado em outras escolas da cidade. Ele toma como parâmetro para essa comparação o ensino de português que era vivenciado por sua irmã no Instituto Feminino da

¹⁴⁸ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*. Salvador, 01/11/2010, p. 5; 14.

¹⁴⁹ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 1990.

¹⁵⁰ POLLAK, M. *Memória e identidade social*. 1992, p. 200-212.

¹⁵¹ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 2.

Bahia¹⁵².

[...] eu pego o curso de português do Aplicação, porque esse eu me lembro bem! Você tinha seis aulas de português por semana e você tinha leitura permanente e leitura em sala, né, você tinha texto pra ler, o tempo todo, quer dizer, eu sou cinco anos mais moço que a minha irmã do meio, que estudou no Instituto Feminino da Bahia [...] um colégio das mocinhas de classe média, etc., etc., e minha irmã, coitada, sofria e odiava português, por que? Porque o ensino que ela fazia de português era um ensino em que ela tinha cadernos específicos pra fazer análise sintática [...] Sabe, né, essa coisa chatérrima que era análise sintática, você ficar descobrindo ao estilo latino, certo, o que é sujeito o que é predicado, o que é não sei o que... o que isso, o que é objeto direto, objeto indireto... e era isso, cara. Ou seja, a frase perde força pra você, não é o entendimento da frase que tá valendo, é a, digamos assim, é a repartição da frase em pedaços e as funções daquele pedaço. Não tô dizendo que isso não te ajuda a escrever e a ler, não. Mas não é o essencial, eu acho que não é.

Então, o Aplicação trabalhou o tempo todo no ensino de português, trabalhava o tempo todo com leitura e muita redação, então, você lia e escrevia o tempo todo, você lia e comentava texto, você lia e redigia, sempre isso, né, e muito pouco, eu diria, o suficiente, a gramática classicamente pensada, né, então, o que era isso, isso lhe dava acesso a um conjunto de cronistas e contistas, famosos na época [...]¹⁵³

Nota-se que, neste caso, o entrevistado atribui ao padrão moderno de ensino de português um status de qualidade superior ao padrão praticado na instituição onde a irmã estudava. Ele sugere, por consequência um aumento no nível de satisfação para os alunos do CA que, em função de estudarem a partir desses métodos, não sofriam nem odiavam aquela disciplina escolar.

Igualmente, fica sugerido na narrativa de Eduardo que o método de ensino a que ele e seus colegas eram submetidos no CA fundamentava-se na utilização instrumental da gramática e da literatura, dando o devido peso a cada uma delas, em função da aprendizagem da leitura e da escrita.

Raimundo considera o ensino de português de um modo um pouco diferente de Eduardo, admitindo que talvez a ênfase na leitura e na redação fosse demasiada, em detrimento do estudo da gramática, o que os tornava “fracos” nesse conteúdo. Os indícios sugerem que o padrão do ensino de português, na época, era o estudo das regras gramaticais, enquanto que a característica moderna do CA era o foco na leitura e na escrita.

[...] a Escola tinha essa preocupação grande de ampliar seus horizontes, isso aí a gente via muito no curso de português, os alunos do Colégio de Aplicação em português eram reconhecidos como muito fracos, por exemplo, em gramática, porque, praticamente, se dava e tudo, mas aí... a ênfase era principalmente em redação, em leitura de texto, leitura de romance e discussão disso, né, então, o forte

¹⁵² “O Instituto Feminino da Bahia foi uma obra social católica, fundada em outubro de 1923, por iniciativa do Monsenhor Flaviano Osório Pimenta e da senhora Henriqueta Martins Catharino. [...] Tinha como principais objetivos dar às suas alunas uma formação moral e religiosa forte, ao lado de uma preparação profissional.” Cf.: PASSOS, E. S. *Mulheres Moralmente Fortes: O Ideal Perseguido Pelo Instituto Feminino da Bahia - 1945/1955*. 1994, p. 71-76.

¹⁵³ Eduardo J. S. da. *Entrevista*, p. 6-7.

era isso, interpretação de texto e tudo... e gramática era meio relegado, mas tinha essa preocupação de criar o gosto pela leitura, das ideias entrarem, discutia ali e sem restrição e a gente discutia de igual para igual, claro que isso aí varia de professor pra professor, tem uns que admitem mais e outros que admitem menos, mas tinha um incentivo na Escola para isso.¹⁵⁴

O que importa destacar aqui é que para ambos o ensino de português do Aplicação, com seus métodos e conteúdos, é analisado, em certo sentido, como superior. Apesar da crítica presente na fala de Raimundo, ambos concordam que essa forma de tratar a disciplina conquistava mais facilmente o interesse dos alunos e possibilitava a abertura de seus horizontes. Para Raimundo, ainda que tivessem alguma perda na gramática, o ensino de português no Colégio visava a objetivos mais importantes como, por exemplo, gerar o gosto pela leitura e fazer com que “as ideias entrassem”.

Não podemos desconsiderar que tais avaliações partem do presente, do ponto em que eles são capazes de considerar os resultados que aquele ensino lhes proporcionou. Assim como na avaliação do Colégio, em um sentido mais amplo, aqui pesa sobre as memórias dos entrevistados a repercussão, nesse caso positiva, que as aulas de português tiveram nas suas trajetórias posteriores.

Anna Cristina, ao recordar o ensino de história durante seu 4º ano de ginásio, no Aplicação, estabelece uma crítica ao modelo tradicional de ensino de história no Brasil¹⁵⁵, que centrava-se na história europeia e na linearidade cronológica, apresentando uma biografia nacional retratada do descobrimento até a revolução de 1930, destacando os acontecimentos factuais e os grandes personagens.¹⁵⁶

[...] foi na quarta série, a gente começava a estudar Burns¹⁵⁷, que é esse livro aqui, rapaz, isso aí dava um nó na cabeça, porque era história interpretada, não era história “quem descobriu o Brasil”, né, nem data, nem nada, e era a história discutida, então você tinha que ler, tinha que interpretar e tinha que discutir e tinha que ver os prós e os contras e aquele fato nunca era aquele fato, tinha todas... tudo que é história mesmo, mas que pra gente era um baque, né, então, a gente estudava os grandes historiadores...¹⁵⁸

Ainda que a entrevistada não tivesse clareza de que o ensino de história do CA se contrapusesse ao padrão nacional, as aulas de história confrontavam uma lógica de ensino e rompiam com o padrão praticado durante a ditadura, período em que o ensino de história no país vivia “uma considerável revisão em seu conteúdo programático [...] tudo voltado para o

¹⁵⁴ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 17.

¹⁵⁵ Anna Cristina cursou 4ª série do ginásio durante a ditadura militar em 1970.

¹⁵⁶ MATHIAS, C. L. K. *O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica*. 2011, p. 40-49.

¹⁵⁷ BURNS, E. M. *História da Civilização Ocidental*. 1970.

¹⁵⁸ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 5.

emprego dessa disciplina na tentativa de legitimar o estado de exceção do regime militar.”¹⁵⁹

Pode-se afirmar que o padrão de ensino de história no CA reforça a compreensão de que na Instituição o ensino possuía um viés esquerdista¹⁶⁰. Apesar disso, vale dizer que o Colégio submetia-se à organização oficial, evidenciada pelo fato de constarem no quadro geral de disciplinas a “EMC - Educação Moral e Cívica, inserida pela ditadura da época, e no segundo grau tinha OSPB, você tinha que aprender uma série de coisas, dia da bandeira, essas coisas... fazia parte do pacote militar.”¹⁶¹

Eunice preferia as aulas de geografia, nas quais a professora Anália lhe proporcionava um “sabor de aventura”, apesar de reconhecer que a professora de história era considerada como muito interessante por seus colegas.

Eu lembro muito de professora Anália, que ensinava geografia, porque a professora Anália... porque a geografia que a gente viu os outros geosistemas... porque assim, estudar estepes, não era estudar estepes, era estudar o mundo onde tinha as estepes, entendeu? Lembro muito dessa coisa do sabor de abertura de estudar o mundo via geografia, entendeu?

[...] Eu acho que história pra mim, embora eu tivesse uma professora que era considerada muito interessante, exigente, mas nunca foi para mim essa possibilidade de abertura como foi o ensino de geografia..., geografia humana, geografia política, a forma como professora Anália, e também ela era uma mulher muito...

Ela era uma figura, se vestia de uma maneira, se portava de uma maneira, exigia, sabe, tinha um misancene de professor que eu acho que funcionava... que funcionava. Eu lembro muito como a geografia foi pra mim...¹⁶²

A entrevistada conta suas lembranças do ensino de geografia enfatizando traços relacionados com alguns elos afetivos que estabeleceu no Colégio como, por exemplo, a admiração que nutria pela professora Anália, com seu modo de vestir e portar em sala de aula. Ao mesmo tempo em que relembra com entusiasmo dessa disciplina, também aponta para um rompimento com o padrão tradicional do ensino da geografia¹⁶³, que se pautava pela classificação, passando a comprometer-se com a compressão dos processos geográficos que associam mais diretamente a geografia física com a humana e a política.

Havia também uma flexibilização quanto à prática de educação física, que o aluno poderia substituir por outras atividades como a dança moderna, por exemplo. Esse foi o caso de Denise, como se pode notar pelo registro de sua caderneta escolar do ano de 1965.

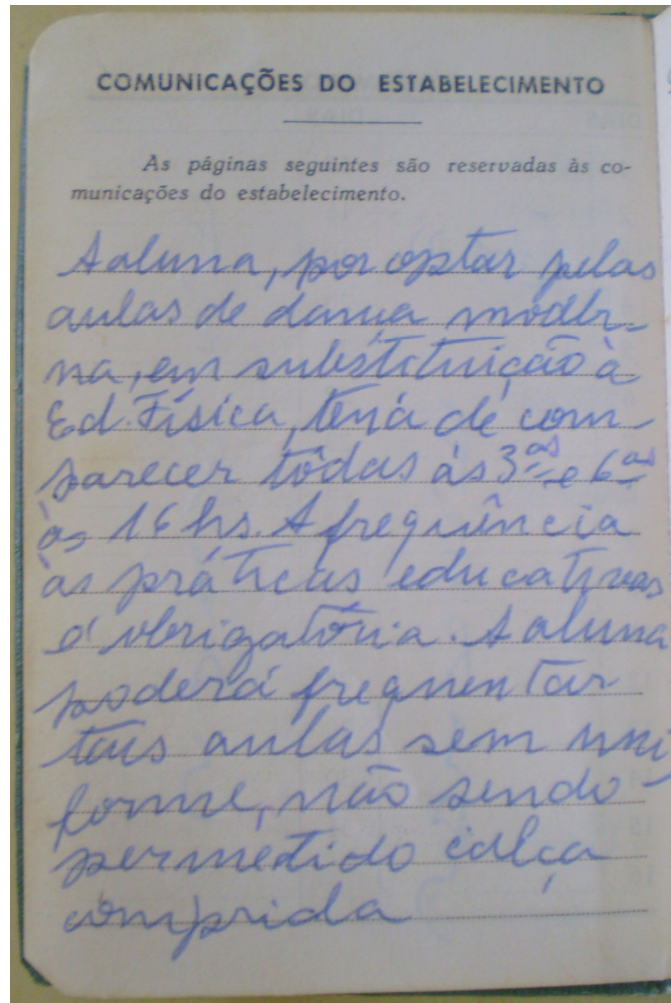
¹⁵⁹ MATHIAS, C. L. K. Op. cit., p. 44.

¹⁶⁰ Cf.: seção 1.3 deste trabalho, Ação política estudantil no CA.

¹⁶¹ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p. 10.

¹⁶² KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 3.

¹⁶³ CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano*. 2000.



Arquivo pessoal de Denise Scheyerl.¹⁶⁴

Em resumo, podemos concluir que os alunos denotam, em suas memórias, que o Colégio de Aplicação possuía uma série de características que o diferenciava de outras instituições escolares da Bahia. Refiro-me à presença dos estagiários da FF, à flexibilização do currículo, marcada pela inserção de disciplinas menos convencionais que poderiam ser eleitas pelo aluno, à distribuição da carga horária nos turnos matutino e vespertino, à organização das turmas de língua estrangeira pelo domínio do idioma e à implementação de novos padrões didáticos, inclusive nas disciplinas mais tradicionais do currículo.

Para além das rotinas de sala de aula, também aconteciam reuniões com o Serviço de Orientação Educacional¹⁶⁵ (SOE). Isso se configurou como um traço marcante do CA nas

¹⁶⁴ CADERNETA Escolar, 1965 – folha não numerada.

¹⁶⁵ O Serviço de Orientação Educacional consta como parte da organização estrutural do CA, de acordo com a segunda seção “DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL” do Capítulo VI “DOS SERVIÇOS AUXILIARES” do regimento interno do CA. REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944).

memórias dos ex-alunos, sendo lembrado pela maioria dos entrevistados. Anna Cristina recorda dos mecanismos de atuação do SOE.

C - [...] tinha uma reunião por semana com o Serviço de Orientação Educacional, até o fim, na época do vestibular. Nós tivemos orientação vocacional feita pela Escola com testes, etc., a Escola se preocupava com essa parte, assim, psicológica do aluno, qualquer briguinha de sala era “vamos discutir a relação”, sentava todo mundo pra discutir a relação, porque aquele aluno estava...

Aí tinha um pouquinho de *bullying*, sim, que agora é esse nome [...] mas aí a Escola fazia aquela reunião com os professores com a história do SOE: “Por que? Vamos dar oportunidade... Por que ele não tá participando de tal coisa?” Mas acho que não era muito... não sei...

D - Essas reuniões do SOE aconteciam como?

C - Tinha a professora do SOE, tinha uma orientadora específica. Normalmente era no turno da tarde, tinha uma salinha, assim, no último andar.

D - [...] Era uma coisa obrigatória?

C - Era obrigatório, mas fazia subgrupos, se eu não me engano, às vezes tinha da sala inteira, que ela vinha até pra sala pra fazer a reunião, mas às vezes eram grupos menores aí a gente ia pra sala dela lá em cima. Era uma atividade normal essa reunião do SOE, era semanal, principalmente na primeira série, eu me lembro bem, que era a época que a gente tava se adaptando à escola, chegando, né, que era tudo muito novo, muito diferente.¹⁶⁶

Consta no item “*do aproveitamento nos estudos e do comportamento em geral*”¹⁶⁷ da caderneta escolar do aluno de 1964, que o SOE se propunha a interagir com os pais, que deveriam colaborar respondendo aos questionários que lhes eram enviados esporadicamente, bem como atender aos pais interessados nos esclarecimentos a respeito da atuação do estudante na Instituição.

O SOE, em conjunto com a direção do Colégio já havia realizado até 1961¹⁶⁸ cerca de quinze encontros denominados *Círculo de Pais*, onde além de discutirem aspectos relacionados com o funcionamento do Colégio, definiam um tema para ser debatido com os pais na reunião seguinte.

Na circular número 20¹⁶⁹, que convoca para uma reunião do *Círculo de Pais*, consta a lista dos temas que já haviam sido discutidos, dos quais destaco “*Problemas de Disciplina, Greve dos Alunos, Como a família pode ajudar na escola, Problema de Cola entre estudantes, Problemas da Juventude, Reflexões sobre a Vida Moderna do Homem*” (*sic*), os quais sugerem que os debates tratavam de questões bastante práticas do cotidiano do Colégio.

Centro de Memória da FAGED, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 20-21.

¹⁶⁶ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 22-23.

¹⁶⁷ CADERNETA escolar, 1964, página não numerada.

¹⁶⁸ Não foram encontrados documentos que permitam afirmar se os encontros do “círculo de pais” continuaram acontecendo.

¹⁶⁹ CIRCULAR número 20, sem título, (1960). 2f. [Colégio de Aplicação]. Arquivo pessoal de Jorge Braga Barreto.

Uma curiosidade que merece ser assinalada é o tema “*Reflexões sobre a Vida Moderna do Homem*”, evidenciando um aspecto que ocupava espaços de reflexão, reiterado por uma série de memórias dos ex-alunos que apontam para as ações do Colégio como modernas ou, pelo menos, alinhadas com valores modernos.

Ainda a respeito do SOE, pode-se afirmar que ele ficou marcado nas memórias dos entrevistados principalmente pelo suporte que lhes ofereceu nos problemas relacionados ao entrosamento com os colegas e ao processo de adaptação às novidades que decorreram do ingresso no ginásio, fosse pela diferença que sentiram em relação ao ensino primário, fosse pelas diferenças relacionadas especificamente ao funcionamento do Aplicação.

Fazendo um balanço das memórias a que me referi até aqui, podemos verificar que, para os alunos, no Colégio vivia-se um clima institucional marcado pelo interesse declarado de modernizar suas práticas. Isso é reforçado pela implementação de uma variedade de inovações educacionais que iam desde a utilização de equipamentos tecnológicos modernos, até a sistematização das práticas de orientação educacional, a partir do SOE.

A partir de uma série de indicações, as memórias analisadas sustentam a modernização como sendo a característica mais marcante do Aplicação, em termos gerais. Esse é o traço que lhe conferiria uma distinção das outras escolas da cidade e, embora não façam menção ao Colégio como um espaço para pesquisas pedagógicas, como consta em seu regimento¹⁷⁰, o recordam como um lugar em que foram realizadas experimentações metodológicas, propiciando “um ritmo, vamos chamar, pedagógico muito intenso [...]”¹⁷¹.

Cabe perguntar de que modo os alunos do Aplicação poderiam ter reconhecido, na época, que o Colégio tinha um “ritmo pedagógico intenso”. O que, no cotidiano daquela escola, lhes daria a impressão de que não se tratava simplesmente de um ritmo pedagógico convencional, mas que lhe atribuía um caráter singular?

Segundo Anna Cristina essa particularidade do Colégio de Aplicação frente aos outros colégios da cidade ficava mais evidente, especialmente, nas conversas que estabelecia com suas amigas que estudavam em outras escolas, quando comparavam conteúdos, métodos de ensino, a disciplina escolar, o engajamento político estudantil, etc.

Era nessas oportunidades que tinham acesso às práticas das outras instituições que os alunos esclareciam para si mesmos o quanto o Colégio possibilitava uma formação diferente, mais aberta e que lhes propiciava o que Anna Cristina considera como “uma vida

¹⁷⁰ REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944). Centro de Memória da FACED, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

¹⁷¹ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 19.

cultural”.

Era muito, muito diferente das outras escolas, muito, conversava com amigas de outras escolas e você via que o que você estudava e o que você conversava lá, ao que você era apresentado, o que você conhecia no Aplicação era muito diferente do que as crianças daquela época conheciam, então, a gente tinha, realmente, uma vida cultural, uma abertura muito maior do que de outras escolas da época, tinham escolas católicas, né, que era o Dois de Julho, não... o... o Vieira e tinha os Maristas e o tipo de educação era muito diferente mesmo, esse envolvimento político, essa sexualidade toda que a gente desenvolvia...¹⁷²

Com esse trecho, chamo atenção para o fato de nas memórias dos ex-alunos aparecer a ideia de que a Instituição possuía um caráter moderno¹⁷³ em diversas práticas cotidianas e não apenas naquelas relacionadas às atividades pedagógicas. Tanto assim que alguns deles recordam que o Colégio ficou reconhecido por seus alunos terem praticado a contestação de alguns padrões da época.

Segundo Anna Cristina, o Colégio ficou tão marcado por sua cultura, identificada com um padrão social também moderno que, segundo lembra, chegava a ser considerado assustador, para alguns pais, ter filhos estudando no Aplicação. Certos comportamentos tidos como indesejáveis ultrapassavam a rotina escolar e se infiltravam na vida de seus alunos, ficando eles identificados por isso, como sugere no trecho a seguir.

[...] eu tinha uma vizinha que estudava no Colégio de Aplicação, talvez por aí que meus pais tenham ficado sabendo [...] eu tinha muita vontade de estudar no Colégio de Aplicação por causa dela. Depois a irmã dela também quis estudar lá, essa que é minha amiga, a mais nova, três anos depois, e aí a mãe disse que não, que perdida bastava uma [...] o Colégio teve uma fama terrível, né, ele era excelente em termos didáticos, ele era muito bom didaticamente, mas em termo de comportamento... e também era tudo de vanguarda, tava muito, assim, era muito experimental, mas para os pais era um choque terrível, era assustador, mesmo, estudar no Aplicação.¹⁷⁴

O que poderia haver de tão assustador no padrão de comportamento dos alunos que justificasse esse juízo a respeito do Aplicação? A que “perdição” estaria se referindo a entrevistada? Por que razão os pais se assustariam com os comportamentos admitidos no Colégio? O que significaria esse choque para os pais, a que Anna Cristina se refere?

Outras perguntas ainda poderiam ser feitas na busca de esclarecimento de detalhes das práticas dos alunos que causassem choque ou que pudessem ter atribuído àquela aluna o adjetivo de “perdida”. Contudo, aqui, interessa muito mais tentar esclarecer o que está por trás da afirmação da entrevistada. Não simplesmente o que ela diz, mas o que a motivou a

¹⁷² ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 11.

¹⁷³ Ver Nota nº 22 deste trabalho.

¹⁷⁴ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 2.

produzir a interpretação¹⁷⁵ que, proporcional à fama de qualidade educativa do Colégio, estava sua reputação de uma escola condescendente com certos comportamentos que, na visão de alguns pais, eram considerados inadequados.

A entrevistada faz de sua narrativa uma celebração do caráter moderno e experimental do Aplicação, aspecto considerado tão valioso que era capaz de distingui-lo frente a outras instituições escolares da Bahia, lhe atribuindo uma condição especial de escola modernizadora. Não é com o objetivo de desmerecer a Instituição que Anna Cristina narra tal memória, pelo contrário, é para reafirmar o Aplicação como colégio modernizador. Ao contar aquele episódio, ela indica que suas práticas educativas eram tão modernas que chegavam a assustar.

Assumindo uma atitude semelhante a respeito do papel que o Colégio desempenhava no processo de rompimento com padrões sociais que estavam sendo revistos por sua geração, Eduardo acrescenta:

Nós vivíamos numa época, quer dizer, esse período, os anos 60 e que vai e invade os anos 70 é... esse período é um período, efetivamente, de novos comportamentos, de novas formas de relacionamento é... que substituem completamente as gerações anteriores a nossa, certo? Ou seja, o que são gerações anteriores a nossa? São gerações, normalmente, que se iniciam sexualmente é... nos puteiros da vida, né, que se iniciam com prostitutas, etc., etc., nos anos 60 passa a ter um outro tipo de caminho, né, as pessoas passam a ter relações sexuais é... com namorada ou namorado, certo? Ou seja, passa a ser um outro patamar, um outro patamar, um novo e maravilhoso patamar, certo, onde as pessoas passam a se conhecer um pouco melhor e, ao mesmo tempo, é um Colégio, digamos, onde as pessoas tinham, tinham... acesso a um conjunto de informações... [...] talvez ali estivesse contido e ali estava contido, talvez não, com certeza estava contida uma crítica social intensa, o Colégio trabalhava muito nessa linha, quer dizer, enxergar o mundo criticamente, enxergar a sociedade criticamente [...]¹⁷⁶

Para ele o Colégio não era o único responsável por uma modernização dos padrões sociais de seus alunos, mas, segundo ele, contribuía diretamente com isso ao possibilitar acesso a informações e ao exercício da análise crítica da sociedade e dos valores vigentes.

Não se pode deixar de destacar o quanto a memória apresentada por Eduardo está carregada pelo seu sentimento de pertença¹⁷⁷ àquela geração que participou da contestação da sociedade baiana daquela época, atribuindo ao grupo do qual ele fazia parte a responsabilidade pela mudança de “patamar”, aderindo ao modelo que ele qualificou como “novo e maravilhoso patamar”.

¹⁷⁵ Ver Nota nº 31 deste trabalho.

¹⁷⁶ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*, p. 5.

¹⁷⁷ SILVA, H. R. *Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória*. 2002, p. 425-438; BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2003; BARROS, M. M. L. *Memória e família*. 1989.

Ao colocar-se desse modo, ele acaba assumindo certa pretensão de que sua geração teria oferecido uma modernização bem mais importante, frente aos comportamentos das gerações anteriores, arrancado a sociedade baiana de um tipo de “idade de trevas”, lhe oferecendo um padrão supostamente mais adequado e satisfatório de relações pessoais. Para Latour, essa é uma marca importante que aparece nas justificativas associadas a certos processos de modernização¹⁷⁸ e que vem bem a calhar à análise aqui proposta: estou entendendo que o Colégio não foi uma instância de modernização geral da sociedade ou do mundo, mas de si mesmo, de suas práticas e das práticas de seus alunos. A modernização, neste caso, não é uma categoria geral, mas algo bem particular. Os termos “moderno”, “modernizador” ou “modernização” estão sendo tomados neste trabalho como características peculiares¹⁷⁹ presentes em certas práticas e construídas nas memórias dos entrevistados, e não como conceitos universais estabelecidos *a priori*.

Ainda explorando essa compreensão do Colégio de Aplicação como uma instituição modernizadora das práticas sociais de seus alunos, destaco um trecho da entrevista de Eunice em que ela recorda que não existia, no Colégio, um movimento unificado que o conduzisse para o moderno. Para ela, havia traços de “avanços” sim, mas que se desdobravam no confronto com os traços tradicionais daquela instituição, como se nota a seguir:

Enfim... então era um estudo que era muito prazeroso. Acho que tem isso sim, era muito prazeroso estudar. Peguei latim, a gente tinha francês, a gente tinha economia doméstica no primeiro ano (risos)
Então, era uma escola que tinha os avanços, mas tinha todo o desenho de uma escola bem tradicional, no sentido da formação daqueles jovens, que as meninas tinham economia doméstica e os meninos não tinham. Eu não sei o que os meninos faziam nessa hora, eu não lembro o que é que eles faziam nesse horário, mas eles não tinham economia doméstica, enquanto a gente aprendia a fazer torta...¹⁸⁰

A entrevistada aponta para um aspecto importante do processo de implementação de padrões, naquela circunstância, modernos. Para que novos padrões institucionais se estabelecessem era preciso que também se desorganizassem alguns esquemas tradicionalmente instituídos. Isso é uma evidência da relação entre o par moderno/tradicional¹⁸¹ que se estabelece pela tensão de que aquilo que a certa altura figura como moderno e inovador, em um momento seguinte pode se configurar como tradicional e antigo.

Não posso deixar de considerar que o riso da entrevistada, após contar que havia

¹⁷⁸ LATOUR, B. *Jamais fomos modernos : ensaio de antropologia simétrica*. 1994, p. 70.

¹⁷⁹ Nesse sentido, trata-se de uma concepção mais afeita a Le Goff e Rodrigues, que assumem o moderno como um rompimento com o passado. Cf. Nota nº 22, deste trabalho.

¹⁸⁰ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 3.

¹⁸¹ LE GOFF, J. *Antigo/Moderno*. 1984, p. 370-392.

estudado *Economia Doméstica* no Colégio, é um indício do seu desconcerto por admitir que este componente curricular, que já fora oficial¹⁸² e obrigatório da formação escolar das meninas, pareça não ter mais sentido ao ser relacionado com as instituições escolares da atualidade, já que cedeu lugar a “outras urgências”.¹⁸³ Conforme afirma, o fato de *Economia Doméstica*¹⁸⁴ fazer parte do quadro de disciplinas do CA era para ela uma evidência de que o Colégio mantinha uma formação “tradicional” apesar de uma série de “avanços”, destacados ao longo de sua entrevista.

A concepção do “moderno” nas memórias dos ex-alunos passa também pela interpretação de que o caráter experimental do Colégio expunha seus alunos a uma condição de cobaias das propostas lá experimentadas, como conta Anônima: “era aquela tal história: nós éramos cobaias. O que aparecesse de novidade, primeiro era passado para a gente e depois passado para o mundo.”¹⁸⁵

A sensação de ser “cobaia”, narrada por ela sinaliza, para o fato de haver, entre os alunos, a impressão de um risco associado ao caráter experimental do Colégio. Por um lado, tem-se a interpretação de que havia uma certa vantagem no ineditismo das práticas do cotidiano escolar do CA, já identificada em uma série de memórias já mencionadas nas páginas anteriores. Por outro lado, o fato de ter se considerado como cobaia do modelo experimental da Instituição, sugere a existência de uma dúvida quanto aos resultados que aqueles métodos poderiam oferecer ao final da trajetória escolar. Essa é uma ponderação bastante pertinente uma vez que não havia “garantia” de que produziriam bons resultados, já que era ali que estavam sendo testados empiricamente, pelo menos para os ex-alunos entrevistados.

Anônima chega a sugerir que as “novidades” realizadas no Colégio, uma vez aprovadas, seriam levadas para o mundo. Chamo atenção disso não para colocar em questão se os métodos utilizados no CA seriam ou não levados para outras instituições, mas para sinalizar que ela sugere que se tratavam de inovações produzidas ali no próprio Colégio. Em decorrência dessa interpretação, se evidencia que, ainda que ela esteja generalizando, não havia uma clareza para os alunos a respeito de onde haviam sido elaboradas algumas

¹⁸² Lei orgânica item 3 do artigo nº 25 – “do ensino secundário feminino”. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>>. Acesso em 05 de nov. de 2011.

¹⁸³ CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. 1990. p. 218.

¹⁸⁴ O componente *Economia Doméstica* consta impresso no quadro fixo das disciplinas do Colégio até o ano de 1963. No ano seguinte o quadro se modifica e passa a não mais indicar impressa a lista de disciplinas, deixando o espaço para o preenchimento seja feito à caneta e a partir do qual não aparece mais o referido componente didático. Tive acesso às cadernetas de 1961 até 1967 de Denise Chaves de Menezes Scheyerl. Cf.: CADERNETA Escolar 1961-1967.

¹⁸⁵ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 13.

propostas metodológicas ali experimentadas ou, pelo menos, isso não ficava claro para todos os alunos, como era o caso de Anônima.

Entretanto, entre os entrevistados não há consenso a esse respeito. Raimundo, por exemplo, conta que não se sentiu como “cobaia” ao deparar-se com o que estava sendo experimentado no CA.

[...] nunca me senti como cobaia, porque confiava naquelas pessoas, até porque o *status*, quando você tem dez anos de idade o professor – mesmo que o professor tenha vinte anos pra você é... – então, você confiava naquelas pessoas, nunca tive esse sentimento de que era um teste, não. O professor estava lá ensinando porque era assim que deveria ser ensinado mesmo e pronto.¹⁸⁶

O que aparece nessa discordância entre as lembranças dos entrevistados parece ser, na verdade, um importante indicativo a respeito do modo como cada aluno teve mais ou menos disposição em aceitar as experimentações metodológicas que eram praticadas no Colégio. Isso não nega, em nenhum dos dois casos, que eles se dessem conta de que havia no CA o emprego de métodos experimentais. A diferença é que, para Anônima, tal ineditismo evidenciava o risco próprio de qualquer experimentação e, para Raimundo, não parecia haver motivos para preocupações ou, simplesmente, não cabia a ele a responsabilidade por tais riscos. Eis aqui mais um exemplo da variedade de perspectivas pessoais que não questionam a memória coletiva. Talvez isso também pudesse ser julgado como uma contradição, muito embora se trate de uma diferença de pontos de vista, que gerou diferentes perspectivas, e não uma contradição.

A modernização praticada no CA se constrói nas memórias também pela lembrança dos resultados positivos alcançados por seus ex-alunos em suas trajetórias, após a saída do CA.

A desconfiança sugerida na memória de Anna Cristina transcrita a seguir, indica que certos aspectos modernos praticados no CA (“provas abertas”, por exemplo), ainda que representassem um relativo ganho na formação geral, não os preparavam para enfrentar situações mais típicas como a prova de vestibular:

Dava uma ansiedade muito grande, por que? Nós não sabíamos fazer prova de múltipla escolha, primeira coisa era isso, não se fazia prova de múltipla escolha no Colégio de Aplicação, era prova aberta, era questão de passos, que nem tinha prova, era um diálogo direto com o professor, certo, era muito trabalho em equipe, era trabalho de aula expositiva, era interpretação de texto, era discussão em sala, então, você não sabia fazer prova de múltipla escolha, então, você ia pro vestibular, só existia naquela época UFBA e Católica, certo, só tinha essas duas universidades, é... e todas duas tinham provas de múltipla escolha, então você ficava extremamente ansioso, porque achava que não sabia nada, que não ia

¹⁸⁶ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, 40.

saber fazer a prova, porque as perguntas não ia responder e os professores diziam que não, que ficasse tranquilo, que nós tínhamos base, que a gente tinha conhecimento, que não sei o que...

[...] O que acontecia é que quando as pessoas faziam o vestibular, noventa e nove por cento, cem por cento dos alunos passavam, realmente, se você depois fizer, conseguir fazer uma estatística, todo mundo do Colégio de Aplicação passou no vestibular, normalmente, na primeira vez que fez, ou na Católica ou na Federal ou em ambas, sempre, então, a gente tinha esse medo, mas, realmente, nós estávamos muito bem preparados e conseguimos passar.¹⁸⁷

Apesar da “ansiedade muito grande” indicada na construção dessa memória, os padrões de ensino e avaliação que eram praticados no CA foram celebrados pelos ex-alunos como padrões inéditos para a época. Fato que acabava por provocar nos alunos, ao final do ensino secundário, uma espécie de crise “porque achava que não sabia nada, que não ia saber fazer a prova, porque as perguntas não ia responder [...]”, mas os resultados alcançados (“noventa e nove por cento, cem por cento dos alunos passavam, realmente”) revelam o efetivo preparo para enfrentar o desafio do vestibular comprovando, relativamente, alguma eficácia da proposta. A pergunta que fica é: por que ela conta isso? Por que ela faz questão de afirmar que, apesar dos alunos se sentirem despreparados, eram aprovados no vestibular? Posso considerar que essa sua atitude deriva do interesse em reforçar a validade do argumento dos professores, de que o padrão “moderno” do Colégio “realmente” preparava os alunos.

Vale mencionar que Anna Cristina é uma articuladora importante entre os ex-alunos, como se fosse uma guardiã da memória do grupo. Como já vimos nas primeiras páginas da tese, ela é uma das pessoas que organiza eventos, e se preocupa com a preservação de uma certa memória, inclusive tendo assumido parte da responsabilidade pela Lista do Yahoo-Grupos, como se vê, novamente, a seguir:

[...] adoro ficar na internet, adoro essa parte de e-mail, acho que a internet é fantástica pra comunicação –, aí comecei a conversar com as pessoas por e-mail, não sei o quê... montei um cadastro de ex-alunos, fiz uma ficha de... para as pessoas preencherem, muita gente preencheu, outros, não, aí tenho... e virei mais ou menos o centro, o pessoal diz que eu mantenho essa comunidade, porque eu tô sempre mandando mensagem¹⁸⁸.

Reforço a ideia de que, na narrativa de Anna Cristina, o que os professores diziam não era suficiente para diminuir o sentimento de insegurança dos alunos. Os resultados alcançados pelos colegas mais velhos no vestibular (e, depois, o dela mesma) foi utilizado para produzir uma memória que coloca a pergunta quanto à eficácia ou não do Colégio como uma dúvida própria da inexperiência dos alunos, dando razão predominante à voz dos professores quando diziam que eles estavam preparados.

¹⁸⁷ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 6-7.

¹⁸⁸ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 19-20.

Valber também conta que em outros colégios, mais especificamente no Colégio Dois de Julho, em que estudava sua irmã, as avaliações de matemática eram de múltipla escolha: “eu acho que a grande inovação em relação aos outros lugares, pelo que eu perguntava a colegas meus, minha irmã que cursava no Dois de Julho, mesmo ano que eu, era que lá era prova de marcar sobre assuntos numéricos e eu fiz uma oitava série completamente...”¹⁸⁹

Essa insegurança dos alunos quanto à suposta inadequação dos padrões do CA ao modelo de prova usado nos vestibulares da época também pode ser notada quando alguns deles contam ter feito cursinho pré-vestibular, como foi o caso de Roberto, que recorda:

[...] eu nunca tinha feito uma prova de múltipla escolha, nunca, quando foi pra fazer o vestibular eu fui pra um cursinho pra fazer, pra aprender a fazer prova de múltipla escolha, então, eu fui num cursinho de matemática, de física e de química, pra aprender a fazer prova de múltipla escolha, porque eu não sabia fazer, não fui treinado pra fazer, até na matemática nossas provas, o acompanhamento todo era feito de forma cursiva, então você tinha que explicar, desenvolver teoremas, era quase que proibido decorar, quer dizer, as fórmulas tinham que ser comprovadas, você tinha que chegar na fórmula, porque que você utilizou aquela fórmula, tinha que explicar, eram verdadeiras laudas...¹⁹⁰

A ansiedade apresentada pelos entrevistados, em relação ao vestibular e que os levou a fazer cursinho pré-vestibular, pode estar conectada com uma pergunta importante: se eles consideram que o CA não os preparava para o vestibular em que se baseia o juízo de que o Colégio teria contribuído para abrir seus horizontes, como sugerido por Eduardo e Raimundo, em trechos apresentados anteriormente, em relação ao ensino de português, por exemplo. Para que o CA os preparou?

Há, nas memórias dos entrevistados, uma ideia que associa a implementação de padrões modernos, especialmente os relacionados ao ensino de ciências e matemática, a uma função propedêutica do Colégio, que preparava os alunos para os estudos que se realizariam no ensino superior¹⁹¹. Apesar de ajuizarem que o ensino os preparou para o atendimento de demandas particulares e específicas do curso superior, o vestibular – com sua prova objetiva – representava uma ameaça ante o que eles consideravam como uma fragilidade. Nos próximos capítulos, abordarei especificamente aspectos pertinentes ao ensino em laboratório e ao “método dos passos”, no caso de física, química e biologia, e do desenvolvimento de argumentos dedutivos nas provas e exercícios exigidos nas aulas de matemática. Antes, contudo, vejamos essa associação na narrativa de Ricardo:

¹⁸⁹ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p. 25.

¹⁹⁰ SENNA, Roberto D’A. *Entrevista*, p. 2-6.

¹⁹¹ A respeito da função propedêutica do ensino secundário, ver: ZOTTI, S. A. O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. 2006.

[...] na época do Colégio Aplicação, existia uma dicotomia enorme, é um fosso entre a metodologia de ensino do Aplicação e a do cursinho, que era onde a gente tinha que se dedicar mais e, já na Escola de Engenharia, voltava um pouco à metodologia do Aplicação, porque eram professores dedicados à ciência, né?

[...] o cursinho do vestibular era focado pra aquilo que é perguntado no vestibular, lá não, era uma coisa pra você se preparar pra o que vinha depois e o Aplicação era mais ou menos a mesma coisa. Mesmo porque, fazia parte da UFBA. A coisa que era ensinada em Filosofia era a mesma coisa... Acredito que era o mesmo tipo de pensamento que existia nos primeiros anos... nos anos básicos da engenharia.¹⁹²

Ricardo acrescenta em sua fala mais dois elementos que ajudam a explicar como, para os alunos, o CA é concebido como uma instituição modernizadora: a interpretação que não atribui ao CA uma preparação para o vestibular e, em paralelo, a interpretação de que o CA possuía uma função associada à preparação direta para universidade.

Os alunos estariam se preparando direto para a formação que teriam na universidade, interpretação que se ajusta bem, por exemplo, com os objetivos associados à ampliação da carga-horária das disciplinas de ciências experimentais do Colégio de Aplicação. De acordo com Krasilchik¹⁹³, esses objetivos passaram a ser esperados do ensino de ciências experimentais a partir da Lei nº 4.024/61, que aumentou substancialmente a carga-horária dessas disciplinas no colegial. Essa medida também estava em consonância com os interesses políticos nacionais para os quais parecia estratégico aumentar o peso das disciplinas de ciências experimentais e matemática no nível secundário no país, acompanhando uma tendência internacional.¹⁹⁴

Anônima conta que essa aproximação entre o que se ensinava no Colégio e a formação no ensino superior era bem evidente no caso das aulas de matemática, se referindo ao período em que a Matemática Moderna já se havia implantado no CA (tema que tratarei nos Capítulos 3 e 4):

[...] esse conteúdo que tinha nas apostilas, o livro das apostilas, era o mesmo conteúdo que era dado para o pessoal de licenciatura, numa simples disciplina chamada fundamentos da matemática elementar. Era esse o conteúdo, o mesmo conteúdo de fundamentos era o mesmo conteúdo que os alunos do Aplicação faziam

¹⁹² SILVA, Ricardo A. A. da. *Entrevista*, 17-18.

¹⁹³ A respeito das reformas educacionais implementadas no ensino de ciências experimentais no Brasil a partir de 1950, ver: KRASILCHIK, M. *Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências*. 2000.

¹⁹⁴ A respeito do papel estratégico que o ensino de ciências experimentais e matemática passou a ocupar na esfera política internacional nos anos que sucederam a Segunda Guerra Mundial no contexto da Guerra Fria, inclusive no Brasil: FREIRE Jr, O.; CARVALHO, M. P.; SERPA, L. F. *A Presença da História no Ensino de Ciências: Um estudo comparativo entre Brasil e Portugal (1960-1980)*. 2001; ORTIZ, E. L. *La política interamericana de Roosevelt: George D. Birkhoff y la inclusión de América Latina en las redes matemáticas internacionales (Parte I)*. 2003; ORTIZ, E. L. *El viaje de Birkhoff a la Argentina y la política interamericana de Roosevelt*. 2003; DIAS, A. L. M. *O movimento da matemática moderna: uma rede internacional científico-pedagógica no período da Guerra Fria*. 2008.

em termos de geometria.¹⁹⁵

Raimundo acrescenta outro aspecto, relativo à aproximação do ensino de matemática no CA com o ensino superior: isso lhe dava vantagem frente aos colegas que nunca tinham visto aqueles assuntos que, para ele, tinham sido tratados no último ano do colegial no CA:

O fato de ter visto cálculo diferencial e integral no terceiro ano foi uma coisa que marcou também e me deu uma grande vantagem, porque você chega na universidade e vai estudar isso, seu colega tá vendo pela primeira vez e você já viu aquilo, mesmo que você não se lembre de tudo mais, mas você já tem aquela noção que lhe dá uma vantagem grande, ainda mais eu que fazia geologia, que o pessoal era super fraco em matemática. Isso me dava uma vantagem e me dava um status, né?¹⁹⁶

Ao sinalizar esse aspecto, Raimundo confirma, de certo modo, um sucesso alcançado pelo projeto modernizador para o ensino de matemática no Colégio. Esse projeto, no Brasil, se desenvolveu mais intensamente a partir da década de 1960 e teve, entre seus principais objetivos, como aponta Valente, exatamente o de

[...] aproximar os estudos elementares daqueles ministrados em nível superior. Essa nova matemática, em síntese, consiste na entrada de novos tópicos no currículo da escola elementar, que estavam presentes em nível superior: geometria informal, probabilidades, álgebra e teoria dos números. Os conjuntos aparecem como tema unificador, sendo dada grande ênfase nas estruturas algébricas.¹⁹⁷

Roberto, ao fazer um paralelo entre o conteúdo que era trabalhado no cursinho pré-vestibular e no Colégio, traz mais um indício importante a respeito da função propedêutica do CA. Os conteúdos que viriam a ser cobrados no vestibular já tinham sido trabalhados até o 2º ano do científico e os conteúdos do 3º ano, além de não estarem voltados para o vestibular, ele lembra, seriam trabalhados em disciplinas básicas da formação científica já no curso superior.

Eu me lembro que quando eu saí... quando eu saí, não, quando eu fui fazer o cursinho paralelo com o terceiro ano, todo conteúdo do vestibular eu já tinha visto até o segundo científico, no terceiro científico eu tava vendo conteúdo que eu fui ver no primeiro semestre da faculdade, então... integral, derivada, que era conteúdo de Matemática Básica II, que era a primeira matéria que dava na Faculdade, eu vi no Aplicação.¹⁹⁸

Um outro tema significativo que apareceu nas entrevistas foi a saída do prédio da FF e sua mudança para a sede própria no Canela, em 1967, o que separou os entrevistados em

¹⁹⁵ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 13-14.

¹⁹⁶ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, 40-41.

¹⁹⁷ VALENTE, W. R. *A Matemática Moderna nas escolas do Brasil: um tema para estudos históricos comparativos*. 2006, p. 31.

¹⁹⁸ SENNA, Roberto D'A. *Entrevista*, p. 15.

dois grandes grupos. De um lado, os ex-alunos mais jovens, que estudaram por poucos anos em Nazaré, ou já ingressaram quando o Colégio funcionava no bairro do Canela; de outro, os ex-alunos que estudaram durante todo o período em Nazaré ou que pegaram a mudança para o Canela já nos últimos anos do ensino secundário.

Para os primeiros, a mudança para o Canela representou uma transformação significativa das práticas escolares, com associações mais explícitas a padrões educacionais modernos, e aqueles anos em que o CA passou ali foram decisivos para que ele demarcasse o seu caráter experimental frente à sociedade baiana. Nesse sentido é que Valber conta que até a estrutura física do prédio novo contribuía para sugerir que se tratava de uma instituição experimental:

[...] aquele prédio também parecia que fazia parte daquele processo, – que eu não peguei a sede anterior –, onde estudei eram prédios de concreto armado e tijolo, sem pintura, então, eu acho que isso reforçava pra gente a ideia de um lugar experimental, entendeu?¹⁹⁹

De outro lado, está uma série de lembranças dos alunos que estudaram a maior parte do ensino secundário em Nazaré e que chegam a considerar que a transferência do Colégio para o Canela representa o início de um processo de decadência institucional que culminaria com o fechamento do Aplicação. Para esse grupo, contrariando o que foi afirmado anteriormente, os anos em que o Colégio esteve em Nazaré foram aqueles de maior relevância institucional, quanto à implementação de um padrão de ensino moderno, como aparece na narrativa de Sueli Prata.

“[...] foi um puta de um colégio, né, assim, altamente revolucionário, no sentido mais amplo que você possa entender disso, né, e, por outro lado, a decadência foi tão forte quanto era antes a sua luminosidade, o seu esplendor, mas sua experiência que efetivamente só, só é possível de existir, quando você respira democracia”.²⁰⁰

Para além de considerar que a interpretação dela a respeito da decadência da Instituição durante o período do regime militar demarque sua vinculação à correntes de esquerda²⁰¹, também podemos inferir que essas posições distintas entre as memórias dos entrevistados são evidências de uma diferença que separa os ex-alunos em pelo menos esses

¹⁹⁹ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p. 6.

²⁰⁰ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 2.

²⁰¹ Referindo-se especificamente à resistência imposta a projetos norte-americanos de ensino de Física, (FREIRE Jr. et al.) afirmam que esta “[...] pode ser vista como expressão do sentimento que tomou conta de camadas médias da sociedade brasileira, na segunda metade dos anos 60, no qual a resistência à ditadura militar se mesclava com a resistência à influência norte-americana na vida interna do país. Esta mescla crescia na proporção em que estas camadas médias, e correntes políticas de esquerda, tendiam a identificar no apoio norte-americano ao regime militar brasileiro uma das principais forças de sustentação desse regime.” Cf.: FREIRE Jr, O.; CARVALHO, M. P.; SERPA, L. F. A Presença da História no Ensino de Ciências: Um estudo comparativo entre Brasil e Portugal (1960-1980). 2001, p. 725.

dois grupos. Essas concepções implicam na produção de interpretações distintas que estabelecem uma diferença de pontos de vista sobre o reconhecimento de ter participado com mais ou menos protagonismo da modernização da educação baiana, dentro do Aplicação.

Parece mais plausível considerar que há, entre esses dois grupos, uma divergência em suas memórias²⁰². Eles parecem buscar o reconhecimento, para o período a que se sentem ligados ao Aplicação, de ter sido o mais marcante quanto às práticas modernizadoras, uma vez que todos reconhecem que durante toda existência do Colégio, mesmo no período em que não fizeram parte, havia nele um caráter inovador.

Essa divergência põe em destaque a necessidade de valorizar os traços de modernização que reconhecem em sua geração. Segundo Rodrigues,

Todas as sociedades têm a sua própria modernidade e todas se consideram modernas, pelo menos devido ao facto de, na sua época, serem as mais recentes. Podemos aliás identificar, no passado das mais arcaicas sociedades e civilizações, marcas indiscutíveis de representações do mundo e de comportamentos modernos, quase sempre em conflito com o pensamento tradicional.²⁰³

De acordo com Bradbury, a modernidade tem a prerrogativa de “tornar novo” tudo o que acontece, como um dever de ir à frente de sua própria época e transformar tudo à sua volta.

A tarefa de “tornar novo” implicava a necessidade de seguir em frente, encontrando um novo caminho na experiência da modernidade – uma tarefa de descobrimento e dissidência, uma aventura além dos perigosos limites da imaginação, um ato de libertação das estruturas petrificadas do passado.²⁰⁴

Tudo precisa mudar: esse é o sentido da noção de colapso da cultura tradicional. Só que o moderno e a modernidade se referem sempre ao hoje (*Moderno* vem do baixo latim *modernus*, de *modo*, que significa *recente*; cf. *hodierno*, derivado de *hodie*, hoje, este dia, tempo presente²⁰⁵) e o hoje está fadado a tornar-se sempre ontem. Assim, aquilo que caracteriza esse termo é o movimento, a inconstância, a mobilidade, a busca contínua e interminável de uma forma que sempre se esvai no tempo. Assim, o moderno só tem sentido se permanecer em movimento, se continuar se modernizando. Ou seja, para escapar da defasagem, o mundo deve aderir à modernização e empreender um perpétuo movimento modernizador, sempre apontando para um referencial que lhe é exterior.

Assim, não se pode ignorar que, no período em torno da mudança para o Canela, em 1967, ocorreram mudanças no cotidiano do CA que estão muito além da sua mudança de

²⁰² POLLAK, M. Memória e identidade social. 1992.

²⁰³ RODRIGUES, A. D. Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação. 1994, p. 60.

²⁰⁴ BRADBURY, M. O mundo moderno: dez grandes escritores, 1989, p.19.

²⁰⁵ TEIXEIRA COELHO, J. Moderno Pós-Moderno, 1986, p.13.

endereço. Há, igualmente, fatores de âmbito político-institucional, como a mudança na direção do Colégio²⁰⁶, e processos sociais mais amplos, como o recrudescimento do regime militar no Brasil e, particularmente, na Bahia²⁰⁷.

Outros fatores também podem ter infligido mudanças significativas àquele cotidiano escolar, uma vez que houve, no Brasil, durante os anos da década de 60, uma convergência de fatores que colocaram o ensino de ciências e matemática do nível secundário em processo de acelerada expansão, sob forte influência norte-americana, como já mencionado algumas páginas atrás.

Por seu valor estratégico na configuração política internacional²⁰⁸, associado a um esforço de formação de professores dessas disciplinas, visava-se não somente “reverter o quadro de precariedade da formação dos professores chamados ‘leigos’, mas investir no ‘ensino científico’ numa escola que até então predominava o ensino das ‘letras’ e das ‘humanidades’.”²⁰⁹

Em suma, o que defendo com este capítulo é que há, nas narrativas dos entrevistados, a cristalização de uma certa memória do CA como uma instituição modernizadora, no sentido mais geral. Esse traço se manifesta tanto nos padrões culturais e sociais praticados ali como nas especificidades pedagógicas e nas novidades metodológicas experimentadas em cada disciplina, sendo construída nessas memórias a atmosfera do Colégio, que associa o caráter moderno ao padrão institucional do Aplicação. Quero reiterar que o caráter moderno relacionado ao ensino da matemática é, no âmbito das memórias dos ex-alunos entrevistados, uma marca associada à característica institucional do CA.

Obviamente, é bem possível encontrar traços de modernização em memórias relativas a práticas específicas às disciplinas de ciências experimentais e matemática, tema que será tratado com apuro nos próximos dois capítulos. Especialmente, por levarmos em

²⁰⁶ Em 1967 a professora Zilma Parente de Barros assume a direção do Colégio substituindo a professora Maria Angélica de Matos. Segundo uma série de relatos essa mudança na gestão escolar se explica por problemas político-institucionais entre a direção do CA e da FF e que representou uma modificação significativa no cotidiano escolar do Aplicação. Contudo, a polêmica relacionada à mudança na direção do Colégio não será tratada no corpo deste trabalho, sendo possível de acompanhar nas memórias dos entrevistados que constam em anexo.

²⁰⁷ ZACHARIADHES, G. C. Op. cit.

²⁰⁸ BÚRIGO, E. Z. Movimento da Matemática Moderna no Brasil: estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60. 1989; ORTIZ, E. L. La política interamericana de Roosevelt: George D. Birkhoff y la inclusión de América Latina en las redes matemáticas internacionales (Parte I). 2003; ORTIZ, E. L. El viaje de Birkhoff a la Argentina y la política interamericana de Roosevelt. 2003; DIAS, A. L. M. O movimento da matemática moderna: uma rede internacional científico-pedagógica no período da Guerra Fria. 2008.

²⁰⁹ RIOS, D. F.; BURIGO, E. Z.; OLIVEIRA FILHO, F. ; MATOS, J. M. O Movimento da Matemática Moderna: sua difusão e institucionalização. 2011, p. 27.

consideração a coincidência com a criação do CECIBA e a articulação desses dois campos de disciplinas por parte dos professores que com elas trabalhavam, favorecendo para os entrevistados a compreensão de que possuíam algo que as colocava em uma área comum, com alguns traços que as identificavam, preservadas, contudo, as especificidades de cada uma delas.

“Tudo se torna óbvio uma vez que é explicado.”

(Conan Doyle, As aventuras inéditas de Sherlock Holmes, p.75)

3 – CONEXÕES ENTRE A MEMÓRIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS E DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Para manter a abordagem proposta neste trabalho, me detenho em analisar algumas particularidades do ensino de matemática do Colégio de Aplicação a partir de memórias de ex-alunos. Privilegio alguns aspectos que demarcam seu ponto de vista, indicados por eles nas entrevistas, sem com isso pretender desconsiderar a historiografia já produzida a respeito do processo de institucionalização dos padrões modernos de ensino de matemática no Brasil e na Bahia, conforme já explorado na Introdução.

Desse modo, faço um destaque para o ensino de ciências experimentais, em associação com o ensino de matemática, cuja relação tornou-se mais evidente nas memórias dos ex-alunos quando mencionam o Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA)²¹⁰.

O CECIBA se propunha a realizar, no estado da Bahia²¹¹, uma modernização que vinha sendo discutida internacionalmente. Como destaca Freire, um convênio foi firmado entre a Diretoria do Ensino Secundário do MEC, o Departamento Estadual de Educação e Cultura da Bahia e a Universidade da Bahia,

[...] com o objetivo de introduzir uma renovação no ensino secundário nas disciplinas Matemática, Física, Química e Biologia, mediante o treinamento e aperfeiçoamento dos professores aos novos métodos que estavam sendo colocados em prática, numa amplitude mundial, as cláusulas do Convênio de implantação do CECIBA [...].²¹²

Nas páginas seguintes discutirei especificamente as lembranças dos ex-alunos do Colégio de Aplicação referentes às modificações do cotidiano escolar, derivadas da modernização do ensino de ciências experimentais e, depois, da matemática. Serão tomados como vetores importantes para essa modernização a influência do CECIBA e, após o fechamento do Centro, pelo menos no caso de matemática, a influência das professoras que se mantiveram ligadas ao Instituto de Matemática da UFBA²¹³.

²¹⁰ O CECIBA funcionou de dezembro de 1965 a outubro de 1969, nas dependências da Escola Politécnica da UBA, tendo como coordenadora da área de matemática a professora Martha Maria de Souza Dantas. Cf. FREIRE, I. A. A. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970)*. 2009.

²¹¹ De acordo com FREIRE, a atuação do CECIBA ultrapassava os limites do estado da Bahia, cabendo-lhe atender também o norte de Minas Gerais e o estado de Sergipe. Cf.: FREIRE, I. A. A. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970)*, 2009.

²¹² *Ibid.*, p. 48.

²¹³ DIAS, A. L. M. *Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968)*. 2002.

3.1 MEMÓRIAS DE PROJETOS MODERNIZADORES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS

Mesmo antes de tratar da interferência do CECIBA, quero destacar que a discussão das memórias sobre o ensino de ciências experimentais no Colégio de Aplicação acrescenta uma outra dimensão para o termo “experimental”, já bastante associado ao perfil do Colégio, no capítulo anterior. As disciplinas química, física e biologia tinham a sua carga-horária distribuída entre aulas teóricas e práticas, utilizando o laboratório de ciências do próprio CA ou os laboratórios²¹⁴ da Universidade para a realização dos experimentos, como conta Ricardo.

Química, por exemplo, tinha laboratório, a gente fazia experiência, às vezes a gente fazia alguma besteira no laboratório, mas o professor entendia que tinha sido um erro, alguma coisa, não havia essa, digamos assim, essa pressão desviada de conceitos didáticos, era uma pressão pra você aprender, mesmo que você errasse. A mesma coisa nas outras disciplinas. Física, o laboratório de Física era pobre, o de Química era bom, eu me lembro, Física nem tanto, mas a teoria da Física a gente aprendia direitinho.²¹⁵

[...] Química eu me lembro que era no laboratório, você fazendo... tubo de ensaio, experiência... pra mim era uma coisa totalmente inédita, porque no Marista não tinha isso, também eu não estudei científico lá, não tenho maiores informações. Então, apesar de eu não gostar muito de Química, mas era uma coisa que tornava isso interessante, você poder trabalhar com os compostos e não ficar simplesmente decorando fórmulas.²¹⁶

Ao ingressar no CA em 1962 para cursar o científico, o entrevistado lembra com mais clareza das aulas de química. Elas possuíam uma parte prática que era realizada no laboratório, sendo reconhecidas por ele como “uma coisa totalmente inédita”, em comparação com o ensino de ciências que tivera no Colégio Marista, onde estudara durante o ginásio.

O mais significativo, neste caso, não é a comparação que realiza entre as duas instituições de ensino, pois, como ele próprio reconhece, tratavam-se de níveis de ensino distintos. Ele aponta que aquele modelo de ensino que passou a vivenciar no CA parecia-lhe mais interessante, uma vez que podia “trabalhar com os compostos e não ficar simplesmente decorando fórmulas”. As aulas de ciências experimentais que tinha no Colégio de Aplicação não eram apenas teóricas, o que representava para ele um avanço na comparação com um ensino tradicional. O ensino dessas disciplinas no Aplicação possibilitava uma prática experimental, ainda que o entrevistado considerasse que o laboratório de física fosse pobre,

²¹⁴ O laboratório da Escola de Farmácia. Cf. ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 16; e o laboratório de Faculdade de Enfermagem. Cf. SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 18.

²¹⁵ SILVA, Ricardo A. A. da. *Entrevista*, p. 5.

²¹⁶ SILVA, Ricardo A. A. da. *Entrevista*, p. 12.

restringindo suas lembranças de aulas práticas à disciplina de química.

Segundo sugere sua memória, ele reconhecia que a utilização do laboratório para as aulas de ciências representava um ganho em relação ao ensino apenas teórico, da mesma forma que aquelas aulas de português centradas na leitura e produção de textos, mencionadas no capítulo anterior. A inclusão de aulas práticas ou atividades instrumentais possibilitava ao aluno a oportunidade de experimentar o conteúdo da disciplina de forma articulada com a sua prática efetiva. No caso da química, era a partir da manipulação dos componentes químicos que o conteúdo era trabalhado, lidando inclusive com o risco de errar, para avançar no processo de aprendizagem.

Para Jaci, que ingressou no 1º ano de ginásio no CA em 1961, apesar de admitir que se tratava de uma instituição onde eram empregadas propostas inovadoras, recorda que, pelo menos com a sua turma, essas experimentações se restringiam basicamente ao ensino de matemática e português, diferentemente das memórias de Ricardo sobre o ensino das ciências experimentais no Colégio.

Então, eles experimentavam com a gente as propostas didáticas que eram inovadoras, na época. Isso valeu tanto pra matemática como valeu pra português, que me lembre, isso era o que era mais marcante, era português e matemática. O que, por exemplo, eu acho que pra química, não, a gente não tinha... a gente não usava laboratório, nem pra química, nem pra física. Eu acho que umas duas vezes na minha vida eu entrei no laboratório de química, certo? Existia laboratório da Faculdade, naquele prédio que ficava atrás, ali tinha laboratório. [...] por exemplo, a proposta de português eu acho que a inovação começou antes...²¹⁷

Neste ponto, retomo as considerações já feitas no Capítulo 1, acerca dos aspectos próprios de um trabalho que utilize memórias como fonte de pesquisa. De acordo com uma série de debates no âmbito da historiografia²¹⁸, admite-se como aceitável e até natural a existência de variações nas recordações sobre o passado, pois se pressupõe que as memórias não são a expressão idêntica do que aconteceu, mas uma (re)construção realizada por aquele que a conta. As divergências entre as narrativas de Jaci e Ricardo são um indício importante de que o padrão moderno do ensino de ciências do Colégio foi implantado progressivamente,

²¹⁷ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 2.

²¹⁸ LE GOFF, J. *História e memória*. 1996; HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 1990; POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. 1989; PORTELLI, A. *A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. 1996. p. 59-72; _____. *Ensaio de História Oral*. 2010; SORGENTINI, H. *Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia*. 2003, p. 103-128; BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 1994; COSTA, I. T. M.; ORRICO, E. G. D. (Org.). *Memória, cultura e sociedade*. 2002; LEMOS, M. T. B.; MORAES, N. A. (Org.). *Memória, identidade e representação*. 2000; NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. 1993, p. 7-28; SANTOS, M. S. *Memória coletiva & teoria social*. 2003; SILVA, H. R. *Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória*. 2002, p. 425-438; BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2003.

como a própria Jaci reconhece em outro trecho de sua entrevista, em que lembra como era o ensino de ciências em turmas que vieram depois da dela²¹⁹.

[...] a turma da minha irmã, S., etc. é que começa a ser juntos, já é a turma que vai começar o Colegial em 66 ou 67, que é o ano que já estou saindo.
Aqui a experiência do ensino de ciência, em geral, já tava plena, porque eu me lembro que Felipe Serpa já tinha chegado e tava trabalhando com eles o ensino de ciências, usando aqueles outros livros da coleção, certo?²²⁰

Eis aí um detalhe que talvez tenha interferido na memória de Jaci: após ter cursado dois anos de científico enquanto o Colégio esteve em Nazaré, ela se transfere para a turma de “Estudos Clássicos” para cursar o 3º ano, onde passa a não ter mais as disciplinas de ciências experimentais e matemática no currículo²²¹. Só aí ela cursa o terceiro ano do segundo ciclo do secundário, em uma turma de transição, já que nesse ano de 1967, com a mudança para o bairro do Canela, o “Científico” e o “Clássico” foram unificados, se antecipando às mudanças que serão implementadas pela Lei 5692/71²²². Talvez essa seja a razão pela qual lembra com mais ênfase, isso sim, de como era o ensino de ciências experimentais nas turmas seguintes, já que conhecia pessoas que estudaram em turmas posteriores à sua.

Mais uma vez nos deparamos com uma narrativa que serve como exemplo de como a memória é uma composição. Neste caso, trata-se de uma composição resultante de uma associação com a memória de outrem, em que acabamos por incorporar, às nossas próprias memórias, experiências que não tivemos diretamente²²³.

Eunice, que ingressa no Aplicação em 1963, ou seja, na turma dois anos após a de Jaci, de modo semelhante, conta que as mudanças relacionadas à implementação de inovações no ensino de ciências se intensificaram, no caso da sua turma, a partir do primeiro ano do colegial, em 1967. Isso coincide com a já mencionada transferência do CA para o Canela e com a unificação no “colegial” das turmas que até então funcionavam separadas como “científico” e “estudos clássicos”.

²¹⁹ Jaci sai do Colégio de Aplicação no final de 1967 – ano em que o Colégio muda para o Canela. No entanto, em seu último ano no colégio ela cursa Clássico, não tendo mais as disciplinas de ciências experimentais e matemática no currículo, como ela mesmo conta. MENEZES, J. M. F. de. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <riosdf@hotmail.com> em 18 jan. 2012.

²²⁰ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 5.

²²¹ No currículo do 1º ano do segundo ciclo do ensino secundário para turma de “Estudos Clássicos” de 1964 constam notas para matemática, sem menção às ciências experimentais. A partir do 2º ano, deixam de constar notas também para esse componente. Cf.: VIDA escolar – 2º ciclo. 1967. Arquivo pessoal de Jorge Braga Barretto.

²²² Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm>. Acesso em 03 de out. de 2011.

²²³ Um aspecto reverso é o que nos apresenta Halbwachs, quando afirma que “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós[...]”. HALBWACHS, M. A memória coletiva. 1990, p.26.

[...] No ginásio acho que a gente não pegou nada de... afora o clima, agora no curso de colégio a gente entrou naquela época que foi assim a mudança do ensino de ciências... ensino de física e de química, que aí vieram aqueles livros que eram da formatação americana, lembro que eles incorporaram e a gente pegou no primeiro ano de colégio e fizemos o colégio que aí já não tinha mais científico e clássico quando a gente... quando eu e minha turma chegou nesse ano já era assim...²²⁴

Não posso deixar de dar destaque à referência que Jaci e Eunice fazem à introdução de uma coleção de livros²²⁵ de “formatação americana” como sendo um dos traços marcantes da mudança que aconteceu no ensino de ciências do Aplicação a partir da metade dos anos sessenta e que, para Jaci, estavam associados ao trabalho que o professor Luis Felipe Perret Serpa²²⁶ desenvolveu no Colégio.²²⁷

Raimundo, que ingressou no CA em 1966, também reforça a interpretação segundo a qual houve uma efetiva modernização no ensino de ciências, que Jaci declarou como tendo sido “plena”:

[...] no quarto ano de ginásio a gente começava com uma introdução à ciência, introdução à ciência... eu não sei nem como chamava, como chamavam essa matéria de introdução à ciência, porque você não tinha nada de... Introdução à Ciência Experimental... a gente tinha até um laboratóriozinho com algumas coisas... era meio preparando para os cursos de química, física e biologia, né, que você ia encontrar no curso colegial.²²⁸

De acordo com Raimundo, durante o último ano do ginásio sua turma começou a utilizar o laboratório do Colégio em uma disciplina denominada “Introdução à Ciência Experimental”, indicando o compromisso assumido institucionalmente em favor da implementação de um padrão moderno de ensino de ciências experimentais, para o qual se chegou até a estabelecer uma disciplina que preparava os alunos para isso.

Roberto conta como eram as aulas de ciências experimentais durante seu 2º grau, que cursa a partir de 1973, explicando como era, na prática, o funcionamento do “Método dos Passos”, que ele considera como sendo o aspecto mais inovador e “fantástico” do Colégio de Aplicação:

[...] eu vou te contar uma história, a mais inovadora, mais fantástica, que foi o

²²⁴ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 5.

²²⁵ De acordo com Oliveira Filho, em função da intensificação de investimentos no ensino de ciências de nível médio foram criados projetos que se propunham reformar de ensino médio norte-americano a partir do final dos anos cinquenta dentre os quais o Physical Sciences Study Committee (PSSC), o Biological Sciences Curriculum Study (BSCS), o Chemical Bond Approach (CBA), o School Mathematics Study Group (MSG), financiados pela National Science Foundation (NSF). Esses Projetos foram implementados em vários países dentre eles o Brasil. Cf.: OLIVEIRA FILHO, F. O School Mathematics Study Group e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. 2009, p. 64.

²²⁶ DIAS, A. L. M. Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968). 2002.

²²⁷ Um debate específico a respeito dos livros modernos usados no CA será realizado no item 3.3 deste trabalho.

²²⁸ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 6.

estudo de química e física. Nós adotávamos aquele livro BSSC da, aliás, da biologia e física, BSSC e o PSSC, pra física, eram livros de autores americanos, mas muito didáticos e tal. Então, tinha um professor americano que tinha um método que chamava de “método dos passos” eu não sei o primeiro nome dele, mas o sobrenome dele era Keller, então era conhecido como método Keller de ensino. Durante os três anos do científico, a gente não tinha prova escrita, a gente não tinha avaliação escrita, nem de biologia, nem de física, você recebia... não tinha aula ministrada presencialmente, os professores no início do semestre entregavam o que eles chamavam de “os passos” e você só recebia um passo de cada vez, então, primeiro passo, aí você tinha todas as instruções, a bibliografia que você tinha que estudar, quais eram os temas que você tinha que estudar, o prazo que você tinha pra estudar, quando você se sentisse apto, você marcava uma entrevista com o professor e você fazia uma entrevista verbal, oral e o professor se julgasse que você estava apto pra passar pro passo seguinte, aí ele lhe entregava a folhinha com outro passo e, se você quisesse, você podia se tornar monitor da matéria, então você podia tomar o passo de um colega do passo anterior.²²⁹

Sueli Prata lembra um episódio no qual se evidencia que as atividades de laboratório representaram um aspecto também muito marcante para os alunos, dando destaque para o ensino de química, que teria sido tão interessante a ponto de ter se estendido até as brincadeiras que ocupavam o cotidiano dela e de suas colegas.

Química, por exemplo, a turma da gente ia pra o laboratório da Faculdade de Enfermagem, a verdinha ali no Vale do Canela, com esse professor, Clarindo das Virgens, a gente fazia experiências, né, então, tinha aulas práticas de química, de físicas e de biologia.

[...] era uma coisa legal, me lembro de ver célula em microscópio, uma coisa, né, P., que era minha colega, que morava aqui defronte, tinha uma boneca que ela botou o nome de mitocôndria, por causa de nossas aulas de química de Ariede Rosa uma professora que a gente teve e que lembramos o nome, tá certo, eu lembro o nome de muitos professores, muitos mesmo.²³⁰

Pode-se dizer que esses elementos se combinam nas memórias dos entrevistados para caracterizar o que foi o modelo inovador de ensino de ciências experimentais praticado no CA: a realização de experimentos nos laboratórios e a utilização dos livros americanos, que se baseavam no Método Keller²³¹ de ensino, recordado pelos alunos como “Método dos Passos”.

Anna Cristina lembra também como essas aulas de ciências experimentais, que conjugavam o “método dos passos” e as práticas de laboratório, se encaixavam bem na estrutura didática mais ampla da Instituição. Isso tornava o CA ainda mais moderno em comparação com os outros colégios da cidade onde, segundo ela, não se praticava muito

²²⁹ SENNA, Roberto D’A. *Entrevista*, p. 4-5.

²³⁰ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 18-19.

²³¹ “No início da década de 60 [...] Fred Keller e seus associados brasileiros desenvolvem e testam o Plano Keller na recém criada Universidade de Brasília. Isto trouxe novas idéias, conceitos e instrumentos relacionados com o behaviorismo, análise experimental do comportamento, controle do ritmo pelo próprio aluno, programação de instrução, auto-controle do aluno, aprendizagem individualizada, etc.” Cf.: OLIVEIRA, J. B. A. Tecnologia educacional no Brasil. 1980, p. 62; A respeito da experiência de Felipe Serpa com o Método Keller, ver: SERPA, L. F. P. Depoimento. Cadernos do IFUFBA. 1993, p. 72-76.

daquilo que ela e seus colegas vivenciavam:

[...] a questão de física, química e biologia, era questão dos passos e, além de passos, tinha laboratório também, que era uma coisa que várias escolas não tinham, então, nós tínhamos muita aula prática de laboratório, que era à tarde... sim, muitas vezes nós ficávamos o dia inteiro na Escola, porque tinha aula de manhã e tinha o laboratório de tarde e as aulas de inglês [...] você sempre tinha uma aula à tarde que era assim, alguma optativa [...] isso tudo não tinha nas outras escolas, entendeu, história da arte e laboratório não era uma coisa comum nas escolas [...]²³²

O trecho da entrevista de Jaci, a seguir, coincide com o que Anna Cristina afirmou, no que se refere à interpretação de que o ensino do Aplicação era mais moderno, em um sentido mais geral, por implementar mudanças institucionais antes das outras escolas, o que o distinguia na esfera educacional baiana. Neste ponto vale retomar que há nas memórias dos entrevistados a cristalização de uma ideia de que esse tipo de iniciativa do Colégio não se dava com o objetivo próprio de antecipar práticas que viriam a ser implementadas em outras escolas. Aparentemente, a modernização no ensino acontecia nele e para ele mesmo, porque seu projeto era experimentar alternativas e propostas diferentes daquilo que nele mesmo era praticado, como, por exemplo, já abordei no Capítulo 2. A modernização, nesse caso, não tinha por propósito a experimentação de propostas com vistas à disseminação ou proliferação, ainda que as outras escolas, depois, viessem a implementar iniciativas similares, mas isso era uma consequência das interrelações da época. De acordo com a memória desse grupo entrevistado, não parecia ser esse o propósito principal da Instituição.

O mais interessante que se notará nessa narrativa a seguir é que, na tentativa de justificar porque considera o ensino do Colégio como experimental e moderno, para a época, ela o faz a partir de critérios analíticos que atravessam sua memória e lhe são possíveis em função dos estudos que realiza a respeito da história da educação na Bahia²³³.

J - Veja bem, a experimentação era a aplicação desse tipo de método lá, certo? Eu... que eu me lembre, os outros colégios não tinham isso.

D - Os comentários é que não tinha isso?

J - Não tinha isso, eu não sei se depois... começa a ter no Central também as classes do CECIBA, certo? Porque eu tenho o relato de Dona Lêda, tenho o relato de Dona Lêda lá, mas não era pra todo o Colégio, eram somente as classes experimentais. Lá no Colégio todo mundo estudava e depois que juntou as duas turmas aí ficou o mesmo pra todos, independente... não existia mais Científico e Clássico, era curso Colegial.

²³² ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 16.

²³³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (1972) e doutorado em Ciências de La Educación pela Universidade Católica de Córdoba (1997). Atualmente é membro da coordenação do Centro de Estudos e Ações Sócio Ambientais Kirimurê e professor titular da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história e educação, educação na bahia, democracia e educação, memória e identidade negra. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4793947A6>>. Acesso em: 19 de jan. 2012.

D - Então, a mudança aconteceu primeiro no Aplicação, é isso?
 J - Sim, depois vai acontecer com a 5692, eu acho.²³⁴

Reiterando o que já sinalizei antes, Jaci compõe sua explicação a respeito do caráter experimental do CA por interpretações que somente lhe são possíveis estabelecer no presente, com base em seus estudos e usando fontes que não lhe eram disponíveis na época, como, por exemplo, o relato da ex-diretora do Colégio, professora Lêda Jesuíno²³⁵, destacado explicitamente em sua fala. Ela ainda aponta a existência de uma conexão entre a modernização do ensino de ciências experimentais nas escolas baianas (e não apenas no Aplicação) e a criação do Centro de Ensino de Ciências da Bahia. Na verdade, ela já havia sugerido essa conexão anteriormente, quando evocou a lembrança de um dos fundadores do CECIBA, professor Felipe Serpa.

Com relação ao ensino de ciências experimentais no CA, pode-se observar que a demarcação que remete à existência de uma intensificação no processo de implementação de padrões metodológicos modernos ao ensino de ciências experimentais, presente nas memórias dos ex-alunos, ainda que não seja muito precisa, a faz coincidir com os primeiros anos de existência do Centro de Ensino de Ciências da Bahia²³⁶. Essa intensificação é caracterizada na memória dos entrevistados pela menção à utilização dos livros de ciências de padrão americano e à utilização dos laboratórios para atividades práticas dessas disciplinas, inovações que vinham sendo praticadas no CA pelo menos desde o início da década de 1960.

As entrevistas com os ex-alunos do CA apresentam uma série de elementos que reforçam a versão de que a existência do CECIBA teve uma relação direta com a modernização do ensino de ciências experimentais e matemática nas turmas do CA, apesar de que aspectos pertinentes a esse segundo objeto, a matemática, será desenvolvido nas seções a seguir. Neste ponto, chamo a atenção para o modo como essa associação se evidenciou nas entrevistas e diz respeito ao tipo de relação que os entrevistados estabeleceram com o Colégio naquela época, e que faz ter um peso importante na maneira como recordam os processos pedagógicos que são debatidos nesta tese. Também vale dizer que nenhum dos ex-alunos entrevistados estabeleceu uma relação funcional posterior com o CA, e isso delimitou o modo como eles tiveram acesso aos processos pedagógicos lá realizados e às relações interinstitucionais²³⁷ lá estabelecidas à sua atuação como alunos. Ou seja, os entrevistados

²³⁴ MENEZES, J. M. F. de. *Entrevista*, p. 15-16.

²³⁵ Santos, L. J. *As Classes Experimentais do CECIBA no Colégio Central*. 1990.

²³⁶ FREIRE, I. A. A. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970)*. 2009.

²³⁷ Considero como uma das relações institucionais a que o CA possuía com a FF, tendo tido o cuidado de

tiveram contato com o CECIBA, pelo menos no período em que estudaram no CA, tão somente a partir de modificações do cotidiano escolar. Ainda que essas inovações fossem realizadas sob a influência do CECIBA, eram realizadas pelos seus próprios professores ou pelos “praticantes” que estiveram vinculados, direta ou indiretamente, ao Centro. Essa condição não assegurava que ficasse claro para eles que aquelas determinadas ações estavam relacionadas pedagogicamente com o CECIBA. Não se pode esperar que os ex-alunos tenham se ocupado de entender, à época, pelo menos detalhadamente ou de modo tão sistemático, o que representavam certas práticas pedagógicas, objetivos, resultados, bem como o período específico em que foram implementados, como talvez coubesse aos professores e outros personagens educacionais ligados à Instituição saber.

3.2 MEMÓRIAS DE PROJETOS MODERNIZADORES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

Os anos 60 também foram marcados por diversas tentativas, de algum modo similares, de modificar os padrões de ensino de matemática nos diferentes estados do país, que ficaram conhecidas como Movimento da Matemática Moderna. Os primeiros vestígios relacionados a iniciativas dessa natureza, no CA, foram encontrados em diários de classe do 1º ano de ginásio no ano de 1962.²³⁸

Antes de chegar a esse ponto, que será objeto da próxima seção, começo recuperando trechos das entrevistas de dois dos ex-alunos que saíram do CA antes da criação do CECIBA. Depois, ainda tratarei de algumas particularidades do ensino de matemática em sua correlação com o ensino das ciências experimentais. Mesmo considerando que são aspectos distintos, muitas vezes eles são mencionados de forma articulada e, por isso, é difícil tratá-los isoladamente.

Jorge, que iniciou o ginásio em 1959, não consegue se lembrar de nenhum episódio em toda sua trajetória no Aplicação²³⁹ especificamente relacionado com as práticas

destacar isso desde o início deste trabalho, tratando-o como uma instituição relativamente autônoma com relação à UFBA. Entendo que isso não significava ser independente ou autônomo, uma vez que possuía, em diversos aspectos, uma dependência muito estreita com a FF, inclusive tendo chegado a utilizar parte de suas instalações desde sua fundação até os primeiros meses de 1967.

²³⁸ LANDO, J. C.; DIAS, A. L. M. Modernização de Práticas do Ensino de Matemática na Escola de Aplicação da universidade da Bahia (1953-1973). 2010.

²³⁹ Jorge após cursar o ginásio, opta por ingressar na turma de “Estudos Clássicos” durante o 2º ciclo do secundário, que tinha matemática apenas no 1º ano que ele cursou em 1964. Cf. VIDA escolar – 2º ciclo. 1967. Arquivo pessoal de Jorge Braga Barretto.

de ensino de matemática que possa ser associado à Matemática Moderna. O entrevistado limitou-se a admitir que essa não era a sua disciplina preferida e que não gostava das aulas.

J - [...] Olha, como eu não fui bom aluno de matemática e não gostava muito dela [a aula], mas uma coisa eu lhe digo, não é por falta de didática, é por não gostar mesmo, uma coisa muito pessoal, mas que eu consegui aprender com, digamos assim, com a maneira que as professoras ensinavam, inclusive, o mais interessante, o que eu achava interessante lá é que eles não passavam para outro ponto... não havia aquela obrigação de dar o ponto e passar pro outro como se fosse a obrigação de dar o currículo inteiro, de dar o programa inteiro, não...

[...] tinha essa preocupação que a pessoa aprendesse realmente, desleixo de minha parte se eu não aprendesse, porque eu não me ligava e... e assumo, digamos assim, esse erro meu, de caráter pessoal, mas que o ensino era muito legal, era, sem dúvida nenhuma.

D - Como eram as aulas, como os professores davam aula? Como eles ensinavam? Se lembra de alguma coisa, tem algum assunto, algum jeito, alguma metodologia... o senhor disse assim, não era por causa da metodologia, mas, então, como era essa metodologia?

J - Não. Basicamente de matemática eu fico em uma situação, assim, muito difícil de explicar porque é exatamente por não gostar, se você falasse de outras matérias eu ficaria mais a vontade de falar...²⁴⁰

Sem pretender negar que houvesse pouca afinidade do entrevistado com a matemática, sua narrativa me oferece dois indícios para suspeitar que a maneira como defendeu os professores, assumindo toda responsabilidade pela dificuldade que sentiu para aprender matemática, tem relação com o valor afetivo que atribui ao CA, interferindo no modo como se recorda do ensino de matemática.

O primeiro deles aparece na pouca convicção demonstrada por Jorge ao assumir o que chamou de “erro meu”, não ter sido bom aluno em matemática nem ter gostado da disciplina. Note-se que Jorge começa a titubear ao admitir que era sua a culpa. As evidências são a pausa na fala, e o fato de relativizar o termo “erro”: “porque eu não me ligava e... e assumo, digamos assim, esse erro meu [...]”. O mesmo não ocorre com sua opinião declarada a respeito do quanto era “legal” o ensino do Colégio, “sem dúvida nenhuma”. Se bem que vale colocar em questão se, de fato, é um argumento válido considerar que ter gostado signifique que a prática do professor tenha sido boa. Mas essa não é uma questão que pretenda aprofundar aqui. Vale apenas a sinalização.

O segundo indício que me sugere, na narrativa de Jorge, que os laços afetivos que mantém com o período que estudou no Aplicação interferiram em sua memória evidencia-se no quanto o entrevistado resiste em lembrar das aulas de matemática, ao contrário de “outras matérias”, a respeito das quais ele “ficaria mais a vontade de falar...” como declarou em uma tentativa de mudar de assunto, demonstrando desconforto de lembrar daquilo que não gostava

²⁴⁰ BARRETTO, Jorge B. *Entrevista*, p. 27.

em seu Colégio, o que imputo a um mecanismo de proteção de uma imagem positiva a respeito da qual “ficaria mais a vontade de falar”..

Eunice, por sua vez, não recordou nenhum episódio relacionado ao ensino de matemática que tenha lhe parecido inovador na época em que esteve no ginásio, ou seja, de 1961 até 1964.

Bom, mas enfim, da escola mesmo que a gente tinha... ah... do curso mesmo, de matemática, como eu não era nenhuma maravilha, eu não lembro de nada especial. Lembro da professora Martha, acompanhando os professores lá. Mas assim, a gente tinha aulas que eram tipo exigente, entendeu? Era uma coisa assim, do tipo exigente.²⁴¹

Sua memória evoca a atuação da professora Martha Maria de Souza Dantas como supervisora dos “praticantes”, os estagiários de matemática, função que desempenhou enquanto foi catedrática da cadeira de Didática Especial da FF. Essa sua atuação também é indicada em trabalhos que relacionam o seu papel na institucionalização de padrões modernos de matemática na Bahia²⁴², como as ações ligadas à matemática no nível superior, e no nível secundário.

Há uma série de trabalhos que discutem, para além do papel de Martha Dantas na institucionalização de padrões modernos de ensino de matemática, outros aspectos ainda anteriores ao que ficou conhecido como Matemática Moderna²⁴³. Na Bahia, por exemplo, há indicações de que desde a década de 1950 já havia um grupo de professores interessados em discutir métodos didáticos visando melhorar o ensino de matemática, merecendo destaque a realização, em Salvador, em 1955, do I Congresso Nacional de Ensino de Matemática, sendo Martha Dantas reconhecida como uma das principais lideranças. No entanto, aqui tratarei especificamente de como os ex-alunos lembram-se da implementação, no CA, de modernizações pedagógicas ligadas à Matemática Moderna, já que o entrevistado que mais cedo ingressou no Colégio, o fez em 1959.

Voltando à narrativa de Eunice, para ela, o que fica do ensino de matemática é a marca de um ensino “tipo exigente”, ainda que não considere isso como sendo um aspecto que lhe conferia um valor “especial”. Sua interpretação mantém-se ao narrar suas memórias sobre o ensino de matemática realizado durante o Científico, que passou a cursar em 1966,

²⁴¹ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 2.

²⁴² Dentre outros, destacam-se DIAS, A. L. M. *Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968)*. 2002; _____. *Martha Dantas (1923-2011): mathematics teaching, pedagogical experiments and teacher's training*. 2012, p. 46-47.

²⁴³ Dentre outros, destacam-se: LIMA, E. B.; FREIRE, I. A. A.; LANDO, J. C.; DIAS, A. L. M. *A Institucionalização da Matemática Moderna nos Currículos Escolares ou a Hegemonia da Cultura Matemática Científica nas Escolas*. 2010; MARQUES, A. S. *Tempos pré-modernos: a matemática escolar nos anos 1950*. 2005.

período do qual recorda que houve uma mudança mais significativa quanto à utilização de padrões inovadores apenas relacionados com o ensino de ciências experimentais.

Aumentou o número de pessoas, a gente veio pro Canela, já não tinha mais farda, mas tinham esses livros que eram uma maravilha. Eram muito interessantes, que assim, aí a coisa da experimentação... Matemática eu não lembro se era diferente ou não do outro.

Não sei se a gente assumiu matemática desse jeito, mas eu não tenho uma lembrança de matemática. Tenho de física, química e biologia. Não tenho nenhuma lembrança da gente ter tido esse arsenal especial para matemática. Se teve eu dancei feio, porque eu não lembro.

Acho que a gente não teve. Porquê que eu não lembraria se todo mundo passava pela mesma coisa, mas não sou confiável mesmo em memória, então...²⁴⁴

Chamo atenção aqui para mais um exemplo onde pesa, sobre as memórias da entrevistada, o significado que atribui àquilo a respeito do que se lembra. Mais de uma vez ela declara sua falta de afinidade com a disciplina mas manifesta inquietação quanto à falibilidade de sua memória, apesar de ter sido ela a lembrar de detalhes como o cheiro do Colégio e outras minúcias já apresentadas em outros momentos deste trabalho. Tanto o fato de lembrar minúcias quanto o fato de “não lembrar” nos possibilitam remeter a um debate já bastante aprofundado na historiografia que, outrora, pôs em lados contrários a história e a memória, sendo a segunda considerada pouco confiável em comparação com a primeira – polarização já superada atualmente, uma vez que se consideram ambas como perspectivas complementares²⁴⁵. Para mim, não se trata de julgar sua memória como falível ou não, mas de considerar mais provável que ela não lembre por não gostar de matemática. O importante de destacar essa tensão que ela aponta é que é tão importante o quê ela lembra quanto o porquê de lembrar o que lembra, pondo em questão o caráter seletivo²⁴⁶ da memória.

Outro elemento que merece menção é que, para ela, as disciplinas de ciências experimentais se destacavam no Colégio por possuírem o que chamou de um “arsenal especial”. Como em outros trechos de entrevistas já transcritos no texto, ela apresenta memórias muito positivas quanto à combinação do Método dos Passos com as aulas práticas em ciências experimentais. Quanto à matemática, entretanto, ela afirma categoricamente “acho que não teve” nenhuma experimentação.

Anna Cristina, de outro modo, diverge da interpretação segundo a qual a matemática não tinha um padrão experimental, já fazendo referência à Matemática Moderna,

²⁴⁴ KALIL, Maria Eunice. *Entrevista*, p. 5.

²⁴⁵ SILVA, H. R. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. 2002, p. 425-438; VON SIMSON, O. R. M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. 2006, p. 1-8; SILVA, M. A. M. A cultura na esteira do tempo. 2001, p. 102-112; SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria y autoreflexión de la historia. 2003, p. 103-128.

²⁴⁶ POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. 1989.

como no trecho selecionado a seguir.

Eu lembro que quando a gente entrou no Aplicação, estudar Matemática Moderna foi uma novidade enorme, enorme, eram coisas... e eram aqueles livros grandes, que eu acho que eram preparados pela Universidade, não eram comprados em livraria, não, eu acho que era a própria... não tenho mais eles. Mas depois, no decorrer dos anos, eu não sei como as outras escolas fizeram.²⁴⁷

Segundo se pode inferir da memória de Anna Cristina, a relação que o ensino de matemática estabeleceu com o caráter experimental do Colégio foi de natureza distinta daquela que as disciplinas de ciências experimentais estabeleciam. Essa relação se definia à medida em que se implementava um padrão inovador ao ensino de matemática, muito diferente do que se fazia em outras escolas da cidade.

Especificamente, ela se reporta aos livros que seguiam o padrão orientado pela Matemática Moderna²⁴⁸. Esses livros eram produzidos pela equipe do CECIBA²⁴⁹ e haviam sido trazidos para o Colégio pela relação que este possuía com a Universidade. Para Anna Cristina, no entanto, segundo supõe, eram preparados na Universidade. Essa suposição denota o pouco esclarecimento que os alunos tinham quanto à origem do material e a outros aspectos relativos à modernização do ensino de matemática, apesar dela reconhecer que não se tratava de material convencional.

Essa interpretação de Anna Cristina ajuda a esclarecer um aspecto fundamental. Não se trata aqui de analisar qual disciplina seria a mais moderna ou com maior nível de experimentação no CA. Trata-se de analisar que as memórias dos ex-alunos apontam para existência de diferentes práticas experimentais no CA, que variaram em função da natureza das disciplinas escolares. Pode-se, por exemplo, considerar que, no ensino de português, o CA realizou experimentações que iam desde a utilização intensa de redação até o emprego de letras de músicas da época. Reafirmo que o fato de Eunice, apesar de recordar de algumas experimentações para o ensino de ciências, não ter lembrado que houve experimentações no ensino de matemática não está sendo tomado aqui como um critério para analisar o quanto as disciplinas absorviam ou não elementos supostamente inovadores do colégio. Muito pelo

²⁴⁷ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, 33.

²⁴⁸ CAMARGO, K. C. O ensino da geometria nas coleções didáticas em tempos do Movimento da Matemática Moderna na Capital da Bahia. 2009; CAMARGO, K. C.; SILVA, M. C. L. Martha Dantas: o ensino da geometria na Bahia. 2008.

²⁴⁹ “[...] lideradas por Omar Catunda e Martha Dantas, que desenvolveu um trabalho pioneiro de investigação e experimentação no âmbito do ensino da matemática [...] Eliana Costa Nogueira, Norma Coelho Araújo, Neide Clotilde P. e Souza, Eunice Guimarães e Maria Augusta Moreno empenharam-se em atividades de difusão da ‘matemática moderna’ junto a professores secundários, sobretudo na realização de projetos junto ao Ceciba e à Escola de Aplicação.” Cf.: DIAS, A. L. M. Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968). 2002, 224-5.

contrário, é um indício do quanto as disciplinas desenvolviam suas propostas modernizadoras de modos particulares – ainda que os alunos as associem entre si, em suas memórias – sendo construída assim uma instituição modernizadora em suas mais diferentes expressões e estruturas.

Na próxima secção, quando exploro algumas conexões entre a MM e o CECIBA, tratarei especificamente dos livros e apostilas de Matemática Moderna.

Como conta em outro trecho de sua entrevista, Anna Cristina reconhece que havia uma diferença fundamental entre a Matemática Moderna que ensinavam no Aplicação e as outras disciplinas de ciências experimentais, o que ela explica em função de ter uma relação com a própria natureza da disciplina que, segundo ela, tinha um caráter abstrato.

C - Quer dizer, fora química, física e biologia que eram passos, as outras aulas eram bem expositivas, tinham pouquíssimos recursos outros, que não fosse o quadro negro, o giz e o bate-papo.

Agora, era muito provocador, sempre as aulas eram provocadoras, a gente tinha aula de português a gente fazia com muita música, música de Caetano, música de Chico Buarque pra fazer interpretação, trabalho que depois a gente apresentava, tocava na sala, tocava violão e etc., os trabalhos de português, muito isso ou, então, com teatro, sempre assim. Agora, matemática, era a aula que era mais expositiva mesmo e de fazer exercício, de, como é que se diz, de fazer os teoremas, comprovar aqueles teoremas todos, aí ia um aluno pra frente da sala pra fazer enquanto os outros opinavam, aí eu me lembro dos professores perguntando se é isso mesmo...

D - Mas era assim também a aula de matemática? Fazia alguma diferença não ser como no laboratório?

C - Não! A gente não sentia falta disso, não, nem sabia que poderia ser assim, né, que poderia ser diferente, a gente achava que, realmente, não tinha outra opção e que tinha que ser do jeito que era. Não tinha nenhum elemento físico pra gente entender mais a matemática, era tudo muito abstrato.²⁵⁰

Quer dizer, o fato de não usar o laboratório não significa, na interpretação da entrevistada, uma desqualificação das outras disciplinas do Colégio. Para ela, o que parece ser um juízo positivo, todas as disciplinas, inclusive as “expositivas”, tinham um caráter “provocador”. Usando como exemplo o português, que considera exemplar entre as disciplinas que “eram bem expositivas”, em função da natureza de cada uma delas, – faz uma relação quanto ao uso de recursos possibilitado pelos materiais relacionados às aulas de ciências experimentais que Eunice considerou acima como possuindo um “arsenal especial”. De modo diferente, no caso da matemática, o fato dos livros didáticos terem sido produzidos pelos professores ligados à UFBA e ao Colégio é que figurava como a marca material da experimentação na disciplina – como veremos na secção 3.4.

Chamo atenção para o modo como Anna Cristina utiliza os termos “expositivo” e

²⁵⁰ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, 25.

“provocador”. Como ela própria sugere, “expositivo” não está sendo interpretado como analogia ao que se poderia chamar de aulas-magistrais ou aulas-palestra. “Expositivo” está sendo empregado como indicação da pouca ou nenhuma utilização de recursos materiais concretos, como já foi indicado que eram usadas nas aulas de ciências experimentais, com destaque para os laboratórios.

Já o termo “provocador” tem uma relação mais própria com diversos trechos de sua entrevista onde narra os enfrentamentos políticos que os estudantes do CA realizaram em Salvador ou, ainda, associado a um comportamento questionador das políticas repressivas da ditadura. Ao atribuir um caráter “provocador” às disciplinas do CA de um modo geral, associando a variações em decorrência da natureza de cada uma delas, a entrevistada insinua que as disciplinas escolares estavam associadas a valores que rompiam com um padrão social da época, propondo a instauração de padrões sociais modernos.

No caso da matemática, uma disciplina que ela interpreta como sendo de base abstrata e que assumia o caráter mais expositivo quando comparada com as outras disciplinas do currículo escolar, não foi apontada como uma disciplina “provocadora”. Diferente de português, que poderia utilizar a música relativamente tida como revolucionária ou de contracultura para trabalhar certos conteúdos, em matemática essa não era uma prática usual. O ensino com padrão inovador de matemática no CA, derivado da Matemática Moderna, não estava propriamente dirigido para o concreto, “era tudo muito abstrato”.

Nota-se ainda mais alguns detalhes de práticas pedagógicas na matemática em que se destacam a resolução de exercícios e a demonstração de teoremas, que contava com a participação ativa dos alunos no desenvolvimento dos passos da demonstração.

Anna Cristina, quando lembra que “não tinha nenhum elemento físico pra gente entender mais a matemática”, ela faz uma comparação entre o ensino de matemática do CA e o ensino da disciplina na atualidade, fazendo um movimento que mistura juízos da época com juízos atuais. Quando afirma que “a gente [...] nem sabia que poderia ser assim, né” ela se refere às possibilidades de uso de materiais na escola atual, divulgados amplamente pelos meios de comunicação ou, ainda, por uma associação mais direta com o ensino de matemática recebido por suas filhas, que várias vezes apareceu como um parâmetro durante a entrevista.

Sueli Prata lembra, de um modo semelhante a outros entrevistados que acompanharam a mudança do CA de Nazaré para o Canela, que os anos a partir da metade da década de 60 foram especialmente marcantes por uma sistemática implementação do padrão de ensino de matemática associado à Matemática Moderna, como conta a seguir.

- S - [...] na verdade, assim, eu não curtia matemática, por isso eu chamo de péssima-matemática, mas me lembro exatamente de como foi que eu comecei a ter algum tesão pela matemática, que foi, exatamente, quando eu comecei a estudar aquilo que eles chamavam – não sei como chamam hoje – de matemática moderna, teoria dos conjuntos, tá certo. Se você quiser, porque eu tenho uma memória de mastodonte, as coisas, assim, que eu curtia, por exemplo, na teoria dos conjuntos, era interseção, né, você ter, assim, duas coisas em princípio, diversas e, dentro delas, alguma coisa que era similar... eu viajava naquilo, eu achava fantástico, então, eu comecei a curtir matemática a partir daí [...]
- D - Me conte uma coisa: quando é que começou esse tipo de matemática na Escola, a senhora lembra?
- S - Pra mim já foi no colegial, quando a gente passou, tanto que... quem fazia, na minha época, primeiro, segundo e terceiro anos do segundo grau, as outras escolas, quem ia fazer história, como eu, não estudava mais matemática, nem física, nem química, fazia o Clássico, entendeu, só no Aplicação é que rolava o Colegial, antes de se abrir o vestibular unificado, tanto que o meu vestibular não caía matemática, física e química, mas eu estudei matemática, física e química porque o Aplicação implantou isso antes, como sempre acontecia com o Aplicação.²⁵¹

Sua memória referente aos primeiros anos da década de 60, associada às de Jorge e Eunice, são indícios que apontam na direção de uma das conclusões apontadas por Lando²⁵² no trabalho em que avaliou os diários de matemática desse período: houve, assim como no caso das ciências experimentais, uma implementação sistemática de padrões que tiveram, com a criação do CECIBA, uma considerável intensificação, que passaremos a discutir na próxima seção deste trabalho.

3.3 MEMÓRIA DA CONEXÃO ENTRE O ENSINO DE MATEMÁTICA E O CECIBA

Martha Maria de Souza Dantas, que “coordenou a Seção Científica da Matemática (SCM) durante os quatro anos de existência do CECIBA”²⁵³, corrobora a interpretação apresentada na seção anterior, ao afirmar que foi a partir da criação do Centro que se teve condição de “[...] introduzir a Matemática Moderna no curso secundário, de analisar os êxitos obtidos e as dificuldades criadas para o aluno, para então buscar outros caminhos, [o que] justificou, plenamente, a sua criação.”²⁵⁴

Como já tratei no Capítulo 2, vale considerar que os entrevistados tinham uma condição particular na análise da influência do CECIBA no CA, em virtude de terem vivido

²⁵¹ SUELI PRATA. *Entrevista*, p.15.

²⁵² LANDO, J. C.; DIAS, A. L. M. *Modernização de Práticas do Ensino de Matemática na Escola de Aplicação da universidade da Bahia (1953-1973)*. 2010.

²⁵³ FREIRE, I. A. A. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970)*. 2009, p. 63.

²⁵⁴ DANTAS, M. M. S. *Depoimento*. 1993, p. 26.

essa época como alunos, e essa posição constituir sua perspectiva. Suas memórias carregam essa particularidade²⁵⁵ que não é evidenciada em documentos institucionais e em depoimentos de professores, como é o caso de Martha Dantas²⁵⁶, que explicita em suas memórias alguns objetivos, referências, aspectos da aplicação e avaliação de projetos didáticos a que se dedicou em sua carreira.

Com isso não estou afirmando que as narrativas dos entrevistados não sejam capazes de sustentar uma análise a respeito do ensino de Matemática Moderna no Aplicação. Muito pelo contrário, escrevo isso para explicitar minha adesão à historiografia que não considera as fontes orais como secundárias ou cuja função fique condicionada pela confirmação dos documentos, mas fontes que podem contribuir para ampliação da história que os documentos e outros vestígios materiais podem favorecer.²⁵⁷

Apesar de reconhecer que na segunda metade da década de 60 houve uma intensificação do processo de institucionalização dos padrões modernos no âmbito das ciências experimentais e da matemática no CA, a partir da convergência de diversos fatores e circunstâncias²⁵⁸, para os ex-alunos entrevistados tais fatores e relações interinstitucionais não eram evidentes nem se estabeleceram diretamente, pelas razões já mencionadas no capítulo anterior. Por exemplo, podemos tomar a criação do CECIBA, que figurou como uma instituição muito importante nesse processo, bem como o Instituto de Matemática e Física (IMF)²⁵⁹ e, posteriormente, Instituto de Matemática (IM)²⁶⁰. Para eles, o que foi mais fácil reconhecer a respeito desse processo está ligado à atuação dos professores que, por vezes, discutiram ou explicitaram as mudanças que estavam implementando em suas aulas, além das comparações que eles mesmos faziam com outras instituições escolares a que tinham acesso por intermédio de parentes ou colegas com quem conversavam.

As únicas entrevistadas que se referiram ao CECIBA, sem que eu tivesse estimulado, foram Anônima e Jaci. As duas vezes em que Jaci se refere ao CECIBA já foram indicadas na primeira seção deste capítulo e, inclusive, analisadas as razões que explicam o

²⁵⁵ RODRIGUES, M. B. F. (Org.). Exercícios de indiciarismo. 2006; GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 1987; GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. 1989.

²⁵⁶ DANTAS, M. M. S. Depoimento. 1993.

²⁵⁷ Ver nota nº 31 deste trabalho.

²⁵⁸ DIAS, A. L. M. O movimento da matemática moderna: uma rede internacional científico-pedagógica no período da Guerra Fria. 2008; BÚRIGO, E. Z. Tradições Modernas: reconfigurações da matemática escolar nos anos 1960. 2010.

²⁵⁹ DIAS, A. L. M. O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968). 2008.

²⁶⁰ Em 1968 a UFBA passa por uma série de modificações. A separação do IMF dois institutos é uma delas. MARQUES, M. I. C. UFBA na memória: 1946-2006. Salvador: EDUFBA, 2010.

fato de a entrevistada recordar-se tão claramente do Centro. Segue um dos comentários de Anônima a esse respeito.

Não foi no ginásio, foi no ensino médio e... ninguém via no ensino médio conjunto, ninguém via conjunto, função, relação, produto cart... ninguém via, a gente foi cobaia também nesses termos de...

Porque quando a gente estava no primeiro colegial que veio também o material do ensino médio, aí criou uma turma piloto no Central, Colégio Central e, aí, era a turma piloto desse Colégio Central e a nossa turma do Aplicação para o sistema de física...

Aí, ficou tipo o mesmo ensino dado no Aplicação, os mesmos professores do Aplicação, o mesmo povo dessa turma piloto do CECIBA (Centro de Ciências da Bahia) as aulas deles eram no Central, não sei, não me lembro... eu sei que de vez em quando eles iam fazer experiência lá no laboratório da gente, mas essa turma só foi os três... as três séries do ensino médio, só teve essa turma também, foi justamente quando Catunda, quando Catunda veio.²⁶¹

A entrevistada deixa claro, nesse trecho de sua entrevista, sua familiaridade com o ensino de matemática. Isso se explica por ela ter cursado Licenciatura em Matemática na UFBA após ter concluído o secundário no CA. Sua familiaridade se estende na narrativa, mencionando que o CECIBA tinha constituído turmas-piloto no Colégio Central e, ainda, evoca a figura do professor Omar Catunda²⁶², ligando-o ao Centro.

Perguntada sobre como poderia saber que aqueles conteúdos²⁶³ a que se referiu não eram ensinados em outras escolas, sua resposta explícita que havia outra razão para tanta familiaridade com o contexto educacional baiano quanto ao ensino de matemática daquela época, que não se explicava unicamente pelo fato de ter cursado matemática no IM da UFBA. Essa observação indica certo pioneirismo do CA na implementação de propostas pedagógicas na Bahia, nesse caso, de conteúdos de matemática inéditos no secundário.

D - Como é que a senhora sabe que não dava em outro lugar?

A - Porque eu dava muita aula particular, eu tava no Instituto de Matemática, eu tinha alunos de várias turmas. O Instituto Social da Bahia tentou colocar, tinha uma escolinha que fechou, era a escolinha de Gilca, aqui em Ondina...

Eu era ligada no que tinha todos esses colégios. Não tinha essa proliferação de colégio que tem, eram poucos colégios, então você sabia como era o ensino disso e daquilo.²⁶⁴

Sueli Prata não assumiu, posteriormente à sua saída do CA, nenhum vínculo mais próximo com a matemática ou com a história da educação da Bahia em sua carreira profissional²⁶⁵, como no caso das entrevistadas recém mencionadas. Durante sua entrevista lhe

²⁶¹ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 12.

²⁶² DIAS, A. L. M. Omar Catunda: alguns aspectos de sua trajetória e das suas concepções científicas e educacionais. 2001.

²⁶³ Tratarei no Capítulo 4 a respeito dos conteúdos relacionados à Matemática Moderna ensinados no CA.

²⁶⁴ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 12.

²⁶⁵ Possui graduação em Direito pela Universidade de Brasília e graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica do Salvador.

proporcionei contato com uma coleção de livros didáticos de matemática²⁶⁶ publicados pelo CECIBA e, a despeito de declarar não ter utilizado especificamente aquele material no CA²⁶⁷, tê-lo folheado a fez evocar a lembrança de Felipe Serpa como um personagem ligado ao mesmo tempo ao CA e ao Centro. O que chega a ser curioso neste caso é que a entrevistada não estava folheando um livro de física, mas um de matemática, o que é mais um indício da conexão existente, nas memórias dos ex-alunos entrevistados, entre a matemática e as ciências experimentais.

O contato com esse material possibilitou que, ao fazer a leitura do nome de Maria Augusta Araújo Moreno²⁶⁸ entre os autores do exemplar, lhe fosse evocada uma vaga lembrança, ocorrendo-lhe que talvez tivesse sido sua professora e, ao ter notado a ficha da biblioteca da UFBA colada no verso da capa traseira do livro, ter lhe ocorrido à lembrança de Martha Dantas.

S - A ficha da biblioteca enfiada aqui... me lembro de Martha Dantas, ela tem os olhos claros, me lembro dela.

D - Lembra o que, dela?

S - Rapaz, não sei o que lembro, eu me lembro da figura dela, não sei aonde, deve ser uma figura marcante...

Aí, tá vendo? São coisas... tudo aqui é a matemática que eu gosto...²⁶⁹

A comparação das entrevistas serve como um exemplo do aspecto peculiar das memórias dos ex-alunos quanto à relação que existiu entre o Colégio e o CECIBA. Exceto nos casos em que as entrevistadas posteriormente obtiveram informações que esclareceram a natureza das relações institucionais que ligaram aquelas instituições, em função do vínculo direto com o tema, para os outros ex-alunos essa relação era difusa, sendo reconhecida a partir de seus efeitos sobre o ensino que se praticava no Colégio.

De um modo menos direto, se comparados ao acesso às informações que Anônima e Jaci tiveram com relação ao ensino de matemática do Aplicação após o período em que estudaram na Instituição, Raimundo e Anna Cristina não fizeram menção explícita ao CECIBA, mas contaram que tiveram contato com um personagem que teve uma participação

²⁶⁶ Ensino atualizado da matemática. CATUNDA, O.; DANTAS, M. M. S. et al. Ensino atualizado da matemática: curso ginásial. Vol. (I, II, III, IV) São Paulo: EDART, 1971.

²⁶⁷ Referindo-se ao volume 1 da coleção, que foi publicada após sua saída do Colégio.

²⁶⁸ Maria Augusta de Araújo Moreno nasceu em 1934, em Ilhéus, mudando-se com a família para Salvador poucos meses após seu nascimento. Coursou o primário nas Escolas Ana Neri e Getúlio Vargas, o ginásio no Ginásio Estadual Severino Vieira, e o científico no Colégio Estadual da Bahia. Coursou Matemática na Universidade da Bahia de 1954 a 1957. Cf.: MORENO, M. A. A. *Entrevista*. Salvador, 13 fev. 2012. Segundo Dias, tornou-se professora assistente do Departamento de Matemática da própria instituição a partir de 1961. Cf. DIAS, A. L. M. Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968). 2002.

²⁶⁹ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 21-2.

importante na implementação da Matemática Moderna no CA, o professor Omar Catunda.

No caso de Anna Cristina, esse contato se deu enquanto cursava Bacharelado em Ciências da Computação, a partir de 1974. Quando perguntada se conhecia Omar Catunda ou Martha Dantas, destacados entre os autores do livro de matemática que me mostrou²⁷⁰ durante a entrevista, responde: “Não! Depois eu tive aula com Catunda na Universidade, no Instituto de Matemática, aí foi que eu fui conhecer Catunda ao vivo e fiquei emocionada, eu tinha estudado tanto pelos livros dele”.²⁷¹

Raimundo, por sua vez, conta uma ligação um pouco mais sutil. Apesar de não ter sido aluno de Catunda, durante sua Graduação em Geologia na UFBA cursou algumas disciplinas²⁷² no IM, onde manteve algum contato com esse professor.

O professor Omar Catunda, acredito que ele já deve ter morrido, pela idade... mas, no meu tempo lá na Universidade, ele ainda tava lá.
Eu fiz universidade de 73 até 76 ele ainda tava lá no Instituto de Matemática. Ele liderou um grupo que, até onde eu sei [...] tava mais ou menos reformulando o ensino de matemática, que eles chamavam, na época, de Matemática Moderna.²⁷³

Ter trazido as memórias de Anna Cristina e Raimundo, nas quais contam que tiveram contato com Catunda no período posterior à saída deles do Aplicação, se justifica pela mesma razão que me motivou a esclarecer o vínculo que, por motivos diferentes, Anônima e Jaci estabeleceram com o ensino de matemática na Bahia. A existência dessas relações teve repercussões no modo como lembraram do ensino de Matemática Moderna no CA, possibilitando que eles, ao contarem suas memórias a respeito do tema, considerassem elementos que não fizeram parte do repertório de outros ex-alunos que não tiveram relações semelhantes às que eles viveram.

De modo análogo é preciso destacar que tanto o desempenho acadêmico na disciplina enquanto estiveram no Colégio, quanto a vinculação profissional posterior e mesmo as trajetórias de vida dos outros ex-alunos, de algum modo também precisaram ser consideradas, uma vez que também produziram interferências nas reconstruções das memórias relacionadas ao processo de implementação da Matemática Moderna na Instituição, dando mais ou menos destaque a certos episódios e personagens a ela relacionados.

Pode-se contar também com interferências nas memórias dos entrevistados que

²⁷⁰ CATUNDA, O.; DANTAS, M. M. S. et al. Matemática: segundo ciclo – ensino atualizado. Vol. 3, Rio de Janeiro: GB, 1973.

²⁷¹ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 36.

²⁷² Matemática Básica II, Cálculo I, Cálculo II (obrigatórias) e Estatística III (optativa). FREIRE, Raimundo M. de L. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <riosdf@hotmail.com> em 23 jan. 2012.

²⁷³ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 2.

não estão relacionadas com o período posterior ao que estudaram no Aplicação, mas que dizem respeito a circunstâncias ocorridas ainda naquela época, relacionadas a diferenças quanto à perspectiva do que viria a ser lembrado e que têm relações com as diferentes posições ocupadas pelos sujeitos que lembram.²⁷⁴

O fato de todos estudarem no CA não significa que executassem as mesmas atividades. Inclusive, vale o destaque para o período em que havia turmas separadas de Estudos Clássicos e Científico, indicando algumas diferenças entre eles por tê-los posto em posições diversas dentro do Colégio. Um exemplo curioso a esse respeito trata da atuação de Felipe Serpa no CA, contada por Eduardo:

E - [...] eu me lembro, por exemplo, quanto às figuras que ensinaram no Aplicação, na época, né... fazendo novidades completas no Aplicação, ele adorava, ele virou um mito no Aplicação, virou ídolo no Aplicação, era Felipe Serpa, que foi reitor da UFBA, Felipe, ensinando física, né, porque tinha umas coisas de experiência, que eram novidade naquela época, hoje deve ser... hoje deve ser, sei lá... deve tá em tudo quanto é escola, suponho eu, mas ele fazia experiência naquela época, né... e as pessoas adoravam o Felipe, Felipe era um mito no Aplicação.

D - Ele não foi seu professor?

E - Não, ele pegou o científico, ele não foi meu professor, eu conhecia de fama dos meninos, porque apesar de eu fazer clássico, muitos desses meninos do científico eram grandes amigos meus, com os quais eu convivía, inclusive, na farra [...] ²⁷⁵

Eduardo cursou Ginásio e Estudos Clássicos entre 62 e 68 e, apesar de não ter sido aluno de Felipe Serpa, conta sobre a atuação dele no Colégio com uma carga de entusiasmo que aponta o quanto assumiu como sua a lembrança que narra. Ao contar como era o ensino de física e mencionar o professor que, segundo ele, teria se tornado um “mito” para os alunos, reconhece que esta memória não se constitui a partir de sua própria experiência, mas pelas histórias que ouviu dos seus colegas que acrescentaram elementos à sua própria memória²⁷⁶ sobre o ensino de física.

A narrativa de Eduardo sugere uma cristalização em torno do valor que os alunos do CA atribuíam a esse professor de física. Essa cristalização se evidencia ainda mais ao considerarmos que o entrevistado não fundamenta sua memória em suas próprias vivências, mas naquilo que seus colegas diziam a respeito de Felipe Serpa. Apesar disso, em sua narrativa não há nenhuma ressalva que coloque o referido professor como uma figura proeminente particularmente para os alunos do científico, para o entrevistado, tratava-se de

²⁷⁴ BARROS, M. M. L. de. Memória e família. 1989.

²⁷⁵ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*, p. 15.

²⁷⁶ “É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros [...] parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida.” BOSI, E. Memória e sociedade: lembrança dos velhos. 1994. p.407.

“um mito no Aplicação”, ainda que, na época, ele e os outros alunos do curso de “Estudos Clássicos” não estudassem física.

3.4 AS COLEÇÕES DE LIVROS E APOSTILAS NO CA

O tema dos livros didáticos, nas entrevistas, trouxe à tona mais uma vez o adjetivo já muito familiarmente atribuído ao Colégio de Aplicação: “experimental”. Segundo Anônima, o uso de materiais didáticos inéditos e experimentais ajustava-se às práticas pedagógicas lá realizadas e ela lembra que a maioria dos livros usados no CA era diferente dos convencionalmente utilizados em outras escolas da cidade. Segundo nos conta, “os livros didáticos eram... Era aquela tal história: [...] O que aparecesse de novidade, primeiro era passado para a gente e depois passado para o mundo.”²⁷⁷

As coleções de livros americanos relativos ao ensino de ciências experimentais, traduzidos para o português, são identificados pelas siglas PSSC para o ensino de física, BSCS para biologia e CBA para química, já foram mencionadas em seção anterior deste capítulo.

Com relação à matemática também houve um projeto americano, o School Mathematics Study Group (SMSG), que teve livros traduzidos e publicados no Brasil²⁷⁸. Contudo, o uso dos livros da coleção do SMSG não repercutiu nas memórias dos ex-alunos do CA entrevistados a ponto de ser possível debater seu uso no CA. Apenas duas entrevistadas mencionaram o uso dos referidos livros durante as entrevistas. Sueli Prata foi uma delas e contou: “[...] eu fiz física, química, biologia, matemática, ‘péssima-temática’, então, com aqueles livrinhos traduzidos, eu não me lembro o nome, a gente chamava sempre por sigla.”²⁷⁹

Em outro momento da entrevista ela volta a tratar do tema, associando o ensino de matemática ao de ciências experimentais, enquanto conta sobre a proposta pedagógica que

²⁷⁷ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 13. (grifo meu)

²⁷⁸ A coleção de livros traduzidos do projeto americano de modernização do ensino de matemática ficou conhecido pelas siglas SMSG. Um estudo detalhado a respeito da implementação dessa coleção no Brasil foi objeto de um estudo apresentado em 2009 cf.: OLIVEIRA FILHO, F. O School Mathematics Study Group e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. 2009. Também tem sido analisado em um trabalho ainda em andamento que procura analisar a interferência dessa coleção especificamente nas escolas baianas. RAMOS, M. M. L. P. A modernização do ensino de Matemática e os centros de treinamento de professores de ciências no Brasil: o trabalho do School Mathematics Study Group (SMSG) na Bahia. Projeto. 2010.

²⁷⁹ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 6.

existia no Colégio e possibilitava que as aulas de ciências experimentais fossem divididas entre teóricas e práticas.

S - As lembranças são as melhores possíveis, melhores mesmo, sabe, de matemática também, uma boa didática, tá certo, o material era muito bom, esses livros, tá certo, que eram uns livros... BSSC, não tinha um BSSC? Acho que tinha de biologia, eu sei que eram siglas e que essas siglas eram nomes dos livros em inglês [...] os livros eram muito legais, muito legais, e isso tornava, claro, as aulas interessantes [...] tinha estudo em grupo porque – isso não tem a ver com a matemática, mas com disciplinas como física e química, a gente estudava em laboratórios, tá certo, [...] tinha química, física e biologia, a gente tinha um professor teórico e um professor prático, que ia com a gente pro laboratório [...]

D - Pode-se dizer que era um bloco de uma metodologia específica, esses...?

S - Era assim, específica no sentido de que tinha... de que o estudo das ciências ele era um estudo dividido entre aulas teóricas e aulas práticas, as aulas práticas eram dadas, efetivamente, em um laboratório e por um professor especial, especializado em aulas prática daquela disciplina, tá certo, você tinha aula teórica como aula prática.

D - Só matemática que era só teórica ou também tinha prática?

S - Só matemática que era só teórica.

[...] Agora, se você quer saber, eu realmente acho que tem a ver com essa coisa de ser teoria e prática, porque o livro por mais que – eu não posso dizer se era bem traduzido, se não era bem traduzido, se a linguagem era boa, se a linguagem não era boa, porque eu não me recordo – isso aconteceu a *trocentos* e quarenta e dez mil anos atrás, eu não me recordo, mas acho, por exemplo, que das quatro disciplinas, exatamente, pela disciplina matemática não ter esse tipo de abordagem teórica e prática, é a que deixou mais a desejar, no conjunto dessas disciplinas que não eram humanas, nem língua, tá certo, as outras três a gente gostava mais do que gostava da matemática e eu credito a isso, a você ter um material didático que pressupõe uma prática de ensino-aprendizagem bifurcada, [...] era muito legal você fazer uma experiência prática e depois você estudar e aquela coisa você viu, você tinha memória visual, e na matemática você não tinha isso.²⁸⁰

A associação que estabelece entre as quatro “disciplinas que não eram humanas, nem língua”, não se mantém enquanto narra a rotina disciplinar delas, separando a matemática por ela não fazer uso do laboratório como era comum nas outras. Ela explica trazendo à tona um juízo com base em sua opinião atual, sugerido por sua afirmação de que “não me recordo, mas acho...”. Essa era a razão por ela atribuída ao fato das disciplinas de ciências experimentais terem alcançado mais prestígio entre os alunos do que a matemática. Ao mesmo tempo, ela remete-se ao passado e conta que “era muito legal você fazer uma experiência prática e depois você estudar e aquela coisa você viu, você tinha memória visual, e na matemática você não tinha isso.”²⁸¹

Não há outras menções diretas, na entrevista de Sueli Prata, quanto a utilização dos livros do SMSG, em que fosse explicado, por exemplo, o tipo de uso ou lembranças específicas a respeito da coleção. Sua memória está associada a conteúdos, o que não

²⁸⁰ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 18-20.

²⁸¹ SUELI PRATA. *Entrevista*, p.20.

caracteriza suficientemente uma particularidade que possa estar associada a essa coleção, especificamente. Os conteúdos a que a entrevistada se referiu (e que serão objeto de análise no próximo capítulo) estavam presentes em outros livros didáticos que foram utilizados no CA, não sendo, assim, um indício muito forte do uso desses materiais.

Um aspecto a considerar é que a narrativa de Sueli Prata aponta para uma associação que ela faz entre o ensino de matemática e o ensino de ciências experimentais e, como ela mesma explicou, não estava relacionada com a utilização de métodos que conjugassem teoria e prática no ensino de matemática. É possível supor que a entrevistada estivesse buscando relações entre o que relatava (objetos de seu interesse) e o que o eu, na posição de entrevistador, estava esperando ouvir. Os entrevistados estavam esclarecidos de que esta pesquisa se propunha a analisar, ainda que não exclusivamente, as memórias do ex-alunos do CA a respeito do ensino de matemática e, mais especificamente, como a Matemática Moderna foi lá implementada, produzindo talvez a conexão do ensino de ciências com o ensino de matemática. Parto do entendimento de que a entrevista e o que dela resulta se constituem em um processo dialógico em que o entrevistador e os aspectos subjetivos da relação que estabelece com o entrevistado também são implicados na elaboração da narrativa. O que se torna material, para uso do historiador oral é, então, o produto de um diálogo entre sujeitos que se tensionam para a elaboração de entendimentos e explicações acerca do passado. A mesma ideia de Portelli que já mencionei nas primeiras páginas deste trabalho tomo aqui para explicar que essa tensão se expressa, por exemplo, ao considerarmos que “[...] o que ‘interessa’ aos ouvidos do pesquisador não coincide necessariamente com o que o narrador tem vontade de contar.”²⁸²

No entanto, não posso afirmar com convicção que seja este o caso, uma vez que Anônima também tenha contado que eram utilizados os livros de base americana nas disciplinas de ciências experimentais e matemática:

A - Eh... Como é... Física, matemática e biologia eram aqueles livros importados americanos BSSC, PSSC, e matemática, o MSCS...

Então, era um sistema de passos, eu não tinha o professor da série, eu tinha professor dos passos, que preparava o passo e quando eu tivesse apta, eu escolhia... O professor que tava lá na hora me cobrava e tudo...

D - Isso no colegial?

A - Isso no colegial.

D - Matemática também tava usando esse material?

A - Não, matemática não, matemática não. Matemática não, porque tava com o CECIBA, as apostilas de Catunda, Martha... Aí não, só fiz com Biologia e... E

²⁸² PORTELLI, A. Ensaios de história oral. 2010, p. 211.

era mais experiência, laboratório, química também.²⁸³

A mudança de opinião quanto ao uso de livros de base americana para matemática no Colegial, presente na memória de Anônima, não sugere que Sueli Prata tenha se enganado a respeito do uso dos livros SMSG no CA. Pelo contrário, me parece um indício de que algum uso desses livros tenha sido feito no CA, ainda que não tenham sido efetivamente adotados como o livro padrão pelas turmas dos ex-alunos entrevistados.

Isso acaba por apontar mais um questionamento do que uma resposta: se esses livros não foram adotados, por que são mencionados nas memórias delas? Se foram adotados, por que então os outros entrevistados não recordam do uso apesar de terem sido das mesmas turmas? Não é possível, a partir das memórias dos ex-alunos, responder a essas questões, sendo aqui apresentadas como um expediente especulativo e um limite explicativo dessas fontes.

Ao ser entrevistada, a professora Maria Augusta Moreno afirmou que fez uso dos livros do SMSG no Colégio de Aplicação no início de sua participação no projeto de modernização do ensino de matemática²⁸⁴, confirmando o que apontam os indícios presentes nas memórias dos entrevistados. No entanto, o que me parece mais relevante destacar neste trabalho é o fato de que, qualquer que tenha sido a utilização desses livros, eles ocupam um lugar não-central nas memórias dos ex-alunos, ao contrário do que aconteceu com as apostilas e livros produzidos pelos professores baianos.

Voltando à narrativa de Anônima, vale mencionar que ela acrescenta, ao se “corrigir” quanto ao fato de não ter sido adotada a coleção do SMSG no CA que, para o ensino de matemática, eles usavam “as apostilas de Catunda, Martha...” se referindo às produções do CECIBA.

Raimundo apresenta uma memória semelhante à de Anônima, ao contar que lembra que eram utilizadas, para o ensino de matemática, as apostilas produzidas “pelo pessoal daqui” e nega categoricamente a possibilidade de terem sido usados livros de matemática como alguma das coleções de livros americanos que o CA utilizou para o ensino de ciências experimentais:

R - Era. Física era o PSSC, não sei se ainda é usado, química e biologia, tinha o equivalente, tinha o equivalente, também tinha uma siglazine, tudo em português, mas com a base desse material era americano, química e física. [...]

²⁸³ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 3.

²⁸⁴ “[...] com a orientação do professor Catunda por falta de... de material, eu usei no Colégio de Aplicação um livro que era uma tradução de um livro Americano.” Cf.: MORENO, M. A. A. *Entrevista*. Salvador, 13 fev. 2012, p. 25.

D - Matemática não tinha nenhum equivalente?

R - Não sei se existia um material americano, se existia não foi usado. Só as apostilas mesmo feitas pelo pessoal aqui, se eles se baseavam em algum material externo se era criação deles não tinha a menor ideia. [...] Era só apostila, só a apostila mesmo.²⁸⁵

A produção de apostilas e livros de MM na Bahia tem sido objeto de interesses de trabalhos acadêmicos²⁸⁶ que atribuem ao CECIBA a responsabilidade pela publicação de uma série desses materiais que, após o seu fechamento, foi assumida por professores de matemática que estiveram ligados à Instituição e que se mantiveram vinculados à UFBA.

Contando a respeito das apostilas de matemática que foram usadas no CA, Raimundo explica por que eram usados materiais produzidos por um grupo de professores de matemática, liderados por Omar Catunda no âmbito da Universidade, ao invés de outros livros de matemática convencionais.

[...] estava havendo uma mudança no ensino da matemática, então, por isso, não se adotava os livros textos normalmente utilizados para matemática, utilizávamos essas apostilas que eles estavam desenvolvendo... esse grupo liderado por Omar Catunda, que estava desenvolvendo aqui na UFBA. Eu não sei a abrangência nacional disso, não sei se era um movimento nacional, mundial, não sei [...]²⁸⁷

Pode-se supor, a partir daí, que ele considera o ensino de matemática que recebeu no CA como moderno e alinhado a mudanças que ainda estavam sendo desenvolvidas no ensino de matemática. Por ser aluno à época, é bem plausível sua interpretação de que não houvesse, naquela ocasião, uma quantidade de instituições no país trabalhando de modo similar, a ponto de justificar a não produção de material didático nos padrões comerciais como existiam e eram utilizados em outras escolas. Parece-me mais uma evidência do caráter experimental da matemática que é reconhecido pelos entrevistados.

Raimundo também lembra como eram as apostilas de matemática que utilizou:

Eram muitos mais textos e equações, né, e naturalmente texto de matemática você sempre precisa de algumas ilustrações, mas eram muito mais textos datilografados, né, e equações, que eu não tenho lembranças, mas eu acredito que deviam ser escritas à mão, porque era difícil, né, ainda hoje, mesmo com esses editores de texto é difícil, eu acredito que as equações deviam ser escritas à mão, e as figuras, mas não tenho muita lembrança, não, cara [...] só me lembro que era tudo rodado em mimeógrafo, aquele negócio com cheiro de álcool, aquela cópia azul, não era preta, era azul, isso, mas não era encadernado, né.

[...] isso em matemática, no curso de matemática, porque os outros eram diferentes, história, português, geografia, tudo tinha livro, matemática que era dessa forma, não tinha livro texto justamente porque eles tavam mudando o ensino, aí não tinha livro

²⁸⁵ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p.44.

²⁸⁶ CAMARGO, K. C. O ensino da geometria nas coleções didáticas em tempos do Movimento da Matemática Moderna na Capital da Bahia. 2009; CAMARGO, K. C; SILVA, M. C. L. da. Martha Dantas: o ensino da geometria na Bahia. 2008.

²⁸⁷ FREIRE, Raimundo. M. N. *Entrevista*. Salvador, 27/10/2010, p. 24.

texto, eram essas apostilas.²⁸⁸

É possível notar que havia uma marca particular quanto ao ensino da matemática no âmbito do CA. Trata-se aqui de evidenciar que esse foi um dos traços importantes para os ex-alunos e que lhes sinalizava que, em matemática, também estavam sendo experimentados padrões de ensino modernos. A utilização de livros produzidos pelos professores da Universidade ou, antes, a utilização de apostilas mimeografadas, se constituía em um esforço para viabilizar aquele padrão experimental.

Valber, que ingressa no Aplicação cinco anos depois de Raimundo, em 1971, ao contar sobre o livro de matemática que lembra ter usado na quinta série, aponta para diferenças entre o livro que utilizou e as apostilas mimeografadas que Raimundo lembra ter utilizado. “Era um livro branco com uns desenhos meio abstratos, geométricos, assim na frente, geométricos, provavelmente editado pela UFBA, o pessoal todo da UFBA [...]”²⁸⁹.

Ocorreu uma série de mudanças nos livros de Matemática Moderna que foram utilizados no CA, bem como no modo como eram produzidos e publicados. Eles são objeto de análise de diversas pesquisas²⁹⁰ que discutem desde aspectos relacionados ao financiamento e a instituição que os publicava até a características relativas aos conteúdos neles contidos.

Nas memórias dos ex-alunos, essas modificações não foram muito evidenciadas, mas é possível notá-las ao comparar diferentes memórias, como no caso das de Valber e Raimundo, citadas acima, ou como no caso de Anna Cristina em que a entrevistada recorda ter utilizado diferentes coleções de Matemática Moderna. Na maioria dos casos, os ex-alunos conseguiram destacar diferenças basicamente relacionadas à forma de editoração dos livros e apostilas.

Anna Cristina, de modo diferente, reconhece que o livro que levou para entrevista, utilizado por ela no último ano do 2º grau, trazia diferenças das primeiras publicações que tratavam de Matemática Moderna, quando ingressou no CA, em 1967. Nesse ano, por exemplo, segundo recorda, as apostilas traziam noções de lógica, possivelmente associadas à teoria dos conjuntos.

C - [...] esse livro... eu acho que é de Omar Catunda, talvez... Esse aqui já é mais novo...

D - É, de setenta e três, né?

C - Já. É do último ano, na verdade, eu não achei os outros, eu dei uma limpa lá em casa... tinha, na verdade, a gente não começava por isso, a gente começava por

²⁸⁸ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 43-44.

²⁸⁹ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p. 13.

²⁹⁰ CAMARGO, K. C. O ensino da geometria nas coleções didáticas em tempos do Movimento da Matemática Moderna na Capital da Bahia. 2009.

uns livros grandes, talvez você já tenha visto, eram tipo umas apostilas, mas eram uns cadernos grandes assim, que era de Matemática Moderna, então, quando começava “*p e q, r...*”²⁹¹

Vale considerar que a diferença identificada pela entrevistada diz respeito a uma diferença de conteúdos trabalhados em materiais pertinentes a diferentes séries e não uma comparação entre materiais didáticos relativos à mesma série. Essa comparação de conteúdos a partir dos livros e apostilas não foi feita pelos ex-alunos entrevistados. No próximo capítulo, quando trabalhar com o tema dos conteúdos de matemática, o farei tomando em consideração as memórias por eles trazidas em suas narrativas, sem se aterem aos livros e apostilas.

Outro aspecto relacionado ao tema dos livros didáticos utilizados no CA é que, ao tratar dessa questão nas memórias dos entrevistados, se evidenciou uma conexão entre eles e alguns personagens proeminentes relacionados ao ensino de matemática na Bahia²⁹². Ao abordar o tema, Eduardo remete ao vínculo que Martha Dantas possuía com o CA:

E - [...] o time que deu aula de matemática no Aplicação, inclusive chegou a publicar livros específicos, alguns livros de matemática, Martha Dantas, Martha Dantas fez livros de matemática aqui, né, e o curso de matemática no Aplicação tinha o dedo de Martha Dantas, que ensinava no Aplicação e ensinava no Severino, Martha era a grande referência e é... algumas pessoas que fizeram um livro com Martha, chegaram a ensinar, acho eu, não tenho certeza, mas acho que essas pessoas estavam, talvez, no curso de matemática da UFBA na época, não sei nem se ele existia, existia?

D - O senhor disse que o pessoal tinha uma influência de Martha Dantas, que ela tinha um dedo lá...

E - Ela tinha um dedo, não, eu acho que ela chefiava uma equipe...

D - A sua professora fazia parte dessa equipe?

E - Qual professora, qual delas?

D - A do ginásio?

E - Diogo, Diogo... pura sensação...

Eu não sei, lhe confesso que não sei, se Martha tinha frequência no Aplicação, ia e dava aula no Aplicação, eu não sei. Pode ser que Martha desse aula, por exemplo, no curso colegial e eu não convivia com aulas de Martha, mas aulas, pra mim, foram dadas por[...] a sensação é que existia um grupo de pessoas no Aplicação ensinando matemática que tinha uma certa coordenação, uma certa articulação e como Martha editava livros, coisa raríssima naquele momento, Martha, Maria Augusta Moreno, tinha mais alguém, tinha quatro pessoas...²⁹³

A menção a Martha Dantas como uma espécie de liderança, associada à produção de livros didáticos de matemática e à coordenação, em alguma instância, dos professores de matemática do CA, completa as conexões presentes nas memórias dos ex-alunos. Vale

²⁹¹ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, 4-5.

²⁹² DIAS, A. L. M. *Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968)*. São Paulo, 2002; _____. *O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968)*. 2008; PINHEIRO, M. M. L.; RIOS, D. F. *As Redes de Interação Social e a Institucionalização do Movimento da Matemática Moderna na Bahia*. 2010. LIMA, E. B. *Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil*. 2006.

²⁹³ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*, p. 12-14.

lembrar que eles já lhe atribuíram a responsabilidade pela supervisão dos estagiários de matemática da Faculdade de Filosofia, conforme a última secção do Capítulo 1 deste trabalho.

Convém chamar atenção para o fato de Eduardo referir-se mais uma vez a uma memória que não está associada às suas próprias experiências, já que concluiu o ginásio em 1965, ano em que ainda não havia sido publicada a primeira apostila do CECIBA. Além disso, a partir do ano seguinte passou a cursar Estudos Clássicos, onde não constava a disciplina de matemática.

O fato dele não ter estudado com as apostilas publicadas pelo CECIBA e fazer menção a elas em suas memórias aponta para o quanto provavelmente eram marcantes para os colegas dele, que cursaram Científico, essas apostilas de Matemática Moderna. Provavelmente, porque foram tema de conversas durante os encontros com seus colegas, fora da sala de aula. Igualmente, apesar dele declarar não ter sido aluno de Martha Dantas, seu convívio com a professora possivelmente tenha se realizado em outros espaços do Colégio. Há elementos em sua narrativa que possibilitam conjecturar que sua memória a respeito da professora também foi produzida por representações associadas à fama da professora Martha entre os colegas dele, como ele mesmo reconhece:

[...] eu me lembro de Martha circulando pelo Aplicação, né, me lembro dela passar, era uma..., como é que eu chamo... era uma presença marcante a figura de Martha, entendeu?

[...] Primeiro, porque ela era uma coroa bonita, eu acho, na época, né, e, segundo, porque tinha o peso, pelo menos pra mim, idiota, na época, completamente, tinha o peso de que era ela a referência para o povo de matemática, para os professores de matemática do Colégio de Aplicação, Martha Dantas é a referência, assim como, por exemplo, em português, a grande referência foi, na minha cabeça, a grande referência foi Angélica, Maria Angélica Mattos, foi diretora do Aplicação durante um ano, e que era, ainda é, não morreu...²⁹⁴

Diferente de Eduardo, que se refere a um contexto interno ao Colégio para circunstanciar sua narrativa a respeito da importância que Martha Dantas representava para o ensino de matemática, Valber conta o quanto para ele era significativo estudar com livros de matemática de autoria de professoras do Colégio, associados a professores de matemática da Universidade, entre os quais estava Omar Catunda:

Quando chegamos na sétima série, sétima e oitava, nós tivemos o prazer de estudar, de sermos aluno de uma mulher [...] uma das autoras do livro que a gente estava estudando, você imagina o que significa isso? Maria Augusta, não lembro o resto do nome, não, agora, o livro era feito por oito pessoas, o primeiro, o mais famoso, um matemático daqueles chamado Omar Catunda, e ela era a última ou a penúltima, rapaz, aquilo era um delírio para gente, a mulher era uma das autoras do livro que a gente tava estudando...

[...] Martha Maria de Souza Dantas, me lembro de uma, Omar Catunda, que era o

²⁹⁴ SILVA, Eduardo J. S. da. *Entrevista*, p. 13.

primeiro, olhando assim, de certa forma, aquilo era um delírio, né, você conversava com gente, com seus colegas de outros colégios... seu livro de matemática onde sua professora era uma das autoras...²⁹⁵

De acordo com essa memória, a parceria estabelecida entre seus professores de matemática (Maria Augusta) e os professores da Universidade (Omar Catunda e Martha Dantas) para produção de livros didáticos, propiciava algum tipo de destaque, “um delírio”, para o ensino de matemática do CA, em comparação com os alunos de outras escolas. Sua memória sugere que essa parceria legitimava, de certo modo, a utilização daqueles livros que usavam no Aplicação, em função da chancela dos professores da UFBA que tinham participado da produção, tendo entre os membros da equipe um “matemático daqueles”.

Enfim, após ter explorado esses diferentes elementos, a conexão entre o ensino de ciências experimentais e a matemática será deixada de lado para adentrar em aspectos bem particulares das práticas pedagógicas relativas à Matemática Moderna no CA. A partir deste ponto, será explorado, junto aos ex-alunos entrevistados, como ficaram para eles, em suas memórias, os conteúdos que eram estudados, os procedimentos de ensino e até o uso do termo “Matemática Moderna” na Instituição.

Começarei por um aspecto particular, favorecendo um entendimento de que o cotidiano da sala de aula, em certa medida, respondia ao conjunto de princípios mais amplo do que os que estavam sendo assumidos pela MM. Se o Colégio é construído como “moderno” na memória dos entrevistados, é de se esperar que essa modernidade se associe não apenas a um vocabulário que proliferava no dia-a-dia mas, igualmente, a lembranças de conteúdos e práticas em diversas instâncias – como já vimos até aqui. Trata-se, a partir de agora, de propor um aguçamento do olhar para notar que, no que se refere à particularidade do ensino de matemática, as memórias desses ex-alunos vão identificar a MM como mais um traço desse expediente de modernização do CA.

²⁹⁵ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, 8-9; 13.

“Trata-se, evidentemente, de uma insignificância, mas nada é tão importante quanto as coisas insignificantes.”

(Sir Arthur Conan Doyle, *As aventuras de Sherlock Holmes*, p. 191)

4 – SOBRE O COTIDIANO DA MATEMÁTICA MODERNA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Ao analisar as memórias dos entrevistados, a seguir, quero discutir elementos relacionados ao cotidiano das aulas de matemática, destacando os conteúdos e procedimentos, fazendo um esforço para, quando possível, discutir sobre que fatores podem estar associados à produção de tais narrativas.

O debate a respeito das memórias mais pontuais e específicas sobre o ensino de matemática orientado pela MM no CA não será dividido em seções separadas, como nos capítulos anteriores. Corro o risco de oferecer ao leitor um texto demasiado extenso, que exija um fôlego mais dilatado para sua leitura. No entanto, esse recurso responde à dificuldade de dissociar elementos como conteúdos e procedimentos recordados pelos sujeitos entrevistados ou recortes aplicados aos conteúdos trabalhados nas diferentes séries. Sempre que necessário ou possível, serão indicados cruzamentos e inter-relações entre diferentes aspectos e conteúdos, privilegiando elementos tanto pertinentes aos próprios conteúdos programáticos interimplicados como pertinentes a procedimentos didáticos e rotinas de sala de aula.

Tratarei, ao longo deste capítulo, de analisar as memórias dos entrevistados acerca dos conteúdos relacionados com a MM que por eles foram evidenciados, bem como os procedimentos que seus professores utilizavam para que eles os aprendessem. Advirto o leitor de que é a partir do detalhe, da minúcia de uma lembrança de algo que eles dizem e, até quando declaram não se lembrar, que estou trabalhando com os conteúdos e os procedimentos relacionados ao ensino de MM. É seguindo esse caminho que ora faço suposições a partir de pequenas pistas quase imperceptíveis, ora faço especulações com um pouco mais de segurança em função de um entrevistado que lembre mais detalhes a respeito de alguma coisa.

Antes, porém, de adentrar no que os entrevistados recordam a respeito do que era trabalhado, quero destacar como o próprio termo Matemática Moderna se evidencia nas suas memórias. Reconheço que o é de modo diferente que em relação às modernizações implementadas nas outras diversas disciplinas escolares que, apesar de igualmente terem visto modernizadas as suas práticas pedagógicas, não foram referidas como “geografia moderna” ou “inglês moderno”. No caso da matemática, inclusive, isso apareceu nas entrevistas por iniciativa de dois entrevistados, como no caso de Anna Cristina, que afirmou “aí tinha a questão da matemática, que era a Matemática Moderna, é, que foi uma grande novidade pra gente [...]”²⁹⁶. Raimundo também classificou espontaneamente como “Matemática Moderna”. Ao ser perguntado sobre como os professores explicavam a implantação daquele modelo de ensino, explica que essa era a denominação dada à matemática que eles estudavam no Colégio

²⁹⁶ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p.16.

e que isso demarcava uma ruptura com a matemática que vinha sendo praticada “até então”, de modo geral: “[...] o que passavam pra a gente é que era Matemática Moderna em oposição ao ensino da matemática de até então.”²⁹⁷

Despertou minha curiosidade o fato do termo aparecer nas memórias desses dois entrevistados antes que lhes fosse perguntado. Vale acrescentar que o livro que Anna Cristina utilizou em 1973 e me apresentou durante sua entrevista, não fazia menção ao termo Matemática Moderna, tendo por título *Matemática – segundo ciclo – ensino atualizado – 3*²⁹⁸. Não foi essa, portanto, a razão que teria trazido à tona tal termo.

Pode-se supor que esse termo tenha aparecido porque os alunos o recordam como sendo o nome dado pelos professores à matemática que estudavam e, nesse sentido, os professores poderiam ser considerados militantes do projeto modernizador que estavam aplicando no CA. Pode-se supor também que o emprego do termo pudesse ser parte de um apelo para fazer os alunos associarem os procedimentos que empregavam aos valores ligados à modernização da sociedade brasileira. Vale salientar que estratégias de sedução por tudo que era “moderno” eram bastante frequentes na época²⁹⁹. Baseio essas suposições em alguns elementos tomados da própria narrativa de Anna Cristina, que apresento a seguir. Ela lembra o quanto representava um “baque” para ela e seus colegas ingressar no CA e se deparar com o ensino de MM, o que me permite supor que se tratava de uma dificuldade dos alunos que precisava ser contornada:

[...] mas foi uma mudança... Primeiro, dos livros, nós tínhamos aqueles livrinhos, assim, na escola e, de repente, você vem com aqueles super livros, *p* e *q*... já começa de matemática logo, de lógica, então, foi um baque, a gente com doze anos entrar pra trabalhar com lógica, eu me lembro que foi, realmente, um baque naquela época. Eu absorvi bem, mas era difícil.³⁰⁰

O que entendo é que existiu uma dificuldade geral relacionada tanto à adaptação dos alunos ao CA, quanto ao estudo da MM, que, segundo Anna Cristina ajuíza, “era bem difícil”. Posso supor que os professores estavam engajados em experimentar as propostas de MM que vinham desenvolvendo e também contavam com alguma dificuldade dos alunos que

²⁹⁷ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 24.

²⁹⁸ CATUNDA, O.; DANTAS, M. M. S. et al. *Matemática: segundo ciclo – ensino atualizado*. Vol. 3, Rio de Janeiro: GB, 1973.

²⁹⁹ “[...] entre 1954 e 1964, a publicidade espelhava a expectativa da modernização, colocada acima de tudo como ideal, cuja concretização dependia do progresso do país que, por sua vez, realizar-se-ia pela passagem de uma etapa do desenvolvimento, sustentada pela economia agrária, para nova etapa caracterizada pelo crescimento industrial e urbano [...] sem se transformar, o campo estaria fadado ao atraso, o que significaria, em última instância, afundar-se na barbárie, uma vez que ficava à margem da ‘civilização’, sinônimo do bem-estar e do conforto oferecidos pela ‘vida moderna’ e representada pelos diversos bens de consumo que a povoavam.” Cf.: FIGUEIREDO, A. C. C. M. “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”. 1998, p. 34.

³⁰⁰ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, 24.

ingressavam no CA para adaptarem-se aos padrões de ensino ali praticados. Por isso, me parece que o termo “Matemática Moderna” poderia funcionar como um aliado e fazer os alunos mais facilmente se disporem ao projeto modernizador do Colégio, uma vez que este termo se adequava muito bem a um valor bastante celebrado na Instituição, como se observa nas memórias já discutidas nos capítulos anteriores.

Anna Cristina, quando perguntada se o termo Matemática Moderna era utilizado no CA, ainda oferece mais indícios de que tal termo funcionava bem para ser empregado, pelo caráter do Colégio como experimental e moderno em um sentido mais amplo:

Era usado demais! Que nós estávamos trabalhando com a Matemática Moderna, nós estávamos trabalhando com outra filosofia de estudo, outra filosofia da matemática e nós, a partir daquele momento, estávamos conhecendo, estudando Matemática Moderna, era outra matemática que você... que aquilo que você conheceu no primário era uma e, agora, era outra matemática, Matemática Moderna, isso era dito sempre, uma marca da Escola, trabalhar com matemática moderna.

Segundo lembra, havia uma indexação do peso que “moderno” representava para Instituição ao termo MM. É possível supor que a utilização do termo funcionasse para justificar, para os alunos, possíveis dificuldades que eles estivessem enfrentando para se adaptar às novidades³⁰¹, mas que tal adaptação era necessária uma vez que “trabalhar com Matemática Moderna” era “uma marca da Escola”.

Vale destacar que, ao chegar ao CA, os alunos associam a sensação de estranheza a possíveis dificuldades de adaptação também com relação às demais disciplinas, não só por serem diferentes do padrão de ensino do primário, como também em função do padrão do Colégio, em geral, frente às outras escolas. Para minimizar tais dificuldades o CA intensificava a atuação do SOE logo no primeiro ano de ingresso dos alunos, como lembra Anna Cristina: “Era uma atividade normal essa reunião do SOE, era semanal, principalmente na primeira série, eu me lembro bem, que era a época que a gente tava se adaptando à escola, chegando, né, que era tudo muito novo, muito diferente.”³⁰²

Outro elemento singular que também merece ser analisado é a memória de Anônima, que não coincide com a maioria dos entrevistados que estudaram no CA a partir da segunda metade da década de 60, quanto à utilização do termo Matemática Moderna. Quando perguntada se o termo era utilizado no Aplicação, vejamos o que responde:

Não. Era falado exteriormente ao Aplicação, que considerava a matemática do Aplicação como matemática moderna, mas em termos dos alunos do Aplicação, não. Era exterior ao Aplicação. Era uma matemática diferente. Quando se fazia a comparação, claro! Ai se colocou esse termo, mas, no Aplicação não se falava

³⁰¹ Essas dificuldades dos alunos serão exploradas mais ao final deste capítulo.

³⁰² ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, 24.

não.³⁰³

Não é para sinalizar a disparidade da memória de Anônima em relação aos outros entrevistados que destaco sua resposta. Também não o faço para fomentar o debate a respeito de uma possível vulnerabilidade da memória que possa ter sido suscitada pela identificação de divergências entre as narrativas dos sujeitos pesquisados, mesmo reconhecendo que para alguns historiadores essa questão já tenha sido considerada bastante problemática e possa comprometer a confiabilidade desse tipo de fonte.³⁰⁴

Outro ex-aluno também não confirma a utilização do termo MM no CA, apesar de ter estudado no período mencionado: Jocano declarou não ter lembranças marcantes do ensino de matemática em todo o tempo em que estudou no Colégio, afirmando que “matemática, sempre foi meu fraco”³⁰⁵. No caso dele, diferentemente do caso de Anônima, o que parece acontecer é que ele não lembra da utilização do termo “Matemática Moderna” por não se lembrar de outros tantos elementos específicos associados à matemática, provavelmente mais relativo à falta de interesse demonstrado pela disciplina. O caso de Anônima é diferente. Além de ser uma entrevistada que se recorda de ter estabelecido um laço forte com a disciplina durante o período em que estudou no CA (e mesmo depois, tendo cursado licenciatura na UFBA), ela não afirma que não se lembra, mas ela lembra que “não era usado”.

Merece ser destacada essa interpretação de Anônima, principalmente em função da justificativa que apresenta para a não utilização da expressão “Matemática Moderna”. Para ela, a utilização do termo figura como algo dispensável, pelo menos para os alunos do CA, já que se fazia necessário apenas para demarcar a diferença entre duas categorias de matemáticas escolares ensinadas na Bahia, a do Colégio de Aplicação e a das outras escolas.

Segundo ela, nem os alunos se referiam à matemática ali praticada como “moderna”, sendo possível conjecturar que para eles não tinha sentido classificar a matemática que estudavam como “moderna”, frente às outras disciplinas escolares, uma vez que estas também eram ensinadas a partir de perspectivas inovadoras. Para ela, o ensino de matemática podia ser associado ao “moderno” na medida em que isso representava, de maneira emblemática, as práticas gerais do Colégio.

Ainda que de um jeito diferente de Anna Cristina, que lembra que o termo “era usado demais”, ambas sugerem que “moderno” conduzia para uma associação entre a

³⁰³ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 14.

³⁰⁴ Ver nota de rodapé nº 218 deste trabalho.

³⁰⁵ JOCANO. *Entrevista*, p. 14.

modernização que estava sendo aplicada à matemática e aquela que era realizada no CA em um sentido mais geral.

No caso de Raimundo, suas memórias indicam que o termo MM era utilizado em sala de aula, mas ele não identifica claramente o motivo, apenas reconhecendo que “passavam pra gente”. Ele continua:

[...] eu, francamente, não sei me posicionar frente a isso, como é que era feito antes se realmente tinha a ver chamar isso de Matemática Moderna ou se era só um rótulo, eu não acredito, porque era umas pessoas bem sérias que faziam, era desta forma que era passado pra gente.³⁰⁶

Sem colocar em questão propriamente o juízo que faz a respeito dos professores que implementaram a MM no CA, o que me interessa destacar é que ele provavelmente não soubesse o que sustentava o uso do termo nas práticas de matemática. Esse tipo de posição evidencia que, apesar de reconhecer a utilização do termo, os alunos não tinham propriedade sobre o debate epistemológico que sustentava a diferença entre uma matemática e outra, a não ser pela evidência dos conteúdos e procedimentos, como trato a seguir.

Adentrando na análise das memórias acerca dos conteúdos e rotinas trazidas pelos entrevistados, começo por uma pontuação do tema ‘geometria’. Anônima lembra das diferenças entre os conteúdos relacionados com o ensino de matemática no período em que cursou ginásio no CA, entre os anos 1963 e 1966, fazendo uma comparação com as mudanças que lembra terem sido implementadas, em 1967, pela MM. Ela faz tal comparação tendo como parâmetro, além de sua própria experiência como aluna, os conteúdos que eram trabalhados por ela mesma nas aulas de reforço que oferecia para seus irmãos mais novos e colegas deles que estudaram no CA na época, no período em que ela já estava fazendo Licenciatura em Matemática na UFBA

Acompanhemos sua narrativa a respeito:

Os conteúdos... lembro. Primeira série de ginásio era a revisão de admissão, toda aritmética, mesmo. Toda a aritmética. Na segunda série de ginásio era a parte de aritmética também, com equação, equação do primeiro grau e inequação. Na terceira série de ginásio era a questão da álgebra, produtos notáveis, fatoração, não sei o quê... e geometria. Tanto que uma semana era álgebra e a outra semana geometria, semanas alternadas e...

A quarta série de ginásio era praticamente tudo geometria, tudo de geometria.

[...] Agora, o lance de modificação de coisa foi quando chegou, em 67.

[...] a nova forma de dar o conteúdo que aí a quinta série você já pegava desde conjunto, relação de equivalência, relação de... aí pegava também a parte de geometria, um pouquinho, na sexta série era mais a questão de álgebra e equação, equação e álgebra, mas, na sétima série, era geometria. L. mesmo [...] do ensino de geometria da forma de transformação a turma dela foi, foi a primeira vez que foi

³⁰⁶ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 24.

aplicada, de L.³⁰⁷

Em outro trecho de sua entrevista ela detalha um pouco mais a respeito do ensino de geometria³⁰⁸ que, a partir “[...] da sétima série e da oitava série [...] não era geometria tradicional, era com rotação... simetria, translação e a geometria plana era toda com base nas transformações lin... nas transformações no plano”³⁰⁹.

A questão que interessa discutir nesses dois excertos da narrativa diz respeito às diferenças indicadas por ela entre o programa de matemática que era aplicado antes e o que se seguiu à implementação da MM no CA. Destaco dois elementos que aparecem em sua narrativa e evidenciam como passou a ser o ensino de matemática no Colégio: o estudo de “conjunto, relação de equivalência”, conteúdo relacionado à teoria dos conjuntos, e o padrão de ensino de geometria que “não era geometria tradicional”, mas uma “geometria [trabalhada a partir] da forma de transformação” que, em seu detalhamento, são explicitados “com rotação... simetria, translação e a geometria plana era toda com base nas transformações lin... nas transformações no plano”.

Ao narrar esses elementos, Anônima recorda de um padrão de ensino de conteúdos que se ajusta bem ao que fora proposto pelo CECIBA no “Programa Curricular de Matemática para o Curso Ginásial” e que tem sido objeto de estudos no âmbito da história do ensino da matemática na Bahia³¹⁰.

Além disso, ela indica uma tensão entre o par tradicional/moderno ao destacar o rompimento com o padrão tradicional do ensino de geometria que a geometria “com base nas transformações” figurava. A lembrança dessa novidade, da geometria sendo “testada” na turma de L., é um indício de que era reconhecido (pelo menos, para ela) que havia um caráter experimental na matemática, que foi o modo como os conteúdos passaram a ser trabalhados a partir da MM. O caráter experimental (que no caso das ciências experimentais era associado, pelos entrevistados, ao uso do laboratório e ao “Método dos Passos”, conforme vimos em capítulos anteriores), no caso da matemática era associado às novidades introduzidas no conteúdo, com a implementação da MM, e à utilização de livros produzidos pelos professores

³⁰⁷ ANÔNIMA. *Entrevista*, p.10-11.

³⁰⁸ De acordo com Freire, são identificadas semelhanças entre essa abordagem da geometria que vinha sendo desenvolvida na Bahia e a que vinha sendo realizada na Bélgica por Georges Papy. A esse respeito ver: FREIRE, I. A. A. *Ensino de geometria no secundário: programas curriculares Omar Catunda e Georges Papy na década de 1960*. 2011.

³⁰⁹ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 1.

³¹⁰ FREIRE, I. A. A. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970)*. 2009.

na Bahia. Lando³¹¹ identificou, de outro modo, recomendações para a utilização de estudo dirigido como um procedimento para as aulas de matemática do ensino secundário desde o 1º Congresso Brasileiro do Ensino da Matemática, ocorrido em Salvador em 1955. Apesar disso, os entrevistados desta pesquisa não lembram que tal procedimento tivesse sido usado nas aulas de matemática. Jorge foi único que mencionou, em sua entrevista, a realização desse procedimento, indicando que aconteciam no turno oposto e referiam-se ao estudo de história e geografia.

No caso da sua turma, Anônima conta que as mudanças derivadas da MM ocorreram a partir de 1967, ano em que ingressa no Científico e o CA transfere-se para o Canela. Para ela, essa mudança também estava muito ligada à existência do CECIBA.

A - Eu vi conjunto no ensino médio.

D - Não foi no ginásio?

A - Não foi no ginásio, foi no ensino médio e... ninguém via no ensino médio conjunto, ninguém via conjunto, função, relação, produto cart... ninguém via, a gente foi cobaia também nesses termos de...

Porque quando a gente estava no primeiro colegial que veio também o material do ensino médio, aí criou uma turma piloto no Central, Colégio Central e [...] Aí, ficou tipo o mesmo ensino dado no Aplicação, os mesmos professores do Aplicação, o mesmo povo dessa turma piloto do CECIBA³¹²

A memória de Anônima torna a colocar em questão algo que já estava sinalizado no Capítulo 3, nas narrativas de Jaci e Raimundo, que a implantação da proposta da MM junto com a modernização dos padrões de ensino de ciências experimentais no CA teriam ocorrido em 1966 ou 1967. Além de reafirmar que esse aspecto não é o mais importante, sou levado a pensar que existiu uma espécie de transição para a implantação da MM, e as turmas que tivessem iniciado o Ginásio antes de 66 aguardaram até o Colegial para ser implantada a MM. Não estou descartando a possibilidade de que determinados traços relacionados à MM tenham sido implementados antes, mas aqui não foram discutidos por não ter sido possível identificá-los nas memórias dos ex-alunos.

Voltando às memórias de Anônima que comparam os diferentes padrões de ensino do CA, cabe dizer mais uma coisa: nesse caso a entrevistada não fala apenas como ex-aluna. Sua memória parece demasiado sofisticada a respeito do que significava aquele tipo de geometria, em comparação com os outros entrevistados, que não utilizaram vocabulário tão específico. Justifico minha suspeita por considerar que ela, após a saída do CA, foi a única dos ex-alunos entrevistados que cursou Matemática na UFBA. Parece que, nesse caso específico, pelo fato de também lembrar de como ensinava para os mais novos, traz para suas

³¹¹ LANDO, J. C. . O estudo dirigido no ensino de Matemática no Brasil (1955-1966). 2011, 1-12.

³¹² ANÔNIMA. *Entrevista*, p.11-12.

memórias dos tempos do CA elementos significativos de uma interpretação como professora, e não apenas como aluna. Vale pensar ainda que ela trabalhou com esses assuntos durante muitos anos, o que pode ter favorecido para que se recordasse desses conteúdos com essa sofisticação de vocabulário.

Trago para contrapor a memória de Raimundo acerca do ensino de geometria. Durante sua entrevista, realizada depois da de Anônima, observei quanto detalhamento a respeito do ensino de matemática ele tinha recordado. Tentando fazer um cruzamento com a memória dela a respeito da geometria das transformações, perguntei:

D - Você consegue lembrar se era uma geometria estática, ou tinha transformações, ampliações de figuras, redução...

R - Era mais estático mesmo, mas não sei se..., por exemplo, o conceito de triângulos equivalentes ou homotéticos... tinha, se usavam essas expressões, expressões que na verdade eu já nem me lembro mais (risos) É equivalente que chama?

D - Congruente?

R - Falava de congruência, até me lembro de uma questão: “dois ângulos congruentes são iguais ou são só congruentes?” A resposta era que não. Não são obrigatoriamente iguais. Então isso se discutia, congruência, equivalência, homotetia... Eu na verdade não me lembro nem mais o que é homotetia.³¹³

Raimundo nega que a geometria que estudou no CA fosse ensinada a partir das “transformações”. No entanto, recorda o termo *homotetia*, uma marca importante das transformações geométricas³¹⁴, ainda que ele não lembre o que o termo significa. Esse cruzamento com a memória de Anônima é importante por duas razões: a primeira, corrobora a memória de Anônima, segundo a qual trabalhava-se geometria das transformações no CA; a segunda, por indicar o quanto as memórias dos ex-alunos evidenciam traços mais sutis e sem uma compreensão sofisticada do ensino da MM, como foi possível encontrar nas memórias de quem estabeleceu uma função pedagógica com o conteúdo, como no caso dela.

De geometria, Raimundo também recordou que sentiu dificuldade ao estudar o teorema de Tales:

Teorema de Pitágoras, Teorema de Tales, tudo isso... simetria, tudo era dado em matemática, isso aí, se eu não me engano, foi mais segundo e terceiro ano de ginásio, essa parte de geometria, teorema de Tales, que eu até tinha uma dificuldade de entender o Teorema de Tales, uma dificuldade danada. Depois você vai ver... Pô, era isso? O teorema de Tales, essa parte de geometria...³¹⁵

Considero que a singularidade das memórias dos ex-alunos a respeito de ensino de

³¹³ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p.31.

³¹⁴ Camargo ao analisar o ensino de geometria nas coleções didáticas produzidas apresenta uma série de considerações a respeito da ocorrência de homotetia no 3º volume da coleção “Ensino Atualizado da Matemática”. Cf. CAMARGO, K. C. O ensino da geometria nas coleções didáticas em tempos do Movimento da Matemática Moderna na Capital da Bahia. 2009.

³¹⁵ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p.30.

matemática é realmente um aspecto importante, uma vez que é desse lugar de ex-alunos que eles construíram suas narrativas.

Mesmo para Raimundo, que teve grande afeição à disciplina³¹⁶ em seu período de estudante no CA, o que provavelmente contribuiu para a narrativa de aspectos bastante detalhados a respeito do conteúdo, observamos que a sua memória sobre a associação desses temas à MM não perde a particularidade daquela posição que ele ocupou enquanto estudante do Aplicação. Quando trata da rotina de sala de aula, por exemplo, os aspectos técnico-pedagógicos aparecem de forma tênue. Talvez, o fato dele ter seguido uma carreira na qual manteve importantes elos com conteúdos da matemática contribua para que sua narrativa seja carregada de detalhes quanto a esse aspecto, ainda que não tenha sido uma narrativa carregada de elementos tão específicos dos quesitos didáticos, como foi o caso da de Anônima. Ela, por ter sido professora da disciplina em outras instituições, acabou carregando esses elementos na produção da sua narrativa sobre o ensino no CA.

Considero relevante sinalizar que as memórias dos ex-alunos também têm sido associadas a alguns sentimentos que costumaram se alternar: por ter gostado de estudar ou ter obtido bons resultados ou, de outro lado, por ter tido dificuldades com o conteúdo ou ter obtidos maus resultados. No entanto, não considero que esses sejam os únicos vetores que interferiram na reconstrução da memória associada a conteúdos e procedimentos, como evidenciado em tantos outros momentos desta tese, mas é inegável a sua recorrência nas entrevistas.

Dando continuidade à análise das memórias acerca dos conteúdos e rotinas trazidas pelos entrevistados, à semelhança do foco na geometria, adentro à pontuação do tema da teoria dos conjuntos e da lógica. Sueli Prata conta:

[...] me lembro exatamente de como foi que eu comecei a ter algum tesão pela matemática, que foi, exatamente, quando eu comecei a estudar aquilo que eles chamavam – não sei como chamam hoje – de Matemática Moderna, teoria dos conjuntos, tá certo?³¹⁷

Tomando como mote a declaração de que foi quando a MM começou a ser experimentada em sua turma que Sueli Prata começou a “sentir algum tesão” pela disciplina, destaco o que foi uma marca importante também presente nas memórias dos entrevistados ao tratarem dos conteúdos: a teoria dos conjuntos foi o conteúdo mais fortemente associado à MM nas memórias dos entrevistados. Segundo eles, esse tema aparecia logo no primeiro ano

³¹⁶ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*.

³¹⁷ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 15.

do ginásio ou do colegial. Tanto que considero muito relevante o fato de Sueli Prata fazer uma associação direta entre o ensino de MM e a “teoria dos conjuntos”, quase como algo associado ao nome daquele padrão de ensino.

Raimundo, por sua vez, lembra que já no início do ginásio, em 1966, eles passaram a estudar MM, sendo teoria dos conjuntos o primeiro conteúdo desenvolvido. Ele se detém em tentar demonstrar como esse conteúdo era trabalhado:

[...] me marcou bastante porque eu nunca tinha visto nada daquilo, o que a gente via no primário eram probleminhas, aquelas coisas, primeiro tabuada, conta, aprender a fazer contas, um probleminhas ou outro e eu já não me lembro mais muito além disso. Você começa a ver de uma forma diferente [...] a gente começou por teoria dos conjuntos, né, então, o que é que é um conjunto? O que é que é um elemento? Aí fica aquele negócio meio etéreo.
 – O que é um elemento?
 – É tudo aquilo que está dentro do conjunto.
 – Conjunto pertence a um elemento?
 – Não! O elemento pertence a um conjunto, mas um conjunto pode estar contido em outro conjunto...
 Então, essas coisas é que me causou um estranhamento, mas um estranhamento [...] até agradável porque não tinha número, né? Era uma matemática diferente, então isso eu me lembro bastante, né.³¹⁸

Vale destacar o quanto a Matemática Moderna lhe causou estranheza e que, para ele, era um estranhamento positivo, quer dizer, ele não nega que tenha havido um processo de adaptação ao padrão de ensino de matemática praticado no CA, mas recorda que gostava dessa diferença que ali existia em relação à matemática do primário. Pelo que conta, antes se concentrava no estudo dos algoritmos das quatro operações e em problemas relacionados à aritmética, além de métodos de estudo baseados na repetição para decorar a tabuada. Já no CA, era uma matemática “que não tinha número”, que tinha uma estrutura de funcionamento que precisava ser aprendida, como lembra ao narrar essa espécie de jogo de perguntas e respostas que ele usa para explicar os conteúdos associados à teoria dos conjuntos ensinada no primeiro ano de ginásio.

Sueli Prata, de sua parte, recorda que o estudo da teoria dos conjuntos foi aquele que lhe despertou maior interesse pela matemática. Para ela, esse maior interesse pela disciplina se justifica por ter lhe possibilitado uma associação com outros assuntos que lhe interessavam na época.

É, me lembro disso mesmo, dessa interseção, que pra mim era a coisa mais bonita, e tinha uma coisa que... relação biunívoca, que achava que tinha a ver com a dialética, eu tava estudando, né, assim, marxismo e dialética e tal, eu achava que a relação biunívoca tinha a ver com a dialética, nem sei se tem, tô de memória, né, quer dizer, eu estou lembrando, uma impressão que me rolou na época, que eu nem sabia...
 Como eu sou também muito oral, quando você puxa por mim, eu vou lembrando de

³¹⁸ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, 27-28.

coisa que eu achava que não lembrava, então, eu me lembro que eu estabeleci essa relação, numa época que eu estava muito dedicada ao estudo do marxismo, da dialética, uma época maluca, né.

Você ia namorar o cara e ele perguntava pra você “como é que foi sua entrada na dialética?” [...] mas, era assim, era assim... e aí eu estabeleço essa coisa, relação biunívoca, me vem na cabeça uma coisa da dialética, né, dos lados e tal [...]”³¹⁹

Apesar de não explicitar se teria ou não estudado “marxismo” em alguma disciplina do Colégio ou por conta própria, é possível supor que seu estudo a respeito do tema se realizasse de forma independente, em função de sua vinculação ao movimento estudantil, como recorda em outros trechos de sua entrevista já destacados no Capítulo 1 deste trabalho. Mais importante, no entanto, é destacar o modo como esses conteúdos são mencionados, na narrativa, de forma aparentemente misturada. Isso é um indício do aspecto individual de reconstrução daquele cotidiano escolar, em função das relações estabelecidas pela entrevistada com elementos de sua experiência particular.

Valber, que ingressou no CA em 1971 e teve que sair após a 8ª série em função de não serem mais oferecidas turmas para o segundo grau (atendendo ao processo de redução de turmas em função do fechamento do CA que se deu em 1976), também se lembra de ter estudado teoria dos conjuntos:

Ah, a gente deu conjuntos, cara, me lembro, Matemática Moderna era uma coisa que assustou no início, e lá era isso, Matemática Moderna, me lembra... me assustava porque era diferente de tudo que eu tinha visto no primário [...] eu me lembro que tinha umas coisas, se eu não tô enganado, tinha umas coisas de nomear uma reta r no ponto P , eu acho que tinha alguma coisa por aí, não sei mais o que eu posso me lembrar [...] tem alguma informação que tá aqui por um triz pra escapulir e não escapole, Matemática Moderna... sem uma informação acho que não consigo lembrar, não.³²⁰

Além da menção ao susto que sentiu ante a diferença que representava a MM para sua experiência escolar com matemática no início da 5ª série, Valber não consegue recordar quais outros conteúdos poderiam estar associados a ela, apenas fazendo menção a algum conteúdo de geometria, que ele não consegue lembrar detalhes. Mais uma vez é a teoria dos conjuntos que emerge como um conteúdo marcante, evidenciando o vulto a importância que teve na MM praticada no CA.

Vale a pena destacar aqui também uma memória emblemática de Denise. Vejamos:

D - [...] a senhora falou que tinha uma matemática que chegava... a senhora lembra do termo “Matemática Moderna”?

S - Lembro, que incluía teoria de conjuntos.

³¹⁹ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 17.

³²⁰ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p.28.

D - Vocês estudavam isso?

S - Eu não me lembro de ter estudado isso, não. Mas, incluía, né? Isso eu me lembro.

D - Lembra de quê? Ouvia isso onde?

S - No colégio... mas eu já tava terminando o ginásio, acho que a gente não pegou Matemática Moderna, não, já minha irmã pegou, há uma diferença de sete anos entre mim e ela, eu tava terminando já o clássico e ela...³²¹

A entrevistada não havia se referido ao termo Matemática Moderna, mas ao ser perguntada a respeito, não só conta que o ouvia no CA como também faz uma associação dele com a teoria dos conjuntos. O que quero pontuar aqui é que até mesmo para Denise, que cursou Estudos Clássico no CA a partir de 1965, não tendo matemática em todo o segundo ciclo do secundário, associa a MM com o estudo da teoria dos conjuntos. Tem-se aí um forte indicativo de que a implementação da MM no CA foi fortemente associada ao ensino da teoria dos conjuntos e, mais que isso, não ficou marcada desse modo apenas para os alunos que estudaram tal conteúdo, mas se estendeu também para os outros alunos do Colégio, estabelecendo uma espécie de identidade entre a MM e a teoria dos conjuntos.

Novamente, reconheço na memória dos entrevistados que havia uma espécie de destaque dado à teoria dos conjuntos no processo de implementação da MM no CA. Jaci, por exemplo, lembra que esse foi o primeiro conteúdo que a professora Maria Augusta introduziu, quando ela iniciou o Científico:

[...] Quando Maria Augusta começou, [...] a gente já começou, eu acho que teve uma primeira unidade, um primeiro mês, que ela trabalhou com algumas apostilas com teoria de conjuntos. É... é uma lembrança fugaz – só pra ela dar, eu acho que era... só pra agilizar conceitos... início...³²²

O que se pode supor a partir daí é que esse conteúdo estivesse sendo trabalhado em associação com a linguagem matemática carregada de simbologia, talvez na tentativa de preparar os alunos para o estudo das estruturas algébricas que também viriam a ser ensinadas no CA, de acordo com o que lembra Raimundo:

Olha, eu não tenho certeza se foi no colégio, se a introdução foi no colégio ou no ginásio mesmo, eu não tenho certeza se não foi no terceiro ano de ginásio que a gente começou a estudar as estruturas algébricas... francamente... eu realmente não sei, é que a gente via desde as estruturas mais básicas, mais simples, até chegar no espaço vetorial... já não me lembro mais do nome, não sei se isso mudou [...] Se continua... se um conjunto é um corpo, segundo a operação tal, se é tem essas propriedades...³²³

Juntamente com a teoria dos conjuntos, as memórias dos alunos apontaram para o ensino de lógica. No caso do estudo desse conteúdo, ele lembra que o Colégio também contou

³²¹ SCHEYERL, Denise C. M. *Entrevista*, p. 22-23.

³²² MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 3.

³²³ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, 10-12.

com um reforço, a partir de uma palestra no Colégio, proferida por Omar Catunda. Para Raimundo, conforme a memória transcrita abaixo, o ensino de lógica possuía uma associação direta com o ensino da teoria dos conjuntos. Destaco a relevância que foi dada à linguagem matemática, tendo sido esse um traço marcante da MM nas memórias dos alunos do Colégio.

[...] lógica matemática, muita coisa de lógica matemática. Até me lembro de uma palestra com o professor Omar Catunda, que ele foi lá dar uma... [...] eles levavam pessoas de fora... aí... [...] uma coisa que sempre causa um incômodo nas pessoas é a implicação, né, a implica b, então, se falso implica falso é uma verdade, segundo uma lógica aristotélica, ele disse: “não, isso aí você usa toda vez em sua vida” – um exemplo que ele deu –, “isso aí você usa toda vez em sua vida quando você diz: se acontecer isso, então minha vó é uma bicicleta...”, então, é um falso implicando num falso, então você usa isso, você usa isso... então, a gente estudava bastante lógica, bastante lógica... inclusive, no ginásio em conexão com a teoria dos conjuntos, né, então, isso estudou bastante. [...] A lógica aristotélica... o e, o ou, o ou exclusivo, ou exclusivo, pouco, mais geral era o ou inclusivo, implicação, equivalência, essa parte de lógica aristotélica.³²⁴ (grifo meu)

Além de ter feito os grifos para explicitar os termos de lógica matemática recordados por Raimundo, o faço com o objetivo de destacar que, no episódio em que conta a palestra, parece ter havido da parte de Omar Catunda um esforço de ajustar o conteúdo a exemplos que pudessem ser elucidativos para os alunos. Há indícios de que tal palestra teve como público alvo os alunos com idades por volta dos 12 ou 13 anos, para os quais teria sido bastante significativo e até engraçado o exemplo que Raimundo conta que ele usou. Parece que tal estratégia funcionou, pelo menos no caso de Raimundo, ao levarmos em consideração que ele se lembra do episódio e do exemplo até hoje.

Cabe considerar que a organização de um evento complementar às aulas para tratar de lógica com os alunos, sugere que havia uma preocupação particular com a aprendizagem deste conteúdo ou que talvez tivessem também sido identificadas, entre os alunos, dificuldades específicas com a aprendizagem de lógica. Essa é uma conjectura razoável se tomarmos a fala de Raimundo como parâmetro, quando ajuíza que “é uma coisa que sempre causa incômodo nas pessoas”. Mais plausível, ainda, é considerar que o estudo de lógica e da teoria dos conjuntos teve uma função propedêutica para o estudo da geometria a partir das transformações. Assim, era fundamental que esses conteúdos fossem bem aprendidos pelos alunos do colégio, de modo a viabilizar os desdobramentos do projeto modernizador que ali se estava implementando.

Sueli Prata, de sua parte, conta que achava fantástica a “lógica do teorema”, referindo-se a demonstrações de teoremas, atividade evidenciada ao longo das entrevistas dos ex-alunos como uma prática comum nas aulas de matemática, mesmo antes da implementação

³²⁴ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 32.

da MM no CA. No trecho de sua entrevista, a seguir, ela sugere uma associação entre o estudo da “lógica matemática” e o desenvolvimento de demonstrações, quando ela as põe lado a lado.

Agora, a lógica do teorema “se, tal...” pra mim é fantástico, porque aquela coisa... c.q.d., né, como queríamos demons... [...] a lógica da matemática eu achava porreta, achava legal e os conjuntos me fascinaram, não tanto a ponto de eu deixar de julgar a matemática uma péssima-temática, entendeu, nem boazinha, mas, você puxou pela minha memória, eu me recordo disso.³²⁵

Apesar de deixar clara a sua pouca afeição à disciplina, ela se recorda do quanto o estudo de lógica e de teoria dos conjuntos, bem como a resolução de demonstrações lhe possibilitava trabalhar com elementos que ela achava “porretas” em matemática.

Eis aqui mais um indício de que os alunos reconheciam no estudo da lógica e da teoria dos conjuntos, pelo menos implicitamente, uma função preparatória para o desenvolvimento dos processos dedutivos exigidos pelas demonstrações. Essa interpretação se conjuga bem com o argumento defendido por Freire e Dias, segundo o qual, no caso de geometria, com a “matemática moderna, a tradicional abordagem dedutiva euclidiana [...] foi substituída pela abordagem dedutiva analítica da álgebra moderna, embasada no uso algorítmico das regras sintáticas da lógica simbólica e da teoria dos conjuntos.”³²⁶

Ainda que os ex-alunos não consigam explicar a substituição a que se referem os autores citados acima, há indícios de que eles tenham notado que aconteceu alguma mudança com relação à prática de fazer demonstrações nas aulas de matemática, especificamente relacionadas à geometria, ainda que tenha sido recordada de maneira implícita e que estivesse associada à incorporação da lógica e da teoria dos conjuntos. Jaci, por exemplo, insinua ter se dado conta disso ao comparar com as demonstrações que faziam nas aulas de matemática do ginásio:

[...] nós tínhamos uma professora que não era... não primava pelo, vamos dizer, pela inovação, embora tivesse no grupo, e... com ela eu me lembro ter estudado geometria, nós trabalhávamos com todos os teoremas, aquelas coisas, mas não me lembro ter dado, por exemplo, no ginásio, teoria dos conjuntos. Isso nós não trabalhamos. Na minha turma, não.³²⁷

Dois aspectos precisam ser pontuados aqui. Primeiro, levando em consideração suas narrativas, parece não ter havido para os alunos uma mudança muito evidente quanto ao ensino de geometria. Ou, melhor, até pode ter havido, mas eles não conseguem recordar

³²⁵ SUELI PRATA. *Entrevista*, 16-17.

³²⁶ FREIRE, I. A. A.; DIAS, A. L. M. Seção Científica de Matemática do CECIBA: propostas e atividades para renovação do ensino secundário de matemática (1965-1969). 2010. p. 371.

³²⁷ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 3.

explicitamente essa modificação com respeito à abordagem do conteúdo: o que eles identificam é que, de algum modo, a teoria dos conjuntos e a lógica passaram a desempenhar um papel importante no ensino de geometria e no desenvolvimento das demonstrações. A modernização proposta pela Matemática Moderna, em certa medida, fica evidenciada como uma inclusão de determinados conteúdos e uma cobrança quanto ao desenvolvimento do argumento dedutivo nas demonstrações que praticavam.

O segundo aspecto diz respeito a como essa memória de Jaci se junta às memórias anteriores e aponta que os ex-alunos entrevistados reconhecem certa função preparatória que a lógica e teoria dos conjuntos passou a ocupar no CA. Essa função também aparece no argumento defendido por Omar Catunda, anos depois, na introdução do livro *Ensino Atualizado da Matemática, 7ª série*, publicado em 1975, no qual explica que, antes de “entrar na matéria propriamente dita deste livro”, que abordava “conjunto dos números reais”, “geometria afim” e “geometria euclidiana”, “serão dadas, como pré-requisitos algumas noções elementares de lógica, com o objetivo principal de preparar o aluno para formular o raciocínio lógico que conduz à resolução dos problemas que se encontram na Matemática.”³²⁸

Parece-me que já temos agora elementos suficientes para justificar o porquê do empenho em reforçar o ensino dos conceitos de lógica e teoria dos conjuntos, para além das aulas de matemática, com iniciativas como a palestra de Omar Catunda. Ainda que não tenha sido possível avaliar se esse esforço produziu o resultado esperado, produziu, nas memórias dos ex-alunos entrevistados, uma associação entre o estudo de geometria e os métodos dedutivos com base nesses conteúdos. Quer dizer, no CA, a introdução dos conteúdos de lógica e teoria dos conjuntos não tinha apenas a finalidade em si mesmos, mas a importância que era dada a eles e a ordem em que apareciam no currículo escolar tinha um papel potencializador da experimentação que se realizava na matemática na instituição. A partir desses conteúdos, a geometria das transformações poderia ser mais facilmente ensinada e, pode-se concluir ainda, os alunos, pelo menos implicitamente, tinham consciência disso.

Além da geometria, da lógica e da identificação de toda ênfase que foi dada nas memórias dos entrevistados quanto à associação entre a MM e a teoria dos conjuntos, apresento outro trecho da entrevista de Raimundo, em que ele acrescenta outros conteúdos de matemática que estudou no CA naqueles anos:

[...] a gente já pegou dessa forma, teoria dos conjuntos e estudo de funções, estruturas algébricas, depois álgebra linear, e por aí vai, né?

³²⁸ CATUNDA, O.; DANTAS, M. M. S. et al. *Ensino atualizado da matemática: 7ª série do primeiro grau*. São Paulo: EDART, 1975.

[...] lembro também de muito estudo principalmente de equação do 2º grau, no quarto ano de ginásio, solução de equação do 2º grau, não sei se as cônicas em geral a gente viu aí ou foi depois, acho que deve ter sido depois, mas equação do 2º grau, com certeza no quarto ano de ginásio e... não sei... eu acho que a parte de geometria espacial, geometria analítica era mais no curso de colégio [...] limite, derivada e integral a gente via no terceiro ano, os outros eu realmente não sei... a gente estudava bastante estruturas algébricas, espaço vetorial, corpo...

[...] eu me lembro que tinha as estruturas mais básicas, mas que agora eu não me lembro mais o nome. Se você falar aí é capaz de eu lembrar, me lembro bem que tinha as estruturas superiores, que tinha mais propriedades eram os espaço vetorial e o corpo, isso a gente via bastante e... eu não tenho certeza, mas posso estar enganado, mas acho que a gente começou a ver isso no terceiro ano de ginásio, mas posso estar bem enganado. O que eu lembro com certeza é isso, teoria dos conjuntos no primeiro ano de ginásio, essa parte de equações, equação do primeiro grau no primeiro ano, equação de segundo grau a gente viu muito no quarto ano de ginásio e no terceiro ano de colégio essa parte de cálculo diferencial e integral, definição de limites...

[...] teve também análise combinatória, estudo de probabilidade, acho que isso aí foi no segundo ano de colégio, análise combinatória.

[...] eu me lembro bem de geometria era, principalmente, o estudo de triângulos, projeções, bissecção, cálculo de área, área do triângulo, área do cone, área do cilindro, volume do cilindro, volume do cone, esse tipo de... círculo, também, tangente, secante, e as relações trigonométricas, né, isso eu, isso eu me lembro.³²⁹

Jaci, por sua vez, acrescenta o estudo de sistemas de equação aos conteúdos identificados na memória de Raimundo, que ela recorda como diretamente associados ao estudo das matrizes:

[...] tinha, assim, aquele... sistema de equação? Sistema de equação e [...] no segundo ano a gente já tinha um aprofundamento disso, trigonometria... matrizes, matrizes. [...] essas matrizes... eu me lembro que cria uma relação entre as diversas equações, né isso? [...] mas eu não me lembro mais como se calcula, claro.³³⁰

É importante considerar que os conteúdos rememorados pelos ex-alunos do CA, em especial por Raimundo, que foi o entrevistado que apresentou uma memória muito variada, coincidem em grande medida com aqueles que estavam sendo oferecidos pelos cursos de aperfeiçoamento para professores oferecidos pelo CECIBA, de acordo com o discurso de Martha Dantas na II Conferência Interamericana de Educação Matemática, ocorrida em 1966. Segundo ela, os cursos estavam divididos em quatro estágios:

[...] primeiro estágio: elementos de lógica simbólica, introdução à teoria dos conjuntos, estruturas algébricas fundamentais, noções, aplicações práticas; segundo estágio: álgebra moderna, geometria linear e plana; terceiro estágio: geometria espacial e estudo de matrizes; quarto estágio: elementos de topologia, cálculo integral e diferencial.³³¹

Os cursos a que Martha Dantas se referiu não eram oferecidos para os professores

³²⁹ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, 2; 10-12; 28-29.

³³⁰ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, , 13-14.

³³¹ DANTAS, M. M. S. Treinamento de professores no Brasil. In: FEHR, H.F. (org.) *Educação Matemática nas Américas. Relatório da Segunda Conferência Interamericana sobre Educação Matemática*. Lima, 1969, p.170.

do Colégio de Aplicação. Eram ministrados por professores do CECIBA, alguns deles ligados ao CA, para professores de outras instituições escolares da Bahia³³². O sentido de indicar os conteúdos trabalhados em tais cursos não é tratar da formação dos professores do CA, mas de explicitar que os conteúdos lá trabalhados estavam em consonância com a proposta modernizadora para o ensino de matemática discutida pelo CECIBA e que se emparelhava com um projeto maior de modernização no estado da Bahia. Retomando a memória de Raimundo, proponho mapeá-la e fazer uma comparação com a proposta curricular do Colégio para o ano de 1972, considerando tanto o programa para o Ginásio quanto para o Colegial. A escolha pela memória dele se justifica pelo detalhamento de conteúdos que apresenta. Esse detalhamento é uma característica que particulariza a memória dele ante a dos outros entrevistados que, exceto no caso de Jaci, como mencionado acima, não acrescentaram conteúdos diferentes aos referidos por ele.

De acordo com “O programa de Matemática – Curso Colegial – 1972”, ano em que Raimundo cursou o 3º ano, os seguintes assuntos estavam previstos para serem trabalhados naquela série: “Noções de continuidade, Limite, Derivado (*sic*), Integral, Volume de sólidos, Análise Combinatória e Probabilidade.”³³³

Começo a comparação com o trecho da narrativa de Raimundo em que conta ter estudado, no 3º ano, “limite, derivada e integral”, fazendo em seguida uma menção a terem estudado “bastante estruturas algébricas, espaço vetorial, corpo...”. No caso das estruturas algébricas, que ele não recorda quando foram trabalhadas, ao analisar os dois Programas de 1972, incluindo aí o “Matemática para o Curso ginásial”³³⁴, identifiquei a utilização de estrutura em dois momentos. O primeiro, na 1ª série “do curso ginásial”, que aparece como terceiro conteúdo a ser trabalhado: “operações com números naturais; propriedades estruturais” e, na 1ª série do curso colegial “3. Noções de lógica e conjuntos; Relações; Aplicações estruturais”. Na 2ª série do Curso colegial as estruturas algébricas aparecem indicadas no item 6: “O corpo dos números complexos”. Vale a pena observar que o estudo de números complexos não foi mencionado por nenhum dos entrevistados. Com relação à “teoria dos conjuntos”, também estava previsto que fosse trabalhado na 1ª série do ginásio, coincidindo igualmente com a memória de Raimundo.

³³² FREIRE, I. A. A. Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970). 2009.

³³³ Vide Anexo 3 deste trabalho.

³³⁴ Vide Anexo 2 deste trabalho. Curioso notar que esse termo ainda tenha aparecido em documento oficial do CA de 1972, uma vez que o ginásio havia sido fundido com o primário, no ensino fundamental no ano anterior.

Não se pode desconsiderar, ainda, que as estruturas algébricas possam ter sido trabalhadas na 3ª série do ginásio, em seguida ao item “1. Noções de Lógica”, no tópico 2: “Números Reais”. Mas essa não é uma questão em que vá me deter aqui, já que Raimundo não explicitou a partir de quais conteúdos as estruturas algébricas foram trabalhadas. Reconheço que há fortes indícios de que o conteúdo dos números reais tenha sido trabalhado com base nas estruturas algébricas, se considerarmos que, motivada pela influência do modo abstrato como Omar Catunda tratava o tema no ensino superior³³⁵, possa ter havido uma apropriação para o curso secundário, no âmbito do projeto modernizador da matemática realizado na Bahia.

Ao fazer, por exemplo, a comparação com o Programa de Matemática, tanto para o ginásio, quanto para o colegial, não estou supondo que esse tenha sido o único programa de ensino de MM do CA. Inclusive, há uma série de trabalhos já sinalizados aqui que se detêm em discutir as modificações do currículo associado à Matemática Moderna no Brasil e na Bahia. No entanto, este não é um objeto para este trabalho, uma vez que essas variações não apareceram nas narrativas dos entrevistados. Também não foram encontradas insinuações de que os ex-alunos tivessem percebido mudanças no modo como a MM foi praticada no CA. As mudanças de fato notadas por eles, e que se evidenciaram em suas memórias, são aquelas relacionadas às mudanças no ensino de matemática em geral, no CA, com a chegada da MM, mas sem distinções a diferenças internas a ela.

Finalizando o mapeamento da memória de Raimundo quanto aos conteúdos, tomo outro trecho em que conta: “eu acho que a parte de geometria espacial, geometria analítica era mais no curso de colégio”. Essa memória dele se associa bem à memória de Jaci que, apesar de ter cursado uma turma cinco anos antes da dele, conta que passou a estudar geometria espacial e analítica no Científico.

É importante considerar que ele não deixou de mencionar nenhum dos conteúdos de matemática previstos para serem ensinados no último ano do colegial, no ano de 1972 – série que ele estava cursando. Contudo, no caso de análise combinatória e probabilidade, ele não fez uma associação com a série em que estes conteúdos teriam sido ensinados.

Cabe sinalizar que na comparação que realizei entre a memória de Raimundo e os conteúdos previstos pelo Programa de Matemática de 72, ele reporta-se a conteúdos trabalhados em todas as séries, ainda que deixe de mencionar um conteúdo ou outro. A única exceção é o caso dos conteúdos da 2ª série ginásial indicados no Programa: a respeito deles há

³³⁵ LIMA, E. B. Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil. 2006.

um silêncio expressivo. Nenhum deles é mencionado pelo entrevistado. Vale acrescentar que esse silêncio coincide com o período em que ele não foi aluno de Maria Augusta Moreno.

Segue sua narrativa:

[...] durante os sete anos, somente um, justamente o segundo ano é que eu tive uma outra professora, durante seis dos sete anos a professora foi Maria Augusta, me parece que é Maria Augusta Moreno, o sobrenome dela, também não sei se alguém já lhe passou... ela era uma das professoras que, junto com o professor Omar Catunda, desenvolvia, desenvolvia eh... essa metodologia.³³⁶

Neste momento posso fazer algumas especulações a respeito desse silêncio. Como já discutido ao longo deste trabalho, o processo de reconstrução da memória é influenciado por fatores que, cada um, ao seu modo, participam interferindo no que é contado pelo sujeito que lembra, fazendo-o acentuar certos episódios ou aspectos em detrimento de outros.

O silêncio, neste caso, pode indicar a existência de boas relações que o entrevistado estabeleceu com Maria Augusta, ou, diferentemente, indicar relações não tão boas com a sua professora da 2ª série do ginásio. Também pode ser possível que indique conteúdos que ele gostou menos de estudar ou aos quais se dedicou pouco, ou que não tenham sido ensinados ou, ainda, que o conteúdo tenha sido mais bem aprendido e mais marcante para ele ao ser ensinado por Maria Augusta.

Mais importante do que entender porque Raimundo não menciona os conteúdos da 2ª série, me parece que é entender porque ele só vincula os conteúdos de Matemática Moderna às aulas de Maria Augusta (professora que ele recorda como sendo “uma das professoras que, junto com o professor Omar Catunda, desenvolvia, desenvolvia eh... essa metodologia”). Quero chamar atenção para esse detalhe, para o fato de, na memória de Raimundo, a MM estar associada a esta professora. A importância do papel da professora Maria Augusta nas memórias dos ex-alunos se evidencia ainda mais em associação com as memórias dos outros entrevistados que também lá estudaram naquele período.

Jaci, em sua entrevista, apresenta um exemplo do paralelismo que se sugere haver entre Maria Augusta e Martha Dantas:

Dona Martha era assim, aquela senhora imponente, sempre de salto alto, certo? Presente a vida toda na vida do Colégio e... Maria Augusta era baixinha, um pouco menor, e, assim, ela é elétrica, “The Flash”. Ela entrava na sala de aula, ela não fazia mais chamada, então, ela deixou pra lá. “Bom dia, bom dia, bom dia, bom dia...”, passava pro quadro de giz e passava uma lista de exercício e começava o trabalho, a fazer exposição e, depois, começava o trabalho todo, com exercícios, etc.³³⁷

Maria Augusta foi a professora de matemática mais identificada à implementação

³³⁶ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 22.

³³⁷ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 4.

da MM. Dos catorze entrevistados, nove cursaram disciplinas de matemática no período demarcado e, dentre eles, Maria Augusta foi associada por cinco deles como uma personagem importante na implementação da MM. Eduardo, apesar de não ter cursado disciplina de matemática no período, também fez menção a ela por ter sido seu aluno em aulas particulares durante um dos últimos anos de ginásio³³⁸. Já havia destacado também a memória de Valber, que fez referência à satisfação que sentia por ter como professora Maria Augusta, uma das autoras do livro que usava e como isso representava certo motivo de orgulho frente aos colegas de outras escolas com quem conversava na época.

A atuação dela no Colégio foi, por mais de uma vez, colocada como uma referência da MM, ao lado de Martha Dantas e de Omar Catunda. No caso de Martha Dantas e Maria Augusta (personagens mais próximas dos alunos do CA), cada uma a seu modo, foram identificadas nas memórias dos entrevistados como as personagens mais importantes da MM no CA. Há indícios suficientes para afirmar certo paralelismo entre elas. Se Martha Dantas foi uma das lideranças importantes da modernização da matemática na Bahia, no CA, não se pode negar que Maria Augusta seja a personagem responsável pela implementação daquele projeto que se realizava no Colégio.

Tornando, mais uma vez, à análise de elementos do cotidiano das aulas, quero recuperar uma memória de Anna Cristina pertinente a algumas particularidades de sua experiência: “E, rapaz... me lembro bem de lógica, muito. Só! E que eu não tinha muita visão espacial!”³³⁹

Tomando como mote essa afirmação de Anna Cristina ao responder sobre o que lembra dos conteúdos de matemática trabalhados no Colégio, chamo mais uma vez a atenção do leitor para o fato de que esse tipo de narrativa é um rastro de conteúdos e procedimentos presentes nas aulas de matemática, além de ser a marca de uma singularidade associada à posição que esses sujeitos ocuparam naquele contexto. Se, para um professor, ao recordar o ensino de geometria, por exemplo, enfatizaria os aspectos teórico-metodológicos da questão, para um aluno, como no caso de Anna Cristina, o mais importante era que ela “não tinha muita visão espacial”, evidenciando a diferença de perspectiva produzida pela mudança de posição na escola – de professor para aluno.

No caso da narrativa apresentada, ela é mais um indício do ensino de geometria espacial no CA, e, também uma pista de que era esperado deles que tivessem “visão espacial”.

³³⁸ Os entrevistados também mencionaram que as professoras Iracy e Júlia Leocádio ensinaram matemática no CA no período da MM.

³³⁹ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 25.

Mas, o que significa isso? Por que isso marcou tanto a entrevistada? Não formulo estas perguntas com a pretensão de respondê-las e silenciar a dúvida, mas com a intenção de provocar o leitor a tentar imaginar como teria se construído, para Anna Cristina, a ideia de que “não tinha muita visão espacial!”.

É relativamente fácil supor que seja o resultado de cobranças por parte dos professores ou dela própria, ao perceber que não conseguia cumprir atividades que exigiam dela a abstração necessária para compreender as figuras tridimensionais. Em outro trecho ela esclarece melhor a dificuldade que sentia:

[...] eu não gostava de trigonometria e não tenho visão espacial, então isso pra mim era complicado. Botavam aqueles cubos e eu não enxergava nada tridimensionalmente, então, era um parto. [...] Tudo desenhado, tudo desenhado. Por isso que eu lhe digo, não tinha essa série de recursos que hoje você vê nas escolas, não, nós não tínhamos, era muito no quadro negro e não tinha projetor de slide, não tinha computador, não tinha nada disso, certo? Era tudo no quadro negro, era muita aula expositiva e no quadro negro.³⁴⁰

Duas questões podem ser discutidas ainda, a partir da memória de Anna Cristina. A primeira, remete à utilização de uma referência à escola do presente para avaliar o CA no período em que estudava. Essa marca é recorrente na produção de sua memória e acaba indicando que o ensino de matemática provavelmente foi objeto de grande interesse de sua parte durante o período escolar de suas filhas, quando se deparou com um colégio aparelhado com equipamentos mais comuns na atualidade. Esse aspecto possibilita observar que, de certo modo, o tom de crítica associado ao ensino de matemática no CA é resultado, se comparado ao que “hoje você vê nas escolas”, como um padrão de ensino não mais moderno ou inovador, diferentemente de tantas comparações que os entrevistados fizeram entre o CA e outras instituições escolares da época. Aquilo tudo que o fazia figurar como uma instituição vanguardista ante as propostas de ensino que se realizavam nas outras instituições, nas mais diversas disciplinas, com a passagem do tempo e o advento de novas tecnologias, propostas metodológicas e conteúdos, acentua o quanto o atributo “moderno” é relativo e constitui “um processo em que os modelos modernos da experiência não podem deixar de se tornar, por sua vez, também tradicionais”³⁴¹, já que o moderno está sempre fadado a deixar de sê-lo.

A segunda questão se refere à menção que ela repetidamente faz ao uso dos desenhos como um procedimento comumente utilizado para se trabalhar com os conteúdos de geometria espacial, nas aulas de matemática. Para além da sinalização sobre a falta de recursos em comparação com materiais usados na escola na atualidade, seu juízo me sugere

³⁴⁰ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 24.

³⁴¹ RODRIGUES, A. D. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. 1994, p.5.

que haja também uma reclamação quanto ao fato dos procedimentos para o ensino de geometria, pelo menos na turma dela, terem se restringido ao uso de desenhos no quadro. Essa observação insinua a causa para sua dificuldade em resolver o problema da abstração exigida para que percebesse a tridimensionalidade das figuras, como ela mesma narra: “botavam aqueles cubos e eu não enxergava nada tridimensionalmente, então, era um parto.”

Roberto, ao se referir ao ensino de geometria, dando destaque à geometria espacial, também menciona a utilização de desenhos como único procedimento de ensino relacionado ao tema, acrescentando o uso de giz colorido para definir os diferentes planos. De modo diferente de Anna Cristina, conta que gostava das aulas de geometria, achando “fantástico”, inclusive, o aspecto que para Anna Cristina era tão complicado. Vejamos o que ele conta:

[...] eu adorava geometria, geometria era fantástica, inclusive a gente tinha que desenhar... essa questão do tridimensional, do espacial... era muito bacana, eu gostava muito disso [...] naquela época era quadro negro e os professores usavam giz colorido, justamente porque, como tinha muito desenho e você fazia desenhos em perspectiva e espaciais e, etc., facilitava muito você visualizar a imagem usando cores diferente do que tava no primeiro plano, do que tava no segundo plano, do que tava no tridimensional³⁴²

Assim como Roberto, Jaci não considera que fosse difícil estudar geometria espacial e acrescenta que além de demonstrações e desenhos, os alunos resolviam exercícios envolvendo os sólidos geométricos. Sua memória corrobora a interpretação de que, para o ensino de geometria espacial, os professores não faziam uso de materiais concretos: “nunca peguei um cone pra cortar, seccionar e calcular depois, mas o problema era dado e a gente sabia resolver, não era complicado... a inserção de uma figura dentro da outra...”³⁴³

Sueli Prata foi outra entrevistada que contou também ter tido esse tipo de dificuldade ao estudar geometria espacial, e sugere a existência de uma técnica que lhe era indicada usar para que conseguisse perceber a tridimensionalidade da figura, ainda que ela própria não conseguisse: “agora, dizer assim, ‘feche os olhos e veja o prisma, não sei o quê lá’, aí, lascou, porque eu não conseguia nem a pau”³⁴⁴.

Raimundo, também tratando do tema, se recorda de ter sido usado material tridimensional uma vez, nas aulas de matemática:

[...] uma vez estudando geometria espacial que a professora pediu [...] pra fazer tipo um figura tridimensional, na verdade tipo uma... com três planos, um assim, outro assim e um outro cruzado, que ele fez de papelão, para ilustrar, para ela usar para

³⁴² SENNA, Roberto D’A. *Entrevista*, p. 16.

³⁴³ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 15.

³⁴⁴ SUELI PRATA. *Entrevista*, p. 16.

ilustrar as aulas de geometria espacial. A única coisa sólida que eu me lembro que teve, nunca vi nada, nenhuma outra...³⁴⁵

É possível supor que o conteúdo que estivesse sendo trabalhado no episódio contado por Raimundo fosse *posições relativas entre planos*. No entanto, isso não é o aspecto mais importante, e sim a introdução de um procedimento metodológico específico para o ensino de geometria espacial e que talvez tivesse sido utilizado em resposta às dificuldades dos alunos ou, mesmo, que não tenha sido uma solicitação que partisse deles.

Como Jaci recorda, para ela a dificuldade era outra. Segundo sugere sua memória, o desenvolvimento dedutivo representava para ela um problema no desenvolvimento das demonstrações solicitadas: “eu me lembro dessa dificuldade, da passagem do raciocínio e da demonstração para o resultado final. Eu acho que faltava, assim, um *insightzinho*, ‘então, tal coisa assim, assim’, entendeu, faltava isso.”³⁴⁶ Essa atividade representava para ela o aspecto mais complicado no ensino de MM.

A memória segundo a qual lhe faltava “um *insightzinho*” para completar o desenvolvimento dedutivo, bem poderia se referir à demonstração de uma questão de prova. Acrescento à memória dela a narrativa de Valber, que se recorda de como eram as provas de Maria Augusta e como tinha que utilizar o que chamou de “lógica geométrica” para desenvolver os teoremas que apareciam na avaliação:

[...] as provas dessa professora, Maria Augusta, eram assim: considerando que existem duas retas paralelas que cortam outras duas retas não sei o que lá... e que o ângulo tal *SI* é igual... congruente com o ângulo tal, prove que essa terceira reta que passa aqui é paralela também a essa duas”. Você tinha que provar por lógica geométrica. “Com efeito...” – a gente tinha que começar assim –, “com efeito, considerando-se que o ângulo tal é igual ao ângulo tal e que o teorema de não sei quem diz que quando duas retas se cruzam no ângulo tal pa-pa-pa... gera uma terceira reta não sei o quê...”, então, pra você responder aquilo você escrevia um catau de... treze linhas, justificando... até você provar por A mais B, por lógica, que aquele ângulo tal era igual ao ângulo tal. Então, a prova de matemática da oitava série, era assim, era uma prova muito difícil, de escrever, de relacionar teoremas e gerar conclusões, lhe colocava para pensar.³⁴⁷

A despeito de possivelmente não serem os mesmos conteúdos nem a mesma série a que eles se referem, o que ambos destacam e que possibilita que as trate de forma articulada, está relacionado aos procedimentos avaliativos relativos ao desenvolvimento de argumentos dedutivos que eram cobrados dos alunos e que, no caso de Valber, se refere especificamente à demonstração em questões de geometria. Temos aí o outro lado da questão a que me referi anteriormente: se havia, por parte da Instituição, uma evidente preocupação com que os

³⁴⁵ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 28.

³⁴⁶ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p.12.

³⁴⁷ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p. 9.

alunos aprendessem noções de lógica simbólica e método dedutivo, esses conteúdos e as habilidades desenvolvidas a partir deles eram cobrados dos estudantes pelo menos nas questões de geometria citadas, que, pelo que parece, a partir dessa memória, recebia um tratamento axiomático³⁴⁸.

Valber volta a mencionar o tema das avaliações em outro trecho de sua entrevista e acrescenta um juízo ao que já foi dito a respeito do que ficava ou era interpretado pelos alunos: as provas de matemática “fundiam a cuca” e isso está relacionado tanto à exigência de que produzissem argumentos dedutivos quanto ao que deveriam aliar com o conhecimento do que ele chamou de “teorias matemáticas”.

Isso era a matemática da 8ª série, escrita, porra, isso mexia com a gente pra caramba e, confesso a você, tinha uma certa dificuldade, não era um terreno em que eu bailava [...] eu tinha que fazer uma explanação sobre a matemática, eu tinha que explanar a matemática, porque que isso é igual a isso e porque isso é simétrico a isso. Eu tinha que a lógica, usar os teoremas, usar as teorias da matemática pra chegar no resultado desejado, entendeu? Isso não era mole, não, você escrevia muito, você saía de cuca fundida das provas.³⁴⁹

Anônima, por sua vez, conta que essas práticas eram muito comuns não somente nas provas, mas também nas aulas da professora Maria Augusta:

A - A gente fazia exercício e trabalho, por exemplo, muito teorema que a gente demonstrava, muito teorema a gente demonstrava, demonstrava! Toda aula que Maria Augusta desse um teorema, tinha sempre uma propriedade a ser demonstrada, de acordo com o teorema que ela deu. Trabalhava muito, muito, muito mesmo e isso era em grupo ou em dupla, era nos dez a quinze minutos finais da aula. Era muito teorema, a gente demonstrava mesmo, não era... Hoje no curso de matemática nem se demonstrar se demonstra.

D - Como era isso pra criança, adolescente fazendo isso?

A - Decora-se, decorava-se e ninguém nunca morreu e nem tem inveja de quem morre. Decorava-se as coisa tudo e fazia, e aplicava, e aplicava, não, decorava as demonstrações e coisa e... aí já tinha raciocínio, já tinha raciocínio e fazia, quer dizer, na base do decoreba, mas fazia, mas fazia... e fazia mesmo.³⁵⁰

Com isso, sugere que, para o cumprimento das demonstrações além da habilidade dedutiva que era incentivada no CA, ela, pelo menos, decorava os axiomas que seriam utilizados ao longo do desenvolvimento do argumento dedutivo para o cumprimento das demonstrações. Anônima ainda sinaliza que, quando era cobrada a demonstração de uma propriedade de teorema, essa atividade era realizada em grupos ou duplas em sala de aula.

Quero destacar mais um aspecto relacionado a procedimentos utilizados para o ensino de matemática, além das demonstrações e a resolução de problemas de geometria

³⁴⁸ Segundo Guimarães, essa era uma das ideias que orientavam os programas para o ensino de matemática associados à MM, definidas em âmbito internacional. Cf.; GUIMARÃES, H. M. Por uma Matemática nova nas escolas secundárias: perspectivas e orientações curriculares da matemática moderna. 2007, p. 21-45.

³⁴⁹ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, 24-25.

³⁵⁰ ANÔNIMA. *Entrevista*, p. 9-10.

espacial, por exemplo, citados por Anônima e Jaci: o volume de exercícios solicitados. Evidencio esse aspecto a partir de um trecho da memória dessa última:

[...] Porque era uma quantidade de exercício a ser feito que era, assim... Era muito grande! Era 50, 60 exercícios por semana. O pessoal que gostava muito... [...] O pessoal passava intervalo e recreio resolvendo exercício e dando pulo de alegria. Era impressionante, entendeu? É, praticamente, ocupava o tempo da gente... e a cabeça pensando naquilo.³⁵¹

No episódio do “intervalo e recreio”, ela se refere aos alunos da turma do científico, que se sentiam identificados com a disciplina e ocupavam parte do tempo reservado para o descanso com a resolução de exercícios de matemática. Outra interpretação possível é que os alunos precisassem de muito tempo para a realização das atividades e invadiam os minutos do “intervalo e [do] recreio”, se empenhando em cumprir a tarefa solicitada. Essa modalidade de estudo também sinaliza para a existência de uma prática de certo modo coletiva de estudo de matemática, ainda que fosse bem diferente dos trabalhos solicitados por outras disciplinas, como português, por exemplo. Esse hábito de estudar em grupo não se restringia ao estudo de matemática. Jocano, por exemplo, conta que era comum ir estudar em grupo na casa dos colegas, nos horários em que não tinham aula no CA, inclusive, às vezes, ficando para dormir.³⁵²

Raimundo, de um modo diferente de Anônima, considera que as aulas de matemática tinham um caráter quase solitário. Ele narra sua memória a respeito de procedimentos de ensino que atribui à professora Maria Augusta:

Matemática, que eu me lembre, nunca teve nenhum trabalho de equipe, não sei se era uma orientação geral ou se dessa professora especificamente, que achava que a matemática devia ser algo mais solitário, né, e nem, nunca, nenhum trabalho diferente [...] Na aula expositiva, às vezes, você era chamado ao quadro, né? Às vezes por sorteio ou por indicação, não sei... “Diogo vem aqui, vem mostrar não sei o quê” se você se apertava alguém lhe ajudava ou não, ou não... mas era basicamente, basicamente aula expositiva, né? Isso é o ensino da matemática, né? Não sei.³⁵³

Essa interpretação não difere muito da memória de Anônima. O que muda, na verdade, é o juízo a respeito do que seria uma atividade em grupo ou individual. Para Anônima, o fato dos alunos se juntarem para discutir como desenvolver um teorema é bastante próximo da narrativa de Raimundo sobre a professora convidar um aluno ao quadro para resolver uma questão, podendo este contar com a colaboração e a participação dos demais. Assim entendido, ambos tratam de um procedimento de certo modo semelhante

³⁵¹ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 4-5.

³⁵² JOCANO. *Entrevista*.

³⁵³ FREIRE, Raimundo M. de L. *Entrevista*, p. 5-6.

utilizado nas aulas de MM a respeito da participação dos alunos, ainda que o interpretem de modo distinto.

Por fim, vejamos o que lembra Anna Cristina a respeito:

- D - A senhora disse as disciplinas tinham trabalho em grupo. Matemática também?
 C - Tinha! Tinha, assim... de você responder exercícios, de trocar, fazer um exercício, depois você pegava o exercício do colega pra corrigir, aí ela botava a correção e você corrigia a do colega, depois repassava... esse tipo de atividade.
 D - Apresentava trabalho, trabalhos em grupos pra serem discutidos? Seminários de matemática tinham também?
 C - Não! Não lembro. Isso não. Me lembro que tinha muita correção de exercício onde você pegava o do colega pra corrigir e ele corrigia o seu.³⁵⁴

Para ela, as atividades coletivas nas aulas se realizavam em torno dos exercícios e da sua correção, o que ajuíza como próprio da atividade de matemática, apesar de eu tê-la incitado a comparar com o que era realizado em outras disciplinas. Essa é uma memória que, de certo modo, corrobora a interpretação de haver um caráter solitário das atividades de matemática, uma vez que tais atividades levavam o aluno a um esforço por concentração, onde o propósito parece não ser a interação direta com os colegas, mas com a atividade.

Valber lembra de uma outra prática didática, realizada nas aulas de Maria Augusta:

[...] ela inventou um sistema de avaliação em que o aluno em todas as aulas tinha que estar presente no início da aula, você não podia faltar e não podia perder o início da aula porque havia um teste, ela chamava de mini-teste ou testinho [...] para ninguém “pescar” [colar] ela dividia a sala em quatro diferentes turmas com testes diferentes [...] então, ela dava quatro exercícios, um pra cada uma dessas turminhas responder, aí você respondia e ela recolhia em cinco minutos, aquilo, e quando você acertava recebia um “mais”, se errava recebia um “menos”, a quantidade de “mais” que você tivesse era somada e aquilo gerava uma nota que ia ser dividida com a nota do teste e a nota da prova, e aquilo era um terror de alguma forma, mas também te mantinha aceso, é como um piloto de avião que tem que fazer teste todo mês pra saber se tá bem, só que era toda aula, e foi um período, assim, muito, mas muito difícil, eu fui muito bem na sétima série, eu me lembro, em equações do segundo grau e sofri um pouquinho na oitava, que era geometria.³⁵⁵

Não localizei registros de procedimentos didáticos semelhantes a esse entre as pesquisas que analisam as iniciativas associadas à MM, parecendo tratar-se de uma experimentação de sua autoria, como indica a narrativa de Valber. No entanto, o mais importante é destacar que esse sistema de avaliação diária justifica, pelo menos em parte, a dedicação dos alunos em estudar para disciplina durante todo o “intervalo e recreio”, como mencionado anteriormente.

Maria Augusta confirma que aplicava os referidos testes recorrendo à sua intuição

³⁵⁴ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 23-24.

³⁵⁵ CARVALHO, Valber R. C. *Entrevista*, p. 9.

“de modo que o acompanhamento do aluno fosse contínuo”³⁵⁶, e os realizava tanto no Colégio de Aplicação quanto no Colégio João Florêncio Gomes, onde também trabalhava, mas seguia um padrão de ensino distinto do realizado no CA. Para ela, o objetivo dessa atividade era fazer com que os alunos se mantivessem continuamente estudando para sua disciplina e admite que tal prática lhe rendeu a reclamação de alguns pais de alunos insatisfeitos, assim como conta a seguir:

[...] em todas as aulas eram aplicados pequenos testes numa cadernetinha assim que começava a aula; os testes eram colocados sobre a minha mesa e logo eu ia começando a explicação daquele dia corrigindo simultaneamente os testes. [...] Não demorou muito para que os pais fossem ao SOE, Serviço de Orientação ao Estudante do Colégio de Aplicação para questionar sobre a atitude dos filhos que alegavam não ter tempo para estudar outra matéria.³⁵⁷

Tomando como mote essa narrativa de Maria Augusta, abro um parêntese para destacar um elemento que pouco apareceu nas memórias dos ex-alunos, mas que fica evidente na memória da professora, a saber, as reações e mecanismos de resistência dos alunos às práticas dos professores de matemática. Aqui, como a própria professora indica, de algum modo, o SOE funcionou como uma instância para onde eram levadas as reclamações, as dificuldades com a disciplina ou com o cumprimento das atividades relacionadas, representando algum limite³⁵⁸ à sua atuação docente no CA. Os ex-alunos, de um modo geral, fizeram poucas menções às iniciativas de resistência ao padrão de ensino de matemática que estava sendo praticado, talvez pelas razões já indicadas na seção 1.1 desta tese, onde discuti que, ao recordarem sobre o ensino de matemática, os entrevistados o fizeram de forma vinculada à reconstrução do Colégio como um todo.

As entrevistas, apresentadas na íntegra nos anexos, apresentam episódios de confrontos mais explícitos entre professores e alunos do CA, dos quais trago aqui uma narrativa que relata reações dos alunos contra a professora de matemática, contada por Jaci:

Guguta, por exemplo, só falando em Guguta, ela se lembra de uma resistência à implantação das atividades de matemática de uma colega que fumava – nós, na época, as meninas na sala... ninguém fumava na sala, era proibido, mas no intervalo podia fumar, nos corredores não tinha maiores restrições, então, o pessoal tava na porta da sala esperando ela chegar aí, na hora que ela chegou, essa colega encheu o

³⁵⁶ MORENO, M. A. A. *Entrevista*, p. 2. Essa entrevista foi realizada mais de um ano depois daquelas realizadas com os ex-alunos. Seu objetivo não foi confrontar informações ou memórias, mas foi motivada pelo expressivo volume de menções realizadas a essa professora, nas narrativas analisadas.

³⁵⁷ MORENO, M. A. A. *Entrevista*, p. 15.

³⁵⁸ Para JULIA, “[...] o estudo histórico das disciplinas escolares mostra que, diante das disposições gerais atribuídas pela sociedade à escola, os professores dispõem de uma ampla liberdade de manobra: a escola não é o lugar da rotina e da coação e o professor não é o agente de uma didática que lhe seria imposta de fora. [...] De fato, a única restrição exercida sobre o professor é o grupo de alunos que tem diante de si, isto é, os saberes que funcionam e os que “não funcionam” diante deste público. Cf.: JULIA, D. *A cultura escolar como objeto histórico*. 2001, p. 33.

pulmão e soltou a fumaça no rosto dela ela, ela ficou ofendidíssima, se sentiu agredida, ela se lembra até hoje! Ela falou pra mim dessa vez que a gente se encontrou, em dezembro do ano passado, “como era o nome daquela sua colega...” eu disse: “eu não me lembro, Maria Augusta”, “ah... pois ela encheu o pulmão e soltou a fumaça na minha cara.”

Pense numa barreira, assim, uns três ou quatro, na hora dela entrar na sala porque, justamente, o pessoal, esse pessoal que depois passou pro Clássico, no ano seguinte, tava que não aguentava mais de matemática, no regime linha dura de Maria Augusta. Ela fazia com muita naturalidade [...] não é livrando a cara dela, não, ela fazia com muita simpatia, ela dava aula, fazia, preparava... e o pessoal aprendia, tanto assim que eu não do ramo e me lembro...³⁵⁹

Por fim, quero chamar atenção para a relativização que se produz na memória de Jaci com relação às tensões existentes entre os alunos que tinham dificuldade com matemática e a professora da disciplina. Além do respeito e carinho que a entrevistada demonstra com relação a Maria Augusta, notado pelo tom da sua voz e pelo modo como se refere à professora “Guguta”, acrescenta-se que a entrevistada, mesmo nesse momento da entrevista, não se furta de celebrar³⁶⁰ aquela matemática ensinada no Aplicação, ao afirmar que mesmo ela, que não é do “ramo”, aprendia os conteúdos ensinados.

Enfim, minha proposta, neste capítulo, foi explicar como é reconstruído, na memória dos ex-alunos do CA, o ensino de MM. Ao fazê-lo, evidenciei que o que é a marca fundamental da MM para os alunos é, principalmente, a presença de conteúdos peculiares, que se diferiam daqueles que eram ensinados em outras escolas, na época. Ao analisar as memórias dos entrevistados, trabalhei elementos relacionados ao cotidiano das aulas de matemática, sinalizando como eles reconstróem aspectos relacionados com os conteúdos e com os procedimentos, colocando em questão que fatores puderam estar associados à produção de tais narrativas.

³⁵⁹ MENEZES, Jaci M. F. de. *Entrevista*, p. 11-12.

³⁶⁰ SILVA, H. R. *Rememoração/Comemoração: as utilizações sociais da memória*. 2002, p. 425-438.

Ninguém me disse que as lembranças podiam ser tão perfeitas, tão claras. Não é justo. Malditos aqueles que dizem ter memória ruim; não sabem a sorte que têm.

(Rodrigo Fresán, Jardins de Kensington, p. 99)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei esta tese contando o percurso da pesquisa e sinalizando o quanto as minhas fontes prioritárias, as memórias dos ex-alunos, se produziram por entre elementos afetivos, uma vez que aqueles, de certo modo, se identificam como guardiães da memória do Colégio de Aplicação. Eles vêm, há algum tempo, organizando festas e reencontros para celebrar os tempos do Colégio, a convivência que lá tiveram e a memória daquela instituição na qual conviveram durante alguns anos de sua juventude.

Agora, termino remetendo ao esquecimento, outro elemento que participa da produção do que é recordado, mas que, para um olhar menos atento, pode parecer sinônimo de negar ou fazer-lhe oposição. Não pretendo debater teoricamente o tema, mas reiterar a concepção de que o silêncio e o esquecimento também são aspectos da memória.

“[...] vou lhe dizer, sinceramente, eu não me lembro muito das pessoas, não, eu não tenho muita boa memória, nem quero ter, a verdade é essa.”³⁶¹ Um detalhe que não pode nos passar despercebido é o fato de Anna Cristina, aquela que foi apresentada como uma das guardiãs da memória do CA, responsável pela lista eletrônica no Yahoo, afirmar não ter nem querer ter boa memória. Isso aponta para a importância que o silêncio ocupou em sua entrevista. Um silêncio de esquecimento e de lembrança. Quando ela se refere àquilo que não quer se lembrar, reforça que a lembrança contada será, então, destacar e celebrar, por um lado, e minimizar e desprezar, por outro. Aquilo que a entrevistada postula me serve de mote para argumentar que as entrevistas também trouxeram, para além daquilo que involuntariamente esqueceram, aspectos que preferem, deliberadamente, não lembrar.

A singularidade da posição dos alunos marca as fontes e essa marca não pode ser desprezada na análise que tenho feito. Ao mesmo tempo, não podem ser tomadas como mais ou menos parciais do que as perspectivas de outros atores sociais envolvidos nesse processo. Cada grupo, por ocupar um lugar específico, vai produzir uma perspectiva diferente, carregada de traços relacionados à função que desempenhou e à posição que ocupou naquele processo. Portanto, aquilo que torna plausível a análise aqui realizada, é o reconhecimento de que as memórias dos ex-alunos representam uma perspectiva que contribui para explicar a implementação da Matemática Moderna na Bahia e no CA. Ao analisar as memórias dos entrevistados, trabalhei elementos relacionados ao cotidiano das aulas de matemática, explorando como eles reconstróem aspectos relacionados com os conteúdos e com os procedimentos, tendo colocado em destaque fatores que puderam estar associados à produção dessas narrativas.

³⁶¹ ALMEIDA, Anna Cristina. F. *Entrevista*, p. 10.

As lembranças que tratam do ensino de Matemática Moderna, por um lado sinalizam para o que ficou daquele processo na memória dos ex-alunos do CA; por outro, colocam a matemática no âmbito de um colégio que é construído, nas memórias dos entrevistados, como uma instituição experimental e, exatamente por isso, um colégio de vanguarda no contexto educacional baiano da época. Suas práticas foram associadas a movimentos de modernização, indo desde aquelas de caráter pedagógico, até as relativas ao comportamento político dos alunos e que retratam um certo rompimento com valores tradicionais da época. Não figura nas memórias dos ex-alunos que eles tenham estranhado a MM praticada no CA para além da dificuldade de se ajustarem ao colégio como um todo, bem como aos conteúdos que passaram a ser ensinados. O que parece significativo foi o jeito, como na matemática, o caráter moderno do CA se manifestava. A adaptação que lhes era exigida não era muito diferente da exigida em outras disciplinas, sem pretender aqui levar em consideração níveis de dificuldades de disciplinas diferentes.

Como já afirmei, esta pesquisa pretende oferecer uma ampliação do entendimento sobre a história da Matemática Moderna, a partir das memórias de um grupo de ex-alunos do Colégio de Aplicação, bem como produzir fontes históricas a partir da perspectiva desses personagens. Essa contribuição associa o processo relativo à matemática a um processo mais amplo, ajudando a esclarecer vetores que interferiram na execução daquele projeto modernizador.

O Colégio de Aplicação era uma instituição experimental em diversos aspectos. O qualificativo que aparece expresso em seu Regimento Geral pode ser evidenciado em desdobramentos que, além do pedagógico, alcançaram dimensões culturais, sociais e políticas, já que a lógica da época contribuiu para a convergência de fatores que favoreceram a ação modernizadora no CA. E houve um processo de institucionalização progressiva desse padrão moderno ao longo dos anos demarcados pelo período de constituição das fontes desta pesquisa.

O Colégio cumpria um papel importante no contexto educacional baiano por funcionar como uma escola-laboratório para as novidades pedagógicas e educacionais e por servir de campo de estágio para os futuros professores que se formariam pela Faculdade de Filosofia da UFBA.

É possível destacar traços específicos de modernização em memórias relativas às disciplinas de ciências experimentais e matemática, que levam em consideração a atuação do CECIBA e do Instituto de Matemática e Física e, depois, do Instituto de Matemática.

Como evidenciei, uma das marcas da MM para os alunos é a presença de

conteúdos diferentes daqueles que eram ensinados em outras escolas, na época. Desses, os mais lembrados foram a teoria dos conjuntos e a lógica, que tiveram uma função propedêutica para o estudo da geometria, que, por sua vez, passou a ser trabalhada a partir das transformações geométricas e com maior destaque para o método lógico-dedutivo. Também foi possível concluir que o estudo da lógica esteve associado com a sua preparação para desenvolvimento dos processos dedutivos exigidos pelas demonstrações. No entanto, a inserção desses conteúdos não figura como uma novidade maior que as inovações pedagógicas realizadas também em outras disciplinas. A MM é interpretada pelos ex-alunos como uma das iniciativas, expressas nas aulas de matemática, ligadas ao padrão moderno e experimental da Instituição.

Com relação ao ensino de ciências experimentais e de matemática, pode-se observar que a demarcação que remete à existência de uma intensificação no processo de modernização, coincide com os primeiros anos de existência do CECIBA. O Centro de Ensino de Ciências da Bahia é reconhecido como uma instituição que impulsionou a modernização no ensino de ciências e matemática no CA, e sua contribuição foi notada pelos seus efeitos nas disciplinas e na prática de alguns professores e estagiários. Entretanto, isso não assegurava que ficasse claro, para eles, que aquelas ações estivessem relacionadas com o CECIBA e com outras instituições e processos político-sociais implicados.

Maria Augusta Moreno é a professora do CA que mais foi relacionada à modernização do ensino de matemática, tendo sido lembrada por cinco dos nove ex-alunos que estudaram no Colégio a partir de 1965. Ela figura ao lado de Martha Dantas, que aparece como uma espécie de “coordenadora dos professores de matemática” ou associada à função que exerceu como supervisora dos estagiários, e de Omar Catunda, que é lembrado como um professor da UFBA envolvido nesse processo. Os três também foram lembrados como autores dos livros e apostilas de Matemática Moderna utilizados no CA, cujo uso também era uma das marcas da modernização que se implementava ali.

Como já mencionado no último capítulo deste trabalho, se Martha Dantas e Omar Catunda são reconhecidos como lideranças importantes da modernização da matemática na Bahia, no âmbito específico do CA, Maria Augusta, entretanto, foi a personagem lembrada como a principal responsável pela implementação desse projeto no Colégio.

Eis, assim, algumas considerações finais para este trabalho sobre a construção de uma instituição modernizadora na Bahia, a partir das memórias dos ex-alunos do Colégio de Aplicação a respeito do ensino de Matemática Moderna.

REFERÊNCIAS E FONTES

- ALMEIDA, A. C. F. *Entrevista*. Salvador, 28/10/2010.
- ANÔNIMA. *Entrevista*. Salvador, 02/11/2010.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos e abusos da História Oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- BARRETTO, J. B. *Entrevista*. Salvador, 18/10/2010.
- BARROS, J. D. O campo da história: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, M. M. L. de. Memória e família. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BARROS, Z. P. Breve notícia sobre a criação, desenvolvimento e encerramento das atividades do Colégio de Aplicação da UFBA. Conferência de abertura do Encontro dos Ex-alunos do Colégio de Aplicação da UFBA. Salvador, 26/09/2005 (Texto Digitado).
- BERGSON, H. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERTANI, J. A. Formação de professores de matemática: um estudo histórico comparativo entre Bahia e Portugal (1941-1968). 2012. 217 f. Tese (Doutorado em Ens., Filos. e Hist. das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2012.
- _____. A Profissionalização do Professor de Matemática e a Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia: Contribuições e Controvérsias de Isaías Alves. In: VII Esocite, 2008, Rio de Janeiro. Anais do VII Esocite, 2008. P. 1-15.
- BERTANI, J.; DIAS, A. L. M. O curso de matemática e o curso de didática na Bahia: a história da constituição de um corpo profissional. In: Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, IV, 2009, Taguatinga. Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática. Recife : Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2009. v. 1. p. 1-10.
- BORGES, R. A. S. A Matemática Moderna no Brasil: as primeiras experiências e propostas de seu ensino. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2005.
- BOSI, E. Memória e sociedade: lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- _____. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRADBURY, M. O mundo moderno: dez grandes escritores. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRAGA, C. Felix Klein e os princípios do movimento modernizador do ensino da matemática secundária do início do século XX. In: _____. O processo inicial de disciplinarização de função na matemática do ensino secundário brasileiro. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), PUC-SP.
- BRAGA, M. N. S. Formação de professores e a modernização do ensino de matemática no município de Jequié-BA na década de 70 do século XX. Projeto. (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2010.

_____. A relevância do Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de professores de Ciências Experimentais e Matemática - PROTAP. In: IX Seminário Nacional de História da Matemática, 2011, Aracaju. IX Seminário Nacional de História da Matemática, 2011.

BRITO, A. M. F. O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar (1964-1968). 2008. 243 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

BURNS, E. M. História da Civilização Ocidental. São Paulo, Ed. Globo, 2. Ed. 9. Reimp., 1970.

BÚRIGO, E. Z. Movimento da Matemática Moderna no Brasil: estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1989.

_____. Tradições Modernas: reconfigurações da matemática escolar nos anos 1960. 2010. Bolema, Rio Claro, v. 23, nº 35B, p. 277-300, abril 2010.

BÚRIGO, E. Z.; FISCHER, M. C. B.; SANTOS, M. B. (org.). A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos. 1. ed. Porto Alegre: Redes, 2008. 192p.

CAMARGO, K. C. O ensino da geometria nas coleções didáticas em tempos do Movimento da Matemática Moderna na Capital da Bahia. São Paulo, 2009. Dissertação. (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Bandeirantes de São Paulo. 168 f.

CAMARGO, K. C; SILVA, M. C. L. da. MARTHA DANTAS: o ensino da geometria na Bahia. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 8, p. 701-714, 2008.

CANCLINI, N. Culturas híbridas. Grijalbo: México, 1990.

CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Org.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000.

CARVALHO, V. R. C. *Entrevista*. Salvador, 01/11/2010.

CASSAB, M. A produção em história das disciplinas escolares pela escrita de pesquisadores brasileiros. Revista Brasileira de História da Educação, n. 23, p. 225-251, maio/ago. 2010.

CASTROGIOVANNI, A. C. (ORG). Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CATUNDA, O.; DANTAS, M. M. S. et al. Ensino atualizado da matemática 1: curso ginásial. Vol. I, São Paulo: EDART, 1971.

_____. Ensino atualizado da matemática 2: curso ginásial. Vol. II, São Paulo: EDART, 1971.

_____. Ensino atualizado da matemática 3: curso ginásial. Vol. III, São Paulo: EDART, 1971.

_____. Ensino atualizado da matemática 4: curso ginásial. Vol. IV, São Paulo: EDART, 1971.

_____. Matemática: segundo ciclo – ensino atualizado. Vol. 3, Rio de Janeiro: GB, 1973.

_____. Ensino atualizado da matemática: 7ª série do primeiro grau. São Paulo: EDART, 1975.

CHARTIER, R. A história cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa: Difel, 1990.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos. São Paulo, v. 7, n.

13, p. 97-113, 1994.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CIRCULAR número 20, sem título, (1960). 2f. [Colégio de Aplicação] Arquivo pessoal de Jorge Braga Barreto.

COSTA, I. T. M.; ORRICO, E. G. D. (Org.). *Memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

COSTA, I. T.; GONDAR, J. (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

DANTAS, M. M. de S. Discurso de abertura. In: CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA NO CURSO SECUNDÁRIO, I, Salvador, 1955. *Anais...* Salvador: Faculdade de Filosofia, Universidade da Bahia, 1957, p. 255-263.

_____. *Treinamento de professores no Brasil*. In: FEHR, H.F. (org.) *Educação Matemática nas Américas. Relatório da Segunda Conferência Interamericana sobre Educação Matemática*. Lima, 1966. Tradução de Adalberto P. Bergamasco e L. H. Jacy Monteiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. *Depoimento*. *Cadernos do IFUFBA*. Salvador, a. 9, v. 6, n. 1-2, p. 11-36, out. 1993.

_____. *Entrevista*. Salvador, 7 out. 2000.

DIAS, A. L. M. Omar Catunda: alguns aspectos de sua trajetória e das suas concepções científicas e educacionais. *História & Educação Matemática*. Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 39-48, 2001.

_____. *As fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 653-674, 2001.

_____. *Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968)*. São Paulo, 2002. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

_____. *A universidade e a modernização conservadora na Bahia: Edgard Santos, o Instituto de Matemática e Física e a Petrobras*. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 125-145, 2005.

_____. *A matemática Moderna na Bahia: análise das possibilidades de Pesquisa Histórica (1942-1972)*. Seminário temático *A matemática moderna no Brasil e Portugal: estudos históricos comparativos*, IV, Almada, Portugal, 2007. (Conferência).

_____. *O movimento da matemática moderna: uma rede internacional científico-pedagógica no período da Guerra Fria*. In: *JORNADAS LATINO-AMERICANAS DE ESTUDOS SOCIAIS DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS*, 2008. *Anais*. Rio de Janeiro: Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, 2008.

_____. *Profissionalização dos professores de matemática na Bahia: as contribuições de Isaías Alves e de Martha Dantas*. *Publicatio UEPG. Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (Online)*, v. 16(2), p. 243-260, 2008.

_____. *O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968)*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.1049-1075.

_____. *A modernização da matemática escolar em instituições educacionais baianas (1942–1976)*. Projeto de Pesquisa. Feira de Santana: (UEFS-CNPQ). Feira de Santana, 2009. 50f.

_____. Interseções teórico-metodológicas entre a história do ensino e a história da matemática: discutindo a pesquisa sobre o movimento da Matemática Moderna. *Revista Diálogo Educacional (PUCPR)*, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 61-79, jan./abr. 2009.

_____. Uma História da Educação Matemática na Bahia. In: Simpósio Nacional de História, XXVI, 2011. Anais. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-21.

_____. MARTHA DANTAS (1923-2011): mathematics teaching, pedagogical experiments and teacher's training. *International Journal for Research in Mathematics Education*, v. v 2, p. 46-47, 2012.

DOYLE, A. C. *As aventuras inéditas de Sherlock Holmes*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. *As aventuras de Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

ESTRUTURA e funcionamento do Colégio de Aplicação Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. (1966). Centro de Memória da FAGED, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FALCON, F. J. C. A identidade do historiador. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

_____. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

FARIA FILHO, L. M. de. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FENTRESS, J.; WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FERNANDES, T. M.; ARAÚJO, M. P. O Diálogo da história oral com a historiografia contemporânea. In: VISCARDI, C. M. R.; DELGADO, L. de A. M. *História oral, teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

FIGUEIREDO, A. C. C. M. “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada” Publicidade, cultura e consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: Hucitec, 1998.

FIGUEIRÔA, S. F. de M. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997.

FLORES, C.; ARRUDA, J. P. (Org.). *A Matemática Moderna nas escolas do Brasil e Portugal: contribuições para a história da educação matemática*. São Paulo: Annablume, 2010.

FREIRE, I. A. A. *Ensino de Matemática: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1970)*. 2009. 102f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2009.

_____. *CECIBA: profissionalização e modernização do ensino da matemática na Bahia (1942-1978)*. Projeto. (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2009.

_____. Ensino de geometria no secundário: programas curriculares Omar Catunda e Georges Papy na década de 1960. In: Congresso Iberoamericano de História da Educação Matemática, 2011, Covilhã. Congresso Ibero-Americano de História da Educação Matemática, 2011.

FREIRE, I. A. A.; DIAS, A. L. M. Seção Científica de Matemática do CECIBA: propostas e

atividades para renovação do ensino secundário de matemática (1965-1969). *Bolema*, Rio Claro, v. 23, nº 35B, p. 363-386, abril 2010.

_____. Um encontro promissor para o ensino de matemática na Bahia: pesquisas e realizações na década de 60 do Séc. XX. In: FLORES, C.; ARRUDA, J. P. (Org.). *A Matemática Moderna nas escolas do Brasil e Portugal: contribuições para a história da educação matemática*. São Paulo: Annablume, 2010, v. , p. 143-156.

FREIRE, I. A. A.; LANDO, J. C.; LIMA, E. B. Duas mulheres e uma trajetória: o processo de profissionalização docente e o ensino de matemática na Bahia - Brasil (1948-1964). In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da educação, 2010, São Luís. *Infância, juventude e relações de Gênero na História da educação*, 2010.

FREIRE Jr, O.; CARVALHO, M. P.; SERPA, L. F. A Presença da História no Ensino de Ciências: Um estudo comparativo entre Brasil e Portugal (1960-1980). In: 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica, 2001, Évora. *Actas...*, 2001, p. 720-734.

FREIRE, R. M. L. *Entrevista*. Salvador, 27/10/2010.

_____. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <riosdf@hotmail.com> em 23 jan. 2012.

FRESÁN, R. *Jardins de Kensington*. São Paulo: Conrad Ed. do Brasil, 2007.

GARNICA, V. M. Resgatando oralidades para a história da Matemática e da Educação Matemática brasileiras: o Movimento Matemática Moderna. *Revista Zetetiké*, v. 16, n. 30, jul./dez. 2008. p. 163-217.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, H. M. Por uma matemática nova nas escolas secundárias: perspectivas e orientações curriculares da matemática moderna. In: MATOS, J. M., VALENTE, W. R. (orgs.). *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos*. São Paulo: GHEMAT, 2007, p. 21-45;

GUIMARÃES, M. A. *Entrevista*. Salvador, 28/10/2010.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990. JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9- 43. Jan/jun 2001.

JOCANO *Entrevista*. Salvador, 14/10/2010.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9- 43. Jan/jun 2001.

KALIL, M. E. *Entrevista*. Salvador, 05/10/2010.

KRASILCHIK, M. *Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 85-93, 2000.

LANDO, J. C. *A modernização da matemática na Escola de Aplicação da Universidade da Bahia*. Projeto. (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2008.

_____. O estudo dirigido no ensino de Matemática no Brasil (1955-1966). In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática - CIAEM, 2011, Recife. *Anais da XIII*

Conferência Interamericana de Educação Matemática. Recife : EDUMATEC-UFPE, 2011.

LANDO, J. C.; DIAS, A. L. M. Modernização de Práticas do Ensino de Matemática na Escola de Aplicação da universidade da Bahia (1953-1973). In: FLORES, C.; ARRUDA, J. P. (Org.). A Matemática Moderna nas escolas do Brasil e Portugal: Contribuição para a história da educação matemática. São Paulo: Annablume, 2010, p. 199-222.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LE GOFF, J. Antigo/moderno. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. v. 1 – Memória-História, p. 370-392.

_____. Documento/Monumento. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1997. v. 1, p. 95-123.

_____. História e memória. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEMOS, M. T. B.; MORAES, N. A. de. (Org.). Memória, identidade e representação. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

LIMA, E. B. Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil. 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, UFBA-UEFS, Salvador, 2006.

_____. Jacy Monteiro, Bourbaki e a institucionalização da álgebra moderna no Brasil. Projeto. (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2008.

LIMA, E. B.; DIAS, A. L. M. Concepções modernas de rigor: Omar Catunda, Jacy Monteiro e o movimento da Matemática Moderna no Brasil. In: FLORES, C.; ARRUDA, J. P. (Org.). A matemática moderna nas escolas do Brasil e Portugal: contribuição para a história da educação matemática. São Paulo: Annablume, 2010, p. 171-184.

_____. A Análise Matemática no ensino universitário brasileiro: a contribuição de Omar Catunda. Bolema. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 23, p. 453-476, 2010.

_____. O curso de Análise Matemática de Omar Catunda: uma forma peculiar de apropriação da análise matemática moderna. Revista Brasileira de História da Ciência, v. 3, p. 211-230, 2010.

LIMA, E. B. ; FREIRE, I. A. A. ; LANDO, J. C. DIAS, A. L. M. A Institucionalização da Matemática Moderna nos Currículos Escolares ou a Hegemonia da Cultura Matemática Científica nas Escolas. In: VIII Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología, 2010, Buenos Aires. ACTAS de las VIII Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología. Ciencia y tecnología para la inclusión social, 2010.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). Usos e abusos da História Oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 15-25.

MARQUES, A. S. Tempos pré-modernos: a matemática escolar nos anos 1950. São Paulo, SP, 2005. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade de São Paulo. 2005.

MARQUES, M. I. C. UFBA na memória: 1946-2006. Salvador: EDUFBA, 2010.

MATHIAS, C. L. K.. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem

historiográfica. *História UNISINOS*. v. 15, n. 1, p. 40-49, jan./abril 2011.

MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. (org.). *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: primeiros estudos*. São Paulo: GHEMAT, CAPES, GRICES, Da Vinci, 2007.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MENEZES, J. M. F. *Experiências Inovadoras na da Bahia*. 1. ed. Salvador: Editora Uneb, 2002. v. 2. 265.

_____. *Entrevista*. Salvador, 20/12/2010.

_____. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <riosdf@hotmail.com> em 18 jan. 2012.

MONTENEGRO, A. T. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

MORENO, M. A. A. *Entrevista*. Salvador, 13fev. 2012.

NEUFELD, C. B.; STEIN, L. M. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 18, n. 2, p. 50-63, maio/ago. 2001.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: História & Cultura*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NOVOS BAIANOS. Colégio de Aplicação. In: _____. *É ferro na boneca*. São Paulo: RGE, 1970. 1 disco sonoro (36 min). Lado A, faixa 4 (4 min 11 s).

NUNES, A. D'A. *Institucionalização da Gestão Documental da Faced/UFBA: relato de um trabalho em andamento*. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/v_anais/artigos/antoniettadaguiar.html>. Acesso em: 12 set. 2008.

OLIVEIRA, J. B. A. *Tecnologia educacional no Brasil*. *Cad. Pesqui.* São Paulo, n.33, p. 61-69, 1980.

OLIVEIRA, M. C. A. de; SILVA, M. C. L. da; VALENTE, W. R. (Org.). *O Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2011. 190p.

OLIVEIRA, P. C. M. *A organização da cultura na “cidade da Bahia”*. 2002. 343 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

OLIVEIRA FILHO, F. *O School Mathematics Study Group e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil*. 2009. 201.f Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo.

ORRICO, E. G. D. (Org.). *Memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

ORTIZ, E. L. *La política interamericana de Roosevelt: George D. Birkhoff y la inclusión de América Latina en las redes matemáticas internacionales (Parte I)*. *Saber y tiempo*. Buenos Aires, v. 4, n. 15, p. 53-111, 2003.

_____. *El viaje de Birkhoff a la Argentina y la política interamericana de Roosevelt*. *Saber y tiempo*. Buenos Aires, v. 4, n. 16, p. 21-70, jul.-dic. 2003.

PASSOS, E. S. *Mulheres Moralmente Fortes: O Ideal Perseguido Pelo Instituto Feminino da Bahia - 1945/1955*. *Revista da FACED*, SALVADOR, p. 71-76, 1994.

PEREIRA, C. A. M. *O que é contracultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

PESTRE, D. *Por uma nova História social e cultural das ciências: Novas definições, novos*

objetos, novas abordagens. Cadernos IG. n. 1, v. 6, UNICAMP, 1996 p. 3 – 55.

PINHEIRO, M. M. L. Iniciativas de modernização da matemática na Bahia: o CECIBA e o SMSG. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010, Salvador - BA. Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática: Educação Matemática, cultura e diversidade. Ilhéus - BA : Via Litterarum, 2010.

PINHEIRO, M. M. L.; RIOS, D. F. As Redes de Interação Social e a Institucionalização do Movimento da Matemática Moderna na Bahia. 2010. Bolema, Rio Claro, v. 23, nº 35B, p. 343-361, abril 2010.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 3-15, 1992.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez 1996. p. 59-72.

_____. História oral como gênero. Projeto História: História e Oralidade. São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.

_____. Ensaio de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RAMOS, M. M. L. P. A modernização do ensino de Matemática e os centros de treinamento de professores de ciências no Brasil: o trabalho do School Mathematics Study Group (SMSG) na Bahia. Projeto. (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2010.

RAMOS, M. M. L. P. ; DIAS, A. L. M. O IBECC e a modernização do ensino de matemática: alguns aspectos históricos. In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, Recife - PE. Anais da XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, p. 1-8.

REGIMENTO do Ginásio Anexo à Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. (1944). Centro de Memória da FAGED, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RIOS, D. F. História e Memória. In: _____. História e Memória: A saída de Leopoldo Nachbin do IMPA. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ens., Filos. e Hist. das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2008.

_____. Experimentação, modernização e o ensino de matemática moderna: lembranças dos ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia (1966-1976). In: 17º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, 2011, Santa Maria. CD: Anais do 17º Encontro da ASPHE, 2011, p. 1-15.

RIOS, D. F.; BURIGO, E. Z.; OLIVEIRA FILHO, F. ; MATOS, J. M. O Movimento da Matemática Moderna: sua difusão e institucionalização. In: OLIVEIRA, M. C. A. de; SILVA, M. C. L. da; VALENTE, W. R. (Org.). O Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular. 2011.

RIOS, D. F.; LIMA, E. B.; FREIRE, I. A. A.; SANTANA, I. P.; LANDO, J. C.; BERTANI, J. A. Análise Histórica do Ensino de Matemática na Bahia (1942-1976). In: X Encontro Nacional de educação Matemática: Educação Matemática, Cultura e Diversidade, 2010, Salvador. X Encontro Nacional de Educação Matemática: Educação Matemática, Cultura e Diversidade, 2010.

ROCHA, D. S. O Movimento da Matemática Moderna na perspectiva da Campanha de

Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) na Bahia (1950-1970). Projeto. (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2010.

_____. Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário CADES: formação de professores de matemática na Bahia (1950-1970). In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, 2010, Salvador. Encontro Nacional de Educação Matemática: Educação Matemática, Cultura e Diversidade, 2010.

RODRIGUES, A. D. Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994.

RODRIGUES, M. B. F. (Org.). Exercícios de indiciarismo. Vitória: UFES/PPGHIS, 2006.

ROJAS, C. A. A. El queso y los gusanos: un modelo de historia critica para el analisis de las culturas subalternas. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n. 45, p.71-101, 2003.

_____. Antimanual do mau historiador. Tradução: Jurandir Malerba. Londrina: EDUEL, 2007.

SANTANA, I. P. A trajetória e a contribuição dos professores de matemática para a modernização da matemática nas escolas de Vitória da Conquista e Tanquinho (1960-1970). Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, 2011.

SANTANA, I. P.; SANTANA, C. C. Estudo da Modernização da Matemática no Colégio Batista Conquistense. In: X Jornada do HISTEDBR: História da Educação: intelectuais, memória e política, 2011, Vitória da Conquista - BA. Anais da X Jornada do HISTEDBR. Vitória da Conquista - BA, 2011. p. 1-8.

SANTOS, L. J. As Classes Experimentais do CECIBA no Colégio Central. 1990.

SANTOS, M. Sepúlveda dos. Memória coletiva & teoria social. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHEYERL, D. C. M. *Entrevista*. Salvador, 06/12/2010.

SENNA, R. D'A. *Entrevista*. Salvador, 01/11/2010.

SERPA, L. F. P. Depoimento. Cadernos do IFUFBA. Salvador, a. 9, v. 6, n. 1-2, p. 72-76, out. 1993.

SILVA, E. J. S. *Entrevista*. Salvador, 05/12/2010.

SILVA, H. R. da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SILVA, M. A. de M. A cultura na esteira do tempo. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 102-112, 2001.

SILVA, R. A. A. *Entrevista*. Salvador, 27/10/2010.

SILVA, S. R. “Ousar lutar, ousar vencer”: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). Salvador, 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia.

SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. Educação & Sociedade, Campinas, ano 21, v. 1, n. 71, p. 166-193, jul. 2000.

SOARES, F. S.; DASSIE, B. A.; ROCHA, J. L. Ensino de Matemática no século XX – da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. Revista Horizontes, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2004.

SORGENTINI, H. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 103-128, 2003.

SUELI PRATA. *Entrevista*. Salvador, 17/12/2010.

TEIXEIRA COELHO, J. *Moderno Pós-Moderno*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

THOMPSON, P. R. *A voz do passado: história oral*. 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VALENTE, W. R. A Matemática Moderna nas escolas do Brasil: um tema para estudos históricos comparativos. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n.18, p.19-34, maio./ago. 2006.

_____. A matemática na escola: um tema para a história da educação. In: MOREIRA, D.; MATOS, J. M. (Org.). *História do ensino de matemática em Portugal*. 1 ed. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2005, v. 1, p. 21-32.

VIANNA, C. R. *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática*. 2000. 573 f. Tese (Doutorado em Educação), USP, São Paulo, 2000.

VIDA escolar – 2º ciclo. 1967. Arquivo pessoal de Jorge Braga Barretto.

VIDAL, D.; FARIA FILHO, L. M. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880/1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

VON SIMSON, O. R. de M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Nas Redes da Educação*. Campinas, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/temas.html>>.

ZACHARIADHES, G. C. (org.). *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

ZOTTI, S. A. O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE, 2006, Goiânia. IV Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE ANAIS - A educação e seus sujeitos na história. Goiânia: Ed. da UCG, 2006. v. 4. p. CD-ROM.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS**Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****Anexo 2 – Programa de Matemática – Curso Ginásial, 1972****Anexo 3– Programa de Matemática – Curso Colegial, 1972****Anexo 4 – ENTREVISTAS**

ANEXO 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____, nacionalidade brasileiro(a), profissão _____, estado civil _____, portador(a) de carteira de identidade nº. _____ Órgão Expedidor _____, CPF nº. _____, residente e domiciliado à _____, autorizo o uso, gratuita e espontaneamente, da entrevista de caráter histórico que prestei ao pesquisador Diogo Franco Rios, em Salvador, ficando, conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso a mesma para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e identificação de fonte e autor.

Salvador, ___/___/___

Nome do(a) entrevistado(a)

ANEXO 2 – Programa de Matemática – Curso Ginásial, 1972

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO PEDAGÓGICO ADELTO MOURA CALMON
SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
Programa de Matemática - Curso Ginásial - ano/1972.
Conteúdo Programático

1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
I - Conjuntos e Relações II - Número e numeral, sistema de numeração, bases. III - Operações com números naturais Propriedades Estruturais. IV - Divisibilidade, Múltiplos comuns e Divisores comuns, Números primos, Fatoração. V - Frações. VI - Números Decimais.	1. Números decimais 2. Seis quadrada 3. Noção de Proporção Grandezas proporcionais - Aplicações 4. Números inteiros relativos Números racionais relativos 5. Equação do 1º grau. Problemas.	1. Noções de Lógica 2. Números Reais 3. Reta. 4. Geometria afim do plano.	1. Geometria Plana Distâncias e polígonos, Círculos. 2. Extensão da noção de ângulos; senos, cossenos e tang. de um ângulo. 3. Relações métricas num triângulo, Lei dos senos e cossenos. 4. Relações métricas no círculo. 5. Polígonos Regulares. 6. Áreas dos polígonos 7. Equação do 2º grau. 8. Cálculo de Radicais.

ANEXO 3- Programa de Matemática - Curso Colegial, 1972

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CENTRO PEDAGÓGICO RAYTOR MIGUEL CALMON
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
Programa de Matemática - Curso Colegial - 1972.
Conteúdo Programático

1ª Série Colegial	2ª série Colegial	3ª série Colegial
<ol style="list-style-type: none"> 1. Equações redutíveis ao 2º grau 2. Radicais 3. Noções de Lógica e conjuntos; Relações; Aplicações estruturais. 4. Funções do 1º e 2º graus. 5. Geometria afim do espaço 6. Geometria Euclidiana 7. Trigonometria. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Geometria Euclidiana 2. Trigonometria 3. Geometria analítica plana: reta, círculos e cónicas. 4. Sistemas de Equações do 1º grau 5. Matrizes e Determinantes 6. Corpo dos números complexos 7. Polinómios: elementos de equações algébricas e decomposição de polinómios 8. Teoria da divisibilidade entre polinómios. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Noções de continuidade 2. Limite 3. Derivado 4. Integral 5. Volume de sólidos 6. Análise Combinatória 7. Probabilidade. <p>OBSERVAÇÃO - Após o término desta programação será organizada uma etapa integradora abrangendo os assuntos em que os alunos apresentem maiores dificuldades.</p>

ANEXO 4 – ENTREVISTAS

- **Anônima**
- **Anna Cristina Fontoura de Almeida**
- **Denise Chaves de Menezes Scheyerl**
- **Eduardo José Santiago da Silva**
- **Jaci Maria Ferraz de Menezes**
- **Jorge Braga Barretto**
- **Jocano**
- **Maria Angela Guimarães**
- **Sueli Prata**
- **Maria Eunice Kalil**
- **Raimundo Mesquita de Luna Freire**
- **Ricardo Almeida Araújo da Silva**
- **Roberto D'Araujo Senna**
- **Valber Roberto Carneiro Carvalho**

Entrevista: Anônima

Entrevistador: Diogo Franco Rios

Tempo da entrevista: 1h 07' 47''

Salvador, 02 de novembro de 2010

Local: Perini – Pituba

A - Médio os livros de Catunda, depo..., não sei se você já teve a oportunidade de ver?
Ele fez até o ensino médio.

D - Alguns eu já vi.

A - Era o primeiro ano era o azul, o segundo ano era o verdinho e o terceiro ano, coisa.
Foram feitas apostilas e depois uma editora lançou. Mas o que aconteceu com isso?
Os colégios não adotaram e aí caiu. Mas era tudo no Aplicação as apostilas todas,
você viu alguma vez tudo?

D - Vi, vi alguns, já.

A - E as apostilas do ensino fundamental também?

D - Isso, um que tratava geometria, inclusive...

A - Era da sétima série e da oitava série que começava com... não era geometria
tradicional, era com rotação... simetria, translação e a geometria plana era toda com
base nas transformações lin.. nas transformações no plano, você tem o telefone de
Maria Augusta? Maria Augusta era professora de matemática que aplicava na...

[...]

A - Ah não, o lance de relação era legal, porque era um colégio pequeno, quando eu
entrei, fiz minha admissão em sessenta e três, fiz a minha admissão eram trinta
vagas.

D - A senhora passou pra cursar em 64, não é isso?

A - Não, passei a cursar em 63.

D - Certo!

A - Fiz para a turma de 63. Era ainda em Nazaré, na Faculdade de Filosofia. A sede de
Aplicação era junto com a Faculdade de Filosofia, lá em Nazaré, onde hoje é o
Ministério Público, defronte do... que antigamente também era o museu da cidade e

ali, hoje em dia, é a Academia Baiana de Letras, lá em Nazaré.

Depois, em sessenta e... sete mudou aqui pro Canela, defronte dos Maristas e foi aí que fechou. Em 76 fechou aí no Canela, aí no Canela...

Eu cursei todos os oito anos lá. Agora, quando chegou em 67, tinha a seleção para o ensino fundamental, ou melhor, ensino médio, então ampliaram as turmas de trinta para sessenta alunos e eram duas turmas e depois no ens... no exame de admissão, já não eram 30 vagas, eram 60 vagas, eram 60 vagas.

[...]

A - Minha turma foi de 63 a 69...

[...]

A - Maria Angela Guimarães era minha parceira, ela..., eu entrei... ela entrou na turma de 64, mas somos amigas até hoje. Inclusive, o dia que Bice se encontrou com a gente... Bice foi da minha turma, nós estávamos juntas, casualmente. A gente não tem assim o lance muito contato, a gente se fala muito, mas não tem.

Angela saiu antes, justamente por causa de matemática. Ela perdeu matemática. Tinha um sistema de avaliação, tinha recuperação, re-recuperação e aí, se não passasse na re-re, perdia o ano e... ela saiu justamente por causa de matemática, saiu no primeiro colegial.

D - Se perdesse tinha que sair da Escola?

A - Você podia cursar dois anos, você perdia um ano e tinha direito a cursar mais um ano, aí saía da escola, dois anos você saía da escola.

D - Mas, ela não perdeu dois anos?

A - Não. Ela perdeu um. Ela perdeu um e por opção do pai dela tirou da escola tirou ela da escola e dela, ela, ela, ela tinha direito a ficar, mas...

D - Não quis?

A - Não, não podia perder dois anos seguidos na mesma série. R. um colega nosso ele foi colega de todos porque ele tinha o prazer de repetir cada série dois anos, então ele foi colega de todos!

[...]

o Colégio era muito pequeno era muito pouca gente e a gente tinha oportunidade de conhecer todos, todos, todos, todos do Aplicação, mesmo depois a gente mais, os mais adiantados, a gente ia ver os calouros que entravam, o pessoal entrava com admissão então, né? Então, a gente tinha aquela coisa toda... e, geralmente os calouros eram irmãos de fulano...

Eu mesma, todos os meus irmãos foram lá do Aplicação, todos... Eu tenho mais três irmãos, todos foram do Aplicação, nenhum deixou de ser. Mais novos, eles são mais novos do que eu, mas todos foram do Aplicação, inclusive minha irmã caçula ela saiu em setenta e seis, ela estava na oitava série e teve que sair porque o Colégio fechou, Colégio fechou... E, aí ela teve que sair, fechou 76, aí pronto.

[...]

Hermes!

D - Foi seu professor?

A - Foi.

D - Em que série?

A - Primeiro colegial, porque física houve um... Tanto física, matemática, biologia...

A - Eh... Como é... Física, matemática e biologia eram aqueles livros importados americanos BSSC, PSSC, e matemática, o MSCS...

Então, era um sistema de passos, eu não tinha o professor da série, eu tinha professor dos passos, que preparava o passo e quando eu tivesse apta, eu escolhia... O professor que tava lá na hora me cobrava e tudo...

D - Isso no colegial?

A - Isso no colegial.

D - Matemática também tava usando esse material?

A - Não, matemática não, matemática não. Matemática não, porque tava com o CECIBA, as apostilas de Catunda, Martha... Aí não, só fiz com Biologia e... E era mais experiência, laboratório, química também.

A gente fazia todas as matérias, independente da área a seguir, filosofia, história, geografia, todas as matérias a gente fazia.

Teve uma época, foi colegial, a gente entrava no Colégio sete da manhã, saía meio dia e de tarde voltava, saía seis horas da tarde. De tarde era línguas, que não era... era por nível, não era por série e... questão de dança, teatro, atividades livres, isso sempre tinha no Colégio. Era muito bom, muito bom mesmo, muito bom mesmo.

[...]

D - ... os livros didáticos

A - Os livros didáticos eram... Não. Os livros didáticos eram, era, era, aquela tal história: nós éramos “cobaias”, o que aparecesse de novidade, primeiro era passado para gente e depois passado para o “mundo”.

D - Mas, vocês sabiam disso ou não?

A - Sabíamos. Sabíamos, inclusive tinha as praticantes. Quem eram as praticantes? O estágio, né? Para os professores licenciados, então as praticantes chegavam no segundo semestre, as praticantes iam observar as aulas, várias séries, com a professora de metodologia e depois elas assumiam a unidade, entendeu? A gente sabia das experiências, sabia sim.

Em inglês, o lance do nível de inglês... tudo era testado lá, depois para o “mundo”. Sabíamos sim. Tínhamos essa consciência, matemática a gente sabia que [incompreensível] tinha a coisa toda, era... sabia, tinha essa perspectiva.

D - Mas, eles diziam também ou era só porque vocês percebiam as variações?

A - Não, porque era característica do Colégio, era característica do Colégio essas inovações psicopedagógicas... era característica do Colégio, era particularidade do Colégio.

[...]

Primeiro dia de aula, Ave-maria! Acabavam as férias era uma delícia, você reencontrar não sei o que, você ficava na perspectiva... hoje em dia, não! O pessoal não quer saber de primeiro dia de aula, dá graças a Deus se está férias, feriado, não tem mais essa relação com o colégio, com turma, com o grupo, não tem não.

D - Como era seu primeiro dia de aula mesmo? Os primeiros dias de aula, me conte. O que a senhora disse que era uma delícia?

A - Você rever... Porque sempre você fica... Tinha uma grande colônia judaica lá no

Colégio, então eles iam passar as férias em Israel, no Kibutz, pela própria religião e tudo... Então, eles voltavam e contavam...

Eu tinha uma grande amiga judia, tinha não, tenho que ela ainda não morreu. Só que a gente não se encontra. Então, ela vinha contava como era a questão. Os judeus também se casavam, formavam-se casamentos, né? Então, dependendo... então ela... como foi todo processo. Então, você tinha essa vivência de expectativa de primeiro dia de aula, porque todo mundo viajava, eram férias de três meses realmente, quem não ficasse pra recuperação final viajava em fim de novembro só voltava em primeiro de março, realmente, quer dizer, era um período de encontro e de reencontro, muito legal mesmo.

D - E a expectativa do novo ano de ensino, era presente isso? Como é que era? Era a alegria era rever os colegas ou tinha mais expectativas?

A - Não, tinha o lance dos professores, quem era que ia ser, porque os professores não mudavam, não havia rotatividade de professores.

D - Não?

A - Não, não havia. Matemática, você sabia quem era a equipe matemática, de história, você sabia quem era a de história,... não tinha rotatividade. Quem era do ano passado permanece nesse ano, agora não sabia qual a série, você não sabia quem você ia pegar, entendeu? Mas, você sabia que se não fosse A seria B ou C, não tinha nada novo. No Aplicação o professor era concursado, era concursado mesmo. Então, eram aqueles e pronto que tinham concurso e não tinha nada a mudar. Tanto que quando o Aplicação fechou foram todos para Universidade. Todos os professores foram para Universidade, os funcionários foram todos pra univer..., era tudo da Universidade. Serviam no Aplicação, mas era todo mundo da Universidade, não tinha essa questão de coisa não...

Agora, tinha aquela equipe, né? Se você não sáisse de Maria Augusta, você poderia cair em Teresinha, se não sáisse de Tere... Aqui também mora Terezinha Nóvoa, não sei se você conhece?

D - Já ouvi falar dela.

A - Ela ensinou no Aplicação. Ela ensinou no Aplicação, Terezinha Nóvoa, mas você quer mais com aluno, né?

[...]

D - Por exemplo, como é que a senhora lembra da sua chegada na escola? Na chegada pelo admissão, como é que foi sua admissão?

A - O admissão era aquela tal história, né? Era a peneira, então, você tinha os trinta...

Não, a chegada na escola você tinha aquele sistema de caderneta, vocês não tem noção do que seja isso. Cada um tinha sua caderneta, com foto... era uma identidade, então, cada caderneta tinha uma folha tipo folha de ponto, de um a trinta, então, tinha presente, ausente, retardado – retardado, se chegasse atrasado. A aula começava sete horas até meio dia e meia, intervalo de dez minutos, recreio meia hora.

D - intervalo de dez minutos entre cada aula?

A - É. Dez minutos entre cada aula, e o recreio meia hora. Não tinha nenhuma questão de reza nem nada pra entrar na aula. Entrava na sala direto. Na sala, você se sentava como você quisesse sentar com A, B ou C.

Quando eu entrei não conhecia ninguém, quer dizer, conhecia no lance de você olhar a lista, se você ficou pra segunda fase, terceira fase, aí você... Era peneira até ficarem os trinta últimos, né? Até serem classificados, era nota mesmo.

Meu primeiro, minha primeira da... como é? [...]

Do meu primeiro ano ginásial ao quarto ano ginásial, era tudo nota. Quando eu mudei pro colegial passou a ser conceito. Passou a ser conceito, tinha... A caderneta continuava ter e, na caderneta, também tinha parte disciplinar. Você tinha punição ou elogio. Todos os dias as cadernetas eram vistas e revistas, três retardos parece em um mês era falta, considerado falta... tinha um negócio dos dias letivos, tantas faltas que você não podia ter e tudo... tinha todo um processo e... era tudo coisa...

Aí, quando você voltava das férias... “Fulano que ficou pra recuperação será que passou ou não passou? Será que continua?” Se continuasse, tudo bem. Se não continuasse, tava na sala anterior... Não tinha essa questão de chegar aluno novo, era sempre a mesma turma, eh...

E pronto. Não tinha essas coisas, não. Farda, saia azul marinho e blusa branca. Saia o tempo todo, tinha farda de gala... E os meninos era calça caqui e camisa branca, pronto. Aí, quando eu saí é que aí a farda ficou flexível, ficou calça jeans com camiseta... Minhas irmãs mesmo, já foram com calça jeans, camiseta e tênis, mas a

gente, não, era com vulcabrás [?], todo formal.

[...]

A - A primeira turma foi de quarenta e nove, eu acho. Foi de quarenta e nove.

[...]

D - E a senhora acha que ter feito matemática tem alguma coisa haver com Aplicação?

A - Não, não. Não tem, não tem não. Do Aplicação, na minha turma, só foi eu e... Só quem fez vestibular pra matemática foi eu e Idália, só. Idália não mora mais nem aqui, Idália mudou para Brasília, Idália não fez vestibular aqui, ela fez matemática lá, ela não fez vestibular aqui.

D - E isso de matemática surgiu onde?

A - Surgiu de minha família, minha família mesmo. Meus pais são engenheiros, meus irmãos todos são engenheiros, é da família mesmo, de família. Agora, eu vou lhe dizer: hoje eu não faria matemática, aliás, há muito tempo eu não faria matemática não, eu fui muito cobrada. Eu fui aluna de Catunda de todas as matérias, Catunda me adorava, então tinha aquele lance de me cobrar, basta ele dizer, quando Catunda... “ – Ô bichinha, próximo ano...”, “– Próximo ano NADA, Catunda. Olha, passei nessa, tô formada!”

Foi Análise e Matemática II. Eu fiz todas as matérias com Catunda, tudo que você possa imaginar, desde Cálculo I até coisa... Aí, que na verdade foi um curso muito difícil, muito pesado, pra você ter essa recompensa que você tem, em termos salariais, em termo social. Tô fora, faria não, que nada, que nada.

Essa visão eu não tinha, não, essa visão eu não tinha e nem tinha quem me abrisse os olhos, foi uma tortura o Instituto de Matemática e de Física, mil dias lá. Que nada, e era um curso pesado mesmo, os livros não tinham em português, nem português de Portugal, era ou inglês ou francês, espanhol pouquíssimos, tanto na área de matemática como na de física, na minha época, mas, é o tipo da coisa... Tudo é válido. Tudo é válido.

[...]

D - E na sua época de aluna, a senhora chegou a falar que tinha todo um formato a roupa e tudo, como era a coisa da disciplina no Aplicação?

A - Era disciplinado, não era bagunçado, não, era disciplinado, assim: tinha respeito, respeito... Claro, a gente filava aula, tinha filação de aula, tinha não sei o que, perê... você fazia, mas fazia as coisas bem feitas, e tinha porteiro, tinha isso, tinha aquilo tudo, mas, mas fazia, você fazia era coisa, era... Mas, tinha disciplina.

Tinha o lance das cadernetas, você só podia entregar... Quando você chegava no Colégio você botava a caderneta no quadro, quando você saía, você tinha que pegar a caderneta e tinha observador, por exemplo, você ia filar as duas últimas aulas, aí você dizia pra ele: “– Pegue minha caderneta”.

Então, ficava aquela observação de você não pegar duas ou três cadernetas, ou da turma... Tinha fiscalização sim, mas não era nada que você não pudesse driblar.

D - E os professores eram rigorosos com relação à disciplina, também?

A - Não... Eram todos amigos, não era essa questão de coisa... isso ou aquilo... aquele carrasco, de jeito nenhum! Não tinha essa coisa de prepotência, eu sou isso e aquilo, não tinha não. E, felizmente, era esse o diferencial, então, não tinha isso, não, que nada, não tinha, não.

[...]

D - Me fale das aulas de matemática.

A - As aulas de matemática? Depende do professor, por exemplo...

D - Quais foram seus professores?

A - Meus professores? Eu tive Iraci Cerqueira Lima, no primeiro ano de ginásio, segundo ano foi Terezinha.

D - Terezinha de quê?

A - Terezinha Nóvoa; terceiro ano do ginásio foi... [essa menina] Maria Augusta; quarta série de ginásio, também Maria Augusta. Primeiro colegial foi Terezinha Nóvoa, de novo, segundo foi Violeta e, no terceiro, foi Mário. O terceiro foi meio complicado porque foi Mario e foi um outro lá, que era praticante, não me lembro, acho que era Ari, não ficou e não vi pela universidade, porque depois eu fiz matemática, né?

Tinha esse pessoal todo, mas não tem coi... E, justamente... mas, eu não peguei as apostilas de Catunda. Eu peguei pra quando... eu ganhei muito dinheiro com as apostilas de Catunda, porque meus irmãos pegaram, aí os colegas deles eu dava

banca de matemática, mas não peguei como aluna, não.

D - A senhora disse que depende dos professores...

A - Depende dos professores, porque, por exemplo, os livros didáticos da gente tinha um, era... aritmética, álgebra e geometria, pelos próprios professores também da...

D - Feito pelos professores?

A - Foi. Era aritmética, álgebra e geometria e... tinha os testes, testes surpresa, as provas... eram quatro unidades, não, era mensal. Mensal, porque tinha que ter média, tinha no mínimo três testes por mês e a prova. Era dado e era cobrado mesmo!

D - E como é que era a aula, como é que ela dava a aula, como é que ela explicava o assunto, a senhora lembra? Como é que os professores lidavam com o assunto?

A - Não, explicava direito, explicava direito e tinha muito treino, muito treino mesmo, era muito treino.

D - Como assim?

A - Você ensina soma, aí você dá mil, “faça mil somas”. Muito exercício, muito exercício, mesmo. Era muito praticado mesmo, já trabalhávamos em grupo, trabalhávamos em equipe, tudo... A gente trabalhava muito em equipe.

D - Nas aulas de matemática?

A - Sim, senhor, sim, senhor. Nas aulas de matemática.

D - Lembra de algum trabalho, algum em especial, alguma coisa que eles faziam?

A - A gente fazia exercício e trabalho, por exemplo, muito teorema que a gente demonstrava, muito teorema a gente demonstrava, demonstrava! Toda aula que Maria Augusta desse um teorema, tinha sempre uma propriedade a ser demonstrada, de acordo com o teorema que ela deu. Trabalhava muito, muito, muito mesmo e isso era em grupo ou em dupla, era nos dez a quinze minutos finais da aula. Era muito teorema, a gente demonstrava mesmo, não era hoje no curso de matemática nem se demonstrar se demonstra.

D - Como era isso pra criança, adolescente fazendo isso?

A - Decora-se, decorava-se e ninguém nunca morreu e nem tem inveja de quem morre. Decorava-se as coisa tudo e fazia, e aplicava, e aplicava, não, decorava as demonstrações e coisa e... aí já tinha raciocínio, já tinha raciocínio e fazia, quer dizer,

na base do decoreba, mas fazia, mas fazia... e fazia mesmo.

D - Ela dava aula sempre no quadro, ela fazia...?

A - Quadro e giz.

D - Quadro e giz.

A - Quadro e giz, quadro e giz, quadro e giz e, no máximo, era cartolina cortar as coisas, mas era quadro e giz, na maioria.

D - Como é que aprendiam a demonstrar na escola, nessa fase?

A - Não sei, não sei, mas se você conseguir um livro da época, você pode ver tudo tem demonstração, tudo tem hipótese, tese, demonstração. Se fazia, se fazia.

D - como é que pegava...

A - Não sei, não sei, não sei... Se você tiver oportunidade é... de geometria você vê tem lá, a geometria as coisas assim... as propriedades... não sei como era...

Outro dia eu perguntei a Maria Augusta: “- Maria Augusta, como é que você enfiava aquilo tudo na cabeça da gente?”; “Também não sei, eu também não sei, e a gente aprendia, a gente aprendia, não sei...”

D - A senhora lembra dos conteúdos?

A - Os conteúdos... lembro. Primeira série de ginásio era a revisão de admissão, toda aritmética, mesmo. Toda a aritmética. Na segunda série de ginásio era a parte de aritmética também, com equação, equação do primeiro grau e inequação. Na terceira série de ginásio era a questão da álgebra, produtos notáveis, fatoração, não sei o quê... e geometria. Tanto que uma semana era álgebra e a outra semana geometria, semanas alternadas e...

A quarta série de ginásio era praticamente tudo geometria, tudo de geometria. Aí no primeiro ano colegial era questão de função, conjunto, função... Nessa época ninguém falava, a gente já falava, que ainda tinha isso, né?

Ninguém falava, mas lá já falava. Conjunto, função... a geometria é a das transformações do plano, a geometria no espaço, geometria analítica... Tudo a gente via.

D - A senhora falou das geometrias, era sim geometria as partes das transformações de rotação foi isso? Como é que se trabalhava geometria?

A - Mas não, eu como aluna isso aí já foi depois quando veio Catunda, depois de 67, mais ou menos, quando Catunda veio pra aqui pra Salvador, que ele criou esse grupo que era com as transformações, aí já começava a parte de homotetia, simetria, translação, era a partir da sétima série.

D - E aí que a senhora percebeu a diferença na Escola, é isso?

A - Não, diferença na escola não, o lance de matemática sempre foi acompanhado. Agora, o lance de modificação de coisa foi quando chegou, em 67.

D - modificação de que?

A - Modificação de conteúdo, não... a nova forma de dar o conteúdo que aí a quinta série você já pegava desde conjunto, relação de equivalência, relação de... aí pegava também a parte de geometria, um pouquinho, na sexta série era mais a questão de álgebra e equação, equação e álgebra, mas, na sétima série, era geometria. Lígia mesmo, foi turma piloto de... do ensino de geometria da forma de transformação a turma dela foi, foi a primeira vez que foi aplicada, de Lígia.

[...]

D - Então a senhora não viu conjunto, como é?

A - Eu vi conjunto no ensino médio.

D - Não foi no ginásio?

A - Não foi no ginásio, foi no ensino médio e... ninguém via no ensino médio conjunto, ninguém via conjunto, função, relação, produto cart... ninguém via, a gente foi cobaia também nesses termos de...

Porque quando a gente estava no primeiro colegial que veio também o material do ensino médio, aí criou uma turma piloto no Central, Colégio Central e, aí, era a turma piloto desse Colégio Central e a nossa turma do Aplicação para o sistema de física...

Aí, ficou tipo o mesmo ensino dado no Aplicação, os mesmos professores do Aplicação, o mesmo povo dessa turma piloto do CECIBA (Centro de Ciências da Bahia) as aulas deles eram no Central, não sei, não me lembro... eu sei que de vez em quando eles iam fazer experiência lá no laboratório da gente, mas essa turma só foi os três... as três séries do ensino médio, só teve essa turma também, foi justamente quando Catunda, quando Catunda veio.

D - A senhora disse que ninguém mais estudava essas coisas de função, de função?

A - Não, não dava em outro lugar, não.

D - Como é que a senhora sabe que não dava em outro lugar?

A - Porque eu dava muita aula particular, eu tava no Instituto de Matemática, eu tinha alunos de várias turmas. O Instituto Social da Bahia tentou colocar, tinha uma escolinha que fechou, era a escolinha de Gilca, aqui em Ondina...

Eu era ligada no que tinha todos esses colégios. Não tinha essa proliferação de colégio que tem, eram poucos colégios, então você sabia como era o ensino disso e daquilo.

E, eh... todo mundo saiu do Aplicação por causa disso, porque perdia em matemática, por causa que era uma matemática totalmente diferente e tinha uns negócio de uns teste de adaptação, eu sabia tudinho.

D - Tinha o que? Teste de adaptação?

A - É. Se você sai... se você saia do Colégio de Aplicação, perdia matemática ia pra outro colégio, tinha que fazer o teste de adaptação, seleção, programa do outro colégio, aí eu sabia. O pessoal se atentou pra questão de politicagem mesmo, esses livros, esse conteúdo, chegou a ser publicado, por editora e tudo, mas não foi adiante porque os professores não sabia ensinar... a verdade é essa: os professores de matemática não sabiam ensinar, não sabiam passar, passavam de uma maneira errada e aí foi cancelada.

Teve uma vez que eu fui numa editora e tava lá, numa lata de lixo, toda coleção de ensino atualizado da matemática a capa coisa... do ensino fundamental todo no lixo.

D - Mas, a senhora fala que os professores não sabiam ensinar.

A - Não sabiam passar não, eu sei disso porque eu tinha alunos de banca do Social que estavam dando, que eu ia ver... aí quando ia ver, os professores não sabiam passar.

D - Mas, no Aplicação eles sabiam passar essa coisa dessa matemática atualizada? A senhora achava?

A - Com certeza, porque eram povo da equipe, era o pessoal da equipe, treinado pela equipe...

D - Como é que eles... como é que dava pra saber que eles davam boas aulas, como é

que poderia, como é que a senhora poderia explicar?

A - Você conhece, você conhece, você tem que conhecer o conteúdo didático, programático.

D - Certo, eu cheguei já ver alguns.

A - Você viu de que série?

D - Eu vi, por exemplo, da sétima e lembro bem, porque foi o último que eu vi mais recentemente.

A - o da sétima série.

D - tinha as demonstrações...

A - A homotetia... ta aí, as demonstrações todas por homotetia, simetria e translação, você faz um... você...

Os professores dos colégios, para o colégio pagar pouco, eles não contratavam professores formados, contratavam os que... porque, bastou fazer o vestibular pra matemática que você ensina matemática. Não precisa você chegar ao quinto, ao quarto ano, com o seu diploma de professor de matemática pra ensinar matemática. Você não precisa nem ser professor de matemática, você basta... você sabe disso. Então, eu lhe dou uma turma e você ensina matemática com aquele conteúdo... Se você não for aluno de matemática, então, não dá, você não passa.

D - E os do Aplicação passavam aí, passavam como? Como é que eles... Queria, se for possível, a senhora me contar como é que eles explicavam uma coisa que fosse marcante de dava pra... [estalo] Ali se aprendia, o que faziam de diferente...

A - Os professores de matemática, eles tinham o embasamento teórico, eles sabiam o conteúdo, eles sabiam... e, sabendo o conteúdo, você sabe passar, sabiam passar e, além do mais, esse conteúdo que tinha nas apostilas, o livro das apostilas, era o mesmo conteúdo que era dado para o pessoal de licenciatura, numa simples disciplina chamada fundamentos da matemática elementar. Era esse o conteúdo, o mesmo conteúdo de fundamentos era o mesmo conteúdo que os alunos do Aplicação faziam em termos de geometria.

D - O mesmo?

A - É, era o mesmo conteúdo.

D - Então o pessoal devia achar difícil ou não, os alunos do Aplicação. Achavam difíceis as aulas de matemática?

A - Os alunos... os alunos, não. Os alunos que viam pela primeira vez, não. É que tavam no contexto... não achavam difícil, não, já tava no contexto.

[...]

D - O termo *matemática moderna* era falado no Colégio de Aplicação?

A - Não, era falado exteriormente ao Aplicação, que considerava a matemática do Aplicação como matemática moderna, mas em termos dos alunos de Aplicação não, era exterior ao Aplicação, era uma matemática diferente, quando se fazia a comparação? Claro. Aí colocou esse termo, mas, no Aplicação, não.

D - Pra vocês era comum.

A - Era comum, era matemática, agora externo ao Aplicação se usava matemática do Aplicação é matemática moderna.

D - Como é que era... a senhora falou que tinha provas mensais a senhora lembra como é que eram as provas de matemática, o que eles pediam na prova de matemática?

A - Problemas, teoremas, demonstração. A parte de geometria era demonstração e tudo.

D - Qual conteúdo a senhora poderia, que foi mais marcante pra senhora na escola?

A - em termos de...?

D -... De matemática, qual conteúdo, qual o assunto que foi mais marcante, que mais a senhora lembra, com mais clareza, da época do Colégio de Aplicação.

A - Trigonometria. Minha equipe se lascou de estudar... trigonometria.

D - Que série foi isso?

A - Primeiro colegial, primeiro colegial em uma unidade, dois meses, tinha... tudo também, não era só essa questão de... tudo, tudo, tudo mesmo, que você possa imaginar em trigonometria, era dado. A gente saiu do Aplicação com limite, derivada e integral, perfeita. Teoremas e tudo! Saí de lá completa... e a gente tinha também desenho geométrico como matéria, terceiro ano de ginásio e quarto ano de ginásio. No colegial era descritiva, descritiva, mas como dá trabalho, acabou-se tudo.

[...]

D - A senhora saiu do Colégio direto pro vestibular?

A - Eu saí do Colégio direto pra Universidade. Terminei em meia nove e, em setenta, eu tava cursando.

D - Fez cursinho alguma coisa que o valha?

A - Eu fiz cursinho, fiz, o que foi..., eu fiz cursinho, peguei matemática e física, não, matemática e descritiva.

D - Do cursinho? Porque a senhora fez cursinho?

A - Porque todos os meus colegas faziam, era... saía do Colégio ia pra lá. Todos os meus colegas faziam.

D - Não é porque a senhora não achava o vestibular... tava preocupada com...

A - Muito pelo contrário, perto do vestibular eu tava tão cansada que eu saí do cursinho, foi o mesmo pique de primeiros meses, a gente cansava, só mesmo pique de primeiros meses.

[...]

A – D. era da minha turma e D., como ela ia fazer psicologia, aí no terceiro ano a gente... que aí o vestibular era direcionado por área, então, no terceiro colegial a gente foi também direcionado por área, D. não pegou matemática, não.

D - no terceiro ano vocês se separavam é isso?

A - no terceiro ano D. foi... é, foi pro... Porque as matérias... ela foi fazer.... Aí tinha a área de exatas, ciências e artes, não sei o que, não sei o que, não sei o que... e D. foi fazer psicologia, aí ela não pegava matemática.

D - E a senhora que ia fazer matemática pegava o que? A senhora lembra?

A - Eu pegava português, descritiva, química, física, matemática e inglês.

D - Curioso essas aulas por passos... a senhora lembra mais alguma coisa?

A - Por passos era física... Por passos era o seguinte: Lígia pegou, você recebia a coisa correspondente, principalmente biologia e física. Química também era por passos... Não, física eu peguei por passos, biologia eu não peguei por passos, mas acho que peguei com experiência, mas a turma de L. pegou e D. não pegou porque ela foi pra área de humanas. Aí se separava.

D - Como eram suas aulas no laboratório?

A - Laboratório?

D - Da senhora.

A - Dividia em equipe, tinha o labo... Biologia nós tínhamos o nosso laboratório, química a gente ia pro laboratório da escola de farmácia, era tudo pertinho. E Física também, a gente tinha nosso laboratório.

D - Como era, fazia experimentos e discutia?

A - Experimentos em equipe... Tinha os experimentos da mola não sei o que, velocidade, carrinho... aquela fitinha do carrinho, não sei o que... aí quanto tempo dava... você pra verificar a velocidade, cada carrinho tinha aquela fita... Tinha um bocado de experiência lá, essa do carrinho era legal, você botava o carrinho pra andar e tinha... aí você contava o intervalo de tempo, né? Aí você fazia de período por período.

D - Matemática que não tinha experimento, ou tinha algum?

A - Não, matemática não tinha, não. A gente não tinha laboratório de matemática, não. Eu vi laboratório de matemática aqui no Colégio Militar, quando ele voltou, década de 90, aí tinha laboratório de matemática.

D - Então as aulas de matemática eram quadro e...

A - Quadro e giz.

D - Você desenhava nas aulas de matemática?

A - Desenhava, desenhava.

D - fazia transformações no quadro, como era pra trabalhar com as transformações?

A - Transformações... transformava no quadro, agora, como eu lhe falei, transformações eu não peguei muito, eu peguei dando aula de banca, mas não peguei.

D - Como aluna, não?

[...]

D - Mas... e a ditadura não interferia no Colégio? A senhora lembra a questão da repressão. Interferia no Aplicação?

A - Não, não interferia não, interferia assim, como é... Tinha passeata o povo do

Aplicação ia, um ia preso, o outro não ia, não sei o que... depois a gente ia vê e coisa, mas não tinha essa coisa, não. O povo do Aplicação participava das passeatas, participava dessas coisas todas, mas, não tinha essa questão de interferir, de mandar lá não, nada disso, não teve essa coisa de ditadura nada não.

Foi falta de empenho mesmo, falta de empenho reitor, porque você sabe, quem tem o poder tem decisão e não teve empenho de continuar. Foi falta de empenho mesmo, deixou acabar, acabou. Não foi a ditadura, não sei o que, perêê... Se fosse por isso todos tinham acabado.

[...]

D - A senhora falou das estagiárias, agora não lembro o termo...

A - As praticantes.

D - As praticantes, me fala mais delas.

A - As praticantes era o pessoal do quarto ano de licenciatura que iam no segundo semestre, uma certa hora, assistir as aulas todas e, quando chegava uma certa hora lá, elas iam praticar na sua sala, elas observavam a sala e tudo e iam fazer estágio nessa sala.

D - Lembra de alguma especial?

A - Ah, eu lembro de Célia Pitangueira, que depois foi professora e diretora do Instituto de Matemática e é minha amiga até hoje. Ela praticou na minha sala.

D - A senhora lembra dela fazendo alguma coisa, alguma coisa específica das praticantes na sua sala?

A - Ela que outro dia... ela se lembra... outro dia ela rememorou que na nossa turma, ela entrando, não sei quem foi... J. colocou uma pastinha pra G. sentar, justamente na primeira aula dela e aquele lance de disciplina, né? Ela não sabia o que fazer, porque era a primeira vez que ela ia assumir uma sala de aula... Ela que me contou, eu nem me lembrava...

Aí tinha as praticantes... E a gente respondia como tinha sido a aula delas, a gente também respondia, a gente respondia. A gente gostava de praticante de geografia, porque eram todas abestalhadas, aí a gente dominava, aí ganhava...

Algumas faziam prova, eu não sei como era a distribuição delas, não, sei que umas

tinham o poder de fazer prova, outras de fazer teste, outras não tinham o poder de fazer nada, era só dar aula; umas ficavam um mês, outras, quinze dias, mas, estagiavam lá no Aplicação.

D - Mas, eram individuais essas praticantes, ou era em grupo?

A - Não, eram individuais, individuais e a professora da sala, a professora que era da gente, ficava lá no fundo da sala, mas tinha também, a professora da gente tinha lá e ela ficava dando aula, dando o assunto, né? Célia Pitanga e, a professora de metodologia que ia com as praticantes era Martha.

D - Martha ia também observá-las?

A - Martha ia com elas... não, quando elas estavam na regência de classe só quem ficava era a professora da sala.

D - E onde é que Martha aparecia, então?

A - Martha aparecia quando levava as praticantes para observar a sala, dona Martha ia com elas pra observar, A observação... porque tinha a parte da observação, depois a parte da prática aí... também não se formava muita gente, digamos que de matemática ia formar oito pessoas, essas oito pessoas, em determinados dias, iam assistir aula lá no Colégio.

D - Distribuídas ou..?

A - Não, todas juntas, as oito iam assistir as mesmas... assistir juntas as aulas, agora, na hora da distribuição, cada uma ficava com uma sala, aí era a época da praticante, cada uma ficava com uma sala. Eh... Celinha, Celinha foi praticante, Célia Pitangueira.

Entrevista: Anna Cristina Fontoura de Almeida

Entrevistador: Diogo Franco Rios

Tempo da entrevista: 2h 16' 28''

Salvador, 28 de outubro de 2010

Local: Escritório SUVISA

C - Eu não gosto de ficar falando do passado, não gosto de ficar relembando, não é minha praia, assim, certo, e o pessoal do Aplicação adora, né, muita gente adora e sabe histórias e se você for conversar com os meninos, os homens principalmente, sabem histórias do futebol, quem jogou não sei onde, sabe detalhes, eu não gosto e não tenho muito boa memória também, não. No Aplicação, especificamente, eu entrei com doze anos. Normalmente as pessoas faziam uma prova de seleção nessa idade, que entrava na primeira série de ginásio, porque o Aplicação foi assim... ele funcionava lá na Faculdade de Filosofia em Nazaré.

D - A senhora entrou quando?

C - Eu entrei em sessenta e sete, meia sete, foi o primeiro ano que ele foi pro Canela, fez a mudança para o Canela, certo, e nesse primeiro ano ficaram duas turmas, eles cresceram a turma do primeiro ano de ginásio pra duas turmas, aí você fazia uma seleção, normalmente as pessoas faziam até um cursinho de admissão, né, muita gente fez o curso, tinha uma professora que eu não me lembro o nome, em Nazaré, que era uma das melhores professoras que preparavam para o curso de admissão do Colégio de Aplicação, eu fiz lá.

Eu morava na Cidade Baixa, na época, morava em Roma, mas fui fazer o curso lá, eu fiz a quinta série, às vezes as pessoas pulavam da quarta direto para o primeiro ano de ginásio, mas no caso a minha mãe achou que eu deveria fazer a quinta série, eu fiz e fui pra lá porque era um dos melhores colégios públicos na época, era o melhor, assim, eu não sei como minha mãe, meus pais identificaram o Colégio, não tenho ideia, mas a ideia dela era que eu fosse estudar no Colégio de Aplicação, todo mundo conhecia que era um bom colégio, mesmo morando longe, que eu morava em Roma e o Colégio iria pro Canela, era em Nazaré também, tudo na Cidade Alta, que era uma diferença, porque eu tinha estudado todo o tempo na Cidade Baixa, em escola particular, meu primário foi numa escola particular, na quinta série é que eu fui pra

uma escola pública e fiz o curso de admissão e aí já conheci várias colegas, várias pessoas que depois vieram ser minhas colegas no Colégio de Aplicação e, nesse primeiro ano, foi que nós passamos pro Canela e fomos estudar... e aí eram duas turmas, turma A e turma B, eram trinta alunos em cada turma, certo? O que é que você já sabe do Colégio? O que é que você quer saber mais?

D - Na verdade o que me interessa saber é como era o Colégio pra senhora, porque como tô trabalhando com memória e quero conhecer a cultura escolar... é o que era forte pra senhora? o que foi marcante? o que lembra dos colegas? dos professores? da matemática? das outras matérias? Tudo isso me interessa, na medida de que a senhora tenha disponibilidade de falar e lembre e goste de falar sobre...

C - ahã, não, eh... eu tinha uma vizinha que estudava no Colégio de Aplicação, talvez por aí que meus pais tenham ficado sabendo... talvez... e esta vizinha era três anos mais velha do que eu, né, aí tinha eu e tinha a irmã dela que era três anos mais moça do que eu, então, eu ficava no meio, eu era muito amiga da mais moça e muito amiga da mais velha, eu ficava nesse meio e nós, claro, eu e a irmã dela idolatrávamos esta menina mais velha, três anos, já estava no ginásio enquanto nós estávamos no primário, toda aquela coisa, ela tinha caderno grande, nós tínhamos caderno pequeno (risos), era uma série de coisas, assim, que quando você era criança, você se importa, valoriza, então, X estudou no Aplicação também – já faleceu – antes de entrar no Colégio, então, eu tinha muita vontade de estudar no Colégio de Aplicação por causa dela. Depois a irmã dela também quis estudar lá, essa que é minha amiga a mais nova, três anos depois, e aí a mãe disse que não, que perdida bastava uma...

Me lembro bem, e essa menina foi estudar no Dois de Julho, né, e ficou outra pessoa, realmente, se ficasse no Aplicação era uma pessoa e se ficasse no Dois de Julho foi outra pessoa, porque o que aconteceu com o Colégio, o Colégio teve uma fama terrível, ele era excelente em termos didáticos, ele era muito bom didaticamente, mas em termo de comportamento... e também era tudo de vanguarda, tava muito, assim, era muito experimental, mas para os pais era um choque terrível, era assustador, mesmo, estudar no Aplicação.

Primeiro, você podia fumar dentro do Colégio, então, criança de doze, treze anos – que era a hora que a gente começava aprender a fumar –, na Escola era liberado você fazer isso, não era proibido, né?

É... tinha umas reuniões... de trabalho, de estudo do meio, que você saía pra conhecer a redondeza e ia crescendo, primeiro você saía pra conhecer em torno do Colégio, depois você saía pra conhecer a cidade de Salvador, depois você saía pra conhecer outras, outros estados... outras cidades da região metropolitana... e era sempre uma farra, né, uma farra.

Tinha dois ônibus, normalmente dois ônibus, duas turmas, turma A e turma B, dependendo do professor que você fosse era mais liberado ou menos liberado dentro do ônibus, então, tinha um professor, professor de... de – não me lembro se chamava OSPB, na época, ou ciências sociais, alguma coisa assim –, que deixava você namorar no ônibus, deixava fumar, né, e o outro professor, que era o professor de português, professor Evandro, aí era todo certinho, aí ninguém queria... quando ia o professor Evandro ninguém queria ir nesse ônibus, porque não podia fazer essas coisas, isso para os pais era um choque muito grande, né, e, fora isso, claro que quando tem uma história, essas histórias aumentam consideravelmente, né, então, minha mãe... Sim, aí o que é que aconteceu, eu era muito boa aluna, sempre fui, no gina... primário, etc., gostava de estudar, gosto, e fui muito boa aluna no Aplicação. No segundo ano você já está um pouco mais velha, treze anos, aí você já tem também, já começa a ter outros interesses, eu acho, né, a maioria do pessoal que perdeu o ano pela primeira vez, perdeu na segunda série, se você for depois encontrar, uma série de pessoas que repetiram o ano, foi da segunda para terceira série, eu não perdi, mas eu fiquei em duas recuperações, se não me engano, ou três, não, acho que foram duas e minha mãe disse que se eu ficasse na terceira ela ia me tirar do Colégio, né, era... um bom motivo, já tava, assim, achando que a filha dela tava ficando muito avançada e eu tava caindo nas notas, não sei o que... aí eu não fiquei e continuei no Colégio.

A outra coisa é a seguinte, também, que foi um marco muito grande, a gente só usava saia no primário, na farda, e quando a gente entrou no Aplicação foi a época que eles mudaram pra calça, isso hoje é uma... pra você, então. que é jovem... você não deve nem entender que isso foi uma revolução, porque as mulheres não usavam calça, as meninas na escola só usavam saia, eu me lembro que minha mãe não gostou dessa mudança, não entendo, hoje a gente consegue entender, mas... tem que ter o histórico da geração, então, foi uma coisa, assim, que ela também e várias outras acharam um avanço as meninas usarem calça, aí existia o tipo de calça da farda, que era uma

calça de, não sei, de uma coisa mais mole, parecendo tergal, toda formalzinha, e, claro, que as pessoas queriam ir de calça jeans, né, e, naquela época, não tinha tanta calça jeans como hoje, né, você não encontrava, existia a questão da importação, então, tinha calça Lee que vendia numa loja importada que era caríssima e que era o sonho de todo mundo ter aquela calça Lee importada naquele lugar.

Essas são histórias, assim, que você vai é... descobrindo quando você entra no ginásio, muda completamente sua vida. E no Colégio de Aplicação tinha toda uma, uma... vamos dizer assim, uma lenda, sei lá, que eram as melhores cabeças da Bahia, os filhinhos vinham e estudavam no Colégio de Aplicação. O teste de seleção era muito, muito, muito rigoroso, vamos dizer, né, primeiro, a concorrência era muito grande, era uma escola pública, ninguém pagava, era uma escola boa, então, todo mundo tinha interesse que seus filhos estudassem lá, é claro, e os testes eram difíceis, principalmente que não era múltipla escolha, era um teste, realmente... como se fosse o ENEM hoje, não sei...

D - Prova aberta?

C - Era uma prova aberta, era uma prova que tinha toda questão da interdisciplinaridade, então você não fazia uma prova de português num dia, matemática no outro, geografia... não, você tinha uma prova onde abrangia já todos os assuntos naquele dia, certo, então, era muito diferente do estudo que você vinha do primário, pra pegar... por isso que você tinha que fazer, normalmente, aqueles cursos de admissão que já era uma preparação pra esse tipo de prova, certo?

Minha mãe conta sempre que os pais ficavam esperando as provas, então, tinha eu e tinha uma amiga dela, uma amiga dela, não, uma pessoa que ela conheceu lá, que a menina depois estudou no Aplicação, A., é... que as duas ficaram... as mães ficaram falando, aí minha mãe disse “quando Ana sair ela vai dizer que não fez boa prova”, aí a mãe da outra que também é Ana, A., “pois a minha vai sair super alegre dizendo que fez boa prova”... e foi exatamente como aconteceu: eu saí achando que não tava muito bem e Aninha saiu felicíssima, no fim eu passei até na frente dela na pontuação, mas isso foi assim bem característico da minha maneira de ser e da maneira de ser dela e nós fomos depois muito amigas e somos amigas até hoje e a gente se encontra e etc.

Teve mudança em tudo, a questão da matemática moderna, certo, você vinha de uma

matemática tradicional, problemas e etc. e você entra numa coisa de... esse livro... eu acho que é de Omar Catunda, talvez... Esse aqui já é mais novo...

D - É, de setenta e três, né?

C - Já. É do último ano, na verdade, eu não achei os outros, eu dei uma limpa lá em casa... tinha, na verdade, a gente não começava por isso, a gente começava por uns livros grandes, talvez você já tenha visto, eram tipo umas apostilas, mas eram uns cadernos grandes assim, que era de matemática moderna, então, quando começava p e q, r... aquilo era uma novidade terrível pra gente, né, então, foi todo esse baque, anos depois, não sei se no terceiro ano, nós tivemos a professora de história que era Anice Ata, que também... aí foi na quarta série, a gente começava a estudar Burns, que é esse livro aqui, rapaz, isso aí dava um nó na cabeça, porque era história interpretada, não era história “quem descobriu o Brasil”, né, nem data, nem nada, e era a história discutida, então você tinha que ler, tinha que interpretar e tinha que discutir e tinha que ver os prós e os contras e aquele fato nunca era aquele fato, tinha todas... tudo que é história mesmo, mas que pra gente era um baque, né, então, a gente estudava os grandes historiadores... aqui é física, a gente estudava Celso Antunes, esse aqui é da segunda série, tá vendo?

[...]

Era outra coisa também que pra os pais era, talvez, um pouco estranho a gente se aprofundar tanto nos estudos de história e mudar toda uma concepção, né -, os trabalhos de português a gente queria ir entrevistar as prostitutas da Ladeira da Montanha, pra fazer o trabalho de português, então, era assim e os pais só faltavam morrer, com as ideias que os filhos tinham e achavam que a Escola...

Ah, e tinha toda a movimentação política também, na época que nós entramos em meia sete, sessenta e sete, sessenta e oito era aquela revolução, nós tínhamos o grêmio tinha reunião da Escola, tinha muita passeata, na época, e aí os alunos iam e depois, muitas vezes, voltavam correndo por causa do gás lacrimogêneo e a professora, as diretoras, liberavam a Escola para os alunos voltarem, acobertava é... então, tudo isso era muito novo pra essas crianças, né, na época, porque a gente se achava muito madura, sabia tudo, mas hoje o que a gente vê que eram crianças, realmente, e estavam vivendo tudo isso.

Agora, existem várias interpretações do Colégio de Aplicação, tem pessoas, assim,

bem emblemáticas que você precisa conversar, certo, eu não sou uma delas, certo, eu não era nada de especial no Colégio de Aplicação, eu era uma aluna, uma boa aluna, certo, conhecia as pessoas, me dava com todo mundo, mas não era nenhuma... era boa aluna, era como, vamos dizer assim, tida como inteligente, primeiro porque todo mundo que tava lá era tido como inteligente, em geral, né, e dentro do Colégio eu era uma pessoa que era uma boa aluna, gostava muito dos professores, os professores gostavam muito de mim, a professora de matemática, que era Julia é... como é o sobrenome dela... Leocadio, Julia Leocadio, acho que ela não tá mais aqui, tá em São Paulo, excelente professora e o irmão dela estudou no Colégio de Aplicação também, Julia me adorava... os professores gostavam muito de mim, certo, e eu gostava também muito da Escola... a gente tinha aula de laboratório pra física, aula de laboratório pra química, pra biologia, né?

Tinha sempre as experiências, porque os alunos da Universidade estavam, exatamente, fazendo os estágios lá, então, por exemplo, o curso de biologia – já no ginásio –, não era aula expositiva, nós trabalhamos com o conceito de passos, você tinha um livro, BSSC, né, que você tinha que dar – um capítulo era um passo e vice-versa – e aí você tinha um prazo pra estudar aquilo sozinha e no dia da aula ir e sentar com o professor pra discutir aquele assunto, se você tivesse bem, você passava para o próximo passo, senão você voltava e tinha mais um prazo pra estudar e etc., é... isso tinha vantagens e desvantagens, certo, química, por exemplo, eu no último passo, eu não fiz o último passo, não sabia nada de eletricidade, nada, entrei no vestibular completamente zerada de química, não, de eletricidade, não, um assunto de química aí que eu realmente não aprendi, não estudei, não vi nenhuma linha do que era aquele assunto, porque não cheguei no passo e acabou e... já tinha passado nos outros, já tinha nota suficiente e entrei no vestibular sem esse assunto, isso no último ano dava uma ansiedade terrível para os alunos – eu to falando rápido?

[...]

C - Dava uma ansiedade muito grande, por que? Nós não sabíamos fazer prova de múltipla escolha, primeira coisa era isso, não se fazia prova de múltipla escolha no Colégio de Aplicação, era prova aberta, era questão de passos, que nem tinha prova, era um diálogo direto com o professor, certo, era muito trabalho em equipe, era trabalho de aula expositiva, era interpretação de texto, era discussão em sala, então, você não sabia fazer prova de múltipla escolha, então, você ia pro vestibular, só

existia naquela época UFBA e Católica, certo, só tinha essas duas universidades, é... e todas duas tinham provas de múltipla escolha, então você ficava extremamente ansioso, porque achava que não sabia nada, que não ia saber fazer a prova, porque as perguntas não ia responder e os professores diziam que não, que ficasse tranquilo, que nós tínhamos base, que a gente tinha conhecimento, que não sei o que...

Algumas pessoas faziam cursinho pré-vestibular específico, certo, como eu ia fazer área 1, eu fiz informática, bacharelado em Ciência da Computação, eu fiz o curso de matemática, pré-vestibular de matemática, porque apesar de eu saber muita matemática, na época, e gostava e estudava, mas como eu sabia que o peso maior era matemática no meu vestibular fiquei assustada, fiquei com medo e aí fiz o cursinho pré-vestibular. O que acontecia é que quando as pessoas faziam o vestibular, noventa e nove por cento, cem por cento dos alunos passavam, realmente, se você conseguir fazer uma estatística, todo mundo do Colégio de Aplicação passou no vestibular, normalmente, na primeira vez que fez, ou na Católica ou na Federal ou em ambas, sempre, então, a gente tinha esse medo, mas, realmente, nós estávamos muito bem preparados e conseguíamos passar.

[...]

Tinha um pessoal que era do grêmio, que era o pessoal politizado, essa parte politizada, por exemplo, eu não participei, eu tinha um colega M., que era filho do geógrafo Milton Santos, o Milton Santos Filho, e M., era muito nosso amigo, – já faleceu ele, também –, e ele me [provocava] muito nas aulas, nas aulas de português, nas de história, ele me “futucava” muito e a gente discutia bastante até o dia que eu entendi que isso era uma estratégia para movimentar a sala, para que as pessoas realmente se metessem, falassem, a gente tava sempre em lados... a gente era muito amigo, mas muitas vezes a gente tava em lados contrários da discussão e ele era bastante politizado, o pai dele era, depois ele também, continuou na carreira e tudo, foi secretário do governo de Lídice, então, tinha essas discussões políticas dentro da Escola e tinham pessoas que eram ligadas realmente ao partido, partidão, etc., então, esse pessoal é que eu não posso... essa parte eu não participava e várias coisas do Colégio de Aplicação que eu não participei.

D - Partidão era o qual?

C - o PCB.

D - Sim, aí chamava de partidão?

C - É, outra coisa que eu não participei: eu não fumei maconha no Colégio.

D - A senhora o que?

C - Não fumei maconha, e isso foi uma coisa que várias pessoas experimentaram, fumaram normalmente, outras drogas... essa parte eu também não fiz. Então, tem várias coisas que eu digo, assim, que eu não aproveitei do Colégio de Aplicação... aprendi a fumar, mas não gostei, ficava muito tonta, enjoada e não levei em frente e... agora, tinha uma amizade muito forte, as pessoas... claro, acho que isso é em todo Colégio, porque você entra numa fase que está propenso mesmo a ter amigos, uma fase onde você mais faz amigos e as coisas são muito emotivas, nós tínhamos umas características interessantes no Colégio, tinha muito judeu, muito. A... sociedade judaica toda, praticamente, a maioria estudou no Colégio de Aplicação, foi a primeira vez na minha vida que eu vi um judeu, era normal isso, então, existia uns preconceitos dentro da Escola, judeu não podia namorar com brasileiro e aí a gente teve alguns casos desse, tem casos conhecidos que, além de namorar com brasileiro, ainda era preto, então, nós temos uma amiga judia que namorou com um preto dentro da Escola e que acabou sendo deportada para Israel pela família e aí isso foi um escândalo pra gente, na época, assim, as amigas e todo mundo ficou horrorizado, então, é um Colégio que tem muitas histórias legais e histórias fortes assim, nesse estilo... histórias de movimentação política, tinha gente que os pais estavam presos e, claro, eu acho que mudou a vida de muita gente, muda de qualquer jeito, você tá saindo de uma idade pra outra, né, claro que quando a gente chega – as meninas, por exemplo –, só queriam se dar com os meninos mais velhos, a gente entrava no primeiro ano e só queria saber dos que estavam na terceira ou quarta série, os da primeira série...

Aí os meninos, nossos colegas, que eram as crianças, porque nós tínhamos doze e eles também e mulher como amadurece mais cedo é... pra gente eles eram umas criancinhas, só queriam jogar bola, só queriam saber de bola, a gente já tava pensando em namorar, já queria ir pra festinhas e tinha as discussões de cinema... nós éramos muito maduras e eles eram uns bestões, aí tinha... a própria Escola fazia reuniões de SOE, de estudo, pra tentar integrar os colegas, pra gente ter um pouco de consideração com as crianças, aí, depois, na terceira série e na segunda... na terceira

série a gente começava a se dar com os meninos da sala, aí começava a andar com eles, ir pras festinha, ir pra sala... porque eles tinham conseguido chegar ao nosso... à nossa altura, né, mas a gente sempre queria se dar com os meninos mais velhos, ah, não sei, é isso aí o Colégio de Aplicação...

[...]

C - Aí, o que aconteceu? O Colégio acabou, não sei exatamente em que ano... eu saí, fiz os oito anos, quando você chegava terminava o ginásio – eram quatro anos de ginásio –, quando terminava o ginásio você tinha... ou ia pro científico ou pro clássico, que já era o encaminhamento da sua área de faculdade, né, o pessoal da área 1 e área 2, se não me engano, ficavam no científico e área 3 e área 4 no ficavam o clássico. Tinha essas divisões, área 1 era ciências exatas, área 2, médicas, área 3, humanas e área 4, artes e letras, etc., aí redividia a turma entre clássicos e científicos, aí eu fiz todos os sete anos lá, tá, e...

[...]

Então, acham que ela concordou muito facilmente, porque na verdade o que a gente acha –isso é inegável –, é que o Colégio de Aplicação não acabou por causa de custo, nada disso, foi uma decisão política, certo, como depois os... as mudanças nas faculdades, nas universidades, que você já não tinha turma, você fica pulverizado em vários cursos e aí você quase não forma aquele grupo de colegas e grupo de amigos, também foi uma decisão política, pra que os jovens não se reunissem não conversassem, não se fortalecessem, né, e que o Colégio de Aplicação acabou por causa disso, era um Colégio forte politicamente, que tinha ideias, que discutia, que debatia, que debatia com professor, entendeu? E aí o pessoal – tem muita gente que não gosta de Zilma por causa disso –, fora outras coisas, assim, eu, particularmente, não tive nada, porque é como eu lhe disse, eu não tinha nada de especial na Escola, mas o pessoal que era político, por exemplo, teve muito embate com ela, de posições políticas, o pessoal que é..., vamos dizer, quebrou alguns paradigmas, teve alguns embates com ela também, então, tem gente que tem essas situações e eu não posso lhe dizer.

Agora, realmente, a questão de disciplina no Colégio era terrível, terrível... tem professores, assim, professor que não voltou, começou a estagiar lá e não voltou, porque não se respeitava, entendeu?

A gente fala dos alunos de hoje, eu mesmo fui professora vinte e cinco anos e falo e acho até que piorou bastante essa questão, mas nós alunos, naquela época, de doze, treze, quatorze anos também tínhamos determinados comportamentos terríveis, né, então, a gente lembra assim de histórias... tem um aluno que saiu por cima das carteiras, a professora tava lá dando aula, ele chegou na sala e achou que ele deveria andar por cima das carteiras, as carteiras eram dessas, não era de braço, não, era... tinha a mesinha na frente com uma parte embaixo pra botar os livros e tinha cadeira, né, cada um tava ali na sua mesinha, e ele aí subiu na primeira e saiu andando até chegar onde ele queria sentar, a professora quase enfarta, né. Então, tinha assim umas questões de indisciplina muito...

D - Mas isso era especialmente com os estagiários ou era com os professores também?

C - Não, porque funcionava assim, tinha um professor e o estagiário ficava assistindo aula, durante um certo período, depois eles... ficavam sozinhos na turma, mas eu acho que dependia muito do professor, realmente, tinha professores que o pessoal roubava prova... direto, direto, o professor de química a prova circulava antes, a gente fazia a prova, chegava no dia a gente se combinava pra não acertar tudo, pra não desconfiar, aí um determinado colega – não vou citar o nome aqui –, acertou tudo, tirou dez e aí, claro, o professor desconfiou que ele não poderia ter tido essa nota... era uma confusão! No final não dava em nada. Então, tem esses episódios assim, que com alguns professores não acontecia de jeito nenhum, aí é isso aí.

D - Me conta da professora de matemática, a professora Julia.

C - Professora Julia...

D - Foi sua professora o tempo inteiro?

C - Não, tinha várias professoras, mas eu vou lhe dizer, sinceramente, eu não me lembro muito das pessoas, não, eu não tenho muito boa memória, nem quero ter, a verdade é essa. Mas tem algumas professoras, Julia foi uma das primeiras professoras, não sei muito se foi logo na primeira... no primeiro ano ou no segundo...

D - Do ginásio?

C - Do ginásio, era do ginásio e era matemática moderna, certo? Ela dava muita aula expositiva, tá, mas fazia muito exercício, a maioria dos professores eram é..., como é que se diz, assim, passionais, eles tinham as preferências. Não adiantava dizer, todo

mundo sabe, fulaninho tal professora adorava, não sei quem adorava fulaninho, e é verdade. Não adiantava você esconder, então, por exemplo, ela me adorava, adorava seus alunos, os que eram bons alunos, mas... aí teve um episódio que um dia roubaram meu caderno, rapaz, foi uma novela, meu caderno nunca apareceu, porque era todo organizado, todo bonito, todo os exercícios tudo arrumadinho, aí roubaram, meus colegas de sala.

Eu levei umas três aulas reclamando disso, ela entrava na sala e eu reclamava que meu caderno tinha sumido, que eu não podia assistir aula, que meu caderno tinha sumido... era um inferno!

Ela não dizia nada e me defendia muito, porque ela sabia que eu era boa aluna e gostava e tudo e ficava “Gente, devolva o caderno”, aí não foi ninguém, etc., aí depois meu caderno nunca apareceu. Ela era bastante rigorosa, mas era amiga do pessoal e... eu sei que ela dava muitas aulas expositivas e a gente fazia muito exercício, tinha muito exercício de matemática era, era... não tinha essas experiências que a gente vê hoje de adaptar à realidade, levar novos instrumentos, não, era muita aula expositiva e muitos exercícios e a gente tinha dever de casa, muito exercício pra casa, a parte da matemática em si, agora as outras todas tinha muita discussão...

Português a gente estudava muito teatro, nós tivemos uma professora que adorava o teatro e escrevia, então, as aulas dela eram muito voltadas para teatro e incentivava a gente a ir assistir as peças e depois discutir as peças. A professora de história era Anice Ata, também tinha as preferências dela, essa, então... menino, todo mundo sabe que quando ela não gostava... “para os amigos tudo, para os inimigos... pior do que a lei.”. Mas Anice era, assim, muito... fazia a gente falar demais, escrever demais nas provas, a prova era, realmente... você tinha que analisar o fato mesmo, não adiantava você... você morria de estudar esse livro, mas se você colocasse igual, não adiantava. Você tinha que colocar a sua interpretação daquilo que você estudou, entendeu?

Era muito, muito diferente das outras escolas, muito, conversava com amigas de outras escolas e você via que o que você estudava e o que você conversava lá, ao que você era apresentado, o que você conhecia no Aplicação era muito diferente do que as crianças daquela época conheciam, então, a gente tinha, realmente, uma vida cultural, uma abertura muito maior do que de outras escolas da época, tinham escolas

católicas, né, que era o Dois de Julho, não... o... o Vieira e tinha os Maristas e o tipo de educação era muito diferente mesmo, esse envolvimento político, essa sexualidade toda que a gente desenvolvia... era tudo muito aberto, muito livre, nós tínhamos o Vale do Canela ali no fundo. Ah... esse é um episódio importante, porque, assim, você sabe onde era o Colégio, e aquele Colégio dá pra o Vale do Canela, só que o Vale do Canela não era é... movimentado como hoje...

D - Aquela avenida...

C - Não era avenida nem nada, era um... era mato, vamos dizer assim, tinha um campo de futebol – lá embaixo onde hoje eu acho que é a... Escola de Administração. Tudo ali era mato, então os meninos iam jogar bola e as meninas iam fazer a torcida, aí a gente descia aquelas escadarias todas e subia... e o portão para o Vale era trancado, só que o muro dava pra gente pular, né, então era... o nosso recreio era no Vale do Canela.

Ali você pulava, aí você namorava, fumava, discutia política, tudo acontecia naquele Vale, entendeu? Era muito gostoso, era bem arborizado, era ótimo. Teve uma época que uma das minhas colegas, das minhas amigas... porque, assim, teve gente que foi expulso do Colégio, né, chegou na terceira, quarta série e a Escola pediu pra fazer o favor de se retirar, porque apesar da Escola ser avançada, aquelas pessoas eram avançadas demais! Mais do que a Escola gostaria, então, uma dessas minhas amigas ela... conheceu Baby Consuelo que tava, na época, começando o grupo Novos Baianos, então, o pessoal dos Novos Baianos vivia lá no Vale. A gente saía da aula e ia, aí ficava Baby, Pepeu, Moraes... a gente conheceu ali, convivia com eles ali, então, isso, imagine, pense assim... pra os pais, pra própria Escola, conviver com esse pessoal, na época, e... né, mas o Vale do Canela foi ótimo, era foi super importante e tinha uma ideia daquilo ser, realmente, não-aberto ao público, né, ser só uma passagem entre as Faculdades, entre as Escolas, aí depois não deu certo, aí pronto.

D - Eles eram mais velhos do que vocês os...?

C - Eram... eles têm uma música até sobre o Colégio de Aplicação, tem uma música dos Novos Baianos sobre o Colégio de Aplicação, a gente tem essa cópia aí, eles eram mais velhos, era.

D - Mas, eu fiquei pensando era muito transgressor encontrá-los e ficar no Vale do Canela ou era uma coisa mais ou menos consentida pela Escola?

C - Não. Era transgressor, certo, tanto que a gente... teve uma época que ir por Vale não era transgressor, o portão ficava aberto e fazia parte do intervalo, você saía e voltava, saía e voltava. Não tinha rigor de você entrar e sair da escola, a gente tinha uma caderneta, certo, a gente batia como se fosse o ponto na hora que entrava, nessa cadernetinha ia as observações para os pais, quando tinha alguma coisa de muito estranha, tinha as notas ali e tudo, mas a gente podia sair, a gente saía ali pra merendar no Canela, no Campo Grande, a gente ia nos Maristas, voltava, e tinha esse portão pro Vale que também você ia e voltava, só que depois, acho que os próprios pais, as próprias pessoas foram vendo que era liberdade demais e aí resolveram fechar. Aí você já não saía nem pela frente com essa facilidade toda e nem pelo fundo, só que o fundo, fatalmente, a gente pulava o muro. Não tinha negócio... não tinha jeito, entendeu? Aí fugia por ali, aí a Escola não gostava. Aí tem umas histórias que você já deve saber, que o povo foi pra um sítio...

D - Não, não sei dessa história.

C - Ai, mentira!

D - Ah, eu acho que ouvi falar de uma festa em um sítio, mas foi só isso, ninguém sabia me contar mais.

C - Isso aí, essa festa no sítio...

D - A senhora foi pra essa festa no sítio?

C - Não, eu era boa aluna! Eu era comportada, obediente aos meus pais (risos).

Eles fizeram, eu não me lembro... não era pra nossa turma, não, eu tava no primeiro ano de ginásio, foi logo no início, era pro pessoal mais velho, terceira série, quarta série, ia ter uma festa lá, pela Escola...

D - Promovida pela Escola?

C - É... os professores iam, eu acho que era uma questão de estudo do meio, alguma coisa que eles... só que neste dia morreu o reitor, professor Edgar Santos, então, quando os alunos chegaram na Escola pra ir [para o passeio], tinha os ônibus alugados, etc., pra ir passar o dia lá, a Escola resolveu suspender o passeio, porque o reitor tinha morrido, aí ficou aquele negócio, vai, não vai, vai, não vai... aí alguns alunos resolveram ir, por conta própria, não sei como é que foi que negociou o ônibus, essa parte eu não tava no meio, não, eu era criancinha nessa época, era pro

peçoal, realmente, já de ginásio...

Eu tenho um colega da minha idade, da minha época, que era da primeira série, que ele foi pra esse passeio, tanto que a gente diz que ele... foi o máximo, né, que ele foi pra esse passeio, e aí esse passeio foi, depois, um escândalo, escândalo! Primeiro, claro, que algumas coisas realmente aconteceram e outras se aumentou a história. Coisas que aconteceram, foi assim... o pessoal bebeu demais, né, e aí o pessoal tava na piscina e bebeu... – toda festa que o povo bebe demais e vai pra piscina –, deve ter acontecido exatamente como qualquer festa que você... muita gente, muito jovem, muita bebida... e aí o pessoal falou...

E o outro caso é que nós tínhamos um colega que tinha o cabelo, aqui assim, eu não sei se você lembra, você nem deve ter conhecido, Ronnie Von.

D - Sim.

C - Mas que tinha o cabelão assim?

D - Liso?

C - Lisão, escorrido?

D - Sim.

C - Esse menino tinha o cabelo assim também, só que não era tão bem tratado quanto o de Ronnie Von, e aí depois saiu a história que nesta festa tinha meninas de topless, aí foi aquele escândalo e todo mundo que foi pra festa garante que não teve nenhuma menina de topless, que na verdade teve ele que estava de sunga, (risos) então, pronto.

Isso foi um folclore, assim, os pais foram pra Escola, e a Escola não sabia o que dizer, o que fazer, porque eles tinham suspeno o passeio e que os alunos foram sob responsabilidade dos próprios pais, os pais nem sabiam, muitos ali não sabiam, porque deixaram os filhos lá, foram trabalhar achando que eles iam pra escola...

D - Era dia de aula?

C - Era dia de aula normal, uma quinta ou sexta feira, não sei, era dia de aula, foi um reboliço e essa história rendeu anos, anos, anos... e nas outras escolas todas o povo sabia que as festas do Aplicação, que os passeios do Aplicação eram um sucesso, um horror e que as meninas até topless faziam. O povo todo garante que não, que foi só ele, F. que estava lá de sunga, certo? Então, tem um monte de histórias, o povo gosta

de contar as histórias aí, tem um bocado que eu nem sei, nem participei, nem sei das histórias.

D - Mas essa coisa desse clima todo de...

C - Maior liberdade...

D - Maior liberdade tá paralelo ao processo de controle ditatorial na Bahia, o clima da ditadura, como era isso?

C - É tudo interligado, né, porque isso aí...

[...]

C - [...] mas o momento lá no Aplicação foi o momento, exatamente, dessa mudança política, foi em pleno 68, 69, entendeu?

Então, nós tínhamos os... ah, eu sempre conto que tinha o presidente do grêmio, o presidente do grêmio era lindo, todo mundo sabe, ninguém esconde, era o cara mais bonito, um dos caras mais bonitos do Aplicação e ele, quando ele falava, ficava todo mundo babando, ele era bom de fala e a gente queria ir sempre pras passeatas, era tudo novo pra todo mundo, nós crianças de doze, treze anos queríamos ir pra passeata e meu pai... eu, particularmente, meu pai não deixava de jeito nenhum, tinha medo, não sei o quê...

Quando eu ia com essa menina que eu falei que era mais velha, X, aí ele dizia vai, você vai com X, mas nem sempre X queria me levar, aí eu lembro que um dia eu tanto fiz que meu pai disse “então vai, vai pra passeata se você apanhar não é comigo, não...” – porque o pessoal apanhava e tinha gás lacrimogêneo essas coisas –, “vai, vai, vai...”

Aí eu fui pra Escola esperando que se tivesse o movimento, não sei o quê, eu iria, só que quando eu cheguei lá o que aconteceu, o presidente do grêmio que fazia toda movimentação ele não foi pra passeata, ele tinha os motivos, que a visibilidade dele é muito grande, aí eu fiquei com medo, se ele não foi eu também não vou, não. Aí nós ficávamos no Colégio e víamos muitas vezes o pessoal voltar chorando e apanhado e não sei o quê... era bem movimentado mesmo... e na época era, assim, não tinha ônibus até o Canela, o ônibus parava no Campo Grande, então, você tinha que andar do Campo Grande pra lá, ida e volta e, muitas vezes, aquilo ali tava fechado pela polícia, não dava pra você ficar passando, o pessoal dos Maristas ficava numa escola

até mais tarde para os pais virem buscar, ou a gente ficava até mais tarde também, para os pais virem nos buscar também, os pais muitas vezes foram nos buscar lá, porque não tinha transporte, não tinha como você circular ali. Agora, como eu lhe disse, eu não participei ativamente dessas coisas, entendeu, eu era mais caseira...

D - Suspendiam as aulas quando vocês iam fazer as passeatas, ou vocês suspendiam as aulas?

C - Suspendiam as aulas, exatamente, mas a diretoria concordava com isso ela, realmente, é... assim, entendia que isso tinha que acontecer, não tinha maiores problemas com o assunto nem com aula, não, entendeu?

Agora, em relação a assunto nós tínhamos aulas de OSPB, né, que também era outro ponto de grandes discussões políticas, e o professor, um dos primeiros professores que a gente teve, Juscelino, ele também já morreu... – já morreu um bocado de gente, né – ele era super liberal, era um dos que a gente gostava de ir no ônibus que ele era muito liberal e a gente discutia tudo, as questões políticas todas e comportamento, etc., aí tinha a questão da matemática, que era a matemática moderna, é, que foi uma grande novidade pra gente, a questão de física, química e biologia, era questão dos passos e, além de passos, tinha laboratório também, que era uma coisa que várias escolas não tinham, então, nós tínhamos muita aula prática de laboratório, que era à tarde... sim, muitas vezes nós ficávamos o dia inteiro na Escola, porque tinha aula de manhã e tinha o laboratório de tarde e as aulas de inglês, as aulas de línguas também eram de tarde, tinha inglês, tinha francês, inglês e francês na minha época só, você escolhia uma das duas pra fazer, tinha muita aula de... como se fosse optativa, você tinha taquigrafia, tinha trabalhos manuais, tinha uma oficina de trabalhos manuais, a gente trabalha muito com madeira, fazia caixinhas, pintava, queimava, você sempre tinha uma aula à tarde que era assim, alguma optativa...

D - Mas tinha que escolher alguma?

C - Tinha que escolher, tinha história da arte, história da arte fazia parte acho que do currículo, tinha história da arte... era... isso tudo não tinha nas outras escolas, entendeu, história da arte e laboratório não era uma coisa comum nas escolas, as aulas de língua você tinha que fazer lá no... mesmo que você fizesse inglês fora, normalmente o pessoal fazia inglês fora, mas você tinha aula lá, continuava tendo aula lá, e aí você ficava o dia, almoçava por lá mesmo, tinha uma cantina, na época

não tinha almoço, não, tinha lanche, tinha um baleiro dentro da Escola que era... a história do baleiro você conversa com os meninos, porque era uma amizade enorme – ele faleceu agora –, e foi assim muito orientador da parte sexual dos meninos, que ele morava no brega, então essa parte aí eles que sabem, eu não sei, Tchulha, o nome dele do baleiro, tinha baiana de acarajé dentro da Escola, né, tinha até os lanchezinho... e no próprio arredor dali tinha uma pé de cajarana, você conhece cajarana? Ah, era uma delícia... tirava cajarana... era excelente, o Colégio era excelente, realmente, era um mundo...

[...]

A gente pensou em ter esse intercâmbio, mas nada ficou formalizado, hoje existe uma união maior, porque com a própria internet hoje eu tenho o email de todo mundo, aí você vai dizer “pô, essa mulher sabe é de coisa, como é que ela sabe isso tudo?” – porque, como eu tava lhe dizendo, quando... meu marido também estudou no Aplicação só que ele é... eu fico dizendo que ele era pirralho, porque eu não conheci ele lá, ele é dois anos mais moço do que eu, então, eu realmente não conheci ele, porque não ia olhar pra pirralho, né?

Aí ele me conhecia, claro. Mas a história veio depois, quando a gente já estava na universidade, trabalhando, a gente foi trabalhar no mesmo lugar no processo do Banco Econômico e aí nos conhecemos lá, namoramos e casamos,

[...]

adoro ficar na internet, adoro essa parte de e-mail, acho que a internet é fantástica pra comunicação –, aí comecei a conversar com as pessoas por e-mail, não sei o quê... montei um cadastro de ex-alunos, fiz uma ficha de... para as pessoas preencherem, muita gente preencheu, outros, não, aí tenho... e virei mais ou menos o centro, o pessoal diz que eu mantenho essa comunidade, porque eu tô sempre mandando mensagem, as pessoas me comunicam algumas coisas e eu repasso pra outras, então, tô sempre fazendo esse meio de campo.

Marquei, depois dessa festa de 2005, nós fizemos ainda duas festas menores que aí... na primeira eu não participei, não organizei, tem até gente que diz que eu fiz uma festa maravilhosa, mas não é verdade, a primeira eu não participei, o crédito é do pessoal da turma de 68, mas depois 2006 e 2007, não 2007... 2006, 2008 nós fizemos outras festas menores, aí eu já participei da organização e hoje participo muito desse

bate-papo com as pessoas e tentei marcar outros encontros, mas é tão difícil, é muito difícil... Primeiro, ficou um clima ruim com as brigas que teve, que as pessoas ficaram com o pé atrás “ah, não sei o quê... vai ter briga, ah...”, queriam esse negócio que minha turma queria ser mais Aplicação do que a outra... ficou aquele mal estar e, depois... também porque é difícil, cada um tem seu dia-a-dia, nem todo mundo tem essa saudade toda, mas aí eu tenho esse histórico e eu continuo tendo contato com algumas pessoas por conta disso, porque eu me envolvi mais do dia dessa festa pra cá, mesmo...

D - Me envolvi aqui na história...

A - Muita coisa, tá vendo? Muita história e eu falo muito.

[...]

D - A senhora falou dois elementos que eu queria que a senhora voltasse a falar: do colégio elitista, a senhora achava... vocês achavam que era um Colégio elitista?

C - Olha, na época nós não tínhamos essa visão, nós éramos filhos... por exemplo, eu não sou da classe A, não era de jeito nenhum, certo, dizem até que sou hoje, né, porque a classe A parece que é deste tamanho imensa, um assalariado, lenhado, que vive pagando imposto, que rala como o quê, mas diz que é classe A...

Mas na época meu pai foi funcionário público da Secretaria da Fazenda e minha mãe também, minha mãe trabalhou, é uma geração que muitas mães não trabalhavam, mas minha mãe trabalhava, é... eu era classe média, normal. Realmente, tinha gente de muito dinheiro lá, muito, os judeus, por exemplo, a maioria tinha muito, uma boa condição financeira, então, tinha filho de político, tinha filhos de médicos, eram pessoas que realmente tinha uma condição financeira, mas tinha muita gente que não era... que era classe média.

Na época nós não tínhamos essa visão, nós éramos filhos dessa sociedade, não sabíamos nem quanto os pais ganhavam ou deixava de ganhar, claro que você sabia que você tinha um padrão e o outro tinha outro padrão, isso era normal, mas a gente se dava sem nenhuma diferenciação. Essa questão financeira, realmente, não pesava nas nossas relações lá, entendeu? Muita gente fez intercâmbio nos Estados Unidos, gente que tinha poder aquisitivo e outros que os pais achavam que era importante, né, e deve ter feito os seus sacrifícios pra passar aqueles seis meses ou um ano no intercâmbio, isso foi uma coisa, na época – não sei se hoje ainda é assim –, mas na

época muita gente fazia intercâmbio e passava seis ou um ano nos Estados Unidos e, eu acho assim, que não era uma coisa que influenciasse no relacionamento dentro do Aplicação, de jeito nenhum, não tinha.

Era um colégio, como as turmas eram pequenas, eram 30 alunos dentro de cada sala, nós, realmente, fazíamos muita amizade entre os colegas, claro que tinha a panelinha, isso é inevitável, porque tinha o povo que era quieto demais, povo quieto demais ninguém quer se dar, aquele povo CDF, eu era boa aluna, mas eu não era CDF, então eu me dava com os indisciplinados, os politizados, me dava com todo mundo...

Alguns achavam que era certa [demais] porque eu obedecia meu pai, minha mãe, essas coisas, né, mas não era ao ponto de ser marginalizada, de jeito nenhum, mas, eu sei na minha sala, por exemplo, tinha um grupo de quatro meninas, que a gente achava umas babacas completas, certo, fazia a gente dar risadas, “ih, mas elas são muito abestalhadas e taratara...” aí elas quatro eram mais unidas.

Dentro daquele grupo, os politizados eram um, os meninos que só queriam saber de jogar bola, que eram uns alienados, era outro grupinho... (risos)

Aí mesmo em 30 pessoas formava os subgrupos, mas eram subgrupos de interesses diferentes, mas todo mundo se dava, todo mundo conhecia, todo mundo dava palpite na vida dos outros, todo mundo estudava junto, de repente aquele que era o politizado tava sentado junto com aquele que só jogava bola pra estudar junto pra... não tinha inimigos na sala.

Eu, por exemplo, vejo esse negócio de bullying, hoje, eu acho que ninguém na minha [época] sofreu isso, não sei se você quando tá vivendo você não percebe, mas acho que isso é uma coisa nova, porque no Colégio de Aplicação... claro que você brinca mais com uns, esculhamba mais com outro, aquela menina que é fresca você... nós tínhamos uma colega, mesmo, que era toda arrumadinha, toda bonitinha, colocaram ela no carrinho de mão e saíram empurrando pela Escola, sentada no carrinho de mão...

D - À força?

C - À força. Empurraram ali e saíram, a menina chorou, não sei o quê... mas foi um episódio, ela era muito bem quista pela sala, todo mundo se dava com ela e tudo, mas foi um episódio, os meninos vão contar, os calouros vão contar o que sofriam na mão dos veteranos, isso aí também é uma história do Aplicação, que disse que os

veteranos jogavam duro com os calouros de dar cascudo e de ir contar parede com palito de fósforo e quando tava no meio volta tudo de novo, tem umas histórias aí, tem as eleições o, o... como é que se diz, o veterano mais escroto do Colégio de Aplicação, todo mundo sabe quem é, eu não vou dizer, mas todo mundo sabe, então, tem essas coisas assim, mas todo mundo se gostava e se dava e jogava bola junto e estudava junto, ia para as festas depois... a gente não saía muito, na época ainda éramos crianças também, aí depois foi crescendo mais, aí começava a sair pra outros esquemas fora da escola, festinha...

D - Mas vocês tinham...

C - Tinha muita festinha depois, um pouco mais tarde nas casas das pessoas, nós... não era muito de ir pra barzinho, não era, mas fazia muita festa na casa dos colegas, sempre tinha festinha na casa de um colega, festinha na casa do outro, fora de aniversário mesmo, marcava aquelas festas e aí, às vezes os pais não estavam, marcava festa na casa dos pais que não estavam. Teve um colega nosso, argentino, que morou aqui e aí o pai viajava e a gente fazia festa na casa deles, né, tem de tudo, nas escolas têm dessas coisas todas e no Aplicação teve de tudo isso. Agora, essa questão de elitismo é... devia existir essa conversa desde aquela época, mas lá dentro a gente não sentia muito isso, eu acho, eu na minha visão, assim, não percebia, não.

D - Eu perguntei, porque a senhora contado disse que algumas pessoas falam que lá era uma escola elitista...

C - É, isso falam muito, falam hoje também, depois, dizem que um dos motivos que acabou foi por conta disso, mas, não sei, é porque, como eu lhe disse, existia uma seleção rigorosa, pra você passar numa seleção rigorosa você tem que ter uma base, pra você ter uma base com uma condição financeira mais baixa é difícil, antigamente era menos do que hoje, eu acho, porque existiam boas escolas públicas, hoje tá pior, porque as escolas públicas regrediram bastante, né, antigamente os bons alunos não estudavam em escola particular, escola particular era fábrica, pagou, passou, era o inverso.

Você queria estudar em escolas públicas. O Central era uma excelente escola pública, o Severino Vieira, o João Florêncio, que era na cidade baixa, tudo escola pública, todo mundo queria estudar nessas escolas, existia o Ipiranga, que era uma escola particular, que era uma fábrica, quando o aluno não passava, quando o filho

não passava em determinada escola ia pro Ipiranga pra poder passar, né, porque pagou ali...

Então, tinha essa coisa toda, mas de qualquer maneira... uma vez eu fui dizer isso, foi uma confusão na família, quando eu fui... eu [estava] estudando pro vestibular, eu fui dizer que eu provavelmente iria passar no vestibular, porque eu tinha tido toda uma base boa, eu tinha uma boa alimentação, eu tinha uma boa [casa]... tarara... eu fui dizer isso, então, provavelmente eu iria passar, aí foi escândalo que eu estava me sentindo superior, que não sei o quê, que não sei o quê... mas eu estava sendo muito racional, claro que as pessoas mais pobres tem condições de passar, lógico, é porque você hoje tá vivendo uma situação, Diogo, que o vestibular acabou, não existe.

Negócio de fazer faculdade, todo mundo entra, todo mundo faz, é uma seleção é... financeira, pagou, entrou, né, a gente tá vendo isso nas faculdades particulares, mas nessa época, não, a Católica era paga, a Federal era de graça, certo, mas era muito rigoroso o vestibular, das duas, era um rigor muito grande, então, quem fazia faculdade era uma... tanto que a graduação valia alguma coisa, hoje a graduação já não vale, o mercado de trabalho você tem que fazer uma pós, um mestrado, um doutorado, etc. Então, a questão do Colégio ser elitista, eu acho que era uma parte por isso, porque você tinha que ter tido uma boa base, ter estudado em bons colégios, mesmo público, depois você tinha o cursinho de admissão, que normalmente as pessoas faziam, que era caro, caro porque era um valor a mais que os pais pagavam na educação dos filhos e lá na Escola tinha muita gente rica, realmente, apesar de ser pública, como era uma boa escola os pais queria colocar, não botavam porque não pudessem pagar um colégio, porque a escola pública era o bom.

Na época, aí nessa época de ginásio tinha as escolas particulares que eram boas, que era o Vieira, que era o Dois de Julho e os Maristas, eram as três melhores escolas, né, mas a filosofia do Colégio de Aplicação também era outra, era... então, esse... eu tinha uma colega que era filha de político que... claro que ele queria botar a filha lá, porque ele era um cara politizado e queria colocar num colégio que tivesse essa educação também, então...

Eu acho que por um lado tinha isso, mas não... eu acho que era mesmo a questão da seleção ser complicada, eu não acho... até porque tem pessoas – que até nesse grupo relataram – que eram pessoas de baixo poder aquisitivo e que passaram na seleção e

que fizeram o curso, agora, reclamam, reclamam... aí tem uma historinha que tá documentada nesse grupo, que eu não sei bem mais como é, depois posso ver, não sei quem não passou que tinha dinheiro e a outra também não passou e acabou fazendo um ajuste e que uma passou e a outra continuou perdida.

D - Na admissão?

C - Não, depois...

D - De ano? Uma aprovação?

C - Uma aprovação, entendeu? Mas eu não sei, esse caso veio, assim, à tona, claro que cada um tem suas experiências e suas histórias, né, você não sabe de todo mundo, mas eu acho que na época não existia muito isso, agora tinha o poder aquisitivo, realmente... tanto que minha mãe mesmo dizia assim, falava de negócio de comportamento, né, “Não vá fazer as coisas erradas, porque quem tem dinheiro depois cobre tudo, você não tem, seu pai é funcionário público se você fizer errado não tem dinheiro pra cobrir as coisas, porque se manchar o nome não tem dinheiro...” essas coisas que pai e mãe diz, né. Eu tinha muitas amigas com dinheiro, muitas amigas com maior poder aquisitivo do que eu, com certeza...

D - Falando um pouco de outras coisas: Vocês estudavam em grupo para as provas? Como era essa prática de estudos?

C - Estudava, nós tínhamos muito trabalho em equipe, todas as disciplinas tinham trabalho de equipe, no trabalho de equipe era cinco, seis pessoas, equipes pequenas, o grupo era pequeno, é... como sempre uns trabalhavam, outros não trabalhavam, isso é normal, né, você muitas vezes carrega o colega, trabalho em equipe, normal. Independente disso a gente sempre se reunia pra estudar, porque, primeiro você tinha o turno da tarde, então às vezes você ficava e tinha uma aula duas horas e aí tinha o resto do tempo que você podia aproveitar e sentar pra estudar ou, então, ficava esperado pra ter aula quatro horas, aí podia sentar pra estudar ou, então... a gente ia muito pra casa um dos outros, dormir na casa da colega era comum, absolutamente comum, certo, até o vestibular nós estudamos juntas, aí as vezes... no meu grupo, especificamente, tinha essa menina que fez admissão comigo, Ana, e nós tínhamos uma colega que era de outra escola, que era dos Marista, que sentava pra estudar com a gente, né, mais de uma pessoa, assim, aí na hora que tava nas vésperas das provas os que eram melhores alunos ficavam sendo requisitados pra estudar com os outros,

pra ensinar, esse tipo de coisa e os pais colaboravam muito, eu acho.

O meu grupo, por exemplo, minhas colegas, todos os pais foram bastante participativos, as mães, principalmente, todas as mães, vamos dizer assim, foram muito participativas, tanto criava estrutura, infraestrutura pra gente estudar, com lanchinho, né, lhe recebiam muito bem e tinha sempre um espaço e uma mesa que ali ninguém encostava, que respeitava o silêncio na casa, preservava aquilo ali “ah, o pessoal ta estudando...”, como sentavam pra conversar com a gente, minha mãe, por exemplo, minhas colegas até hoje falam, contava as histórias que elas viveram, “ah, a época de Getúlio...”, né, então, o que elas viveram era o que a gente tava estudando em história, aí vinham relatar é... pra ser mais fácil pra gente entender, né, a experiência real, eu acho, assim, que os pais foram, em geral, muito participativos, as mães principalmente, pai trabalhava no dia-a-dia, tinha muita mãe que não trabalhava também e que participava com a gente dos estudos e os meninos, mesmo os que não eram do meu grupo, muita gente estudava em grupo, muita gente se reunia pra estudar, sempre.

D - Os pais, que relação eles tinham com o Colégio? A senhora falou que os pais eram participativos, tinha reunião de pais e... eram próximos ou não?

C - Ih, não sei...

Meus pais, não. Meus pais pouquíssimas vezes foram à Escola, alguns pais foram para se queixar, alguns pais foram para pedir para que os alunos, que a escola segurasse..., por exemplo, dois namoros críticos nós tivemos na nossa turma, um que era uma judia namorando com um preto e outro que era uma judia namorando com um brasileiro, um católico que não era judeu, que não era branco, branquíssimo, então, isso aí foi emblemático pra gente e foi um problema sério e os pais dessas filhas foram muitas vezes a escola pedir pra escola não permitir esse namoro, porque o pessoal namorava na sala, namorava... era livre, andava de mãos dadas, se beijava nos corredores, não tinha nenhuma restrição a isso, então, essas mães foram muitas vezes lá pedir pra não permitir isso, entre esses casais, especificamente, né, mas eu não sei lhe dizer, não, como eram as outras mães e os outros pais não sei, não, não iam muito, não.

Nós tínhamos muita reunião de grupo com a Escola, com o SOE, tinha uma reunião por semana com o Serviço de Orientação Educacional, até o fim, na época do

vestibular, nós tivemos orientação vocacional feita pela Escola com testes, etc., a Escola se preocupava com essa parte, assim, psicológica do aluno, qualquer briguinha de sala era “vamos discutir a relação”, sentava todo mundo pra discutir a relação, porque aquele aluno estava...

Aí tinha um pouquinho de bullying, sim, que agora é esse nome, mas na época era o que era mais chato, que a gente escorava um pouquinho, mas aí a Escola fazia aquela reunião com os professores com a história do SOE: “Por que? Vamos dar oportunidade... Por que ele não tá participando de tal coisa?” Mas acho que não era muito... não sei...

D - Essas reuniões do SOE aconteciam como?

C - Tinha a professora do SOE, tinha uma orientadora específica. Normalmente era no turno da tarde, tinha uma salinha, assim, no último andar.

D - E todo mundo ia? Era uma coisa obrigatória?

C - Era obrigatório, mas fazia subgrupos, se eu não me engano, às vezes tinha da sala inteira, que ela vinha até pra sala pra fazer a reunião, mas às vezes eram grupos menores aí a gente ia pra sala dela lá em cima. Era uma atividade normal essa reunião do SOE, era semanal, principalmente na primeira série, eu me lembro bem, que era a época que a gente tava se adaptando à escola, chegando, né, que era tudo muito novo, muito diferente. Deve ser já diferente pra muitas... Eu me lembro bem dessa história de passar de caderno pequeno pra caderno grande... Era o máximo! Eu não sei mais como é, minhas filhas já tão no... Elas também tiveram isso. Engraçado, eu sempre digo assim, que a gente pensa que os jovens... que não tem nada mais de novidade... não é verdade, cada coisa na sua idade... “Ah, porque eles já sabem tudo desde cedo!” Não é assim, todos os medos que a gente teve eles também têm, até no primeiro emprego, entendeu? Tudo que é novo dá um receio pro jovem, por mais que eles sejam mais espertos que a gente foi na época, porque a gente se achava muito esperto, mas... Tudo tem a primeira vez. Eu vejo porque eu vejo com minhas filhas como foi, mudança de escola, stress, primeira reunião, primeira entrevista de emprego: “Minha mãe, como é? O que vai ser? O que eu vou dizer?” Então, todo mundo tem essa expectativa.

D - A senhora disse as disciplinas tinham trabalho em grupo. Matemática também?

C - Tinha! Tinha, assim... de você responder exercícios, de trocar, fazer um exercício,

depois você pegava o exercício do colega pra corrigir, aí ela botava a correção e você corrigia a do colega, depois repassava... esse tipo de atividade.

D - Apresentava trabalho, trabalhos em grupos pra serem discutidos? Seminários de matemática tinham também?

C - Não! Não lembro. Isso não. Me lembro que tinha muita correção de exercício onde você pegava o do colega pra corrigir e ele corrigia o seu.

D - A senhora disse na sua primeira fala sobre a matemática que era uma novidade, mas era uma novidade terrível!

C - É! E eu gostava de matemática, viu? Aliás, eu gosto de matemática e tudo, mas é uma mudança muito grande porque você vem de probleminhas de... “Fulano tem cinco laranjas, chupou duas, quantas restam?” E, por exemplo, eu não gostava de trigonometria, eu não tenho visão espacial, então isso pra mim era complicado. Botavam aqueles cubos e eu não enxergava nada tridimensionalmente, então, era um parto.

D - Tinha material concreto pra mostrar os cubos ou era desenhado?

C - Tudo desenhado, tudo desenhado. Por isso que eu lhe digo, não tinha essa série de recursos que hoje você vê nas escolas, não, nós não tínhamos, era muito no quadro negro e não tinha projetor de slide, não tinha computador, não tinha nada disso, certo? Era tudo no quadro negro, era muita aula expositiva e no quadro negro. É... E como sempre tinha aquele povo que tinha horror à matemática e acho que até hoje é assim, e eu não sei porque o povo tem esse horror todo à matemática, eu gostava, eu era boa aluna e eu sabia e entendia e adorava... como é que se diz... Tem a proposição e você vai até o fim pra comprovar aquela proposição, mas foi uma mudança... Primeiro, dos livros, nós tínhamos aqueles livrinhos, assim, na escola e, de repente, você vem com aqueles super livros, p e q ... já começa de matemática logo, de lógica, então, foi um baque, a gente com doze anos entrar pra trabalhar com lógica, eu me lembro que foi, realmente, um baque naquela época. Eu absorvi bem, mas era difícil.

D - A senhora lembra um pouco como era essa aula de matemática? Como é que...

C - A gente sentava muitas vezes em “U” e a professora ficava na frente. Ou então sentava mesmo em estilo escolinha ou... em equipe eu não me lembro bem, assim,

em equipe eu me lembro mais nas aulas de ciências, de biologia... Batia o sino pra entrar... não sei mais, não.

D - Tinha os conteúdos... especificamente, a senhora lembra de lógica, tem mais algum que a senhora lembre? Que foi mais difícil, mais fácil, mais interessante, mais provocador... O que a senhora lembra dos conteúdos de matemática?

C - E, rapaz... me lembro bem de lógica, muito. Só. E que eu não tinha muita visão espacial!

Agora, falando de física, por exemplo, nós tínhamos a ligação com a Faculdade, né? E aí teve um ano que o professor de física montou um grupo de estudo pra ir estudar com... Ele até foi reitor depois, Serpa, Filipe Serpa, ele tirou alguns alunos pra fazer um grupo extra de estudo com o professor Filipe Serpa, mas eu acho que essa foi uma experiência, assim, bem isolada desse professor de física, não foi uma prática normal dos outros professores, entendeu? de matemática, nem química, nem de biologia eu não sei dessa história, eu só com esse de física que aconteceu isso. Normalmente era só aula lá na Escola... Quer dizer, fora química, física e biologia que eram passos, as outras aulas eram bem expositivas, tinham pouquíssimos recursos outros, que não fosse o quadro negro, o giz e o bate-papo.

Agora, era muito provocador, sempre as aulas eram provocadoras, a gente tinha aula de português a gente fazia com muita música, música de Caetano, música de Chico Buarque pra fazer interpretação, trabalho que depois a gente apresentava, tocava na sala, tocava violão e etc., os trabalhos de português, muito isso ou, então, com teatro, sempre assim. Agora, matemática, era a aula que era mais expositiva mesmo e de fazer exercício, de, como é que se diz, de fazer os teoremas, comprovar aqueles teoremas todos, aí ia um aluno pra frente da sala pra fazer enquanto os outros opinavam, aí eu me lembro dos professores perguntando se é isso mesmo...

D - Mas era assim também a aula de matemática ? Fazia alguma diferença não ser como no laboratório?

C - Não! A gente não sentia falta disso, não, nem sabia que poderia ser assim, né, que poderia ser diferente, a gente achava que, realmente, não tinha outra opção e que tinha que ser do jeito que era. Não tinha nenhum elemento físico pra gente entender mais a matemática, era tudo muito abstrato.

D - O termo matemática moderna, ele tava só no livro ou ele era usado para argumentar

alguma coisa?

C - Era usado demais! Que nós estávamos trabalhando com a Matemática Moderna, [nós] estávamos trabalhando com outra filosofia de estudo, outra filosofia da matemática e nós, a partir daquele momento, estávamos conhecendo, estudando matemática moderna, era outra matemática que você... que aquilo que você conheceu no primário era uma e, agora, era outra matemática, Matemática Moderna, isso era dito sempre, uma marca da Escola, trabalhar com Matemática Moderna.

D - Isso no final motivava mais ou...

C - Ah, motivava! A gente se achava o máximo, porque aquela matemática que era.. era diferente.

D - Vocês gostavam disso?

C - É, gostávamos.

D - Me fala como eram as aulas de laboratório, como que era? O que acontecia no laboratório? Nos laboratórios, eram diferentes os laboratórios?

C - Não! Era um espaço e que tinha... aí tinha muito material, tinha microscópio... aquele negócio de efeito estroboscópico a gente fazia o círculo com os furinhos e depois botava e rodava, ficava olhando pra lâmpada pra ver o efeito estroboscópico... No laboratório a gente tinha... no microscópio, a gente tinha uma série de elementos pra poder olhar...

Normalmente existia um roteiro do laboratório, então, negócio de peso, você tinha as bolinhas que você botava, pesava, pra depois... via se contava, se não contava. O professor de ciências era ótimo, Hermes, todo mundo gostava muito dele, ele era bem amigável, até hoje o pessoal gosta muito dele.

E... aí sim, tinha um roteiro que não era... quer dizer, equivalia ao que você tava dando em aula, mas não era exatamente uma aula. Você tinha uma aula teórica e você tinha uma prática que, às vezes, era exatamente coincidente com aquilo que você viu e, às vezes, não era, porque tinha os roteiros do laboratório, aí você sentava em grupo, normalmente dois ou três no equipamento, dependendo do que fosse, e aí tinha que seguir aquele roteiro e dar umas respostas em cima daquilo e o professor ficava circulando, acompanhando, orientando, era sempre assim, todos três, química teve menos. Eu me lembro bem da de ciências, ainda no ginásio, e de física, isso eu

lembro bem, química também não era muito minha praia, eu não gostava muito, enrolava pra caramba.

Agora, a de línguas, por exemplo, nós tínhamos mais aula de interpretação de textos do que essas variedades que você tem hoje, por exemplo, minhas filhas fizeram inglês fora de escola, aí tinha mais filme, cozinhavam falando inglês, [várias] atividades, assim, extra pra usar a língua naquelas atividades, saíram pra passear pra falar inglês, esse tipo de coisa, foram à restaurante, mas na Escola, lá no Aplicação, não tínhamos isso, era aula, era muita aula expositiva, quer dizer, mesmo quando era passos era muita aula em sala de aula. Uma vez ou outra a gente fazia uma aula no Vale, por exemplo, os professores mesmo reuniam e faziam no Vale, mas não era uma prática, não lembro assim...

D - Me fala das professoras de matemática, quais a senhora lembra?

C - Não me lembro! Só me lembro de Júlia. Pra falar a verdade só me lembro de Júlia, foi a que mais marcou, mesmo, foi Júlia.

D - Foi a primeira professora?

C - Foi.

D - Ela só deu aula pra vocês um ano?

C - Não, ela deu mais de um ano.

D - O que tinha nessa professora Júlia de tão agradável?

C - Não sei, ela era agradável, simpática, amigável, amiga das pessoas. Se você perguntar todo mundo vai falar bem de Júlia, Júlia Leocádio. Ela era magrinha, muito agradável com os alunos, não tinha queixa, não. O irmão dela, que era nosso colega, J. o apelido dele, porque ele tem uma cicatriz aqui, do parto, e hoje ele é anestesista, excelente profissional também, todo mundo é excelente do Aplicação. Na verdade é assim, a gente até pensava que as pessoas pudessem fazer mais sucesso visual, ser mais visto na mídia, talvez, aquela pessoa que foi “o sucesso” e eu não acho que seja assim, mas em todas as atividades que você vai e encontra alguém do Aplicação, normalmente, são pessoas que estão bem nas suas profissões, bem situadas, tidos como bons profissionais, a maioria é tido como bom profissional, não ganhou nenhum prêmio Nobel, mas... Isso aí também é questionável, alguns dizem que não é assim, que é todo mundo normal, comum, que ninguém é melhor do que

ninguém e, é claro, né, que tem de tudo. É como eu digo, não tem nenhum prêmio Nobel, mas todo mundo... todo mundo, não, mas muita gente está bem situada na sua profissão e aí todo mundo só tem elogios pra Júlia, eu não sei porque, só sei que todo mundo gostava dela, era uma pessoa boa e ela controlava a turma mais ou menos, não era controle total, não, nós éramos muito indisciplinados, mesmo na turma dela tinha épocas, tinha dias, coitada, que ela saía arrasada, porque não conseguia controlar, conversa e entra-e-sai e ela saía...

D - Os alunos podiam entrar e sair das salas sem nenhum controle?

C - Sempre! Podiam sair e entrar, sempre. Entravam no meio da aula e saíam... não tinha maiores restrições, não. Depois que você vira professor é que você vê como isso é ruim.

D - Como aluno é ótimo, né?

C - É, como aluno é ótimo, como professor é terrível. [...]

D - Eu fiquei pensando que a senhora falou que não tinha visão espacial e eu fiquei pensando nas aulas de geometria... Eram juntas com as aulas de matemática? O que vocês estudavam em geometria?

C - Eram. Todas aquelas coisas: triângulo, retângulo, área disso, área daquilo... e era horrível. Pra mim era horrível porque eu não gostava de geometria. Não conseguia enxergar, quando falava volume de alguma coisa já era uma dificuldade pra mim, enxergar. Mas eu estudava pra caramba era boa aluna, me virava lá, era no quadro, entendeu, não tinha... era no quadro mesmo.

D - Uma última questão.

C - Não, pode perguntar.

D - A senhora fez cursinho de matemática?

C - Fiz. Ali na Federação.

D - Quando a senhora pensa o que aprendia de matemática no cursinho e matemática do Aplicação, o que é que isso representava?

C - O cursinho de matemática era aprender a fazer a prova do vestibular. O Professor tinha a matéria, era muita gente na sala, mais de cinquenta pessoas, sessenta pessoas na sala de aula, eu geralmente sentava no fundo, em todas as minhas aulas, seja no

Aplicação... engraçado... eu era boa aluna, sempre, mas nunca sentei na frente, sempre sentei no fundo, certo, e no cursinho também. Aí a gente sentava no fundo, ficava olhando aquele negócio ali, tinha muito exercício e muitas dicas – eu acho que é assim sempre, né?

Eu fiz um mês de física com o professor Alceu, ele foi do Aplicação também, mas nem conheci ele lá, ele era um dos professores famosos de física também de cursinho, porque tinha uns professores de cursinho famosos, né, todo mundo queria ir para aquele cursinho... por exemplo, eu fiz em dois lugares, porque queria ir pra Alceu e o outro, que era professor de matemática, eu não me lembro mais o nome.

Você fazia por disciplina nos cursinhos, não precisava fazer o pacote todo, aí física eu fiz um mês, depois eu disse: “olhe, eu não preciso mais, não. Já sei, o que ele tá ensinando ali é o que eu tô estudando e acabou”. Matemática eu fiz mais um pouco porque eu ficava muito assustada com a minha área, a concorrência era grande e não sei o quê... e aí era só aula expositiva do professor dizer tal assunto e aí tá... mostrar teoria e dava uma lista de exercício enorme pra você fazer e quando chegava depois lá pra corrigir e aí vinham as dicas: “no vestibular vai cair assim...” Aí eu fazia múltipla escolha, foi a hora, o único momento em que eu aprendi a fazer a prova de múltipla escolha, foi lá no cursinho, porque lá no Aplicação nunca tivemos uma prova de múltipla escolha, nunca. Nunca, nunca, nunca.

Dos oito anos que a gente passou lá... poderia ter, assim, ligue uma coluna com a outra... mas era muito raro isso, se era matemática era pra você resolver e deixar o rascunho, mostrar o que você fez no rascunho e pronto e a resposta vinha ali no seu desenvolvimento mesmo, não tinha negócio de transcrever a resposta lá pro lugarzinho, não, entendeu? No cursinho era fazer muito exercício, ver ele fazendo muito exercício, levar as listas pra casa, fazer e conferir depois como ele fez.

D - O assunto do cursinho era o mesmo assunto que do Aplicação?

C - Não batia bem, não, era igualzinho, não, porque o nosso do Aplicação... Você tá querendo me fazer lembrar coisas de não sei quantos anos atrás, viu Diogo?

D - Só tô querendo conversar... Não tem problema se não lembrar.

C - Sei não, Diogo, tem coisas que eu já nem sei mais.

D – Claro, claro. [...] Lembrança é isso. Uma coisa puxa outra...

C - É, mas são muitos anos e depois disso eu fiz muitas outras coisas!

No Colégio de Aplicação – isso era uma outra coisa que a gente reclamava muito –, porque no terceiro ano não era revisão do que você viu no primeiro e no segundo, de forma alguma. Eles dividiam os conteúdos, onde você via uma parte no primeiro, uma parte no segundo e uma parte no terceiro, se você não fizesse o terceiro ano lá você sairia sem ver determinadas coisas nunca na sua vida, entendeu? Então, alguns alunos, pouquíssimos, saíram do Aplicação pra fazer terceiro ano em outro lugar com medo de perder no vestibular, então, quando chegava no outro lugar o assunto era uma revisão e ele nunca tinha visto aquilo nos dois anos anteriores, então, não podia bater muito com o cursinho por conta disso, porque tinha coisas no Aplicação que eu tava vendo no terceiro ano pela primeira vez, certo, como essa questão de química que eu entrei sem saber nada de determinado assunto porque eu nunca tinha visto no anos anteriores, eram passos, cheguei lá e eu não dei esse passo que era o último, porque eu tava focada em estudar matemática e física e aí eu não sabia, não li, nunca vi. Terceiro ano não era revisão, não era revisão.

Isso a gente ia pra reunião de SOE e reunia os professores e chorava e reclamava e eles diziam: “Não fiquem preocupados, vocês estão preparados, vocês estão preparados”. Aí contavam as estatísticas dos outros anos, “olhe, ano passado, não sei quantos por cento passou e o curso foi assim e pe-re-re...” E quando chegou na nossa época foi assim mesmo, todo mundo passou também e tive todas as escolhas, eu tenho colegas de todas as profissões, de todas as áreas e todo mundo passou de primeira na UFBA.

Agora, o ser humano é meio complicado, né? Porque nós tivemos, assim, um caso, por exemplo, eram trinta alunos, sessenta alunos, no máximo, nessa época, todo mundo sabia o que todo mundo ia fazer, não se achava concorrente, se achava colega e que todos iam passar, mas teve aluno que escondeu o que ia fazer porque achava que era concorrente, entendeu, e eu me lembro que isso deu uma briga, o cara meteu o murro no rosto do outro por conta disso, porque esse aluno dizia que ia fazer uma coisa, que ia fazer informática, e quando ele foi ver a lista lá, de inscritos, ele ia fazer engenharia, ia ser colega do outro, aí o outro se danou e foi lá e meteu o murro na cara dele, mas foi um caso, assim, que todo mundo, inclusive, isolou esse menino e ficou todo mundo retado com ele, “que era um absurdo um negócio daquele, você esconder o que você ia fazer”. Todo mundo dizia abertamente o que era, eu tive

colegas que fizeram informática comigo e tenho vários colegas que são colegas de profissão hoje, fizeram juntos, passaram juntos e estudaram juntos, etc.

D – [...] Tá lembrando de bastante coisa. Eu estou lhe perguntando essa coisa do cursinho, porque me parece que era essa angustia de que a Escola não dava conta.

C - É. Todo mundo que fez cursinho foi por conta disso, porque achava... Ninguém fez cursinho de todas as disciplinas, ninguém fazia o pacote todo de cursinho, na minha época, porque eu também não sei das épocas depois, nem antes, mas na minha época ninguém fez cursinho assim. Alguns fizeram, especificamente, uma disciplina ou outra, porque achava que pesava mais, o pessoal... “isso aqui vai pesar mais..” – porque tem os pesos dentro das áreas – “é melhor ir ver como é lá fora, vou ver o que é que eles estão dando que talvez eu não saiba; como é que faz uma prova de múltipla escolha que eu não sei como é que faz dessa disciplina, como é isso...” aí escolhia uma disciplina ou duas, no máximo, porque achava que, realmente, não estava muito bem preparado para o modelo do vestibular, porque a gente sempre tava em questões abertas, sempre em discussão, sempre em resolver o exercício todo, que o professor avaliava seu desenvolvimento, no caso da matemática, você podia errar, mas ele considerava seu desenvolvimento; às vezes você errou numa conta, numa vírgula, numa coisa... não zerava toda a questão, ele considerava o seu raciocínio e na múltipla escolha isso não existe, você tem que dar um resultado fechado e a gente ficava assustado com isso. Então, foi sempre isso, porque achava que a Escola... E também porque tinha assuntos que você nunca tinha visto, chegava no ano do vestibular e tinha determinados assuntos que você não viu ainda, “como é que eu vou aprender isso até novembro?” – que é quando eram as provas da UFBA... ou era em dezembro...

D - A senhora conhecia alguma escola em que estudavam matemática diferente da de vocês, ou física e química?

C - Conhecia, conhecia, eu tinha primas da minha idade... mas também a gente não conversava sobre essas coisas, não. Claro! Se tinha outros assuntos pra conversar, a gente ia ficar falando de escola? Tenha paciência, mas eu, por exemplo, eu era tida um pouco especial dentro da família, minha família é pequena, não é grande, mas mesmo assim, foi por isso que gerou essa história toda do vestibular, que foi um stress, porque era como se eu estivesse me sentindo superior por estar no Colégio de

Aplicação, por estudar no Colégio de Aplicação, entendeu, e os outros familiares o estudo era mais o tradicional.

Nas outras escolas, eu acho que era diferente, o negócio de passos, por exemplo, não existia nas outras escolas, era uma experiência nova no Aplicação e aí gerava uma angústia muito grande porque você tinha que ser responsável pelo seu estudo e isso dava problema, pra quem tinha uma disciplina, como eu tinha, tudo bem, mesmo assim eu fiquei sem estudar um passo de química, imagine quem não era tão disciplinado. Então, embolava os passos e perdia o prazo e era uma confusão, ficavam desesperados... deve ter muito mais gente que não viu muitos passos. Eu, que era boa aluna, não vi, imagine outros que ficavam realmente perdidos, aí a gente sentava pra estudar junto, ajudava aquela pessoa no passo, eu me lembro... porque, assim, você tinha que estudar em casa, tinha seu tempo e coisa, mas você tinha o tempo em aula, existia a aula de biologia, biologia eu me lembro bem, aula de biologia, aquela aula era só pra você sentar e estudar na sala, o professor não fazia nada, só ficava lá sentado e você estudando, se você tivesse alguma dúvida você ia lá e perguntava a ele e ele lhe explicava, pontualmente, aquilo que você tinha dúvida, eram poucas pessoas, poucos alunos, aí dava tempo, entendeu? Então, eu tava estudando aí você tinha uma dúvida e aí você ia lá e sentava... nunca era uma aula... eu acho que isso foi desde o segundo ano e terceiro foi assim. Então, isso criava uma angústia nas pessoas também, porque é como se fosse um estudo à distância, hoje, onde as pessoas têm que ser muito bem disciplinadas... Eu nunca fiz um curso a distância, mas o tutorial ainda tem uma cobrança, mas lá a cobrança muito mais flexível. Ah, hoje era o dia de terminar o passo quatro, mas tinha um bocado de gente que ainda tava no dois, então era aquele desespero... “ah, então tá certo: na outra semana, no outro dia você me traz o três e o quatro...” e isso criava uma ansiedade muito grande e uma angústia e, quando chegou no terceiro ano então, nós tivemos várias reuniões com os professores pra rever isso, se isso ia fazer a gente passar ou ia perder. Foi angústia, rapaz, não era fácil, não. Se pré-vestibulando já é angustiado, nós estávamos mais ainda por conta dessa metodologia, que deu certo, né? Em termos de passar no vestibular, por exemplo, e deu certo e termos de preparo, eu acho que sim, também.

D - Esses passos dependiam muito da disciplina de cada um?

C - Dependia, apesar de ter prazos... mas dependia de sua disciplina.

D - Eram esses livros americanos com química, física e biologia ou era só física?

C - Era, biologia era o BSSC, o azul, eu só sei esse porque eu joguei os outros fora. Aí o passo, dependendo do tamanho do capítulo, tinha um passo que dava esse capítulo, aí eu ia estudar isso sozinha, absolutamente sozinha, ler tudo, entender e fazer os exercícios, né, estudar sozinha. Aí, o que acontecia, o professor chegava e abria aqui e perguntava o que é que o gráfico quer dizer, mesmo? Aí a gente tinha estudado e dizia pa-pa-pa-pa..., aí “não, não é isso que tá dizendo, vá ler de novo, vá...”

Ele não me dizia o que tava dizendo, não, aí eu ia ler de novo e ficava lá me matando pra entender, claro, aí procurava um colega, procurava outro, “vamos entender, vamos sentar junto...” aí quando o negócio apertava muito aí ele dizia, “não, venha cá que eu vou lhe explicar...” Mas eu tinha que dar conta do capítulo, esses exercícios que tinha aqui “para classe e laboratório”, muitos desses a gente fazia, o que era de laboratório, a gente fazia, realmente, no laboratório, uma experiência que tinha aqui, uma experiência qualquer que tivesse material no laboratório, a gente pegava o exercício e ia pro laboratório e fazia, então, dependia muito do aluno.

D - Certo. [...] Na matemática não tinha laboratório, as aulas eram mais expositivas, mas a Matemática Moderna estava lá na matemática da sua prima, quando ela lhe contava o que ela estudava não tinha nada a ver com o que a senhora estudava ou era assim, todo mundo já estava estudando Matemática Moderna por aqui?

C - Não, não lembro, não. Eu lembro que quando a gente entrou no Aplicação, estudar matemática moderna foi uma novidade enorme, enorme, eram coisas... e eram aqueles livros grandes, que eu acho que eram preparados pela Universidade, não eram comprados em livraria, não, eu acho que era a própria... não tenho mais eles. Mas depois, no decorrer dos anos, eu não sei como as outras escolas fizeram.

D - A senhora tem irmãos?

C - Tenho um irmão mais novo que eu.

D - Ele fez Aplicação também?

C - Não! Você acha? Ele foi fazer Dois de Julho, minha vizinha dizia que eu ia ficar uma perdida, minha mãe também devia pensar isso, e olhe que eu não fui das perdidas, né? Ela foi injusta. Mas ele foi do Dois de Julho e também já no fim, ele não ficaria até o fim, porque o Colégio já tinha acabado, talvez ele pudesse fazer o

ginásio.

D - Ok! Eu tô mais do que satisfeito com essas perguntas aqui. Ficou uma questão aqui, mas era a respeito do preconceito que a senhora falou um pouco que tinha, mas esse preconceito era racial, talvez, religioso, de classe social a senhora disse que não tinha...

C - Não! Olhe, nós colegas, por exemplo, nós tínhamos um colega preto que era esse menino M., que era adorado pelas pessoas, mas que todo mundo, também, criticava, M. tinha uma característica, o pai dele morava na França, e ele ia muitas vezes, o pai dele tava exilado na França e ele ia muitas vezes, então, o povo chamava de Chezz M., que era boçal, que gostava de aparecer, aquele negócio de que é coisa de preto, existia assim esse tipo de conversa, mas a gente respeitava muito ele, ele era muito inteligente, a gente adorava M., mas a gente sabe algumas histórias, por exemplo, que eu também só vim saber depois, nós tínhamos uma colega que tinha motorista e essa menina era muito amiga de M. e M. ia muitas vezes na casa dela, a gente ia muito em grupo, e às vezes o motorista dela pegava a gente na Escola, ia todo mundo pra casa dela e almoçava lá e estudava de tarde, etc. e, às vezes, ele ia levar o povo em casa, a mim ninguém nunca ia levar porque era Cidade Baixa, era um horror, era longe, por isso eu sofria um bocado.

Ela conta que o motorista, que era preto, não queria levar M., achava... não sei o que é que ele achava, se achava inferior porque tava levando outro preto, não sei. Eu sei que isso era um problema dentro da casa, tanto que quando ela fazia o roteiro pra deixar M., era um dos primeiros porque se M. ficasse sozinho no carro, depois pra ele levar, ele reclamava, não gostava, não queria levar, deixava longe de casa e isso tudo. Na época, um monte de coisa a gente não sabe, as crianças e os adolescentes, a gente tem outra visão das coisas, mas ela vivia isso com o motorista que era preto e que tinha restrições de conduzir M., mas, fora isso, nós gostávamos muito dele, mas tinha todas as brincadeiras até com ele mesmo porque gostava de parecer que era o francês, que era o Chezz M., não sei o que... Depois ele viajou, morou fora, aí na época de Lídice ele foi ser secretário, mas ele bebia demais, ele bebeu muito e acabou morrendo por isso e a gente não perdoa ele por isso, não era pra morrer tão cedo.

Os preconceitos sempre [existem], tem a questão da religião. Principalmente dos pais

que não queriam que os filhos tivessem contato com outras religiões, os judeus não queriam de jeito nenhum que os filhos casassem com não-judeus e isso era prática deles e era pra não enfraquecer a colônia judaica.

D - Mas isso era dos judeus com os outros e dos outros com os judeus? Tinha isso também?

C - Não, tinha não, mas a gente sabia que judeu não namorava, não devia namorar com brasileiro, mas, assim, não tinha nada ostensivo. Eu não lembro de nenhum episódio que você ofendesse em sala de aula, a Escola não incentivava isso de jeito nenhum, não tinha essa coisa ofensiva de jeito nenhum.

Deixa eu lhe mostrar algumas coisas aqui, isso aqui foi um convite que a gente fez de uma festa dos trinta e poucos anos, em 2005, que a gente tinha se visto. Aqui é a coruja, símbolo do Aplicação, os melhores alunos no fim do ano ganhavam uma corujinha, os dois melhores, geralmente um homem e uma mulher.

D - No final de cada ano?

C - No final de cada ano. Na época que... Não sei se ficou até o fim do curso, mas as pessoas ganhavam corujinha.

D - Deixa eu só entender, todas as séries tinha...

C - Todas as séries... no fim do ano tinha uma festa e os melhores alunos de cada série ganhavam a coruja aí nós fizemos esse convite. Essa aqui era a minha melhor amiga na época, na primeira série, M., M. hoje é médica, homeopata e tudo, mas foi uma das que foi convidada a sair da Escola porque ela era muito transgressora. Foi ela que conheceu Baby Consuelo, foi ela que levou Baby lá pra gente conhecer e etc., ela era muito transgressora. [...]

D - E os alunos colocados pra fora? Aqueles convidados a se retirar? O que causava quando isso acontecia?

C - Na época... A gente ficava indignado e, às vezes, a gente não sabia, achava que... era no final do ano pra entrar na outra série, na outra série o aluno não aparecia, a gente achava que foram os pais que tiraram porque foi pra outro colégio, nem todo mundo a gente sabia o motivo real e os que a gente sabia, a gente se revoltava sempre e ficava achando um absurdo.

Aqui era o título de eleitor no Colégio, porque a gente votava no presidente do

grêmio, tinha campanha, isso eu não contei. Tinha a escolha do presidente do grêmio, a votação do presidente do grêmio e todo mundo tinha título de eleitor e tinha campanha. Zézeu Ribeiro, que é deputado federal, ele foi presidente do grêmio do Aplicação, começou a carreira dele política lá no Colégio de Aplicação, então, tinham as chapas e as campanhas.

[...]

C - Trouxeram, levaram na festa. Era tudo foto do título, da caderneta, a gente tinha caderneta com foto. Tem um bocado de foto, foto de jornal que a gente foi colecionando tudo na época da festa... Não era fácil fazer foto, porque era tudo foto... Não era digital, era complicadíssimo. Meu marido mesmo fala que não tem foto de criança, porque fotografar era um evento e era caro e depois você tinha que revelar e nem todo mundo tinha máquina fotográfica como hoje...

Tinha música, festival de música. Isso era uma coisa que tinha nos colégios. Tinha o festival interno e depois reunia os outros colégios.

[...]

D - Eu estou olhando aqui no livro de matemática, vocês estudavam integrais? Estudavam áreas e volumes a partir de integrais?

C - Isso. Quando a gente chegou na Faculdade, já tinha visto isso aí, começou a estudar no ginásio.

D - Outra coisa, essas figuras, quem eram essas pessoas... Omar Catunda, Martha Dantas, eles apareciam pelo Colégio? Você lembra?

C - Não! Depois eu tive aula com Catunda na Universidade, no Instituto de Matemática, aí foi que eu fui conhecer Catunda ao vivo e fiquei emocionada, eu tinha estudado tanto pelos livros dele, mas... Talvez nas turmas mais velhas, porque você vai ver aqui nesse texto que ele diz que eles dentro da Faculdade, quando eles estudavam dentro da Faculdade, eles tinham um comportamento parecido com os universitários, eles tiveram outras experiências que nós não tivemos, nós já fomos mais separados, no Canela não tava dentro da Universidade.

Entrevista: Denise Chaves de Menezes Scheyerl (S)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 1h 30' 57''

Salvador, 06 de dezembro de 2010

Local: UFBA

S - Eu não fui aluna de Marta, né? Eu fui aluna de uma outra professora que se chamava Eliana. E, eu tava pensando um pouco sobre isso que você desencadeou nessa volta ao passado, assim e... sempre a gente tá pensando, no sábado mesmo eu encontrei... nesse sábado...

[...]

Minha irmã também estudou lá e o marido da minha irmã também, o marido da minha irmã, doutor R., ele é advogado, ele entrou no nível médio, né? Ficou dois anos conosco e a minha irmã ficou da primeira à quarta série de ginásio e ela foi expulsa do Colégio junto com outras meninas, outras pessoas, porque foram consideradas subversivas, né? Eu passei até...

D - Que ano que a senhora entrou, professora?

S - Sessenta e um. Eu trouxe até... é engraçado que a própria caderneta aqui, oh, de 67, que a gente participava de tudo isso. Essas passeatas, com certeza tem muita gente aqui do Aplicação. Nós éramos, quantos anos eu tinha? É aí...

D - Aqui é 67, a senhora entrou em 61...

S - 61 eu tinha 11 anos então, eu tinha...

D - 16 anos?

S - 16 anos. Desde os 14 anos que a gente participava de manifestações, então, a situação na cidade era essa aqui é na Praça da Sé, tá vendo todos esses policiais, aqui funcionava a Câmara de Vereadores, se não me engano.

D - A Lei Orgânica provocou uma confusão, né?

S - Com certeza, eu vou até mostrar que é bem na caderneta de 64, que eu anotei revolução, os dias da revolução, cadê aqui... É primeira série de ginásio, eu tô em 61, 62, 63, 64. Então, em 64, vamos ver...

[...]

Aqui, olhe, engraçado, tá vendo? De primeiro a quatro, “revolução”. De primeiro a quatro de abril de 64.

D - E por que a senhora anotou revolução aí, a senhora lembra?

S - Porque foi...

D - Sim, mas as raz..., foi revolução e quais eram as coisas que...

S - Aqui olhe, o meu rostinho (risos), então porque... por uma questão minha de diário mesmo, eu fazia isso aqui era como se fosse uma espécie de diário eu anotava aqui os feriados, domingos, os dias que nós não fomos ao colégio...

Aqui não teve aula. Então, eu anotei a razão que não teve aula assim, como eu anotava os dias de feriado e de sábado e domingo, aqui não teve aula, tá vendo, não teve, aqui: férias, então eu anotava tudo que acontecia aqui justificada, aí você pode...

[...]

S - Aqui eu tenho todas as cadernetas, aqui é uma recordação de toda a turma, primeiro dia de ano no curso de colégio, *estudos clássicos*, então, essa era a turma. Você vê a quantidade de alunos não podia ultrapassar de trinta, mas no curso de colégio as vezes a quantidade era menor, aqui nós temos, um, dois, três, quatros... 17 estudantes, não tinha mais pessoas do que isso.

D - Você fez uma lista assinada com os nomes dos colegas todos?

S - De todos os colegas, é. Então, com relação assim eu tenho, sabe Diogo, excelentes recordações, porque eu sinto que não foi só o aprendizado de conteúdo, foi aprendizado de vida né, de valores.

A gente era muito unido, tudo a gente fazia junto, tinha toda uma cumplicidade que até hoje existe, a minha turma se encontra até hoje. Se encontra e parece que foi ontem que a gente se viu a última vez, entendeu? Quer dizer, aquele sentimento de pertença é muito forte.

Quer dizer, a gente não só se acha especial por ter estudado nesse colégio, porque há pouco tempo mesmo eu vi uma palestra, no Colégio 2 de Julho, da Dona Leda Jesuino Santos, que foi a nossa diretora durante algum tempo e depois ela deixou o

Colégio, não me lembro porque razão, e entrou dona Maria Angélica que era amada, dona Leda não é que eu pessoalmente desgostasse, era uma pessoa extremamente autoritária, mas era uma pessoa que, quer dizer, o autoritarismo dela não chegava a me incomodar, tinha assim, alguns eventos autoritários no Colégio de alguns professores, eu me lembro muito bem de uma professora de história chamada Maria do Carmo que era muito autoritária, tinha uma professora de latim, professora Ione, não me lembro o sobrenome, que era extremamente autoritária, mas como eu gostava das matérias e estudava muito, eu não era muito incomodada por elas.

Já, por exemplo, matemática, eu achava que Eliana era, não só autoritária, mas era um pouco indiferente. Se aprender, aprendeu, se não aprendeu, não aprendeu. Então, eu sentia que ela dava aula pra turminha que ela sentia que gostava de matemática, eu não gostava muito, porque eu não consegui entender qual era o... vamos dizer assim, a utilidade disso.

Até hoje eu sou muito prática nos meus... inclusive, na minha própria disciplina, que é linguística aplicada. Antes eu me formei em linguística teórica e deixei linguística teórica pela falta de aplicação prática, pela falta de busca social daquilo que você faz. Eu não consigo imaginar de a gente tá aqui na academia, totalmente isolado do mundo, sem contribuir de alguma forma pra comunidade, mesmo que seja interna. Então, eu deixei, quer dizer, hoje eu faço trabalho com a prática pedagógica mesmo, quer dizer meu objetivo é linguístico, continua sendo linguístico, então eu não concebo mais esse isolamento ou essa separação entre teoria e prática. É claro que a gente faz teoria também, mas é uma teoria totalmente que visa essa busca social do indivíduo no seu contexto social.

D - A senhora achava que a matemática era isso?

S - Então, eu não tinha... ninguém conseguia passar...

A única coisa que eu sei até hoje muito bem é regra de três, que eu consigo visualizar e consigo sentir qual é aplicação da regra de três, entendeu? Mas eu sentia sim muita falta de entendimento e não tinha abertura pra você dialogar em sala com essas coisas.

No entanto, eu não posso dizer que era um colégio autoritário, muito pelo contrário, eu fui a melhor aluna de geografia, tanto que eu ganhei um prêmio e fui a melhor aluna do Colégio, pra representar o Colégio pra ganhar uma bolsa, aliás, indicou o

nome da colega N., mas N. não quis, aí a indicação veio pro meu nome e eu perdi pra S. que é o atual presidente da Petrobrás, veio de outro colégio e eu me lembro perfeitamente da questão, eu perdi por, sempre as ciências humanas, sempre, sempre.

A questão que ele tirou a nota mais alta que eu e ganhou a bolsa e foi estudar economia na Suíça foi a seguinte: se você tivesse um edifício vazio que é que você colocaria nele? Eu respondi que colocaria uma escola entendeu, então eu pensava na educação e ele disse que colocaria uma oficina, então ele gerou mão de obra, ele gerou tecnologia, ele gerou tudo isso que o país na época necessitava, o país nunca pretendeu solucionar problemas com educação, primeiro era uma visão bem marxista, né? Foi justamente onde a gente se separou: fiquei com nove e ele ficou com dez, nesta questão, pra você ver como era.

Então, eu tinha muita atração pela língua estrangeira, achava fantástico, estudava todas as línguas estrangeiras: grego, latim, isso desde a primeira série do ginásio né? Grego, latim, eu acho que eu só não estudei mesmo foi italiano, mas espanhol e alemão desde o ginásio,

[...]

Aí me lembro dessas matérias que tinham todo esse autoritarismo, toda essa distância, todos quase eram professores que atuavam também na universidade, não é? Mas nós tínhamos aulas assim, magnas, por exemplo, de história, com professor Mário...

[...]

Então, a gente ficava assim, todo mundo inebriado com as aulas desse professor Mário, com as aulas de geografia com Valdir Oliveira, que até hoje é professor da Universidade, não sei se ele já saiu ou se já está aposentado, eu também me lembro que eu ganhei um prêmio de melhor aluna de geografia, e principalmente, com geografia econômica, geografia política, eu amava.

Pra mim era muito importante o espaço que o professor abria pra a gente se colocar, e o Valdir aceitava todas as minhas pessoalidades, uma vez, eu me lembro que uma vez ele mandou fazer um trabalho sobre cana de açúcar e eu fiz uma cana de açúcar na cartolina e escrevi todo meu trabalho na cana de açúcar, então coisas desse tipo, né? Que são triviais assim...

Eu gostava de ciências humanas de um modo geral então eu me dedicava bastante, fazia muitos trabalhos pra outros colegas, me lembro que meus apontamentos eram emprestados pra sala toda, que os meninos não se ocupavam muito disso e aí todo mundo ia pra minha casa ver meus apontamentos quando tinham que fazer...

Uma disciplina que eu não gostava muito era matemática e não gostava muito também de desenho, eu não gostava muito. Às vezes eu não me saía muito bem, nessas notas da caderneta, eu tava olhando ontem...

Aqui foi a primeira série, então porque tinha muito a ver matemática também, com aritmética.

Aqui ainda era bonzinho, aqui também. Matemática até aqui não foi tão ruim. Aqui foi a segunda série, deve ter desandado aqui, não me lembro bem... Aqui, está vendo? Desenho três, sete, essa época deve ter sido muito... Mas tirei dez aqui!

Tava olhando, eu pensei que minhas notas fossem piores em matemática, mas não foram tão assim não... teve um quatro e meio aqui, aí você vê que tinha um nove, quando eu estudava e queria entender, né?

Eu tinha um vizinho que era israelita, em frente a minha casa, tinha muitos, muitos israelitas, muitos judeus no Colégio. E eu nunca tive um colega na sala judeu, mas a minha irmã teve vários, uns dez e, na época, se dizia que a inteligência... era uma das inteligências da cidade não é, eram esses... e o Simon, que era meu vizinho, ele me ensinava matemática e eu entendia, porque também ele era pianista, então eu me identificava com ele através da música, porque eu também aprendi acordeom desde pequena.

Eu achava assim: “poxa, é um cara sensível, se ele sabe matemática é porque ele também gosta de música ou vice-versa, aí eu aceitava que isso viesse dele...”

Essas explicações já não consigo entender. Aqui já foi a quarta série, até a quarta série nós vimos matemática. A quarta série foi terrível, aí eu perdi, foi a primeira vez que eu perdi na minha vida. Aí fiquei, quando todo mundo tava nas férias... foi uma tragédia isso. Todo mundo foi pra Pituaçu passar as férias e eu fiquei fazendo um cursinho ali em Nazaré, aí a tragédia aumentou mais ainda, eu tinha aqui... eu tinha já quinze anos, pena que eu não tenha esses escritos aqui, posso até te mostrar depois...

[...]

Daí, Simon mais uma vez me salvou. Veja se tem aqui a nota da segunda época, segunda época...

Aqui, tá vendo? Se chamava segunda época, não coloca aqui, estranho né? Aí eu acabei trabalhando com Simon e passei. Aí, depois, me livrei de matemática.

D - Não tinha de jeito nenhum no clássico?

S - Não, no Clássico, não. No clássico as disciplinas já eram...

Aqui já é do meu primeiro ano clássico, esse aqui...

Eu tinha, língua portuguesa, literatura, francês, espanhol, latim, história geral, geografia, alemão. Você sabe que a gente tinha taquigrafia, canto, dança, educação física.

Eu passei direto em tudo, aqui foi segunda série, aí já era 66, foi um ano clássico, [...] tinha Geografia, Português, História, Latim, Inglês eu não dava, porque escolhia Alemão e Espanhol, Matemática não tinha, Organização Social do Brasil, que eu gostava muito e tinha taquigrafia também.

D - Onde não tem nota é porque não tinha a disciplina.

S - É. Aqui foi o último ano, sessenta e... foi... Aí tinha também Língua Portuguesa, Literatura, aí eu tinha Francês, Espanhol, Latim, História Geral, Geografia, Alemão, no último ano.

Pois é, era um colégio extremamente, vamos dizer, depois que nós... até a época de Maria Angélica, né?

Dona Maria Angélica era uma bandeirante, sabe o que é essa organização, na qual vários jovens se enveredam pelas matas, faziam leituras juntos.

D - Ela havia sido ou era?

S - Ela era bandeirante. Ela era bandeirante já graduada, de vez em quando ela tava lá com a farda dela, eu tinha umas colegas que eram, G. mesmo, era. E era uma pessoa muito... e era pedagoga, né?

Ela era extremamente, não era tão próxima assim da gente, não existia aquela coisa da intimidade, era senhor e senhora, existia todo um ritual ainda, mas a gente a admirava, por ser, realmente, uma grande mulher.

Angélica, saiu por uma questão assim muito... [não sei se você já teve acesso a essas

questões] mas...

Quando a gente perdia em Canto ou Educação Física ou Dança, disciplinas que não eram consideradas assim... obrigatórias, todas essas disciplinas, mas que a gente não dava muita importância. Quem perdia tinha que fazer segunda época de todas as disciplinas. Uma neta do professor Edgar Santos, que foi fundador da Universidade, perdeu Educação Física ou Dança, quer dizer, perdeu por falta, a gente só perdia por falta. Aí, Angélica comunicou que ela devia fazer a segunda época de todas as disciplinas e não sei se a família protestou ou o que é que houve, o certo é que Angélica foi convidada a se demitir.

D - A sair do Colégio?

S - A sair do Colégio, a deixar o Colégio e, nesse contexto, entrou a Dona Zilma Parente de Barros que recebeu, pelo menos da minha turma, toda uma espécie de... [que a gente chamava na época de gelo] quer dizer, a gente ficou sabendo, a gente não corroborou com isso.

[...]

S - Ela estava na banca, ela com mais gente. Entro eu nessa situação, nesse contexto, minha irmã já tinha sido expulsão exatamente do Colégio porque foi defender juntamente com vários colegas, todos professores como Doralice Alcoforado, o próprio professor de desenho, Expedito, que tinham sido caçados e muitos tinham sido torturados, tinha a professora Idalina Azevedo, de Literatura...

E eles e minha irmã chegavam e subiam na carteira “abaixo a ditadura” então aquelas coisas todas, aqueles desenvolvimentos e, juntando com várias outras situações também, se chegou a esse limite. Então, já existia essa situação.

[...]

D - Retomando essa primeira dificuldade que surgiu com a professora Zilma, a senhora lembra por que é que sua turma reagiu assim?

S - Porque nós não achamos justo, só por uma questão de pistolão, nós não achamos justo que essa neta do professor Edgar Santos não fosse submetida às mesmas regras que todo o Colégio era submetido, se acontecesse...

Isso foi... o colégio todo soube disso, existiam duas netas dele lá, no Colégio.

Era assim: o Colégio era habitado por várias personagens, era a filha de Jorge Amado, X, foi um ano mais atrasada que eu... estudaram lá filhos de jornalistas, era a elite da época, de pessoas... quer dizer, minha família não era elite, mas as pessoas da região, bairros próximos, todo mundo queria estudar lá, se candidatavam, era um colégio público também, né?

E assim, os irmãos todos, a família O. era imensa. Toda estudou lá. Tinha várias famílias do bairro de Nazaré que eram muito grandes; família de A. P., todos os filhos também, eram 10 ou 14 filhos, moravam perto desses O.; a família T. toda estudou lá, também os judeus; a família M., eles eram 5 pessoas, todos estudaram lá. Então, assim, só meu irmão que não estudou lá no Aplicação, ele estudou no Salesiano, não me lembro porque ele não... não me lembro porquê que meu pai não optou por isso.

D - Era só a senhora e seu irmão?

S - É, eu e minha irmã, e meu irmão, três. Nós éramos três.

D - Mas sua irmã estudou lá, não foi isso?

S - É, foi. Saiu na quarta série [ela é médica hoje] não recomendei porque ela não gosta nem de se lembrar... tem muita raiva dessas coisas, mas por outro lado ela tem recordações... até hoje ela circula com muitos desses... muitos que são médicos e tal, e ela conhece muitas pessoas na cidade, com as quais ela teve uma boa convivência, mas, assim, nós tivemos professores que até hoje vivem e alguns conviveram aqui comigo como colegas, como professor Antenor de inglês, foi meu professor lá, todas de alemão vivem até hoje, foram colegas queridas e, até hoje, já se aposentaram todas, mas a gente continua tendo um bom contato... era isso...

[...]

D - [...] A senhora falou que se sentiam especiais, a senhora começou falando que vocês do Colégio se sentiam especiais.

S - Nós éramos respeitados, principalmente pelos outros colégios, a gente sentia isso quando a gente convivia de alguma forma, sei lá, nas competições, festinhas que compareciam estudantes do Central, a gente tinha uma grande competição com o Colégio Central, que era um excelente colégio, a competição havia...

[...]

Essas pessoas eram super bem sucedidas em colégio público, tanto que minha irmã saiu do Aplicação e foi pro Severino Vieira, que era um excelente colégio também, entendeu? Então, a gente competia muito, principalmente com esses colégios públicos à nossa volta, não sei se o Ipiranga era um colégio público... foi fundado pelo filho de Isaías Alves, que era parente da minha avó, era primo carnal da minha avó. Landulfo e Isaías Alves eram irmãos, Landulfo Alves, criou a refinaria de Mataripe, de petróleo e Isaías Alves foi educador, foi quem criou o instituto Isaías Alves... Vários primos meus foram diretores lá, parentes mais próximos dele...

Quando tinha alguma coisa comemorativa, que outros colégios compareciam, Isaías Alves ia pessoalmente lá no Colégio. Nós nos sentíamos assim muito... Havia muita deferência: “Ah, estuda no Aplicação!” Porque era muito difícil você entrar, as provas eram muito difíceis, eram chamadas provas de admissão.

Pelo menos as pessoas mais próximas a mim, todas tinham estudado no Colégio Ana Neri, acho que a escola funciona até hoje, mas acho que não mais com aquele projeto pedagógico inicial. Claro, tem que mudar... Os tempos mudam, ele estava no Itaipara, mas não sei se ainda existe.

Então... a gente passava assim, o último ano, o quarto e quinto ano só estudando pra fazer o Admissão do Aplicação, né?

Era assim: provas orais e provas escritas. Eram verdadeiras bancas de defesa de patrimônio cultural, de capital cultural, lembrando o famoso Bourdieu. Você tinha que mostrar seu capital cultural.

Bem, nós éramos muito maduros, assim, né? Com treze ou quatorze anos, a gente discutia política, a gente ia pra rua, a gente era super politizado.

Era assim: a gente tendo aula aqui e os estudantes da universidade lá no diretório acadêmico. A gente via e dialogava muito com os próprios estudantes, éramos aliciados, também, claro. Sempre tinha todo um esquema de você... Eu mesma me lembro que todas as vezes que tinha greve, protesto, era muito comum circular que tinha muito dedo duro circulando por aí... Uns dois a gente tinha suspeita que poderiam ter sido...

Então, quando tinha essa coisa, eu mesma me sentia um pouco explorada, porque me botavam sempre... Eu era muito altruísta, gostava de ajudar, pegar coisa, eu tinha, minha família era toda do interior, então...

Uma vez eu fiquei numa comissão por pura... só pra explorar esse lado meu altruísta, então, comissão de alimentação: aí eu tinha que trazer do interior, ovos e frutas, entendeu? pra ficar... É porque quando tinha movimento, a gente morava no lugar, ninguém saía do espaço, entende?

E, quando tinha os movimentos de... repressão política e, várias unidades foram fechadas, sociologia, ciências políticas... deixaram de funcionar por causa da revolução.

D - Isso a senhora já na faculdade?

S - Não, no Colégio, no Colégio. Eu cansei de levar livros da biblioteca pra esconder. Uma vez eu me lembro que eu escondi O Capital, vários exemplares de O Capital, debaixo do meu colchão, porque minha casa era pertinho do Colégio, entendeu?

Então, às vezes quando tinha revista, assim, da própria polícia, né... Que inspecionava toda a cidade pra ver quem era subversivo e quem não era, então isso era esvaziado...

S - Então, eu escondia vários livros da biblioteca para que esses livros não fossem dizimados e... Então, especiais nesse sentido.

D - A sua família... seu pai e mãe moravam aqui ou a senhora morava...

S - Não, morava aqui.

D - O restante da família é que morava no interior?

S - É.

D - De onde são?

S - Sapeaçu. Meus avós eles não eram... Quer dizer, a parte da família da minha mãe, era toda dessa região... Meu bisavó era Januário Velame, eu tenho muitos parentes Velame. Eu tinha um primo, Ivo Velame, que foi professor da Escola de Belas Artes, de História da Arte e, hoje, todos vivem por lá, em Baixa do Palmeira, Conceição do Almeida, Sapeaçu, Cruz das Almas, a minha família tá toda distribuída lá, por parte de mãe.

Por parte de pai, eles eram agricultores, também moravam lá. Meu avô era médico, se formou aqui, em farmácia, depois em medicina, nessa casa onde eu vivi e depois foi exercer medicina lá no interior, lá onde viveu lá, em Sapeaçu, até morrer. Onde

eu passava as férias também.

D - A senhora falou, mais de uma vez, a questão... Que foi uma coisa forte, marcante no Colégio, a coisa da disciplina, do controle.

S - É, tinha controle até de quem usava corpete, que é uma espécie de combinação, que você colocava por dentro da blusa pra não ficar transparente, então, tinha várias colegas que não queriam usar esse tal do corpete. Era obrigatório. Quando tinha revista eu levava correndo pra minha casa pra emprestar, pra voltar... senão não entrava no Colégio, então, me lembro muito dessa história do corpete [que a gente chamava de corpete - era uma camiseta que botava em baixo da blusa] eu me lembro que...

Bem, até calça comprida eu não podia sair da minha casa, na mesma rua... [depois que meu avô morreu, minha avó se mudou pra cidade] eu não saía de minha casa pra casa da minha avó. Tudo que a gente fazia... como existia muita confiança entre as famílias, se eu dissesse assim, eu vou pra casa de minha colega M., que era filha de um médico, Dr. O., Ma., filha de outro médico, Dr. R., que tinha clínica ali perto, aí minha mãe, meus pais e os pais das outras também... Viam a gente fazendo muita coisa juntas e os pais também não sabiam, tipo assim, a gente ia pra Boate Clock [adorava aquele programa] era maravilhoso, era uma boate fantástica...

Então, quando a gente ia... [eu mesma nunca disse a minha mãe: vou pra boate Clock, não] era: “vou pra casa de Ma.” ou de M. ou de L., que tinha casa ali perto, em frente ao Cristo, hoje. Então, ela tinha muitos irmãos, então, claro, que a gente saía com todos os irmãos, os irmãos sempre acompanhavam, entendeu?

Na época da minha irmã, é a coisa começou assim... essa coisa de drogas e tudo. Começou porque todo mundo ia pra Arembepe, né?

Eu cheguei a ir pra Alemanha, logo depois do colégio, eu fiz um ano ou dois de faculdade, aí começou essa história de protesto, Jimi Hendrix, Rolling Stones... Todo mundo veio aí pra Arembepe e meus irmãos, essa minha irmã e outro meu irmão que estudava arquitetura, começaram a frequentar. Ali rolava maconha, na minha época, não. Nunca. A gente nem sabia o que era.

Eu não sabia nem como é que os filhos nasciam. Esse segredo me foi colocado, acho que entre a segunda e a terceira série, no jardim de Nazaré. A gente ia pra Biblioteca Monteiro Lobato, a turma inteira... Aí começou, kikiki, kakaka...

Eu disse: – o que é?

Aí outros colegas... acho que foi V., que hoje é médica, disse: – Você não sabe como é que os filhos nascem?

Eu disse: – Não, nunca me...

Aí, outra colega – eu lembro foi E. – me pegou e fomos pra debaixo de uma árvore aí me explicou.

Fiquei tão chocada, tão arrasada nesse dia...

– não é possível!

Incrível, acho que isso foi na segunda ou na terceira série, foi muito engraçado, né? Chegar naquele ponto... Meu Deus, eu tinha doze pra treze anos. Então, me lembro desses momentos assim, quer dizer, tudo existia, né?

Momentos importantes de sua vida, você compartilhava com esses amigos, porque a família... as famílias eram duras, muito autoritárias, pra gente se maquiarem, botar uma roupa mais audaciosa [mais audaciosa que eu digo é um vestido de alça - eu botava na sacola, saía de casa e ia vestir na casa de outra colega] Tinha uma família que era imensa, a família de Dr. A., que também era um médico, era chefe-diretor do INPS aqui e tinha um monte de filhas, só meninas e uma delas era nossa col... todas estudavam no Aplicação e então eu ia muito pra lá, trocar de roupa, e as mais velhas maquiavam a gente, depois eu tinha que chegar em casa, totalmente, sabe...

[...]

Principalmente por causa das mães, mas o meu pai mesmo não era tão autoritário assim, mas, era meio omissivo... por comodismo ele nem queria saber muito detalhe, mas existia confiança no contexto, nas famílias, nos lugares.

Na época também tava surgindo, assim, sair de carro com algum menino, isso era assim um tabu, entendeu? Eram as coisas proibidas, de você sair de carro com algum menino, de você...

Lembro que uma vez a gente ficou escandalizada quando ficamos sabendo que uma menina tinha faltado aula pra ir pro Iate Clube com um menino, era a tal da S., a filha de N. N. foi uma grande atriz de teatro, acho que ainda tá viva, não sei... Acho que morreu tem uns dois anos.

Aí ficou todo mundo... todo mundo do Colégio comentou que S. tava no Iate Clube, filando aula e que tava com algum namoradinho... existia muito assim tabu e os preconceitos de sempre. Mas, por outro lado, a gente tinha essas disciplinas como, Educação Moral e Cívica. Eu me lembro que uma teve uma discussão veemente porque... [quando se dividia clássico e científico, existia uma tabu no Colégio, mais ou menos assim, os alienados e menos capacitados iam pro clássico, e os menos alienados e os mais capacitados iam fazer o científico, com todas as disciplinas das ciências exatas] Então, uma vez, nós ficamos sabendo que uma colega [?] tinha chamado a gente de alienado. Isso foi a maior celeuma. Aconteceu que essa colega acabou desistindo do científico e foi fazer o clássico e levou [novamente] esse gelo, toda a classe se isolou. Aí, o professor de Orientação Educacional... Não, nós pedimos a ele que ela fosse convidada pra explicar porque, quais eram os significados das palavras alienação e alienado e porque nos éramos tachados de alienados.

Aconteceu então, um grande debate, o Colégio todo se envolveu, foi todo mundo pra uma sala bem grande e ela lá explicou o porquê. Ela levou a definição de alienação e tudo e aí todo mundo começou a justificar que apenas nós não tínhamos posições políticas tão radicais, tão ortodoxas, quanto, por exemplo, ela tinha, que era uma marxista convicta. Marxistas éramos todos, mas menos... Tinha muita gente que defendia o terceiro mundo, na época eu defendia o terceiro mundo, eu não gostava da ortodoxia russa, nem chinesa, nem da nossa ditadura, é claro, né? Mas, isto não era entendido, não. Você, pra ser aceito, tinha que ser marxista puro.

Nesse mesmo salão, Caetano Veloso foi lá tocar a primeira música dele que ele fez, uma das primeiras que foi aquela:

(cantando) “amanheceu, é de manhã,
é de madrugada, é de manhã vou ver minha amada,
é de manhã, vou ver meu amor,
é de manhã, flor da madrugada é de manhã...”

Então, assim, Caetano ali tocando - bem rapazinho... Acho que ele só estudava sociologia também, segundo ano lá na Faculdade, a irmã de Caetano, Irene, foi colega de [...] minha irmã, e então foi pra aquela música

(cantando)

“eu quero ir, minha gente,
eu não sou daqui, quero ver,
quero ver Irene rir,
quero ver Irene dá sua risada”

Irene era pequenininha, frequentava lá em casa, minha irmã protegia muito ela, que Irene foi adotada pela família de Caetano, e era negra, aliás, o Colégio não tinha negros. Eu não me lembro de negros no Colégio, só um único, foi colega de minha irmã, M., filho de Milton Santos [...] Inclusive, sabe o que aconteceu...

Então, M. era o único negro do Colégio, o único. Aí minha irmã achava injusto e aí protegia Irene. Irene não era exatamente... a gente chamava mulata, né? Porque M. era negro, né? E ela achava assim, mas...

D - E havia preconceito, além da seleção da entrada, havia preconceito, raça, cor, orientação...

S - Não, eu nunca senti isso da parte de ninguém. Só que não existia!

[...]

Mas, assim, quando você vê vizinho, amigos próximos, vizinhos eu tive em Nazaré, mas famílias extremamente ricas e... Um era dono de fábrica, entendeu? Então, é aquela história que até hoje vale: os negros... a ascensão é muito demorada e não é um processo justo. Os negros na época continuavam fadados à invisibilidade como é hoje, mais ou menos, né? Pelo menos, no contexto aqui da Academia.

D - A questão da disciplina na sala de aula, como é que era? A senhora falou em disciplina num contexto externo, e na aula como é que era?

S - Nós burlávamos, nós tínhamos problemas de disciplina. Sérios. Mas, como nós éramos ótimos alunos, essas coisas eram... Era nosso trunfo, quando havia...

D - A senhora fala as turmas no geral?

S - As turmas no geral, mas, principalmente, a nossa, a minha turma. Minha turma tirou quase primeiro lugar em todos os vestibulares. De primeiro até o terceiro, ou melhor, até o quinto eram do Aplicação, entendeu?

Então, essas coisas calavam um pouco as bocas, mas tivemos vários problemas de disciplina, me lembro que na aula de história, na disciplina de história, nós expulsamos praticamente uns quatro ou cinco professores em um ano, em termos de indisciplina, foram uns três ou quatro professores que... Por isso que eu acho que a que se manteve foi essa, extremamente dominadora, professora Maria do Carmo.

Era muito comum a gente planejar, inclusive, coisas assim que hoje são até consideradas cruéis... A de Taquigrafia, aula de Taquigrafia era uma aula muito entediante, então até percevejo se botava na cadeira da professora, pra professora espantar-se. A aula de Francês, era uma professora chamada dona Cristina, que era bem maternal e, então, ela mandava a gente cantar mais alto, aí a gente cantava, “Allons enfants de la Patrie...” [gritado] aí, quando mandava a gente cantar mais baixo a gente “Allons enfants [sussurro] por pirraça e crueldade, né?

Teve uma professora de Português, dona Zuleica, que me lembro, inclusive, aposentou-se recentemente da Faculdade de Educação... Era muito constrangedor pra mim no início, porque todas essas pessoas circulavam na Universidade, [eu convivi muito com elas] essa professora chorou.

Outra professora de Português, dona Eremita, chorou em sala de aula também, porque havia muita... era uma indisciplina que não era barulhenta, era aquela coisa silenciosa, do tipo assim, o meu cunhado ele era muito amigo de N., filho do dono de uma das televisões, acho que era Tv Aratu, então essas pessoas eram representativas economicamente, então os dois... [o pai do meu cunhado foi procurador da república, foi deputado federal, R., morreu há pouco tempo, com noventa e sete anos, da Academia de Letras da Bahia]... os dois aprontavam bastante, então eles estavam fazendo alguma coisa juntos, dentro da aula de Literatura e dona Eremita expulsou os dois. Então, em algum momento, esse meu cunhado aparece na janela dizendo que gostaria de ter uma reflexão, [então era todo mundo muito formal] “gostaria de falar algumas palavras, se a senhora poderia reconsiderar, meu colega N. está muito arrependido...”

[não parecia, isso foi quarta série de ginásio... Não, no primeiro ano.... ou na quarta série ginásio, acho que o R. entrou já na quarta série... foi. Eu tô me lembrando da sala, aquela sala era de quarta série]

... aí ela deu a chance, aí entraram os dois, mas só ele falava: “está arrependido o

colega N., um menino muito aplicado, como a senhora há de convir...”

Isso a classe toda se divertindo, né? à custa dos dois, né?

[ele advogado, todos dois são advogados e já tinham toda aquela retórica]

Então, as coisas eram assim, extremamente... Aí, depois disso, virava piada no Colégio, que eles conseguiram demover a Eremita, perdoou eles na nossa frente...

Os pais viajavam pra Europa e se encomendavam coisas pra poder colocar no Colégio. Tinha uma campainha, P. era filho de uma jornalista aqui da cidade e [...] encomendou pro pai uma campainha e começava bem silenciosa e ia progredindo o barulho, pan,pan,pan,pan... [aumentando o volume] e a esconderam em cima de uma coluna, todo mundo fez castelo, um em cima do outro.

Era aula de história, aí o professor chegava e pouco depois começava a campainha, aí a sala toda era suspensa, porque ninguém denunciava ninguém. Tinha muito evento assim, mas tudo assim muito...

Tinha um menino que... [hoje a gente chama de bullying] mas o tal do M. que é dono dessa construtora Segura, Segura Martinez, era espanhol, aí os meninos pegavam M... Primeiro pirraçavam um pouco ele por causa do sotaque, até hoje ele tem um pouco do sotaque e aí eu me lembro dele sendo... aí ele se enfurecia, mas não batiam nele, não. Um agarrava só pra ele ficar mais calmo, mas ele não ficava calmo, tanto que o nome dele era fúria. O apelido era fúria, parecia um cavalo enfurecido.

[...]

A. foi a única que não fez universidade, N. é advogado e G. que não quis fazer...

D - A senhora sabe por que ela não fez? Não queria fazer?

S - Porque ela só queria casar, foi a única mulher que eu conheci na minha vida que foi treinada e ambicionava somente o casamento.

D - Foi treinada?

S - Foi treinada, é de família. Ela morava na Graça e a família a preparou. O namorado morava em frente, mas não se casou com esse rapaz. Só andava chorando, só se preocupava com... desde criança, namorar pra casar com esse tal do A. Só andava chorando por causa desse A. Acho que ela não fez... ela trabalha num banco...

[...]

D - A senhora falou que as aulas de matemática não lhe tinham sentido, que os assuntos não pareciam ter sentido.

S - É, não tinham sentido e, exatamente, era como se fosse um monólogo. Não existia participação, eu não me lembro de ninguém participando. Me lembro de uma parte, uma grande parte estar entendendo e não ter a menor dificuldade com isso e, me lembro, de outras pessoas como eu, que tinham dificuldades extremas, porque não era didático, entendeu?

Não era comum você ter dúvidas e tirar as suas dúvidas em algumas disciplinas, como essa, como em Desenho. O professor chegava lá, ficava lá monologando, escrevendo tudo no quadro, falando sozinho e a coisa continuava.

D - Isso era entendido como normal?

S - Isso era. Anormal era você ter banca, era você ter aula particular, isso era anormal mesmo. Porque tudo a gente matava no colégio, porque o Colégio visava muito ao conteúdo, entendeu? Era um colégio de conteúdo, né?

Mas, é como eu disse a você, eu me lembro dessas questões assim pontuais que não me agradavam, mas a gente burlava, levando o problema pra casa e minha mãe se comovia bastante, meu pai não gostava, não. Ele achava que a gente tava ali pra estudar e tinha que solucionar sozinho esses problemas, mas minha mãe se comovia, tanto que ela procurava pra mim. Foi ela que falou com esse nosso vizinho pra eu ter explicações, eu tenho um primo também que fazia engenharia que ia e me explicava.

D - Quem não conseguia entender, não perguntava à professora na sala de aula?

S - Não, não me lembro disso não, não me lembro não. Agora, a dona Marta, que era inclusive a catedrática do Instituto de Matemática, que era, assim, respeitadíssima e todo mundo falava muito bem, mas eu não me lembro dela tendo sido nossa professora. É possível que ela tivesse sido nossa professora no segundo ano ou no primeiro, mas não tenho lembrança de dona Marta não, só me lembro da dona Eliana.

D - Mas, ela foi a única professora de matemática, a Eliana?

S - Minha eu acho que foi. Foram quatro anos... e tinha uma época que era muito agradável, que era a época da chegada dos estagiários, a gente os recebia muito bem, porque a gente gostava: eram pessoas mais jovens, mais flexíveis, mais atualizados no mundo, mais engajados. Então, era uma época que a gente saía um pouco do

currículo pra debater o assunto mais tabu da Literatura ou coisa assim. Era um mês de estágio em várias disciplinas, né?

Os estagiários de História, de Geografia, de Língua Portuguesa. A nossa professora titular aqui do Instituto, a professora Rosa Virgínia Matos, ela foi estagiária da minha turma, na segunda série do ginásio.

D - Lembra das estagiárias de matemática, também?

S - Não, não me lembro. Quer dizer, não devia ser muito comum, não devia ser muita gente. Eu me lembro que tinha muita gente em Literatura e Língua Portuguesa, me lembro que tinha muita gente em Língua Estrangeira, entendeu?

Eles arrasavam, era raro a gente... Quer dizer, a gente não sentia o fato deles serem ainda estudantes, podendo até fragilizar o nosso conhecimento, não. A gente gostava muito, me lembro muito, ninguém se queixava, ninguém falava, “ah, já vêm esses estagiários pra diminuir o nível de aula”. De jeito nenhum, muito pelo contrário, ficavam lá os inspetores, lá no fundo, e os outros todos assistindo as aulas, era durante um mês, acho que era durante o mês de setembro.

D - A senhora disse que Marta Dantas era respeitadíssima.

S - Respeitadíssima.

D - Qual era a relação dela com o Colégio?

S - Ela era a professora de matemática em algumas outras séries, não sei se era no científico.

D - Então ela circulava pelo Aplicação?

S - É, é, científico... e, a Eva mesmo, a admirava muito e aprendeu bastante com ela. Não sei... Diogo, se era uma coisa assim de talento... a gente fala muito hoje das inteligências múltiplas... eu tenho essa frustração de não ter sido ajudada a desenvolver melhor as minhas abstrações, a minha capacidade de abstrair, porque eu sinto que eu tenho inteligência abstrata, vamos dizer assim, por quê? Porque, você faz outras operações, são operações matemáticas, isso eu sinto que eu sei fazer isso bem, não é? E... se tivesse sido ajudada na época eu teria... né? Eu teria tido muito menos dificuldade até na minha profissão, porque quando eu fiz doutorado, na Universidade de Munique, você escolhe três áreas, e eu era a única no meu doutorado – quer dizer, nos éramos poucos também, umas quatorze pessoas, no final

sete no final só quem concluiu foi eu e outro colega alemão – que tinha uma combinação só de ciências humanas. Eu era a única. Todos os outros tinham combinações assim: lógica, informática, estudos da linguagem, ou então, que eles... – os estudos da linguagem, na área que eu escolhi fazer lá, eram muito, assim, ligados à teoria de conjuntos... à lógica simbólica e tudo, e eu tive que estudar tudo isso, tive que estudar, aí senti falta, aí tive que tomar aulas individuais com estudantes, com vários colegas, em vários momentos, nos seis anos que eu me dediquei a isso, eu tive que me enveredar e, aí realmente, fez falta esse raciocínio mais abstrato, que conduzia pra matemática, né?

Tinha gramáticas, quer dizer, a gente tinha que desenvolver o entendimento de uma linguagem mais exata... e matemática é pra você descrever regras, né? Pra você descrever as línguas do mundo através dessas regras... e toda a abstração era feita com a auxílio da lógica simbólica e da matemática.

Meu professor era matemático, meu orientador de tese foi da matemática, ele era matemático e linguista, então, tinha horas nas minhas aulas que praticamente me parecia que tava só lidando com equações e teoremas e tudo...

Meu livro de teoremas eu perdi, uma das grandes frustrações... uma das grandes lembranças tristes que eu tenho.

D - Do mestrado?

S - Não, não. Do ginásio. Eu tinha um livro que eu fazia comigo mesma, toda descrição dos teoremas e todas as... as... Eu tirava as dúvidas e colocava, assim, ao lado e eu me explicava a mim mesma, porque eu tinha que entender em prosa, meu entendimento tinha que ser em prosa, entendeu?

[...]

D - Tinham teoremas na escola, tinha esse conteúdo de matemática?

S - É, é, é.

D - Que mais tinha na escola? Teoria de conjuntos que a senhora fez falta, mas teve na Escola?

S - Teoria de conjunto eu não estou lembrada se a gente chegou a estudar, porque foi uma coisa que foi nova, que foi introduzida depois, mas aí só outro colega pra esclarecer. Mas eu me lembro de teoremas, eu me lembro de álgebra, me lembro de

muitos problemas ligados a algoritmos... e aritmética também, cálculos, tá me entendendo?

D - A senhora lembra de algum assunto específico de matemática?

S - Me lembro de... De equações, que eu fiquei muito bem, muito bem, ao ponto de eu ter feito uma vez uma prova – deixa eu ver, foi da terceira série, que eu não tô me lembrando bem... eu só as salas – então, quando eu recebi a prova tava escrito oito e não tinha uma única correção, quando eu abri o olho, melhor, foi que eu vi a correção. Eu não tinha colocado nenhum sinal de igual na continuação não outra pagina... na outra linha. Eu botei igual e aqui eu não repeti igual. Foi a única coisa que eu errei, mas isso é um erro grave, mas eu não consegui dimensionar isso, só achei injusto, porque eu teria tirado dez se não fosse isso, entendeu? Aí teria sido pra mim... tanto que eu...

[...]

S - A glória! tanto que eu me lembro disso como frustração até hoje, foi terrível! Porque foi um momento não só que eu gostei da matéria, como também gostei... Às vezes meu filho tá tendo aula de matemática, eu fico na sala me lembrando – ouvindo o professor –, quando o professor faz alguma a ele, eu respondo... de coisas que ficaram na minha mente...

Mas esse eu não consegui esquecer, aí eu fui protestar a essa professora Eliana. Ela fez assim:

“– Devia ser zero.”

“– Mas eu só esqueci os sinais de igualdade!”

Ela fez:

“– Mas você esqueceu do mais importante.”

Então, era muito severa, nesse sentido. Porque eu acho que poderia ter tido, assim, um ponto de consideração... De dizer, “olha, aqui isso não é válido, isso é tudo errado, no momento que você não botou o sinal de igualdade, mas você entendeu”. Quer dizer, eu sabia que tinha que colocar, não foi nada, assim, erro de cálculo ou algo que fosse mais sério. Podia ter tido...

D - Eles eram muito rigorosos com sinais, com símbolos?

S - Bastante, bastante. Não podia escrever de lápis, tudo... Se você fizesse uma questão a lápis não era considerada, não. Se você esquecesse de passar o rascunho a limpo, não desse mais tempo de você passar do rascunho pra aqui, também não era considerado – pra folha de resposta –, isso eu me lembro bem que a gente tinha muita pressão, muita pressa pra passar logo tudo do rascunho pra prova e, no entanto, hoje, aqui até em prova de seleção pra pós a gente considera, poxa. Você vê que a pessoa respondeu, tá lá no rascunho. A pessoa sabe, o que me interessa saber é se a pessoa domina o assunto, fez a reflexão, tá lá tudo.

Não houve tempo, só. Isso não existe. Você, por uma questão de tempo... não tô querendo fazer picula de tempo com meus estudantes.

D - A senhora, eu acabei lhe perguntando essa questão do símbolo, porque... a falta da igualdade representava um erro que poderia ser gravíssimo, então, era muito rigorosa a formalização matemática na escola?

S - Era sim.

D - A senhora lembra de mais algum episódio em que poderia citar de rigor de...

S - Não, não... Acho que foi esse oito aqui.

Não, foi um oito depois de notas baixas – deixa eu ver se foi na quarta série, se eu me lembro bem. Ah não, foi segunda, deixa eu ver se foi isso aqui.

Aí, teria sido tão bom se eu tivesse tirado aquele dez, poxa vida, é que eu me esforcei bastante.

D - Essa época a senhora estava estudando com alguém, fora da escola?

S - Não. Foi mérito próprio mesmo... Aqui, tá vendo? Foi esse oito aqui.

D - Em que série foi?

S - Isso aqui foi na quarta série. Tá vendo? Cinco, cinco, cinco, tanto que eu não consegui a média por causa disso. Esse oito aqui, aí eu fui no crescendo, tá vendo? Sete, oito, pronto. Aí aqui já foi a soma, já foi a última prova.

Olha minhas notas nas outras: dez, nove, nove e meio, nove e... oito e meio, sete. Porque esse português era muito gramática, nunca gostei de gramática, é isso.

D - O livro de matemática, a senhora lembra dos livros de matemática?

S - Não, não.

D - Mais alguma coisa da aula de matemática também? A senhora me disse por telefone que a senhora tinha péssimas lembranças de matemática.

S - É, uma delas foi essa. Me lembro da postura da professora, extremamente... – pra mim, né? Como eu a via, extremamente fria e indiferente.

Eu pedia ajuda pelo olhar... eu era muito assim.

Pelo menos pra mim, pelo menos... Eu nunca a comovi, nem a demovi dessa postura estática dela, né? Competentíssima eu a achava, porque ela não...

Ela ganhava o respeito da turma. Quem não era competente a gente percebia logo, né?

Uma ou outra vez em português a gente chegava a humilhar um pouquinho a professora... Mas, de matemática é só isso mesmo.

D - Teve um termo – a senhora falou que tinha uma matemática que chegava – a senhora lembra do termo “Matemática Moderna”?

S - Lembro, que incluía teoria de conjuntos.

D - Vocês estudavam isso?

S - Eu não me lembro de ter estudado isso, não. Mas, incluía, né? Isso eu me lembro.

D - Lembra de quê? Ouvia isso onde?

S - No colégio... mas eu já tava terminando o ginásio, acho que a gente não pegou Matemática Moderna, não, já minha irmã pegou, há uma diferença de sete anos entre mim e ela, eu tava terminando já o clássico e ela...

D - Ela tava entrando na escola...

S - É, exato.

D - [...] a coisa da ação política também foi muito marcante na escola...

S - Bastante, bastante.

D - [...] a senhora foi a que mais me apontou pra um elemento que... a movimentação política externa à escola interferia na escola.

S - Com certeza, nós éramos crianças. Hoje quando eu vejo meu filho, dezessete anos, não tem a menor maturidade apesar de conviver comigo... a menor maturidade pra debater questões políticas...

A gente se interessava extremamente por países como a Albânia, Rússia e China... a gente devorava aqueles livros todos de depoimentos de pessoas que estiveram nesses lugares e voltavam, porque a gente tinha muitos professores engajados politicamente, o próprio Valdir Oliveira, em geografia, a própria Idalina Azevedo, que era minha professora de alemão e professora de literatura da minha irmã, e vários outros, então a gente tava o tempo todo, né?

Além dos estudantes, nós éramos a Grande Faculdade de Filosofia e tudo funcionava no mesmo prédio.

D - A senhora acompanhou a mudança pro Canela?

S - Acompanhei, foi o último ano. Eu ainda vim pro Canela.

D - Como foi essa mudança, professora?

S - Olha, nós gostamos sim, porque estávamos mais perto do Campus do Canela, em frente aos Maristas – a gente tinha muita competição com os Maristas – mas, principalmente, porque estávamos no campus da Universidade – a gente tava isolado lá em Nazaré – então, Nazaré dialogava mais porque... Toda vez que a polícia baixava lá, pra procurar coisas dos estudantes e tudo, quem telefonava pra gente era Economia, que tava ali na Piedade e via os camburões saindo lá da Secretaria de Segurança Pública, né? Então, já dizia logo: “olhe, tão indo pra aí”. Uma parte sumia com livros, outra parte escondia os meninos que estavam sendo procurados... a colega mesmo, E., ela foi expulsa da Universidade Federal no segundo ano, ela participou muito ativamente da política e terminou Letras na Universidade Católica. E todos aqueles outros, o R. mesmo...

D - A senhora também foi bem engajada nesse...

S - Todos nós participávamos mais ativamente ou menos, mas todo mundo ficava sabendo de tudo o que estava acontecendo no país, tanto que eu chamei muita atenção quando eu fui – eu tinha, meu Deus, dezessete ou dezoito anos – quando eu fui estudar na Alemanha, minha irmã foi para os Estados Unidos, eu fui pra Alemanha e meu irmão quis ficar aqui mesmo, mas foi pro interior, ainda estudante de arquitetura foi trabalhar com um arquiteto chamado Zanine, que na época tava construindo muito por ali, pela região de Nova Viçosa.

[...]

Eu já falava alemão, então eu já sabia dizer... eu encontrei muitos exilados lá em Munique, muitos. De jornalismo, gente que já tinha estado na Suécia, mas por ser um país muito caro resolveu migrar pra Alemanha, gente de Sociologia, de Ciências Políticas... Essas pessoas todas circulavam, eu era muito jovem pra estar com esses meninos mais velhos, já com uma carga política tão forte, com uma atuação política tão forte que já tinham até sido exilados do país, então... entendeu?

No meu bairro, em Nazaré, eu me lembro que a gente falava daqueles meninos... Teve um que foi até morto, Vladimir... esses líderes políticos todos...

Eu conhecia gente que conhecia essas pessoas, né? que atuavam mais naqueles encontros estudantis, que foram praticamente delatados pra polícia e muitos foram presos e torturados, porque o R. e o irmão dele, com o qual eu tive um namorico, eles eram oficialmente do Partido, do Partidão... fizeram amigos no Partido e, meninos assim, de dezesseis, dezessete anos, né? Por isso que eu digo se meu filho, de dezessete anos, ia cogitar a pertencer a um partido político, isso na época era muito comum, de você ter esse engajamento.

[...]

S - Você sabe que tem as corujas, né? Eu ganhei coruja de prata.

D - Coruja de prata era o quê?

S - Quem cursava o Aplicação inteiro, eu tenho isso na minha casa, as meninas também têm, coruja de bronze é pra quem só tinha feito uma parte, por exemplo, quem entrou depois, ou quem fez só um ano, entendeu? Aqui é uma medalha.

D - Aqui é uma medalha da Faculdade de Filosofia.

S - É. A gente usava essa medalha, já quebrou aqui atrás.

D - Era o que? um broche?

S - Era um brochezinho e a coruja de prata, todo mundo que fez o Aplicação inteiro, como eu, ganhou a coruja de prata.

D - A senhora ainda tem?

S - Tenho, tenho.

[...]

S - [...] Olha, o prêmio que ganhei, por exemplo, de geografia, não tenho mais. Eu me

lembro que foi maravilhoso, foram dois livros, um foi de Roger Bastide, que foi um francês que veio pro Brasil e deu aula de geografia. Era assim... Brasil, o país do futuro ou Os dois brasis, são obras famosas... Ou é um título ou é outro, Brasil: o país do futuro ou, então, os dois brasis... Um foi de Roger Bastide, e o outro foi de um antropólogo famoso também que ensinou na USP por vários anos, mas eu tô esquecida agora, morreu também não tem muito tempo, uns três ou quatro anos...

[...]

D - Essas visitas, essas convocações do SOE estão relacionadas a quê? Encontrei aqui olhando sua cadernetinha aqui.

S - Teve um caso de indisciplina, você viu? A aluna não se comportou...

D - “A aluna deve vir no dia seis do nove de 61, às 14 horas. para atender solicitação do SOE”

S - Às vezes eram... teste vocacional, não me lembro direito, uma vez o psicólogo foi lá atender um a um...

Uma vez eu tava, assim, muito triste com a morte do meu avô, depois com a morte de minha avó.

D - Essas questões afetivas, emocionais do aluno também eram trabalhadas?

S - Eram sim, eram.

D - Indisciplina também eram eles que avaliavam?

S - Sim, sim.

D - A senhora já foi chamada alguma vez pra ser avaliada?

S - Fui, fui. Tem anotado na caderneta que meu pai assinou dizendo que a aluna não se comportou bem na aula de [incompreensível], parece. Tá vendo aqui, “Nas normas do Colégio, no item 16 diz: O aluno é obrigado a comparecer às atividades extra-classe e a tomar parte nas mesmas, quando designado pela diretoria.”

D - Tinha que pagar anuidade no Colégio?

S - Pagar o quê?

D - Anuidade do Colégio. Tinha alguma taxa?

S - Não, era só... Nada, era de graça o Colégio. A gente pagava só o grêmio.

D - Aqui tem anuidade escolar...

S - É, mas eu não me lembro o que era isso, só que não era um Colégio...

D - Não era mensalidade da escola?

S - Não sei o que era isso, não.

[...]

D - Não faltava aula de matemática?

S - Não.

D - Oxente, mas a senhora não gostava, por que não faltava?

S - Não gostava, mas não faltava porque era uma questão de honra.

D - Tinha alguma implicação faltar alguma aula dessas de matemática? Tipo, atividades que valiam pontos?

S - Não porque a gente tomava assim...

Não, não tinham, não, essas coisas intermediárias assim não. Eram provas mesmo, pontuais.

Tinham várias no Vale do Canela, no Centro Cultural, Cultura Hispânica, Casa da França e a gente não pagava nada por essas línguas todas.

D - O estudo de línguas era fora.

S - Não. Era dentro e fora, nesses centros culturais que eram subvencionados pelos seus respectivos governos, né? O Centro de Cultura Hispânica mesmo ia gente só pra [incompreensível] como o ICBA, a Aliança Francesa, isso tudo era, com exceção do ICBA, isso tudo era dentro do Campus do Canela.

D - A senhora estudou grego, né?

S - Era no próprio Colégio, na escola, com a Nilda Castro.

D - Mas ela era eletiva.

[...]

[agradecimentos]

Entrevista: Eduardo José Santiago da Silva (E)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 1: 51'25''

Salvador, 05 de dezembro de 2010

Local: Casa do entrevistado

[...]

D - Senhor Eduardo, eu queria que o senhor me contasse suas lembranças do Aplicação.

E - Olhe, lembranças não são o meu fraco, eu tava até brincando dizendo que essa entrevista é um complicador pra mim porque eu não tenho boa memória, eu não consigo lembrar de muitas coisas. Mas, enfim, eu fiz Aplicação durante sete anos, né? De 62 a 68 e... brinco, às vezes, dizendo que a coisa mais importante que aconteceu em minha vida é o tempo do Aplicação, 7 anos de Aplicação. Depois eu fiz duas graduações, fiz direito e fiz história, fiz um mestrado em administração, mas nada disso foi tão marcante pra mim quanto o Colégio de Aplicação. Talvez a fase, também você tá na adolescência, as coisas marcam muito fortemente em você.

Mas, tinha um conjunto de coisas interessantes, novas e tal... gente muito interessante, né, e que você com aquele convívio, você, digamos, ia se formando de alguma maneira, né? É no Aplicação que eu comecei a fazer política em minha vida, fiz isso quase 40 anos na minha vida, de militância política e tal. Entrei no Partido Comunista Brasileiro no Aplicação, em 67. É no Aplicação que eu passo a me interessar por um conjunto de leituras, literatura brasileira que sou muito... porque algumas coisas que são muito fortes pra mim no Aplicação são as áreas, são as coisas ligadas a área de humanas porque, eu na verdade, quando eu fiz teste vocacional, ainda no Aplicação, nas conclusões do teste vocacional, a mulher que fez o teste disse assim: “Ah, você pode fazer qualquer carreira da área de humanas ou qualquer carreira da área de artes”, aí eu gargalhei e ela, “por que isso não lhe agrada?” “Não, me agrada, mas é uma coisa que eu já sabia, não precisava levar um tempo enorme pra fazer um teste vocacional pra saber isso”.

Eu nunca fui aluno interessado e bom aluno em matemática, nessas áreas, né, de ciências e matemática. Então foi profundamente marcante pra mim o ensino de português no Aplicação, era excelente, né? Talvez a professora mais importante da

minha vida tenha sido a minha professora de português, Zuleica Barreto, pessoa extraordinária, me deu aula por quatro anos, eu a adoro até hoje, também, foi forte pra mim história, eu acabei fazendo história, um delírio adolescente, que eu digo na brincadeira, eu comecei fazendo direito, abandonei e fui fazer história, fiz quatro anos de história, que era um pouco o vínculo que eu construí aqui com história e com... com história do Aplicação, com Anice, professora de história do Aplicação, Anice Atta, foi decisiva pra mim, até hoje eu tenho imensas recordações, o ensino de espanhol que eu fiz no Aplicação durante dois anos, primeiro e segundo anos de clássico, sobretudo, porque o semestre inteiro, inteirinho, a leitura que a gente fazia para o aprendizado na língua espanhola era Lorca, era Federico Garcia Lorca, então, era uma coisa extraordinária pra mim, até hoje eu tenho coisas de Lorca, até hoje eu sei poemas de cor, por conta disso. Então, foi forte demais, foi marcante na minha... na minha formação, o Aplicação, né?

Era um colégio diferente? Provavelmente sim, mas era um colégio, digamos, de reduzida, era um dos problemas do Aplicação, ele teve reduzida articulação com o conjunto dos outros colégios, eu acho, né? Era um colégio muito pequeno, portanto, tinha peso muito pequeno no movimento estudantil, em geral, diante de colégios como o Central, ICEIA, Severino, etc., etc., tinha um espaço muito pequeno, né? Eu me lembro que quando eu comecei a me interessar por isso, quando eu entrei em grêmios no Aplicação, quando eu me envolvi com política, o Aplicação era um detalhe, só não era um detalhe total, porque algumas pessoas do Aplicação, sobretudo, uma geração, – uma geração... antes fosse –, o pessoal que veio um ano antes de mim ou dois anos antes de mim no Aplicação, esse pessoal tinha uma influência intelectual dentro do movimento estudantil, era o caso de N., hoje professora da USP, foi professora da UFBA um bom tempo, em sociologia, hoje está na USP, que era uma figura de uma extraordinária inteligência e tinha uma influência razoável no movimento estudantil nos idos de 67 e tal... por conta da formulação, da capacidade de formulação, né, junto com uma figura que era do Central, que era comunista na época que é C., que é jornalista e publicitário durante um tempo e tal... Então, Ele tinha essa característica, Ele ficava, meio isoladinho, né, talvez, isso não foi... não nos permitiu uma coisa mais intensa de relações, eu acho, porque o Colégio de Aplicação, você sabe também, né, quer dizer, quando eu entrei no Aplicação em 62, era um colégio tão pequenininho que só entravam 30 pessoas, eles faziam o

admissão para 30 vagas.

Na sequência, não me lembro quando, não me pergunte quando, o Aplicação dobrou isso, passou a ter sessenta vagas, mesmo assim um colégio extremamente pequeno, não é? Pequeno ao ponto de, você entra em 61, eu entrei em 62, e eu me recordo, tive relações de amizade com pessoas que estavam em quatro ou cinco anos na minha frente porque o espaço físico, era o da Faculdade de Filosofia, da velha Faculdade de Filosofia em Nazaré, o espaço físico pequeno, as turmas pequenas, etc., lhe abriu um convívio com gente bem mais velha que você – bem mais velha, quatro, cinco anos mais velha que você e gente que tava chegando no Aplicação –, então, eu tenho amizade no Aplicação de gente que tava quatro, cinco anos na minha frente, um cara que morreu, muito recentemente, A., morreu em SP, que era uma figura com quem eu me dava bem e tal, né, e vi coisas... extraordinárias no Aplicação, de rebeldia, de gente que é quatro anos na minha... depois de mim, a turma que vem, sei lá, com J., com C., com o M., é... com o P., que é professor da UFBA hoje, né, que foi meu professor tempos depois, P. Então, tinha essa característica, o Colégio tinha um pouco essa característica de construir relações entre pessoas de idades diferentes e tal, né, e era um negócio extremamente forte.

D - Por que o senhor avaliou como um defeito essa... por que?

E - Porque era pequeno, né, é um defeito, você quer saber porque que eu leio isso como um defeito.

D - Sim.

E - Eu acho que isso não nos deu, por exemplo, uma relação forte com o momento estudantil da época, teve uma relação fraca, quer dizer, enquanto Colégio é que eu tô falando, participávamos disso de uma forma... participávamos sim, participamos sim, mas essa participação era bem menor, por exemplo, do que ocorreu em outras plagas, em outras escolas públicas estaduais, sobretudo ainda, escolas públicas estaduais, que tinham um contingente, uma mobilização, infinitivamente maior, caso específico do Central, caso específico do Severino, foi um colégio com quem eu convivia aí, por força da militância política, durante um tempo, e que tinham, formaram e tinham um movimento estudantil extremamente efervescente, nós não tivemos isso, eu acho que não tivemos isso, tão intensamente quanto... acho eu, quer dizer, o pessoal da minha época no Aplicação, alguns militaram, como eu militei, mas, eu diria que,

periféricamente ao movimento, na verdade, não com uma intensidade ou peso que os outros tiveram...

Você pode buscar nomes do movimento estudantil, daquela época, anos 60, né, 67, 68, por aí, anos... aquecidos do momento estudantil, né, até dezembro de 68, quando o AI-5 derruba tudo, mas até esse período, 67, 68, são períodos... 66 até 68, era o enfrentamento do... de mudanças na... na área de educação e tal, MEC-USAID, aquelas coisas, então, era reforma do ensino aqui... então, essas coisas o Aplicação tem uma participação, nós íamos participar, mas era menor, menos intenso do que das outras escolas, se você pegar grandes lideranças do movimento estudantil, da época, você vai encontrá-las no Central ou no Severino, em geral, certo, é... sei lá, é S. um pouco antes de mim, C. S. é... que tem uma participação grande porque fez um texto, em 66, né, um texto teatral que foi proibido, enfim, daí detona o movimento secundarista de novo, é o caso de S. G., hoje ... da Petrobrás, D., é o caso de M., que eu não me lembro mais o nome de M... o povo chamava na época de M. pão, é o caso... é o caso até de R., A. R., escritor, antropólogo... então, tem essa característica, que talvez possa ser uma leitura de quem era pequeno, mas, talvez, alguns façam uma leitura de que era um colégio mais isolado ou, talvez, elitista. Que tem essa marca, né, muita gente impunha essa marca ao Colégio de Aplicação, que é falsa, né?

[...]

E - Eu acho falsa, elitismo em que sentido? No sentido social? No sentido econômico? Se for esse o sentido, tá errado. É um equívoco... porque a minha turma não era nada disso, a turma que entra em 62 no Aplicação, comigo, não tem nada disso, você não vai encontrar ninguém na minha turma, provavelmente, ninguém na minha turma, que fosse de estratos sociais elevados, não vai, você vai encontrar classe média, classe média-média e classe média é.. mais baixa, até, você vai encontrar, se você quiser, certo? Você vai encontrar um estrato em minha turma, lhe mostro toda ela, você vai encontrar pessoas que moravam, pra lhe dá uma ideia, pra te localizar, você não é de Salvador, mas pode se localizar, que morava em Nazaré, morava em no Boulevard America, no Boulevard Suíço, moravam no Desterro, quer dizer, Z. morava no Desterro, mas eu morava no centro da cidade. M, colega minha, colega minha até o terceiro ano colegial, morava no Caminho de Areia, na Cidade Baixa, um bairro tipicamente de classe média-média, classe média baixa, é... quem mais... deixe-me ver... tenho aqui, eu tirei essa lista, ah... enfim, nessa faixa, você não tinha

ninguém que dissesse assim, são figuras que vieram de estratos elevados, são figuras da burguesia baiana, ou figuras da aristocracia baiana, não tinha, nesse momento, não tinha, pode ser que posteriormente o Colégio tenha se caracterizado por isso, porque como ele se afirmou muito como um colégio de qualidade, de bom ensino, etc., etc., então, isso pode ter atraído uma fatia, não é? Mas, mesmo essa atração, talvez ela tivesse, tivesse barreiras, no sentido de que muita gente fazia uma leitura do Colégio de Aplicação como um colégio muito liberal... como um colégio é... onde, digamos, novas formas de comportamento estivessem sendo incorporadas, relativo isso, era um pouco relativo, não diria que era um colégio careta, mas também não era um colégio avançadíssimo, não.

D - O que o senhor chamaria de liberal no Colégio? O que tinha de liberal?

E - Nós vivíamos numa época, quer dizer, esse período, os anos 60 e que vai e invade os anos 70 é... esse período é um período, efetivamente, de novos comportamentos, de novas formas de relacionamento é... que substituem completamente as gerações anteriores a nossa, certo? Ou seja, o que são gerações anteriores a nossa? São gerações, normalmente, que se iniciam sexualmente é... nos puteiros da vida, né, que se iniciam com prostitutas, etc., etc., nos anos 60 passa a ter um outro tipo de caminho, né, as pessoas passam a ter relações sexuais é... com namorada ou namorado, certo? Ou seja, passa a ser um outro patamar, um outro patamar, um novo e maravilhoso patamar, certo, onde as pessoas passam a se conhecer um pouco melhor e, ao mesmo tempo, é um Colégio, digamos, onde as pessoas tinham, tinham... acesso a um conjunto de informações... tá duro de chamar, mas vamos chamar, né, vamos chamar de esquerda, assim dito, né, não se corresponde muito ao que a esquerda foi se transformando ao longo do tempo, mas de esquerda, ou seja... talvez ali estivesse contido e ali estava contido, talvez não, com certeza estava contida uma crítica social intensa, o Colégio trabalhava muito nessa linha, quer dizer, enxergar o mundo criticamente, enxergar a sociedade criticamente e, até digo mais, caminhar num processo, que eu digo que é marcante no Aplicação, que é um processo autocrítico muito forte.

Quando eu fiz mestrado, na seleção do mestrado, na entrevista final da seleção do mestrado, uma das pessoas que me entrevistou era um ex-aluno do Aplicação, não foi da minha época, saiu antes do mim do Aplicação, deve ser uns dez anos mais velho que eu, suponho, né, que é I., professor de arquitetura, ele foi uma das pessoas que

me entrevistou e uma molecagem no final da entrevista, a entrevista já estava concluída, ele fez uma brincadeira: “você foi do Aplicação, não foi?” eu disse, “fui e você também, né?” Ele disse “qual era a melhor característica, sua melhor qualidade?” – essas maluquices –, aí eu disse “olhe, I., a minha melhor qualidade talvez seja meu maior defeito, né, eu sou muito autocrítico...”

Eu acho que o Aplicação ajudou muito a isso, que é para o bem e para o mal, né, você se repensa tanto, às vezes, que arrisca pouco, eu fiquei um pouco assim, eu sou um pouco assim. Essa coisa autocrítica fica muito forte em você, então, eu acho que o Aplicação forma isso, forma o sentido crítico agudo, que acaba se transformando num sentido autocrítico agudo, e tal... né, que eu acho que é legal, não me dispenso dele, não. É isso.

D - Como é que essa formação crítica era trabalhada, em quais esferas isso acontecia dentro do Colégio?

E - Em tudo, em tudo, né, nessas disciplinas que eu fiz referência pra você, por exemplo, né, no curso de português, por exemplo, eu pego o curso de português do Aplicação, porque esse eu me lembro bem! Você tinha seis aulas de português por semana e você tinha leitura permanente e leitura em sala, né, você tinha texto pra ler, o tempo todo, quer dizer, eu sou cinco anos mais moço que a minha irmã do meio que estudou no Instituto Feminino da Bahia, sabe onde fica? Ali no Politeama, uma casa... sabe onde fica o Politeama? Centrão, rapaz, perto do Campo Grande, era um colégio das mocinhas de classe média, etc., etc., e minha irmã, coitada, sofria e odiava português, por que? Porque o ensino que ela fazia de português era um ensino em que ela tinha cadernos específicos pra fazer análise sintática, você sabe o que se trabalha em análise sintática? Sabe, né, essa coisa chatérrima que era análise sintática, você ficar descobrindo ao estilo latino, certo, o que é sujeito, o que é predicado, o que é não sei o que... o que isso, o que é objeto direto, objeto indireto... e era isso, cara. Ou seja, a frase perde força pra você, não é o entendimento da frase que tá valendo, é a, digamos assim, é a repartição da frase em pedaços e as funções daquele pedaço. Não tô dizendo que isso não te ajuda a escrever e a ler, não. Mas não é o essencial, eu acho que não é.

Então, o Aplicação trabalhou o tempo todo no ensino de português, trabalhava o tempo todo com leitura e muita redação, então, você lia e escrevia o tempo todo,

você lia e comentava texto, você lia e redigia, sempre isso, né, e muito pouco, eu diria, o suficiente, a gramática classicamente pensada, né, então, o que era isso, isso lhe dava acesso a um conjunto de cronistas e contistas, famosos na época, não sei se até hoje são famosos, né, que você lia permanentemente, então, você, necessariamente, você tinha que ler Fernando Sabino, você tinha que ler Drummond, você tinha que ler Vinícius, você tinha que ler Machado de Assis, contista, você tinha que ler Rubem Braga, todo o tempo da tua vida... e passava a ler poemas.

Como a gente convivia na Faculdade de Filosofia, eu peguei cinco anos do Aplicação em Filosofia, então, você tinha acesso, inclusive, a imensa biblioteca de Filosofia, onde tinha o Instituto de Letras, o atual Instituto de Letras, porque o curso de letras era parte da Faculdade de Filosofia, certo? Era parte, ou melhor, era parte da Faculdade de Filosofia e você tinha acesso a uma puta biblioteca, que era aquela biblioteca de Nazaré, você tinha acesso a todas as antologias poética publicadas na época, todas, eu li todas, por exemplo, todas, desde Alphonsus de Guimaraens, o velho, Alphonsus de Guimaraens pai, Alphonsus de Guimaraens Filho, a gente foi lendo tudo, até... e vai... isso vai lhe dando o que? Todos eles, ou muitos deles, em geral, tinham uma visão crítica intensa e você vai acompanhando um pouco isso.

Então, o ensino de português tinha essa característica, o ensino de história tinha muito essa característica, com um viés de esquerda, com um viés marxista, digamos, ou quase marxista ou pretensamente marxista ou, como dizia um velho professor meu, recentemente falecido, em história, ele foi professor da USP, depois, é... “com um marxismo vulgar”, como ele gostava de dizer, me acusou disso uma vez, isso não nos impediu de sermos amigos, não, mas, é... então, tinha esse viés claro, claro, claro, né, quer dizer, eu fiz sociologia, porque eu fiz clássico, então, você fazia sociologia, você fazia filosofia, então, eu fiz filosofia, por exemplo, um ano de filosofia na Escola de Aplicação, no Colégio de Aplicação, e um dos livros que eu utilizei, tá até hoje aí guardadinho, é um livro de Roger Garaudy, que foi um marxista francês, depois no final da vida ele acabou abrindo, saindo, ou tentando fazer uma ponte entre o marxismo e o cristianismo, e tal... mas, Roger Garaudy foi militante comunista, militante do Partido Comunista Francês, ele tem um livro, mais ou menos famoso, chamado *perspectivas do homem* em que ele trabalha exatamente com isso, o marxismo, o existencialismo e o cristianismo, são três blocos, o livro dele. Esse era um livro de leitura, pra você, né, um livro de um comunista francês,

conhecido como tal, reconhecido como tal, então, isso te dava uma, digamos, te dava uma... uma visão crítica de mundo muito intensa, eu acho, para o bem e para o mal, depois a vida foi provando que muito equívocos estavam nesse terreno de esquerda, mas era o momento também, né, o momento da ditadura, eu pego o Aplicação de 62 a 68, então, eu saio do Aplicação exatamente no pior momento da ditadura brasileira, é um momento que começa a partir de dezembro de 68, quando eu entro na faculdade, em 69... é um caos absoluto, você tem um caos completo...

[...]

Então, e... a Escola completamente desarticulada, politicamente ela tava um desastre, né, porque eram 26 lideranças que tinham sido afastadas da Escola, então, você pega um período, quer dizer eu pego um período, eu vou pegar um período, 66, 67, 68, no Aplicação, que é ditadura, mas que ao mesmo tempo, é a ditadura no momento em que há, também, uma movimentação na sociedade no sentido de questionar essa ditadura, né, de... opor-se a ela, que dá em 68, dá em dezembro de 1968.

Então, o Colégio tinha muito essa característica, né, eu não posso te falar, Diogo, e aí... você me disse que a sua tese pega o ensino de matemática, aí é um território que eu não sei falar, porque como eu não fiz científico eu não sei nem o que é matemática, eu sei o que é aritmética, serve?

D - Como é era a estrutura do Clássico?

E - Como era como?

D - Das disciplinas, das aulas...

E - Das disciplinas você tinha era... você tinha duas línguas estrangeiras, você tinha que estudar inglês e espanhol, inglês e francês, no caso eu fiz a opção inglês e espanhol, ou alemão, tinha alemão também, tinha alternativa de alemão, é... você tinha língua portuguesa e literatura brasileira e portuguesa separados, você tinha filosofia, você tinha sociologia, você tinha história, você tinha geografia, você tinha as disciplina, hã...

[...]

isso compunha o que? Isso compunha um elenco de disciplinas que eram exigidas para quem fazia carreiras na área de humanas, de artes, ou de letras, certo? No científico você tinha oferta de disciplinas que eram necessárias para o vestibular da

área de exatas ou da área de biomédicas, tá, isso eu não fiz, eu fui fazer, exatamente, aquilo que seria o que era, o que foi o... um vestibular diferente, completamente diferente do teu.

O que foi o meu vestibular? Eu tinha quatro disciplinas só no meu vestibular, apenas quatro disciplinas, eu fazia português, uma língua estrangeira, história e geografia. Quando eu fiz, história e geografia, não, não, perdão... história, geografia e sociologia, em direito, isso em direito, quando eu fiz história, que eu fiz um novo vestibular, né, eu fiz vestibular em 68, entrei em histó..., não, entrei em direito em 69

[...]

Enquanto que na área de biomédicas, por exemplo, o cara ia fazer química, não sei se fazia física, nem lembro, provavelmente, não, o cara fazia química, biologia, português, uma língua estrangeiras, suponho eu, mas não tenho certeza. Se alguém fosse fazer área de exatas, tua área, ele ia fazer matemática, física, fazia química? Não sei, naquela época, se fazia química, fazia português, com certeza, talvez fizesse química, não sei, enfim... era esse conjunto de disciplinas, então, o curso clássico tinha esse viés, eu sou a última turma, é o que eu lhe disse no telefone, eu sou da última turma de clássico, certo? Clássico, nessa divisão clássico e científico, a turma que vem depois da minha no Aplicação é a turma de Bice, que você entrevistou, certo? Bice é exatamente dessa turma, é... e essa turma já foi voltada para o chamado vestibular unificado, que é o vestibular de... era o vestibular de que? De setenta e... 72? Não, não é 72, não é 70, não, é 72, é 73... que aí aparece aquela coisa, como é que chamava aquilo? Tinha um nome, ciclo básico, tinha uma coisa chamada de ciclo básico, né? Você entrava, fazia um conjunto de disciplinas, o mesmo conjunto de disciplinas, na área de humanas nego fazia sociologia, economia, filosofia, e não sei mais o que...

[...]

D - O Senhor me falou uma coisa que eu fiquei pensando...

E - Sim, diga.

D - Que a matemática que o senhor teve foi aritmética.

E - É. Chamo de aritmética, uma coisa bem simples.

D - Quando foi isso?

E - hum...

D - Isso o senhor tá falando se referindo a que? Quando diz isso?

E - Eu tô me referindo aos quatro anos de ginásio, que eu fiz, né? Eu tô chamando isso de aritmética, não sei nem sei se chamo com razão, pouco importa...

D - Tá vinculado, fique tranquilo.

E - Mas eu fiz...

D - O que é que tinha lá de matemática?

E - Não sei, sei lá o que é que tinha... nem me lembro mais...

D - Quem era sua professora de matemática no ginásio?

E - hum... é... tinha uma mulher pequenininha, nem me lembro mais o nome dela, acho que era Conceição, não lembro, minha memória é fraca, depois foi Zélia, Zélia Camelier, que me ensinou, acho que, terceira e quarta séries de ginásio, aí eu era péssimo aluno, você nem vai se lembrar, nem vai saber disso hoje... Naquela época, pelo menos no Aplicação, você não tinha quatro notas, você tinha sete notas ao longo do ano, não era semestral era anual, eram sete notas. Então, eu estreio na terceira série ou quarta, não me lembro... eu estreio, a primeira nota minha em matemática foi 2,75, de média, a segunda foi 4, essa eu me lembro muito bem, aí meu pai me chamou e disse “como é cara, não dá, né, desse jeito você vai... nesse caminho aqui você vai... pau, vai fazer um curso particular?” eu disse: “topo”. Como era... eu tinha uma certa facilidade em fazer isso, porque... o time... aí você conhece bem, você conhece melhor do que eu, o time que deu aula de matemática no Aplicação, inclusive chegou a publicar livros específicos, alguns livros de matemática, Martha Dantas, Martha Dantas fez livros de matemática aqui, né, e o curso de matemática no Aplicação tinha o dedo de Martha Dantas, que ensinava no Aplicação e ensinava no Severino, Martha era a grande referência e é... algumas pessoas que fizeram um livro com Martha, chegaram a ensinar, acho eu, não tenho certeza, mas acho que essas pessoas estavam, talvez, no curso de matemática da UFBA na época, não sei nem se ele existia, existia?

D - Existia.

E - E aí foi possível, por exemplo, tomar um curso particular de matemática com uma figura que me dava aula na própria UFBA, aula particular, pagando, me dava aula na

própria UFBA, pegava uma salinha lá e me dava aula... que era... como era o nome dela, meu Deus? Maria Augusta? Maria Augusta Moreno, é isso?

D - Que era a professora do Aplicação, também?

E - Foi, foi professora do Aplicação, mas não foi da minha época, nessa época ela não era professora do Aplicação, ainda, mas me deu aula particular e foi um delírio pra mim, um delírio...

D - Delírio!?

E - Eu passei direto, cara! Um imbecil completo em matemática, eu passei direto e passar direto significava você fazer média sete, quer dizer, você tinha que ter nessas notas todas, fazer quarenta e nove pontos, fazer média sete pra poder passar direto e sem prova final e eu passei, graças a Maria Augusta Moreno, que era extraordinária dando aula, um monstro dando aula, né, era eu e ela, e tome exercício, de uma facilidade monstruosa, uma habilidade magnífica pra dar aula, eu e ela só, mas... que é uma coisa complicada, você já deu aula particular, algum dia na vida?

[...]

que é uma coisa complicada dar aula particular, né, uma relação muito forte, é você e a outra pessoa só, e ela conseguia fazer daquilo um negócio extraordinário, e eu consegui aprender aquela merda e passar, desculpe pela merda, viu? E passar, certo? E passei.

Então, foi super, foi o que eu me lembro de matemática, me lembro de Zélia... eu sempre achei que matemática a partir de um determinado momento, me desculpe esse pedaço, eu sempre achei que matemática, a partir de um determinado momento, girava em si.

D - O que?

E - Ela em si. Ela se basta a si mesma, eu sempre tive essa sensação, deve ser um equívoco monstruoso, mas eu sempre achei que aquela zorra, a partir de um determinado momento, ela perde a função pra a sua vida, eu não tenho porque usar aquilo mais. É diferente das operações mais simples da vida, somar, diminuir, multiplicar e dividir você aprende e faz a vida inteira, certo, sua vida inteira você vai fazer aquela zorra, certo, percentual, não sei o quê, você vai fazer a vida inteira aquilo, mas tem certas coisas que começam a viajar em matemática, pelo menos é o

que imagino, que eu acho que elas começam a se bastar a si mesmas, né?

D - O senhor lembra de alguma que lhe dava essa sensação de bastar a si mesma?

E - Não, não lembro, não, mas acho que essas coisas de grandes viagens, de integral e não sei o quê, logaritmo e não sei o quê, acho que bastam a si mesmos, eu fico sempre com essa impressão, não sei se é verdade.

D - O senhor estudou?

E - Que eu me lembre, não, se estudei... integral, com certeza, não, logaritmo não me lembro, não tenho ideia e, provavelmente, não, né?

D - O senhor disse que o pessoal tinha uma influência de Martha Dantas, que ela tinha um dedo lá...

E - Ela tinha um dedo, não, eu acho que ela chefiava uma equipe...

D - A sua professora fazia parte dessa equipe?

E - Qual professora, qual delas?

D - A do ginásio?

E - Diogo, Diogo... pura sensação...

Eu não sei, lhe confesso que não sei, se Martha tinha frequência no Aplicação, ia e dava aula no Aplicação, eu não sei. Pode ser que Martha desse aula, por exemplo, no curso colegial e eu não convivía com aulas de Martha, mas aulas, pra mim, foram dadas por...

[...]

e, depois, Zélia, com certeza Zélia, agora, Martha dava aula no Aplicação? Não sei, Augusta Moreno dava aula no Aplicação? Dava. Acho que deu ao científico, ao colegial, inclusive, acho que ela foi professora, inclusive, deu aula ao pessoal que foi da minha turma e que fez o científico, tenho quase certeza, mas, pra mim, pelo menos, a sensação é que existia um grupo de pessoas no Aplicação ensinando matemática que tinha uma certa coordenação, uma certa articulação e como Martha editava livros, coisa raríssima naquele momento, Martha, Maria Augusta Moreno, tinha mais alguém, tinha quatro pessoas...

D - Omar Catunda? Que era professor da UFBA?

E - Ah, é? Omar Catunda deu aula no Aplicação, não deu?

D - Não sei.

E - Suponho que sim.

D - É?

E - Eu tenho quase certeza que sim.

D - O senhor lembra de Catunda, de alguma coisa?

E - Pelo nome, o nome virou uma referência na Bahia, eu me lembro disso, o nome virou uma referência na Bahia, nas matemáticas, na matemática.

D - E o que o senhor lembra de Martha?

E - Nada.

D - O senhor apareceu com o nome dela, que ela coordenava...

E - Eu apareci com o nome dela, porque você lia, você estudava com os livros de Martha, um, dois, porque eu me lembro de Martha circulando pelo Aplicação, né, me lembro dela passar, era uma..., como é que eu chamo... era uma presença marcante a figura de Martha, entendeu?

D - É? Por que?

E - Primeiro, porque ela era uma coroa bonita, eu acho, na época, né, e, segundo, porque tinha o peso, pelo menos pra mim, idiota, na época, completamente, tinha o peso de que era ela a referência para o povo de matemática, para os professores de matemática do Colégio de Aplicação, Martha Dantas é a referência, assim como, por exemplo, em português, a grande referência foi, na minha cabeça, a grande referência foi Angélica, Maria Angélica Mattos, foi diretora do Aplicação durante um ano, e que era, ainda é, não morreu,... era uma figura de uma... era uma figura de uma... ali está uma figura de uma capacidade de, vamos chamá-la, palavra que talvez tenha o melhor peso pra mim, é uma figura extremamente democrática, é, Angélica... alguém que joga com as diferenças, que convive bem com diferenças, convive bem com a disciplina e com... com as rebeldias, nossas, eu tenho uma cena com a Angélica que é, pra mim, é memorável, em Nazaré, o velho prédio,

[...]

E - Então, o prédio de Nazaré é um prédio antigo, uma casa antiga... e o fundo dele dá

pra Fonte Nova, o Estádio da Fonte Nova, né? O fundo, que tem um prédio, um prédio, tem um prédio antigo na frente e tem um prédio... no fundo. Esse prédio, inclusive, funcionava a biblioteca da Filosofia, funcionava o laboratório de... como chamava aquele laboratório, Cristo? Laboratório de Rossi, Nelson Rossi, professor Nelson Rossi... pra estudo da língua portuguesa e tal, é... esqueci...

E aí um dia eu tô descendo as escadas que davam acesso ao fundo da Escola, a parte que dava pra Ladeira da Fonte Nova, a parte que ficava o Estádio da Fonte Nova, tava descendo eu e D., que era da turma de Bice, já morreu D., estávamos descendo num sábado de manhã, nós só tínhamos aulas até as dez horas, tinha uma outra coisa, não me lembro o que era que fazíamos lá, enfim, eu nós fomos descendo... e Angélica nos para no caminho e pergunta “o que é que vocês estão fazendo aqui?”, “nós vamos sair”, “mas os portões estão fechados” aí eu disse “eu sei, mas nós vamos pular o muro...”, “mas, como? o que é que vocês vão fazer?” “Dona Angélica, nós vamos ao cinema...” – lá onde hoje é o espaço Glauber, lá na praça Castro Alves – que na época era o cinema Guarani, e aí... “nós vamos ao cinema”, ela disse: “vocês não vão fazer isso?” Ela continuou lá em cima e nós continuamos descendo, pulamos o muro, saímos e fomos embora, e D. disse, “vamos nos [...], na segunda-feira vai sobrar pra gente...” Não sobrou nada, absolutamente nada. Não sei se isso é bom ou ruim, não sei, tá entendendo, pra quem é pai e avô, hoje, não sei se é bom ou ruim, mas fizemos e nada nos aconteceu, nenhuma advertência, nada. Essa capacidade Angélica sempre teve e tinha uma extraordinária, era uma extraordinária referência no grupo de português do Aplicação, talvez mais do que português, né?

No Aplicação tinha, Diogo, um curso de português extraordinário, um curso de inglês excelente. Por que nós tínhamos um curso de inglês excelente? Nós usávamos um livro de inglês que eu não sei de onde vinha, dizem que vinha do México, mas eu não sei se vinha. Nós usávamos um livro, que era um livro você retirava da biblioteca, hoje existe isso? Me parece que em algumas escolas, os alunos retiravam, faziam uso daquele livro durante o ano e, ao final, devolvia, então, lhe dava uma responsabilidade enorme, porque você tinha que devolver aquela zorra intacta, você tinha uma parte que você tinha um caderno de exercícios lá, mas o livro não era pra ser alterado, então, você devolvia e servia novamente aquele livro.

Tinha professoras de inglês excelentes, Terezinha Guimarães, por exemplo, foi minha professora, talvez, um ano, Terezinha Guimarães, que era extraordinária

professora e Raquel Krutman, que nunca mais vi, sei que hoje mora em São Paulo, o curso de espanhol era excelente, o curso de sociologia fiz com a professora Inaiá, que é professora da UFBA, hoje, acho que se aposentou, fiz com Inaiá, era um curso ótimo e tal... e, no meu tempo de ginásio, pra não dizer que não falei de outras coisas além das áreas de humanas e letras e tal, eu me lembro que tinha um curso de ciências, assim chamado, ciências, o que era isso, né? Ainda se chama assim, hoje, suponho eu, pra garotada, pro pessoal que tá no ginásio, né, é o que, talvez seja um pouco de biologia, um pouco de botânica, não sei exatamente o que é que eles jogam dentro, mas que era um curso super legal, eu me lembro da mulher... não me lembro o nome dela, uma mulher grandona... não me lembro do nome dela, mas era um curso legal, um curso que sempre tentava associar as coisas e tal com sua vida, com o cotidiano, muito legal o curso, eu gostava muito, é isso...

D - O empréstimo de livro era só de inglês?

E - Só, pra mim, o que eu vivi, foi só inglês, talvez pro pessoal do científico, na frente, talvez tenha tido, porque eles tiveram, os meninos do científico.

[...]

Mas, eu me lembro, por exemplo, quanto às figuras que ensinaram no Aplicação, na época, né... fazendo novidades completas no Aplicação, ele adorava, ele virou um mito no Aplicação, virou ídolo no Aplicação, era Felipe Serpa, que foi reitor da UFBA, Felipe, ensinando física, né?

Porque tinha umas coisas de experiência, que eram novidade naquela época, hoje deve ser... hoje deve ser, sei lá... deve tá em tudo quanto é escola, suponho eu, mas ele fazia experiência naquela época, né... e as pessoas adoravam o Felipe, Felipe era um mito no Aplicação.

D - Ele não foi seu professor?

E - Não, ele pegou o científico, ele não foi meu professor, eu conhecia de fama dos meninos, porque apesar de eu fazer clássico, muitos desses meninos do científico eram grandes amigos meus, com os quais eu convivía, inclusive, na farra, Z., por exemplo, Z., era uma pessoa com quem eu saía e bebia, ia pras festas, né, Z., M., mas esse já morreu, um médico pneumologista... e morreu.

Depois, um pouco mais tarde, P. que chega, mas P. não foi do início do Aplicação,

ele chega do científico, veio do Militar, com esse time eu andava direto, então, que eram os meninos do científico. Um pouco com C., que é arquiteto, que hoje está no Estado... enfim, G. talvez lhe ajude, talvez ele possa te dar coisas que possam ser, talvez, mais úteis pra você, que é essa vivência do científico, do ensino da matemática...

[...]

D - [...] Bom, o senhor me falou umas coisas [...] Vocês estudavam com os livros de Martha Dantas? Era esse livro de matemática?

E - Eu acho que era, posso tá enganado, mas eu acho que era, tenho quase certeza, posso tá doído...

Eu me lembro de um livrinho de matemática que tinha, se não me falha a memória – olhe que memória não é meu forte –, tinha um livro de matemática que tinha quatro autoras, você tá falando de Catunda, mas eu acho que não tem Catunda no meio, eu acho que eram quatro autoras, quatro mulheres.

D - Da Bahia?

E - Da Bahia, uma delas era Martha Dantas, a outra era, era... Maria Augusta Rocha, Maria Augusta Rocha? Não, como era o nome dela... Maria Augusta Moreno. Maria Augusta Moreno, Martha Dantas, tinha mais gente, tinha... quem era? Enfim, eu acho que eram quatro autoras, isso é inusitado, inusitado! Primeiro, publicação da Bahia, segundo, publicação por quatro mulheres, oh!

D - Isso chamava atenção?

E - Claro que chamava a atenção! Claro que chamava a atenção, né? Mesmo num colégio como o de Aplicação, mesmo com as novidades que eventualmente o Aplicação pudesse ter, nos anos 60, mulheres publicando numa área, inclusive, como matemática? Não era frequente, né? É frequente hoje?

D - É possível, tem alguns...

E - É claro que deve ter! Mudou muito, me lembro de uma figura que eu conheci aqui na Bahia, foi professora de matemática, morreu já, Margô, a pupila..., Margô ou Marli? Margô, foi professora de matemática aqui é... e então era uma coisa inusitada, eu lembro que era utilizado, eu acho que era esse o livro que eu estudava, tenho quase certeza, mas, posso tá enganado.

D - Ok, tinha um termo, por exemplo, só pra você se identifica com o livro, Matemática Moderna? É algo que tava relacionado com um negócio de uma matemática diferente? Tava ou não? Só pra tentar ver... se aparece nesse livro...

E - Rapaz, eu não sei, eu me lembro de uma expressão de Matemática Moderna, não sei se a Matemática Moderna eu associo alguma a Martha, ou se eu associo a uma coisa que, não sei se burramente, de Movimento, houve um movimento durante um período em que se falava alguma coisa chamada de Matemática Moderna, se falava de teoria de conjuntos, se falava em não sei o quê, coisas desse tipo, eu me lembro que falava dessas coisas.

D - Onde, no Colégio?

E - No Colégio e fora do Colégio.

D - Vocês estudavam isso?

E - Estudávamos, sim.

D - Teoria dos conjuntos?

E - Sim, estudava sim, estudava sim, aí eu me lembro que isso não era uma coisa, posso está enganadíssimo, mas acho que isso disseminou, não? Eu acho que isso existia em outros lugares, tenho a impressão.

D - Usavam em outras escolas?

E - Em outras escolas, sim, como o ensino de português no Aplicação, essa coisa que eu lhe falei, o tempo todo, texto, texto, texto... que isso a existir em outras escolas também, mais ou menos na mesma época... É passou a existir isso em outras escolas, é diferente, por exemplo, vamos lá, eu me lembro de um tempo, mas aí é que eu sou o caçula de três, né, eu tenho duas irmãs mais velhas que eu, uma cinco anos mais velha e outra sete anos mais velha. Então, essa irmã minha, eu me lembro, essa minha irmã que é sete anos mais velha que eu, que é uma história curiosa de vida, então, é assim, né, ... eu me lembro que ela usava uma porra, um negócio grandão, deste tamanho, grosso, chamado... como é o nome? antologia nacional, antologia nacional é um conjunto de textos... selecionados, que tentava de uma maneira, tentava de uma maneira... forçada, né, apresentar pra você um texto X como um texto marcante de uma escola determinada, de uma escola, de uma escola da literatura, daquele tempo, então, a antologia era um conjunto de textos assim, “pra você

entender o barroco tinha que ler tal texto, que ele marcaria definitiva sua vida...”
aquele texto e ali você tinha também algumas coisas de gramática... Era um porre!
Minha irmã não gostava...

Minha irmã tem uma história curiosa de vida porque minha irmã foi de uma escola particular daqui da Bahia, Escola de Dona Anfrísia, Escola Nossa Senhora Auxiliadora e saiu de lá pro Central da Bahia, que era o melhor colégio da Bahia, na época, aí sei lá que ano isso, no início de 60, né, e foi fazer científico, na época, né, pra quê? Para fazer matemática, ela adorava matemática, quando ela chegou no terceiro ano colegial, ela desistiu de fazer matemática e o que é que ela foi fazer? Letras. Pra mim, rapaz, coisas absolutamente diferentes, hoje não são assim, mas na época eram coisas completamente... foi fazer Letras, e aí, é também com a minha irmã, fazendo Letras, eu no Aplicação e ela na Faculdade, né, que eu tive acesso a um conjunto de leituras por conta dela, né, aí também era por conta dela, quer dizer, como ela lia pra Faculdade, eu estudava de manhã e ela de tarde, né, então, essas coisas eram... ela ia pra faculdade, deixava o livro lá e eu lia... então, a gente vai misturando as coisas, mas eu tenho a impressão que essa expressão *matemática moderna* rolava naquela época, ou não, eu nem sei, pode ser que eu esteja completamente enganado, entendeu? que aí é seu pedaço, sua área, história da matemática...

D - Eu tô perguntando porque o senhor disse que estudava aritmética, né...

E - Eu nem sei se isso se chama aritmética.

D - Sim, aí depois falou que estudou teoria dos conjuntos. O senhor lembra de alguma coisa da aula? De como era a aula de matemática? O que a professora fazia? Se a professora era boa ou ruim?

E - Não me lembro, aí é muito tempo atrás.

D - Estudos em grupos, vocês tinham na Aplicação?

E - Estudos de grupo em sala? Você está falando?

D - Ou em sala ou fora da sala?

E - Tinha, tinha equipe pra tudo, tinha equipe pra tudo e tinha bastante, muito tempo... pra qualquer disciplina, você tinha muito isso, era muito frequente.

D - Matemática também, vocês tinham estudo em grupo?

E - Suponho que sim, matemática também tá muito mais distante, mas se eu pegar, por exemplo, o meu clássico, com certeza tinha, né, absoluta segurança que tinha, até em latim tinha.

D - Fazendo um levantamento lá dos diários de classe do Aplicação, estão lá na FACED, hoje, e lá consta em um dos diários de classe, a disciplina de matemática, em um dos anos do clássico, acho que o segundo...

E - É mesmo? Estranho.

D - Com conteúdo de matemática, enfim, diferente do científico, mas...

E - Você lembra o ano, não?

D - Acho que é... não sei... o ano eu não lembro.

E - Anterior a mim, será?

D - Olha, eu acho que é dessa época, 67, 68, acho que é por aí.

E - Repare, Diogo, tem turmas anteriores a minha que fizeram clássico, né...

D - Eu tô insistindo nisso porque, de repente... O senhor não lembra, de jeito nenhum, de ter uma disciplina...

E - Não lembro, de jeito nenhum. Agora, turmas anteriores a minha...

D - Estudava geometria, esse diário era de geometria.

E - Para o clássico?

D - Para o clássico, tinha conteúdos de tanto de geometria plana, como alguns prismas, e tal... não lembra, né?

E - De jeito nenhum.

E - Turmas anteriores à minha, por conta de que? Porque iam fazer economia? Porque quem ia fazer economia e ia fazer administração ficava no meio do caminho, entre um e outro, certo, porque economia você tem exigências de matemática e alguns caras, inclusive, são bons em matemática, né, alguns são excelentes em matemática, fazem misérias com matemática, mas não lembro, não consigo lembrar, posso ver turmas anteriores a minha no clássico, se você quiser eu posso tentar...

[...]

E - Cinco pessoas, era ela, C., A., Cr. e J., eram cinco pessoas, eu lembro porque minha

sala ficava... no prédio antigo, minha sala ficava dentro do prédio antigo e minha sala ficava dentro do prédio antigo e existiam umas construções meio ao lado, assim, umas construções de salas pequenas, um laboratório, me lembro que tinha o SOE que ficava assim, que era uma novidade, o SOE foi uma novidade naquela época no Aplicação, não tinha SOE, Serviço de Orientação Educacional, não existia, o Aplicação construiu o primeiro na Bahia, aí tinha uma salinha, a salinha ficava à lateral da minha sala dela.

E - Sim, o que é que eu estava falando?

D - Estava falando da sala de Silza... e eu quero lhe perguntar sobre o SOE.

E - Sim.

D - O que era o SOE? Como funcionava? Quais são suas lembranças do SOE?

E - Eu tenho boas lembranças do SOE, sobretudo, porque... passa a ser uma coisa meio... muito pessoal, também, eu tenho excelentes lembranças do SOE porque uma das pessoas que era do SOE, que passou pelo SOE no Aplicação, era Iracy Picanço, professora da UFBA, da Educação, não sei de você conhece.

D - Não.

E - Ela foi diretora um tempo da Educação da UFBA, da Educação, e Iracy representou um pouco, para mim, aí entra um outro elemento, né, representou um pouco pra mim, assim, uma referência de coisa... de alguém pra você, como é que eu digo, um certo... um certo ídolo para mim, né?

Iracy era, na época, e eu fiquei sabendo depois, um pouquinho, etc., etc., uma figura no Aplicação e tal, que trazia experiência dos SOE, e era, eu vou saber disso depois, era militante e comunista e muito brilhante, intelectualmente, ela e uma outra figura que conheci, aí já não foi no Aplicação, ela era da Faculdade de Filosofia, ela andava muito com Iracy, era amiga de Iracy, que era V., que hoje tá no Governo até, tá no Governo Estadual, ambas eram militantes comunistas e eu fiquei sabendo depois, no momento em que fui me aproximando do partido e tal, e eram figuras brilhantes, eu tive palestra dessas figuras no partido e não sei o que. Iracy virou uma espécie de mito pra mim, assim, né, grandes figuras e tal.

No Aplicação, o SOE do Aplicação tinha... tinha um papel, digamos assim, de papo, tinha uma aula no SOE, o SOE tinha um momento em que ele entrava na sala pra

conversar com você, pra conversar com você, no limite do período, hoje acho, talvez se olhar pra trás pra aquele negócio daquela época, talvez, fosse até fraquíssimo pra o que é hoje, o que alguns lugares fazem hoje, talvez, mas era um momento, digamos, em que você podia fazer observações, críticas, pa-pa-pa-pa... corria meio solto o papo do SOE. O SOE não tinha, digamos assim, um calendário rígido, certo?

Nessa semana eu vou discutir, fazer, vou vender esse peixe daqui, não, era um pouco um caminho aberto para conversa, né, para conversa do que é que tava pegando, do que não tava pegando, o que é que tava mal, o que é que não tava mal. Isso para o conjunto da turma e, eventualmente, para atendimento individuais, certo, para atendimento a pessoas que tivessem esse ou aquele desencontro, esse ou aquele desajuste, esse ou aquele, digamos, problema de comportamento em sala, ou coisa parecida, eu fui muito ao SOE, né, eu tinha essa característica de ter ido muito ao SOE, porque tem uma fase da minha vida, eu brinco dizendo que é da quarta série de ginásio até o segundo ano colegial, mais ou menos, que aí você... eu exacerbei um pouco na rebeldia, então, nessa coisa rebelde, acabou me levando um bocadinho ao SOE e eu criei amizades no SOE, relações de amizade que me permitiram fazer uma pequena sacanagem, que era acertar com a... com Ione, que era uma figura que trabalhava no SOE, eu acertava com Ione que era me chamaria, que ela me convocaria, porque era uma convocação, quando o SOE convocava um aluno para ser atendido naquela hora qualquer professor tinha que lhe liberar, então, eu acertava com ela que ela fizesse isso na aula de latim e ela fazia, religiosamente, na aula de latim, quando ela precisava me chamar era no horário da aula de latim, eu era liberado, não assistia a aula de latim e ia pro SOE conversar, bater papo, né, pra tentarem entender o que é que tava acontecendo comigo.

Era uma espécie de, sei lá, uma espécie do que hoje me parece que as escolas têm, né, as escolas me parecem que hoje, uma parte das escolas, pelo menos, tem psicólogo, oficialmente, na escola pra ajudar, pra, digamos, pra... pra discutir certas questões, discutir certos problemas, e o SOE funcionava um pouco assim, além de fazer teste vocacional também, fazia, fazia, eu fiz o teste vocacional, então, eles faziam, na época a UFBA fazia muito, tinha um grupo na UFBA que fazia testes vocacionais e aí o Aplicação começou fazer também esses teste, ou eu nem lembro, eu acho que eu fiz na UFBA, mesmo, como o Colégio era da UFBA, né, então, acho que eu fiz em algum lugar da UFBA, tenho a impressão, mas não tenho certeza.

D - Como é que foi pra o senhor a mudança pro Canela? Como é que o Colégio muda? O que é que muda? Qual é sua percepção do... que era o Colégio antes, o que passa a ser o Colégio no Canela? Sente algumas mudanças ou não?

E - Sim, para mim... bom, tinha uma mudança grande nisso aí que você... durante cinco anos, quer dizer, durante o tempo que eu fiquei em Nazaré, você tinha um convívio permanente como a pessoal da Faculdade de Filosofia, alunos da Faculdade de Filosofia, alguns deles, inclusive, viraram estagiários na nossa sala, né, deram aula para gente.

Então, o Aplicação tinha essa característica, né, era um ambiente de estágio para estudantes da Faculdade de Filosofia que, naquele tempo, licenciatura era quase nada, né, era pouquíssima, a não ser Letras, Letras já tinha uma licenciatura grande, que eu me lembre, os outros todos eram licenciatura bem pequenas, né, poucos alunos, Filosofia, Matemática, Física...

[...]

E - ah, a mudança, a mudança, a mudança... Então, a mudança é isso, quer dizer, lhe retira de um ambiente, de ambiente nervoso, que é esse convívio com o pessoal da Faculdade de Filosofia, nervoso do ponto de vista político, né, ali você tinha o que, ali você tinha convívio, né, você passava a ver, a conviver, com alunos da Faculdade de Filosofia e com professores da Faculdade de Filosofia, que eram, meio, referências, meio, mitos de referências pra gente, você construía certos... vai construindo devagarzinho certos mitos, em relação a certas figuras de professores ali, né, instalados ali, né, então, eu me lembro, por exemplo, que a gente convivia com o pessoal da Filosofia, portanto, com um nível de discussão, um nível de mobilização, um nível de ironia, do pessoal de Filosofia, forte, você convive com aquilo tudo... e lá, você saiu, virou apenas uma escola, uma escola que era visitada, utilizada, pela Faculdade de Filosofia, como seu espaço de, digamos, de experiências e seu espaço de estágio, mas não havia mais aquele convívio cotidiano como havia antes no... na Filosofia, né, mas ao mesmo tempo, quer dizer, aquela escola passou a criar uma... sei lá, porque... ali estávamos, eu acho, a Escola tinha crescido bastante, né, a Escola tinha aumentado, dobrado de tamanho, praticamente, então, passou a ter uma... uma, talvez, também, porque eu tivesse nos últimos anos ali, meus dois últimos anos, segundo e terceiro clássicos, então, aquilo ali passou a ser, pra mim, uma referência

grande de... de integração entre alunos, forte, entre as séries. Não apenas de convívio indireto, físico, né, mas... porque eu me lembro, Diogo, no primeiro ano clássico, quando eu era primeiro ano clássico, minha sala de aula era no céu, como a gente chamava, era o último andar do prédio velho da Faculdade de Filosofia, o prédio antigo, o último andar, lá em cima, era uma salinha pequena, eu acho que só tinha duas ou três salinhas lá em cima e você, praticamente, se enfurnava lá.

Eu vivia lá enfurnado, grande parte do dia, convivendo com o pessoal que era terceiro ano clássico, da época, que também era lá em cima. Nós fazíamos daquilo ali uma espécie de... de república livre, ninguém ia lá em cima, a gente... né, tinha uma vida separada, assim, de alguma maneira, o Aplicação do Canela, até por sua forma física... Você conhece, né, aquele fundo com aquelas... né, aquelas salas lá em baixo e em cima, aquilo dava, formava, necessariamente, um entrosamento maior, eu acho que ele teve essa vantagem, entre nós, eu acho que ele favoreceu um entrosamento maior, o término do Colégio.

O que nos tira é o convívio com o pessoal da Filosofia, que era um convívio legal, muito legal, eu conheci gente que já tava na Universidade e que até hoje tenho boa relação, nessa época, eu era aluno do Aplicação saindo da Filosofia, saindo de Nazaré, e convivendo com pessoas que estavam chegando a Filosofia ou que estavam dentro da Filosofia e que são meus amigos até hoje por conta desse convívio inicial ali. Um deles é C., que é publicitário, eu conheci assim.

D - Essas relações se davam onde?

E - Nos corredores, no diretório acadêmico da Filosofia, porque o diretório acadêmico de Filosofia tinha uma dinâmica legal.

D - Vocês podiam ir?

E - Tranquilo porque você, na verdade, usava todo o espaço da Faculdade de Filosofia, todo o espaço, então, pra lhe dar uma ideia, eu falei aqui do laboratório de Rossi, Nelson Rossi, professor, Rossi tinha um laboratório que era um laboratório inédito no país, ele estudava falares diferentes no Brasil, né, jeitos, palavras, sotaques, tinha um estudo fantástico sobre isso, ele e um grupo grande estudava com ele, que eram as pessoas que trabalhavam com ele na Filosofia, no Instituto de Letras, hoje seria, né, o pessoal de Letras, uma delas se chama Suzana, não sei se você conhece, foi candidata a reitora algum tempo atrás, como é o nome de Suzana? Suzana Alice?

Suzana Alice.

Esse time tinha um estudo enorme, inédito no Brasil, né. Uma coisa fantástica, você tinha acesso a tudo isso, eu cansei, em minha vida, de visitar esses caras lá em cima, de visitar Suzana, de visitar eu não sei quem lá em cima, que era o quarto andar, o quinto andar, certo, de aporrinhar o juízo dessa gente, que tava lá trabalhando, fazendo pesquisa, curioso, queria saber, outros queriam saber, elas sentavam, explicavam, mostravam, coisas que depois você vai ver em outros patamares, né, Museu de Língua em São Paulo, você conhece?

D - Não.

E - O Museu de Língua em São Paulo é fantástico, a coisa mais extraordinária que eu já vi em minha vida, tem um telão no Museu da Língua em São Paulo com touch screen, que você vai lá e você... ele vai lhe mostrar diferentes falares do Brasil, você pega lá Belém do Pará, Porto Seguro na Bahia, você pega Crato no Ceará, pega não sei o que... Então, as pessoas, eles pegam uma fala da pessoa, uma fala qualquer e nessa fala tem sotaque diferente, nessa fala tem expressões diferentes, certo, que o Museu é assim, então... tem um painel fantástico desse negócio... eu já fazia isso na Bahia nos anos 60, tá entendendo, isso é uma das atrações do Museu da Língua, pra mim, pelo menos, é uma atração enorme, eu fico lá, mexo, olho... o Museu da Língua é muito visitado por escolas de São Paulo, então, às vezes tem aquela turma de crianças, aí você não vai dar cotovelada... mas é isso.

D - Queria que o senhor falasse mais duas coisas, só. Uma, sobre a saída do Aplicação, como é que foi sair [...] o que é que fica de mais marcante nesse momento... [...] já é outra pergunta, a questão da política e, aí, eu queria que o senhor falasse mais do diretório acadêmico. E, por último, da entrada, de seu exame de admissão.

E - Primeiro da saída?

D - Isso.

E - é, vamos lá, a saída do Aplicação. Você tá eufórico, né?

D - Eu?

E - Você.

D - Ah, a pessoa que tá saindo...

E - É. Você tá eufórico porque você tá concluindo o curso, você tá indo voltando Universidade, provavelmente, tá fazendo o vestibular, com chance alta de passar, a maioria esmagadora passou, não me lembro se alguém... pouca gente, eu acho, pouquíssimas pessoas não passaram, então, você tá num momento eufórico de saída, alegria por tá concluindo o curso, etc., etc., e achando, no fundo todas as suas despedidas são assim, você acha que aquilo é resgatável, né, ou seja, que aquilo vai ser mantido *ad eternum*, né, que acabou aquele convívio naquele momento, mas que aquelas pessoas amigas suas, vão ser suas amigas a vida inteira, que você vai conviver com elas muito tempo ainda, o que não é verdade, foi se esvaindo, se esvaindo, se esvaindo... você vai constituindo outros grupos de amigos, por outras razões, etc., e aí você começa, depois de velho, que nem eu tô hoje, a lamentar essas perdas, há pessoas, por exemplo, com as quais eu gostaria de ter mantido uma relação frequente até hoje, pessoas ótimas, pessoas com quem a gente aprende muito, gente que tem características especiais e tal e que foram... a gente vai se distanciando, se distanciando...

O período do terceiro ano nosso, no terceiro ano, grande parte dele, muito pra cima, muito alegre, muito feliz, estávamos todos, em geral, pelo menos no clássico, a maioria estava... estava nos cascos, como se diz, né, prontinho pro vestibular, prontinho para tudo, estávamos bem, certo, tavam bem, assim, todos bons alunos.

Então, isso era uma euforia pura, nesse período, completado por festa, no final, né, festas de despedida né, uma, duas, três, dez... não sei quantas festas... e, ao mesmo tempo, por uma coisa que nós, rebeldes da época, achávamos delicioso, que era [incompreensível], mas que no fundo ficou, talvez, um travo, não sei se você sabe, mas no Aplicação, quando as pessoas concluíam o terceiro ano colegial, as pessoas... o Aplicação oferecia, fazia uma festa de encerramento. Nessa festa de encerramento cada aluno recebia uma corujinha...

D - Todos recebiam?

E - Todos recebiam uma corujinha e, os melhores alunos, os alunos destacados, recebiam uma coisa qualquer, um objeto lá qualquer, que eu não sei o que era... ou uma corujinha especial, eu não sei o que era. Nós não tivemos isso na nossa despedida do Aplicação, porque, um determinado dia, eu não sou testemunha ocular desse fato, mas, um determinado dia, num sábado, se eu não me engano, nós

estávamos lá, no Canela, né, eu tinha saído, eu saí no meio dia, eu saí pro aniversário de uma pessoa, o aniversário de R., que talvez você entrevistou, C.R., tinha saído pro aniversário de R., um almoço do aniversário de R., e o nosso pessoal, o pessoal continuou dentro da Escola, o pessoal da minha turma, a turma do científico e a turma do clássico e, dentre outras maluquices que nós fizemos naquele momento, nós levamos bebida alcoólica pra dentro da Escola e bebemos dentro da Escola, o vice-diretor da época, o Ramiro, flagrou a história e disse que eu não era possível aquilo e tirou todo mundo, botou todo mundo para fora da Escola. “Não quero isso aqui”. Que fizeram as pessoas – eu faria também se eu tivesse lá –, foram para frente ali da Escola, onde tem aquele passeio do Marista e tal, botaram uma radiolinha, – você não sabe nem o que é uma radiola, sabe, Diogo ?

D - Radiola? Sei, sei.

E - Uma radiola, um toca-discos, e dançaram na calçada. Bebiam – continuaram bebendo na calçada – e resolveram cantar “yes, nós temos banana”, encheram Ramiro de banana, tome banana pra Ramiro... um desafio absoluto à direção da Escola, evidentemente, foi suspensa a festa. Nós não tivemos essa festa, essa festa não houve, fizemos nós, por conta própria, bancamos uma festa por conta própria, com alguns professores, alguns professores fizeram isso, todo aluno recebeu um canudinho, uma espécie de diploma, uma espécie de certificado de conclusão, que não tinha nenhum valor, era apenas pra fazer a cena, certo, e, alguns professores que eram muito próximos de nós, foram convidados pra participar disso.

Tinha uma missa e tinha esse ato, se minha memória não falha, foi assim, e, depois, mais festa na casa de E., na Graça, uma festa monumental, absolutamente enlouquecida, imperdível, certo, que aconteceu lá, madrugada adentro. Esse ato, em si, teve a participação de alguns professores, quem pode lembrar desses professores, eu não sei, Solange Lamego, era uma dessas pessoas, com certeza absoluta, professora de português do científico, Zuleica Barreto era uma dessas professoras, Anice era uma dessas pessoas, Solange Fonseca, professora de espanhol, era uma dessas pessoas, não lembro mais quem. Tinha um grupo que tinha animosidades com Zilma, Zilma Parente de Barros, diretora do Colégio de Aplicação, com quem vários de nós tivemos atritos, inclusive, eu, atritos fortes, pesados, né. Não nos cumprimentávamos durante um ano, durante anos, e, nas piores circunstâncias, a gente não se cumprimentava, né.

A gente são se cumprimentava na casa do meu sogro e meu sogro era advogado dela, meu sogro foi advogado criminalista muito tempo aqui, foi advogado... muitos presos políticos foram clientes de meu sogro, e ela frequentava a casa de meu sogro devido a um problema que ela teve, um processo que ela moveu contra alguém, não me lembro o que foi, e ele era advogado dela, não era questão política, eu não lembro o que era. Ela frequentava e não nos cumprimentávamos lá, o cunhado dela era médico de meus filhos... enfim, muita gente tinha atrito com Zilma, alguns desses professores tinha atrito com Zilma, até porque eram ligadíssimos a Angélica, angélica...

D - A que tinha sido diretora antes?

E - Que tinha sido antes e que tinha sido derrubada, e aí assume, logo depois, Zilma. Angélica foi derrubada.

D - Por quem?

E - Não sei lhe dizer.

D - Ok.

E - [...] Angélica fez um ano de direção no Colégio de Aplicação e foi considerada uma diretora excessivamente liberal, digamos assim, e, pelo que eu entendo, ela foi forçada a sair, se a memória não me falha, ela foi substituída por direto por Zilma? Ou houve um tempo, um intervalo, com aquele menino... esqueci o nome dele, um que é psicólogo, esqueci, que foi também diretor do Aplicação, durante um período muito curtinho, depois Zilma entrou e Zilma fica até o final do Aplicação, né, que eu não sei nem quando é a data, você sabe?

D - 76.

E - 76? Fica até o final. A saída da gente é essa. Eu passo a conviver, continuo convivendo com várias dessas pessoas do Aplicação durante algum tempo e isso vai aos poucos se esvaindo, na Universidade ainda convivo com muita gente, né, por força de... sobretudo com o pessoal que vai pra área de humanas, pessoal que fez... que fez clássico comigo, o pessoal fez psicologia, que fez jornalismo, é isso.

[...]

D - [...] queria que o senhor falasse da disciplina no Colégio e do controle.

E - hum.

D - Da disciplina da direção e do controle institucional. O senhor falou, inicialmente, que ele não poderia ser considerado um colégio tão moderno, mas também não careta...

E - As pessoas tem uma imagem, Diogo, não sei se você já ouviu isso, em entrevistas por aí ou em suas leituras e tal, as pessoas construíram uma imagem do Aplicação, muita gente construiu uma imagem do Aplicação como uma escola extremamente liberal, uma escola onde aconteciam coisas, onde, enfim, onde todo mundo aprontava, o sexo corria livre... e não é verdade, isso, isso é uma falsidade, se isso acontecia ou aconteceu, são coisas que acontecem em qualquer lugar, em qualquer situação, em qualquer escola, não era essa a marca, eu não acho que essa fosse a marca.

Isso constituiu, sobretudo, no período de Zilma, que houve um atrito muito forte no período inicial de Zilma, um famoso passeio do Colégio de Aplicação ao Sítio Girassol, esse passeio aconteceu, não devia ter acontecido. Houve a morte de um reitor da UFBA no dia do passeio, nós mantivemos o passeio, nós fomos ao passeio assim mesmo.

D - O senhor foi?

E - Fomos, fomos, eu fui. E desse passeio algumas pessoas ficaram embriagadas, uma dessa pessoa ficou embriagada e teve, inclusive, teve que ser atendida ali no Pronto-Socorro, que era ali vizinho da Escola, colado, teve que ser atendido, teve que tomar glicose na veia, enfim, e houve, noticiou-se, espalhou-se pela cidade, a ideia de que o passeio tinha sido uma verdadeira orgia, que existiam pessoas, moças, mulheres, sem a parte superior do biquíni, na piscina, mentira, não houve isso.

Quem foi visto sem a parte superior do biquíni, assim chamado, na piscina, foi um rapaz que tinha um cabelo imenso, vulgo... era F. o nome dele. F. era um garoto com uma cabeleira enorme, como você tem uma cabeleira grande e eu tive maior que a sua, certo, então, ele tinha aquele cabelo loiro, liso, escorrido, parecia uma moça, acharam que ele era uma moça, esse rapaz sem o biquíni, e se espalhou pela cidade, que professores, alunos ficaram embriagados, que todo mundo comeu todo mundo, que é absoluta mentira. Houve embriaguez? Houve, como houve embriaguez em milhões de outros lugares da vida, meu Deus, o que acontece, Diogo, e daí é que as

coisas se precipitaram um pouco mais é que uma das pessoas que se embriaga e volta e tem que ser atendida no Pronto-Socorro, foi C. R.,

[...]

E - Que era candidato a presidente do diretório, presidente do grêmio do Colégio de Aplicação naquela época, a eleição que aconteceria na semana seguinte ao passeio, o que aconteceu, então, é que Zilma, indignada com as coisas que aconteceram no passeio, suspendeu a eleição na marra, foi a todas as salas e suspendeu, ela suspendeu a eleição, certo, num gesto de extraordinária habilidade política, N. e mais E., professora da UFBA também, professora de Letras, acho.

[...]

Num gesto de extraordinária habilidade, essas pessoas construíram uma alternativa que era “todos contra Zilma”. Eram duas chapas que concorriam ao grêmio, uma chapa era a encabeçada por R., da qual eu participava, uma chapa com a marca, com o carimbão do Partido Comunista Brasileiro, o partidão, uma outra chapa, que era uma chapa de independentes, que ainda não tinha... ainda não tinha o dedo da outra organização política que se forma, que também se organizou no Aplicação, que também existia no Aplicação, que é a AP, Ação Popular, que também se organizou no Aplicação, que também tinha no Aplicação, mas não tinha, ainda, a presença da AP, e não tinha, a presença que vai ter depois, forte, da Juventude Católica, JUC, que era chamada Juventude Universitária Católica, que se formou também, fortemente, no Aplicação, nesse momento não tinha isso, era um pessoal independente, com ideias de esquerda, mas um pessoal independente, encabeçado por Z. Z. contra R.

O que se fez, então? Se reuniu as duas chapas, no mesmo dia que Zilma proibiu e se formou uma única chapa a partir dali num enfrentamento a Zilma. Z. era cabeça de chapa, ficou como cabeça de chapa, como candidato a presidente único, praticamente, e eu fui vice de Z., saindo da chapa de R., entendeu. Então, isso criou um atrito fenomenal com Zilma. Daí em diante foi muito difícil manter as coisas entre as pessoas, digamos, uma boa parte do pessoal mais politizado do Colégio, a esquerda do Colégio, não só do Partidão, não só do Partido Comunista, mas dos independentes do pessoal católico, etc., etc. Esse grupo mais politizado ficou, grande parte dele ficou na oposição, digamos assim, [incompreensível] com Zilma. Eu tive atritos terríveis com Zilma, temos um episódio em que ela reuniu todo mundo, reuniu

o grêmio todo, os representantes estudantis, etc. e fez um discurso e tal e esse discurso foi desagradável, houve contestação e ela indignada com a contestação deu um soco na mesa, murro na mesa, e eu dei outro, quando ela deu um soco de lá eu dei outro um soco de cá, e aí ficou aquela coisa muito desagradável, eu disse “não é assim que resolve”, e daí em diante nós não nos cumprimentamos na vida, até mais recentemente.

D - Que ano foi isso, o senhor lembra?

E - 68, exatamente 68, eu nem tava mais no grêmio, eu já tinha saído do grêmio, nós perdemos a eleição seguinte, o Partidão com A. perde a eleição seguinte, perde por com menino que você podia até entrevistar, mas ele não tá nada bem.

D - Minha dúvida é: essa festa foi no mesmo ano da eleição, onde teve essa conversa com ela?

E - Foi.

D - Que é o ano que o senhor saí.

E - Foi. Então é isso, né, com Zilma, você teve um... muita gente adora Zilma, o pessoal mais novo, pra começar, gosta muito de Zilma. Minha irmã mais velha, que foi aluna de Zilma de alemão, adora Zilma, nós temos esse atrito, uma parte de nós, entendeu, parte de nós teve problemas com Zilma.

[...]

Então, houve esse tipo de problema, com Zilma uma parte de nós tem problema, uma parte que vem depois, não tem problema algum porque, independente do que houve, ninguém pode negar as qualidades que Zilma tem, inclusive, como professora, que é uma extraordinária professora de Alemão, segundo dizem, né, e habilidade que tem pra conduzir, o que acabou conduzindo durante algum tempo, né.

Isso é o que eu vivi, vivi no período de Angélica e o cara, como é nome dele, esqueci, certo, que foram uns períodos mais liberais, e peguei o período anterior a Angélica, que é o período de Leda Jesuíno, que foi diretora do Aplicação, se a memória não me falha, durante três anos, primeira, segunda e terceira séries de ginásio. Leda era uma pessoa dura e que tinha uma vice-diretora extremamente dura, Diva Guerra, as duas eram muito duras, sofriam desafios grandes ali também. Sofriam desafios no sentido de que é... algumas rebeldia eram cometidas em cima

dela de forma bem brava, pelo pessoal mais velho, não sei o quê... mas era uma escola, naquele momento, muito, não vou exagerar, não, não vou exagerar, Diogo, mas uma escola que tinha uma certa dureza de disciplina, nesse período, nos três anos iniciais que eu vivi, depois ela era uma escola absolutamente mais abertas ta-ta-ta, no tempo de Angélica, e volta a ser uma escola, eu não diria tão repressora quanto era inicialmente, com Zilma, eu não posso dizer isso, tá entendendo, até porque eu não vivi todo o tempo de Zilma, não sei se o período de Zilma é tão repressor assim, sei que houve um momento de choque com Zilma, que era um choque produzido por razões, as razões da política, as razões... das pressões, talvez, sofridas, tal e tal, né, não sei te dizer, exatamente, não posso fazer essa leitura completa, mas é isso, isso que aconteceu.

[...]

D - O senhor falou da política, é um momento em que a Bahia está num momento bem tenso a partir de 64... o senhor tá no Colégio e tá envolvido no diretório acadêmico... Como é que a política externa ao Colégio interferia no Colégio? Interferiam nas ações dos alunos?

E - Como é que a política externa... o que exatamente você tá querendo?

D - Como é que a repressão e o controle político...

E - Interfere, fortemente, apesar de não ser o pior período da ditadura, que eu vivi no Aplicação, de 62 até 68, ali em 66, quando eu começo a fazer política com mais vontade e em 67 eu entro em grêmio, não sei o que... esse período não é o período de mais intensa repressão no Brasil.

D - Certo.

E - Esse período, como é que a política entra? Entra, como vai entrando nas camadas médias estudantis politizadas, etc., etc., entra com a ideia de que é necessário, possível, retomar uma luta pela democracia no Brasil, ainda muito verdemente, eu acho, certo, muito verdemente, pra mim, como é que ela entra na minha vida, ela entra forte, sobretudo, em 67, mas aí [incompreensível] fazendo uma definição de política que é o sexto congresso do partido, em 67, o partido faz uma definição de caminho para enfrentar a ditadura, em que o partido considera que a ditadura tem força, tem peso, tem apoio, e que a única forma de derrotar a ditadura é a forma de, o partido chamou, na época, de frente democrática, a constituição de uma ampla frente

democrática, não um caminho de esquerda, mas o caminho de ampla frente, juntar todos aqueles que querem combater a ditadura, isso de um lado e por, outro, defender as bandeiras fundamentais de o retorno à democracia.

O que são essas bandeiras? São bandeiras que vão aquecendo... tem um sinal delas na resolução política do partido, em 67, e elas vão crescendo até 70, que são as bandeiras da anistia, da constituinte que começam a surgir desde... certo, então, interfere, interfere fortemente dessa maneira, que a luta democrática é uma possibilidade, é um caminho, que até 68, Diogo, isso tá rolando, digamos, com as forças políticas existentes à época no território da esquerda, as forças católicas, AP, que vem do ventre católico e vira marxista no caminho o POLOP, política operária que tinha um grupo pequeno na Bahia, mas que tinha é... que tinha uma boa formação teórica, uma boa formação teórica, talvez fossem os caras de melhor formação teórica, com o PC do B, que era fraco, na época, diga-se de passagem, o AP era infinitamente mais forte que o do-B, o do-B era um anexo do AP, que virou o contrário depois, depois ela foi engolida pelo pessoal do-B, engolida completamente pelo PC do B e tinha o partido, o partidão, você tinha esse espectro, que vai explodir por completo e virar outra coisa, outro mundo a partir de 69, final de 68 pra 69, né, que é quando o embate entre os movimentos que se opõem e a repressão, esse embate fica cada vez mais tenso, em 68, com as passeatas crescendo, com a passeata dos cem mil no Rio, com tudo aquilo e, ao mesmo tempo, a repressão se preparando para o enfrentamento total que acontece com o AI-5, aí em diante vira tudo. O que é vira tudo? Uma parte dessa esquerda que antes não tinha apostado, definido, como é que eu diria, optado claramente pelo enfrentamento armado, passa a fazê-lo. Então, você passa a ter um conjunto de dissidências que saem do velho Partido Comunista Brasileiro para a luta armada, comandados por vários ex-dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, o caso de Marighella, o caso de Mário Alves, o caso de Apolônio Carvalho, todos eles vão saindo... Marighella rompe em 67 ainda, quando volta de Cuba, aí ele sai pra formar os grupos armados, aí vão se formando grupos da esquerda armada, a ALN, Collina MR-8 que se forma depois, e vão se formando, né, e isso vai dando perdas ao movimento estudantil, grandes perdas ao movimento estudantil, gente que sai, que não pode mais estudar, etc., etc., que vai caindo, que vai entrando no processo de luta armada e, então, a tensão dentro dos grupos de esquerda é muito grande, mas aí já é outro momento, que eu já estou na

Universidade, certo?

O momento de 66 e 68, ele vem pra cima da gente, como? Como uma necessidade de retomar uma luta democrática, de enfrentar eventuais mudanças ruins que possam existir no ensino, né, que foram as manifestações de rua, as primeiras na Bahia, né, que é mais? É basicamente isso, né, é basicamente isso, pra mim, pra minha formação, mesmo, aí tem influência em algumas figuras que tinham, digamos, que tinham relativo peso pelo Partido Comunista e tinham um relativo peso no movimento estudantil universitário, que tinha uma influência forte dentro do Aplicação, por conta de [Sueli Prata], inclusive, talvez você a entrevistete, né, por conta de [Sueli Prata].

[Sueli Prata] foi namorada, ainda no Aplicação, de M., que foi dirigente da União de Estudantes da Bahia, que era da Federal, etc., etc., foi namorada de M. nessa época, M. era uma liderança estudantil forte, [Sueli Prata] é irmã de um cara de fez Economia, E., que era na época um dos principais cabeças do Partido Comunista no movimento estudantil universitário e algumas figuras que saíram do Colégio de Aplicação que já estavam na universidade, se transformam também em lideranças política de certo destaque no movimento estudantil e com algum reflexo, não tão grande quanto E. e M., sobre nós, que era o caso de S. que foi para presidente da UEB, que foi vereador aqui na cidade, etc., e tal, depois se exilou um tempo em enorme e, recentemente, tá por aqui. Então, é isso, é assim.

[...]

E - O que você quer da entrada?

D - Saber como é que foi o exame da admissão? O que isso representava para uma criança, digamos, no Colégio o que é que o senhor lembra do admissão.

E - É, Diogo, vamos lá, eu criei uma mania pra querer entrar no Colégio Aplicação.

D - Criou o que?

E - Uma mania pra entrar no Aplicação. Eu estudei no Colégio de Dona Anfrísia, que é o Colégio de Nossa Senhora Auxiliadora até o segundo ano primário, no segundo ano primário, Dona Anfrísia disse que não queria mais homem na escola dela, só queria escola de moças, de meninas, aí botou todo mundo pra fora, os homens todos pra fora, exceção de alguns que eram de famílias mais próxima dela, cujas mães

tinham estudado lá, etc., etc., não era o meu caso.

Então, eu fui estudar num colégio chamado Jesus, Maria e José, um colégio que já acabou há muito tempo que funcionava ali perto do Campo Grande, naquela descida que você vai pra Concha Acústica, hoje tem um prediozinho ali, tem uma igreja e tem um prédio do outro lado, era ali, funcionava ali a escola, o Colégio Jesus, Maria e José, e fui pra lá e fiquei até a quinta série, que naquela época tinha até quinta série, né, no primário, foi lá, fiz... e, a minha mania de entrar no Colégio de Aplicação vinha de coisa diferente, vinha do seguinte, eu morei um tempo em Nazaré, numa rua que chama Rua da Poeira, esquina, minha casa fazia esquina com o Beco da Agonia, Rua da Poeira, esquina com o Beco da Agonia, que ficava, exatamente, em frente a Faculdade de Filosofia, a rua, se você for lá no prédio em Nazaré, naquele prédio velho, bem em frente a Rua da Poeira, você descendo tem o Beco da Agonia, tem uma casa amarela, ta lá até hoje.

Eu morava ali, com uns cinco anos de idade, seis anos de idade, e via os meninos do Aplicação passando pra ir a escola, pra voltar da escola, alguns passavam por essa rua, eu achava linda a farda, que tinha sabe o que? tinha um casaco, a farda tinha um casaco cáqui parecendo cor de militar, com um botão aqui, no sei o quê... eu achava linda aquela farda, aí eu queria entrar pro Aplicação, pra completar, um primo meu, que já morreu, estudava no Aplicação, M., e eu o via com aquela farda e eu achava lindo, uma beleza, e queria entrar pra lá. Depois foi se formando o que? A ideia que o Colégio de Aplicação era uma grande escola, uma escola difícil entrar, uma escola não sei o que...

D - Ainda antes do senhor entrar?

E - Ainda antes da entrada, era uma escola difícil de entrar, mas uma escola muito boa, um ensino excelente, que não sei o quê, pa-pa-pa... e é de graça, né, colégio público, pa-pa-pa... aí eu fui botando na cabeça que era esse o meu caminho, que eu ia pro Colégio de Aplicação, porque eu também não... não queria ir pras outras escolas, as grandes escolas da Bahia, na época, né, que eram todas elas, todas elas escolas religiosas, né, era o que, era o Maristas, Vieira, Dois de Julho, Salesiano, do outro lado, e tal... eu queria ir pra isso, nem ir pro Militar, pro Militar nem pensar, porque eu pensava que era uma disciplina muito rígida e que eu não ia suportar aquilo, que eu não nasci para isso, não quero isso....

Aí fui me armando pra ir pro Aplicação. Eu era muito bom aluno no primário, fui excelente aluno no primário, no Jesus, Maria e José fui excelente aluno durante todos os três anos que eu fiquei lá, da terceira, quarta e quinta série, fui sempre era o melhor aluno da turma, então, eu tava mais ou menos preparado pra enfrentar o Aplicação que era difícil e só tinha trinta vagas, né, era um admisão pra trinta vagas, né, e eu morria de medo, mas tinha que enfrentar, com a responsabilidade enorme de que meu pai de antevéspera achava que eu já tinha passado e me deu de presente, ou melhor, instalou em casa, chegou em casa e instalou a televisão que, naquela época tava chegando, e instalou uma televisão e disse “esse é seu presente de admisão”. Você já imaginou? Que porra! Sem você ter feito, era pra mim um peso enorme, “eu tenho que passar nessa merda”, mas... mas passei no Aplicação, passei no exame de admisão, passei bem, passei, acho, que no terceiro lugar ou quarto lugar, por aí assim, e, pra te dar uma ideia, Diogo, quem passou em primeiro lugar no admisão foi R. G., esse cara que eu te falei, G. ele passou com sete e pouco de média, eu me lembro que eu fiz seis e alguma coisa, fui o terceiro ou o quarto. Quer dizer, não era um admisão fácil, mesmo, certo, era um admisão brabo, com toda aquela carga que existia na época, né, como um vestibular, era um vestibular, como o Militar faz hoje ainda, a seleção do Militar é uma coisa, eu moro aqui e o Militar é ali, você vê a tensão dos pais do lado de fora, né, corresponde um pouco àquela coisa que foi o vestibular durante um tempo, não sei como é hoje, talvez hoje pra algumas carreiras seja, né, medicina... o resto, né, se abriu também muito, né, tem faculdade para dar com pé, hoje, né, então é isso, foi isso para mim.

D - O senhor lembra das prova e como é que foi a seleção?

E - De jeito nenhum, não lembro mesmo, eu não lembro de nada, provavelmente, o normal é que tivesse português, matemática, história, geografia e ciências, não sei, talvez tivesse alguma coisa de redação.

D - Chegava no Colégio, o fato de ser a turma menor do Colégio causava estranheza, o senhor lembra de estranhar algo no Colégio ao chegar?

E - Não, achei estranho, um pouco, eu digo sempre que eu nunca vou ser da área de educação, queira ou não queira, não.

E - É... eu acho que há dois momentos na vida das pessoas que são muito fortes, que eram muito fortes, não sei hoje, um, era o momento da alfabetização

[...]

E - De fundamental II, isso aí por que? Porque você já passa a ter um professor para cada disciplina, no meu caso, Diogo, esse choque foi menor, porque no Jesus, Maria e Jose eu tinha um professor para cada disciplina, eu tinha uma mulher que me ensinava geografia e que me ensinava português, ela mesma, tinha um professor que me ensinava história, tinha um velhinho, que era o dono da escola, que me ensinava matemática e tinha uma senhora velhinha, que era mulher dele, que entrava na sala pra falar de religião, comportamento, e viajava um pouco nesse território que depois ficou, ou mesmo na época, digamos, chamado de Moral e Cívica, viajava por esse território, então, você tinha uma pessoa pra cada coisa ali, entendeu? Só uma mulher que dava duas disciplinas, no quinto ano, na quinta série, não, foi só uma professora, mas no quinto eu já tive essa experiência, então, o choque já foi menor para mim quando eu entrei no Aplicação.

Se o choque foi diferente porque você era menorzinho, mais novinho, né? Certo, uma escola com gente mais velha, não, não me assustou, nunca me assustou, sabe por que? Eu fico com essa impressão, pode ser uma impressão absolutamente benevolente, mas eu acho que as pessoas mais velhas do Aplicação tratavam a garotada que chegava com... eu sou você amanhã, certo? Lhe absorvia legal, eu acho, tá entendendo.

Você quer que eu lhe dê uma ideia de quem foi da minha época no Aplicação? Eu era menino pequeno de segunda série, primeira série, de ginásio, ela tava saindo, terceiro ano colegial, D. A., professora da UFBA, diretora durante anos, da Escola de Dança da UFBA, dançarina, professora de dança, mas é mais velha que eu, deve estar com 67, 68 anos de idade, mulher do R., professor da UFBA também, etc., etc., D. A., D., eu convivi com D. no Aplicação, eu entrando, era segundo ano, provavelmente, segunda série de ginásio e D. era terceiro ano colegial, então tava aos beijos e abraços e tal, conversava... S. que eu lhe falei nesse instante, segundo ano colegial e eu era segundo ano de ginásio. Se os alunos tratavam... claro, eram uma espécie de irmãos, né, irmãos que estão chegando aqui, tão na mesma praia que a gente, então, são meninos bonzinhos, que vão virar bons rapazes... é essa coisa muito entrosada, que eu acho que tinha no Aplicação.

D - Ahãm.

E - Tinham pessoas que se assustavam pelo grau de rebeldia, você ficava admirando pra cacete, né, eu me lembro de A. C., era o apelido de A., A. um dia num jogo de futebol, no torneio de futebol, futebol de salão, eu... enfim, A. cometeu uma falta e o juiz expulsou A., A. disse “eu não vou sair”, e tinha que sair porque foi expulso, tinha que sair, tinha que sair... o diretor da Escola disse... Leopoldo, lembrei agora, Leopoldo nesse intervalão, – que ficou um intervalo –, desce e vai pra quadra pra tentar tirar A., e A. gritava, nós éramos meninos, né, A. já morreu, mas A. devia ser uns quatro ou cinco anos na nossa frente, A. gritava, berrava com o diretor, na frente do diretor, cara a cara com o diretor, que pra você era autoridade, né, e gritava “é aqui ó, quer foder de pau mole...” Isso pra mim, pra meu grupo de 14 anos, 13 anos, era um susto tenebroso, era uma coisa inacreditável, que alguém dissesse isso a um diretor, na frente de um diretor, e ele dizia sem nenhuma menor cerimônia.

Da mesma forma que... entre o prédio velho de Nazaré e o prédio novo existia um grande pátio, que os mais preguiçosos, como ele, jogavam bola ali, em vez de descer pra quadra, jogavam bola ali e, um dia, seu Antônio, um dos funcionários da casa, toma a bola, recolhe a bola no meio do jogo e leva para a diretoria e bota dentro da diretoria, nossa sala era vizinha da sala da diretoria, né, A. vem, de calção e mais nada, pula uma cerquinha que tinha para diretoria, pula, literalmente, apanha a bola e vai embora, com a vice-diretora presente, Diva Guerra, que era considerada uma pessoa duríssima, de disciplina rigidíssima, ele vai lá, pega a bola e vai embora, nós ficamos assustados, assim, é possível fazer isso, é possível fazer isso... era. Também era possível... porque...

[...]

E - [...] É uma peste, pois é, porque tem ser, né, é um período de afirmação pro mundo, né. Então é isso, minha entrada foi por aí.

[...]

D - Então, o senhor falou... só uma coisa que você falou já várias vezes e que eu fiquei querendo perguntar.

E - Hum.

D - O senhor foi aluno de Moreno como aluno particular, um ano só?

E - Um ano. Nem um ano, né.

Eu adorava, confesso que adorava. Se aquilo for matemática, matemática vale a pena.

D - Ok, eu agradeço.

E - Ela era fantástica, tá viva?

D - Tá viva... ela foi muito lembrada pelos alunos...

E - Ela era agitada, ela tinha uma coisa agitada, vou usar uma expressão, “uma coisa inquieta fantástica!” que me deixa meio... adoro, gosto, gosto... não devia ser tanto, não.

D - Como assim?

E - Inquieto, essa coisa de quem não tá satisfeito, com... com o prato feito, né. Tem uma frase do Cid, Cid Teixeira, que eu acho genial, “não me ofereça prato feito, eu odeio prato feito”. Cid é que gosta de dizer isso, eu quero montar meus ingredientes, Cid Teixeira, então, eu acho que é isso, ela era uma pessoa inquieta, que talvez seja a grande característica do Colégio de Aplicação, para o bem e para o mal, lhe deixar inquieto, lhe deixar... lhe deixar, permanentemente, sem esse rumo, é uma coisa meio histórica do Aplicação, essa coisa da insatisfação, eu acho que tava muito presente entre nós, certo.

Entrevista: Jaci Maria Ferraz de Menezes (J)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 58' 23''

Salvador, 20 de dezembro de 2010.

Local: UNEB – Campus I

[...]

J - [...] A minha turma, vamos ver, eu entrei em 61, minha irmã entrou em 62, mas depois perdeu um ano e ficou na turma de 63, essa é a turma de [Sueli Prata], certo?

D - Certo.

J - A de P. deve ser a de 64, porque dessa turma de 63 era o irmão dele. Tem uma mudança de currículo entre a minha turma e a turma deles, vamos dizer que ele seja de 63 ou de 64, certo.

Na de [Sueli Prata] já muda, porque a partir daqui eu acho que clássico e científico foram dados juntos. Tinha uma mudança no currículo, certo, foram duas mudanças que aconteceram, a primeira, foi que era uma turma só, a gente quando fazia admissão pro Colégio, entravam só trinta pessoas, então, aqui, na minha turma excepcionalmente, entraram trinta e dois, os dois eram a mais, certo, mas, quando chegou em 64 ou 63 – acho 64 – quando Maria Angélica foi a... diretora, eles abriram, vamos dizer, um curso de pré-admissão pros filhos dos funcionários e pra pessoas de baixa renda, chamada de baixa renda.

Por que isto foi feito? Porque o Colégio de Aplicação acabava atendendo somente os filhos de professores universitários, vamos dizer, uma classe média mais ou menos pra classe média alta, por exemplo, na minha turma, eu era filha de bancário com professora. Era evidente a diferença de classe social entre a minha e o resto da turma, certo. Eles eram, assim, o pessoal que estudav... que frequentava o Baiano, frequentava o Yacht Clube, eu tinha uma nítida diferença social, então, essa turma, de 64 em diante, passou a ser o dobro, eram sessenta alunos. Duas turmas, entendeu?

Quer dizer, há uma mudança de currículo e há uma intervenção, do ponto de vista de ampliação do acesso, certo? O Colégio, de modo geral, a gente trabalhava com a... a proposta do Colégio é que ele servisse de experimentação para as equipes de currículo da Faculdade, de didática, vou chamar assim, da Faculdade de Filosofia,

certo, então, então, os catedráticos e seus alunos e seus outros professores formavam uma espécie de departamento, eram responsáveis pelo currículo do Colégio de Aplicação e, geralmente do meio do ano pro fim, a gente tinha a presença de estagiários em sala. Todas as matérias, certo.

Então, eles experimentavam com a gente as propostas didáticas que eram inovadoras, na época. Isso valeu tanto pra matemática como valeu pra português, que me lembre, isso era o que era mais marcante, era português e matemática. O que, por exemplo, eu acho que pra química, não, a gente não tinha... a gente não usava laboratório, nem pra química, nem pra física. Eu acho que umas duas vezes na minha vida eu entrei no laboratório de química, certo? Existia laboratório da Faculdade, naquele prédio que ficava atrás, ali tinha laboratório.

D - Senhora fez todo em Nazaré?

J - Não, no último ano lá no Canela, certo? A..., por exemplo, a proposta de português eu acho que a inovação começou antes... porque todo o trabalho com a gente era feito, pra português, através de textos, a gente tinha uma carga horária muito grande de português, acho que era cinco ou seis horas por semana, aliás, o Colégio todo tinha uma carga horária muito grande. Nós tínhamos seis aulas diárias, começava 7:10 da manhã e terminava 12:10 – seis aulas de cinquenta minutos deve dar mais ou menos isso, seis horas de aula – e pra mim era difícil, eu morava em Itapagipe, eu tomava dois ônibus pra chegar lá, pra não chegar atrasada era um inferno, uma doídice total. Se pegasse uma fila da lotação muito grande ali nos correios... eu saía de lá da... dos Dendezeiros, eu gostava de vir pela Massaranduba, descia pra pegar o ônibus de Massaranduba, porque era mais barato e eu guardava o dinheiro pra comprar bombom pra voltar pra casa chupando o bombom, entendeu?

Era muito difícil pra mim chegar no Colégio no horário certo e... e o pessoal de português, dessas seis horas/aula, no último dia a gente trabalhava duas horas seguidas e, geralmente, a gente fazia redação, então, o treino que a gente teve com língua portuguesa foi muito grande. Eu acho que a inovação na área de português começou antes, nesse sentido, a gente trabalhava com textos e, a partir daí, a gente aprendia tanto literatura como a parte de gramática.

Então, não era somente a leitura e a interpretação dos textos, que fazia todos os dias, praticamente, a gente tinha aula todos os dias, então, todos os dias a gente lia um

texto, o texto era todo dividido, marcado, e a gente comentava e discutia o conteúdo do texto, depois disso daí, da interpretação do texto e que entrava toda parte de gramática, de estrutura de texto, análise sintática, etc., as coisas todas que a gente fazia, e o trabalho com literatura não só era a partir de textos literários de autores, de grandes autores, como a gente fazia um seminário por mês de um romance e cada equipe ficava com um romance.

Teoria da literatura nós trabalhamos, literatura portuguesa nós trabalhamos, desde Gil Vicente, Camões, toda literatura escrita de Portugal, depois de Portugal unificado, nós trabalhamos. Então, era um curso de português muito grande. Matemática, eu sempre tive mais dificuldade do que português e nós tínhamos uma professora que não era... não primava pelo, vamos dizer, pela inovação, embora tivesse no grupo, e... com ela eu me lembro ter estudado geometria, nós trabalhávamos com todos os teoremas, aquelas coisas, mas não me lembro ter dado, por exemplo, no ginásio, teoria dos conjuntos. Isso nós não trabalhamos. Na minha turma, não.

D - Quem era a professora?

J - Era professora Zélia Camelier.

D - E como ela trabalhava, mesmo?

J - Ela fazia demonstração, mas também fazíamos demonstração, aprendíamos a fazer demonstração do teorema e etc., escrito, mas não me lembro que ela trabalhasse, por exemplo, com materiais que a gente pudesse tocar, etc., não.

Quando Maria Augusta começou, em 65, a gente já começou, eu acho que teve uma primeira unidade, um primeiro mês, que ela trabalhou com algumas apostilhas com teoria de conjuntos. É... é uma lembrança fugaz – só pra ela dar, eu acho que era... só pra agilizar conceitos... início... e depois nós trabalhamos com aquele livro que começa já com a geometria no espaço, com noção de retas paralelas, noção de plano, toda aquela parte... também tava na forma de teorema, né isso? Você conhecesse o livro? A gente começou a partir daí.

[...]

J - É uma aquela baixinha desse tamanho, assim... Já Dona Marta é aquela senhora imponente, certo?

D - Tá.

J - Você se lembra? Conhece ela?

D - Por fotos.

J - Ela já ta morta?

D - Não. Ela está doente.

J - Mas você não chegou a conversar com ela?

D - Não, não conheço ela, não cheguei a conversar com ela.

J - Dona Marta era assim, aquela senhora imponente, sempre de salto alto, certo? Presente a vida toda na vida do Colégio e... Maria Augusta era baixinha, um pouco menor, e, assim, ela é elétrica, “The Flash”. Ela entrava na sala de aula, ela não fazia mais chamada, então, ela deixou pra lá. “Bom dia, bom dia, bom dia, bom dia...”, passava pro quadro de giz e passava uma lista de exercício e começava o trabalho, a fazer exposição e, depois, começava o trabalho todo, com exercícios, etc.

Eu, como não era a melhor aluna de matemática, eu sempre estudei... era o suficiente, passava, etc., mas numa fui aluna de 9 e 10 em matemática, certo? Eu nunca fui. Então, pra nós era um susto, mas como a... a parte de geometria eu dominava bem, eu aprendi bem a parte toda de teoremas. Tive dificuldade com aquilo, não, era fácil e... e quando ela começa, eu acho... a ligação entre o novo conteúdo e o conteúdo anterior, eu fiz facilmente, eu gostava, me faltava, Diogo, vamos dizer assim, eu era capaz de entender o enunciado, resolver o problema e faltava algumas coisinha no fim, pra fechar, eu não sei o que era, quer dizer, fazer aquele salto, eu acho, que com a teoria ou com alguma coisa que fazia possível você chegar ao número final, entendeu? Alguma coisa faltava. Então, a dificuldade era essa, eu fazia tudo e... e ficava. Entendeu? Era meio complicado.

Como Maria Augusta também era... ela dava 60 exercícios e... Muita gente deixou... E. deixou de fazer, passou pro Clássico, E., N., K. outra dia disse assim: “Eita Jaci, se Diogo vier aqui conversar, eu vou ter que dizer a ele que eu não gostava de Matemática Moderna”. Porque era uma quantidade de exercício a ser feito que era, assim... Era muito grande! Era 50,60 exercícios por semana. O pessoal que gostava muito... O., L., A. – que morreu, L., eu não sei, A. que morreu há uns anos atrás. O pessoal passava intervalo e recreio resolvendo exercício e dando pulo de

alegria. Era impressionante, entendeu? É, praticamente, ocupava o tempo da gente... e a cabeça pensando naquilo.

D - Mas esse grupo que gostava era maioria ou minoria?

J - Não posso lhe dizer que era minoria, porque essa turma que a gente tava no científico, era o pessoal que ia fazer medicina, arquitetura e engenharia, tudo junto. Então, por exemplo, eu tava interessada em medicina, na época, eu queria fazer psiquiatria, certo, por causa disso é que eu acabei fazendo pedagogia pra trabalhar com orientação escolar e nunca trabalhei com isso, nada a ver... orientação... acabei fazendo supervisão, nunca trabalhei em escola, só fui ensinar mesmo já na universidade, já... 85 pra cá, aí comecei a dar aula aqui na UNEB, certo, trabalhava com outras coisas, mas o... o pessoal que ia fazer engenharia gostava muito, o pessoal de engenharia, arquitetura, geologia, todo mundo que tava encaminhado pra as exatas gostava muito.

D - Então, não era junto?

J - Era na mesma sala.

D - Mas era separado Clássico e Científico.

J - e Científico, era separado. É isso que eu tô lhe dizendo, que era outra turma, que a turma da minha irmã, [Sueli Prata], etc. é que começa a ser juntos, já é a turma que vai começar o Colegial em 66 ou 67, que é o ano que já estou saindo.

Aqui a experiência do ensino de ciência, em geral, já tava plena, porque eu me lembro que Felipe Serpa já tinha chegado e tava trabalhando com eles o ensino de ciências, usando aqueles outros livros da coleção, certo?

Talvez coubesse, Diogo, eu sugeriria, dar um pulo na Faculdade de Filosofia pra ver se não tem ainda... porque nós tínhamos, assim, 60 exemplares daqueles livros, a gente não comprava, recebia, usava e devolvia, o de matemática, o de química, o de física, todos eles.

D - Vocês pegavam, a turma da senhora, todas essas disciplinas ciências com esse material americano?

J - O de biologia que eu não tenho certeza.

D - Quem era a professora?

J - Era Tânia. Tânia Zacarias... e era o pessoal que era ligado a doutora Cora e tudo mais, mas é... é, era um curso de biologia, também, muito bom e, no primeiro colegial eu lembro que era botânica, no segundo já não me lembro. Mas, química e física, não me lembro, talvez física, o professor de física da gente foi Zé Luiz e o professor de química comum, era um senhor, professor Pitangueira, era um senhor já, na época, um senhor de idade.

D - Ele também trabalhavam com esses livros?

J - Não.

D - Não trabalhavam ainda.

J – Era a turma de passagem... pra inovação e, você veja, eles começaram a implantar isso em 65, eu acho... com aquele convênio com o governo federal, que a menina apresentou, você se lembra, que fala de um convênio?

D - MEC-USAID?

J - Não, USAID é 67, não, 69. Isso é assinado em 69 é, assim...

D - Qual o convênio, então?

J - Eu não me lembro de cor, mas é assim, olhe, há um convênio do MEC com o Governo do Estado e a UFBA para a implantação dessa nova sistemática de ensino de ciências – aquela sua amiga, Inês.

D - Inês.

J - Inês, o CECIBA e o PROTAP, antes.

[...]

J - Certo? Mas há um convênio com o MEC pra isso. É provável que tenha alguma... é... relação com a USAID, mas do tempo, o USAID do início, porque USAID do tempo de Kennedy, 61 a 64, pro... aquelas conferências internacionais de Punta del Leste, etc. – se você quiser, a gente tem material sobre isso, posso depois lhe passar, certo?

São do tempo, ainda, de João Goulart, certo? Anísio Teixeira participa. Tem uma foto de Anísio Teixeira junto com Celso Furtado numa reunião em reunião em Punta del Leste, certo? Depois da morte de Kennedy, em 64, e outras coisas, é que há uma mudança, quer dizer, um acirramento nas relações da Guerra Fria, vamos dizer, no geral, certo? E... até 69, por exemplo, a Reforma Universitária, a forma da Reforma

Universitária é dada a partir da USAID, mas, já em 68, 69, portanto, depois do golpe, já na proximidade do segundo golpe que é 68, 69 que é o AI-5, certo? E aí cada momento vai ser acirrando... a luta interna, entendeu?

Tô lhe dizendo isso porque, por exemplo, a USAID financia a experiência de Paulo Freire, a experiência de Angicos, de Paulo Freire, que é o teste do método dele, lá em... no Rio Grande do Norte, é convênio com a USAID, a USAID financia experiências do Governo Estadual do Rio Grande do Norte porque a prefeitura tava na mão dos comunistas, inclusive, fazia contraponto, entendeu, com os comunistas que era... Moacyr de Góes, entendeu, há mudanças... há nuances a considerar, então, dessa passagem daqui, deve ter havido algum tipo de mudança, também, nesse convênio, na discussão sobre o conceito de ciência e o ensino de ciências.

Aqui você está dentro da discussão... você começa com José Leite Lopes, a vinda dele pra cá, etc., e a discussão sobre a questão nuclear também entra aí. Se você pegar as revistas do INEP, da época, de 61, 62... a de 64 tem um artigo, a primeira, do primeiro semestre, tem um artigo de José Leite Lopes e outro de Oppenheimer, Robert Oppenheimer, e estão discutindo... eles estão discutindo o que é educação pra um mundo moderno, a discussão sobre o que é modernidade, depois, a questão da ciência, certo, isso deve ter influenciado também na criação dos Institutos Básicos da Universidade da Bahia.

D - Como é que essas coisas chegavam no Aplicação? Esses debates chegavam?

J - Não, a gente sentia... eu nunca achei que eu tivesse num lugar especial, eu nunca achei que era um colégio que... o pessoal dizia que: “pô, você é aluna do Aplicação”, porque eu andava muito também com o pessoal do Central, certo, e... eu nunca achei que a gente tivesse em um lugar especial, era uma coisa muito natural, o trabalho. Era um trabalho muito duro, muito puxado e – como é que se diz – a média pra você passar de ano era alta e você perdesse dois anos era eliminado do Colégio. Nós tivemos um colega de sala eliminado, um só e por causa de matemática, certo? E, assim, o problema de comportamento a direção chamava a família, havia um rigor muito grande, mas nunca achei que fosse excepcional. Nem a gente se achava excepcional e nem achava que o Colégio fosse, entendeu?

D - Vocês não achavam isso?

J - Não.

D - Como foi seu ingresso. Por que a senhora foi pro Aplicação?

J - Foi assim... minha mãe era professora, nós morávamos em Jequié, eu nasci em Jequié e minha família veio de lá pra cá em 59, certo, eu tava ainda concluindo o ensino primário. Meu último ano do primário eu estudei na Getúlio Vargas, que é a escola do Colégio Normal, e fiz cursinho de admissão numa escola que tinha... que prepara a gente pro admissão do Colégio de Aplicação, que era a Escola de Dona Guiomar.

O nome da Escola... bom, se eu lembrar eu digo. Ficava perto do Colégio. Minha mãe foi aluna de Isaías Alves, quando ela se formou, logo, ele tinha pouco tempo que tinha criado a Faculdade de Filosofia, ela tinha sido boa aluna e ele levou ela pra lá pra trabalhar na biblioteca, certo? Ela trabalhou... quando ela se casou e foi para Jequié, que dizer, a vinda da minha família pra cá foi, juntamente, porque a gente já estava chegando na idade de ir pro ginásio e aí minha mãe e meu pai tinham aquele história “não, porque as meninas tem que estudar...”, certo?

Os ginásios eram poucos naquela época, 60, 61 não tinha tantos ginásios públicos, você deve saber que até 47 só tinha uma escola secundária pública, que era o Central, a gente veio pra cá por isso. Então, tanto eu fui pro Aplicação quanto A. foi. Minha terceira irmã, M. ela não foi pro Aplicação porque já meu pai tava dizendo que tinha comunista demais lá, “C. vai pro Central”, como se no Central não tivesse, certo, mas era aquele negócio, assim, era muito contestador, todo mundo muito contestador, então, já foi... foi uma restrição feita, entendeu?

Mas, o Colégio de Aplicação era, portanto, por causa disso, não era porque, quer dizer, pra nós nunca foi explícito, que era porque era um colégio especial. Minha mãe queria que a gente fosse pra lá, ela não botou, por exemplo, a gente pra ir pro ICEIA, que era a escola de onde ela vinha e também tinha a característica de ser uma escola... vinculada a única Escola Normal e pública também, entendeu? É... nunca foi explícito assim, vocês estão indo pro colégio que é... o colégio, nunca isso foi dito. Primeiro que financeiramente não elite nenhuma, certo, e, segundo, a não ser esse fosse pra botar a gente pra fazer curso pro admissão, não tinha nenhuma coisa especial, não.

D - Todos os colégios tinham admissão, né?

J - Todos. Todos os colégios tinham admissão, fazia parte, só depois de 71 é que unifica

e acaba o admissão, unifica o primeiro grau, você sabe disso, né?

D - A senhora... como foi seu admissão no Aplicação? Foi difícil...

J - Não. Fique em terceiro lugar, foi facilimo, não teve problema nenhum. Meu problema no Aplicação, Diogo, foi uma coisa interessante. Eu vou falar, embora não seja sobre matemática é... eu sempre, assim, a menina prodígio da família, entendeu? Tava acostumada tirar 9 e 10 e sempre ficar em primeiro ou segundo lugar na escola, inclusive, no Getúlio Vargas, quando eu fui pra lá, chegava isso criar um problema com os colegas, porque, como eu era miudinha, magrelinha, canelinha fina... Dez anos de idade, imagine.

Entre meus colegas muitos tinham ficado atrasados, então, tinha gente grande, adolescentes, 14 ou 15 anos, no quinto ano primário, entendeu, o pessoal me olhava, assim, meio atravessado, porque eu dizia “eu sei professora, eu sei”, o pessoal já não gosta muito e, embora, eu tinha feito... até por isso eu tenha feito...

[...]

Quando eu fiz o exame de admissão eu entrei bem, eu fiquei no terceiro lugar, o quê que acontece comigo no Colégio Aplicação? Primeiro, eu tava acostumada a sucesso, segundo, eu era uma menina suburbana, sabe menina suburbana que veio do interior e que lá também era acostumada ao sucesso, assim, sabe, cantar na rádio, essas coisas, né.

Eu gostava muito de me “amostar”, como o povo dizia antigamente e, aí, como é que se diz, isso dentro do Colégio de Aplicação virou brincadeira, virou chacota, como eu tava costumada a tirar 9 e 10, o primeiro 7 que eu tirei, eu chorei na sala, pronto, isso foi para sempre, levei dois anos meus colegas gozando da minha cara. Em Francês, quando eu levantava pra ler, um menino gritava lá atrás: “vai chorar”. Aí eu chorava.

Era podre, até que me acostumei com o novo clima... deu trabalho, levou dois anos, entendeu? Mas, fora isso, a dificuldade não era de ensino nem de aprendizagem... você tem apenas que se acostumar: se antes você era a melhor da sala, agora todos eram iguais, o nível era o mesmo, tava todo mundo junto, entendeu?

Então, aquele negócio tava corrigido, de ser a melhorzinha, corrigiu logo, educou rapidinho, entendeu? Do mais, o Colégio... a gente tinha muito mais liberdade, por

exemplo, do que as meninas da Escola Normal e mesmo das escolas de magistério... privadas. A gente era junto da Dona Anfrisia, etc., então, primeiro, a gente tava acostumada ao convívio com outro sexo, a vida toda, eu nunca estudei em escola só de meninas, nunca estudei em escola religiosa, escola só de menina, etc., então, o convívio era natural, certo, contar piada, dar risada junto, andava junto pra um lado e pro outro, sempre andamos todos juntos, então, a ideia... aquela história da coeducação, vivi na prática, meu pai nem minha mãe nunca me colocaram em escola freira, nem em Jequié, nem escola religiosa, não. Nunca aconteceu isso. Então, no Colégio de Aplicação a gente vivia isso, era também visto como um colégio em que a pessoa era muito liberal, entendeu? Estigma, aí já era o estigma contra o Colégio.

Fora isso, o que é que eu posso dizer... era um colégio pequeno, vamos dizer, antes dessa reforma a gente só tinha sete salas de aula, uma pra cada série. No colegial, na hora de dividir as turmas de clássico e científico ficavam pequenas... depois foi que eles começaram a fazer exame pra o ingresso no primeiro ano colegial, porque senão ficavam turmas de 15 pessoas pra cada pra cada um do cursos.

Era um colégio pequeno, um colégio onde se experimentava as propostas pedagógicas da Universidade e um colégio diferente porque, inclusive, a gente tava dentro da Universidade. Eu sou universitária desde os 11 anos de idade, entendeu? Então, quando chegou o momento das lutas estudantis, a gente tava dentro da Faculdade de Filosofia. Teve um dia que a polícia cercou a Faculdade de Filosofia e a gente teve que fugir pelo portão do fundo, dona Odile e dona Lêda nervosas, “rancando” cabelo, “vamos meu filho, vamos meu filho, por aqui ó, a fila...” tudo menino pequeno, quando chegou em 68, que eu já não estava lá, eu tava no primeiro ano... eu fiz direito... quando eu tava no primeiro ano de direito, a minha irmã era do grêmio e saía com o pessoal que era presidente do grêmio, não sei o quê, – A. era secretaria geral – pra soltar panfleto nas ruas, uns meninos de 15 anos e tavam fazendo movimento estudantil, certo? Então, o tipo de clima, de vivência dentro do diretório acadêmico, o grêmio junto com o diretório acadêmico, a cantina, o lugar onde o pessoal discutia, ouvia música, fazia tudo, entendeu?

D - Alguém levava o som ou era o som do Colégio?

J - Não, tinha um som... tinha uma radiola lá do Diretório Central, do Diretório de Filosofia e a gente cantava, nós tínhamos um coral, fizemos coral a vida toda, teatro

é que a gente teve uma experiência pequena, na minha turma, depois cresceu, com essa mudança do currículo eles passaram a ver uma disciplina que chamava “clube de debates”, então, os temas de interesse que eram colocados e eram discutidos pelas turmas, escolhidos... tinha um professor que cuidava de cada turma, passou a ter um professor que cuidava de cada turma e quem coordenava o clube de debates era Solange Lameiro, no... música a gente estudou porque era do currículo na... até a mudança na Lei Orgânica, em 63, e, depois, nós cantávamos no coral. Cantei no coral a vida toda, uma vez por ano se apresentava na reitoria, essas coisas, assim, o Colégio tinha essa coisa da ambiência é... não sei dizer dos outros... não sei como é que eram.

D - Quando a senhora saiu do Colégio, a direção ainda era Maria Angélica?

J - Não, ela saiu antes. Maria Angélica... teve aquela crise, eu não sei se você sabe, teve uma crise, Maria Angélica renunciou. Ah, isso foi uma briga!

Foi assim, Maria Angélica... no Colégio de Aplicação você tinha uma norma, assim, você tinha matérias optativas, essas matérias não tinham nota, certo, Mas se você perdesse por falta você fazia segunda época de todas as matérias, todas. Então, uma colega ela resolveu estudar – não foi de minha turma, não, ela foi de uma turma depois de mim –, ela resolveu estudar alemão, do meio pro fim ela abandonou, quando chegou no fim do ano, tinha que fazer segunda época de todas as disciplinas. Ora, ela era parente de Roberto Santos ou era filha de Roberto Santos, não me lembro, eu sei que era o parente de Roberto Santos e levou o caso pra Congregação – Roberto Santos ainda não era reitor, certo?

Tipo, assim... “a netinha de Edgar”, certo, o criador da Universidade... levou o caso pra Congregação da Faculdade e a Congregação resolveu aprovar ela, passou por cima do sistema todo de aprovação do Colégio e aí Maria Angélica renunciou. Foi aí que Dona Zilma assumiu, acho que Maria Angélica ficou 63 e 64 ou isso foi em 65... não, isso foi 66, 67 quando a gente foi pro Canela já era Dona Zilma, Zilma Parente de Barros.

Zilda, então, entrou lá com todo mundo olhando pra ela com cara feia, porque tinha provocado a queda de Maria Angélica, certo? Quer dizer, a minha turma, mesmo, o que pôde atazanar a vida de Dona Zilma, atazanou. Guguta, por exemplo, só falando em Guguta, ela se lembra de uma resistência a implantação das atividades de

matemática de uma colega que fumava – nós, na época, as meninas na sala... ninguém fumava na sala, era proibido, mas no intervalo podia fumar, nos corredores não tinha maiores restrições, então, o pessoal tava na porta da sala esperando ela chegar aí, na hora que ela chegou, essa colega encheu o pulmão e soltou a fumaça no rosto dela ela, ela ficou ofendidíssima, se sentiu agredida, ela se lembra até hoje! Ela falou pra mim dessa vez que a gente se encontrou, em dezembro do ano passado, “como era o nome daquela sua colega...” eu disse: “eu não me lembro Maria Augusta”, “ah... pois ela encheu o pulmão e soltou a fumaça na minha cara”

Pense numa barreira, assim, uns três ou quatro, na hora dela entrar na sala porque, justamente, o pessoal, esse pessoal que depois passou pro Clássico, no ano seguinte, tava que não aguentava mais de matemática, no regime linha dura de Maria Augusta. Ela fazia com muita naturalidade, entendeu Diogo, não é livrando a cara dela, não, ela fazia com muita simpatia, ela dava aula, fazia, preparava... e o pessoal aprendia, tanto assim que eu não sou do ramo e me lembro... Eu me lembro dessa dificuldade, da passagem do raciocínio e da demonstração para o resultado final. Eu acho que faltava, assim, um insightzinho, “então, tal coisa assim, assim”, entendeu, faltava isso. No entanto, quando chegou no final do ano faltou, assim, uns dois pontos pra que eu passasse com média, eu disse “professora eu tenho alguns exercícios em casa que a senhora não considerou”, ela disse “você tem?”, eu disse, “tenho”, “vamos buscar”. Ela me levou... saiu de Nazaré, no carro dela, ficava lá no Bonfim, pra eu procurar o exercícios em cima do guarda-roupa, imagine... eu, felizmente, achei todos, ela me deu os dois ponto e eu passei com média. Se eu tivesse ficado, eu tinha perdido o ano, eu tenho certeza...

D - A senhora falou que... Certa feita a senhora me contou que o apelido de uma professora de matemática, “cão de calçolão”...

J - Como?

D - Cão de calçolão... quem era?

J - Não, isso não era apelido, não, a gente dizia mesmo, era a própria Maria Augusta, “fulano era o cão de calçolão chupando manga, nunca ouviu isso?”

D - Não. Eu achei fantástica essa expressão. Mas não era especificamente dela?

J - Qualquer pessoa a gente dizia, “não, fulano é o cão de calçolão” é porque, assim, é uma gíria, muito danado, mesmo.

D - A danada era ela?

J - Era ela, era ela, mas isso a gente usava de um modo geral, não era um apelido, eu me lembro da gente cantando música, fazendo mandinga e essas coisas, simpatias, para ela se atrasar no dia da prova e não poder aplicar... mas era bom, eu gostava, já K. não tem a mesma lembrança, pra ela era uma coisa sofrida, certo, e, realmente, teve um grupo grande que desistiu de medicina, de arquitetura, não sei o quê, passou pro Clássico, fez Letras e foi embora na vida porque não aguentava mais. Havia um rigor muito grande.

D - Os conteúdos... geometria espacial, já desse jeito, a senhora lembra de mais alguma coisa de matemática? Teoria dos conjuntos, no início, né...

J - Pouca coisa, teoria dos conjuntos, matemática no espaço, aquelas... aquelas aplicações que a gente estudava, eu acho que é equação do segundo grau, trabalhava com as coordenadas para o estudo das curvas, como é que se chama isso? Pra gente sem calcular a... círculo, não, essa daqui... elipse?

D - hum.

J - E o outro, que é a órbita de cometa, que aberto, como chama?

D - Parábola?

J - Parábola. Me lembro disso, me lembro depois... isso implica numa equação, não é isso?

D - ahã.

J - No segundo...

D - O estudo das cônicas.

J - Não sei se chamava, não me lembro do termo, me lembro que tinha uma equação e essa equação é que determinava o cálculo dos pontos para poder a gente fazer isso e a aplicação disso, eu acho que também, por exemplo, em órbita de satélite, essas coisas assim, a gente aprendeu a calcular.

D - A aplicação.

J - Isso. Isso eu me interessava muito, eu gostava muito... essas equações, depois tinha, assim, aquele... sistema de equação? Sistema de equação e, no terceiro e no segundo ano a gente já tinha um aprofundamento disso, trigonometria... matrizes, matrizes.

D - Ela ensinou também trigonometria lá também nessa época, a senhora falou...

J - Estudei, mas trigonometria é dessa época ou é anterior?

D - Não, são separados, mas é que a senhora falou...

J - São posteriores ou anteriores? É mais complicado?

D - É, às vezes é considerado mais complicado.

J - É, nós estudamos no segundo ano.

D - Hoje é colocado na oitava série, seno, cosseno e tangente...

J - Seno, cosseno e tangente, mas também tinha outros dois que iam complicando...

D - Secante, cossecante?

J - Isso.

D - Hoje são separados, mas às vezes trabalham juntos, também. A ordem...

J - É, também não me lembro, eu acho que isso é do segundo ano do colegial, tipo, qual é o conteúdo específico do segundo ano, eu não me lembro, me lembro bem de seno, cosseno, etc. e essas matrizes... eu me lembro que cria uma relação entre as diversas equações, né isso?

D - Escalonamento de matrizes, determinantes...

J - Sim, mas eu não me lembro mais como se calcula, claro. Esses daqui eu tenho uma lembrança mais forte... mas trigonometria, se me der pra eu ler, sou capaz de entender de novo todo o sistema...

D - Isso daqui, parábola, elipse, ela trabalhava com demonstrações também ou ela trabalhava essa geometria de um outro modo, a senhora lembra?

J - Não, era com demonstrações.

D - Tudo com demonstração?

J - Era a parte do livro, da demonstração, mas eu não me lembro da gente fazer cálculo de outras... de outras formas. Os problemas, além dela apresentar, depois disso a gente fazia... eram apresentados problemas e a gente ia calculando. As figuras geométricas concretas a gente também estudou, como é que chama... cone, aquele outro que é a complementação...

D - Cilindro?

J - Cilindros. Cone, cilindros, pirâmide...

D - Esfera?

J - Pirâmides, etc., tudo a gente aprendeu e as relações, isso foi logo no início.

D - Tudo com demonstração?

J - Tudo com demonstração. Nunca peguei um cone pra cortar, seccionar e calcular depois, mas o problema era dado e a gente sabia resolver, não era complicado... a inserção de uma figura dentro da outra...

D - Inscrição.

J - Inscrição. Não me lembro, assim, dos termos técnicos

D - Não, claro, tô provocando pra ver se a senhora lembra mais de alguma coisa.

J - Isso. Me lembro disso. Mas... talvez a gente tivesse um aprendizado muito abstrato da matemática, não sei se poderia ser mais completo, entendeu? É só o que eu me lembro, é isso.

D - Voltando um pouquinho, então, a senhora fala “era uma escola de experimentação, inclusive em matemática...”

J - Inclusive matemática, mas experimentação...

D - Queria que a senhora falasse...

J - Veja bem, a experimentação era a aplicação desse tipo de método lá, certo? Eu... que eu me lembre, os outros colégios não tinham isso.

D - Os comentários é que não tinha isso?

J - Não tinha isso, eu não sei se depois... começa a ter no Central também as classes do CECIBA, certo? Porque eu tenho o relato de Dona Lêda, tenho o relato de Dona Lêda lá, mas não era pra todo o Colégio, eram somente as classes experimentais. Lá no Colégio todo mundo estudava e depois que juntou as duas turmas aí ficou o mesmo pra todos, independente... não existia mais Científico e Clássico, era curso colegial.

D - Então, a mudança aconteceu primeiro no Aplicação, é isso?

J - Sim, depois vai acontecer com a 5692, eu acho. *Mais alguma coisa?*

D - [...] me conta como eram os estagiários no ensino da matemática? A senhora lembra dos estagiários?

J - Sim, eram iguais a todas as outras, tinha, vamos dizer, dentro da terceira e da quarta unidade, mas especificamente com a terceira... Ah, a gente começou trabalhar por unidade, a gente começou a trabalhar por unidade didática até...

Quando a gente... quando eu comecei a estudar... o sistema de ensino, até a terceira série... eram sete disciplinas e a gente... eram pontos, primeiro ponto, segundo ponto, terceiro ponto, um por mês, certo? A gente fazia prova, quando chegava no final do mês de junho –vou lhe dizer que era a prova da primeira... do primeiro semestre, não me lembro mais da denominação, era exame parcial –, você fazia exames e tinha a nota da primeira, depois tinha o 4, 5, 6 e o sétimo, até dezembro, aí tinha o outro exame final – eu tenho ainda meu histórico escolar.

[...]

J - [...] Quando chegava... então, aqui você tinha o exame final, se a gente fizesse média sete em todos os meses, passava por média, então, não precisava fazer exame final, senão a gente fazia média o exame final, a nota do exame parcial somava com a de cá pra que você tivesse média cinco, entendeu? Se você não alcançasse nos dois exames... logo no início a gente tinha prova escrita e prova oral, se alcançasse isso aí ia pra segunda época.

D - Prova oral em matemática também ou só em algumas?

J - Eu me lembro que tinha prova oral, mas era primeira, segunda e terceira série, só, nesse exame... nessa coisa aqui da matemática que a gente tá relatando, isso não alcançou esse tipo de coisa. Vamos dizer, eu entrei em 61 e, 63, em 62 pra 63, é implantada e Lei Orgânica, ela é aprovada em 61, então, essas disciplina daqui, que eram... economia doméstica, trabalhos manuais, música, latim, tudo isso eu estudei no primeiro ano do ginásio, certo? Essas disciplinas desaparecem e reduz a quantidade de conteúdos ensinados e a gente, depois, aqui na terceira ou quarta série e mais adiante, a gente começa a trabalhar com unidade, com quatro unidades ao invés de sete meses, unidade de conteúdo, certo? O centro de interesse, uma série de outras coisas, embora, não da forma como eu vi depois aplicado no ginásio onde eu ensinei rapidamente, certo? Porque era aquela história de você... a unidade tem um tema central e todas as disciplinas trabalham aqueles temas. Isso não acontecia no

Colégio, mas era por unidade, mas acho que já aqui, em 66 e 67, tomou uma forma diferente, até que o Colégio acaba.

D - As estagiárias faziam alguma diferença? Mesmo que não seja...

J - A gente pintava horrores com os pobres estagiários, nós testávamos eles, a gente ficava inventando pergunta difícil pra fazer, pra eles ficarem embaraçados, geralmente entrava um grupo de seis ou sete estagiários com o professor catedrático, que era o professor deles de metodologia e eles assistiam, observavam durante um período e, depois, cada um deles também dava uma semana, quinze dias de aula, não mais que isso.

D - Quem era que acompanhava matemática, a senhora lembra?

J - Maria Augusta e Martha.

D - Martha? A referência dela no Aplicação, qual era? Ela ia lá, assistia...

J - Ela era uma pessoa, era um marco, vamos dizer assim. Dona Martha.

D - De que?

J - De excelência.

D - hum.

J - É Dona Marta, mas ela no Colégio de Aplicação, não sei se ela dava aula nem pro terceiro colegial, nunca me lembro dela ter dado aula aos meus colegas de terceiro ano, não me lembro.

D - A referência dela era vir para assistir?

J - Pra assistir, ela acompanhava os estagiários, ela era professora da Faculdade, não me lembro dela ter dado aula no Aplicação, não me lembro, pode ser que tenha dado.

[...]

D - [...] a senhora fala... uma hora a senhora fala da disciplina, outra hora fala que tinha certa liberdade. Como era essa questão da disciplina no Colégio e na sala, etc., como é que a senhora era tratada... seus possíveis atrasos... indisciplina na hora da aula...

J - Olhe, disciplina na hora da aula era igual a todo lugar, se perturbasse muito, botava pra fora e mandava pra diretoria, certo? Suspensão, eu me lembro de um colega que soltou uma bomba na sala de aula, aí chamou a família... no São João ele soltou uma

bomba e chamou uma família, suspendeu, etc. e tal.

Atrasos: quando a gente chegava atrasada... a gente usava uma caderneta, você viu alguma caderneta, Diogo? Então, tinha uma caderneta e essas cadernetas, todos os dias, se você chegasse atrasado, o porteiro carimbava “atrasado”, certo? Minha caderneta vivia assim, coitada, toda carimbada. Depois de um certo período mandava a cartinha pra família, “olhe, ele está chegando atrasado, pê-pê-pê...”

Eu me lembro de ter recebido uma certa punição, mas não da direção, de uma professora, já o terceiro ano colegial, porque realmente eu não consegui chegar 7:10. O Colégio saiu de Nazaré e foi pra o Campo Grande e eu saía lá do Bonfim, tinha que pegar o ônibus e subir pela – a Avenida de Contorno tinha sido recém inaugurada, não sei o quê, e os ônibus já iam até o Campo Grande –, mas era menos, a frequência era menor do que a lotação de Nazaré. Eu chegava... eu não conseguia, eu saía de casa todo dia 6:15 da manhã, para poder chegar lá. Era muito cedo. Eu ia de ônibus... eu não conseguia chegar, então, a professora me chamou atenção e chamou atenção em sala, geralmente ninguém fazia isso, não. Essa questão da disciplina que eu estou lhe relatando, do rigor, não era uma disciplina... quer dizer...

Não era uma disciplina que... pelo menos comigo não tinha esse negócio do castigo físico, nunca aconteceu esse castigo físico dentro do Colégio, certo? Mas lembro de um colega – um colega que eu reencontrei no ano passado –, ele lembra que a família dele foi chamada para que ele não se matriculasse no ano seguinte. Esse outro colega, o tal da bomba, foi reprovado dois anos seguidos, justamente, em matemática e saiu do Colégio, certo? Os meninos, quando eles brigavam, diziam assim: “hoje, depois da aula, na Cova da Onça...” –sabe onde é a Cova da Onça, né?

D - Não.

J - Faculdade de Filosofia, vamos dizer, junto da Faculdade tinha aquela Igreja do Sagrado Coração de Jesus, depois vem o convento, aí desce uma ladeira que vai dar na Fonte Nova.

[...]

Então, aqui em baixo passa a Fonte Nova, então aqui, assim, uma ladeirinha estreitinha que era “Cabeça de Nêgo” – dever ser uma ladeira antiga – que chamava Cova da Onça, o nome de uma rua. O pessoal marcava, “fulano, Cova da Onça”, aí descia os meninos todos, chegava depois todo mundo arranhado, mas dentro do

Colégio não acontecia. Era o momento das brigas... e tinha, naturalmente, um certo controle dentro do grupo, entre os que eram mais do futebol e outros que não eram de futebol, os que eram do futebol iam a briga, eu não sei das quantas, principalmente dos meninos, além dos processos normais de um ficar... hoje a gente chamaria de bulling, certo?

Tinha um colega novo, que hoje é engenheiro calculista, etc., etc., que era filho de espanhol, esse menino, coitado, ainda por cima ele... a família dele tinha um negócio de frequentar na Nair Sabaque, uma benzedeira que tinha junto do Fórum Rui Barbosa, fazia fila de pessoal doente, pobre, não sei das quantas, na porta da casa dela, porque ela benzia, não sei o quê, bem ali no Fórum, quem desce pra Mouraria, perto da Igreja de Santana, na lateral da Igreja de Santana. Quando descobriram que M. frequentava Nair Sabaque, esses meninos pintaram horrores com M.

[...]

D - Maria Augusta foi sua professora a partir de quando? Só no colegial?

J - Só no colegial, nos dois anos de colegial só lembro dela. Pelo menos... se tinha um professor diferente no segundo colegial, ele nem marcou, não lembro dele.

[...]

J - A verdade é essa, basicamente, eu acho que o que era de especial no Colégio a ambiência, havia um ritmo, vamos chamar, pedagógico muito intenso, quer dizer, era... eu só comecei a faltar aula, por exemplo, de química, eu fugia da aula e ia pra biblioteca pra ficar lendo, porque eu já não aguentava mais aquelas cadeias de carbono – às vezes eu olhava, assim, “ai meu Deus, eu não aguento mais...” aí eu desisti de vez. Até que eu consegui passar, mas o professor chegou pra mim, no dia que eu passei por média “você conseguiu passar, heim!?”, eu fiz “pois é, estudei...”, ele ficou danado da vida. Eu disse: “ah, chega na minha vida!”.

Eu não ia conseguir nunca fazer medicina, que era o que eu queria. No mais, a gente era universitário, a gente era universitário, as questões todas da universidade eram discutidas e nós estávamos presentes, além disso, tem outra coisa interessante, apesar de ser uma escola laica, da Universidade, etc., todo ano tinha a páscoa do Colégio de Aplicação, a Igreja Católica presente, tinha páscoa... e a gente do Coral, a gente cantava a missa toda em latim na igreja ali de junto. Então, essa laicidade era em termos, certo? Cantava a missa toda em latim.

Depois chegou um colega, que era uma pessoa fantástica, ele era do Central e foi fazer o terceiro ano do colegial lá, chamado P., e aí P. colocou o Colégio muito em contato com a Escola de Teatro, nós fizemos uma jogralasca, ele organizou uma jogralasca no final do ano, mas, assim, muito iniciativa, em articulação com o pessoal de português, usando um texto de Carlos Drummond de Andrade, essas coisas e... um trabalho muito bonito e, que eu me lembre, eu trabalhei com teatro lá duas vezes, isso e o professor de inglês do segundo ano colegial fez um sketch todo em inglês, a gente fez.

E aprendia, tudo que eu aprendi de música em inglês, era com música dos beatles. A gente pegou um disco inteiro, assim, e... fsss... todo... Pronto, Diogo, que eu me lembre do Colégio, é isso. Era legal, viu? Eu gostava de estudar lá, apesar dessas questões.

D - [...] dizer que não se sentia especial.... foi a primeira pessoa que disse isso.

J - Os outros se sentiam?

D - Todos.

J - Nunca senti. Não havia uma ideia, assim, “o Colégio de Aplicação é para pessoas especiais”.

D - Mas não era nesse sentido, tinha-se a impressão que era difícil, tinha a ideia que o ensino era...

J - Rigoroso...

D - O resultado era muito bom, então, acabava estabelecendo um status para quem estudava no Colégio...

J - Sim. Existia, existia uma admiração, tô querendo dizer o seguinte, era de fora pra dentro, que eu me lembre, isso lá dentro não era cultivado. Além disso, Dona Lêda, todo ano ela paria. Dona Lêda era diretora, todos os anos Dona Lêda paria e quem ficava dirigindo a gente era uma senhora chamada Dona Diva, que “ave maria”, que esses meninos ficavam pintavam horrores com ela porque ela era careca, ela era careca... uma molequeirazinha...

Dez horas da manhã, a canti... a minha sala ficava junto da cozinha, aí batia vitamina de banana pra Dr. Aristides, que era o diretor da escola, da Faculdade. Aí, na hora que batia – (ruído do liquidificador). Depois de um certo tempo, os meninos

começaram a levar pra lá – sabe aquele alarme que você marca e bate, né, você marca e bate, uma espécie de despertador – os meninos começaram a levar pra soltar na sala de aula, o som da sineta antes da hora da... da aula terminar... essas coisas, maluquice, turma de menino. Nada muito grave...

[...]

D - A senhora lembraria alguma história relacionada com estudante mandado pro exterior, pra estudar fora?

J - Isso mal começou, no meu tempo, certo? Justamente, K. que é professora daqui, interrompeu o curso porque foi pra lá, ela fez o primeiro ano – essa aqui falou que não gostava de matemática nem de Guguta. Ela, justamente, fez o primeiro ano colegial e, no segundo, foi para os Estados Unidos, quando ela voltou já encontrou o sistema organizado de outra forma e ela fez Clássico, ela fez Clássico, ela não fez Científico.

D - Mas na volta ela não teve como fazer Clássico, teve?

J - Não, ela fez Clássico ainda. Ah, eu não sei, não. Realmente, você tem razão, ela já não fez Clássico... não, não sei. Posso está confundindo, sei que ela fez intercâmbio.

[agradecimentos]

Entrevista: Jorge Braga Barretto (J)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 3h 02' 32''

Salvador, 18 de outubro de 2010

Local: Casa do entrevistado

D - Essa aqui é a circular respeito do Exame de Admissão do Aplicação?

[...]

D - Tranquilo. Foi esse exame que o senhor fez?

J - Não, não, não. Isso aqui eu já...

D - Você já estava no Colégio?

J - Eu já estava na Escola, eu entrei lá em 59, isso aqui é porque toda e qualquer atividade que nós tínhamos lá nós éramos comunicados por circulares, entende? Uma simples festa, como você vê aqui - festa do milho - tinha circular... “Circular número seis, festa do milho”. Quer dizer, na realidade, eu coletei esses papéis durante muitos e muitos anos e deixei numas caixas muito antigas e que agora eu resolvi acondicioná-los em caixas mais novas, por causa de cupim e esses negócio todo, traça e tudo...

Muito bem, pra minha surpresa, depois de décadas e décadas e décadas, eu tava fazendo uma mudança agora – eu mudei pra aqui tem dois anos – quando eu abri uma caixa antiga, tinha lá... minha mãe tinha guardado tudo, não fui eu, não, foi minha mãe, entendeu?

[...]

Isso aqui era o seguinte, era uma taxa de matrícula – mas, não tome susto, não – o curso de ginásio se cobrava essa taxa de matrícula aqui, mas é uma coisa boba, boba mesmo. É taxa de frequência do primeiro período, porque naquela, a bem da verdade, não existia ensino pago. Isso aqui corresponderia ao que... tudo isso aqui que você viu devia ser vinte reais, entendeu? Era uma coisa muito mais simbólica, mas o curso era totalmente grátis.

Taxa do admissão... isso aqui deveria ser cinquenta cruzeiros, no máximo, hoje, cinco reais, porque era Universidade Federal. A Federal hoje até hoje não cobra umas

taxas de inscrição no vestibular? É isso aqui, mesma coisa. Mas, depois disso aqui, você não tinha mais despesa alguma.

[...]

Na realidade, é bom que se grave, eu nunca fui um bom aluno, nunca, entendeu? Eu sempre era muito mais assim... eu gostava muito mais de ler, ler muito mais que o estudar pra nota, eu nunca me liguei muito em nota, tanto que você vai ver que minhas avaliações, minhas notas... não sei nem se eu tenho elas aqui, eu não sei nem se eu tenho elas aqui... A gente passava de ano e tudo mais, numa boa, não dava pra perder, mas... de qualquer maneira...

[...]

Quer dizer, havia uma normatização de tudo, entendeu? Você era realmente... você era preparado pra vida estudantil, coisa que, praticamente, o ensino que veio depois – que eu vou chamar de privatizado, porque ele... hoje em dia se inverteu tudo... Naquela época pra você... eu tenho de cor os colégios particulares que tinham aqui e eram verdadeiras... chamavam de fábrica. Fábrica do que? Porque tinha aqueles vários bueiros, né, e tudo desaparecia na fumaça e você pagava e passava, era o PPP: pescou, pagou, passou... as escolas...

[...]

J - As escolas eram São Salvador, que era na Barroquinha e era uma bomba, tomara que não tenha nenhum filho (risos) do proprietário ouvindo isso... pra eu não receber crítica. Tinha o Colégio Brasil que era... onde era o Brasil Jorge? O Valença, no Campo da Pólvora, Hugo Baltazar da Silveira, que dos particulares daquela época, ainda era o que eu chamaria de melhorzinho, porque, na realidade, o ensino todo se concentrava... o que se chamava “as escolas de respeito” eram as escolas públicas, tinha o Baltazar da Silveira, o Valença, o Brasil... quem mais, Jorge? O Colégio Ipiranga, o tradicional Colégio Ipiranga. O Colégio Ipiranga foi um senhor colégio, mas naquela época velha do tempo de Isaías Alves e, na realidade, é bom que você saiba – que eu quero ver se professora Maria Angélica te recebe –, a formação do Aplicação foi todo ela calcado em cima daqueles educadores do passado e todos respeitavam Isaías Alves de Almeida, era aquele menino de Caetité, que foi um assombro, mas que naquela época, se levava muito em consideração a formação política do cidadão e ele era um comunista desses de mão cheia, né, que era Anísio

Teixeira. Anísio Teixeira e Isaías, naquela época, eu diria aqui, com toda segurança e com toda convicção, eram os esteios da educação da Bahia, né, naquele período.

É lógico, e isso eu não abro mão, com o advento do golpe militar de 64, ao qual eu lhe digo que não foi em 31 de março, foi em primeiro de abril, porque eu me preparava no dia primeiro de abril pra fazer uma prova... (tss) no dia 31 pra fazer uma prova no dia primeiro de abril e quando eu ingressava na Escola, antes de adentrar propriamente na Escola, um colega meu, F., que hoje ele é o diretor da imprensa oficial lá em Brasília, trabalha lá com o Lula na Casa Civil, tá entendendo? uma figura assim... é primo de um deputado federal, irmão meu, desde menino, Z., que estudou no Aplicação também...

Então, resultado, eu me lembro perfeitamente desses lances todos com a maior tranquilidade, com a maior transparência, então, você tem uma... digamos assim, uma deformação, depois do golpe militar

[...]

voltando o que eu tava falando – quando eu entro na Faculdade... no Colégio de Aplicação, F. fez, “Braga entre devagar que a Escolar tá cheia de metralhadora e fantá”, – fantá são aqueles cassetetes imensos, que até hoje se chama de fantá –, “vai devagar porque, senão, você vai cair na pancada”, eu disse, “que nada, otário”, disse assim mesmo, “que nada, otário, 1º de abril, tô preparado”. Nunca esqueço, quando eu olhei que eu vi o primeiro de abri... esse golpe militar foi tão mentiroso que, simplesmente, o nascimento dele brotou no dia da mentira, que foi o dia primeiro de abril.

Era uma época maravilhosa, rapaz, falar isso não adianta, você vai ter que ter dez gravadores e passar uma semana ouvindo, porque é coisa demais... Agora, tem certos detalhes que eu acho importante saber, este Colégio de Aplicação não era interessante à época, porque era um formador de opinião e formador de cabeças, você tem as grandes lideranças, entre aspas, subversivas daquela época, vinham do Aplicação da Faculdade de Filosofia, era o celeiro, né.

Então, resultado, eu digo a você que eu pude acompanhar todo aquele momento político da época e a gente guarda tudo na cabeça e um dos maiores baques pra mim e pra muita gente foi o assassinato de Che, 9 de outubro de 67. Aquilo ali foi um golpe fatal, né, que deram no avanço no socialismo na América do Sul, que viria,

fatalmente viria. Ali... era questão de tempo, se não matam Che, com certeza que a gente não tava sob o comando da droga, do extermínio, de tudo isso aí. Eh..., digamos assim, isso é uma instrumentação guardada a sete chaves, muito bem feita, tendo, eu diria, uma quadrilha institucionalizada, claro que são gatos pingados, mas basta que haja um pra deteriorar todo sistema, né?

[...]

J - [...] Então, eu ia dizendo isso é pra você... Aquela era uma época – eu não sei se isso te interessa –, a preocupação que nós tínhamos na época... pouquíssimos colegas tinham carro, até porque a gente não tinha idade ainda pra dirigir, então, nós saíamos em bloco de Nazaré – o ônibus depois de meia-noite já não funciona mais, senão você só pegava o pernoite e que, às vezes, nem o pernoite se conseguia –, então, tinha que esperar dar de manhã, quatro e meia ou cinco horas, pra terminar aquelas festas de quinze anos, que era a coqueluche da época, então, você vinha da Barra em grupo, com o paletó – que ninguém gostava de paletó – pendurado nas costas e muitos de nós vínhamos, duas ou três horas da manhã, quando a festa não era muito boa, nós vínhamos da Barra, sete, oito, dez pessoas, até Nazaré, todo mundo a pé, subindo a ladeira da Barra... ninguém... pai e mãe não se preocupavam com nada. A única preocupação que se tinha...

[...]

J – Então, o que é que acontecia... a gente vinha – porque os nossos pais não se preocupavam com violência, não havia violência. O que havia, naquela época, havia aquelas famosas “turma”, era turma do Barbalho contra turma do Campo da Pólvora, mas, no fim, não tinha arma, não tinha faca, não tinha revólver, no máximo, o que acontecia era aquela briga entre colégios, na realidade, que eram brigas bobas, bestas, que não somavam nada, das quais, se eu muito participei de uma, participei demais.

Então, qual era nossa preocupação da época? Com cachorro. Verdade, porque a gente vinha em grupo e aquelas esquinas tinham aqueles cachorros vadios, setes, oito, dez, vinte... aquilo preocupava, realmente. Nosso único receio era um cachorro daquele tá com um problema qualquer, uma infecção e a gente dançar. Mas, violência era zero, não se falava em violência.

Fonte Nova, meu Deus, eu cansava de ir, meu irmão Bahia e eu Vitória e a gente ia

pro mesmo lugar, pra mesma torcida, com as camisas completamente divergentes e não tinha problema nenhum. Então isso, eu quero voltar ao que eu tava falando... Essa desestruturação, essa destruição, melhor dizendo, da escola pública de qualidade, levou a esse mar de miséria que a gente tá vivendo hoje, não se iluda. Vou gravar e dizer mais uma coisa, que eu não sei se você vai colocar isso lá em seu trabalho, nós temos, urgentemente, que copiar o chamado modelo cubano de educação. Eu tenho quarenta anos com esse pessoal e isso é pra cinquenta anos atrás, todo aquele processo que eu lhe falei...

Você vai rir com o que eu vou te falar, naquela... em 61, 62, enquanto você tá vendo essas coisas aqui, essas circulars, os próprios soldados do exército – grave isso – iam nos buscar em Nazaré, no fim de linha onde eu morava, pra gente ir pra palafitas, pra aquelas... – porque não se falava invasão, invasão, naquela época, era palavrão, o que você tinha era... era... era... casas bem rudimentares, palafitas, mesmo, em São Caetano, né? A Ribeira veio muito depois.

Então, o que é que acontecia, eles vinham nos pegar... – você já, acho que você já ouviu falar na famosa “cartilha da terra” que foi de Paulo Freire, o método Paulo Freire, que talvez sejam um dos métodos mais espetaculares e mais práticos e de fácil aprendizado, daquela época –. Naquela época, essas cartilhas da terra eram distribuídas aos montes, aos milhares, porque o processo era de tirar do analfabetismo toda a população brasileira. Moral da história, simplesmente, esses mesmos soldados que nos levavam... Eu levei, ensinando lá, com muitos colegas meus do Aplicação e era, praticamente, era quase que cem por cento do Aplicação, que era o pessoal que absorvia, que gostava de fazer isso por entender que o avanço social nosso tinha que passar por isso aí

D - Vocês iam dar aula?

J - Ia dar aula, e a gente às vezes ia dar aula de buzu, demorava uma hora e meia pra chegar e, olhe, não tinha trânsito, diante da dificuldade e, às vezes, eles vinham num carros velhos, naqueles DKV, naqueles fusquinhas bem velhos, pra levar a gente, quando tinha condição de pegar. A gente só fazia ensinar, eles levavam a gente e traziam.

Sabe quem levava a gente e trazia? Eram os soldados do exército, meu amigo, tá entendendo? Aquele próprio pessoal que trabalhava nas forças armadas, iniciando,

que via a necessidade... eles ficaram loucos quando viram a gente com dois, três, quatro meses, botando as pessoas pra assinar o nome e tudo mais...

O MOBRAL, aquilo foi uma palhaçada do Regime Militar pra fazer engodo, que aquilo era... eles botavam na cabeça que você lendo seu nome ou uma palavra qualquer e assinando, tava alfabetizado, quando isso não é verdade.

É o famoso ensino do “O com copo”, o cara botava o copo, fazia a circunferência, pronto... dá o certificado pro cidadão. Era uma gozação danada... Então, tudo isso são fatos que me passam assim pela cabeça e quem tem nossa idade relembra.

[...]

Olhar pra isso aqui, meu Deus do céu... Como é que eu ia me lembrar que eu ia encontrar isso... olha aqui: sinérese, sinérese... isso é aula de literatura, minha professora Zuleica Barreto, poema descritivo da natureza, linguagem nobre imagens, terra natal, Roberto de Oliveira, nossos clássicos... Poema em terza, rima italiana... Rapaz, era um Colégio fantástico.

Eu digo a você uma coisa: tudo que eu tenho na vida hoje de leitura, de interpretação, foi do Aplicação. Eu passei pela faculdade, aquilo ali foi um cometa que passou na minha vida, eu passei pela faculdade e lhe digo uma coisa, eu não senti necessidade alguma e a faculdade não te ensinava coisa nova, entendeu? E eles tinham uma coisa que eu adorava, muitos colegas nossos não gostavam, porque tomava a tarde toda, mas funcionava. Os famosos “estudos dirigidos”. História? Não se ensinava história na decoreba, não, absolutamente. Eles davam fatos pra você ler e pra discutir em sala. “O que é que vocês acham - pepepepapa - essa história...”

Foi dali que nós aprendemos uma coisa fantástica: não existe guerra cuja causa seja outra que não seja só econômica. Religiosa? Que religião que nada, nunca foi motivo da guerra. Social? Coisa nenhuma. Tudo mexe no dinheiro, no bolso. Os americanos promovem guerra há cinquenta anos por causa de que? Querendo tomar o petróleo dos outros, só que não consegue, não é fácil, você querer modificar uma formação de um povo, isso não existe.

[Olha aqui, deixa eu ver, isso é o que? Rema, rema, remador... deixa eu ver se eu lembro... Villa Lobos, ó... eu vou lembrar algum daqui. Vixe nossa senhora, isso era chato – tum tum tum tum... Tô vendo aqui...]

Agora, tudo era clássico... Johann Sebastian Bach... junto do Aplicação tem o Coração de Jesus, aquela igreja, a gente ia ensaiar lá, pegando um pouco da acústica que a igreja tinha.

D - Quando era onde? Quando era lá no...

J - No Aplicação, em Nazaré.

D - Nazaré.

J - (cantado) “Senhores prestem atenção, na história que eu vou contar” – eu tô me vendo aqui... Aqui é kyrie eleison, a canção da igreja.

D - Sim, essas aulas do estudo dirigido aconteciam toda tarde, o senhor falou?

J - Não. Eram... Se eu não me engano, eram duas vezes por semana, não sei se era as terças e sextas, uma coisa assim. Todo dia não podia ser não, senão não tinha como preparar tudo.

D - Mas era a hora do debate?

J - Ah... do debate, com certeza. E, praticamente o ensino nosso era... o primeiro semestre era com os catedráticos, né? e o segundo semestre era com os professorandos, então, dali saiam, todos os anos, os professores que se formavam no fim do ano pra lecionar na Faculdade e todos se redistribuíram também pelo Aplicação.

D - Eles ficavam seis meses lá com vocês?

J - Ficavam um semestre inteiro os cabeções, né? e o segundo semestre as cabecinhas (risos) [Tudo isso aqui minha mãe guardou... Isso, meu Deus do céu... Canto do Pajé, isso é bonito no coral, muito bonito. Isso aqui é aula de sociologia, com certeza, professora Indaiá ou Inaiá. “Comunidade e associação, grupos primários e secundários] veio o golpe militar e acabou. Você não tinha uma... não se manteve viva uma escola de sociologia, lacram tudo. Até a particular.

De quem é isso? Isso aqui é meu, Jorge? Isso mandaram pra mim, quem foi, Jorge? Peraí, deixa eu ver... Ah, C... Meu Deus do céu... mora no Rio de Janeiro, hoje, C. O. Um trabalho de sociologia... hum... uma nota até boa. Entrei em contradição agora. Muito interessante é a personalidade gráfica nossa... muda toda, toda, toda...

[Isso aí deve ser literatura também... Aqui, sabe o que é isso aqui? “5,5”, tá vendo

que não tô mentindo. Latim.]

D - Prova de Latim?

J - É. Latim. Latim... Aqui é tudo, é tudo... Aqui, inglês. Nota “8,35”, não foi ruim. Eu adorava inglês, sempre gostei muito e tinha professores maravilhosos, os donos de EBEC, de ACBEU, tudo era de lá. Todos... Uh, rapaz, essa aqui... aqui, tá vendo? “anexo a...” quer dizer, a Faculdade de Filosofia ensinava o Aplicação, era integrado.

Nós levamos lá 16 anos que nenhum aluno perdia vestibular, negócio fantástico, não havia negócio de... vinha Pedro II, Mackenzie pra cá, todo mundo pau. A divisão do Aplicação se o aluno não tivesse preparado não passava mesmo.

Isso aqui porque naquela época nós tínhamos o ginásio de quatro anos e se você ia fazer direito ou carreiras similares, né, de humanas, você fazia clássico, exatas, científico. Aí pronto, foi aí que eu me desliguei de um monte de colegas, um dos quais hoje trabalha comigo, A. P. Eu trabalho na Corregedoria e ele trabalha no Centro de Estatística Policial, uma sala separando da outra, a gente morre de rir...

[...]

Olha que miséria, bicho...

D - Segundo Clássico.

J - Segundo clássico.

D - 65?

J - 65, exatamente.

D - O senhor falou da chegada da... da sua chegada no Colégio, no dia primeiro de abril...

J - Ah sim, aquilo ali...

D - Me conta como foi a sua chegada o que é que tinha, como é que...

J - Essa chegada foi o seguinte, com a instauração do golpe militar, que eles chamam de Revolução de 64, mas que é uma mentira, aquilo não é uma revolução, aquilo foi uma coisa feita de baixo pra cima, em cima do revólver nas cabeças... Aquilo não existe, foi um processo intimidatório muito grande, a tal ponto que você, às vezes, era proibido até de falar, não podia nem se comunicar, tinha que passar por aquele corredor chama... que a gente chama de “corredor polonês”, absolutamente silente...

Foi uma coisa assim, extremamente grosseira, estúpida e, principalmente, num colégio onde a média de idade era o que? De doze, treze anos a dezessete, dezoito, estourando. Aliás, acho que não tinha ninguém de dezoito anos ainda.

D - A polícia então invadia o Colégio...

J - A polícia, não. O exército!

O exército invadiu e deixou todo mundo incomunicável, invadiu a Filos... não foi só lá só, não, invadiu no Brasil todo, naquele dia, onde havia estabelecimento de ensino, principalmente aqueles que tinham uma formação... que davam uma formação ideológica, socializante, esses aí dançaram feio, dançaram feio...

Aqui... matemática... aí você deita e rola. Equação, né? Equação, né? Deixa eu ver se tem mais alguma coisa que você possa ver...

D - Mas, essa... eu estou extremamente curioso com essa coisa da invasão dos militares. Eles...

J - História, olhe. Me deu cinco, o miserável.

D - Quem era o professor aí?

J - Era... rapaz...

D - É curioso não ter o nome dos professores nas avaliações.

J - É, mas tinha... Imagine que naquela época – eu tinha quatorze ou quinze anos – nós usávamos... a gente empregava muito “houve também o problema”, né? o haver no sentido de ser, de existir. Pouca gente até hoje emprega isso, né? [Isso aqui é francês... professora sensacional. Essa daqui não precisava nem colocar o nome, eu sei, é Cristininha.]

Deixa eu ver esse aqui... “verificação de aprendizagem, 8 de agosto de 64” eita ferro, “Estudos Clássicos”, não chamava nem Clássicos, era Estudos Clássicos - Literatura, sei que minhas notas nunca foram muito boas, nunca foi um aluno... Eita, este aqui é maravilhoso, no Francês recebi um trêsinho beleza... Esse aqui, qual foi, meu Deus? Isso aqui foi Matemática, né? até que minha nota tá boa.

D - Valia 6 e o senhor tirou 5,5.

J - ah, então foi isso.

D - Nota boa.

J - Então foi isso mesmo, sabe o que era, foi uma das professoras que eu mais gostava e era bonita como a zorra, Dona Roberta, professora Roberta, linda, linda.

D - Isso no... em que ano foi isso, 64, o senhor já tava no clássico aí?

J - Não, no clássico não... Tava, tava... 64... em 66 fui pro clássico, aqui ó.

D - Em 64 o senhor tava no primeiro ano do clássico, tinha matemática então?

J - Exato. No clássico dava matemática, física, agora, noções. Não era, digamos assim, não era eh... eliminatória... Rapaz, geometria no espaço eu não suportava aquilo e quem gosta de leitura, literatura não é chegado mesmo... Latim, essa mulher de Latim me detonava...

Inglês, inglês eu nunca tirava nota baixa, eu gostava mesmo e depois veio o Espanhol, que eu não tô vendo aqui ainda... “9,5” em que? Inglês. Ah, inglês eu jogava duro.

História Geral...

D - 6.

J - Porque minha professora jogava duríssimo também, agradeço muito a ela. Matemática, 7,0. “Toda reta perpendicular”... aqui já era a tal do espaço.

D - Com a professora Roberta?

J - Não, não sei o que lá Camelier, parece que é Lourdes Camelier. Agora, Latim quebrava minha guia.

Maria Luisa Guimarães, Francês.

[...]

D - Outra prova de Matemática...

J - É, matemática. Não é que eu não estudasse, mas não gostava, questão de gostar. Olha aqui, isso aqui foi lindo. Essa mulher, rapaz, ficou minha inimiga, ela quase me reprova um ano, aí o pessoal reuniu fez...

[...]

Latim, até tirei 6, que bom. Essa professora de História, Anice Ata... Rapaz, ela não dava nota boa nenhuma, mas exigia, mas eu agradeço muito a ela...

D - Aí já é do ginásio?

J - É ginásio, é.

[...]

não, isso aqui era o seguinte, a gente fazia desenho em perspectiva, entende? Botava a panela lá pra gente fazer.

Olha, o que foi isso aqui? Música chinesa, devia ser Português...

Era desenho também, meio ponto que cada um... cada página dessa, nunca esqueço, como é o nome do cidadão, rapaz...

D - Era um professor?

J - Era, parece que era Osvaldo, uma coisa assim. E era tudo quebrado, tá vendo? tudo quebradinho. A aproximação aqui era nenhuma.

D - 7.75

J - Francês...

Teste de matemática, sem efeito. Prova de Matemática, isso é primeiro ano mesmo, eita ferro, ciências...

D - O senhor lembra quem era o professor?

J - Ah, lembro... Matemática, nossa matemática é de Martha Dantas, tinha um monte de professor... Ciências era professora Judite Fonseca

[...]

Esse foi um trabalho que eu fiz sobre o sertanejo... Declinação em Latim, olha isso rapaz. Olha isso aqui, é alemão outra vez, né?

Eu era muito debochado, eu nunca ligava pra essa história de nota, nunca mesmo. O professor fez “parabéns, tirou 9, tirou 10, 9,5...” e eu: “ah, que bom” e ia jogar botão, que sempre foi minha paixão, gostava muito de botão, muito, muito, muito.

D - Nunca foi pra segunda época?

J - Não, fiquei, fiquei, fiquei, fiquei... Umas duas vezes...

D - O que lhe levou pra segunda época?

J - Mais falta de estudo mesmo.

D - Não, que disciplina que levou o senhor?

J - Ah, quem me levou foi Matemática. Matemática deitava e rolava em cima de mim, matemática me arrebatava, aqui ó, só nota baixa, isso aqui mesmo.

D - Que ano que o senhor foi pra segunda época, o senhor lembra?

J - Lembro. Terceira série e quarta série. Quarta série quase eu larguei a Escola, mas quando eu vi que tinha que ir pra essas fábricas, quando eu vi a estrutura, eu disse, meu Deus do céu, eu vou arriscar. Precisava tirar sete - porque naquela época quando você perdia você não ia pra... chamava era... segunda época mesmo - não tinha recuperação, não.

Era uma prova só no fim de janeiro, perdeu, perdia o ano, então, resultado: se você perdesse precisando na primeira época de oito e vinte e cinco ia ter que tirar aquela nota na segunda época, não zerava, não, entendeu?

Aí eu fui precisando de sete. Faltando um mês pra prova minha mãe contratou um engenheiro Zé Luiz, eu nunca esqueci, o cara ficou comigo de manhã e de tarde, de manhã e de tarde, de manhã e de tarde... eu perdi minhas férias toda, tirei 8,5 na prova, a professora me abraçou e tudo mais. “Tá vendo que quando você quer você consegue?”, “Ah, professora. Mas eu não gosto de sua matéria, não.”

D - Quem era sua professora?

J - Era Terezinha Nóvoa.

D - Ainda lhe abraçou no final?

J - Oxe, na hora. Rapaz, olhe, é uma irmandade da zorra. Um negócio espetacular, era um negócio assim, fora de série, deixa eu procurar aqui se tem mais alguma coisa.

[...]

D - Ali uma pasta do Colégio de Aplicação.

J - Deixa eu ver quem anotou isso aqui, 62, novembro - terceira série, o que é isso aqui, Jorge? Ah, isso aqui são trabalhos de...

D - Desenho.

J - De desenho.

D - alguém lhe...

J - 60, o primeiro ano, olha pra isso. Rapaz, isso é tinta guache, viu?

D - Alguém comentou que vocês tinham atividade no período da tarde. Outras atividades.

J - Não, tinha. Era mais estudo dirigido, né, era estudo dirigido, reunia o pessoal pra discutir geografia, história, olha pra isso rapaz.

D - Geografia.

J - Rapaz, tem isso tudo aqui.

Tudo isso aqui é prova velha, prova antiga, tudo isso às suas ordens aqui, uns desenhos desse pra fotografar.

[...]

Aplicação, aqui. Colégio de Aplicação isto aqui foi em quando, Jorge? Não é possível que não tenha o ano. Não tem, mas eu chuto aqui, isso aqui foi 60, ginásial, segunda série ginásial, 60 ou 61.

D - Aqui tá 60.

J - 60, então pronto, tá aqui, é 60, ave Maria que deboche. Rapaz...

[...]

D - Vou querer sim tirar foto disso, sem dúvida.

J - Deixa eu ver se do Aplicação eu tenho aqui, rapaz essa menina era uma boneca... Isso era uma cachorra que eu tinha, chata pra porra, coitada... Aqui o meu concurso, meu vestibular, 67, chama de céu... isso aqui é na Faculdade, a gente estudava no andar de cima... aí é na Lapa... Essa menina faleceu em 68, - a irmã dela era uma namorada minha - de acidente na Otávio Mangabeira, quarenta e três anos, parece piada bicho, foi ontem, deixa eu ver quando é isso aqui, Faculdade de Direito, primeira série.

D - O senhor me falou que tinha uma lembrancinha no final, quando formava no Colégio...

J - É isso aqui.

D - Ah, tá. Essa coruja... todo mundo que terminava ganhava?

J - Terminava... Quem ficava o Ginásio e o Clássico, pronto, cabô! Ganhava isso aqui no final. Era a cerimônia, entende?

D - Você repetiu o terceiro ano?

J - Foi, foi, foi... por causa de latim, agora que eu to me lembrando rapaz, ô pra isso, latim... Agora que eu lembro o que foi, você tinha que ter no mínimo umas dez matérias seis de conjuntos, era seis ou sete para ir para segunda época, independente...

[...]

D – Então, me conte como foi essa sua experiência com o terceiro. Aí o senhor repetia tudo?

J - Repetia tudo, tudo, tudo, tudo...

D - Quantas matérias tinha no Colégio?

J - Rapaz...

D - No Clássico.

J - Não foi Clássico, foi no terceiro ginásio, latim arrebentou.

D - Ah! Não foi no Clássico...

D - Sabe quem foi minha professora? Se lembra daquele “Quarteto em Cy”, Cyva, Cybele, Cynara e Cylene? Se lembra não, né?

D - Infelizmente, não.

J - Oxente rapaz, Quarteto em Cy é da época.... Festival da canção... Elas ficaram até 75, 76, 77, quase 80, depois encerraram.

D - Eram suas professoras?

J - Uma era, Cyva, era professora de latim. Elas eram parceiras de Chico Buarque, de... como se chama? De Toquinho, Maria da Medalha, aquele pessoal todo da Bossa Nova... elas gravaram, era um quarteto impecável tinha uma afinação maravilhosa.

Eu nem lembrava disso, rapaz, não é que eu tive que fazer a terceira série outra vez?

D - O senhor disse que teria que ter completado, para fazer a segunda época, tinha que ter... o senhor poderia me explicar novamente?

J - Tinha que ter uma média geral... era seis ou sete, aí, resultado, eu perdi foi em literatu... foi latim sozinho, eu nem me lembrava desse detalhe... que zorra, a cabeça tá falhando!

E... e tinha o... eu tirei uma nota baixa e a média geral ficou cinco e oitenta e tanto... eu perdi o ano inteiro porque eu perdi em uma matéria, sacou? Aí no outro ano eu fiz essa recuperação de matemática, mas depois daí também eu nunca mais tive nada, mas eu era muito relaxado. O interessante lá é que uma boa parte dos colegas nossos perdiam lá e não saiam. Era uma Escola, de fato, nota... nota dez, maravilhosa.

[...]

J - Naquela época, os estudantes daquela época, era uma época em que tudo se contestava, havia uma vontade louca do pessoal de querer mudar e tinham aqueles que faziam, realmente, por ideologia, não faziam por ser “pau mandado” nem por obediência a quem quer que seja, não, fazia porque queria ver o país crescer, o país se desenvolver.

Mas, então, o que é que aconteceu? Com o advento desse golpe, você vê que as instituições, todas elas, a princípio na área de ensino, todas elas foram absolutamente destruídas e foi exatamente a fase áurea que começou o “boom” das escolas particulares. Eu me lembro como hoje, quando começou a surgir aqui aqueles famosos cursinhos pré-vestibulares, né, tinha um chamado, se não me engano, Águia, que era na Ladeira da Praça, que talvez tenha sido um dos primeiros, tinha um outro ali na... na Piedade que não me recordo agora o nome, bem eu só sei que depois vieram as primeiras escolas, os primeiros cursos, realmente, de pré-vestibular, que o primeiro, se eu não me engano, foi o Nobel, que depois passou a se chamar Nobre, e aí depois vieram dezenas e centenas e centenas e a escola pública que era o mais importante foi esquecida e jamais revitalizada, até porque não havia interesse político depois do que aconteceu no Brasil naquela época em 64, não havia nem a coragem dos educadores de unir para tentar resgatar a escola pública, isso eu digo a você que, meu pai mesmo, eu não sei se...

[...]

Interessante disso aí, você tá pegando até o tipo de correção da época, essas canetas eram vermelhas, com o passar do tempo vai perdendo a cor, o que é natural o mais interessante que eu acho é a personalidade gráfica.

[...]

J - Já falecido L., morreu tem uns dez anos de diabetes. Eu vou explicar pra você, rapidinho, o que é isso aqui. Essa ACEB, Associação Cultural dos Estudantes da

Bahia, foi um quebra galho que nós criamos, nos fizemos parte da primeira diretoria, foi um quebra galho que nós criamos, nós fizemos parte da primeira diretoria, porque como o Golpe Militar foi extinta a ABES, Associação de Baiana dos Estudantes Secundários, moral da história, cujo presidente era F., na época, irmão do G., então isto aí foi uma coisa terrível porque com o golpe militar os grêmios formam fechados, as associações dos estudantes formam todas elas lacradas e nós conseguimos convencer, naquela época, o desembargador – porque a 6ª região militar não queria permitir, de maneira alguma, que funcionasse nem grêmio, nem diretório, nem coisa nenhuma –, alguns funcionavam, eu vou dizer até, que na base da clandestinidade, na base da coragem, porque a determinação era ficar suspenso, como de fato ficou por um bom período.

Então, essa ACEB, ela era orientada no sentido de somente expedir identidade, somente carteira estudantil para os estudantes, para que eles não ficassem sem “a meia” nas casas de espetáculo, né, no futebol, no cinema, teatro não, porque pouco se ia a teatro naquela época, mas nós, com a ousadia que nos era peculiar, a gente extrapolava, o interessante disso aí, eu me lembro como hoje, que o coronel na 6ª região, chamou a gente para uma reunião dizendo que não podia se mostrar de jeito nenhum a parte pobre da cidade, que eram as palafitas de São Caetano, a esses gringos que vinham no famoso “Ponto 4”, que eram os navios que aportavam ali, americanos, é como se fosse as ONGs de hoje, mas era uma coisa extremamente reacionária, e a orientação era que nós sempre mostrássemos somente a parte boa e bonita da cidade, a parte pobre eles não queriam de jeito nenhum que a gente mostrasse, só que a gente rompia esse cordão e levava o pessoal e eles ficavam apavorados, como é que podia existir um segmento social que conseguia sobreviver em meio a tanta miséria, que aquelas palafitas na época de São Caetano ali não é tanta água, eu me lembro como hoje, era uma espécie de um residual de esgoto, uma coisa meio fétida, como se fosse o Bahia Azul, quando você passa pro Iguatemi, que ficava aquele cheirinho, o que incomodava muito até pra ensinar, para quem já morava lá, acostumava, mas pra quem não, o estomago dava alguma voltas, mas era bom demais, de alguma maneira serviu como experiência, agora, terrível, terrível, terrível... pra estudantada que teve a partir daí, que brigar contra essa situação e foi aí que deu muita prisão, muito assassinato, muito “pra frente Brasil”, você já ouviu falar? “... pra frente Brasil, salve a sele...” você lembra? De 70 pra cá você conhece a

história, né? Não conhece é de 70 pra trás.

[...]

tem colegas nossos que até hoje a gente não sabe o paradeiro.

D - Colegas do Aplicação?

J - Não, colegas do movimento estudantil, colegas do Central, colegas do João Florêncio Gomes.

D - Você lembra de algum episódio do Colégio onde isso tenha tido repercussão, que tenha tido que chamar o exército?

J - Não, não, eu me lembro das passeatas que sempre eclodiam ali na Praça Castro Alves, quase nunca a gente conseguia chegar à rua Chile, Santa Teresa com esforço, porque isso vinha do Campo Grande e ia descendo, descendo, pegava a Piedade, quando chegava na Ladeira de São Bento já tinha uma centena de militares esperando a gente, com bomba de gás lacrimogêneo, eu, por duas vezes, se não fosse Dom Jerônimo de Sá Cavalcanti e Dom Timóteo, que foram os baluartes da Igreja de São Bento... pelo menos eles abriram a igreja umas duas vezes para esconder a gente atrás do altar, porque os militares queriam pegar a gente.

D - Isso adolescente?

J - Isso eu em pleno Aplicação, isso era em 65, 66, o pessoal era ativo, e na faculdade também, cansei de ver, a Faculdade Católica de Direito era na Praça da Sé, na época uma música que fazia sucesso, era Tropicália de... a música era... Alegria, alegria, de Caetano e Tropicália, acho que de Gilberto Gil, eram músicas espetaculares, quer dizer, espetacular vírgula, eram muito cantadas na época, o pessoal gostava muito, mas eles não gostavam porque não sabiam do que se tratava...

Agora, o Aplicação foi um Colégio revolucionário para época, um colégio fantástico, era um colégio que não só você tinha o privilégio de ser orientado para vida profissional, você já vislumbrava o futuro, como o que se ensinava ali para você era tudo que havia de mais avançado no mundo da didática, era um colégio fantástico, era um colégio, realmente, integrado o corpo docente com o corpo discente, havia uma integração maravilhosa, claro que... não era, digamos assim, uma coisa completamente pacífica, nos tínhamos colegas que eram terríveis, verdadeiros moleques, tem coisas que só de lembrar dou risada, por exemplo, tem uma época,

isso se você quiser deixar gravado pode, mas não vai ficar uma coisa elegante. Teve uma época que os três sanitários estavam absolutamente obstruídos e a gente querendo ir para o sanitário e aqueles três vasos sanitários não corria nada...

[...]

aí, resultado rapaz, falamos quinze dias, trinta dias, um mês, dois meses, quando chegou próximo do São João, isso era o que, 65, 66, nós pusemos três bombas relógios em cada vaso sanitários, nós passamos quase dois dias sem aula, tamanho era o odor que estava saindo dali de dentro.

D - Quando foi isso?

J - Aplicação, ali em Nazaré, a gente pôs um cigarro... e tem esse detalhe, naquela época a liberdade é tão grande que você podia fumar, não havia proibição pro fumo, entende? E um professor ou outro quebrava, às vezes, as normas da casa e permitia até que você fumasse na sala de aula. Havia liberdade muito grande, daí detonamos com os cigarros, sabe o que é bomba-relógio? Bota a bomba no cigarro, espera ele queimar a parte acesa, quando encosta no pavio... Nossa senhora, foi fezes para tudo quanto foi lado, vaso quebrado, aí, pronto. A gente achava que era a única forma de mudar, ficamos dois dias sem aula e no terceiro dia estavam lá os vasos sanitários, o canal desobstruído... pronto.

D - E não foram descobertos?

J - Rapaz, eles deduziam quem fosse, mas até hoje não descobriram, não.

D - E o senhor estava diretamente envolvido nisso?

J - Ora, éramos três ou quatro, mas, seguramente, eu não era o pior, ave Maria, tinha cada um, todos são meus amigos hoje, parceiros, sensacionais, todos eles...

[...]

D - Por que o Aplicação?

J - O Aplicação porque quando fiz o admisão eu fiz o admisão em uma escola tinha na Independência, que eu nem sei se existe mais, por sinal, de sergipanos, da família Galvão Leite, era o Educandário de Jesus Crucificado, quando eu fui para lá... porque eu fiz um primário, assim, extremamente conturbado, conturbado por uma série de fatores, dentre os quais, meu pai viajava e a gente tinha que viajar com ele também e

uma dessas viagens atrapalhou muito, você não ficar fixo em uma cidade, passei um tempo período em Cachoeira, praticamente um ano e meio pra dois anos, eu percorri somente 9 colégios no primário, por último eu fui conhecer esse Educandário Jesus Crucificado, que foi, eu diria, a salvação da lavoura, que foi quem nos preparou pro admissão e a ideia do Aplicação partiu de D. Nadir Galvão Leite, que nós tínhamos... ela preparava pra o admissão, assim, de forma espetacular e ela disse pra minha mãe, “esses meninos estão tão preparados... pode fazer o admissão do Aplicação que passa...”

O Aplicação naquela época era “o colégio”, entendeu? E muita gente não fazia com receio de perder, então, optava pelo Severino Vieira, pelo Colégio Central, e nós decidimos fazer o Aplicação e foi lá que fui conhecer muitos amigos que são amigos até hoje, interessante. o Aplicação integrou tanto que as amizades daquela época estão sacramentadas até hoje, não houve, por assim dizer, nenhum rasgo na amizade, nenhuma mancha, todos continuam amigos e quando nós nos encontramos nós sempre enfatizamos isso, que nós fizemos uma amizade tão forte naquela época, com a participação decisiva do Colégio, é claro, que ajudou muito a mostrar a vida, a integrar todo mundo... e hoje te digo que eu não tenho muitos amigos, eu tenho poucos, mas grandes amigos, porque não se iluda, colegas de trabalho, amigo seu, professor, é colega, não é amigo, entendeu?

Amigo é coisa muito... muito... muito consistente, teus melhores amigos é teu pai e tua mãe, entendeu, não se iluda. O que um amigo faz? O amigo sabe que você está em dificuldade ele não que nem saber que você ligue, não, ele soube, ele já tá ligando. Por exemplo, minha mãe faleceu, um amigo meu tava lá em Coração de Maria soube, não conseguiu falar comigo, faltando uma hora para mamãe ser sepultada esse amigo chegou, aí eu disse: “Rapaz como é que você soube disso?”, ele fez, “não se meta, deixe comigo.”

O amigo é solidário mesmo, não deixa você na mão nunca, interessante que eu acho no amigo, quando ele é verdadeiro, ele não admite a competitividade, isso para ele não existe, enquanto colega no meio de negócios tá preparado para lhe dar uma rasteira, aí é que você tem que abrir os olhos, senão você samba mesmo a qualquer momento é que nem aquela história que um amigo do Ensino Médio. Amigos são pouquíssimos, é difícil você encontrar amigos na relação de sociedade... O grande problema do mundo, Diogo, é o interesse, tudo mundo querendo ganhar sempre mais

que todo mundo, é uma coisa, assim, que na minha cabeça é difícil de entrar...

O mais interessante do Aplicação, também, vamos levar pro lado do lazer, nós tínhamos um grupo de colegas, porque a gente não se integrava só com a sala, não, era com o Colégio todo e na hora do famoso e tradicional baba, não tinha negócio não, não tinha tempo ruim, um passava na casa do outro, se não tivesse a camisa contratada e tudo, camisa azul pra um, camisa branca pro outro, não tivesse camisa branca o outro levava e emprestava, um negócio fantástico, a coisa funcionava na base da solidariedade.

Quando a gente fazia qualquer viagem com fim cultural... negócio espetacular, uma vez nós fomos à Brasília, em 63, essa viagem foi programada até com Valdir Pires, quando era deputado federal, a gente foi conhecer Brasília, Brasília tinha o que, três anos de fundada, não tinha nada, andava um trecho com dois quilômetros de asfalto e o resto tudo com aquela poeira vermelha, uma tabatinga danada, horrível, batia no cabelo, grudava, não conseguia nem lavar, sabia, tamanha era a goma... grudava... era um negócio grudento... aí, pronto, fomos conhecer Brasília, fizemos visita ao Palácio da Alvorada... todo mundo integrado, bonitinho, e quando a gente voltou a professora fez uma sabatina de tudo que a gente viu em duas horas e meia, deu dez pra todo mundo e... um negócio legal demais, muito bom...

[...]

D - Me permita mudar de assunto, o Senhor...

J - Você.

D - Ah, tá. Desculpa. Você é muito politizado, esse aspecto é muito presente em sua fala, você acha que deve isso ao Aplicação, sua formação política?

J - Ah, em muito, muito, muito... pelo seguinte, o Aplicação tinha no corpo docente, eu diria, assim, o que havia de melhor na época e, então, até porque, veja bem, praticamente todos os partidos considerados avançados pra época, que era o PCBão, o Partido Comunista do Brasil, O PTB de Brizola, que não era PDT, era PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, eram partidos que, quer queira quer não, eu inclusive acho interessante...

[...]

Então o Aplicação, realmente, de fato, nos deu, assim, uma visão muito grande, a

começar que eles tratavam com muito carinho a questão do grêmio estudantil, não só nos orientavam como acompanhavam, eu diria até que as atividades gremistas faziam parte até, entre aspas, do próprio currículo, claro, você dava parte do grêmio para você exercitar a parte política e colocava cultura na sala de aula que unia o útil ao agradável.

Olhe, a coisa, a coisa era tão séria que eu te digo uma coisa...O Brasil inteiro vinha fazer seleção no Aplicação, pergunte isso para Maria Angélica depois, vinha Pedro II, vinha Makenzie, vinha do Brasil inteiro pra aqui, o mais interessante: todo mundo levava pau, noventa por cento. Os baianos, na sua imensa maioria, eram os selecionados, eram os que passavam.

Mesmo naquela época, eu me recordo como hoje, que para fazer o admissão no Aplicação não era prova só escrita, não, era prova escrita e oral, oral com banca examinadora, era examinado por dois professores e o presidente da banca e não tinha como ter marmelada, não, companheiro, tinha não... e quando eu fiz vestibular, talvez essa tenha sido uma das maiores facilidade para mim, porque a gente com a preparação que teve do Aplicação, pra passar no vestibular foi uma, como a gente diz, uma mangaba, uma tranquilidade, tanto que, eu me lembro que quem me examinou no português foi professor Raul Sá, que na época era considerado um grande professor de português e ele quando terminou de fazer o exame perguntou: “ô meu filho, em que escola você estudou?”, quando eu disse que foi no Aplicação, aí ele disse, “ah, então tá explicado. Pode ir embora.” Nosso oral de inglês, pra você ver como a coisa era para valer, nós tivemos dois professores de inglês, então, quem me examinou... eu me lembro que quem me examinou, eu não lembro quem era o professor, não, mas era gente ligada a Cultura Inglesa, eu sei que mandou abrir o texto sociologia política em inglês, mandou a gente ler, ler umas dez linha e aí fazer uma interpretação dizer que palavra é essa, digamos assim, eu nunca me esqueci: “qual a diferença... o que é source, eu digo, fonte... não se pode confundir com fonte luminosa, porque fonte de pesquisa é outra coisa, fonte luminosa é fount, aí ele, “você veio de que escola? Vá embora...” levei um minuto sendo examinado.

Quer dizer, os caras castigavam muito, e pra mim foi uma mangaba, eu me lembro que... sim, e tem um detalhe no meu vestibular, eu tinha feito pra Federal e pra Católica, quando eu fui fazer para Federal eu fiquei, eu e mais alguns amigos meus... era o seguinte: você tinha que passar no português e só ia para segunda prova quem

passasse no português, aí, resultado, veio uma pergunta criminosa eu caí do cavalo juntamente com... a sala começou com 90 vagas e terminou com quarenta e poucas pessoas. Porque a pergunta era: Se você fosse professor de uma universidade, para um vestibular que tema você daria, justifique. Eu não justifiquei, me lasquei, valendo cinco pontos, o outro foi: Conceito de gramática pela atual nomenclatura e suas subdivisões, essa decoreba eu não sabia mesmo. O único ponto que eu consegui alguma coisa foi o documento do percussor da literatura portuguesa no Brasil, que foi a carta de Pero Vaz de Caminha, não havia outra. Quando veio o resultado que eu não fui para segunda prova, eu disse pô, não me deram nem um ponto nessa segunda, tanta linha que eu escrevi, quem justificou ninguém perdeu, o tema “desquite e divórcio”, explicava, porque era um tema polêmico e que exigia muito do advogado, uma besteira, cinco pontos. Quem dissertou se lascou.

Aí veio a Católica, e o pior, aquele compromisso nosso de não perder no vestibular, porque o Aplicação tinha mais de dez anos, treze ou quatorze anos que ninguém perdia no vestibular, aí veio português, rapaz, até a véspera, que era uns quinze dias depois, até a véspera da zorra da prova a gente estava estudando, levou uns cinco dias... minha mãe dizia, “menino, vai descansar um pouco..” e eu dizia, “não, mãe, não que eu tô com esse compromisso”. Aí eu sei que foi uns 90 que passaram e eu tirei o terceiro ou o quarto lugar. A prova de história, mesmo, eu arrebentei, fiz questão de fazer tudo muito boa. E os caras que tiraram na minha frente não eram nem homens, era mulher e mulher, você sabe, né, um perfeccionismo danado (riso) mas foi muito legal, o Aplicação foi realmente um colégio muito bom, o mais interessante é isso, veja só, a lembrança que fica é tão grande e esses grandes amigos que a gente faz... quando você faz amigos em boas escolas e que tem, digamos assim, uma pretensão mais ou menos igual a sua, quando há uma uniformização de vontade, de pensamento é uma delícia, você consegue consolidar suas amizades, formar grupos que vão até o fim de sua existência.

[...]

Então é isso, o Aplicação, pra mim, foi fundamental na nossa formação, toda, eu diria até educacional, claro, até para nosso lar, pra casa, outra coisa, você tinha um acompanhamento direto, diuturno, dos professores, qualquer problema que acontecia na escola você levava uma caderneta, o pai tinha que ler e dar o visto que recebeu, o ciente e devolver no outro dia, sob pena de você pegar uma suspensão.

Uma coisa muito legal, muito, muito, muito legal, mesmo, eu digo a você, se nós tivéssemos, se ao invés do golpe militar, a medalha do Cruzeiro do Sul que foi dada a Che Guevara por aquele louco do Jânio Quadros, pode gravar isso?

D - Pode.

J - Que pra mim já era, aquilo já foi um artifício para que futuramente eclodisse o golpe militar, aí você, por que isso? De 61 para 64 mais dois três anos, pra uma preparação de um golpe pra um país que vive uma vida conturbada... é pouquíssimo tempo, então, o que aconteceu: dali, depois veio o que? a renúncia de Jânio Quadros, você soube disse, né? “Renunciando por que, imbecil?” “Forças ocultas.” Que forças ocultas são essas que até hoje ninguém sabe... as forças ocultas estão lá nos Estados Unidos, né, com certeza absoluta, não podiam ser outras. Quer dizer, você teve o golpe que teve fechando as melhores escolas, os melhores colégios, como é que você podia...

[...]

Era esses portugueses chegando aqui na Costa, matando índio como o diabo, dizimando as população tribais e tudo, pra poder entrar com mais facilidade e explorar o país, isso aí é uma interpretação mais do que lógica se você botar a cabeça para funcionar, o que sempre existiu nessa droga... aquele *pau brasil*... tem muita mentira nessa história nossa, na história mundial... minha querida professora Anice Atta, que ensinava história dizia, “olhe, vocês tomem cuidado com o que dizem esses livros de história, porque esses livros de história são fabricados de acordo com a corrente ideológica do local em que eles foram feitos, nos Estados Unidos falam uma coisa, na Rússia falam outra coisa, na China falam outra...” Mas, o que a gente precisa saber é a verdade, então, a verdade a gente descobre nos estudos dirigidos, a gente reúne, coloca uma série de situações, de discussões, e chega num ponto X...

D - Em que série tinha essa professora?

J - Isso era no ginásio, rapaz, isso aí era clássico misturado com ginásio, eu dei história a vida toda, não tinha negócio de série, não.

D - Ela foi sua professora a vida toda?

J - Não, primeiro foi Maria do Carmo. Maria do Carmo levou um bom tempo com a gente em história... Realmente, ela foi ser nossa professora no clássico, fantástica,

pequeninha, ousada, danada, fantástica, maravilhosa. Ela, “eu sou filha de Árabe e não tenho porque gostar de árabe, porque o árabe quando a filha nasce cospe do lado, só quer que nasça filho homem”. Ela contando isso você se acaba de rir. Ela mora sabe onde, ela mora – é uma petista, rapaz...

[...]

Outra coisa, há uma afinidade entre professores e alunos até hoje, olha aqui, minha professora Maria Angélica é minha parceira de internet, toda hora tá lá e cá, na idadezinha dela que tá maravilhosa, nota dez, e vamos que vamos, de vez em quando me liga, pra uma pessoa que tá precisando de sangue, eu ligo pra as pessoas que são doadores e tudo funciona, caiu na rede não tem como sair, então...

D - Você falou de Martha Dantas também...

J - Martha Maria de Souza Dantas, eu fui aluno de professora Martha Dantas, por sinal ela me examinou, ela... era Martha Dantas e... – ô Jorge, como era o nome daquela outra professora que... era Neide... era Professora Martha Dantas e outra Neide que não me recordo agora o sobrenome, ela me examinou no admissão, não foi coisa boa, não, deu para passar, foi cinco ou seis, uma coisa dessa, não foi coisa boa, não, minha menor nota foi matemática, eu me lembro que eram trinta que passavam e eu tirei vigésimo ou vigésimo primeiro lugar, para mim foi um estouro, porque um primário conturbado como eu vivi, passando em oito ou nove colégios, e fazer o admissão naquele colégio e passar... eu louvo a Escola Jesus Crucificado, da família Galvão Leite, fantástico, eles preparavam o aluno desde a primeira série até o admissão pra passar em qualquer lugar.

Sabe quem foi meu colega, J., o filho de Mamede, outro que foi colega de sala, V., hoje é o dono da Concreta e presidente do Sinduscon, da indústria da construção civil, todos esses foram meus colegas de sala, todos esses caras assim... V. era um menino muito inteligente e educadíssimo... Mas é assim, rapaz... Outra coisa interessante era o seguinte, eu notava que não existia, de fato, em sala de aula aquela competitividade, todos, via de regra, a grande maioria era composta de excelentes alunos, entendeu, então, havia aquela integração total, um negócio maravilhoso, uns tiravam sete, outros tiravam oito, mas não tinha aquele negócio, “pô, fulano tirou dez e eu oito” que normalmente é muito comum em algumas escolas, né, geralmente tem comparando nota, alguém querendo disputar a preferência, isso lá não existia, esse

tipo de atitude, de comportamento lá não tinha, pelo menos que eu percebesse.

Um negócio muito legal, a parte do lazer, quando se falava “bora pro cinema” a gente discutia, ia para o jornal ver que filme... e, outra coisa, todo mundo ia pro cinema só, a gente marcava e ia todo mundo, batia papo, tomava sorvete, uns comiam sanduíche, era todo mundo integrado, era um negócio, assim, fantástico. Até pras festas à noite, que os pais iam levar as meninas, mas quando... L., mesmo, L., ela parece que até hoje é diretora de Filosofia, lá em Ondina, ou é Letras, não sei, eu sei que L. o pai deixava ela ir com a gente, numa confiança retada e não tinha confusão nenhuma, não tinha nada, eu diria o seguinte, que a maldade reside mais hoje do que no passado, esse negócio de filho preocupado com sexo, eu não via isso no passado, não, e tinha viu, velho, e tinha.

Ninguém era diferente do que era hoje, não, agora, sem essa desconfiança, sem essa falta, como é que se diz, assim, de critério, de educação, esse negócio era bem bacana, eu não tenho do que reclamar, não. A educação foi muito boa. Eu não creio que um colégio me fizesse guardar essas provas que a gente... eu tomo isso aí como se fosse um apêndice meu, não somente com o Colégio, mas com minha mãe, ela era bem mais preocupada do que meu próprio pai, porque meu pai não se ligava muito, não, mas minha mãe, não, era nota atrás de nota, porque você precisa melhorar essa daqui e me incentivava pra burro, chegava junto, a minha mãe, toda reunião que tinha lá no Colégio ela ia com uma vontade danada. Coisa que era incomum dela sair, mas quando se falava reunião no Aplicação para saber como é que eu tava... vixi... ela ia.

D - Você do morava perto do Colégio?

J - Pertíssimo. Você sabe em Salvador onde é o final de linha de Nazaré? Não tem o hospital Santa Isabel, se você notar bem tem aquela Escola dos Adventista, não tem? Descendo a ladeira...

D - Eu já fui lá...

J - Você tem o Santa Isabel e você tem o Instituto de Patologia, a porta do Instituto de Patologia ficava em frente lá de casa, que era o número 25, que depois passou a ser a Laborquímica, virou um laboratório, a gente morou ali, uma vida inteira, dava exatamente 950 metros, 1 quilômetro da porta de casa até o Aplicação.

D - Então tinha estudo em grupo, levava os colegas para casa para estudar?

J – Ah, sim, eu ia estudar no Desterro, na casa de um colega meu, também tem um detalhe, os que moravam na Graça, na Barra, a gente não ia, não, porque era muito distante, a única que eu ia era na entrada do... do – eu vou lhe contar uma, porque você vai morrer de rir.

Eu tenho uma amiga minha que, infelizmente, a gente não se vê muito, mas é uma pessoa, assim, que eu devo tanto, V. [...] quando via uma nota baixa minha ela ficava preocupada, “Não, Jorge, vá lá pra casa estudar, vai lá pra casa estudar e pe-pe-pe”. Ela morava na Independência no Edifício Independência, na entrada do Tororó, ela quando... até aí tudo bem, só que ela se mudou e foi pra entrada da Fazenda Garcia, perto do Teatro Castro Alves, e agora que lenhou, ela disse, “Jorge eu não quero nem saber, pegue dois ônibus, mas pare na frente de casa que a gente vai estudar.”

Ela me ajudou um bocado porque eu nunca fui muito ligado em estudo, não, entendeu, mas se eu encontrasse alguém que me empurrasse, me forçasse, eu estudava, eu não fazia cara feia, eu era louco mesmo era por jogo de botão.

[...]

E mais interessante também que eu acho, não tem nada a ver com o Colégio e tem, nós tínhamos um baleiro, sabe o que é baleiro, né?

D - Quem vende bala...

J - Isso, exatamente. É que essas expressões com o passar do tempo caem em desuso. Chamava-se, chama-se, que ainda é vivo, Tchulha, botaram um apelido nele de Tchulha, pra escrever Tchulha: t-c-h-u-l-h-a, isso ficou até hoje, esse cidadão, rapaz, é um negócio interessante, a gente ia sair para jogar bola, no campinho que tinha... Não tem o Antônio Balbino, que agora demoliu? Ali na frente tinha uma quadra de esportes, a quadra nossa pequena está lá até hoje, ela é pequenininha, é um ovo, é como daqui pra aquele carro ali, não tinha espaço para jogar bola, e lá na quadra do Balbininho o que é que a gente fazia, todo mundo com medo de levarem o dinheiro da gente, porque a gente colocava nossas roupas em cima do muro lá, pegava todo dinheiro nosso, cinco ou dez contos, vamos supor, e deixava tudo com Tchulha, com o baleiro, na volta ele devolvia a todo mundo: “tá aqui, Jorge, N., Ne., V...”

[...]

Se me perguntassem o que você preferiria, ter continuado sua vida e hoje ter seguido

outra coisa e ter ganho na loteria, ou ter continuado no Aplicação. Eu diria ter continuado no Aplicação, sem dúvida, porque o horizonte que aquilo ali...

[...]

D - [...] Me fale das aulas de matemática, por favor, o que o senhor lembra das aulas de matemática na escola.

J - Olha, como eu não fui bom aluno de matemática e não gostava muito dela, mas uma coisa eu lhe digo, não é por falta de didática, é por não gostar mesmo, uma coisa muito pessoal, mas que eu consegui aprender com, digamos assim, com a maneira que as professoras ensinavam, inclusive, o mais interessante, o que eu achava interessante lá é que eles não passavam para outro ponto... não havia aquela obrigação de dar o ponto e passar pro outro como se fosse a obrigação de dar o currículo inteiro, de dar o programa inteiro, não... se dava, mas, digamos, você pegava assim, “logaritmo, todo mundo entendeu?”, “não”, uns cinco ou seis aqui não entenderam, então, bora repetir. Então, tinha essa preocupação que a pessoa aprendesse realmente, desleixo de minha parte se eu não aprendesse, porque eu não me ligava e... e assumo, digamos assim, esse erro meu, de caráter pessoal, mas que o ensino era muito legal, era, sem dúvida nenhuma.

D - Como eram as aulas, como os professores davam aula? Como eles ensinavam? Se lembra de alguma coisa, tem algum assunto, algum jeito, alguma metodologia... o senhor disse assim, não era por causa da metodologia, mas, então, como era essa metodologia?

J - Não. Basicamente de matemática eu fico em uma situação, assim, muito difícil de explicar porque é exatamente por não gostar, se você falasse de outras matérias eu ficaria mais a vontade de falar...

D - Quais as matérias que você gostava?

J - Português, tudo que tinha tudo a ver com humana tinha a ver comigo, história, geografia, porque dava campo a grandes discussões, não é isso? Às interpretações, às mais diversas possíveis, mas sempre você, de qualquer maneira, você exercitava e procurava corrigir aquela bula constante que você via na imprensa, que existe até hoje, que as pessoas fabricam montam certas reportagens que não tem nada a ver com a realidade, por exemplo, português, essa professora mesmo, Maria Angélica, era uma pessoa extremam... – todas eram –, não era só ela, não, todas as professoras

eram extremamente interessadas e acompanhavam teu aprendizado, entendeu, eles procuravam fazer, extrair de você o máximo, pra que você aprendesse tudo que eles ensinaram.

Agora, o que acontecia que talvez mais nos impelisse a aprender também e a prestar atenção é que, conforme eu te disse, nós tínhamos professores catedráticos, mas os catedráticos ensinavam e os professorandos ficavam atrás e os alunos na sala, então, havia uma integração, às vezes a pessoa interrompia, fazia pergunta, o professorando não entendia o que o catedrático dizia, a gente participava, a gente tinha a ousadia de poder ser incluído nas problemáticas que se criavam na sala, qualquer tipo de dúvida que tinha, todo mundo participava e era um ajudando o outro, e não tinha esse negócio de encontrar uma pessoa de cabeça baixa dormindo, nem sonhar... tá com dor de cabeça, saia vá à secretaria, tome um sonrisal, um sal de frutas Eno, uma coisa assim e retorne depois, não tinha o menor problema, mas a falta da desatenção – que eu acho até uma descortesia – o professor tá ensinando e o cara tá... isso não fazia, ninguém fazia, então, havia muito interesse, o que havia de mais moderno na época, não se iluda que eles empregavam, por exemplo, audiovisual, que eu não sei se naquela época já existia, nós tínhamos, como é que se chamava aquilo...

D - Retroprojektor?

J - Retroprojektor, aqueles slidezinhos a Escola já tinha, a escola tinha isso tudo. Geografia mesmo, a aula era espetacular, a aula era dada, digamos assim, pecuária nos pampas, aí pronto, nego passava e aquilo motivava, motivava tanto que às vezes a aula terminava, geralmente quando o sinal toca o cara quer sair picado, né, mas tinha aulas tão interessantes, tão legais, que a gente não saía enquanto a professora não esgotasse o assunto, levava mais dois, três minutos, mas ficava todo mundo sentado, numa boa, o negócio era bem legal, uma pena não existir mais.

E mais uma coisa, nenhum de nós tinha interesse de chegar atrasado, não, quando tocava a sineta todo mundo chegava na hora certinha, quando a professora chegava na sala já estava todo mundo sentadinho, bonitinho. Cadê fulano? Não sei, saiu, a não ser, lógico, tinha um colega meu, F., ele com uma dor de barriga danada, a professora Zuleica, ela fez “o senhor não sabe que não pode sair? “professora... é melhor eu sair...”; “meu filho, mas você não pode, já vai começar...”, aí ele, “professora eu quero fazer uma coisa que a senhora não pode fazer por mim!”

Pronto, a sala toda caiu na risada, ela recuou e não insistiu, isso foi uma gozação danada, a professora ficou chateada, tem brincadeiras...

A escola era tão boa que até pra brincar, até as coisas erradas que a gente fazia, fazia com o consentimento, com a participação de todo mundo, por exemplo, tinha esses lances, Angélica não pode saber, não, tínhamos a prova de matemática às sete e meia, ninguém tinha estudado nada, e era um assunto muito chato que eu não lembro qual era, e a professora não era Roberta, aí, resultado, me incumbiram de tomar uma atitude para não ter a prova, o cara levou umas gazetas, de jornal, umedeceu – lá tinha uns bueiros, que iam até o segundo andar –, mas o que acontece, quando você tocava qualquer fogo, o vento jogada pra dentro de casa, então, ficava insuportável, agora, imagine o que é cinco ou seis bueiros, todos com papel tocando fogo, isso umas sete ou sete e dez, empestou tudo de fumaça dentro que era gente tossindo e sem enxergar nada, aí, resultado, quando foi vinte pra oito, quinze pra oito, não pode ter mais prova.

Essas brincadeiras que se fazia na Escola ninguém sabia quem fazia, se era muito disciplinadora, era, mas, meu amigo, tinha uma meia dúzia que não era brincadeira, você lá ficaria enfurecido.

D - Eu lá ficaria enfurecido?

J - Não, entenda, nenhum professor gosta, né, é claro, era até um desrespeito, mas havia união, a união era uma coisa tão espetacular que havia, digamos assim, um compromisso de convivência, ninguém podia delatar ninguém, de jeito nenhum, e as coisas que aconteciam, assim, na brincadeira... mas o Colégio era espetacular, rapaz, cada professor tinha... o ruim era o seguinte, tinha professores que sabiam utilizar a psicologia do aluno, se aproximava, participava, fazia pergunta... como foi o dia ontem, não sei o que... seu time como é que foi, isso a estudantada gosta, mas tinha aqueles que eram todos sisudos, você fazia o menor ruído o cara interrompia, cruzava os braços e ficava esperando até você parar, eu acho que essas atitudes, com o tempo, até a própria Escola corrigiu, não eram os professores catedráticos, é claro, e os novos, então, para mim eram os piores de todos, porque esses queriam mostrar dureza, queriam mostrar que chegavam junto e aí a coisa complicava. Nós tivemos um professor de geografia que eu não recordo o nome, era um careca, rapaz, o cara... puta merda... quando a gente não gostava do professor, juntava a turma toda e fazia o

besouro, sabe que é o besouro?

D - Não.

J - Todo mundo: “hum... hum... hum...”. Rapaz, era insuportável, a outra sala todo mundo ouvia, aí começava o povo a passar na porta da sala, dando gargalhada, se acabando de chorar de dar risada. E acabou. “você se retire...” “professor, logo eu...” Todo mundo, ninguém parava, um negócio sensacional.

Professora Judite, ave maria, sofria feito uma louca, agora, era um exemplo de colégio, era. Agora, um ou outro professor, assim, falhava, tanto falhava que era substituído, que não se adaptava com a sala, nego substituíá. Professores ali que formavam, era preciso que caísse em nossas graças, na nossa simpatia, porque senão, meu amigo, não tem coisa pior do que você estar ensinando e os alunos arrastando cadeira, fazendo barulho, e tudo mundo fazia. Colégio excelente, ensinou bem, ensinou, disciplinou, disciplinou, mas tinha uma meia dúzia de alunos que dava um trabalho do diabo. Eu não me incluo nessa meia dúzia, não, porque tinha gente bem pior do que eu. Mas, rapaz...

D - Vocês sabiam do poder que vocês tinham com os estagiários assim de...?

J - Ah, tinha, eles tinham pavor da gente, pavor... tanto que teve Elbinha, era uma pequeninha linda, uma boneca, ela fazia “oi... pra semana eu vou começar, pelo amor de deus me deixem dar aula...”, rapaz, a gente não só participava, como perguntava, como é que se diz, se envolvia na aula, e no final a gente ainda batia palmas.

D - Show para ela....

J - Show, show, show. Ela, quando formou lá, a festa dela foi todo mundo, agora tem um negócio: professor tem que ser simpático, professor não pode ser nunca inflexível.

[...]

J - Tinha professores que se davam tão bem com a turma toda que a gente... – isso não era no ginásio, já no clássico – a gente acertava com o professor, a gente a essa altura alguns lá tinham carro ou os pais levavam e, simplesmente, nós nos reuníamos no Barravento, a gente ia tomar um refrigerante, um sorvete, para se integrar mais, pra conversar, que dizer, essa integração era sensacional, e sempre marcava era três horas, quatro horas, mais ou menos, a gente ficava lá de três até umas quatro e meia,

cinco horas, cinco e meia e voltava todo mundo e... às vezes com festa pra ir de noite, professor a gente convidava ia também.

[...]

[agradecimentos]

Entrevista: Jocano (J)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 1:27'51''

Salvador, 14 de outubro de 2010

Local: UFBA

J - Eu na verdade eu me sinto, rapaz, uma pessoa privilegiada, hoje, em ter feito parte de um grupo tão valorizado, que foi os alunos do Colégio de Aplicação e lamento muito o fato da...

[...]

Eu falei a pouco da alegria que eu sinto de fazer parte dessa comunidade, tá entendendo, foi um privilégio, porque eu tive oportunidade de conviver desde a primeira série de ginásio até o terceiro ano científico. Inicialmente o prédio era localizado ali em Nazaré, onde hoje é o prédio do Ministério Público Federal, então, da primeira até... acho que era quinta série ginásio, tenho impressão que era quinta série ginásio, não, da primeira a quarta série, começava de primeira a quarta série e entrava no científico, primeiro, segundo e terceiro científico, então eu tive, passei todo esse período, primeiro ano primário até o terceiro ano científico, saí do Colégio de Aplicação direto aqui pra Faculdade

[...]

D - Você entrou no primeiro do primário, não, no primeiro do ginásio?

J - Primeiro de ginásio, ginásio até... agora, eu realmente tenho dúvida, se era até o quinto ano ginásio ou se era quarto ano, tá entendendo, Diogo, eu tenho impressão que era até quarto ano de primário.... de ginásio. Primeiro de ginásio, segundo de ginásio, terceiro de ginásio, quarto de ginásio, primeiro científico até o terceiro, vestibular e UFBA, tá entendendo?

O que mais me marcou durante esses oito anos, na verdade, de convivência quase que diária com o Colégio de Aplicação? Foi a filosofia que imperava na época, a relação que existia entre professores, diretores e alunos... Eu tava ainda, eu era garotão ainda, era moleque ainda e tudo, eu hoje, eu não valorizei, na época, aquele momento o quanto eu deveria ter valorizado, mas hoje, por exemplo, com o discernimento que eu tenho das coisas que eu vejo, quando olho para trás e me lembro a relação que eu tinha com os professores, diretores, eu digo, porra! eu queria tanto, porra, voltar ao passado, ao Colégio de Aplicação, para poder usufruir um pouco mais dessa liberdade que a gente tinha,

liberdade de tudo, liberdade de expressão, liberdade de atitude, de questionamento, de tudo, tá entendendo?

O pessoal aceitava tudo isso numa boa, sem problema de retaliação nenhuma, você dizia o que queria, claro, que mantendo um devido respeito. Então, essa democracia, na verdade, esse espírito democrático que sempre imperou na comunidade docente do Colégio de Aplicação é uma coisa que, realmente, me dá muita... muita lembrança boa.

A relação com colegas, são relações permanentes, duradouras, que permanecem até hoje, nós temos até um grupo aí na internet, no yahoo, Aplicação-yahoogrupos, rapaz, o que eu recebo de mensagens dessa comunidade do Aplicação é coisa de vinte, trinta, por dia, é uma rede imensa, o network que você faz com essa galera é impressionante, mantém-se até hoje, tem grupos até, desse mega grupo que tem aí, tem grupos que a coisa é meio particionada, tem até alguns grupos, grupinhos, na verdade que se reúnem frequentemente para tomar uma cerveja, bater papo, tal, tal, enfim...

[...]

Eu digo que os bons amigos que eu fiz na vida, são os amigos que eu conservo, mantenho a relação até hoje, foram pessoas do Colégio de Aplicação, do Colégio de Aplicação... espírito de solidariedade, só para te contar um, falando de solidariedade, nós tínhamos lá no Colégio de Aplicação um baleiro, o nome dele era Tchulha, o baleiro, era a pessoa que todo dia botava a cesta dele lá dentro do Aplicação, ele tinha... a diretoria do Aplicação permitia que ele vendesse o produto dele dentro do Aplicação, tá entendendo, Tchulha era um torcedor do Bahia da porra e se tornou um ícone do Colégio de Aplicação, o Tchulha, eu me lembro que eu entrei na primeira série de ginásio e o Tchulha já estava lá, eu saí de lá no terceiro ano do científico e Tchulha continuava lá, o baleiro, adorado por todos, ta entendendo, por todos...

[...]

Então, por aí você vê que as coisas acontecem de uma forma, assim, muito solidária, isso foi que eu deixei do Colégio de Aplicação, duas coisas que eu tenho hoje que é o espírito de solidariedade pra mim e cidadania, eu acho que a formação cidadã que eu tenho hoje, certamente eu devo muito a meus pais, não tenha dúvida, mas o Aplicação foi fundamental, conviver com aquela turma, com as professoras do Colégio de Aplicação foram realmente decisivos para que eu tivesse assim formado, com esse engajamento de cidadão, né, da forma que eu sou hoje, então, realmente, é um legado que ficou que,

realmente, eu faço muito bom uso desse legado que ele me deixou, a cidadania.

Nós vivemos também uma época de repressão, um momento político muito conturbado aqui no país, na época, a época da ditadura militar, porra... era uma turma ativa, porra, o Aplicação, os alunos do Aplicação e do Severino Viera eram, realmente, quem mobilizava, quem articulava as grandes manifes... junto com o pessoal do Central, tá entendendo, Severino, Aplicação e Central eram os grandes articuladores, dos grandes movimentos estudantis que tinha aqui na Bahia, tá entendendo?

Nós tínhamos lá dentro do Colégio de Aplicação um grupo, do qual eu não fazia parte, somente um grupo de colegas meus, que realmente eram pessoas muito envolvidas em política, dirigentes estudantis, participantes da diretoria da UNE e tal, que estavam na linha de frente de todo o movimento estudantil aqui na Bahia, ta entendendo, era chamado, convocado, pra participar dos movimentos, o Colégio de Aplicação.

Me lembro que em uma dessas manifestações, da Lei Orgânica, não me lembro qual era o objetivo do movimento, era uma reivindicatória de alguma coisa, o que estava reivindicando, realmente, de fato eu não me lembro, era algo da Lei Orgânica... isso tudo é regime de ditadura militar, porra, liberdade de imprensa totalmente... então, o movimento terminou com a manifestação em frente da reitoria da UFBA, lotada de gente, os estudantes de tudo que era colégio e a polícia foi lá acabar com o movimento, nós, estudantes, eu tava presente, a única escapatória nossa foi correr para dentro da reitoria, todo mundo, todo mundo que tava lá dentro, que tava lá na porta... só sei que invadimos a reitoria e tal, e a reitoria ficou sitiada pela polícia militar. Chamaram lá o comandante, o governador, não lembro quem era o governador, eu acho que era Juracy Magalhães, não me lembro, pra interceder e tal, as lideranças do movimento se negaram a desocupar a reitoria – foi na década de sessenta e sete, sessenta e oito –, se negaram. Ninguém queria sair da reitoria, ele jogaram bomba de gás lacrimogêneo lá dentro, eu me lembro que eu fiquei três horas e pouco, preso em um banheiro, eu e mais duas colegas minhas, dentro de um banheiro, com um bocado de lençol, toalha velha, o pano que tinha, molhando pra poder respirar, um cheiro da porra... o pessoal se sentindo mal, rapaz, por causa de gás que invadiu a reitoria, foi mo... gente morrendo, morrendo, não, passando mal, depois foi pra o hospital e tal, foi uma resistência, assim, brava e, normalmente, lá pro final da tarde conseguimos evacuar a reitoria sem problemas maiores, mas, é um movimento que, realmente, me deixou lembranças bem marcantes, três horas, e não é exagero, não, pode contar no relógio, três horas de relógio preso dentro de um banheiro respirando...

Um fato pitoresco que aconteceu comigo – no passado, né –, eu era do grupo de futebol do Colégio de Aplicação, naquele tempo que tinha disputa entre seleções de diversos colégios daqui, na época, João Florêncio Gomes, Maristas, etc., competições intercolégiais de futebol e eu fazia parte da seleção de futebol do Colégio de Aplicação, jogava pra caralho... eu tinha uma fama, além de porradeiro, porradeiro, quer dizer, aquele que a bola passava e o jogador ficava, de provocar o adversário, tá entendendo, aí fomos decidir uma vez um torneio lá com o pessoal do João Florêncio Gomes, lá na Cidade Baixa, final de um torneio inter-estudantil, Aplicação e João Florêncio, eu, claro, no time, né, futebol de salão, aí a galera do João Florêncio, uma torcida da porra lá no ginásio de esporte do Colégio – lá dentro do campo do adversário –, eu cheguei lá, “bom, a gente tem que...”, o time deles era bom pra caralho – fiquei até arrepiado –, tinha lá um cara, eu perguntei quem era o bom, quem era o craque do outro time, aí me informaram “é fulano, é aquele ali”, eu comentei com meu... tinha até treinador –, Tchulha era o treinador, o baleiro. “Tchulha, vou expulsar esse cara com dez minutos de jogo, quer apostar?” – “vá M...”, M. era meu apelido.

Primeira bola que eu cheguei junto dele, eu apertei na bunda dele, por trás, me xingou e tal, eu retruquei, a segunda encostada que ele deu, novamente, eu peguei na bunda dele outra vez, ele já estava irritado, né, na terceira que eu peguei... ele meteu a porra em mim, na mesma hora, o juiz botou ele pra fora, mas a galera viu a minha atitude antiesportiva e não gostou, ganhamos o jogo, mas saímos de lá “escarreirado”, todo mundo com a mochila nas costas e todo mundo correndo porque os caras queriam nos pegar pra dar porrada, eu o alvo maior.

Uma outra, esse foi lá no Aplicação, mesmo, um torneio lá no Colégio, na primeira ou segunda série e tal, eu, pra irritar o adversário – olha a atitude provocativa –, eu cuspi na minha mão, passei a mão melada de cuspe no meu rosto e chamei o juiz e disse: “olha, ele me cuspiu”. O juiz viu aquela baba descendo e perguntou quem foi, “foi ele”, então, tinha um lado, assim, meio maluco meu, mesmo, meio moleque, o que é que eu posso fazer.

Ah, com a aula de inglês, nós tínhamos uma professora... ah, vou lhe contar uma coisa que é importante, isso você vai poder mensurar o nível de ensino que era o Colégio de Aplicação, eu nunca tomei curso de inglês em curso particular, na época, o Colégio de Aplicação tinha um convênio com um tal de IENA, IENA é Instituto de Estudos Norte Americano, funcionava em frente onde é hoje a reitoria, uma casa velha e tal, totalmente gratuito, eu estudei, fiz o curso de inglês lá durante três anos, IENA, era facultado a todo aluno do Aplicação, IENA, foi lá que eu aprendi inglês, o pouco inglês que eu falo hoje,

repito, a base quem me deu foi o IENA, o tal Instituto Norte Americano, o resto eu me virei com... pegando livro, dicionário e tal, mas quem me deu a base da estrutura da língua foi o IENA.

Mas, voltando ainda para a questão do ensino, aula de inglês, por isso que eu falo, nós tínhamos uma excelente professora, eu era muito gaiato e tudo e ela lá ensinado palavras e tal, tradução de palavras para o português e tal, eu... aí um colega meu estava atrás de mim na aula de inglês, numa dessas aulas de inglês e falou, “M., pergunta a Rachel” [...] aí T. bateu em minhas costas e disse, “M. pergunte a ela como é que é dia de pagamento, em inglês”, aí eu, “perguntar o que, T.?” , “dia de pagamento”...

Eu eu não sabia a resposta, aí eu, “*teacher...*” – eu tinha uma voz grossa e tal–, “*teacher Rachel, please, how do you say dia de pagamento?*”, aí... “*dia de pagamento, in english...*”, ela virou, ela sabia que atrás só ficava a galera do mal, contou até três, fez a encenação dela e falou *payday*, rapaz, quando ela falou *payday*, o T., que estava atrás de mim, deu uma gaitada na sala, kakaka..., aí todo mundo veio atrás da risada dele. Porque o *payday* dela, ela fez uma encenação tamanha, gesticulação tamanha que... *payday*, resultado, quem se fodeu foi eu, eu fui o autor da pergunta, na próxima prova ela me tirou um ponto, me tirou um ponto por conta dessa pergunta que eu fiz a ela na aula de inglês.

Uma outra peraltice minha eu relação... eu tô contando só as peraltices. Isso ainda no Colégio de Aplicação de Nazaré: tinha uma quadra de esportes lá embaixo, perto da Fonte Nova e, dia de sábado, a aula acabava dez horas da manhã, então, sábado, logo depois que acabasse a aula, descia para bater o baba. Um belo dia, uma chuva da porra, mas o baba era certinho, faça chuva ou faça sol, aí, o grupo da pelada, “*vamos jogara assim mesmo, de baixo de chuva? vamos!*”, descemos até o vestiário – jogava de calça, de short e de calça, tirava a porra da camisa –, mas, nesse dia tava chovendo pra caralho, aí um colega meu disse, “*velho, vamos jogar de cueca, tá chovendo pra caralho, porra.*”, eu disse, “*é, vamos tirar*”. Pegamos a calça e ficamos de cuecão, – aquele cuecão de antigamente e tal –, começamos a jogar o baba lá, eu... teve outro lá que aderiu também, uns três ou quatro, daqui a pouco, no meio da chuva toda, uma ladeira, uma escada com mais de mil... degrau pra caralho que descia pra chegar na quadra, quando a gente vê que vai descendo a escadaria, uma sombrinha, porra, descendo a escada... era a diretora do Colégio Dona Diva, flagrou a gente jogando de cueca, resultado, na segunda-feira nós tínhamos duas provas, uma de matemática, uma de geografia, na terça-feira uma aprova de inglês, era prova de final de unidade, resultado, ela deu chique lá, mandou a gente subir e tal e ir lá

para diretoria e nos deu três dias de suspensão, segunda, terça e quarta, resultado, tiramos zero nas provas, no que tinha de prova naquele período, tá entendendo, zero em matemática, zero em geografia, tal e tal, resultado, por conta dessa nota em matemática eu tive que fazer segunda época em matemática, por causa dessa [...], deu zero na prova e tal... mas, enfim...

[...]

D - Quem foi essa professora que lhe colocou em segunda época...

J - Iraci, Iraci, professora Iraci, professora de matemática, ô baixinha [...]... ensinava bem pra caralho... ensinava muito bem, ela, mas ela tinha uma implicação comigo, porque eu era esse aluno rebelde, chato, bagunceiro... eu acho que ela não me aceitava muito bem, ela invocava comigo, cancelou minha prova, porra, fiquei com...

D - Que série foi isso?

J - Era terceira série.

D - Terceira série do ginásio?

J - Foi terceira série do ginásio.

D - O que você lembra mais de Iraci, como ela era?

J - Eu me lembro que ela era uma baixinha, me lembro que ela ensinava muito bem, ela tinha uma didática, realmente, assim, bem... todo mundo gostava dela, da metodologia que ela usava e tal, tá entendendo, agora, comigo, acho que já foi uma coisa pessoal, devido meu espírito meio esculhambado, bagunçado, eu acho que ela criou alguma implicação comigo, mas eu não tive nenhum problema com ela, exceto o problema lá da... da reprovação que ela me fez passar na terceira série, não teve mais nenhuma situação, assim, que realmente... pelo menos que marcasse a minha memória com relação a ela, tá entendendo?

A pesca no Colégio de Aplicação. Tinha um professor Evandro, professor de português, ele tinha uma maluquice, uma forma de fazer prova, ele dava uns textos, poesia de Drummond, poesia de... cada texto difícil de ser interpretado pra caralho, eu era péssimo de interpretação de texto, tá entendendo, péssimo em interpretação de texto... e a prova dele sempre era... ele dava um texto e interprete, pronto, foda-se pra entender. E... aí eu digo, “porra, eu tenho que me safar, porra”, então, nós armamos um esquema, eu combinei lá com um grupo de colegas, T. e ... “tenho que me safar dessas provas de Evandro, como é que a gente pode... de que forma...”, aí combinamos que eu ia sentar na... os melhores

faziam as provas primeiro, os melhores alunos, e eu ficava localizado em um lugar estratégico, de junto de uma janela, minha cadeira ficava junto de uma janela, onde o pessoal por fora tinha acesso.

Eram três tipos de prova, a ideia que eu tive, que eu encontrei foi de que... eu rabiscava, fazia a pesca pra... copiava o conteúdo da questão e na hora que o Evandro virasse as costas eu jogava minha pesca pro pessoal lá de fora e o pessoal lá de fora redigia a resposta, a interpretação do texto e devolvia também de forma bem estratégica, né, foi uma tática que sempre funcionou, nunca fui pego, nunca fomos, e fizemos várias vezes, inclusive, várias vezes...

No Aplicação tinha a turma, também, a turma dos ladrões, turma dos moleques, vamos colocar assim, já aqui no Campo Grande, nós já éramos segundo científico, e eu morava em Nazaré, ali no Jardim Baiano, aliás, a maior os do grupo que eu andava morava naquela região, Nazaré, Saúde, Jardim Baiano e tal, enfim, e a gente voltava a pé, tinha aula de tarde aqui no Colégio de Aplicação, em frente ali aos Maristas e a gente vinha andando até Nazaré, pegava Campo Grande, Forte de São Pedro, Avenida Sete, e tal, no Forte de São Pedro tinha lá um supermercado Paes Mendonça, então, era batata, nessas caminhadas e parava no mercado do Paes Mendonça, eu e mais quatro, nós entrávamos no supermercado, roubava chocolate, aquele *diamante negro*, pra caralho, aí ia todo mundo, um cobria o outro, aí saía de lá com o *diamante negro*, não sei se chegou a conhecer, *sonho de valsa*, também, saía de lá carregado de coisas, nunca fomos pego, cambada de filhos da puta, um desses quadrilheiros, inclusive, hoje é gente muito famosa aí, grande amigo meu, por sinal, mas, enfim...

[...]

uma reunião ali de pais, no Anchieta, eu fiquei, porra, revoltado com a forma como eu fui tratado pelo diretor, forma descortês, deseducada, antidemocrática, acima de tudo, – e a queixa dessa reunião não foi uma queixa única minha –, tinha uns quatro ou cinco pessoas que reclamavam da forma autoritária com que eles estavam tentando conduzir uma questão do interesse de todos, aí nesse momento eu disse, “porra...” aí voltou o Aplicação na minha mente.. um povo harmonioso, que tinha democracia plena, agora venho para cá encontro um filho da puta desse, um diretor desse, então, é isso que eu ia te dizer, eu sempre digo para meus filhos, a maior herança que um pai pode deixar para um filho não é dinheiro, não é, porra, é a educação, é a formação e, meu pai, sem gastar um tostão, tá entendendo, deu a mim e aos meus irmãos uma educação de qualidade, da forma que ele me deu

estudando no Colégio de Aplicação, é o maior legado que meu pai deixou para mim e para meus cinco outros irmãos, que desses cinco, quatro foram também estudantes do Colégio de Aplicação e cumpriram também o mesmo ciclo, ou seja, do primeiro ano ao último ano...

D - O senhor é o mais velho?

J - Não eu sou do meio, tem mais dois que estudaram comigo no Colégio de Aplicação, cumpriram comigo esse ciclo, pensam igual a mim uma já é falecida, mas o mais velho tem uma ideia muito parecida com a minha, um sentimento... ele é até mais emotivo do que eu, quando fala no Colégio de Aplicação, a gente vê até um pouco de lágrima nos olhos dele quando ele fala do Colégio de Aplicação, ali foi uma escola que, realmente, deixou saudades, eu tenho até algumas fotos do time de futebol do Colégio de Aplicação.

[...]

J - Muito, muito, muito bom, não tinha um sábado, eu diria, era raro o sábado que não tinha uma festinha na casa de uma das pessoas do grupo, só do grupinho, ia pra lá para casa de R., pra casa de D., lá em Matatu, aqui na Graça, tudo, só pra dançar de rosto colado, tirar sarro nelas, na verdade era o objetivo, porra, cada um tinha seu tesão, porra, era muito difícil não ter um sábado que você não tivesse oportunidade de estar na casa de alguma delas e era bem recebidos pelos pais, por todo mundo, então... muito legal.

Eu não, eu não... sinceramente, Diogo, eu não me lembro de nenhuma pessoa do Aplicação que tenha me deixado alguma sequela, maldade, que tivesse feito alguma coisa que eu não tivesse gostado, que tivesse alguma incompatibilidade, eu não me lembro, interessante, né, faço um exercício de memória agora, mas não me lembro, não me lembro... ou seja, quem é do Aplicação, pra mim é gente boa, guardo em meu coração e terá meu carinho para sempre, entendeu, e é difícil você conviver oito anos em um grupo, claro que não era sempre o mesmo grupo, sempre ia mudando era um grupo mutante, a cada ano renovava, um pessoal saía, entrava outro grupo, mas é muito difícil você perdurar durante oito anos, convivendo a maior parte do tempo em um ambiente quando tem alguma desarmonia, algum confronto com alguém. E eu repito, não me lembro de ter tido nenhum desencontro, nenhum tipo de briga, de problema, de picuinha com quem quer que seja, nem com colega, nem com homem, nem com mulher.

Pelo contrário, só me lembro das coisas agradáveis, das coisas que ficaram. Isso me leva a dizer: porra Aplicação, você não devia acabar, porra. Eu queria tanto que meu filho ao

invés do Anchieta, meus filhos, na verdade, tivessem estudado no Colégio de Aplicação. Queria tanto, tanto, tanto... Quando eu digo isso para eles... “ah, porque era colégio público...”, e eu digo, “era colégio público, mas era de boa qualidade.” Eles não acreditam que o ensino público daquela época, isso não era privilégio só do Aplicação, não, o Aplicação tinha uma certa relevância, uma história, mas... o Severino Vieira também, o Colégio Central eram escola, realmente, que primavam por um nível de ensino de excelência... O Colégio de Aplicação porque tinha um vínculo com a Universidade ele tinha uma projeção maior, era de âmbito federal, mas o ensino das outras escolas era também excelente...

D - Como eram os professores, eles jogavam muito duro, não só com essa questão da indisciplina, mas...

J - Não existia assim, digamos, jogar duro, eles... acho que eles exigiam na conta certa, se eles não fossem exigentes na conta certa, da forma que eles fizeram, talvez o Aplicação não tivesse um linhagem de alunos tão bem preparados para vida como foi, como está sendo hoje, eu acho que eles não foram exagerados em nada, eu realmente não me lembro de nenhum que tenha agido de forma, assim, um pouco fora desse perfil... Tinha lá uma metodologia que seguiam, era uma metodologia não muito diferenciada de um pra o outro, acho que a Escola tinha um modelo de ensino que era seguido por todos, eu não me lembro de nenhum ato de excesso, de rigor muito exagerado.

A única coisa que eu posso recordar de rigor, foi a... essa professora de matemática minha que, além de ter me dado zero na prova – não foi nem ela, foi a diretora –, mas depois do... ela fica me sacaneando, era pra me dar quatro e meio, ela me dava três, por causa do meu relacionamento, assumo a responsabilidade, mas eu acho que no âmbito geral não houve nenhum professor que agisse, assim, de forma muito rigorosa com nenhum aluno, não.

Repito, acho que o rigor era na dose certa pra formar o cidadão que o Aplicação botou no mercado e estão aí até hoje, quem sabe que se fosse diferente não tivesse a qualidade, existe uma nata de profissionais hoje aí no mercado aí em Salvador e no Brasil também que saíram do Colégio de Aplicação. Um dos conferencistas mais solicitados hoje do Brasil, tá entendendo, do Brasil, porra, ele foi diretor internacional da Odebrecht, saiu da Odebrecht e abriu uma empresa, Empreenda, C... é escritor, já escreveu mais de dez livros, a Veja publicou que ele é o terceiro maior palestrante do país, no âmbito corporativo, C. foi colega meu, jogava bola no meu time, jogava futebol nenhum, o negócio dele era estudar, porra, mas, menino, um cachaceiro da porra, gostava de jogar futebol e bebia

cachaça. Z. [...] era colega também, era mais adiantado do que eu, se fosse pra citar, porra, tem uma galera boa aí, que estão no mercado e estão muito bem.

D - O senhor falou da metodologia do Colégio, que tinha uma metodologia que era mais ou menos seguida, como era isso?

J - Era a metodologia... Foi uma inovação, porra, curso de química, química e física, por exemplo, não era livro convencional, não. Química era... Física era um tal de PSCS e eu não sei de onde veio esse modelo de literatura pra gente, mas não era aquele livro que a gente comprava em livraria, não era livro de livraria que você comprava, tanto que a gente comprava na própria... se eu não tô enganado, tanto de física quanto de química, química era QS... um era física alguma coisa e o outro era química alguma coisa... matemática, não, matemática era coisa comprada no mercado, mesmo, mas física e química dava muita ênfase a parte de laboratorial, nós tínhamos experimentos químicos lá dentro do laboratório do Colégio de Aplicação... física, também era no laboratório.

Então, foi um Colégio, também, que se mostrou muito preocupado com a parte prática, com o ensino prático, laboratório de física, laboratório de artes cênicas, laboratório de química, então, um modelo que valorizava muito essa parte prática, não era só na sala de aula... aula de trabalhos manuais, tudo, tinha até aula de canto, aula de canto, lá no antigo Colégio, em Nazaré, era dia de sábado, era a última aula no sábado, acabava às dez horas da manhã, canto, canto, ainda tinha o coral do Colégio de Aplicação, o coral do Colégio de Aplicação, eu não fazia parte do coral porque eu nunca gostei, mas era muito concorrido, pra conseguir uma vaga no coral você tinha que suar, porra, tinha que se inscrever... a antecedência era grande pra fazer parte do coral. O coral era concorrido, concorrido...

D - Nas outras disciplinas o senhor lembra também de alguma característica que parecia ser diferente, se tinha algo especial na metodologia das outras disciplinas, física, química, essa coisa do livro... mas, nas outras, o senhor lembra de algo... matemática, por exemplo, o senhor falou que o livro comprado era comum, o senhor lembra qual era o livro?

J - Não. Mas era um programa lá... um programa que... mas acho que matemática não muda...

D - Não era dos americanos também?

J - Não, não... Era o trivial mesmo.

D - E as aulas como eram? Física e química era laboratório... e matemática. O senhor lembra de alguma coisa da aula?

J - A aula expositiva, exercício na aula, durante a aula, não tinha muita novidade, não.

D - Teve algum assunto que foi marcante por ter ser bom ou ruim, difícil ou fácil, lembra de algum assunto de sua época, em matemática...

J - Não, não, na lembrança não vem nada. Em relação à matemática, marcante foi o zero que eu tomei, por conta do jogo de cueca, me fodi.

D - A marca é essa...

J - É.

D - O senhor lembra das outras professora de matemática?

J - Heim?

D - Lembra das outras ou só de Iraci?

J - Rapaz, eu só me lembro de Iraci, me lembro só de Iraci, porque me marcou, pô! Iraci.

Ah, teve também um fato interessante, mais uma peraltice, colocaram meu apelido M. [...] numa festa da primavera lá no Colégio de Aplicação me encontraram bêbado com a cabeça dentro da privada [...] aí me levaram pra o pronto-socorro, pra tomar glicose, porque era o seguinte: nesse dia a gente combinou, antes de ir para festa, porque a festa era lá, dentro do Colégio, mesmo, aí nós passamos ali no Campo Grande pra tomar uma... bebi demais, tal, no meio da festa me procuraram, “cadê M.”... procuraram o Colégio todo, pra a gente ir pra casa, alguém teve a felicidade de me encontrar lá arriado, desacordado, com a cabeça enfiada dentro da... aí ficou M. por causa dessa...

D - O Colégio não fazia restrição a bebida alcoólica na festa?

J - Não, ou fazia e a gente conseguia burlar ou, enfim... não tinha muita repressão, tá entendendo, é como eu falei, o pessoal era muito... a cabeça era muito aberta, muito... liberalismo ali imperava bastante [...]

D - [...] O senhor lembra como foi sua chegada no Colégio, o senhor chegou no primeiro ano, vindo do exame de admissão... em que ano foi isso...

J - Olha, veja bem, Eu entrei no Aplicação... tenho que fazer uma conta, no início da década de sessenta, sessenta... cinquenta e nove... é só fazer a conta: eu saí em setenta, final de setenta, passei oito anos cursando... foi meia um ou meia dois, foi meia um ou meia dois.

Aí o exame de admissão do Colégio de Aplicação era via exame de admissão, naquele ano eu fiz admissão pra o Colégio de Aplicação e pra o Colégio Militar, passei nos dois, mas

como o Colégio Militar era um pouco... a gente morava no Jardim Baiano e o Colégio Militar naquela época era lá em Brotas, em Pitangueira de Brotas, então, o Aplicação era mais perto da gente, na casa do meu pai, meu pai por ser a escola perto da gente, poder ir a pé, ele optou por matricular no Colégio de Aplicação, graças a Deus ele teve essa bendita opção.

Sim, você perguntou o que mesmo?

D - Como foi chegar no Colégio, como era antes do Aplicação, o senhor estudava em uma escola maior, menor?

J - Não, eu vim do interior, eu, antes do Aplicação, na verdade, eu passei o curso primário foi no Colégio de Dona Frísia, onde hoje é antiga Ladeira da Fonte Nova... Colégio de Dona Frísia, colégio tradicional também e tal, eu não me lembro exatamente o impacto de minha chegada no Aplicação.

D - Houve estranheza, estranhar as coisas? Lembra de algo marcante?

J - Não, eu não me lembro, assim não. Eu sentia uma facilidade muito grande, como sinto até hoje, uma facilidade muito grande de me adaptar, de me entrosar nos ambientes, então, eu imagino que eu não devo ter tido... isso não foi já na fase adulta, não, foi sempre assim, quando eu era garoto, eu era uma pessoa muito extrovertida, muito... enfim, de me dar bem em qualquer lugar, gosto de falar pouco, né, mas nunca me apertei com isso, não, sempre me entroso bem, sou uma pessoa que tenho facilidade muito grande de estabelecer relações de amizade coisa e tal, acho que não devo ter tido realmente nada de negativo com relação a minha chegada no Colégio, não, pelo contrário, acho que devo ter feito uma festa... eu sou tão querido pelo grupo, pô, acho que... não devo ter feito nada, acho que não aconteceu nada, não...

D - Você estudava em grupo com o pessoal, como é que isso funcionava?

J - Estudava muito, eu tinha um grupo... um grupo cativo, como a gente diz, para os estudos, do qual G., o Z. fazia parte, G.... se perguntar quem é Z. lá no Colégio de Aplicação ninguém vai saber quem é, agora, G...

[...]

... eu tinha um grupo cativo, pô, do qual o G. fazia parte. Na verdade eu tinha dois grupos, um que o G. fazia parte e o outro que o G. não fazia parte.

D - Vocês eram da mesma turma?

J - Nós éramos da mesma turma, então, eu alternava, algumas matérias eu estudava com o grupo de G. e outras matérias eu estudava com outro grupo de pessoas. G., por exemplo, sempre foi bom em química, então, quando a gente ia estudar química eu sempre optava em estudar com G., grupo de física, matemática eu optava pelo outro grupo, de vez em quando estudava até o grupo todo, mas sempre foi... olha uma característica boa do grupo, eu não me lembro de ter estudado sozinho pra uma prova... sempre ia para casa de alguém ou eles iam lá para casa,

[...]

todo mundo da minha turma tinha grupos para estudos domésticos.

D - Vocês estudavam de manhã ou à tarde no Colégio?

J - De manhã, de manhã, eventualmente, já aqui no Canela, quando passou aqui pro Canela, nós tínhamos aula de laboratório e aula de artes plásticas, trabalhos manuais, pela tarde, mas não era todo dia, não, acho que era três vezes na semana, parece, três vezes na semana...

D - Pelo que eu entendi, eram só provas ou existiam trabalhos também, como era, o senhor lembra? Vocês estudavam juntos para as prova, é isso?

J - Pra prova... Tenho impressão, Diogo, que as avaliações eram mais pro lado de provas, pode ter havido, realmente, até trabalhos, agora, eu não me lembro... trabalhos, assim...

D - Os seus irmãos, sua relação com seus irmãos no Colégio, usava os livros deles, eles ajudavam, os mais velhos ajudavam...

J - Não. Ele tinha lá a turma dele também, era totalmente à parte, o L. era bem mais velho do que eu, quatro ou cinco anos mais velhos do que eu. Na verdade, nunca... A gente veio discutir sobre o Colégio de Aplicação agora, depois de velho, lembrando aquelas coisa todas, mas na época, não, na época, não.

D - Nem os mais novos também.

J - Não, também não, rapaz, a gente só dá valor a uma coisa que tem quando perde... Um deles, inclusive, os filhos dele, ele pensa a mesma coisa que eu, um irmão meu, “queria que meus filhos tivessem uma escola no modelo do Colégio de Aplicação”. Ele sabe a referência que foi o Colégio de Aplicação, a importância que foi o Colégio de Aplicação pra vida dele, hoje ele é um profissional de sucesso aqui no mercado...

D - O senhor fala da importância do Colégio de Aplicação, mas o senhor fala dessa importância hoje, reconhecendo com saudade da escola... mas, na época, o senhor achava que o Colégio era melhor do que outros, comparava o Colégio com outros?

J - Eu não tinha parâmetro para comparar, uma referência para comparar o Aplicação com outro, a importância era tanta que eu acordava e ficava feliz em saber que eu acordava e tinha que ir pro Aplicação, que ia para escola, eu era feliz, ficava feliz quando tinha que passar o dia todo no Colégio, eventualmente, era uma coisa que me deixava feliz o convívio com os colegas, com os professores, com as atividades do Colégio, me deixava... muito feliz, muito feliz.

Nunca fiz banca, rapaz, nunca fiz banca, nunca minha mãe pagou banca pra mim, minhas dúvidas todas eu tirava com o grupo que estudava comigo, porque naquela época tinha banca, os pais contratavam professores particulares, como tem hoje, eventualmente hoje, mas antigamente era uma instituição muito comum, se contratava uma professora pra te dar banca, chamava banca, e eu nunca investi nisso, eu quando tinha alguma dificuldade em uma matéria, matemática, que sempre foi meu fraco, eu procurava, justamente, ir pra um grupo que sabia mais matemática, por isso que eu falei que eu estudava no grupo que tinha mais afinidade, quando eu tinha mais dificuldade em uma matéria, procurava me sentar ao lado que quem era mais forte. Nesse grupo eu tinha toda atenção para tirar dúvidas, química eu tinha toda atenção, Gr. me ensinou química de cabo a rabo. Enfim...

[...]

D - [...] me parece que foi uma coisa que lhe mexeu muito, você começou a falando disso, a repressão, o momento político baiano da repressão, isso fica na sua fala... como é que é isso dentro da Colégio aparecia? Aparece repressão no Colégio, nesse período, ou não?

J - A repressão em que sentido, você fala?

D - No controle do que os alunos podiam fazer...

J - Lá nós tínhamos, não havia repressão com relação à instituição, a diretora...

D - Quem era a diretora na época?

J - Tinha Leda Jesuino, primeiro, depois, Zilma Parente de Barros, e que é da UFBA é que eu me lembro... Por isso que eu falo, relação dos alunos com os professores e diretoria era o mais aberta possível, em nenhum momento, eu não me lembro, de ter havido nenhum posicionamento da diretoria do Colégio de Aplicação contra as atitudes pelos alunos do

Colégio de Aplicação, não só fora da Escola, como dentro da Escola. Porque dentro da escola você tá no grêmio, e o grêmio era uma entidade altamente politizada, era um braço, um apêndice da UNE, lá dentro do Colégio de Aplicação.

D - Isso não era perigoso, não?

J - Tinha... porque era na época tumultuada, visada pela... pela repressão, mas só... eu não me lembro de ter acontecido nenhum problema, tá entendendo? O pessoal fazia movimento político dentro do Colégio de Aplicação, tinha grupos antagônicos dentro do Colégio de Aplicação, porque um defendia uma coligação e outro defendia outra coligação, mas não houve nenhum conflito físico nem... havia conflito de ideias, claro, na eleição do grêmio, por exemplo, cada um se posicionava da sua forma, grupo radical, grupo mais ou menos radical, mas não... e a diretoria nunca, realmente... coagia essas pessoas a agir de outra forma, eu pelo menos nunca tive conhecimento de atitudes como essas, de você tentar coibir ou esvaziar ou tomar nenhuma atitude de represália contra essa movimentação política que existia lá dentro do Colégio de Aplicação, que era um ambiente muito, repito, muito politizado, e digo mais, é por isso que eu falo, as grandes manifestações estudantis da época o pessoal não fazia sem essa ala do Colégio de Aplicação presente.

D - Isso nunca gerou problemas com a polícia?

J - Não.

D - Nenhum aluno...

J - O Aplicação nunca foi invadido, nunca foi cercado, nunca foi violado, nunca foi apedrejado, nunca jogaram bomba de gás no Aplicação, nada, jogaram na reitoria...

D - Sim, sim...

J - Então... Era um pessoal muito, muito politizado, época de eleição no grêmio lá, por exemplo, era uma guerra, porra, guerra ideológica, o pessoal era convicto de suas posições, eu defendia um posicionamento de uma ala política... era bem informado, bem sedimentado em termo de.. de conhecimento, tinha esse negócio de jogar ovo na cabeça do outro, do adversário, mas, nada de... nunca tentaram impedir nenhuma manifestação, por isso que eu falo, a liberdade grassava no Colégio de Aplicação, isso foi o grande legado que o Colégio de Aplicação deixou para todos os que conviveram lá, foi justamente essa sensação de democracia, tá entendendo, numa época em que lá fora acontecia justamente o contrário, repressão da porra, ditadura militar...

D - Não tinha nenhum colega ou professora mais associado à política do governo e que defendia as ideias do governo e o posicionamento dos militares?

J - Nominalmente eu não me lembro, não poderia dizer que fulano, beltrano e sicrano que tinha esse perfil de atuação que você está falando, mas eu me lembro que tinha pessoas, umas vozes destoantes, realmente, porque, assim, naquela época você enxergava claramente quem era direita e quem era esquerda, hoje em dia tá tudo pulverizado, naquela época, realmente, você identificava... fulano é direita, sicrano é esquerda, claro que... chamava “as meninas de papai” a menininha mais rica e tal... então, tinha lá um grupinho, filhas de empresários, de empresas fortes aqui de Salvador, que não queria porra de nada com a política, sempre elas viam aqueles movimentos como contra o patrimônio que elas tinham naquele momento, os pais delas tinham, tá entendendo, o pessoal tentava vender uma verdade e os militares tentavam difundir aquela ideia de que... a esquerda ia tomar o Brasil pra privatizar todas as propriedades, que ia roubar dos ricos pra dar pros pobres, então, aquela ideia que a ditadura conseguiu, realmente, incutir em algum momento em uma parcela da sociedade e que o movimento da época, da esquerda, era para tirar eles do poder e implantar o comunismo e que comunismo era roubar dos ricos pra dar para os pobres, então, essa ala de colegas nossas, as meninas ricas, que tinham patrimônio na época, ficava realmente receosa de participar de forma mais ativa do movimento com a gente, com medo do patrimônio dos pais delas fosse dilapidado pelo movimento de esquerda.

Respondendo a sua pergunta, imagino, não me lembro, realmente, pra identificar fulana ou beltrana, me lembro de uma, pelo menos, o pai dela era dono de empresa, ela realmente, ela não comungava com nada desse grupo, era meio hostilizada, agora me lembro, ela foi hostilizada uma vez por conta de um posicionamento que ela tomou contra alguma coisa lá, alguma rebeldia do grupo com relação a alguma coisa, eu não me lembro, mas ela foi hostilizada de forma mais agressiva, picharam o banheiro esculhambando fulana de tal, por conta do posicionamento que ela teve, que eu não me lembro qual foi, contrário a essa ala da esquerda do Colégio de Aplicação. Agora, fora ela, eu não recorro de outra pessoa que tenha tido, realmente... deve ter tido outras, mas eu não me lembro.

D - Conviviam, então, as pessoas das mais diversas classes sociais no Colégio?

J - Era um grupo heterogêneo, tinha rico, tinha pobre, tinha classe média, a predominância era da classe média até a classe rica, na verdade, a classe pobre, bem lembrado esse fato, a predominância do corpo discente era da classe média e classe rica.

D - Tinha diferenças de tratamento?

J - Não! Lá não tinha porra de nada. Todos eram tratados como colegas do Colégio de Aplicação, tanto fazia você morar na Vitória, ou era na Caixa d'Água, ou morar na casa da... eu cansava de estudar... G. morava na Caixa d'Água, casinha humilde e tudo, eu cansava de ir lá, meu pai morava em uma casa muito boa no Jardim Baiano, ia lá, pegava meu ônibus no Campo da Pólvora pra Caixa d'Água, dormia na casa de G., dormia no chão, num colchonete e tal, ele ia lá pra casa e tal, e isso acontecia com diversas pessoas, pessoas ricas iam lá pra casa dormir, deitava no chão, e a gente era muito amigo, porra, essa diferenciação de classe social não tinha, não tinha...

D - [...] O senhor lembra de uma expressão, do termo chamado Matemática Moderna, não só em matemática, mas nas outras ciências também?

J - Eu lembro da física e da química moderna. Que são esses tais livros que eu falo.

D - Da matemática o senhor não tem lembrança de nenhuma modernização?

J - Não. Era bem convencional mesmo. Matemática Moderna foi algo que veio depois não?

D - Para escola acho que essa época andava por ali acontecendo alguma coisa.

J - Pois é da química e da física, realmente eu me lembro muito bem que houve...

D - SMSG o senhor não lembra dessas siglas?

J - Não.

D - Eram livros americanos também, mas só que de matemática. Não lembra disso no Colégio de Aplicação, não?

J - Não. Veja bem, eu saí do aplicação em setenta, o Aplicação se estendeu até setenta e seis, parece, setenta e quatro... então, eu não sei se dentre esse últimos quatro anos do Aplicação, de vida do Aplicação, aconteceu essa implantação, a implantação desse tipo de matemática, não me lembro, não tenho conhecimento, no meu tempo não lembro. Acho que não tinha, era a matemática realmente tradicional convencional mesmo.

[...]

D - Que relação que tinha entre o Colégio e a Faculdade de Filosofia, que movimentação vocês percebiam entre uma coisa e outra? Tinha alguma relação...

J - Eu tenho a impressão que a relação era apenas o Colégio de Aplicação, pelo fato da Faculdade de Filosofia ser uma instituição da comunidade da UFBA, então, o Aplicação

apenas ocupava o espaço, dividia com a Faculdade de Filosofia o espaço único lá em Nazaré, quando era em Nazaré, depois ela veio pra cá, em frente aos Maristas, veio sozinha para cá, deixou lá a Faculdade de Filosofia, com o prédio dela, isoladamente, mas com relação à Filosofia, era extremamente física não tinha nenhuma interação, eu não me lembro.

[...]

Repito, o Colégio de Aplicação, para mim, é uma marca registrada em minha vida, eu vou morrer levando o Aplicação no meu coração, eu sou apaixonado, eu amo o nome, a marca Aplicação e tudo que diz respeito ao Aplicação, eu realmente sou apaixonado. Eu levo fé eu aposto e brigo por tudo que for referente ao Colégio de Aplicação.

[agradecimentos]

Entrevista: Maria Angela Guimarães (A)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 30' 07"

Salvador, 28 de outubro de 2010.

Local: Casa da entrevistada

[...]

D - [...] interessam muito suas lembranças do Aplicação, não somente as ligadas à matemática...

A - Minhas lembranças do Aplicação são muitas. Primeiro, eu hoje sou separada, mas pai do meu filho e meu ex-marido eu conheci no Aplicação, nós não fomos colegas, ele era um ano mais adiantado do que eu, mas nos conhecemos lá, casamos e descasamos.

[...]

Sim, então, e assim, do ponto de vista de ensino eu acho que eu devo muito do que eu sei ao Aplicação. Minha base, minha formação toda lá, que eu fiz o primário e um ano de científico, que na época não era científico, era clássico e científico junto e depois eu fui fazer pedagógico. No pedagógico não vi química, não vi física, não vi nada de matemática e, acho que consegui passar no vestibular, devo muito à base do Aplicação, de português, principalmente, de língua. Matemática não era meu forte, eu comecei a lhe contar no telefone, que eu gostaria de ter feito clássico porque minha tendência sempre foi para o lado de letras, de escrever, mas aí juntou clássico e científico e eu fiquei na segunda época de matemática, não quis fazer segunda época e aí saí e fui fazer pedagógico. Então, eu fiz exame de admissão, na época se fazia exame de admissão, foi em 64, peguei o Aplicação ainda na Faculdade de Filosofia, em Nazaré, na Faculdade, mesmo. Era, assim, referência, né?

Lembro que minha mãe me botou para estudar as férias inteiras, porque passar no admissão do Colégio de Aplicação era como passar no vestibular. Tenho boas lembranças e devo muito do meu aprendizado, da minha base ao Aplicação.

D - Como foi chegar no Aplicação. Como era a matemática quando a senhora chegou. Como eram as aulas na sua chegada no Aplicação? Quais as suas primeiras impressões do Aplicação? A senhora entrou em 65, então?

A - Eu entrei em 64...

D - Isso. Fez admissão no final de 63.

A - E entrei em 64 no Aplicação. Eu nunca fui muito chegada à matemática, não. Sempre foi o meu calo, mas eu me lembro que no ginásio eu me saí bem em matemática, agora, se você me perguntar o que eu aprendia de matemática, eu juro que eu não vou me lembrar, Não sei quase nada de matemática, porque depois eu abandonei totalmente, quando eu fui fazer pedagógico. A matemática que eu aprendi para ensinar menino do primário era matemática de somar, de diminuir, fração, problemas... Depois eu fiz vestibular para a área de letras, eu fiz jornalismo. Então, a matemática que eu sei, é de ginásio. Consegui passar no vestibular, mesmo sem ter visto matemática, mas não tenho muita lembrança do que eu aprendia em matemática naquela época, não.

D - Me conta as lembranças do que a senhora não aprendia. Quais eram os problemas, o que era difícil em matemática? A senhora disse assim, no telefone a senhora me disse que a senhora saiu do Aplicação por causa de matemática.

A - Porque eu não quis fazer segunda época, eu fiquei em segunda época de matemática. Matemática sempre foi difícil para mim. Equação, até raiz quadrada eu conseguia fazer, mas você me dava uma equação... aqueles problemas, x mais y... nada disso eu conseguia entender, sempre eu achei difícil, difícil mesmo, matemática. Eu não entendo como uma pessoa se dedica à matemática.

D - E no Colégio, isso era muito forte, ter que aprender matemática? Era muito carregado?

A - Eu acho que tudo era meio carregado, acho que era disciplina muita e aprendizado muito... era exigente, a Escola. A escola era exigente e, assim, pelo que eu vejo hoje, pelo que eu acompanho atualmente, de pessoas que estão na faculdade, eu acho que a gente tinha um nível muito superior, em matemática, em português, em tudo.

Eu vejo colegas minhas que se formam em Jornalismo e não sabem escrever, não sabem o português. Então, eu acho que o nível de exigência e o nível de aprendizado era muito melhor do que atualmente.

D - [...] A senhora falou da disciplina, a senhora disse que tinha muita disciplina. Como era a disciplina no Colégio?

A - Eu sou de um tempo que tinha bedel, você sabe o que é bedel?

D - Não, não sei.

A - Não sabe o que é bedel?

D - Não...

A - Bedel era uma criatura que ficava tomando conta da gente na entrada, que pegava a caderneta da gente na entrada, a caderneta da gente ficava guardada e, na hora que a gente ia embora, devolvia. Então, você tinha que estar ali...

D - Bedel era uma função ou era uma pessoa?

A - Não, era uma função. Não sei se... tipo um fiscal. Eu me lembro que – aqui no Canela mais não – mas eu me lembro que lá em Nazaré tinha uma parede, que era tipo um quadro, fechado, que as cadernetinhas da gente botava na entrada e tirava na saída, então, você não tinha como entrar na Escola, sair para gazetear e não voltar, não tinha, mesmo.

Se exigia farda, exigia presença, agora, também pela época que eu entrei, uma coisa que eu nunca me meti, mas que era muito forte era o movimento estudantil, que foi em plena época de 64. Eu entrei e em 64 e 65 a coisa de grêmio, de diretório, era muito forte, de política estudantil, mesmo. Eu nunca me meti, mas era forte. E a gente tinha muita atividade também extra-classe, assim, tipo, tinha competição, tinha olimpíadas, tinha muito time, primeiro que nós meninas tínhamos time de baleado, disputávamos com outras escolas... naquela época tinha olimpíada da primavera na Fonte Nova e tinha time de futebol, tinha time de basquete, já era uma coisa forte, também, tinha ginástica... não podia faltar ginástica, tinha que ter atestado pra faltar um dia de ginástica, se exigia presença, mesmo.

D - A senhora participava de alguma seleção...

A - Eu jogava muito baleado, a gente competia, não era de olimpíadas, mas competia com times de outras escolas.

[...]

Há três, quatro... ou quatro anos pela internet se organizou uma festa e se conseguiu reunir trezentos e tantos ex-alunos e professores do Aplicação... Foi uma festa linda no Hotel da Bahia. Já lhe falaram?

D - Já. Me falaram que teve a festa. Mas como foi essa festa...

A - Ah, foi uma das coisas mais emocionante que eu já vivi em minha vida, porque tinha colegas meus que eu não via desde que eu saí e reencontrei, foi assim, foi muito bacana, muito. Foi uma das coisas mais bonitas que eu já vivi. No dia seguinte, várias pessoas escreveram artigos belíssimos sobre a festa e a emoção do reencontro.

[...]

D - [...] por que essa festa foi tão forte, me conta mais, o que emocionava tanto?

A - Eu acho que o reencontro com pessoas que você não via, alguns há quinze, vinte... quer dizer, eu me formei... eu tenho mais de trinta anos de formada, tinha gente que eu não via há trinta anos e aí você reencontrar essas pessoas e conversar com essas pessoas e saber como é que estão, como é que foi a vida, eu acho que é uma emoção única...

D - E vocês eram muito amigas no tempo da escola, a turma?

A - A minha turma era, muito. Eu tinha uma turma... quer dizer, eu tinha, digamos, de trinta colegas, umas quinze que a gente dormia uma na casa da outra para estudar. Eu procurei tanto as fotos e não achei, a gente foi passar uma semana no Retiro de São Francisco com a turma do Aplicação, eu tinha um monte de fotos.

Saíamos muito juntas em turma, então, a gente era muito próxima, muito próxima e aí, depois, cada uma vai pra um canto, você fica vinte e tantos anos sem se ver, tem gente que mora nos Estados Unidos que veio para essa festa, tem colegas minhas que uma mora em São Paulo, outra mora no Rio, que vieram só para a festa, então, foi muito bacana, muito bacana.

D - A senhora falou que vocês estudavam umas nas casas das outras.

A - Estudávamos. Era uma prática comum. Não era uma prática comum o tempo inteiro, mas tinha muito trabalho de equipe, era muito comum trabalho de equipe, e a gente sempre se reunia pra fazer na casa de uma ou de outra e às vezes dormia, ficava estudando até mais tarde, não era uma prática diária, mas acontecia com certa frequência, porque também se fazia muito trabalho em equipe. Muita pesquisa, muito trabalho em equipe...

D - Em todas as matérias?

A - Principalmente em história, português também a gente fazia muito, ciências, e português, a gente fazia muito...

D - A senhora lembra de algum trabalho de matemática?

A - Ah, eu não vou lembrar!

D - Não era um a coisa que lhe marcasse positivamente?

A - Não, é porque eu acho também que matemática não tem muito essa característica de pesquisa, de você fazer trabalho em grupo, eu me não me lembro ter feito, eu acho que se tivesse tido eu me lembraria, entendeu? Porque me lembro das outras, eu acho que a própria matemática não se presta muito a isso, se presta?

[...]

A - Você tem mais vivência em matemática do que eu.

D - Ah, hoje a escola é outra, né.

A - É, o problema é esse.

D - [...] A senhora lembra como eram as aulas de matemática? O que a senhora lembra do perfil da professora, do que ela fazia...

A - Lembro da professora que me colocou em segunda época, Iraci, exigente, e eu só tirava nota baixa...

D - Isso era no primeiro ano?

A - Não, já no último...

D - No primeiro ano de colegial...

A - De ginásio, não, no primeiro ano colegial, que foi quando ela me colocou na segunda época, agora, no ginásio eu não me lembro de ter sido péssima aluna em matemática, eu era mediana, eu dava conta, fração, fração própria, fração imprópria, mmc, mdc, isso você não vem mais hoje...

D - Vê. Algumas dessas coisas ainda fazem parte...

A - Máximo denominador comum, mínimo denomin..., mmc, mdc, eu me lembro disso de problema, eu acertava os problemas, no ginásio eu não era... nunca perdi nunca fiquei de recuperação, eu dava conta, mas assim, na rasteira, português eu me lembro que eu tirava sempre oito, nove; matemática era seis, seis e meio, sete, era mais

rasteira, mas aprendi essa semana estava com minha afilhada que está na alfabetização, mas já faz problema de... “Não sei quem tinha... deu três balas a cada sobrinho e são quatro sobrinhos, quantas balas ele tinha?”

Eu me lembro que eu fazia isso também no primário. No ginásio, lógico que o grau de dificuldade era bem maior, agora, tipo assim, eu nunca consegui aprender aquelas coisas assim: “fulano vai daqui até não sei onde em tantos minutos, qual é a velocidade?” Essas coisas me piravam, eu nunca tive facilidade pra isso, mas o básico, fração, somar, dividir, diminuir, me lembro que a gente fazia tabuada, que era um porre tabuada, dois vezes dois, quatro, três vezes três, seis... mas eu aprendia.

D - No Aplicação vocês faziam tabuada?

A - Não sei se isso é lembrança mais antiga de primário, mas me lembro que eu fiz muita tabuada nessa minha vida, e aí decoreba eu sabia tudo, mas problema eu tinha muita dificuldade e tinha muito problema, muito, equação.

D - Das professoras de matemática a senhora lembra de Iraci e de mais alguma?

A - Me lembro de uma magrinha chamada Violeta, que já no último ano de ginásio, já perto do fim do ano eu tomei aula particular com ela, mas já no fim do ano.

D - Mas ela era professora do Aplicação?

A - Ela era professora do Aplicação e dava muita aula particular e eu tomava uma vez por semana, tomei assim uns dois meses com ela, já no final do ano...

D - E a professora Iraci a senhora lembra o que, mesmo? Me fale quem era essa professora.

M – Eu vejo ela na minha frente, me lembro tipo o físico dela, mas assim... e me lembro que eu só tirava nota baixa com ela mas não me lembro de muita coisa, não, eu tinha dificuldade mesmo. Agora, tem muitos anos, eu me lembro de muita coisa do Aplicação e me esqueci de muita coisa, porque trinta anos de formada, mais quatro de faculdade, mais três de pedagógico.

D - E o que a senhora lembra, então? O que a senhora lembra do Aplicação? O que era importante, que lhe marcava?

M - Era importante assim, o convívio com o pessoal da Faculdade era bacana, os professores, a grande maioria, também eram professores excelentes, muito bons, me

lembro de ver, de não participar diretamente, mas de ver – e eu achava aquilo lindíssimo – aquela militância estudantil, porque eu estava chegando, né, e geralmente era o pessoal mais adiantado, pessoal já de último ano de ginásio e de colegial envolvido naquela militância política e achava interessante....

D - Como era essa militância?

A - Participava de debates, tinha diretório acadêmico, na época tinha eleição para o diretório, era uma eleição muito disputada, tinha muita propaganda política, fazia reunião e distribuía panfleto, era bem marcante, mesmo assim, a militância. E, assim, me lembro que alguns... o pessoal do Aplicação andava muito junto com o pessoal do Central, me lembro que logo que começaram as passeatas e tal, me lembro que – não do Aplicação, mas que pessoas do Central que andavam com a gente, que a gente conhecia, chegaram a ser presas, na época da ditadura braba, o que mais...

D - No Colégio era tranquilo no período militar ou tinha alguma?

A - Não, era tranquilo, a gente, que eu me lembre, que eu tenha participado, que eu tenha tido conhecimento, não, de ter alguém preso, de ter alguma coisa assim, não.

D - [...] A senhora falou que tinha uma coisa que era bacana, que era a relação com o pessoal da Faculdade de Filosofia. Como era essa relação? O que a senhora lembra disso, algum fato que a senhora contaria...

A - A maioria dos professores da gente, com supervisão de professores mesmo, da Faculdade, muitos professores estavam no último ano da faculdade e ensinavam à gente. Teve uma Solange, de português, que eu me lembro que ela estava para se formar e ela ficou dois ou três meses na sala da gente ensinando e, assim, eram muito bons, então a visão que eu tinha era que a Faculdade era muito boa e a Escola era muito boa porque que estava ligada à Faculdade, é a sensação que eu tenho.

D - E podia namorar no Colégio?

A - Não. Mas podia namorar fora da Escola. Na Escola era amigo, mas fora da Escola a gente se encontrava. Mas, assim, na escola era aquele namoro idiota de menina de treze, quatorze anos, depois a gente não namorou mais e aí, depois de... eu já tinha saído do Aplicação, alguns... uns cinco anos depois, a gente se reencontrou por aí e namorou e casou.

D - Então a disciplina do Colégio não deixava namorar?

A - Dentro do Colégio, não. Não deixava namorar, não deixava fumar, e eu já nos últimos anos... no último ano de ginásio já escondia no banheiro com A. – a que fez matemática, a gente se escondia no banheiro pra fumar. Uma vez a gente foi suspensa um dia porque pegaram a gente no banheiro fumando, é...

D - Quem era a direção na época?

A - Eu peguei duas diretoras. Peguei Leda Jesuíno...

D - Em Nazaré ainda?

A - Em Nazaré ainda. Peguei... primeiro eu peguei... primeiro foi Leda e, depois, eu peguei Zilma. Zilma eu acho que já foi aqui no Canela.

D - A senhora sentiu muita diferença de uma para outra, na mudança pro Canela? O Colégio mudou alguma coisa ou só foi o lugar?

A - Eu acho que foi o lugar e... a gente não vai comparar a disciplina de 64 com a disciplina de 70 e alguma coisa ou de 70, já era mais... já era uma coisa mais liberal, eu me lembro que já se filava aula, eu me lembro que era colado com o Pronto-Socorro, que na época era o Hospital Getúlio Vargas e, daí a pouco os meninos já saíam por trás e ficavam olhando a ambulância que ia e voltava, tenho uma lembrança, assim de... de já poder sair mais cedo, a gente já faltava uma última aula e aí já tinha aquela coisa assim de que – não tinha nada a ver com o ensino –, mas já tinha os Maristas que ficava ali defronte, já ficava o pessoal dos Maristas misturado com a gente, era uma coisa mais liberal.

Agora, no ensino eu acho que ainda continuava muito bom. Eu não me dei muito bem no meu único ano no Canela por causa da matemática, mas nas outras matérias, português, por exemplo, muito bom e era uma coisa pioneira, porque nunca tinha tido clássico e científico juntos. No tempo de clássico e científico, quem fazia clássico não via química, não via física, a gente viu, porque já era

[...]

A - Primeiro ano foi o meu, antes, não, era separado.

D - Isso gerou reclamações de quem queria entrar só no clássico?

A - Não. Não, Não.

[...]

D - A senhora tinha algum irmão estudando no Aplicação, algum primo?

A - Não. O único irmão que eu tenho foi do Militar e do Central, A. tem, os quatros eram Aplicação.

D - A senhora me disse que sua mãe queria muito que a senhora fizesse o admisão e lhe botou pra estudar...

A - Ela me colocou para as férias inteiras pra estudar, porque...

D - E a senhora lembra da prova do Admissão?

A - Não. Mas lembro que tirei primeiro lugar, viu, que valeu a pena perder minhas férias.

D - Primeiro lugar na seleção...

A - Foi. No exame de admisão, era loucura, na época também achei o máximo.

D - Isso fez diferença entre os colegas?

A - Não, eu não sei nem se sabiam isso, se era divulgado para todo mundo. Acho que não ...

[...]

eu me lembro que eu achei umas fotos minhas nesse Retiro de São Francisco e umas fotos que a gente tirou na Reitoria, minha turma de farda, as meninas que andavam mais comigo, ainda de farda.

D - Esse passeio ao Retiro de São Francisco foi o que?

A - Foi da Escola, mas para quem quisesse.

D - Era um chácara, era o que?

A - Ele não chega a ser uma chácara, mas é um lugar muito arborizado, que tem pomar e tal, agora, é de religiosos, então tem aquela história de reza de manhã, reza de tarde, mas não era uma coisa de imposição e a Escola fez mais como um passeio pra quem quisesse.

D - E vocês passaram uns dias lá?

A - Passamos uns dois ou três dias lá.

D - A senhora lembra em que série foi isso?

A - ...

D - Ou quem foi?

A - Quem foi eu me lembro de um bocado de gente, porque foi a minha sala foi quase toda. Agora que ano foi... eu devia estar no segundo ou terceiro ano. Terceiro ano, então foi em 67.

[agradecimentos]

Entrevista: Sueli Prata (S)
Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)
Tempo da entrevista: 1h 51' 33''
Salvador, 17 de dezembro de 2010
Local: Casa da entrevistada

[...]

S - É bom, porque na verdade eu sempre disse: que matemática pra mim não é uma má é uma péssima temática (risos)

D - Não é ma-temática... (risos)

S - Não, é uma péssima! Porque, na verdade, o raciocínio abstrato nunca... nunca me deu menor tesão, né, na verdade, assim, não é aquela coisa que você diz, “ah, eu não consigo aprender matemática”,

[...]

Mas matemática sempre pra mim sempre foi, assim, uma péssima temática, péssima, porque não...

[...]

como existiam dois Aplicações, na verdade, né, quer dizer, o Aplicação mais antigo, da época de Maria Angélica, e o Aplicação pós-Angélica, da época de Zilma Parente de Barros. – ela [logo] é sua parente? Não é, não, né? Porque eu vou soltar o malho, aqui nela – (risos) porque... essa... essa ruptura do Aplicação de Angélica pra o Aplicação de Zilma é uma ruptura que eu vivi e, particularmente, de uma forma muito intensa, pessoalmente também passo todas as dicas sobre isso e eu sempre achei e, assim, eu vislumbrei isso, né, com o tempo, com o afastamento. Eu vislumbrei isso como uma ruptura, realmente, né, associei muito as questões históricas que a gente tava vivendo na época, o acordo MEC-USAID, parará-parará, como isso refletiu no Aplicação e tal, mas nunca tinha visto, tinha sentido de perto o que é que isso provocou, além do fechamento da Escola na Bahia,

[...]

em dois grupos distintos, né, de ex-alunos do Aplicação, os ex-alunos da época áurea, que é a época de Angélica, e da época de decadência, da Zilma, que coincide com a ditadura, com o acordo MEC-USAID, etc., etc.

[...]

é... sabe, se indispuseram porque são duas marcas distintas e tal, quer dizer, com o processo político é tão intenso, foi tão intenso, atingiu de tal forma a nossa juventude, etc., etc., que criou, efetivamente, dois grupos. Incrível!

[...]

da época democrática, foi um puta de um Colégio, né, assim, altamente revolucionário, no sentido mais amplo que você possa entender disso, né, e, por outro lado, a decadência foi tão forte quanto era antes a sua luminosidade, o seu esplendor, mas sua experiência que efetivamente só, só é possível de existir, quando você respira democracia, sem isso inexistente, né, então, sobretudo assim, o caráter de... eu acredito que o que fez do Aplicação o que foi, pra nós virou até um mito, né, porque, como deixou de existir, e essa coisa não foi bem estudada, quem dera que você, depois da matemática, depois da dissertação, você se interessasse por entender... porque é assim, sabe, é como se uma micro-história reproduzisse a macro-história do país, assim, democracia e ditadura, o que é que isso fez num micro-organismo educativo, que foi o Colégio de Aplicação, é uma coisa que eu adoraria poder estudar, pra ver isso.

[...]

o Aplicação realmente, sim, foi um formador de gente decente e legal, quando floresceu na democracia e, como só ia acontecer, não tinha porque não acontecer com o Aplicação, um formador de... quer dizer, acabou essa coisa dele, de formar pessoas maravilhosas, assim, no melhor sentido dessa palavra, pessoas com consciência social, pessoas solidárias, intensas, afetivas, é isso que eu chamo de ser grandioso, né, minha visão de grandiosidade não tem nada a ver com bem material, com o normal das coisas.

[...]

o bom do Aplicação é que era uma escola muito boa, dessa, com esse critério, né, de boa formação escolar, a coisa fria, muito boa, excelentes professores e formava gente... mui... bons profissionais e tal, e era, ao mesmo tempo, uma escola pública, quer dizer, você não pagava pra estudar lá, entendeu? Era uma Escola melhor do que Vieira, Maristas, Dois de Julho, que eram escolas que não eram públicas, né, por outro lado, o que fazia dela uma... uma escola, assim, bem... é, como é que eu te

diggo...

[...]

...então, tinha esse lado, assim, né, que, por exemplo, eu estudei em escola pública sempre, no Getúlio Vargas, que era lá do ICEIA, e o lance era, realmente, você conseguir passar no exame de admissão, que era difícil, mas você veja, né, não era impossível, porque eu estudei em escola pública e consegui passar, eu e alguns outros, então, tinha muito, assim, filhos de médico, quando médico ainda não era um cara rico, enfim. Aí a gente...

Eu entrei no Colégio de Aplicação já tinha essa característica, né, de ser uma escola pública, mas, boa

[...]

mas tinha Central, Severino, enfim, o Aplicação era legal e tinha ainda, além de ser uma boa escola, como o Central, o Severino, tinha um outro caráter, que era maravilhoso nele, que era o fato de ser uma escola experimental.

Duas coisas importantes, o fato de ser experimental, quer dizer, todas as novidades, né, pedagógicas e educacionais eram primeiro colocadas no Colégio Aplicação e era também experimental de uma forma muito legal, porque promovia uma... uma intensa relação entre o alunado do Aplicação e os novos professores que se formavam, porque os professores todos estagiavam no Aplicação. Isso também virava um mito, né, se você conversar com alguém, que virou professor e que estagiou no Aplicação, você vai ver o terror que foi na vida dele enfrentar os alunos do Aplicação, né.

A gente fazia disso uma coisa natural, né, era um horror, os estagiários se acabavam de medo de estagiar com a gente, porque a gente era questionador, tarará... aquela coisa toda, então, tinha esse caráter. Então, tudo que foi de reforma nã-nã-nã-nã... acontecia primeiro no Colégio de Aplicação, sempre foi assim. Então, são essas, assim, as duas coisas básicas, agora vem o lado pessoal, eu entrei no Aplicação, o Aplicação funcionava ainda em Nazaré, onde hoje é o MP.

D - Em que ano a senhora entrou?

[...]

S - Sei lá, saí em 69, não sei, devo ter entrado...

D - 61,62...

S - Por aí, então eu entrei no Aplicação, funcionava lá, né, junto com a Faculdade de Filosofia, já era assim uma... promiscuidade MA-RA-VI-LHO-SA, maravilhosa, né, porque a gente era nível médio, tá certo, mas vivíamos uma vida híbrida com a Universidade, né, numa época em que a Universidade era altamente participativa da vida política e nós, meninos, participávamos também da vida política intensamente, né, então, pra demonstrar isso pra você, três exemplos, eu me lembro dos três, assim, básicos, diretamente ligados à minha vida: primeiro, eu entrei no que hoje é equivalente à 5ª série, que era o primeiro ano ginásial, entrei no Aplicação tinha um pátio enorme que separava o prédio antigo do prédio novo, quando eu entrei no Aplicação, na primeira semana que eu entrei no Aplicação, o prédio novo, acho que era um prédio de nove andares, alguém do Colégio – alguém, não, eu sei quem é, A., vulgo C. –, o cara subiu no nono andar, o prédio era cheio de cobogó, ele pegou um rolo de papel higiênico, amarrou num pau, desenrolou o rolo de papel higiênico lá no nono andar e a turma dele toda, que era 3º ano colegial, tava do lado de baixo, na frente do rolo de papel higiênico, cantando o hino à bandeira, início do ano, era 25 de março e era dia do aniversário do Partidão, ao qual me filiei depois. (risos) e eles estavam lá, quer dizer, era uma coisa assim de uma irreverência... de uma irreverência, eu me identifiquei completamente com aquilo, maravilha, assim, total.

D - Mas, isso foi na sua chegada?

S - Na minha chagada!

D - E já tinha o prédio era de nove andares lá?

S - Nove andares, tá lá, ainda, no prédio novo, né, tinha a biblioteca embaixo e tal. Tinha isso de bom, de incrível. Esse pátio era onde aconteceram as maiores... onde aconteceram, assim, as assembleias, né, eu mesma conheci o meu primeiro marido numa assembleia ali, né, assembleia, assim, quer dizer, você tava lá, participava das assembleias universitárias e tal e de todo movimento universitário, de greve... a gente participava e tal.

Aí entra a figura de Maria Angélica Matos, que você tem que conhecer, porque o melhor do Aplicação aconteceu sob a regência de Maria Angélica Matos, ela é uma figura, você imagina o quanto nós éramos revolucionários e metidos, no sentido baiano da palavra, de ser metido, porque a gente se achava o máximo, convivíamos

com os universitários, participávamos das lutas estudantis, assim, né, igual, e a gente funcionava de junto de uma igreja ali, igreja... eu não sei o nome, de juntinho ali, então, quando dava meio-dia tocava um negócio de uma Ave-Maria, uma coisa dessa qualquer, e era meio-dia, então a gente participava dos movimentos, certo?

De vez em quando o Colégio era cercado, os alunos corriam e nã-nã-nã-nã... a coisa toda, aquela agitação, a gente fazia greve e botava os cartazes... e quando dava meio-dia Angélica chegava pra gente e dizia assim: “olha, o movimento de vocês foi muito bonito, agora vocês guardem seus cartazinhos e vão pra casa”, e a gente amava Angélica, se a pessoa... era jogar um balde de água fria, era dizer, crianças é hora de dormir... e a gente... era uma mulher fantástica, incrível, um ser, assim, da maior importância, muito legal, esse foi o segundo exemplo, e o terceiro, a essa altura do papo... se eu não escrevo, esqueço, mas ele vai aparecer.

Mas, foram essas coisas assim, sabe, extremamente relevantes pra gente, foi do Aplicação, dessa fase, né. Era, assim, um... e outra coisa, o Colégio na época, eu não me lembro exatamente o ano, mas começaram as passeatas aqui, que começou com o movimento secundarista, efetivamente, depois os universitários entraram, mas começou com os secundaristas, o Aplicação, a gente saía do Aplicação numa passeata e ia pro 2 de Julho, pro Vieira, chamar a moçada do 2 de Julho e do Vieira, e a gente conduzia os caras, mesmo, e era assim um negócio, realmente, fantástico, né, um colégio, assim, politicamente engajado, intenso, que vivia as coisas todas...

[...]

S - Bom, então, né, aí nós saímos, interessante que até, assim, do ponto de vista da localização geográfica você tem os dois Aplicação, esse era o Aplicação 1, e aí eu fui fazer o primeiro, o segundo e o terceiro ano do colegial – que é o equivalente ao segundo grau – já no Canela, né, no Aplicação no Canela, e aí aconteceu um corte com a Zilma, essa história você tem que conhecer também.

Tem o reitor, né, o Edgar Santos, pai de Roberto Santos e tal, a neta dele estudava no Colégio de Aplicação, chamava-se [...] e no Colégio de Aplicação a gente tinha, eu aprendi quatro idiomas no Colégio de Aplicação, tá certo, francês, inglês, espanhol, alemão, e tinha, quer dizer, quatro idiomas e você tinha aula, por exemplo, de culinária, artes não sei o que lá, enfim, uma gama, tudo que você queria, você tinha no Colégio, então, tinha umas aulas de qualquer coisa parecida com culinária, não

tinha esse nome, mas era algo parecido, e essa guria [...] ela filava as aulas e tal e perdeu, por falta, era o critério da Escola, isso desabou numa crise que terminou Maria Angélica saindo por causa disso, né, porque ela botou pé firme que [...] perdeu porque o critério era igual pra todos, perdeu por falta, perdeu, acabou. Aí a Congregação, a Congregação... porque a gente era vinculado à Faculdade, a Congregação se reuniu – aqueles velhotes, velhacos, né – pra dizer que a neta de Edgar Santos não podia ser reprovada no Colégio de Aplicação, Angélica disse, “tá certo, passa ela muda o critério e passa todo mundo que perdeu que nem ela” e, aí se criou um impasse, certo.

[...]

D - Ela não era concursada, Angélica, ou ela só saiu do cargo?

S - Não, ela saiu do cargo, ela saiu do cargo. Neste episódio [...] e o episódio é simbólico, realmente, certo? Angélica não podia mais continuar porque não aceitava o autoritarismo ou coisa do gênero, pra beneficiar a, b ou c. [...] aí o que é que aconteceu, o Colégio, que era um colégio, assim... quando foi pra lá pro Canela, a gente tinha aulas regulares de manhã, né, já com a nova forma, a gente começou a fazer, por exemplo, um colegial quando nas outras escolas ainda existia Clássico e Científico, a gente já era colegial.

D - A senhora já começou com colegial?

S - Eu já comecei com colegial, certo? Então, eu que sempre sabia que minha área era humanas, o que é que eu queria na vida e tal, eu fiz física, química, biologia, matemática, “péssima-temática”, então, com aqueles livrinhos traduzidos, eu não me lembro o nome, a gente chamava sempre por sigla.

D - SMSG?

S - Isso! Era uns livrinhos, cada um... era um de química, que tinha uma sigla, cada um tinha uma sigla diferenciada e, até aí tudo bem, né, e a gente tinha aula, por exemplo, tinha aula de teatro, tá certo, o professor era Mario Gadelha, tinha aula de tudo quanto você possa imaginar, de taquigrafia a uma disciplina, por exemplo, chamada “clube de debates”, né, clube de debates, sintá o drama, que era dada, inclusive, pela professora Silza Fraga, que foi estudante do Aplicação e era bem jovem, né, quando ela recebia o salário, a gente ia parar no bar, ela e os alunos, gastava tudo lá, (risos) era uma maravilha, aí o que é que aconteceu, isso tava

correndo às mil maravilhas e [...] acabou com o clube de debate, com o teatro, com tudo que tinha pra uma formação diversa e tal, segundo ela, pra criar uma oficina, importar tornos de não sei onde, não sei onde, quer dizer, não correspondia a expectativa do alunado do Aplicação, a gente queria o conhecimento, da cabeça, não queríamos aprender a mexer com máquina, não era o que batia o passarinho da gente e, o que mais nos chateou, foi a alegação, né, de que havia um corte de verbas, famoso corte de verbas, já, mas ela não justificava como é que ela podia cortar verbas, cortando o clube de debates, teatro, cinema, nã-nã-nã... e importando oficinas e tornos pra criar uma oficina, foi por conta disso que a gente teve uma assembleia em que era...

[...]

Mas esses foram os dois e, no Aplicação acabou, acabou completamente, quer dizer, quanto mais submisso ficou à ordem que gerava no país, a ditadura e tal... acabou. Este é o triste fim... engraçado, né, essas histórias... enfim, isso que eu tinha de lhe dizer, assim, o resto você pode perguntar.

D - [...] e eu queria que a senhora falasse mais sobre a relação entre democracia e funcionamento do Colégio no nível de qualidade, a ditadura e a decadência do Colégio. O que é que a senhora poderia pontuar de lembranças associadas a essa... enfim, a projeção do Colégio no período da democracia e a decadência do Colégio, lembranças e episódios.

S - Uma bem forte é a que mostra o tipo de prática educacional adotada pelo Aplicação, antes e depois, uma Escola que se aplicava a debater, a dar uma formação, né, aos alunos e, depois, isso tudo acabou pra dar origem a gráfica, torno mecânico... essa, pra mim, simboliza absolutamente tudo, agora, em termos de lembranças, pessoal, quando nós fomos pra o Canela

[...]

Eu fui secretária de cultura do grêmio, aí fiz uma semana de cultura no Aplicação, cada dia dedicado a uma arte, cinema, teatro, pa-pa-pa... música, e aí no dia do cinema, eu programei passar um documentário sobre os trabalhadores do Rio Tietê, que acho que o nome era “O Artigo 171”, era um artigo da Constituição passada, né, anterior a 88, e aí solicitei informalmente a Escola de Teatro, que fica ali perto, as instalações pra que a gente pudesse passar o filme, aí fui chamada pelo diretor da

Escola de Teatro

[...]

Esse cara também teve, assim, um diálogo comigo extremamente ríspido, “a senhora” – imagine, eu uma guria, né, 16 anos, 17 anos –, “a senhora sabe o que é o artigo – não sei se era 71 ou 171 –, assim, aquela coisa, quer dizer, era um cara ali que tava... pra você ter uma... um cargo ali dentro da Universidade, ser diretor de alguma... você já tinha que ter a aquiescência dos milicos, então ele já era um cara... ele não permitiu que passasse lá o tal do filme, entendeu? Tinha muito dessas coisas, de corte, realmente, de perseguição e tal.

Eu tive outras brigas [...], não por causa de política partidária, ou política stricto sensu, mas política lato sensu, por exemplo, ela... descobrir que uma garota fumava maconha, entrar na sala de aula, na frente dos colegas da menina, e jogar...

[...]

me indispus com ela por causa da aluna que eu não tinha nenhuma relação, por causa da questão, “isso é forma de você tratar com seus educandos...”, um absurdo, uma coisa, assim, horrível, coisas da ditadura.

D - E vocês tinham espaço pra se colocar pros diretores, pros professores?

S - Nos tínhamos, não, nós criamos a duras penas, a gente, né, eu me lembro, por exemplo, acho que foi quando eu fiz o terceiro ano, a minha turma era uma turma relativamente pequena, e a gente teve, acho, que seis professores de geografia no ano, porque a gente não gostava do professor, a gente botava pra fora, até, assim, (risos) é... fisicamente impedia é... eu me lembro que a gente tinha uma aula geografia, era lá no céu, porque a gente escolhia, já tinha aquela coisa de você fazer disciplinas, grade curricular diversa, – do ponto de vista pedagógico, incrível – e aí a turma que ia fazer geografia, que ia fazer vestibular pra área de humanas, né, a gente tinha aula lá no céu e quando... – a professora era insuportável – aí a gente enchia a escada de cadeira e não deixava ela subir pra dar aula.

D - A sala de vocês era no último andar?

S - Era... e num ano a gente mudou seis professores, tá certo, e tem um outra pessoa que eu acho que você deve... – agora, é claro, não era professora de matemática, mas que era uma professora, assim, incrível, pra você também ter um ideia dos professores

que nós respeitávamos, né, – é uma figura cujo nome é Zuleica, professora de português, – não sei o sobrenome de Zuzu – mas, ela era tão braba, tão braba, que o apelido dela era “Zuzu Cascavel”, – de vez em quando ela me liga e deixa recado na secretária eletrônica “[Sueli Prata], é Zuzu Cascavel” (risos) sinta o drama!

E, assim, só pra você ter uma ideia do respeito que a gente tinha por uma criatura dessa, eu sempre fui uma líder estudantil, de fazer discurso em assembleia, pa-pa-pa... essa coisa toda, de sempre, quer dizer, eu entrei pro Partidão com 14 anos, né, – eu tenho umas histórias interessantes disso também pra eu te contar – e aí uma vez eu fiz uma redação pra Zuzu, a professora de português, e escrevi “reivindicações” com “m”, – primeiro ano colegial – a filha da puta chegou na sala, na frente dos colegas todos, – ela lia as redações, comentava – aí a minha ela virou e disse assim: “no dia que você aprender como é que se escreve reivindicação eu vou levar a sério suas reivindicações” (risos) e eu amo, entendeu?

Uma pessoa que faz isso, mas tem um outro lado incrível, né, de uma professora, assim, rígida, no melhor sentido da palavra, né, no sentido de, realmente, exigir que você desse o melhor de si. Ela tinha toda razão, como é que eu podia ser uma líder política, tá certo, que vivia querendo ser a porta-voz dos outros e escrevia “reivindicações”. Na área dela, como professora de português, ela tava fazendo o melhor por mim e por ela, e pelos outros liderados meus, fantástico, entendeu?

Então, essas eram as professoras que a gente dava o maior valor, né, e o que é interessante também, é que sempre houve muito, assim, uma coisa de você dizer que os professores da área de humanas tinham uma melhor formação política que os professores da área de exatas ou biomédicas, tá certo, porque eram uns a cara mais – aspas, porque era um linguajar da época – “alienados” e no Aplicação isso não existia.

Então, eu me lembro, assim, com muita nitidez, das relações da gente com o professor de física, Felipe Serpa, que depois foi até reitor, a gente, carinhosamente, chamava ele de Felipe “Cherpa”, porque ele falava com a linguinha presa que nem o Lula, com a língua presa, né. Ele e a mulher dele eram professores de física lá do Aplicação, então, eu me lembro muito da gente estar na cantina do Aplicação, lá do Canela, o Felipe de costas pra... conversando comigo, de costas pra entrada, e fazendo alguma crítica, assim, violenta

[...]

Que dizer, os professores ficavam nas cantinas, né, debatendo com a gente, enfim, tinha uma relação fantástica – e isso é fundamental pra aprendizagem, fundamental – , era aquele professor que você respeitava, por isso que a gente achava-se também na obrigação de questionar o estudante da licenciatura que ia pra lá estagiar com a gente. A gente jogava duríssimo. Claro, que menino, a gente jogava pra ser escroto, lógico, mas tinha no fundo, no fundo, uma função legal, né, que era realmente questionar, tinha um estagiário que saía da aula que ia fazer pra gente, saía chorando da sala de aula, porque a gente jogava duríssimo.

[...]

um caráter formado pelo Aplicação, que é essência forte, senso de pertencer, de pertencimento a uma sociedade e tal e, mais do que isso, se a sociedade tá caminhando pra um lado ruim, você pertence a ela, mas resiste, essa coisa de consumismo nã-nã-nã...

[...]

D - Sua liderança estudantil começa quando? Como é que começa sua articulação, a senhora fala do primeiro ano, das experiências de... mas, sua atuação no grêmio e a sua relação com a sua liderança estudantil?

S – [...] todo mundo da minha família se meteu com política, de alguma forma, política estudantil, enfim, sempre fomos todos assim, aí pronto, aí veio o golpe, eu tinha... 13 anos e, como todo mundo sempre se metia em política, você chagava em casa, na minha família era assim, nove horas da noite só tinha minha mãe em casa, onze horas tava a família toda reunida, conversando, ta-ra-ra... muito vinculada com cultura, não é, como eu fui de uma família muito pobre – eu tava até dizendo isso pra J. ontem –, eu não ia pra praia porque não tinha dinheiro pra ter um maiô, morava em Nazaré, vivia enfiada na Biblioteca Monteiro Lobato, aquela maravilha, né, e aí, pronto, quer dizer, quando você tem acesso ao conhecimento, seja por qual via, você abre a cabeça e não quer menos, né, não quer... seu investimento num caminha só dentro de um rio, tem que comer as margens (risos), pensar em tudo, sentir tudo e a coisa começou por aí.

Eu tinha irmãos universitários, a mesma coisa que aconteceu no Aplicação e a Faculdade de Filosofia, eu pequena e os irmãos maiores, já universitários, mas todo

mundo libertários, todo mundo contra a ditadura, então, sei lá, com 13 anos de idade, eu acordei com a Polícia Federal dentro da minha casa, no meu quarto, de metralhadora e tal, tá certo, e minha mãe, calmamente, “vou fazer uma café pra vocês” era aquele tipo, e aí, pronto.

[...]

Em uma assembleia estudantil, feita na Faculdade de Filosofia, eu era do Aplicação, foi aí que eu conheci meu primeiro marido, tá certo, quer dizer, nos conhecemos na luta política, depois esse cidadão foi...

[...]

o fato é que eu comecei a fazer política estudantil no grêmio do Aplicação, nunca... o máximo que eu assumi de cargo, assim, uma secretaria de cultura, entendeu, mas lá na frente, não, mas tinha uns caras que era eu que indicava, fazia campanha, entendeu, tipo A., Z.

[...]

com 16 anos eu cheguei a ser presa, na época, secundarista, mas fui solta no mesmo dia, essa história também é interessante. Eu tenho um irmão que é médico em Serrinha, e Serrinha nesta época, né, década de 60, ela tinha... ela era como é hoje Cruz das Almas, tinha guerra de espada, esses negócios, e eu ia muito em Serrinha, e... curiosa pra cacete, o tempo todo, disse, “como é esse negócio de espada...”, aí nego dizia, “não, porque tem pólvora e tem limalha de ferro, então, você joga e se a pessoa correr, o deslocamento do ar, atrai a limalha de ferro e a espada vai atrás”, aí eu falava “porra, que legal”. Aí eu trouxe um monte de espada pra cá, era época das passeatas secundaristas, que foi uma semana inteira de passeata e eu resolvi me armar de espadas, botei as espadas embaixo da bolsa – me lembro como se fosse hoje, porque tinha as coisas da “moda da esquerda”, então, era uma moda de você andar com umas bolsas de couro, incrível me lembrar disso agora, que eram umas bolsas de couro, olha só, que quem utilizava era motorista de caminhão, era uma bolsa de couro, meio retangularzinha e comprida, que eles botavam as ferramentas e passou a ser a sensação da esquerda, na mesma época em que os barbudinhos da esquerda usavam aquelas bolsas tira-colo, também, tudo de couro fedorentíssimo, né, acho que era o cheiro da esquerda, no momento –, e eu tava com uma bolsinha daquela e botei um monte de espada e pedra em cima e lá me fui pra passeata, filei

aula, não fui de farda, sempre tive um cabelão comprido, tem umas fotos minhas por aí, meu cabelo sempre foi muito compridão e eu tava com duas trancinhas, aqui, aí eu vou contar a história porque eu sou movida a afeto.

Então, na véspera eu tinha saído com meus irmãos mais velhos, eu sempre era a caçulinha e tava no meio deles e tal, e tinha um congresso de arquitetura acontecendo aqui em Salvador e eu tinha conhecido algumas pessoas desse congresso, tudo bem. No outro dia vamos pra passeata, aí vem os estudantes, desce ali a São Bento e pega a Praça Castro Alves pra subir, quando chegamos perto da subida da Rua Chile, aí vem a zorra, com aqueles negócios e tal... tropa de choque lá, né, aí o que acontece, essa estudantada (rannnn...) saiu correndo e eu tava com um amigo meu, J.

[...]

e eu tava com o J., aí como eu não estava de farda e tal, a polícia veio, a moçada “fez isso” e nós ficamos, indo pelo lado, tá certo, e eu cheguei ali no Palácio do Governo, onde teve a Bahiatursa, aquele palácio branco ali na Praça Municipal, tem a Rua Chile, deságua na Praça Municipal. A esquina da Rua Chile, com a Praça Municipal, onde tem o Elevador Lacerda, tem um lindo palácio, que é o Palácio Rio Branco, que na época era o Palácio do Governo, onde o governador despachava, então, tem umas escadinhas assim nas portas laterais, e eu entrei numa escadinha daquela, pra ficar do lado e a porra acontecendo aqui, do outro lado eu vi um garoto que eu tinha conhecido na noite anterior no congresso de arquitetura, ele não era daqui, e o cara com uma máquina fotográfica, fazendo turismo, tá, turismo com a máquina fotografando, como ele não tava no meio da confusão, ele achou que a polícia ia adivinhar, que ele tinha escrito, aqui, “sou turista, sou estudante, mas sou turista”.

Prenderam o cara na minha frente, até aí tudo bem, prendeu. Prendeu, porque acham que ele tava fotografando, tudo bem, prendeu, leva, mas prenderam o cara e tome-lhe dar porrada, quando o sangue desceu, o meu subiu, e aí eu comecei a fazer um discurso na escadaria do Palácio do Governo, que tal, aí os caras me levaram, a mim e a J. – tinha aquelas “Rural”, né, eles usavam muito Rural Willys, na época, e eu ainda tive aquela... eu já tinha jogado as pedras, só tavam as espadas, então, quando eu passei, assim, ao lado da Rural da Polícia, eu joguei a bolsa embaixo da roda, mas como eu era muito gurria, com duas trancinhas, uma senhora falou “a bolsinha dela caiu” aí pegaram a “bolsinha dela”, aí eu fui fichada como agitadora portando

explosivos (risos) com 16 anos de idade, chique, né?

Detalhe, tinha uma figura chamada S. [...] universitária, [...] ela era do PC do B, que na época a gente chamava de sectário, PCB, PC do B, que um era a favor da luta armada e, nós de PCB não éramos, pelo amor de Deus,

[...]

Aí, pronto, fui presa, isolada, a moçada toda presa junto, S., J., eles foram transportados num camburão, e J. saiu jogando beijo, porque era doido de pedra igual ao W., e eu fui levada pra Secretaria de Segurança Pública, na Piedade, num jipe, dois policiais na frente, um dirigindo e o outro fazendo pregação em cima de mim, eu sentada atrás, um de uma lado me segurando e um do outro, e um na frente com minha bolsa no colo, eu falei “estou fragata, né” e aí fui pra lá, pra Secretaria de Segurança Pública, quando eu cheguei lá já tava todo mundo lá, e eu olhei pra cima da mesa do secretário de segurança pública e vi um saco plástico com minhas espadas roubadas, e o cara dizia “ah, a senhora é que estava portando explosivos”, mas eu falei “não é explosivo, o senhor quer que eu acenda um?” “tira ela daqui!” (risos) desse jeito...

Mas, como era passeata e isso foi antes da coisa realmente endurecer, quando o Júlio Pavese foi atingido com um tiro, que aí o negócio... mas isso foi antes, fomos todos liberados e eu assinalando que não conhecia ninguém, de jeito nenhum, aí mandaram o ajudante de ordens do Governador ir na minha casa, avisar a minha mãe, a pobre da minha mãe, quando tinha passeata, ela chegava, acabou a passeata ela contava os filhos, aí tava faltando a caçulinha, nesse dia, aí quando o cara foi lá, o ajudante de ordens, fardado, pra dizer que eu tava presa, “o senhor vai me levar agora, que o senhor prendeu minha filha e o meu lugar é “de junto” dela na cadeia... o senhor vai me levar, agora.” e, por aí, lá se foi.

Fomos todos soltos, agora, o engraçado de tudo é, o tempo todo, ter dito que eu não conhecia e que tinha nada a ver, não tava nem fardada, pa-ra-ra... e quando eu descí, defronte da Secretária de Segurança Pública, não sei se ainda funciona, mas funcionava a Escola de Economia da Federal, ali na Piedade, aí tava todo mundo lá embaixo, gritando meu nome e tal o cara me olhando, “não conheço ninguém, não sei o que se trata” e a coisa foi por aí.

Aí eu fiz política estudantil o tempo todo, né, participando dos grêmios todos

[...]

o “Velho Aplicação” não tinha jeito, sempre formava pessoas desse tipo, né, até as pessoas que, efetivamente, eram assim... efetivamente de direita, não era essa direita truculenta, horrorosa e nem bandida, como é o pessoal que restou aí do Aplicação, né...

[...]

mas eu queria entender isso de uma forma mais profunda, e o projeto dos caras era, simplesmente, falar da cachaça, do futebol e ta-ra-ra... enfim, era uma coisa de superfície, que a gente queria, também, né, mas a gente queria a onda e queria a corrente marinha, as duas coisas, projetos totalmente diferentes, não deu certo, aí, pronto, ficou lá, esse é o material que eu tenho

[...]

D - O que é que de matemática lembra do Aplicação? A senhora fala um termo, na sua primeira fala foi que... “eu não gosto desse pensamento abstrato...” Essa é sua representação de matemática do Aplicação?

S - Menos, menos, na verdade, assim, isso tem mais a ver com a concepção que eu tenho da matemática, não tem vínculo...

D - De certo modo, ela é construída no Aplicação?

S - Mais ou menos, eu acho que a gente já trás isso de antes, né, minha família ninguém deu pra exatas e tal, isso já tem... isso é um vezo, é um pensamento meio equivocados e que se tem muito a ver com o que eu te falei, numa época que eu vivi, em que a carga ideológica era muito intensa e você utilizava muito pra estereotipar as coisas. Então, o que é que acontece, como quem fazia exatas eram os caras mais alienados, entendeu, todo mundo que era mais solidário, que era mais politicamente engajado, tendia pra humanas, tá certo?

Então, a gente menosprezava, esse é o termo correto, menosprezava o cara que se ligava em matemática e aí, o vezo veio daí, a matemática passou a ser quase que, assim, o contrário da história, porque você... o tempo todo você está lidando com números, pa-pa-pa-pa-pa-pa e não com a ação do homem, essa é... eu acho um pensamento enviesado e não credito esse meu pensamento com vezo, com erro, ao Aplicação, de jeito nenhum, de hipótese alguma, porque, inclusive assim, não existia,

no Aplicação, pesos e medidas diferenciados nas disciplinas, não existia, você tinha professores bons em todas as disciplinas e professores ruins em todas também.

O que a gente achava ruim, a gente jogava fora, fosse de matemática, fosse de português, fosse de geografia, não existia isso, entendeu, nunca senti, por exemplo, hoje em dia, nego diz assim, “ah, se você vai fazer humanas é melhor estudar em tal colégio, se você vai fazer matemática...”, não existia isso no Aplicação. O Aplicação, seguramente eu lhe digo isso, dava uma formação, assim, do ponto de vista da... sem privilegiar qualquer disciplina, tá certo, uma formação, realmente, – eu não quero usar a palavra global, que eu tenho tanta raiva da globo, que não aguento – mas, assim, todas as disciplinas tinham o peso igual e você saía de lá bem formada em todas, tranquilamente.

D - Quem era sua professora de matemática?

S - Eu tive algumas, não me lembro... a que mais me recordo é uma figura chamada Iraci, que o que ficou na minha cabeça [...] era uma boa professora e, na verdade, assim, eu não curtia matemática, por isso eu chamo de péssima-matemática, mas me lembro exatamente de como foi que eu comecei a ter algum tesão pela matemática, que foi, exatamente, quando eu comecei a estudar aquilo que eles chamavam – não sei como chamam hoje – de matemática moderna, teoria dos conjuntos, tá certo?

Se você quiser, porque eu tenho uma memória de mastodonte, as coisas, assim, que eu curtia, por exemplo, na teoria dos conjuntos, era interseção, né, você ter, assim, duas coisas em princípio, diversas e, dentro delas, alguma coisa que era similar... eu viajava naquilo, eu achava fantástico, então, eu comecei a curtir matemática a partir daí, fora isso, a questão é de natureza pessoal, quer dizer, eu tinha uma implicância que tinha esse vezo, também ideológico e só superei isso porque eu tenho mania de desafio, não me diga assim, “[Sueli Prata], isso você não pode fazer”, aí lascou, porque eu só quieto depois que eu provar a mim mesma que posso fazer, entendeu.

D - Me conte uma coisa: quando é que começou esse tipo de matemática na Escola, a senhora lembra?

S - Pra mim já foi no colegial, quando a gente passou, tanto que... quem fazia, na minha época, primeiro, segundo e terceiro anos do segundo grau, as outras escolas, quem ia fazer história, como eu, não estudava mais matemática, nem física, nem química, fazia o Clássico, entendeu, só no Aplicação é que rolava o Colegial, antes de se abrir

o vestibular unificado, tanto que o meu vestibular não caía matemática, física e química, mas eu estudei matemática, física e química porque o Aplicação implantou isso antes, como sempre acontecia com o Aplicação.

D - Foi Iraci a professora do Colegial?

S - Foi essa Iraci, porque é a que me marcou, as outras não me marcaram.

D - Antes disso, como era a matemática, antes do colegial?

S - Matemática normal, equação do primeiro grau, “dois primeiros números ao quadrado... não-não-não... não sei o que lá, seno, cosseno, não sei o que lá, que era aquela coisa, assim, que você estudava pra passar, a mim não batia passarinha, como se diz na Bahia, conhece isso, sergipano?

D - Conheço.

S - Então, pronto, não batia minha passarinha de jeito nenhum, não era a minha, aí a teoria dos conjuntos, aquilo que chamavam de matemática moderna, foi a primeira vez que eu falei, “uai, interessante.”, né, bateu. E eu não sei até hoje o que é, na minha cabeça eu fico até achando que era uma forma diferente de você ensinar a matemática, sabe, porque pra mim funcionou como isso, né, quer dizer, poxa, é o que conseguiu me interessar foi isso.

D - Mas, era uma forma diferente de ensinar?

S - Eu acho que sim.

D - Como é que era?

S - Porque tinha menos número, tá entendendo, tinha menos número, você enxergava mais as coisas, tá certo, por exemplo, quando eu falo em raciocínio abstrato, tem muito a ver com isso, também, eu sou cartesiana, sabe, aquela figura racional pra cacete e tal, a geometria “me dava de um a zero”, porque a professora – eu não me lembro quem era – dizia assim, “enxergue isso” e eu não enxergava, não tinha jeito, “enxergue isso”, não enxergo, não consigo, entendeu, aquela coisa de você imaginar...

Agora, a lógica do teorema “se, tal...” pra mim é fantástico, porque aquela coisa... c.q.d., né, como queríamos demons... agora, dizer assim, “feche os olhos e veja o prisma, não sei o que lá”, aí, lascou, porque eu não conseguia nem a pau, aí eu

estudava pra passar, estudava pra passar e só, fora isso, nada. Mas, a lógica da matemática eu achava porreta, achava legal e os conjuntos me fascinaram, não tanto a ponto de deixar de julgar a matemática uma péssima-temática, entendeu, nem boazinha, mas, você puxou pela minha memória, eu me recordo disso.

D - [...] me conte mais dos conteúdos de matemática, dessa época que a senhora gostou.

S - Da época que eu gostei?

D - É, talvez é o que seja mais fácil de lembrar.

S - É, me lembro disso mesmo, dessa interseção, que pra mim era a coisa mais bonita, e tinha uma coisa que... relação biunívoca, que achava que tinha a ver com a dialética, eu tava estudando, né, assim, marxismo e dialética e tal, eu achava que a relação biunívoca tinha a ver com a dialética, nem sei se tem, tô de memória, né, quer dizer, eu estou lembrando, uma impressão que me rolou na época, que eu nem sabia...

Como eu sou também muito oral, quando você puxa por mim, eu vou lembrando de coisa que eu achava que não lembrava, então, eu me lembro que eu estabeleci essa relação, numa época que eu estava muito dedicada ao estudo do marxismo, da dialética, uma época maluca, né.

Você ia namorar o cara e ele perguntava pra você “como é que foi sua entrada na dialética?”, e eu pensando com meus botões, “você devia tá pensando em outras entradas, meu santo”, que “ó do borogodó”, mas, era assim, era assim... e aí eu estabeleço essa coisa, relação biunívoca, me vem na cabeça uma coisa da dialética, né, dos lados e tal, então, o que eu me recordo, efetivamente, da minha relação com a matemática é isso, primeiro a questão do desafio, não sei se isso já foi superado, mas a vida inteira se vendeu a ideia de que matemática era uma coisa difícil, matemática é uma coisa difícil. Depois que eu fui ensinar em humanas e que as pessoas, os alunos, tinham dificuldade de entender as coisas, quer dizer, não era só matemática, qualquer coisa que se você não desenvolve tesão por querer conhecê-la é difícil.

D - Mas, essa ideia de que a matemática é difícil, tava lá também no Aplicação?

S - Tava.

D - As pessoas carregavam isso?

S - Carregavam, carregavam, sim, sobretudo as pessoas da minha área, porque mesmo a gente fazendo Colegial, tá certo, a gente tinha as pessoas... quando eu fui fazer

[...]

Eu me lembro que, até dentro do curso de história, a gente era um pouco discriminado, a celebre turma do Aplicação, né, brincavam, chamavam a gente de “os sete sábios da Grécia” porque eu tinha um professor que dava introdução ao estudo de história, que era o mais bem preparado, István Mészáros, ele era Húngaro, eu acho, e a gente se dava super bem com ele, entendeu, então, é isso.

D - E das aulas, como é que eram essas aulas, como é que a professora dava aula, o que é que ela fazia no quadro, o que é possível lembrar?

S - As lembranças são as melhores possíveis, melhores mesmo, sabe, de matemática também, uma boa didática, tá certo, o material era muito bom, esses livros, tá certo, que eram uns livros... BSSC, não tinha um BSSC? Acho que tinha de biologia, eu sei que eram siglas e que essas siglas eram nomes dos livros em inglês, tá, eles foram, acho que originalmente, feitos em inglês e eram traduções, os livros eram muito legais, muito legais, e isso tornava, claro, as aulas interessantes, porque – o que é que nego usava naquela época? – quadro negro, giz, fundamentalmente, e eram aulas teóricas e tal, num rolava seminários, fazendo aulas, ta-ra-ra, não rolava.

D - Não tinha isso?

S - Não. Que eu me lembre, não.

D - Em nenhuma disciplina?

S - Português. Português tinha.

D - E matemática?

S - Matemática, não, nem matemática, nem física, nem química.

D - Vocês estudavam em grupos?

S - Estudávamos, tinha estudo em grupo porque, isso não tem a ver com a matemática, mas com disciplinas como física e química, a gente estudava em laboratórios, tá certo, eu me lembro muito, por exemplo, de um professor chamado Clarindo das Virgens, o nome não é muito usual, que era professor de química, e a gente, por exemplo, tinha química, física e biologia, a gente tinha um professor teórico e um professor prático, que ia com a gente pro laboratório. Química, por exemplo, a turma da gente ia pra o laboratório da Faculdade de Enfermagem, a verdinha ali no Vale do

Canela, com esse professor, Clarindo das Virgens, a gente fazia experiências, né, então, tinha aulas práticas de química, de físicas e de biologia.

D - Quer dizer, esse modelo de ensino americano não era só nas aulas de matemática?

S - Não, era física, química, biologia e matemática, eram essas quatro disciplina e era, realmente, muito legal, muito legal, por exemplo, todo mundo fala mal de química, de física, pa-ra-ra..., entendeu, e não rolava, era uma coisa legal, me lembro de ver célula em microscópio, uma coisa, né, P., que era minha colega, que morava aqui defronte, tinha uma boneca que ela botou o nome de mitocôndria, por causa de nossas aulas de química de Ariede Rosa, uma professora que a gente teve e que lembramos o nome, tá certo, eu lembro o nome de muitos professores, muitos mesmo.

D – Pode-se dizer que era um bloco de uma metodologia específica, esses...?

S - Era assim, específica no sentido de que tinha... de que o estudo das ciências ele era um estudo dividido entre aulas teóricas e aulas práticas, as aulas práticas eram dadas, efetivamente, em um laboratório e por um professor especial, especializado em aulas prática daquela disciplina, tá certo, você tinha aula teórica como aula prática.

D - Só matemática que era só teórica ou também tinha prática?

S - Só matemática que era só teórica.

D - E os livros, eles traziam que novidades? A senhora falou que os livros eram legais, mas quais novidades especialmente que esses livros traziam?

S - Eu acho assim, que pelo fato de você ter aula prática, você, de uma certa forma nisso, já representava uma ferramenta, um instrumento pra que o livro, que era teoria, se transforme em algo mais palatável, porque uma coisa é você descrever uma circunstância química qualquer, “se você mistura não sei o quê com não sei o quê...”, outra coisa é você fazer isso, no laboratório, tá certo, e o que me parece, eu não tenho muita certeza, mas no chutômetro, mas como eu acho que isso foi uma implantação, isso deve até ter aí nessa implantação do modelo e tal, é que isso é parte de uma prática pedagógica, tá entendendo, você não pode isolar o livro em si, mas o livro faz parte de uma estrutura pedagógica que pressupõe o ensino teórico e o ensino prático, eu acho que o livro, já pensando assim, ele já tem essa relação, não é um livro páh – de teoria pura –, o livro remetia às experiências práticas que você fazia no

laboratório, entendeu, então, eu acho que vai ser difícil você encontrar um aluno do Colégio de Aplicação que, como eu lhe disse, começou a estudar química, física, biologia e matemática, mesmo que não lhe fosse cobrado isso no vestibular, porque o Aplicação... você não vai encontrar casos, a não ser, claro, a exceções à regra, que diga assim, “ah, eu tenho pavor à química, eu tenho pavor à física”, não vai, exatamente por causa desse tipo de metodologia, sei lá, que o Colégio de Aplicação, ele tirou traumas da gente, afetivamente, tirou traumas.

Agora, se você quer saber, eu realmente acho que tem a ver com essa coisa de ser teoria e prática, porque o livro por mais que – eu não posso dizer se era bem traduzido, se não era bem traduzido, se a linguagem era boa, se a linguagem não era boa, porque eu não me recordo – isso aconteceu a trezentos e quarenta e dez mil anos atrás, eu não me recordo, mas, acho, por exemplo, que das quatro disciplinas, exatamente, pela disciplina matemática não ter esse tipo de abordagem teórica e prática, é a que deixou mais a desejar, no conjunto dessas disciplinas que não eram humanas, nem língua, tá certo, as outras três a gente gostava mais do que gostava da matemática e eu credito a isso, a você ter um material didático que pressupõe uma prática de ensino-aprendizagem bifurcada, teoria e prática, de uma forma muito sedimentada, então, era muito legal você fazer uma experiência prática e depois você estudar e aquela coisa você viu, você tinha memória visual, e na matemática você não tinha isso.

Me lembrei de outra professora de matemática que se chamava Terezinha, acho que ela é viva, também. Iraci e Terezinha são as duas que eu lembro.

D - O que a senhora lembra de Terezinha?

S - Ah, muito legal, muito legal, assim, como professor aluno era um relacionamento melhor do que com Iraci, mas, seguramente, Iraci deve ter me ensinado mais tempo, porque eu fiquei com ela mais na cabeça.

D - A senhora identificaria essa fase do Colegial também como período experimental da Escola?

S - A Escola sempre foi experimental, sempre, não deixou de ser nem na época de Zilma, né [...] você pode dizer que ela optou por uma experiência equivocada, mas era experimental, uma escola de ensino médio ter oficinas, etc., tornos... o vazo era que, efetivamente, o alunado do Aplicação tinha outro caráter, você pensa hoje uma

escola pública, que ensine uma profissão, como a Escola Técnica, ela quis transformar o Aplicação numa Escola Técnica, só que aquele grupo que constituía o Colégio de Aplicação, com raríssimas exceções, como eu, que era filha de viúva pobre, mas eram filhos de profissionais liberais, normalmente, né, filho de médico, o S. é judeu, – agora você vê, minha cabeça é a mil por hora, agora que eu lembrei –, então, S., que tem uma declaração dele aí, e é um cara fácil de você achar, porque ele é um pintor famoso e tal, tem um outro que foi do Aplicação, também, já do Aplicação mais recente, que é o D. não sei lá das quantas, que é um arquiteto famoso, arquiteto de gente rica, mais fácil de você procurar, que é arquiteto da moda e tal, e tem, obviamente, a família T.

[...]

são filhos de B., que foi o cara que, inclusive, me tirou da cadeia, que foi secretário de Lomanto Junior, na época, e hoje é um banqueiro famoso lá em São Paulo, então, tem essa figura também os T., né.

D - A senhora acha que a implantação das oficinas era uma proposta de Zilma, ou era uma proposta que Zilma tinha que implantar?

S - Zilma, não acho que seja dela, não, eu acho que uma coisa do acordo MEC-USAID, de redução de verbas e eles achavam que tinham que reduzir onde não era ideologicamente interessante pra eles que fosse aplicada a verba, num clube de debates, não, bota os meninos pra mexer com máquina, pensam menos, assim, né, eu acho, e ela não teve peito, uma Angélica não aceitaria, dava testa e ainda botava os alunos tudo a favor dela e ia brigar [...]

D - Eu trouxe uns livros pra lhe mostrar... eram esse livros que eram usados no Aplicação? A senhora lembra de algum deles?

S - Não, não lembro, não.

[...]

C - O CECIBA, eu acho que o menino era dali, o Felipe, depois foi do CECIBA, Maria Augusta, eu me lembro vagamente dela, não sei se ela foi minha professora, ó que bonitinho, tá vendo...

D - Intercessões.

S - Intercessões, relações biunívocas (risos), eu me lembro disso.

D - A ficha da biblioteca.

S - A ficha da biblioteca enfiada aqui... me lembro de Martha Dantas, ela tem os olhos claros, me lembro dela.

D - Lembra o que, dela?

S - Rapaz, não sei o que lembro, eu me lembro da figura dela, não sei aonde, deve ser uma figura marcante...

Aí, tá vendo? São coisas... tudo aqui é a matemática que eu gosto...

Olha o que eu não gosto: tudo números e letras, tá vendo, nossa senhora...

D - Mas aí também era moderna, chamada de moderna.

S - É, né, mas não significa que eu gostasse. Não gostava da matemática moderna, mas de parte dela.

D - Parte que tinha mais abstração, é isso?

S - Eu não sei se é o que tinha mais abstração, pra mim nem tanto porque, na verdade, assim, quando você pega a teoria dos conjuntos, você... eu não vejo como, assim, com números, eu vejo muito vinculada a exemplos humanos, o grupo de não sei o quê com o grupo de não sei o quê, entendeu? Por exemplo, o grupo do Aplicação de Nazaré com o grupo do Aplicação tem um momento de intercessão que é Zilma, porque começou lá, entendeu, aí você vê no exemplo, coisas vinculadas a vida real, não só a números.

D - Era mais fácil?

S - Eu acho, mais fácil e mais gostoso, do que simplesmente número.

Uma coisa interessante é o seguinte, é você ver que, apesar de você não gostar, a coisa entra, então, eu me lembro, assim, depois que saí do Aplicação, um tempão ta-ra-ra, estudando com minha filha, matemática, e dá um saque de “pô, eu sabia as coisas”, somar fração, mdc, mmc, equação de primeiro grau, porque também tem muita lógica, você achar ta-ra-ra..., que realmente você aprende, é que nem andar de bicicleta, né, você aprende aí você nunca usa aquilo, mas no momento em que você vê, você descobre que ficou, que você sabe aquilo, e essa parte mesmo que eu achava chata, essa parte de equação, de fração, várias coisas você pega um livro desse e você vai vendo as coisas e você sente que tá lembrado “menos com menos dá mais...”,

divide, multiplica pelos termos, tá vendo, tô lembrava de matemática (risos). Então, mas lembrar... lembrar, não lembro, não.

D - Os livros não seriam esses?

S - Não [...] esses aqui são do ginásio.

[agradecimentos]

Entrevista: Maria Eunice Kalil (E)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 1h 02' 15"

Salvador, 05 de outubro de 2010

Local: casa da entrevistada

D - [...] suas primeiras impressões, como era o Colégio de Aplicação em sua chegada, que ano que a senhora chegou lá...

E - Eu cheguei em 1962, eu tinha 11 anos, 1962.

D - Pra cursar...

E - Pra cursar o primeiro ano do ginásio. Primeiro que foi uma coisa... ir pro Aplicação foi uma coisa meio fortuita, no sentido de que foi...

Eu tava no quinto ano e ia fazer, nem lembro mais pra onde é que eu ia fazer o admissão e aí, uma prima da minha mãe falou pra gente ir pro Aplicação. Tem o Colégio de Aplicação, por que a Maria Eunice não vai pra lá?

Então aí eu fui lá me inscrever pra admissão..

E passei... E não fazia ideia, nem minha mãe fazia ideia, mas de que era um Colégio especial. Tem um Colégio que é bom...

Aí fui fazer lá e isso foi uma coisa... um acaso que eu acho que foi bastante importante pra minha vida, porque tive a oportunidade de um colégio que tinha uma turma de cada turma, com 30 alunos porque eu acho que isso é uma coisa importante, ter um Colégio pequeno.

Era o ginásio em alguns colégios, tinha outros que iam do ginásio até o colégio e as duas turmas de colégio, tinha o científico e clássico... Mas era um Colégio pequeno, o nosso Clássico era menor porque a turma se dividia, embora chegasse gente pro científico e pro clássico, as turmas eram menores...

Então eu acho que essa coisa que primeiro que eu gostei muito de ter estado lá que foi a oportunidade de estar em um colégio pequeno.

Eu acho que isso faz diferença para as pessoas, um colégio muito grande é... Quer dizer, é diferente. Não estou nem dizendo que é melhor ou pior, mas assim, um colégio menor, acho que dá mais oportunidade às pessoas de se conhecerem mais e, naquele tempo era

uma coisa que... acho que podia se conhecer mais e ter mais coisa... era também mais controlado.

Eu lembro muito que teve uma passeata, o ano exatamente eu não lembro, podia ser 63, sei lá, só lembro que fomos pra passeata e que a diretora ligou para nossas mães, no trabalho ou em casa, pra dizer que a gente tava na passeata e a gente receber carão, ou pelo menos assim, preocupados porque a gente tinha saído da escola para ir para passeata.

Então, assim, isso não é coisa que se faz em colégio grande... não é possível se fazer, entendeu? Eu tô pensando assim, no cuidado, o que é controle, mas que também era cuidado e também era possibilidade de acompanhamento. A diretora sabia da gente. A gente tinha SOE, sei lá como era o nome do SOE,... acho que era aquela coisa que todo mundo que estudava era acompanhado. Então era um colégio pequeno que dava pra gente acho que essa coisa de mais suporte e, ao mesmo tempo, tinha essa proximidade, essa possibilidade de mais controle mesmo, que eu acho que era controle, mas que eu não sentia como isso, porque a gente tinha muita liberdade... não é que era indisciplina, mas a gente podia inventar coisas. Terceiro ano a gente inventou, deve ter tido alguma disciplina que provocou, não sei, mas, no terceiro ano de ginásio, a gente criou grupo de teatro e a gente fez peça e a gente organizou... teve suporte do pessoal da Escola de Teatro, porque eu lembro que... eu lembro de... como é que chegou isso eu não sei, só sei a gente fazendo... eu lembro que... ai, agora me passou o nome dele, depois eu lembro. Esse que agora é professor da Escola de Teatro, que é um ator daqui da Bahia, da Escola de Teatro, que era quem orientava a gente e a gente fez peça e a gente apresentava essas peças na rua... e era coisa de dentro da escola, não era coisa de outra organização, não, era na escola que isso aparecia e tinha coral que era maravilhoso, que era ótimo cantar no coral...

Bom, mas enfim, da escola mesmo que a gente tinha... ah... do curso mesmo, de matemática, como eu não era nenhuma maravilha, eu não lembro de nada especial. Lembro da professora Martha, acompanhando os professores lá. Mas assim, a gente tinha aulas que eram tipo exigente, entendeu? Era uma coisa assim, do tipo exigente.

Todo mundo estudava, não tinha muita gente com nota baixa. Um ou outro que perdia em uma disciplina, mas, eu lembro que todo mundo estudava, todo mundo gostava de estudar. Acho que essa que era a coisa... Todo mundo estudava com muito gosto e pouca gente, pouca gente perdia, tanto que quem perdia, quem ficava pro outro ano, era uma coisa assim que todo mundo sabia, ele mudava a turma. Era uma coisa assim: a pessoa era de outra turma e pimba!

Na minha turma chegaram pessoas muito especiais que eram da turma anterior e que perderam e ficaram em nossa turma e que foram ganhas para a nossa turma, como pessoas que a gente considerava, que eu considerava pessoas especiais.

Enfim... então era um estudo que era muito prazeroso. Acho que tem isso sim, era muito prazeroso estudar. Peguei latim, a gente tinha francês, a gente tinha economia doméstica no primeiro ano. (risos)

Então, era uma escola que tinha os avanços, mas tinha todo o desenho de uma escola bem tradicional, no sentido da formação daqueles jovens, que as meninas tinham economia doméstica e os meninos não tinham. Eu não sei o que os meninos faziam nessa hora, eu não lembro o que é que eles faziam nesse horário, mas eles não tinham economia doméstica, enquanto a gente aprendia a fazer torta...

Outra coisa também muito legal na escola que era uma biblioteca ótima. A gente tinha acesso à biblioteca e a biblioteca que era... Assim, tinha a biblioteca para estudo para as pesquisas, mas tinha também literatura... eu pegando coleções inteiras de “jovens de todo o mundo”, eram coleções assim... a biblioteca era uma coisa muito legal, também na escola.

Do ginásio tem duas coisas, além dessa história do terceiro ano, que foi um ano muito difícil na escola, eu achei pra mim a série mais difícil, a terceira série, mas também foi o ano que a gente fez teatro, o ano que a gente fez umas coisas. Eu lembro muito de professora Anália, que ensinava geografia, porque a professora Anália... porque a geografia que a gente viu os outros geosistemas... porque assim, estudar estepes, não era estudar estepes, era estudar o mundo onde tinha as estepes, entendeu? Lembro muito dessa coisa do sabor de abertura de estudar o mundo via geografia, entendeu?

História nunca foi muito... Eu acho que história pra mim, embora eu tivesse uma professora que era considerada muito interessante, exigente, mas nunca foi para mim essa possibilidade de abertura como foi o ensino de geografia..., geografia humana, geografia política, a forma como professora Anália, e também ela era uma mulher muito...

Ela era uma figura, se vestia de uma maneira, se portava de uma maneira, exigia, sabe, tinha um misancene de professor que eu acho que funcionava... que funcionava. Eu lembro muito como a geografia foi pra mim...

E lembro os colegas que eram assim... lembro muito minhas colegas. Lembro como a gente era menino, menino, menino e a gente foi, assim, crescendo, sabe, e de alguns que não seguiram do ginásio para o colégio... o Colégio mudou de lá de Filosofia, em Nazaré. O

ginásio a gente ainda fez na Faculdade de Filosofia, no prédio que é hoje o Ministério Público. [Você visitou o prédio que hoje não é mais nem de perto...] mas tinha dois pés de jambo, que quando era o tempo de jambo ficava o chão em baixo cheio das flores de jambo caído, e tinha vendedora de acarajé na porta e a gente tinha caderneta que Sr. Antônio... ah e tinha uma coisa no Colégio: o Colégio [piração] porque o Colégio festejava Santo Antônio, imagine, tinha coisa... Acho que teve a história ou da Faculdade de Filosofia ou a criação do Colégio, só sei que a festa de Santo Antônio, 12 de junho ou era 13 de junho era um dia que a gente tinha cerimônia na escola e aí, a gente tem música com seu Antônio caderneteiro, entregando a caderneta pra assinar... tem assim, no ginásio esses controles, no curso de colégio também tinha esse tipo de controle de entregar a caderneta quando entrava e pegando a caderneta quando saía e Sr. Antônio, que tinha uns funcionários que seguiram a gente o tempo todo, então, Seu Antônio caderneteiro...

Ah... que mais que assim, que eu podia falar da escola... o cheiro da escola, a escada...

D - O cheiro da escola?

E - O cheiro da escola de Aplicação, em Nazaré!

Tinha assim, tenho uma lembrança de um cheiro, entendeu?

Do Aplicação, em Nazaré, o Aplicação do Canela não tenho esse tipo de coisa. Tinha um cheiro... aquela entrada, a entrada era linda... era um palácio aquilo ali, né? Que agora não tem mais a fachada, mas dentro mantém. Era um palácio que você entrava assim, de chão de ladrilho preto e branco e minha sala que ia pro terceiro ano, aqui assim, e depois a diretoria e tinha a escada que subia pra o auditório que era chamado... era um auditório em cima, onde tinha a sala de aula do coral, tinha as figuras da Faculdade, funcionou dentro da Faculdade, mas acho que sim, que eu lembro da escola bem essa coisa do clima e dessa coisa da gente ter liberdade também. Tinha esse controle de ligar porque a gente foi pra passeata, mas a gente podia namorar na escola, as meninas de primeiro ano podiam namorar, de ginásio, então assim, não tinha essa história.

Tinha uma farda de prega que tinha que ficar arrumada, tinha boina, tinha luva pra esse dia de festa... no ginásio lá, porque quando a gente foi lá pro Colégio já não tinha mais farda, quando a gente foi pro científico que aí já não era mais científico.

Bom, mas aí assim, no ginásio acho que a gente não pegou nada de..., afora o clima, agora no curso de colégio a gente entrou naquela época que foi assim a mudança do ensino de ciências... ensino de física e de química, que aí vieram aqueles livros que eram da

formatação americana, lembro que eles incorporaram e a gente pegou no primeiro ano de colégio e fizemos o colégio que aí já não tinha mais científico e clássico quando a gente... quando eu e minha turma chegou nesse ano já era assim... e aí dobrou também, quando a gente chegou no científico o Colégio dobrou pra ter duas turmas de cada turma, dois grupos de cada turma.

Aumentou o número de pessoas, a gente veio pro Canela, já não tinha mais farda, mas tinham esses livros que eram uma maravilha. Eram muito interessantes, que assim, aí a coisa da experimentação... Matemática eu não lembro se era diferente ou não do outro.

D - SMSG?

E - Não lembro do SMSG. Não sei se a gente assumiu matemática desse jeito, mas eu não tenho uma lembrança de matemática. Tenho de física, química e biologia. Não tenho nenhuma lembrança da gente ter tido esse arsenal especial para matemática. Se teve eu dancei feio, porque eu não lembro.

Acho que a gente não teve. Porquê que eu não lembraria se todo mundo passava pela mesma coisa, mas não sou confiável mesmo em memória, então...

Mas, e esse material é muito interessante pra quem tá estudando. Muito interessante, mesmo!

E provocador.

Por outro lado eu passei, eu saí no terceiro ano sem saber o que é integral, não sei até hoje.

D - A Sra estava falando que saiu sem saber o que é integral.

E - Saí, (risos) Isso pra mim é interessante. Porque, assim: eu fiz vestibular sem saber o que é uma integral. Eu consegui pass...

Mas, pior que o vestibular, pior... Eu acho que essa história de que eu passei pelo curso de colégio, não soube e passei e até hoje não sei, uma coisa que é... que caía no vestibular e tal. Nunca usei na vida, mas também não sei fazer mil coisas na vida que podiam ter me ajudado e não ajudaram... é só pra dar um exemplo de que assim, em algum pedaço do curso, que era pra ser colegial, a gente começou a ter mais... quem ia pra ciências começou a ter um encaminhamento e quem ia pra humanas começou a ter um encaminhamento. Mas o pessoal que ia pra engenharia tava junto com quem ia pra ciências, então assim... agora, os meninos eram ótimos em matemática, sei lá porque que eu não sabia, não sei...

D - A senhora tava se encaminhando pra ciências também?

E - Eu tava me encaminhando pra ciências, eu queria fazer medicina e... eu lembro bem que a parte onde eu parei de crescer em matemática – trigonometria, isso no primeiro ano.

Eu lembro bem do seno..., é que agora eu não sei mais falar nada, mas eu lembro que era uma coisa que eu gostava, que entendia, que eu sabia... lá de trigonometria. O que eu lembro era eu sentada e as coisas acontecendo assim, então eu não sei dizer o nome da professora, eu lembro de trigonometria. Pronto, mas assim, das coisas do curso de colégio, no instante que vieram outras pessoas novas para a escola, a gente ali no Canela, a gente tinha... também a gente tava mais velho, né?

Outro tempo... lembro que não tinha mais farda, se tinha, eu não lembro nada que eu tivesse de farda. Mas lembro bem que meus colegas todos fumavam em sala de aula e eu não fumava e aí [...?] o pessoal vivia fedendo a cigarro, [...?] mas assim, era uma coisa da escola que podia fumar na escola e que era muito politizado, os meninos eram muito politizados. Tinha o grêmio em que a disputa do grêmio era uma disputa política no sentido de que, isso eu não tinha consciência na época, e depois ficou mais claro pra mim, é de que tinha muitos colegas que tinham participação política partidária já naquela época, naquela época tinha... e que essa participação política partidária, se expressava no posicionamento, no comportamento deles na política estudantil e que eu era muito alienada nesse sentido de que eu não via as conexões com as coisas de fora muito, eu sabia que se conhecia fulano, fulano e fulano de fora e que eram de um mundo maior, mas eu acho que eu era muito alienada, ou muito centrada em meus pequenos problemas, que eu não via essa história aí.

Mas, acho que basicamente eu acho que é isso e aí voltando do controle, eu lembro sendo chamada pela orientadora da minha turma que eu não podia ficar me beijando na escada da escola, agora disso daí eu lembro, ela chamando pra falar pra gente: Olha, tudo bem, vocês são namorados, mas não podem ficar se agarrando, se beijando na escola, no corredor da escola, na escada... isso aí eu lembro.

E a biblioteca de novo era um espaço ótimo, claro que não era a biblioteca que a gente tinha acesso antes, aquela biblioteca... mas era um espaço ótimo porque a gente ia muito pra estudar e coisa...

O clima era diferente... o Aplicação que foi na Faculdade de Filosofia era um, diferente do Aplicação quando veio pro Canela, o clima.

D - Qual era a diferença do clima?

E - Não, o clima assim... A verdade é que a turma tinha mudado, mas assim, aqui, e aí eu vou dizer do clima, mas pode ser o meu grau de conscientização/politização ou envolvimento na politização com os alunos, envolvimento nas coisas fora da escola, pode ser que seja isso que me dava a questão do clima, mas tinha também a questão do prédio, o prédio era completamente diferente, mas tinha também assim, estávamos no Vale do Canela, nós descíamos o Vale pra jogar, onde agora é a Medicina e ICS era o campo que os meninos desciam pra jogar e a gente descia pra brincar com os meninos lá embaixo, tinha coisa de ginástica que era também lá embaixo.

Mas, assim, o Canela deu essa coisa de mais... como se fosse de mais liberdade ainda, mas tinha também uma coisa de politização e também nós estávamos mais velhos, a minha turma, eu estava mais velha, então, pode ter tudo isso junto, mas a sensação é que tinha mais liberdade, veio mais gente pra a escola, mais liberdade nesse sentido, a gente fazia mais coisas relacionados à vida fora. Continuava exigente, teve essa coisa do PSSC... laboratório a gente tinha, mas não eram laboratórios maravilhosos, cheios de coisa, não.

Quando eu lembro onde é que tava o laboratório... não tinha esse tanto de coisa, acho que tinha o mínimo necessário pra fazer aquelas coisas que os livros, aqueles livros orientavam, não é que a gente tinha muita coisa, não. Não era assim, muito aparelhadíssimo.

Se você conhecesse a escola agora [tá em obra], é onde é nutrição hoje... Porque tem a ver com a coisa do prédio...

[...]

E - Mas, é assim, eu acho que minhas lembranças, eu não sei se eu tenho mais coisas assim que... Porque é muito sensorial...

D - Seu sorriso, quando a senhora olha pra fora...

E - Não, mas é assim, tem umas pessoas...

P., por exemplo, P. entrou na turma da gente, quando a gente foi pra lá. Ela entrou na nossa turma quando a gente foi pro colegial e... e assim, P., pra mim, foi uma abertura para uma outra parte da sociedade que eu não fazi... que pra mim praticamente não existia. E essa coisa de ser filha de J., de ter outro círculo... E, a gente frequentava a casa de P., eu, porque nós éramos amigas, e era uma coisa assim, que foi muito interessante pra mim... pra mim foi uma experiência interessante de me sentir tão a vontade na casa de alguém que era tão...

que eu imaginava, que era uma vida tão diferente da minha.

A gente tinha pessoas no Aplicação, que eram pessoas muito ricas e tinha pessoas normais, gente normal como eu, que tinha uma mãe viúva que trabalha... Então assim, tinha isso também, tinha pessoas ricas, pessoas do mundo político, no sentido que a gente teve na escola pessoas das famílias nobres da Bahia. A filha do reitor, Edgard Santos, era da turma de Z. e D. A filha, não, a neta. Não era a filha, era a neta.

Tô dizendo isso pra dar exemplo de famílias nobres da Bahia, sabe... S., comércio judeu, bem de vida e era colega da gente... e tinha gente bem simples, bem simples, mesmo. Bem simples e normal, não que essas pessoas não sejam simples, era somente pra dizer que eram de outros estratos sociais, de outros grupamentos sociais da cidade e isso que a escola tinha, tinha todo tipo de gente lá e de toda gente, metida com as mesmas coisas. Claro que uns tinham uns interesses e outros tinham outros interesses, sempre tem isso, né? independente...

Mas, não fazia diferença na sala de aula, você não sentia diferença nenhuma. Acho que nem cogitávamos isso. Nem sentíamos, nem cogitávamos, nem se falava dessa história lá.

Por falar que nem se falava nessa história... (risos)... eu lembro de ter presenciando, vendo, sentindo, as conversas de meus colegas, meu amigos, organizando a iniciação de outros dos meninos, a iniciação sexual de outros meninos.

Eu lembro disso sim, mas é que tínhamos crescido juntos e estávamos crescendo juntos. Acho que isso é assim em todo canto... isso é uma coisa que eu lembro, eles pegando no pé uns dos outros... mas assim, minhas lembranças... eu sou péssima, com tudo, e minhas lembranças são muito mais sensoriais do que de conteúdos específicos que possam ser trabalhados, então eu não sei, mas é assim que eu sinto o Colégio.

[...]

Depois meu irmão e minha irmã estudaram lá. O meu irmão não está mais vivo e minha irmã está em São Paulo. Meu irmão é um ano depois de mim e minha irmã é quatro anos depois de mim. Então pra minha irmã já é outra história. Ela já não foi do Colégio lá, ela já entrou no colégio novo.

[...]

D - A senhora falou que era uma escola especial. A Senhora fala isso lá ou fala isso aqui?

E - Lá na escola?

D - Lá no seu passado, lembrando da referência na cidade, no tempo que a Senhora estudou ou a senhora fala de hoje?

E - Não, naquele... eu falo lá.

D - A senhora já se reconhecia estudando em uma escola especial.

E - Especial, porque era uma escola da Universidade, era uma escola pequena, era uma escola pública, mas que era muito respeitada. Então, eu acho que era especial de lá. Essa coisa assim da prima da minha mãe chegando pra conversar com ela dizendo, não mana porque assim, é uma escola boa.

Era uma escola que era reconhecidamente especial, é a escola da Universidade e era uma escola que talvez as pessoas achassem que tinha alguma coisa de experimental, sei lá... mas não era essa coisa de experimental... ela era muito... eu acho que ela era muito clássico tudo, pelo menos no meu ginásio não tinha nada de experimental, no curso de colégio acho que sim, porque a gente teve aquela coisa que não tinha outros estudantes usando aquela... não que eu conhecesse naquela época outras escolas daqui que estavam aplicando aquele sistema.

Mas, assim... mas era a coisa da qualidade. Todo mundo sabia que o Aplicação era bom, era um Colégio puxado, que fazer o admissão no Aplicação era puxado, fazer o teste pra entrar no Aplicação no curso de colégio era puxado, isso não era a gente que dizia, todo mundo sabia, que falava de escola, fala disso, então, naquele tempo acho que era uma escola especial e tinha haver com a ligação com a universidade e com esse aval de qualidade que parece que era relacionado... considerado por ser uma escola da universidade, entendeu?

Mas e aí, pra mim, como eu te disse, como eu não conhecia outra, o que lhe digo de especial é de como ela era considerada. Pra mim, era a minha escola... não tenho elementos pra lhe dizer isso...

D - A senhora só estudou o primário fora?

E - Eu estudei o primário fora e o que eu considero de especial pra mim, especificamente, que é uma coisa que, isso eu sempre tive consciência, de que era uma escola pequena, não tinha muita gente e, isso eu tinha consciência...

Eu tinha estudado o curso primário, até a quarta série, eu tinha estudado em escolas pequenas, pequeniníssimas, mas o quinto ano eu fiz na Getúlio Vargas que era uma escola

enorme, uma escola que tinha uma área enorme, ligada ao curso pedagógico que era o ICEA, não sei se você tem notícia dessa Escola.

[...]

E - Mas, assim, essa coisa da especialidade, ser uma escola especial, eu também penso que já era naquele tempo, reconhecida como especial, não é de agora que eu tô falando isso, que era especial porque na minha vida... não, não é assim, é porque ela tinha isso de ser uma escola reconhecida.

D - A senhora contou uma história que a diretora ligou pra sua mãe porque a senhora foi a uma passeata.

E - Por causa de uma passeata, que hoje eu não sei lhe dizer mais, uma passeata grande na cidade, uma coisa política, uma manifestação dos estudantes e que eu acho que foi em 63 – não sei o ano – só sei que eu fui contando com as pessoas da escola que foram pra passeata e lembro que eu cheguei em casa e minha mãe chegou mais cedo do trabalho, voltou mais cedo do trabalho porque Dona Angélica tinha ligado pra ela, e tinha ligado pro trabalho, porque mamãe tava no trabalho, tinha ligado pra ela pra dizer que a gente tinha saído pra passeata e que assim, preocupada – Dona Angélica tinha preocupada porque a gente tinha saído da escola pra ir pra passeata e ligou pra minha mãe... ligou pra várias mães. Então deve ter ligado para as mães do ginásio que eram assim que deviam tá no segundo ano, terceiro ano do ginásio. Sei lá se ligou pra todas, ou se ligou pra os menores ou o quê... ligou pra minha mãe e foi no trabalho, porque minha mãe não estava em casa, não estaria em casa no horário que eu estava na escola, entendeu?

Que é uma coisa que hoje eu vejo como controle e cuidado também, mas na época a gente só via como apurrinção de não deixar a gente fazer... mas aquela coisa que era o cuidado mesmo da escola, cuidando que nada acontecesse, ou se sentindo responsável pelo aluno que tinha ido para a escola e tinha saído não para ir pra casa, mas um desvio de caminho, uma cabulação de aula... Então assim, eu lembro desse jeito...

D - Fale mais da relação dos funcionários, dos diretores, com os alunos. Era uma relação próxima, essa questão que a senhora falou relacionando/misturando disciplina por um lado, mas que entendida como cuidado.

E - Era próxima, os funcionários eram muito próximos, era assim, de brincar... primeiro que todo mundo sabia todo mundo pelo nome, era uma coisa assim muito de brincar, de controlar também, tá na sala, não tá...

E com os professores também, e com alguns professores, claro, mais do que com outros, em relação sempre tem as afinidades e as escolhas, mas era uma relação próxima, e tinha disciplina que tinha muito... e tinha coisa de conversa e cuidado. Alguns professores ficaram amigos da gente. Eu tenho uma professora, e aí já foi no curso de colégio, que é amiga minha até hoje e que é amiga de vários de nós até hoje. Nossa professora de biologia, Tânia Zacarias...

[...]

Alguns professores Jaci, outra professora de biologia também, talvez eu pela minha proximidade maior com os professores de biologia... que se tornaram amigos e que a gente não fica com amizade próxima, porque a vida afasta, mas que assim, já se tornam pessoas queridas, como a professora Angélica, que era diretora nossa no tempo do ginásio. A professora Angélica é amiga de alguns dos meninos, de ir na casa... amiga no sentido de, com a distância possível, uma coisa de uma relação que se manteve para além dos anos, entendeu?

Era próxima sim, não era uma coisa fria, distante... se tem uma coisa que não eram naquela escola, era uma coisa fria, distante, formal, embora tivesse todos os ritos de escola, todos... não era nada impessoal, sabe? acho que também porque era uma escola pequena, não era nada assim, burocrática, formal, sabe? nada.

Meus castigos, nem ir pra diretoria... porque ia, no ginásio, a gente ia pra diretoria, tinha situação de ir pra diretoria ficar de castigo, não era nada assim burocrático, sabe?

E acho que tem haver com ser pequena, a escola... Mas, é uma coisa que não se pode dizer que era fria e distante, com nenhuma... nem com os funcionários, nem com os professores.

D - Nessa saída pra passeata, a senhora acha que havia uma preocupação com a imagem da escola frente a política, que já estava ficando tensa?

E - Uma preocupação dela?

D - Sim, da direção com vocês estarem se metendo em política?

E - Não, acho não. Quer dizer, se tinha, não passava isso. Não era isso que eu sentia, não. Não era uma coisa da posição, da imagem da escola, não. Acho que era preocupação.

Se era a posição da escola, era no sentido de que os pais confiavam os alunos à escola e os meninos saíram, entendeu? Se era preocupação com a imagem da escola, era nesse sentido, não frente à política.

D - Digo porque começava a ficar tensa a relação com os militares e isso poderia criar um problema pra vocês...

E - Mas não era isso que a gente sentia, não. Problema para a escola.

D - Nem pra vocês?

E - Não, não. Não era assim que sentia, entendeu?

Eu acho que era mais a preocupação com a segurança mesmo. Com a segurança mesmo. Com o que vai acontecer: veio pra escola e a gente não está podendo dar conta deles. Acho que era mais nesse sentido, não era bem uma preocupação política, o que é que pode vir ou de que lado eles estão, sabe? todo mundo tava do lado contrário, de oposição. Isso é, a gente foi pra passeata de oposição... mas não dava pra sentir que fosse nesse sentido, entendeu?

O que a gente sentia é que era controle e preocupação com a gente e aí, você me perguntando desse jeito posso pensar que podia ser uma preocupação com a escola, no sentido dos pais confiarem ou não confiarem na escola, mas fora isso...

D - A senhora saiu em que ano da escola?

E - Ah, eu fiz vestibular... meu primeiro ano na escola foi em 61. Eu fiz vestibular em 70. Eu saí da escola em 70.

D - O último ano que a senhora estudou na escola foi o de 70?

E - Segundo semestre de 70. Porque o primeiro semestre do terceiro ano em 69 e o segundo semestre de 70.

D - A senhora passou fora...

E - Eu passei fora o segundo semestre de 69 e o primeiro semestre de 70.

D - Entre esses anos entre 62, ano que a senhor entra, e o ano que a senhora sai, a Bahia, a política baiana, a política brasileira fica tumultuada, as coisas ficam tensas. E isso se refletiu na escola?

E - Assim, o que refletia na escola era... a gente tinha muitos colegas que era... aquilo que eu lhe disse antes, do ginásio para o colégio, eu pude ver e meus colegas, aí nós fomos crescendo, e aí também minha consciência que é pouca e era menos ainda, que era o meu envolvimento político nesse sentido, a gente tinha mais envolvimento com a política ou com o que estava acontecendo fora da escola, com a cidade, com o país, era com o país,

não era nem com a cidade que a gente usava, era com o país.

Mas, não sentia que isso influenciava na escola. A escola era um lugar onde possível... onde se discutia, sei que tinha [incompreensível] , sei que tinha o grêmio... sei que tinha... o grêmio promovia coisas, promovia passeios também... mas assim, tinha essa história de... ah, tinha um tal de um passeio pro sítio, pra chácara... como era o nome?... Girassol, um passeio de nossa turma e que foi um passeio que virou história, sei lá porque, o que fizemos por lá, eu era tal abestalhada que acho que não fiz nada. Só sei que essa festa no Sítio Girassol virou uma referência pra mim da cultura da escola...

Bom, mas dizer que a política de fora, tinha gente que tava envolvido, hoje... mais tarde um pouco eu vi que tinha os partidos e que tinha vindo pessoas de fora que vinham discutir com pessoas lá dentro. No início eu não juntava, mas depois eu vi que tinha haver com os partidos políticos, mas assim, não sentia que tinha influência na escola como escola. Incluía a escola enquanto ambiente político, onde outras coisas também se discutiam...

D - Nem repressão dessas discussões na escola?

E - Não... Nunca senti... repressão pra discussão ou pra... não... não...

Até quando... porque tinha caderneta pra gente entrar e tudo, mas, às vezes, não tinha muita gente entre aspas, mas o lado de fora... e nessa época já não tinha mais o controle... Quando a gente saía, saía. E era ali na frente no Canela... e o Canela fervilhava.

Mas, não sentia que tinha nada de repressão na escola. Nem repressão, nem controle do que estão discutindo, do que não estão. Não, nunca senti isso... Não creio que tenha havido. Se houve, nunca cheguei a sentir.

D - A senhora saiu da escola, já perto de ser fechada, né?

E - É, mas eu nem lembro bem quando a escola fechou. Fechou nos anos 70, não foi? Mas ainda teve turma fazendo o colégio todo depois que eu saí, fazendo pelo menos os três anos de colégio, porque teve gente que fez o colégio todo depois que eu saí e que eu nunca peguei na escola...

Como eu passei um ano fora, então assim, tem pessoas que podiam já tá lá naquele ano mas passei um ano me preparando pra poder... correndo pra passar o ano fora e aí quando voltei e tive que dar conta de retomar e pegar pra poder passar no vestibular... então, na verdade, esses dois últimos anos, 69 e 70 eu não... eu posso não dar muita conta dessa... porque eu tava muito preocupada com minhas próprias coisas, eu acho...

E, até das pessoas que tavam lá... aí eu não sei muito.

D - E havia muita disputa na escola pra quem ia, ou era de outra natureza?

E - Não, era de outra natureza. ASS [incompreensível] era uma convocação aberta. No meu ano, na minha turma, desse ano, nós fomos vários que concorremos abertamente e foi que aconteceu que fomos selecionados. Então, nesse ano, fomos eu, J., M., fomos 5 que foram nesse mesmo programa, mas não era uma disputa na escola.

D - Havia incentivo da escola pra esse tipo de vinculação estudantil, de pleitear bolsas e fazer atividades fora? Era uma coisa que a escola incentivava?

E - Bom, a escola incentivava e formava essa coisa de línguas... a informação deve ter chegado na escola, deve ter sido trazida pra escola, tinha pessoas mais velhas que a gente que tinha participado de intercâmbio e que traziam pra escola.

Não sei se a escola proativamente fazia isso ou se o clima permitia que essas provas e que essas coisas circulassem. Não sei se era uma coisa programática, acho que não era programática. Assim, não acho que era da política da escola, mas é que o clima todo favorecia e permitia que tivesse informações circulando. Por exemplo, assim, durante o curso de colégio eu fiz um curso de extensão, que agora eu sei que era de extensão universitária da Escola de ..., da Faculdade de Letras e, assim, eu cursei inglês do horário de meio-dia às duas e...

Ah... tinha outra coisa legal também, meu curso de colégio era de manhã e de tarde na escola, atividades de manhã e de tarde, durante o curso de colégio inteiro a gente teve atividade de manhã e de tarde. Não sei mais me lembrar o que era de manhã e o que era de tarde, mas durante o curso de colégio eu ficava na escola, de manhã tinha as aulas, meio-dia eu ia pra... esqueci a sigla, mas era o curso de inglês que eu fiz assim, e que eu me inscrevi e não pagava ou pagava muito pouco, o que agora eu sei que o curso de inglês que a... curso de línguas que as faculdades de letras dão, oferecem... mas, na época não tinha consciência que era isso e aí, meu irmão vinha pra casa, levava marmitta pra mim, quando chegava de tarde... ele voltava, ele vinha pra casa e voltava e aí comia e tinha coisa de tarde... não lembro mais pra lhe dizer, tinha coisa de laboratório, de ginástica, de não sei o que lá, sabe assim... tinha as coisa de tarde, a gente ficava de manhã e de tarde todos os dias.

D - Seu irmão ainda era ginásio?

E - Não, meu irmão é um ano mais velh... um ano mais novo.

Então assim, eu tava no primeiro, ele fez quarta série já na escola nova, e depois ele fez primeiro, segundo e terceiro anos de colégio.

D - A senhora sentia diferença entre o que a senhora tinha passado na Escola e o que os seus irmãos tinham passado com relação ao método de ensino, ao que se ensinava?

E - Não, meu irmão foi muito próximo de mim. Meu irmão foi muito próximo. E minha irmã, que é quatro anos mais nova não se comentava nada e eu não sentia... eu sentia a vida dela dentro da escola muito parecida com a minha, então, é verdade de que eu podia não tá prestando muita atenção, mas não sentia nada que me fizesse chamar atenção de alguma coisa na vida dela. A vida de escola dela foi muito parecida, eu acho. Foi muito mais nessa esco... A escola dela foi nessa escola.

D - No Canela.

E - Foi, eu acho que ela nem chegou a entrar lá, acho que ela já entrou...

D - Me fale como era estudar com os colegas, vocês estudavam com os colegas? Tinha esse tipo de prática? Como era?

E - Tinha. Tinha. A gente tinha alguns bons amigos, a gente estudava. A gente tinha isso de estudar junto sim. Tinha essa coisa de ir pra casa de P., de ir pra casa de S., sentar pra estudar um pouco juntas. Tinha. Tinha muita coisa de equipe, a gente fazia mural, tinha essa coisa, no ginásio todo, a gente tinha essa tarefa, tinha equipes de mural, cada semana alguém produzia um mural e isso era por equipe, era um grupo, tinha murais... o curso de colégio eu já não lembro, mas no ginásio eu lembro, toda semana a gente tava [incompreensível] os murais, um grupo. Então a gente se juntava pra fazer os murais e estudava também... lembro de ir para as casa das minhas amigas, minhas colegas pra estudar...

D - Então era uma coisa que a escola...

E - Sim, eu acho que sim, porque a gente fazia isso, de ir pra casa das colegas estudar... Eu estudava muito sozinha também, mas eu fui pra casa de minhas colegas estudar...

D - A senhora falou que não era uma maravilha na matemática. E a senhora contava com alguém pra lhe ajudar nisso?

E - Não, também não contava... também não era um problema... até hoje eu não entendo, mas

eu também... Olha, eu também me formei em medicina sem ter feito um parto, e me formei bem. Então tem umas coisas do sistema de ensino que... e não é que eu fugi, eu só fiz um caminho que não passou por ali, entendeu?

[...]

E - E eu acho um absurdo eu ter me formado em medicina ser ter feito um parto e que o sistema tenha me permitido, entendeu? Formar sem ter feito um parto. É um absurdo do sistema de formação, entendeu? [...]

Nunca fui melhor aluna, mas também nunca fui pior aluna. Eu só vim perder ano, perder ano não, perder matéria, na universidade, isso eu perdi. Nunca perdi na escola, nunca perdi em matemática, não me pergunte como...

Se eu tinha alguma dificuldade era na hora lá que se resolvia, não é que eu tinha dificuldades excepcionais...

D - Mas saiu sem saber fazer uma integral?

E - Eu não sei nem o que é, até hoje!

Pi, integral, são as coisas que pra mim são... as exponenciais todas são em grego total...

D - Então tudo isso no colegial... fazia parte da formação no colegial?

E - Fazia.

D - A senhora lembra quais eram os conteúdos?

E - Não, que fazia parte, fazia, porque eu falo disso, porque apareceu no meu horizonte. Que eu não sei pra onde vai, não sei, não.

Agora, essa coisa da integral eu acho que foi na parte do terceiro ano, sabe? Foi quando eu voltei que, assim, eu não ia fazer engenharia, então eu não entrei, não me exigiram ou eu não tinha a disciplina que dava...

D - Essa era uma divisão da escola?

E - Eu acho que tinha algo, porque assim, não é possível, só pode ter sido por isso que eu não fiz, entendeu? Que eu nunca... que eu nem sei lhe dizer o que é. Não é possível, então eu não passei por isso, não é possível que eu tenha passado. Mas acho que tinha isso: Que no nosso terceiro ano, tinha algumas coisas que quem fazia engenharia deve ter visto, quem fazia as engenharias deve ter visto e quem ia fazer as biológicas deve ter visto, entendeu? Bem, eu acho que deve ter sido isso, mas não me peça muito pra explicar porque eu não sei

não.

D - [...] queria que a senhora tentasse pensar aí quem era a professora de matemática talvez mais marcante, o que que ela era marcante, ou professor, ou conteúdo. O que é que de matemática a senhora traz de mais forte, além da integral.

E - Olha, teve algumas pessoas de matemática, Iracy que era nossa professora no ginásio, era a professora Iraci, Zuleica... Zuleica não era de matemática, Zuleica era de português...

D - Iraci.

E - Iraci...

D - A senhora lembra como é que ela era?

E - Eu lembro. Ela não era muito grande, ela era mais ou menos baixa, meio cheinha, de cabelo preto... professora Iracy, não lembro o sobrenome.

E lembro da professora Martha, que era professora das professoras. A professora Martha era grande, uma das pessoas marcantes, uma mulher grande, uma mulher alta, branca, de cabelo preto... a professora Martha. Zuleica era português... De matemática eu lembro bem de Iracy e de professora Martha que nunca me ensinou, mas era professora das professoras.

D - Professora das professoras, quer dizer das estagiárias?

E - É, não... a gente tinha as professoras, mas tinha um período do tempo que vinha as estagiárias.

D - Certo.

E - Então tinha professor que era responsável pela disciplina e tinha os períodos, devia ser os períodos que tinha, que passava as estagiárias... lembro de uma estagiária de português, que agora não vou lembrar o nome, que era tão gozado, que ela ficava falando pra gente da vida dela com o noivo (risos) eu não sei que horas ela falava disso pra gente, da vida dela, da vida dela com o noivo... que quando começaram a namorar, ele levava pra ela essas revistas de fofoca, não sei o que lá... que eram outras na época, e que ela não lia, que ela nunca tinha lido essas revistas e ele levava pra agradar a ela e ela teve que dizer que não gostava dessas coisas...

[...]

Entrevista: Raimundo Mesquita de Luna Freire (R)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Salvador, 27 de outubro de 2010.

Tempo da entrevista: 02h 45'50"

Local: Casa do entrevistado

R - O curso primário, né. E depois tinha o preparatório para admissão, tinha o exame de admissão que era tipo um vestibularzinho, você deve saber, deve saber disso. Então, eu entrei lá em 1966. Como eu até botei na correspondência que eu lhe mandei, 1966 foi o último ano que o... Colégio funcionou em Nazaré, ali, ali no...

[...]

R - Eu sou geólogo, cara, eu sou geólogo e eu tenho doutorado em geofísica. Parece até que eu botei aqui... o trabalho que resultou da minha tese, até trouxe só pra lhe mostrar que a matemática para mim não é uma coisa muito estranha (risos), não era coisa muito estranha, não sei se... você pode até ficar com esse.

[...]

R - Pois, é o Colégio funcionava ali em Nazaré, não sei se você conhece, é perto da Fonte Nova, ou da antiga Fonte Nova, porque agora só resta caco. Ali tinha a Faculdade de Filosofia da UFBA, né?

[...]

R - [...] Tinha uma casa na frente e atrás tinha um prédio, que na época eu achava enorme, hoje em dia... a gente subia no prédio... o prédio, sei lá, tem cinco, seis, sete andares, no máximo, mas na época eu achava enorme, uma quadra em baixo, onde a gente fazia educação física. Então, esse ano de 66 foi o último ano que o Colégio funcionou lá. A partir de 67 mudou aqui pra... pro Canela, ali eu acho que agora é nutrição, ali vizinho, defronte dos Maristas, né, acho que é nutrição...

Então, pois é, eu fiz o ginásio, 66, 67, 68 e 69 e, depois, o que era então o curso de colégio, que chamava, que era junção dos antigos clássicos e científico, né? Fiz lá todos os anos, né, é isso, é isso.

Quanto à matemática o que eu posso lhe dizer... a gente estudava, também como eu

coloquei na... na correspondência, numas apostilas mimeografadas, né, você deve conhecer ou ter ouvido falar de mimeógrafo, aquele negócio a álcool e tudo, era uma forma meio precária de se fazer cópia, antes dessas cópias tipo xérox, tipo xérox... então, a gente recebia aquelas apostilas que eram desenvolvidas, até onde eu estou informado, por um grupo também UFBA, né, que é o professor Omar Catunda, não sei se você estuda... O professor Omar Catunda, acredito que ele já deve ter morrido, pela idade... mas, no meu tempo lá na Universidade, ele ainda tava lá.

Eu fiz universidade de 73 até 76 ele ainda tava lá no Instituto de Matemática. Ele liderou um grupo que, até onde eu sei, você deve saber mais do que eu, tava mais ou menos reformulando o ensino de matemática, que eles chamavam, na época, de Matemática Moderna. Então... isso aí foi até um... pra mim quando eu entrei no Colégio de Aplicação, foi meio um estranhamento pela forma como a matemática era ensinada, porque, pelo que eu me lembro, as primeiras aulas era teoria dos conj... principalmente teoria dos conjuntos, né, então, a gente via aquele negócio... estranhava, porque era uma matemática meio sem número. Então, o que é um conjunto? um conjunto pode ser qualquer coisa, um conjunto de alunos... então, aquelas ideias de, de... de um elemento pertencer a um conjunto ou um conjunto estar contido em outro conjunto, interseção, união, conjunto vazio... tudo isso aí era uma matemática meio, meio diferente, por isso que eu digo, causou um certo estranhamento e, pelo que eu me lembro também, até um estranhamento com satisfação, né, porque um negócio que... às vezes parecia até meio, meio... sei lá, tipo um passatempo, um negócio meio lúdico, como uma palavra cruzada ou coisa desse tipo.

Então, é isso que eu me lembro do início, né, do início do ensino de matemática, quer dizer, do início para mim, do primeiro ano de ginásio lá no Colégio de Aplicação. Era uma matéria que, em geral para maioria das pessoas, causa uma certa dificuldade, como você deve tá habituado a saber, causava uma certa dificuldade. E durante os sete anos, somente um, justamente o segundo ano é que eu tive uma outra professora, durante seis dos sete anos a professora foi Maria Augusta, me parece que é Maria Augusta Moreno, o sobrenome dela, também não sei se alguém já lhe passou... ela era uma das professoras que, junto com o professor Omar Catunda, desenvolvia, desenvolvia eh... essa metodologia.

Eu não sei, eu não posso lhe dizer como era a matemática ensinada antes, a gente já pegou dessa forma, teoria dos conjuntos e estudo de funções, estruturas algébricas, depois álgebra

linear, e por aí vai, né? Aquelas descrições de geometria eh... não sei se tem mais... Bom, se tem mais algumas coisa. Tinha as avaliações que eh... na verdade não era só a matemática, não. Todos os cursos lá do Colégio de Aplicação eram divididos em unidades, então, você tinha qua..., no ano você tinha quatro unidades, as unidades eram estanques, viu? eram estanques, então, para cada unidade você tinha que ser aprovado naquela unidade, então, normalmente você tinha um teste e uma prova e tinha que ter uma certa média, que eu não me lembro mais quanto é que era, mas eu acho que era cinco, se você não tivesse aquela media, você fazia uma recuperação da unidade, não atingindo na recuperação o mínimo, você fazia uma re-recuperação, mas essa re-recuperação era só no fim do ano, né, então você ficava com esse fantasma pairando sobre sua cabeça o ano inteiro, mas era como eu lhe disse, as unidades eram estanques, você podia ser reprovado na primeira unidade, passar na segunda, na terceira e na quarta e aí fazia a recuperação da primeira, ainda durante a segunda unidade, se fosse para re-recuperação, só no fim do ano, né, e aí você fazia uma prov... não era como é hoje, tinha aquele negócio de segunda época, nem sei se ainda existe... se ainda existe segunda época, era assim que... que era a avaliação, né, normalmente tinha um teste e uma prova em cada unidade, cada unidade você tinha que passar e, passando ou não, você fazia as demais.

[...]

Quanto a essa professora, a avaliação que eu e a maiorias das pessoas fazia, na época, é que era uma excelente professora, super rigorosa, né, ela teve uma transformação durante esses sete anos... daquelas pessoas super rigorosas, super intransigente e aí, à medida que vai conhecendo mais as pessoas e também a gente vai conhecendo mais elas... eu sei que no fim do... no último ano, terceiro ano, que seria o pré-vestibular, todo mundo mais ou menos amigo dela, tanto que até após o vestibular, volta e meia reunia todo mundo e ia lá na casa dela... se eu não me engano, era na Ribeira ou Itapagipe, sei que era na Cidade Baixa. Então, teve... todo mundo reconhecia a qualidade dela, né, o esforço, a seriedade e que aquela exigência, aquele negócio, era a forma de ser da pessoa, por um motivo ou outro e ela também foi aos poucos se desarmando, aos poucos você vai conhecendo os alunos, você vai vendo que não precisa também levar nessa corda curta, ela também foi aos poucos... tanto que a última prova, até hoje eu me lembro, a última prova que ela fez, ela fez uma prova em que citava todos os alunos, fulano, fulano... nos problemas que ela colocava, citava todos os alunos, então, o relacionamento se transformou muito durante

esses sete anos, que na verdade foram seis, que eu não sei porquê no segundo ano de ginásio ela não ensinou. Ensinou primeiro, segundo não e daí os...

D - Quem foi a professora do segundo?

R - Olha, eu francamente... eu acho que chamava Maria Angélica, mas não tenho certeza, não tenho certeza, não tenho muita, muitas lembrança... mas essa outra professora continuou na Escola também, mas não com a... não com a turma da gente, com outras turmas... me parece até que esse rapaz aqui (apontando na foto) foi até aluno dela também. Foi aluno de Maria Augusta Moreno, de matemática, pelo que ele colocou aí, ele é da turma dela de 71, ele era mais novo que eu, eu entrei em 66, né, então ele é mais novo do que eu. Então, ela permaneceu lá, permaneceu lá bastante tempo.

Bom, a outra coisa que eu tô me lembrando agora... Falei que a avaliação normalmente era um teste e uma prova a cada unidade, além disso, tinha um testezinho, cara, praticamente todo dia de aula tinha um teste de uma única pergunta, então no início da aula, a gente tinha uma cadernetazinha, mais ou menos deste tamanho, mas só que de espiral, todo mundo tinha que ter uma caderneta dessa, então, no início da aula ela passava um... tinha uma pergunta, só um problema rápido, que você tinha que resolver de dez a quinze minutos e, aí, no fim da unidade, a soma dessas... desses vários pequenos...

a soma desses vários pequenos testes valia uma nota também, igual à nota do teste e a da prova. Acredito que era uma forma de obrigar a tá em dia com a matéria, né?

D - Essa cadernetinha ficava com vocês ou vocês entregavam para ela?

R - Ficava com a gente. Era assim, você levava sua caderneta, ela passava o problema, você resolvia ali e entregava para ela na mesma hora. No mesmo dia ela devolvia, já com a sua nota, né, como era uma questão só, era um certo ou um errado ou um meio certo, um quarto, sei lá... mas devolvia no mesmo dia que você levava, então, só ficava com ela pra... pra corrigir, só ficava com ela para corrigir, e isso foi o que eu disse, acredito que...

... acho que a ideia era obrigar a ficar em dia com a matéria, para que você não acumulasse pra véspera da prova, né... você tinha que tá em dia com a matéria, em geral essas questões não eram questões muito difíceis até porque você tinha pouco tempo para resolver, era mais objetiva mesmo, sobre o que tinha sido dado na última aula.

O que mais? Não me lembro nunca de ter havido nenhum trabalho assim, nenhum

trabalho... específico, sei lá, desenvolver uma pesquisa ou trabalho de equipe, realmente não me lembro.

D - Não em matemática, ou não em matéria nenhuma?

R - Não, não. Nas outras disciplinas tinha bastante, todas elas, português, história... aliás, era uma coisa que lá no Colégio de Aplicação era muito incentivado, era esse trabalho de equipe, né? Normalmente no primeiro dia de aula de cada ano eram formadas as equipes, né? E, a depender do número de alunos, nunca, nunca, foram muitos alunos por sala, não sei se você sabe disso, eram no máximo trinta alunos por sala, cada, cada, cada... bom, cada série tinha duas turmas de trinta alunos, então, era no máximo trinta alunos por sala, em geral menos, em geral menos do que 30 e, a depender do número, eles dividiam em equipes, equipes de quatro pessoas ou de cinco pessoas, não me lembro de alguma com mais do que isso e tinha muito trabalho de equipe, muito trabalho de equipe mesmo, todas as disciplinas, português, história, geografia e depois física e biologia, todas tinham... mas matemática, não.

Matemática, que eu me lembre, nunca teve nenhum trabalho de equipe, não sei se era uma orientação geral ou se dessa professora especificamente, que achava que a matemática devia ser algo mais solitário, né, e nem, nunca, nenhum trabalho diferente: não, você estuda isso pra apresentar pra os outros colegas, ou pesquisar isso ou alguma coisa talvez ligada à história da matemática, que é uma coisa até que eu gosto que eu gosto.

Eu trabalho na Petrobrás, é que eu dou muita aula lá, então eu sempre procuro ilustrar muito, mais até com a biografia desses grandes vultos da matemática, tipo Fermat, Fourier, Lie, o próprio Newton, Leibniz, então eu até me interesse por isso, mas lá eu nunca vi, acho que talvez tenha até uma crítica, mas eu nunca pensei nisso, mas talvez seja até uma crítica: eu nunca vi nada que procurasse mostrar por essa forma, que é uma coisa que motiva os alunos, que a matemática, às vezes, para quem tem uma certa resistência... o pessoal acha aquilo meio árido, então, essa então talvez essa seja até... e eu vejo que as pessoas gostam quando você começa a falar de como os caras se comportavam, as dificuldades deles, a personalidade, né, esse tipo de coisa eu vejo que os alunos gostam e... mas, lá não. Nunca foi eh... nada além da matéria pura e simples. Muito bem dada, bem explicada com esse material que eu lhe falei, mas sempre restrito a isso aí: aula expositiva, exercícios, normalmente os exercício não eram feitos durante a aula, você fazia em casa, como tarefa de casa, mas os exercícios não eram cobrados, era responsabilidade sua fazer

ou não, se você não quisesse ninguém ia lhe dizer “ó, você tinha que fazer”. Não tinha uma verificação ou notas de exercício, nada disso, você tinha que fazer como parte do aprendizado e na verificação de aprendizagem ou teste ou prova ou nesse teste rápido, se você estudou você direito tudo bem, se você não estudou...

... se não estudou isso aí seria visto, mas esses exercícios nunca teve uma cobrança: “fazer exercícios de tanto até tanto e apresentar...”, nada disso, só mesmo os testes rápidos, o teste e provas e aula, e aulas expositivas... Na aula expositiva, às vezes, você era chamado ao quadro, né? Às vezes por sorteio ou por indicação, não sei... “Diogo vem aqui, vem mostrar não sei o quê” se você se apertava alguém lhe ajudava ou não, ou não... mas era basicamente, basicamente aula expositiva, né? Isso é o ensino da matemática, né? Não sei.

Mais alguma coisa? Relacionado à matemática o que a gente tinha, não sei também se lhe interessa isso aí, no quarto ano de ginásio a gente começava com uma introdução à ciência, introdução à ciência... eu não sei nem como chamava, como chamavam essa matéria de introdução à ciência, porque você não tinha nada de... Introdução à Ciência Experimental... a gente tinha até um laboratóriozinho com algumas coisas... era meio preparando para os cursos de química, física e biologia, né, que você ia encontrar no curso colegial.

Você ia ter aula de química, física e biologia e a física, principalmente, né, biologia, não, química, um pouco, a física, principalmente, é a grande usuária da matemática, apesar de que, também não me lembro de nenhum casamento entre as duas, de ter uma interação maior entre os professores que davam a física e os professores da matemática, era um negócio meio estanque não obrigatório... eles supunham que você já tinha o preparo e você já tinha, né, porque tava ali, tinha um currículo de matemática, então eles supunham que você já tinha o preparo e faziam o uso disso, mas nunca, nunca vi uma interação maior... maior nem menor, qualquer interação entre os professores, não sei nem se tinham algum espaço de relacionamento ou se meramente iam lá, davam sua aula e tchau. Não, não me lembro disso...

Tinha um curso também no ginásio de desenho geométrico, que também guarda a sua relação... mas altamente desprestigiado, não tinha investimento nenhum nisso, o professor ficou doente durante meses, não botaram para substituir, mas tinha um curso de desenho geométrico, então, relacionado com a matemática era isso: esse desenho geométrico no ginásio, teve um curso de introdução à ciências experimental, que eu realmente não me lembro como é que chamava, acho que o nome era esse, mas não tenho certeza e física e

química, né.

Já no curso de colégio, física, química também, e até um pouco a biologia, tinha bastante experimentação, bastante experimentação, trabalho de equipe, relatório e tudo. Química um pouco menos, biologia um pouco também, mas só, matemática, como te disse, nunca, nunca teve nada disso...

[...]

Bom, não sei, pode ser um detalhe, mas no... no programa de matemática do ginásio e científico nosso, não entrava a parte de, de... de cálculo diferencial integral, nem a... isso não era cobrado no vestibular e, supostamente, não era dado em escola nenhuma, não sei como é hoje, se é dado limites, derivadas, não sei, se isso é dado no segundo grau, mas lá tinha, lá eles davam limite, derivada, inclusive no terceiro ano, a gente não fazia... o terceiro ano não tinha essa orientação pro vestibular, tinha certos professores, a professora de português mesmo era uma dessas que tinham essa visão de que era uma necessidade, que as pessoas tinham necessidade, afinal, a gente ia fazer vestibular, mas não era uma orientação do Colégio preparar você especificamente pra o vestibular, então eles tinham um programa, né, cumpriam um programa sem a visão de fazer do terceiro ano tipo um cursinho pré-vestibular.

Matemática mesmo, o que a gente viu no terceiro ano, bastante, foi justamente essa parte de limite, derivada e integral definida e indefinida, então, isso aí a gente viu bastante. Então, não tinha a preocupação de preparar especificamente para o vestibular, apesar da Escola ser um enorme sucesso no vestibular, praticamente ninguém perdia o vestibular, todo mundo fazia vestibular pra as mais diversas carreiras, né, e praticamente todo mundo passava. Na minha turma, se eu não me engano, só uma pessoa perdeu, dos sessenta que completaram, só uma pessoa foi reprovada e, da turma anterior, ninguém foi reprovado... e era norma da Escola, porque junto dos outros colégios... era um colégio de difícil acesso, tinha o exame de admissão que era difícil e como eram poucas vagas, a seleção era forte, então, isso até mudou... não sei se eu tô divagando muito, se tiver você pode cortar, trazer para o que seja do seu interesse...

Isso aí, por vários motivos. Um deles foi... isso aí botou um certo caráter elitista do Colégio. Apesar de ser um colégio público, era um colégio federal, gratuito, inteiramente gratuito, ele era um colégio de classe média, classe média alta e de gente rica. Muito pouca

gente... pobre mesmo, cara, pra dizer a verdade, talvez um ou outro, você tinha um pessoal classe média mais apertada, que tinha mais uma certa dificuldade, mas pobre mesmo um ou outro, porque era de difícil acesso, então, só as pessoas mais preparadas que entravam.

Bom, o ensino na época, você deve saber disso aí melhor do que eu, apesar de não ter vivido isso, o ensino lá na época não era tão universal como é hoje, então, o analfabetismo era uma realidade bem mais do que hoje e várias pessoas que não tinham oportunidade nem de ter acesso ao curso primário, quanto mais ginásio e científico. Então, pobre, pobre miserável mesmo, nem ia pra escola, mas as escola públicas que atendiam um perfil, vamos dizer assim, de menor renda, era o Severino Vieira, não sei se você conhece, o Severino Vieira, o Central, né. O Central, o João Florêncio Nunes, que é lá na Cidade Baixa, essas escolas estaduais... um pouco a Escola Técnica, que hoje é o IFET, se eu não me engano, virou Instituto... que hoje é nível superior mas, na época, era só nível médio, ensino técnico e tinha um caráter mais popular, vamos dizer assim, e também pela própria localização, né, ficava ali no Canela então as pessoas que moravam em bairros mais distantes, que, justamente... pessoas de menor renda tinham dificuldade... tanto que quando eu entrei na UFBA eu até me surpreendi, porque durante esses meus anos de colegial no Aplicação, eu nunca parei para pensar nisso, no perfil de renda, de classe social das pessoas, mas quando eu entrei na UFBA, fui fazer geologia, geologia era um curso que atraía muita gente do interior, né, e muita gente de colégio público também, inclusive colegas até que falavam disso, que gostaria de ter feito engenharia mas que não fizeram justamente por causa da formação em matemática, como não tinha uma boa, boa...

Até me perguntavam: “Você é um cara que não tem dificuldade com matemática, o que é que você veio fazer aqui?” “Por que você não fez engenharia?” Pois é... então a geologia atraía esse perfil e pessoas, várias pessoas do Severino, do Central, e aí quando se conversava sobre isso, se falava... Não, o Colégio de Aplicação é um colégio público, mas é como se fosse um falso colégio público... Era um colégio público, era um colégio federal, era um colégio gratuito, mas que tinha... No fim quem estudava lá era classe média, era a classe média, por causa de uma série de barreiras, né, tinha essa seleção que se refletia no perfil social das pessoas, né?

E isso também... um efeito colateral, se refletia também no perfil racial que, como a gente aqui é... é inegável... é inegável a correlação entre classe social e raça. Então aqui a gente tem a... hoje até isso aí tá se quebrando um pouco, hoje a gente já tem uma classe média

negra, que está em todo lugar, apesar de ainda francamente minoritária, já existe, né. Mas, lá no Colégio eram pouquíssimos negros, pouquíssimos. Pra presença na população, nós tínhamos, por exemplo, muitos judeus, eu até... quando se começou a formar esse grupo, não sei se J. ou uma outra pessoa mencionou da festa que teve, das discussões, eu até coloquei nas discussões isso aí. Por que no Colégio tinha tanto judeu? Que é um grupo que existe na nossa população, mas bem menos representativo numericamente do que o negro, então aqui...

[...]

a Escola praticamente não tinha negro, muito poucos, muito poucos... aqueles que eram considerados... tinha alguns que eram negros realmente e outros que eram considerados negros, mas... mulatos, né?

Já... então, a presença negra era muito pequena, refletindo novamente essa barreira social que a escola tinha. Isso aí é inegável, que a Escola foi uma escola elitizada nesse sentido, de renda, a dificuldade de acesso, a necessidade de você ter tido um preparo mais forte no curso primário, muitas vezes até com curso específicos para o exame de admissão, isso aí colocava uma barreira para as pessoas com menor poder aquisitivo, que não conseguiam passar e como a quase totalidade dos negros estavam nesse perfil de menor poder aquisitivo eles não tinham acesso, acesso à Escola. Então, a Escola tinha esse caráter elitista, sim, tanto de renda como de raça.

Não sei se interessa isso pra sua pesquisa, mas é uma coisa que... pois é, como eu tava lhe falando, eu coloquei essa pergunta lá. Por que a Escola tinha tanto judeu? Eu acredito que, primeiro, como ela era lá em Nazaré, e Nazaré é, historicamente, é um bairro de concentração de judeus, tem até... não sei se funciona ainda... a Hebraica, que tinha sinagoga e um clubezinho era ali vizinho do Fórum Rui Barbosa, não sei se você conhece, ali na Praça da Pied..., no Campo da Pólvora, lá em Nazaré, então, a Hebraica era lá bem perto de onde era o Colégio, então os judeus se concentravam muito... hoje em dia a impressão que eu tenho é que diminuiu muito o número de judeus, eu não sei se também eh... vão acontecendo casamentos interraciais, isso aí diluiu a comunidade, não sei...

Mas, na época se concentravam muito lá em Nazaré, então como era uma escola de lá, com bom ensino e a maioria deles é de classe média também, então, tinham acesso. Na minha sala mesmo, se eu não me engano, nós éramos cinquenta no total, divididos em duas salas,

na verdade éramos quarenta e sete divididos em duas salas e três eram judeus, contra nenhum negro, então, tinha uma... tinha uma concentração mesmo, agora, para ser justo, apesar de ter alguma coisa, coisa meio veladas ou até culturais mesmo, até porque essa consciência de resistência à discriminação racial é uma coisa mais recente... episódio de discriminação e racismo explícito, eu francamente nunca vi, eu nunca vi. Com os judeus até tinha um pouco mais, não era nada agressivo assim, às vezes uma brincadeira de mal gosto, um dito assim, contra negros, francamente, nunca, nunca.. nunca vi, não. Uma coisa mais velada ou outra podia ocorrer, mas episódios maiores de discriminação, não que não existisse, mas na escola mesmo eu nunca vi.

Eu assisti, não tem nada a ver com ensino, nem com escola, nem com nada, mas eu assisti no Clube Baiano de Tênis, essa eu presenciei. Teve um rapaz que estava comigo, né – não sei se você conhece aquela música de Gilberto Gil, no tempo que negro não entrava no baiano – “Negro não entrava no Baiano, só pela porta, só pela porta dos fundos, a porta da cozinha...” Bom, triste, aconteceu tava eu e um amigo meu e ele era negro, né, nós dois não éramos sócios, mas tínhamos entrado, entrado por uma determinada porta do clube, para jogar bola, tinha sócios amigos nossos, então nós entramos com eles e fomos sair por uma outra porta, quando fomos saindo o porteiro abordou a gente, a mim ele não me disse nada, para o rapaz ele: “Rapaz você não tá vendo que todo mundo percebe que você não é sócio?” e o porteiro era negro também, então, na época, como hoje também, existia um racismo, uma discriminação, às vezes, até agressiva, mas lá na Escola... realmente, até... que eu me lembre, não me lembro de nenhum episódio de... de discriminação por raça ou condição social, apesar de que, como eu já falei várias vezes, tô, a Escola era muito elitizada. Não tinha o mesmo perfil de renda que, por exemplo, os Maristas e o Vieira, que também não sei se você conhece, que são escolas da igreja católica e pagas e, na época, relativamente caro. Então, era um perfil de renda tanto de Maristas quanto de Vieira era bem maior do que do Aplicação.

O Aplicação, como lhe disse, tinha pessoas de classe média bem apertada e lutavam contra a dificuldade, o que não era o caso do Marista e Vieira, os ricos se concentravam lá, principalmente nessas duas escolas, até D. [...] estudava lá no Vieira, era um contemporâneo nosso, mas é isso, é isso. Não sei se divaguei muito.

Voltando para matemática, cara, não sei se eu tenho mais alguma coisa, infelizmente eu não, eu não me lembro como é que era a qual era o... o currículo, o programa da

matemática nas diversas séries, o que eu me lembro é ter visto muito teoria de conjuntos, no primeiro ano de ginásio, que é quando você entra na Escola então aquilo lhe impacta, então, normalmente você se lembra do... do início...

Me lembro também de muito estudo principalmente de equação do 2º grau, no quarto ano de ginásio, solução de equação do 2º grau, não sei se as cônicas em geral a gente viu aí ou foi depois, acho que deve ter sido depois, mas equação do 2º grau, com certeza no quarto ano de ginásio e... não sei... eu acho que a parte de geometria espacial, geometria analítica era mais no curso de colégio, primeiro e segundo e o terceiro ano, como eu lhe disse, também foi principalmente essa introdução, que foi até bem mais que uma introdução de cálculo diferencial e integral, né. A gente via a parte de limites, cálculo de derivadas, levantamento de indeterminação dos limites, aqueles métodos que acho que era de Cauchy, que você deriva em cima e embaixo calcula até levantar... então, era mais que uma... do que uma introdução.

Integral também, não chegava em equações diferenciais, não, mas limite, derivada e integral a gente via no terceiro ano, os outros eu realmente não sei... a gente estudava bastante estruturas algébricas, espaço vetorial, corpo...

D - No colégio?

R - Olha, eu não tenho certeza se foi no colégio se a introdução foi no colégio ou no ginásio mesmo, eu não tenho certeza se não foi no terceiro ano de ginásio que a gente começou a estudar as estruturas algébricas... francamente... eu realmente não sei, é que a gente via desde as estruturas mais básicas, mais simples, até chegar no espaço vetorial... já não me lembro mais do nome, não sei se isso mudou, se... Mudou? Você sabe, não? Se continua... se um conjunto é um corpo, segundo a operação tal, se é tem essas propriedades...

D - Aneis também, não?

R - Aneis... anel não tenho certeza, viu, eu me lembro que tinha as estruturas mais básicas, mas que agora eu não me lembro mais o nome. Se você falar aí é capaz de eu lembrar, me lembro bem que tinha as estruturas superiores, que tinha mais propriedades eram os espaço vetorial e o corpo, isso a gente via bastante e... eu não tenho certeza, mas posso estar enganado, mas acho que a gente começou a ver isso no terceiro ano de ginásio, mas posso estar bem enganado. O que eu lembro com certeza é isso, teoria dos conjuntos no primeiro ano de ginásio, essa parte de equações, equação do primeiro grau no primeiro ano, equação

de segundo grau a gente viu muito no quarto ano de ginásio e no terceiro ano de colégio essa parte de cálculo diferencial e integral, definição de limites... que mais...

D - Essas estruturas algébricas que vocês estudavam, como é que elas apareciam, era para ver a demonstração disso era para ver aplicações...

R - Não, cara, que eu me lembre, aí ficava meio solto, ficava meio solto...

D - Como assim?

R - Como uma coisa que existia, que tinha que atender aquelas... um conjunto fechado em relação àquela operação, tem um elemento neutro... então, ficava aquilo meio solto, mas você não via se aquilo servia pra alguma coisa ou se era um fim em si, simplesmente classificar, então, a impressão que me restou foi essa que era um fim em si, que era uma mera classificação, não sei se aparentemente também... sua pergunta meio que induz... é um defeito do ensino, né? Porque ficou aquele negócio, pelo menos a impressão que me restou... aquele negócio meio estanque, sim, isso aí é uma espécie de espaço vetorial, e daí? o que é que isso mostra, qual é aplicação disso, para que é que isso serve...

D - Vocês conversavam sobre isso, o senhor lembra se isso fazia parte do diálogo, de perguntar para professora ou não?

R - De perguntar, não. Até por um certo, como eu lhe falei, dos primeiros anos e durante até bastante tempo, o dialogo com essa professora era uma coisa difícil, tinha um certo... usar a palavra correta... em um bom português, medo! Então, não tinha uma aproximação, uma abertura pra você contestar, pra discutir, o que, aliás, não era norma da Escola, a Escola, muito pelo contrário, ela abria um espaço de, apesar de ser ditadura...

Eu entrei lá em 66, o golpe militar foi em 64, né? Depois eu posso até falar um pouquinho disso que a gente viveu, isso talvez lhe interesse. O golpe militar foi em 64 e o primeiro governo civil foi o de Sarney em 85, 86, já não me lembro, não sei mais quando Sarney assumiu, então, foi em plena ditadura, mas, apesar disso, a Escola tinha, inclusive um dos motivos de ter terminado com a escola, acredito eu, foi isso, a Escola tinha uma abertura muito grande para debate, inclusive debate político, né, sem censura, sem censura. A Escola era bastante liberal nisso, incentivava a contestação e tudo, tanto até que foi meio uma... uma escola de formação de lideranças políticas, talvez até... mais ou menos limitada e nos vários espectros eh..., por exemplo, não sei se você conhece esse deputado federal Z., ele foi aluno de lá, foi presidente do grêmio, né, presidente do grêmio, tinha um outro

deputado aqui, esse de outra... Z. é do [...], teve um deputado, você não deve ter conhecido, porque ele não deve ser do tempo aqui, L., não sei se você chegou a conhecer, ele foi deputado, morreu, é contemporâneo nosso, mas morreu num acidente de carro, ele era um deputado muito ligado a Antônio Carlos Magalhães, era deputado do [...] mas a Escola não tinha essa formação de lideranças de direita, vamos dizer assim, não. Esse rapaz, na verdade, tinha linhagem... o pai dele era coronel e ligado a Antônio Carlos Magalhães, tanto que foi presidente da... Coronel C., presidente da PRODEB aqui, a companhia de processamento de dados do Estado e ele entrou na política por essa via, né, ao contrário de outros que foram forjados ali naquela vivência da Escola, de discussão, de organização do grêmio, de participar de, de... disso, então, a Escola tinha esse espaço pra... tinha esse espaço pra debates, né, tinha... eu não sei, eu não me lembro exatamente agora, mas falando disso, eu acho que quando a gente entrou tinha uma matéria que era... que era tipo um clube de debates, eu não me lembro exata... eu não me lembro como chamava a matéria... então, era qualquer tema sugerido pelos alunos podia ser objeto de debate, então se convidava uma pessoa, uma pessoa qualquer, ou da Escola ou fora da Escola, ou qualquer pessoa, ou um dos próprio alunos... essa pessoa ia lá, fazia uma exposição, uma exposição rápida sobre aquele tema, depois vou lhe exemplificar um caso e, depois, era aberto para os alunos perguntarem, questionarem, se posicionarem, sem censura nenhuma, totalmente aberto.

Um tema até que o expositor fui eu, na sala, em 66, você deve... bom, se lembrar não vai, porque em 66 você ainda não existia. Como diz o meu filho, “eu não era nem vivo”(risos). Em 66 foi a copa no mundo da Inglaterra que o Brasil... vinha de... foi campeão em 58, em 62 e, quando chegou a 66 foi um fiasco total, então uma das sessões de debate foi isso, a gente debatendo sobre a copa, o que é que tinha acontecido na copa, eu fiz uma exposiçãozinha do que é que tinha acontecido e depois as pessoas... naturalmente, as meninas não se interessavam nem um pouco, então, era aberto pra qualquer tipo de debate.

Eu me lembro que uma vez foi o cônsul de Portugal foi lá e se debateu muito sobre as colônias, porque nesse ano... eu acho que isso aí foi em 69... 66, 67... foi 69, o cônsul de Portugal foi lá, a gente convidou e ele foi lá e se debateu muito sobre as colônia, porque nesse tempo tanto Moçambique quanto Angola ainda eram colônias de Portugal, ele, naturalmente como cônsul, defendendo a posição de Portugal e vários alunos atacando, contestando aquilo, tinha uma abertura, apesar de ser ditadura, tinha uma abertura grande

pra falar e, por conta disso, também por conta disso, desse forte viés de esquerda que a Escola tinha e que se refletia nos alunos, alguns foram presos e torturados, ainda como alunos da Escola, ainda como alunos da Escola...

Uma colega nossa, mesmo, que levou um tempo fora e a gente não sabia porque e depois... felizmente voltou, tá viva aí, bem até hoje, mas presa e torturada, né, presa e torturada. Tinha uma militância, né, chegou também a ser presidente do grêmio, então tinha uma repressão, sim, mas uma repressão externa, uma repressão externa. Na Escola, na Escola mesmo, ao contrário, era incentivado o... incentivado o debate, né?

[...]

me lembro bastante quando eu entrei no primeiro ano, também ainda em 66, das manifestações contra a Lei Orgânica do Ensino, não sei se... eu não tenho mais informação nenhuma, mas tava sendo discutido a implantação dessa Lei Orgânica do Ensino e o que se dizia, em 66, era que isso era uma forma de entregar o ensino pra iniciativa privada, tirar isso aí do Estado, o ensino público e gratuito e entregar pra iniciativa privada, então, eu me lembro... eu cheguei lá na Escola em 66, eu tinha dez anos de idade, eu me lembro da gente parar, a Escola como eu já te disse, era em Nazaré e a gente participando de passeatas, indo até a Praça da Piedade, o Centro, todo mundo lá gritando: “abaixo a Lei Orgânica, abaixo a Lei Orgânica...”, eu não tinha a menor ideia do que era a Lei Orgânica, mas, aparentemente, pelo que se desenvolveu depois, né, isso ocorreu de fato, essa privatização do ensino ocorreu de fato, porque hoje você vê... a classe média principalmente tá todo mundo em escola privada, que era minoria antes, era minoria antes...

Tinha, como eu lhe falei, as escola de... as escolas que a gente falava, as escolas de padres, as escolas da igreja católica... escola privada era pouco, agora, se foi consequência da tal da Lei Orgânica, exatamente o que é que era a Lei Orgânica, eu não sei. Lembro que teve um a resistência, chegou a ter greve na Escola, chegou a ter até outra coisa, outro detalhezinho, esse é mais interessante, que é uma curiosidade. A gente tinha uma cadernetazinha, todo aluno da Escola tinha uma caderneta, que era tipo um livrinho, tipo um passaporte, então, você chegava de manhã, pra entrar você tinha que apresentar a caderneta e essa caderneta era carimbada com a sua presença, todo dia tinha lá um funcionário e você colocava a caderneta em um quadro, era uma área enorme, que era pra todas as cadernetas da Escola, cada aluno chegava lá e colocava sua caderneta e essa caderneta toda vez era carimbada, isso inclusive era uma forma de seus pais controlarem

sua presença ou não, além da chamada na sala de aula, toda aula tinha chamada, para o professor atestar sua presença, mas pra você... você só entrava na Escola com essa caderneta e aí carimbava e nós tivemos uma greve, dois dias de greve, por isso que eu me lembro... a caderneta carimbada lá com a ausência, eu não sei se tinha alguma anotação específica que era greve ou uma ausência como outra qualquer, mas foi considerada uma ausência e você tinha uma presença mínima obrigatória, né, uma presença mínima obrigatória, que você podia até ser reprovado e ocorreu um caso desse mesmo, da pessoa ser reprovada por falta, você podia ser reprovado por falta e perder o ano mesmo.

Teve um colega que perdeu... na verdade ele passou em tudo, conseguiu ser aprovado em tudo... ele não era do meu ano, não... mas, não sei porque ele teve muita falta e foi reprovado e teve que repetir o ano por conta dessas faltas, então, existia uma penalização pela ausência...

Pela ausência, né, aí depois esse negócio dessa cadernetinha acabou e passou a ter somente o controle em sala de aula, que cada professor fazia ou não, a seu critério, tinha professores que não faziam, mas a grande maioria fazia no início a chamada lá “Diogo, presente, Raimundo...” e botava lá a sua presença ou ausência, que na universidade foi a tal da... você deve ter pego... era a tal da lista de presença, muitas vezes um assinava pelos outros, mas na chamada oral você não tem essa possibilidade, isso era um controle, né, é isso.

[...]

O colégio tinha uma série de incentivos que hoje você olhando em retrospectiva era umas ideias boas... tinha, por exemplo, o ensino de línguas você tinha condição de escolher o que você queria estudar, “não, eu quero estudar alemão... quero estudar espanhol... eu quero estudar inglês...” tinha oficinas de trabalhos manuais, trabalhos na madeira, tipo uma serraria para os que gostavam... eu mesmo odiava aquilo, nunca tive habilidade manual, tinha aquele negócio... aula de teatro, tinha grupos de teatro, aliás, as pessoas...

Eu falei de discriminação... essa discriminação existia e forte, contra a orientação sexual, então, as pessoas que tinham um interesse por teatro e tudo, muitas vezes independente de ser ou não, eram tachadas e discriminadas como homossexuais, isso era uma discriminação forte que, de fato existia, né, com as pessoas que eram vistas... independente de ser ou não... inclusive porque... se hoje já existe isso, imagine naquela época, já por conta da própria discriminação os homossexuais se resguardavam, não se assumiam, o que é

também uma lástima, mas existia, mas a Escola oferecia cursos de dança, então... dança, que eu me lembre, talvez até por isso só as meninas que se interessavam, eu nunca soube de nenhum caso de homem que tenha se interessado em... em fazer... apesar da UFBA ser muito forte nessa área, inclusive tinha um professor americano na época, Clyde Morgan, eu não sei se você já ouviu falar nele, mas se você for olhar a história da Escola de Dança aqui você vai ver o nome dele lá.

D - Ele dava algum curso no Aplicação?

R - Eu acho... eu não tenho certeza, mas o curso para os alunos do Aplicação, mas era na Escola de Dança, que era perto, o Aplicação ficava ali no Canela, no alto, a Escola de Dança era só descer ali a Padre Feijó e, então, as meninas, elas iam... Era uma turma, era na Escola de Dança, mas para os alunos do Aplicação, o Aplicação patrocinava isso, tudo gratuito, porque o Aplicação era gratuito e a UFBA era gratuita também, então, era tipo um convênio, né. Como a Escola era parte da UFBA, era como se fosse uma outra escola, uma escola particular só que aí seria mais difícil esse tipo de coisa, né, mas como tudo era parte da UFBA tinha essa possibilidade.

D - E os cursos de línguas também eram assim?

R - Não, os cursos de línguas eram lá na Escola mesmo, eu não sei se tinha algum convênio, eu nunca fiz, eu tive aula no Aplicação, tive dois anos de Francês dado lá, dois ou três anos de inglês, também dado lá, e dois anos de alemão, mas tudo na própria Escola, então tinha essa visão de não se ater ao currículo de dar alguma coisa a mais, né, artes plástica também, música, música... então, toda essa... tudo isso era oferecido, né, história da arte... a gente odiava a professora, mas tinha um curso de hist... tudo isso era oferecido, algumas coisa, por exemplo, música no primeiro ano era obrigatório, desenho também, mas era desenho geométrico, não era desenho... mas depois passou a ser opcional, então você fazia se quisesse, eu não sei se tinha alguma obrigação de você fazer alguma coisa, naquele cardápio todo que era oferecido, se você tinha que escolher alguma coisa, eu acho que sim, por exemplo, dança me parece que era uma alternativa à educação física, porque educação física era obrigatória e aí dança era uma alternativa, as menina de maneira geral, quase cem por cento optavam por fazer dança.

A gente tinha também o SOE, o Serviço de Orientação Educacional que... e a professora, a pessoa não sei qual era a formação da pessoa encarregada desse serviço SOE, ela tinha um

horário semanal com a gente, então toda semana, como se fosse uma matéria como outra qualquer, agora sem avaliação, sem nada. Toda semana aquela pessoa estava lá justamente pra ouvir o que a gente tinha a dizer, as queixas, as sugestões e tudo... então, era um negócio muito aberto, as dificuldades... inclusive atendimento individualizado, né, eu me lembro que no quarto ano do ginásio o SOE desenvolveu um trabalho sobre timidez, né, então aqueles alunos que os professores ou os outros alunos ou você mesmo, né, identificava como sendo tímidos o SOE desenvol... teve gente que... a própria pessoa... quem é tímido não é tímido toda hora é tímido em algumas situações e como mais ou menos a turma era sempre a mesma, você acaba se sentindo bem naquele meio, se sente bem naquele meio e não se mostra... que é tímido para falar, mas em outro meio você tem, em outro meio ou outra situação você tem dificuldade, dificuldades com as meninas, por exemplo, dificuldade para falar em público, então a gente teve pelo menos dois alunos que a turma não identificava como tímidos, nem os professores, mas eles mesmo pediram para participar disso.

Tinha também, isso aí é um negocio que até me... chatear é um termo forte... tinha um clube de lideranças, só que então aquelas pessoas que os professores, os orientadores identificavam como tendo um potencial de liderança eles faziam... eu como nunca participei, eu não sei como é que era, não sei o que é que faziam, que orientação eles recebiam, mas sei que existia, e o que eu me lembro que... que me deixou chateado, não é nada forte, nada disso, uma mágoa, nada disso...

Bom, mas se eu to lembrando disso é porque alguma marca houve, é que ao contrário da maioria das outras coisas, isso aí foi um negócio feito, era um negócio feito eh... meio... não era exatamente sigiloso, mas não era uma coisa divulgada, não era uma coisa divulgada, as pessoas que eram chamadas para participar, não sei qual era o critério, nem se havia critério, ou se só uma impressão... isso aí nada era divulgado e chegava lá, lhe chamavam em particular e diziam: “*Diogo, você gostaria de participar?*”

Novamente, eu não sei como é que era, porque eu nunca fui chamado e os colegas que eu acabei sabendo que foram, também não abriam, não abriam... então, provavelmente... até porque nessa idade todo mundo gosta de mostrar, então eu penso que muito provavelmente eram orientados pra não falar com os outros, não sei se pra não melindrar, pra pessoa também não se sentir muito cheia de si... não sei.

O fato é que havia esse treinamento de lideranças, mas não era uma coisa aberta. Eu não

sei o que se debatia, não era divulgado que existia, de modo que você pudesse pleitear ou as pessoas participarem... não, “reconheço que Diogo é uma liderança, acho que ele devia participar” apesar dos professores não acharem que você devia. Novamente, porque às vezes a pessoa tem uma liderança que aparece na sala de aula ou tem uma liderança, por exemplo, no jogo de futebol, mas na sala não aparece e essa parte esportiva, super importante quando você está na adolescência, mas não, isso aí era bem reservado mesmo, só participava aquelas pessoas escolhidas de alguma forma, que eu não sei como é que era, e nada disso aí transpirava, como eu tô dizendo, a Escola tinha essa preocupação grande de ampliar seus horizontes, isso aí a gente via muito no curso de português, os alunos do Colégio de Aplicação em português eram reconhecidos como muito fracos, por exemplo, em gramática, porque, praticamente, se dava e tudo, mas aí... a ênfase era principalmente em redação, em leitura de texto, leitura de romance e discussão disso, né, então, o forte era isso, interpretação de texto e tudo... e gramática era meio relegado, mas tinha essa preocupação de criar o gosto pela leitura, das ideias entrarem, discutia ali e sem restrição e a gente discutia de igual para igual, claro que isso aí varia de professor pra professor, tem uns que admitem mais e outros que admitem menos, mas tinha um incentivo na Escola para isso.

Voltando pra matemática... na matemática, não. Voltando à essas tais estruturas algébricas... na matemática, não. Acho que muito por mentalidade dessa professora era rígida, então, você podia tirar suas dúvidas e tudo, mas... não tinha muita abertura pra... no terceiro ano isso mudou até pelo que lhe falei... também no terceiro ano você já e bem mais velho, né, você já está com dezessete, dezoito anos, fim da adolescência pra alguns já entrando na idade adulta, a professora também já conhece demais aquele pessoal que está ali, então isso mudou um pouco, então, tinha até uma certa abertura pra... não vou dizer contestar, mas pra sugerir novas abordagens e dizer que discorda daquilo ou... ou concorda, mas, de uma forma geral, durante um tempo nesses sete anos que eu tive lá não era norma na matemática ter muito acesso, era bico calado e tirar as dúvidas com um certo... às vezes era com um certo temor, mesmo, um certo temor...

D - [...] O que ela fazia que lhe dava esse distanciamento, o que você se lembra disso?

R - Que eu me lembro, algumas cortadas meio bruscas e uma intransigência, por exemplo, com qualquer falta. Tinha a sineta, por exemplo, bate a sineta e você tinha que tá... existia a... você tinha a aula e existia um intervalo entre as aulas, né, você tinha uma aula de uma

hora de português, depois tinha um pequeno intervalo e tinha um intervalo maior então, no momento que tocava a sineta você tinha que tá na sala, de uma forma geral, diria que quase a totalidade dos professores não eram extremamente rígidos quanto a isso, não, mas ela, particularmente, inclusive, a impressão que eu tinha é que ela ficava na secretaria esperando tocar a sineta e no momento que tocava ela saía quase que correndo pra sala e, depois dela, ninguém entrava.

O que não acontecia com outros professores... também não permitia que... eu me lembro que uma vez, foi exatamente assim, tocou a sineta e ela saiu... a impressão que tinha é que saiu meio correndo, vamos dizer a porta era aqui, você vinha aqui e eu sou ela, né, aí os dois se apressando para ver quem ia chegar antes, quando ela viu – isso acontecia de fato – quando viu que ia perder, que o rapaz ia conseguir entrar, ela fez assim: “Aqui não entra mais ninguém. Aqui não entra mais ninguém.” O cara ficou retado, mas não podia fazer nada. Então, tinha um perfil... coisa que ninguém faria... tinha um perfil intransigente que, como eu tô lhe dizendo, foi mudando com o tempo a ponto de, no último ano, as pessoas frequentarem a casa dela. Foi um monte lá de adolescente de dezessete, dezoito anos, ia lá pra casa dela, almoçar, não sei o quê, aquelas festinhas, festinha mesmo, ingênua, né, mas, quer dizer, se sentia que esse perfil mudou muito. Eu acho que ela teve uma dificuldade pessoal durante... que fez ela piorar durante o curso... eu acho que ela tava noiva e o noivo morreu, não sei. Alguma coisa assim...

Ela já tinha esse perfil rígido e exigente que intimidava, né, teve, não tenho certeza, acho que teve isso aí que fez com que ela se tornasse mais intransigente... mas depois as coisas melhoraram, a pessoa começa a se recuperar, se refazer, né? e encarar a vida de outra forma. Por isso que lhe digo, sei que no terceiro ano praticamente todo mundo era amigos dela, coisa que não aconteceu com nenhum outro professor, dizer: “não, vamos na casa de Maria Augusta”, isso só aconteceu com ela, não sei se mais alguma turma, mas com minha turma aconteceu isso, as pessoas se tornaram amigos dela, inclusive tive a oportunidade já na universidade de encontrar com ela, porque ela ensinava na UFBA, no Instituto de Matemática, já na universidade tive a oportunidade de encontrar com ela e aí conversava, um relacionamento ótimo, não tinha mais aquela relação de professor e aluno, né, ela não era mais minha professora, um relacionamento ótimo. Depois ela se aposentou e tá por aí. Eu acho que ela e até um colega nosso falou que ela casou. “Maria Augusta agora é minha tia, ela casou com um tio meu.” Um colega nosso falou isso.

[...]

R - Pois é, casou com um tio meu...

[...]

Bom, eu posso falar também um pouquinho sobre aprovação e reprovação. Eu já falei, né, que tinham as quatro unidades, você tinha uma média em cada unidade, não tinha uma média do ano, como eu disse, as unidades eram estanques. Se você era reprovado em alguma unidade você tinha que fazer uma recuperação. Recuperação era uma prova feita logo depois, uns quinze dias depois que terminava a unidade, já durante a unidade seguinte, você fazia uma prova, se você passasse, tudo bem, se você não passasse caía no que a gente chamava re-re, a re-recuperação que era feita no fim do ano, mesmo que fosse da primeira unidade, só ia ser feita no fim do ano. Se você perdesse na re-recuperação, você ainda tinha uma última chance que era o tal do conselho de classe, né?

Então, normalmente, quem era reprovado só em uma re-recuperação, eles aprovavam, mas se a pessoa caía em várias re-rés e era reprovado em mais do que uma perdia, né, perdia o ano, então, normalmente acontecia isso, seu nome ia para o conselho – que ninguém participava, só os professores – quer dizer, você não tinha direito de defesa, de argumentar nada, eles diziam: “Diogo é esforçado e tudo mais, ele teve uma dificuldade inicial, mas foi bem, vamos aprovar ele.” “Raimundo, não.” - podia ser o mesmo caso - você foi para duas re-rés perdeu uma, eu também fui pra duas e perdi uma. “Não, Raimundo. Não, Raimundo é bagunceiro não se esforça, não tem tais atitudes...” – então, seu conceito, vamos dizer assim, contava também. Então, era uma última chance que tinha e normalmente quem... teve um caso mesmo, de uma pessoa que caiu em uma só, foi reprovada e perdeu o ano, que algum professor não gostava dele, né, quer dizer, isso é uma ilação, uma suposição, porque a regra era essa, se não tinha nenhuma restrição maior a você, você tava... era aprovado mesmo tendo perdido em uma ou duas RE... duas eu não sei, viu cara, se duas era reprovação automática, mas tinha essa última chance.

D - E se perdia saía da Escola?

R - Você tinha direito a perder um ano e repetir, se perdesse de novo saía da Escola, mas você podia perder mais de uma vez desde que não fosse... por exemplo, perdeu o segundo ano de ginásio, você podia repetir lá, quer dizer, você pode não, você tinha o direito. Era direito seu repetir lá, se você quisesse sair, naturalmente, podia sair também, não era obrigado a

continuar, mas, se você quisesse continuar a Escola não podia recusar sua matrícula, mas se você perdesse o segundo ano de novo, automaticamente você tava fora, estava desligado. Agora se você passasse, foi pro terceiro e perdeu o terceiro, não, você pode continuar.

Difícilmente as pessoas continuavam, né, perdendo. Quem repetia um ano normalmente repetia lá mesmo, era muito frequente você ter repetente lá, a não ser no terceiro ano, que as pessoas preferiam sair, fazer o terceiro ano em um cursinho pré-vestibular, fazia o terceiro ano em uma escola fraca e fazia o cursinho pré-vestibular, fazia o vestibular e normalmente passava, quase cem por cento das vezes, passava. Mas, normalmente, quem perdia um ano só, repetia lá mesmo, quem repetia dois, mesmo sendo alternado, você tinha o direito de continuar, mas normalmente as pessoas optavam por não continuar, até pra não atrasar muito, inclusive, para não ficar com uma defasagem de idade grande em relação aos seus colegas e, nessa fase da vida, dois anos pesa muito, então, seus interesses não são os interesses de um cara que tem dois anos a menos...

[...]

mas nessa fase da vida dois anos pesa muito, né, então, dificilmente quem perdia dois anos continuava... preferia ir para outra escola e fazia lá algum tipo de recuperação, que eu não sei como é que era e continuava e progredia lá e, normalmente cara, todos que os alunos, mesmo os alunos que no Colégio de Aplicação eram considerados [como] um aluno médio ou até mesmo medíocre, era destaque fora, não tinha problema nenhum, porque a Escola era muito boa, o nível de ensino era bem alto, tinha essa seleção inicial, que a gente já discuti bem aqui, que eu já falei demais, então, as pessoas que entravam eram mais bem formadas, né, e ensinavam muito bem. Então, as pessoas, quase cem por cento, mesmo alunos considerados fracos lá, quando saíam para outras escolas

[...]

então, via que não tinha problema nenhum, ao contrário, tinha gente que assim que se encontrou em outras escolas, porque às vezes tem essa discriminação também, o cara era um aluno mais fraco e aí é encarado dessa forma, aí o cara vai para outra escola, se dá melhor, é reconhecido, então a auto-estima vai lá pra cima, você via que as pessoas tavam bem e, praticamente, todos os casos acontecia isso: iam para outra escola e nessa outra escola você se dava bem era um bom aluno, fazia vestibular e passava, praticamente

ninguém perdia, mesmo nos vestibulares mais exigentes, tipo Medicina, Engenharia Elétrica, que eram os que me lembro... Direito, eu me lembro que eram os mais difíceis, na época, não sei, mas deve continuar mais ou menos isso. Então, mesmo nesses vestibulares mais difíceis, tipo medicina, vários que não fizeram, principalmente, o terceiro ano.

O terceiro ano ninguém repetia, você foi reprovado... nem o segundo, o segundo ano científico, o segundo ano de colégio e o terceiro científico, então, ninguém repetia, mesmo. Você fazia segunda época em qualquer escola e passava, né? tinham escolas conhecidas como “papai pagou, filhinho passou”, chegava lá fazia um exame qualquer, era aprovado, tinha o certificado de conclusão do terceiro ano e fazia o vestibular e passava, passava. O segundo ano também era a mesma coisa, o cara era reprovado no segundo ano, fazia segunda época, cursava o terceiro ano fora, fazia o vestibular e passava também. Nesse ponto acho que ninguém pode se queixar do Colégio, deu uma base muito forte pra gente em todas as áreas, exatas, biológicas, na parte de humanidades, também, então, todas as áreas deu uma base muito forte, muito forte, mesmo...

[...]

D - Quando você fez o exame de admissão, como era o exame? Além de concorrido, como era fazer? O que é que tinha? Era oral, escrito, como era?

R - Bom... Você se inscrevia e todo mundo se apresentava naquela... justamente, na antiga Escola de Filosofia, lá em Nazaré, eu me lembro bem disso, todo mundo se apresentava lá e aí era uma chamada, era uma chamada... “fulano de tal...” aí você era chamado, aí você subia uma escada, tinha o chamado salão nobre de lá, que era tipo um auditório, eu acho que as provas, – não sei se é isso que você está perguntando – isso aí é a forma, né, as provas eram feitas nesse salão nobre, que era um salão grande e, pelo visto, eu não posso lhe dizer, mas pra caber nós todos no auditório não devia ser uma concorrência tão grande assim, então, vamos dizer, eram trinta vagas não sei quantas pessoas tinham, mas não precisava ter tipo hoje que precisa fazer uma estrutura enorme... teve um tempo que os vestibulares eram feitos em... o vestibular que eu fiz ocupava várias escolas, a Escola Técnica, porque era muita gente fazendo, então não era tanta gente assim que fazia. Eu não sei quantas pessoas eram, mas era, que eu me lembre, era nesse auditório que, por maior que fosse, não devia ser tão grande assim e também não devia ser tanta gente fazendo, tanta gente fazendo assim, então, você chegava lá e tinha uma prova para fazer. A prova era totalmente discursiva, não tinha nada de múltipla escolha, múltipla escolha foi uma

criação mais recente, né, como eu lhe disse, eu fiz no final de 65, fui da turma de 66, eu fiz no final de 65.

Meu irmão, que estudou lá também, fez um ano antes, ele fez no final de 64, e foi da mesma forma, era prova totalmente discursiva, né, então, não sei qual foi a primeira prova, não me lembro mais a ordem das provas, acho que foi português, mas não tenho certeza. Então, você fazia a prova e a nota saía bem rápido tanto que eu eh... Eu me lembro bem até de um cara que ficou muito amigo meu, amigo-irmão, mesmo, D., que eu não conhecia ele, né, mas eu me lembro que ele tirou a maior nota acho que foi em português... logo depois você via lá a nota que você tinha naquela prova específica, eu acho que para passar, primeiro você tinha que passar, eu acho que a nota mínima para passar era cinco, mas pode ser outra. Então, nisso eu posso está totalmente enganado, mas tinha uma nota mínima para passar, eu não sei, como eu passei, não sei o que acontecia se você chegasse lá e sua nota fosse menor... acho que você já estava eliminado, então, provavelmente você nem ia fazer as provas seguintes, isso eu me lembro, eu me lembro bem, a gente viu a nota e D. tinha tirado a maior, eu me lembro quando chamaram, como era um nome diferente, D. [...], aí ele subiu e a gente “Pô, foi aquele cara que tirou a melhor nota...” e fazia as provas seguinte e, aí, a gente, tudo mundo menino, menino tem uma facilidade muito grande de conversar e, então, a gente ficava conversando e eu já conhecia alguns, que o meu quinto ano primário, que é a preparação para o admissão, eu não fiz em uma escola, porque antes disso eu morava no Rio de Janeiro, aí eu vim para cá, terminei o quarto ano primário no Rio e vim pra cá para Salvador, então, o quinto ano eu entrei em um tipo de cursinho, só que era um cursinho muito pequeno, né, um cursinho muito pequeno e quem fazia a preparação era até um cara que era major do Exército, porque o Exército tinha, inclusive, aqui tinha o Colégio Militar, que era muito forte, né, então os militares... isso aí já foi no tempo da ditadura, mas, independente, os militares tinham uma presença grande nessa educação, nessa educação secundária, né, e também na preparação para o Colégio Militar

[...]

R - [...] Não sei se você conhece – mas existe um colégio grande e continua muito bom, isso não foi uma criação da ditadura, não, essa presença militar no ensino secundário, já existia, né, e o quinto ano que eu fiz, esse curso preparatório pro admissão, era um cursinho preparado por um major do exército, mas um major reformado, porque ele foi um dos perseguidos pela ditadura, então, ele era professor do Colégio Militar, era o professor

Gulart, eu acho que o nome dele completo era Alberto Gulart Paes Leme, ele, inclusive, já bem depois, né, ele continuou a carreira dele de professor, né, aí chegou a botar cursinho pré-vestibular, ele era um dos sócios do, se não me engano, do Sartre, cara, quando começou o Sartre, atualmente, para dizer a verdade, não sei nem se ele é vivo, se for vivo já deve estar bem velho, mas ele era sócio desse colégio aqui, desse... Portinari, ele era um dos sócios, do Sartre, esse professor, então, ele foi um perseguido pela ditadura, foi preso e tudo mais e passou para a reserva, pra reserva, né, eh... compulsoriamente, tipo, aposentaram ele obrigatoriamente, então, aí a forma que ele tinha de se manter foi criar esses cursinhos, então ele preparava a gente para o vestibular e também pro exame de admissão. Ele era professor de história, né, mas... até porque para você preparar pessoa pro admissão, por exemplo, seu conhecimento de matemática não precisa ser um conhecimento profundo, ou ciências, ou português, não precisava ser um conhecimento profundo, é um conhecimento suficiente pra um menino de dez anos de idade, né, que uma pessoa bem formada, ainda mais um professor, um professor renomado como ele, tem, né. Então, ele ensinava todas as matéria, ele mesmo ensinava todas as matérias, história, português, geografia, e ele era muito criativo, então, em geografia ele fazia umas competições, então ele botava eu para competir contra você, aí tinha lá, tanto que até hoje eu sei tudo que é capital (risos) do mundo, né, então ele botava o mapa na parede e ficava eu aqui e você ali, e ficava cada um com dois alfinetes, aí ele dizia, ele dizia lá: “Inglaterra e Argentina” aí você tinha que ir lá e espetar nas capitais, você tinha que ver onde estava Londres e Buenos Aires e chegar lá e espetava. Eu saía correndo daqui e você saía correndo dali...

D - Pra ver quem espetava primeiro?

R - É, exatamente, para ver quem espetasse primeiro, ganhava e eu me lembro que ele fez essa competição em todos os continentes, aí você foi campeão da Américas, você foi, foi isso... então, ele era muito criativo e incentivava, então a gente fazia redação, aí ele botava lá, escolhia uma “não, foi a mais interessante.” Aí ele ia ao cara que fez a mais interessante, eu me lembro bem de uma...

[...]

Eu me lembro bem de uma redação, que... de um colega meu que, aliás, acabou indo até para o Aplicação também, C., [...] que o tema da redação era minha festa favorita, né, então, todo mundo faz natal ou seu aniversário ou alguma coisa, né, e esse colega fez uma redação sobre o São João, surpreendente porque em capital não tem essa... Aracaju até que

tem São João mais forte, você como mora no interior, Amargosa, mesmo, pois é... então, ele fez uma redação sobre o São João e, entre outras coisa, ele botou lá: “nesse último ano eu estava num acampamento de escoteiro”, mas mesmo assim foi super interessante – e deve ter sido mesmo – aquele casos de meninos, aqueles instrutores devem ter feito lá uma fogueira e não sei o que e, é claro, né, o professor reconheceu e colocou lá como original, interessante, aí ele era uma pessoa super criativa, além de ensinar bem era uma pessoa super criativa, então, esse foi o preparo e, agora, a intenção dele, até pela formação, pela história, era formar a gente pra fazer o exame de admissão pro Colégio Militar, que era isso que repercutia, então, curso tal preparou, o cara passou em primeiro lugar, né, apesar do marketing na época ser muito fraquinho, né, isso é uma coisa que sempre repercute, acaba que a maioria fez, principalmente os melhores alunos, era um cursinho bem pequeno, éramos, talvez, sete ou oito alunos, até isso que dava a oportunidade de ter esse negócio, de fazer essas competições, essas coisas, né... Então, isso é que...

Então, a gente já conhecia, já se conhecia e alguns que foram lá fazer o exame de admissão pro Aplicação, né, uns, inclusive, fizeram para o Aplicação e pro Militar também, porque o Colégio Militar exigia que pra você fazer o admissão deles, você tinha que fazer e ser aprovado ser aprovado em outro lugar, ele exigia isso, eu não sei se já tinha que tá com a aprovação, eu acho que sim, até um primo meu fez lá pro o Aplicação, passou, mas o que ele queria mesmo era ir para o militar, ele até se arriscou porque o exame de admissão do Aplicação era difícil, né, em geral as pessoas faziam pra um colégio onde fosse mais fácil passar, já tinha aquilo garantido e depois fazia pro Militar, então... pois é, várias pessoas faziam pro Aplicação.

Aí, eu tava lá com um desses amigos meus, que tava fazendo o exame de admissão também, eu acho que quase todo mundo passou, desses sete ou oito, pelo menos quatro passaram, outros acho que não fizeram para lá, fizeram pra outras escolas, o Severino... não me lembro exatamente. Tava conversando com um amigo meu, menino conversa com todo mundo, e um outro lá que a gente não conhecia – depois até passou e se tornou meu amigo também –, estava conversando lá com eles, aí – gozado como são as lembranças – ele lembra de um jeito, esse amigo que a gente não conhecia...

Estávamos conversando nós dois, e aí como é que foi não sei o quê... o que eu lembro é que naquela história de... menino entra naquela competição, né, que... ele fez uma pergunta pra gente, uma coisa de ciências, meio ligada à biologia, mas aquela biologia bem

rudimentar dessa época... ele fez uma pergunta para gente e a gente não sabia. O que eu me lembro é isso, ele perguntou pra mim e pra esse outro amigo, ele fez uma pergunta e a gente não sabia. Já ele, porque a gente conversou depois, ele lembrava diferente, ele lembrava que ele tinha perguntado a coisa mais difícil que ele sabia e a gente sabia, então, cada um tem sua lembrança, né. Eu não sei, cara, agora pensando, se as provas eram em dias seguidos, porque você tinha acesso à nota, né, então, tinha que ter um tempo para corrigirem, que era tudo discursivo, publicarem a nota no quadro... você ia lá e via sua nota, né, então, acredito que não fossem em dias seguidos as provas, também não me lembro quantos, tinha prova de tudo, português, matemática, história, geografia e ciências, né, acho eram essas.

D - Provas orais?

R - Não. Tudo escrito, mas discursivo, nada múltipla escolha, tudo escrito. Agora não me lembro mais nada de como é que era, se tinha algum texto pra interpretação, não me lembro, realmente não me lembro. A única coisa que me lembro, foi minha nota em matemática, que eu tirei nove (risos) isso eu me lembro, isso eu me lembro, até esse primo meu que eu disse que foi para o vestibular, pra o militar, ele tirou nove e meio.

D - O que caía na prova você, não lembra?

R - Não me lembro de jeito nenhum. Não me lembro de jeito nenhum. Matemática devia ter alguns problemas, alguma coisa de regra de... regra de três, talvez né, alguma coisa de regra de três, mas, de jeito nenhum... e também não era publicado... teve gente até que depois me disse que sabia a classificação, mas não me lembro disso ter sido publicado, não. Passei e pronto, claro que eu sabia minha média, porque eu vi lá todas as minhas notas, mas foi aprovado e pronto. Agora, não me lembro de ter publicado uma classificação: primeiro, segundo, terceiro... não me lembro mesmo.

D - O senhor falou, no começo, que a chegada no Colégio... estranhava. Era um Colégio diferente o ensino de matemática, por exemplo. Quais eram as diferenças, o que é que o senhor percebia de diferente de sua experiência escolar?

R - Bom, isso não só a matemática, mas o ginásio como um todo. Primeiro, o grande estranhamento que tem é o tamanho da escola, apesar da escola ser pequena, para mim era grande, ainda mais que minha última experiência tinha sido nesse curso de admissão que nós éramos sete ou oito, então, cheguei numa escola estranha e com uma sala, que hoje é

uma sala ínfima... com vinte e cinco pessoas. Eram duas turmas de a cada série, né, com no máximo, trinta pessoas, mas pra mim isso era...

Além de que, tinha os alunos também da Faculdade, os alunos da Faculdade de Filosofia, mas não me lembro de nenhuma interação com eles, mas tinha os das outras... os das outras séries e todos mais velhos que você, então, você já tem esse estranhamento que você é o mais novo, é o menor, né. Tem uma coisa que acho que todo mundo sente, que no curso primário, né, você tem um professor só, você tem um professor só, que dá todas as matérias e no ginásio, com exceções, né... por exemplo, eu me lembro que no primário o professor de inglês era professor de inglês, normalmente era professora, mas dava tudo, português, matemática, ela era que dava tudo, algumas coisas específicas como inglês, você tinha um professor específico que, inclusive, eu tive professor homem, o que também era um estranhamento do primário, porque a imensa maioria era mulher, né.

Outra coisa que também... isso aí não, porque inclusive meu exame de admissão foi com esse major que eu lhe falei, né, você começa a ter professores homens mais do que no primário e tem vários professores, né, então, quem vem lhe dar aulas de matemática é uma pessoa, quem vai lhe dar aula de geografia é outra, história é outra, então, o contato é muito menor, a relação que você forma com o professor é muito menor... então, você tinha aquela professora, que era a professora do dia todo, e você passar a ter aquela pessoa que chega, dá aula e tchau. Então, isso causa também.

Outra coisa que aconteceu, mas isso aí foi um caso muito particular, é que no ano que eu entrei, na verdade no ano anterior, no ano de 1965, eles abriram também uma preparação pro admissão, então, algumas pessoas fizeram esse curso preparatório pro admissão lá no próprio Colégio e também, naturalmente, em grande número passaram, né, novamente porque o Colégio preparava bem e, naturalmente, preparava pra aquilo que Ele ia pedir, então muitas pessoas passaram, então eu cheguei... você chega em uma turma em que a grande maioria é estranho, inclusive porque, como eu lhe disse, do pessoal que fez o quinto ano primário comigo, passaram eu e mais três, os outros três foram alocados na outra turma e eu fiquei sozinho aqui, então eu me senti... você chega meio... e eu sou uma pessoa tímida, né, você fica meio desambientado, mas isso é uma coisa muito específica, então, já tem esse estranhamento de ir para uma escola maior, apesar de ser uma escola, para os padrões de hoje e até mesmo da época, uma escola pequena, com poucos alunos na sala, mas para mim era muita gente, tem o tipo de relacionamento e os professores que mudam,

ao invés de você ter um professor só, você passa a ter cinco, seis, sete, seja lá quantos forem, e tem o próprio ensino...

O ensino da matemática me marcou bastante porque eu nunca tinha visto nada daquilo, o que a gente via no primário eram probleminhas, aquelas coisas, primeiro tabuada, conta, aprender a fazer contas, um probleminhas ou outro e eu já não me lembro mais muito além disso. Você começa a ver de uma forma diferente e foi como eu lhe falei, a gente começou por teoria dos conjuntos, né, então, o que é que é um conjunto? O que é que é um elemento? Aí fica aquele negócio meio etéreo.

– O que é um elemento?

– É tudo aquilo que está dentro do conjunto.

– Conjunto pertence a um elemento?

– Não! o elemento pertence a um conjunto, mas um conjunto pode estar contido em outro conjunto...

Então, essas coisas é que me causou um estranhamento, mas um estranhamento, como eu te disse também, até agradável porque não tinha número, né? Era uma matemática diferente, então isso eu me lembro bastante, né.

E também outra coisa... mas é que a minha experiência foi essa, eu não posso lhe dizer se era uma coisa geral, era a ausência de cobrança, também. Por exemplo, a professora orientava, você tem que fazer tais e tais exercícios e não ia verificar se você fez ou não, acostumado no curso primário que você tinha que fazer tais e tais exercícios, entregava, ela corrigia. Aqui não, é bom fazer tais e tais exercícios, mas não... você fazia se quisesse, em geral não tinha um dever de casa, tarefa de casa tinha muito pouco, então cabia a você mesmo se orientar e fazer, e isso era mais ou menos escolhido... minha experiência foi a experiência do Colégio de Aplicação, não sei se nas outras escolas era assim, mas lá não tinha muito essa cobrança. Naturalmente você ia ser avaliado depois, ia fazer a prova, tinha que ter estudado senão você seria reprovado, mas não tinha essa... “deixe eu ver se...” às vezes tinha, você tinha os trabalhos para entregar e tudo, mas não tinha essa cobrança cotidiana, que eu me lembre, o impacto foi mais esse.

D - Você falou que o ensino de matemática chegava a ser lúdico, por quê? Tinha materiais e tal?

R - Não. Era a minha sensação daquele trabalho de verificar se tal conjunto tava contido naquele, se era um conjunto vazio. Era quase como... como eu te disse, como palavra cruzada, era uma sensação minha, não tinha.

D - Blocos lógicos?

R - Eu só me lembro, cara, uma vez estudando geometria espacial que a professora pediu, foi até um colega nosso, foi até esse cara dessa redação que eu lhe falei, dessa redação sobre o São João, que fez. Ela pediu pra fazer tipo um figura tridimensional, na verdade tipo uma... com três planos, um assim, outro assim e um outro cruzado, que ele fez de papelão, para ilustrar, para ela usar para ilustrar as aulas de geometria espacial. A única coisa sólida que eu me lembro que teve, nunca vi nada, nenhuma outra... jogos, ou associação, ou cartas pra estudar análise combinatória, que, aliás, isso teve também análise combinatória, estudo de probabilidade, acho que isso aí foi no segundo ano de colégio, análise combinatória. Acho que... arranjo. arranjo com repetição, combinação, que é uma coisa que você pode usar, né, probabilidade você pode usar dado, pode usar carta... nunca, nunca.

D - Não era usado?

R - Não. Nunca. A única coisa que eu me lembro é isso que esse colega fez... esse negócio de papelão, para ela usar para ilustrar, né, usar para ilustrar nas aulas.

D - O senhor falou, o senhor mesmo citou “Matemática Moderna”.

R - Isso.

D - Como é que essa palavra, essa expressão, aparecia no Colégio, era justificado para vocês o que era aquilo que estava acontecendo?

R - Exatamente. Era apresentado para a gente como se fosse... “não, a matemática moderna.” Quer dizer, estava havendo uma mudança no ensino da matemática, então por isso não se adotava os livros textos normalmente utilizados pra matemática, utilizavam essas apostilas que eles tavam desenvolvendo, esse grupo liderado por Omar Catunda, tava desenvolvendo aqui na UFBA eu não sei a abrangência nacional disso, não sei se era um movimento nacional, mundial, não sei... o que passava pra gente é que era matemática moderna em oposição ao ensino da matemática de até então, que eu, francamente, não sei me posicionar frente a isso, como é que era feito antes se realmente tinha a ver chamar isso de matemática moderna ou se era só um rótulo, eu não acredito, porque era umas pessoas bem sérias que

faziam, era desta forma que era passado pra gente.

D - É essa pergunta que estou lhe fazendo, mesmo: era dito para vocês, isso aqui estamos fazendo porque é matemática moderna...

R - É.

D - Era explicado?

R - Passavam para a gente dessa forma, que era uma mudança no ensino da matemática e essa matemática moderna era ensinada dessa forma, agora, no que eu me lembre, também nunca foi passado como era antes, o que seria dado... tá vendo aquilo ali no lugar de que, ou de que forma, né, então, isso aí eu realmente não sei.

D - As aulas de geometria eram separadas das aulas de matemática?

R - Não, não. A geometria... o que tinha era desenho geométrico, por exemplo, se eu desenhar um círculo ou um quadrado inscrito ou circunscrito essa... as formas de você fazer isso com esquadro, compasso, né.

D - Isso era fora da aula de matemática?

R - É, isso era no curso de desenho, que tinha um pouco de desenho artístico, até eu odiava também, até porque eu sempre desenei muito mal... tinha desenho artístico também, mas tinha esse desenho geométrico, você fazia projeção, né, esse tipo de coisa, que leva um pouco, acredito eu, para geometria descritiva, né, eu nunca estudei geometria descritiva, no curso de geologia a gente não faz

[...]

R - [...] eu acho que leva um pouco para isso, mas posso estar falando bobagem, mas era mais isso, o uso do esquadro, traçado de retas paralelas, esses métodos de bissecção de segmento, esse tipo de coisa, agora, a geometria era dada no curso de matemática, a geometria espacial, a geometria analítica... tudo era dado. Teorema de Pitágoras, Teorema de Tales, tudo isso... simetria, tudo era dado em matemática, isso aí, se eu não me engano, foi mais segundo e terceiro ano de ginásio, essa parte de geometria, teorema de Tales, que eu até tinha uma dificuldade de entender o Teorema de Tales, uma dificuldade danada. Depois você vai ver... Pô, era isso? O teorema de Tales, essa parte de geometria... foi muita coisa no terceiro ano de ginásio.

D - O senhor lembra mais alguma coisa de geometria? O conteúdo de geometria, como é que

aparecia, o que mais aparecia de geometria? O senhor já falou do teorema de Pitágoras, de Tales...

R - Tinha muita coisa do estudo de triângulos, cálculo de áreas, depois geometria espacial teve muito estudo de cônicas, com intercessão com o plano, geração de cone, de hipérbole, de elipse. Mas isso aí já no curso colegial, essa parte de geometria espacial, no ginásio era mais geometria plana, triângulo, cálculo de área, traçado de triângulos equivalentes, esses problemas de geometria, relação entre lados e ângulos, trigonometria, tudo isso era dado, agora, especificamente...

D - Conceitos topológicos apareciam? dentro, fora...

R - Olha, eu me lembro dessa professora falando de topologia, mas do pouquíssimo que eu sei topologia, topologia parece que é algo que vai muito mais... só a existência da topologia, não como no... não creio que levasse para dentro desses conceitos, não, cara, que eu me lembre, assim, não. O que tinha, que eu me lembro bem de geometria era, principalmente, o estudo de triângulos, projeções, bissecção, cálculo de área, área do triângulo, área do cone, área do cilindro, volume do cilindro, volume do cone, esse tipo de... círculo, também, tangente, secante, e as relações trigonométricas, né, isso eu, isso eu me lembro.

D - Você consegue lembrar se era uma geometria estática, ou tinha transformações, ampliações de figuras, redução...

R - Era mais estático mesmo, mas não sei se..., por exemplo, o conceito de triângulos equivalentes ou homotéticos... tinha, se usavam essas expressões, expressões que na verdade eu já nem me lembro mais (risos) É equivalente que chama?

D - Congruente?

R - Falava de congruência, até me lembro de uma questão: “dois ângulos congruentes são iguais ou são só congruentes?” A resposta era que não. Não são obrigatoriamente iguais. Então isso se discutia, congruência, equivalência, homotetia... Eu na verdade não me lembro nem mais o que é homotetia. Eram triângulos equivalentes, sim, que as proporções são iguais, né isso? Triângulos equivalentes, não sei se é isso que você tá falando de transformações, ou são transformações no espaço... você tá falando isso e eu já tô achando que não...

D - Eu tô falando só para você tentar lembrar como a geometria aparecia, se eram as figuras,

se mexia nas figuras, ou não.

R - Não. Eu acho que era muito mais geometria plana, mesmo, e aí os postulados de Euclides, ela chegou até a citar, isso eu me lembro também, que os postulados de Euclides não são demonstráveis, que existem outras geometrias não-euclidianas e que você... geometrias não planas e que você usa: se você tem uma reta e um ponto fora dela, você pode traçar não uma, mas infinitas ou nenhuma, ou que as paralelas podem se encontrar, então citar que a geometria euclidiana era um caso particular e que aqueles postulados são aceitos sem demonstração, como evidentes, mas sem demonstração.

Ela até argumentou: “não, que a pessoa que tentou demonstrar, tentou demonstrar por absurdo e achava que rapidamente ia encontrar uma contradição, mas desenvolveu... é Lobachevsky, não sei... tentou demonstrar por contradição, achar um absurdo e... e nunca encontrou e formou uma nova geometria que acaba indo pra aqueles espaços de Reimann, mas nada disso era visto... tudo isso foi coisa que eu vi depois... mas que os postulados de Euclides eram um caso particular, que a geometria plana é que era aquela que a gente encontrava no nosso dia-a-dia, né, isso eu me lembro.

D - Mas ela não falava das outras...

R - Não, não.

D - Só citava a existência?

R - ... Lógica matemática, muita coisa de lógica matemática. Até me lembro de uma palestra com o professor Omar Catunda, que ele foi lá dar uma... como eu disse, eles levavam pessoas de fora... aí... discutindo a lógica aristotélica e uma coisa que sempre causa um incômodo nas pessoas é a implicação, né, a $a \text{ implica } b$, então, se falso implica falso é uma verdade, segundo uma lógica aristotélica, ele disse: “não, isso aí você usa toda vez em sua vida” – um exemplo que ele deu –, “isso aí você usa toda vez em sua vida quando você diz: se acontecer isso então minha vó é uma bicicleta...”, então, é um falso implicando num falso, então você usa isso, você usa isso... então, a gente estudava bastante lógica, bastante lógica... inclusive, no ginásio em conexão com a teoria dos conjuntos, né, então, isso estudou bastante. Não foi o que você perguntou, você perguntou sobre geometria, mas uma coisa faz lembrar outra. A lógica aristotélica... o *e* o *ou*, o *ou exclusivo*, *ou exclusivo*, pouco, mais geral era o *ou inclusivo*, *implicação*, *equivalência*, essa parte de lógica aristotélica.

D - Quando é que estudavam isso?

R - Rapaz, olha, que eu me lembre, a gente começou a estudar desde o primeiro ano de ginásio, desde o primeiro ano de ginásio a gente começou a estudar.

D - Me fala como era a relação com os colegas. O senhor parece que gostava muito da matemática e se divertia, mas isso era algo que se percebia em todo mundo...

R - Não, não, exceção. De uma forma geral, exceção, tinha aqueles bons alunos em matemática e, mesmo dentre aquele que saíam bem, ou relativamente bem, tinham aqueles que se esforçavam pra passar, mas não mostravam um gosto maior. Então, não era regra geral, não. Ao contrário, de uma forma geral, as matérias que representavam uma ameaça eram, justamente, português e matemática, então, não tinha uma afeição particular pela matemática, tinha algumas pessoas, sim, que gostavam e tinha aptidão pra aquilo, mas não era uma regra geral.

Gozado que parece que isso foi diminuindo, agora que a gente vai lembrando... parece que isso foi diminuindo... que quando chega no terceiro ano até aquelas pessoa que se achavam que gostavam mais ou menos já não estavam com tanto gosto, com tanta dedicação pra aquilo. Mesmo as pessoas que se saíam bem, que você via que tinham uma facilidade com aquilo. Vários se mantiveram, né, inclusive na Escola tinha uma valorização, né, do raciocínio levado pra as ciências exatas, tinha essa cultura, que as pessoas que eram boas nas ciências exatas, matemática, física, tal e coisa, eram olhadas com uma certa admiração, sim, talvez até porque não fosse regra, então, é isso.

D - Como é que... o senhor fazia parte do grupo de status na matemática?

R - Isso.

D - Vocês se reuniam fora do horário das aulas para estudar em grupo?

R - Não, não, não tinha... a gente estudava muito mais independente disso, com as pessoas que a gente tinha mais afinidade, uma relação de amizade e, às vezes, até também muito levado pela proximidade, pela vizinhança. Nunca tive, não tinha essa formação de... tinha as equipes, que eu lhe falei, que era uma cultura forte e você se relacionava muito com aquelas pessoas e as equipes eram formadas muito mais por outro tipo de afinidade, por amizade ou proximidade, vizinhança, do que por esse tipo de interesse: o pessoal que é bom em história, o pessoal que gosta de ler, não. Em geral era mais misturado.

D - E aí, quem sentia mais dificuldade contava...

R – É, contava com a ajuda de uns e outros ou se virava sozinho, mas não tinha grupo de estudo, “vamos estudar matemática”, não. Você estudava todas as matérias junto com aquel... Eu, pessoalmente, sempre fui mais de estudar sozinho, mas estudava em grupo também, mas com aquelas pessoas que são meus amigos até hoje. As melhores amizades que eu tenho foram trazidas desse tempo, independente de ser mais forte em português do que eu, mais fraco em matemática, não tinha muito isso, não.

D - O senhor ficou um ano em Nazaré, quando a Faculdade de Filosofia era grudada no Colégio de Aplicação, aí depois foi pro Canela no ano seguinte. O senhor lembra dessa relação com Faculdade de Filosofia, no sentido dos professores da Faculdade de Filosofia no Colégio de Aplicação... Maria Augusta era substituída por alguém da Faculdade de Filosofia? Como era isso?

R - Era sim, isso acontecia. Eu me lembro que a gente chamava esse pessoal de aplicantes, “os aplicantes”, era um nome assim... porque isso aí eram alunos, né, eu não sei, provavelmente eles eram estudante de licenciatura, né, eu não sei... mas, eram alunos!

Acontecia o seguinte: normalmente eles ficavam sentados no fundo da sala, a professora tava lá e ficavam três ou quatro aplicantes lá no fundo da sala assistindo a aula, né, e substituíam a professora. Eles davam, não sei se uma unidade inteira, sei lá... eu já não me lembro mais o período, quinze dias de aula... algumas substituíam assim, às vezes até sem a presença da professora. Todas as matérias tinham isso, geografia, química, matemática, português e, naturalmente, como todo lugar, tinha aplicantes melhores e piores, né.

Hoje eu me coloco na pele deles, a pessoa devia ir para lá meio insegura, por dois motivos, primeiro porque ia falar na frente de vinte, vinte cinco, trinta adolescentes... e incentivados a contestar, porque... talvez uma pessoa mais tímida, e tinha isso, claro, todo lugar tem os mais seguros e os mais tímidos, então, tinha uns que se saíam bem e tinham outros que não o pessoal não respeitava de jeito nenhum, então acabava até tendo dificuldade, ficavam lá perturbando a aula, fazendo piadinha e tudo... e eles não tinham pulso para manter a disciplina, seja se qualquer forma, ou com ascendência moral ou na repressão, acontecia sim. Também não era regra, até porque se fosse regra, iam interromper, iam interromper...

Além disso, eles estavam sendo julgados também, porque a professora, pelo menos no princípio, ficava lá assistindo a aula dele então, provavelmente, faria uma avaliação dele,

“ó, Diogo está inseguro, Diogo não se preparou, Diogo se saiu muito bem...” e os alunos reagiam a isso, se chegava lá uma pessoa segura e que sabia transmitir, que tinha pulso, você respeitava mais, senão você respeitava menos, o que acontece sempre...

Agora, isso diminuiu muito, viu? Não sei se... mas não me lembro dos últimos tempo de ter, não. Nos primeiros tempos, no ginásio, tinha bastante aplicantes, bastante. Então, todas as matéria tinham. Já no curso colegial, eu não me lembro assim tanto, um ou outro, diminuiu bastante os aplicantes, porque a ideia, inclusive chamava Colégio de Aplicação, acredito eu, até por causa disso, onde seria aplicadas as novas teoria e seria feito o treinamento dos novos professores, né.

D - Lembra de diferenças entre as aulas deles e as aulas dos professores, com relação ao método?

R - Não. Ao método, não. Me lembro, assim, uma lembranças bem difusa, que quando o aplicante era suficientemente bom para você achar que não tava caindo o nível em relação ao professor, a gente respeitava como o quê, mas é uma lembrança bem difusa, não lembro de nenhum caso específico, nem pro mal nem pro bem, de algum que tenha marcado como muito bom nem de nenhum que tenha sido um fiasco total. O método não mudava, os métodos não mudavam, continuavam todos os trabalhos de equipe e tudo, a matéria também não, era apenas a pessoa que ia ensinar.

D - E Maria Augusta, como é que o senhor descreveria a professora, se fosse dizer quem era Maria Augusta.

R – Bom, eu ia falar dessa transformação, mas o que eu me lembro era uma pessoa altamente comprometida, muito bem preparada, que sabia a matéria que ensinava e sabia transmitir, porque isso também acontece, muitas vezes a pessoa sabe muito a matéria, mas não sabe transmitir, imagino também que ensinar nesse nível deve ter... – eu ensino bastante, mas é em outro nível, então você pega uma pessoa que já está em um nível próximo ao seu, não exatamente, por que senão você não teria o que ensinar a ele – mas, eu imagino que ensinar a um menino de doze, treze anos, você sendo uma professora que, inclusive, dá aula na universidade, com um conhecimento muito maior, é uma coisa que pra você é trivial, então, isso aí exige uma habilidade específica e ela tinha, então, ela tinha tanto conhecimento seguro, naquilo que ia ensinar, como uma facilidade de transmitir.

Ela tinha uma didática muito boa mas, como eu lhe disse, uma pessoa muito rígida e

inflexível, que não dava essa abertura pra questionar, para contestar, nem pra tirar dúvidas, pelo menos essa era minha sensação, e era uma sensação generalizada, pelo que eu sei, não era só minha, não, era uma sensação generalizada, mesmo para tirar dúvida você tinha medo de “não entendi, pode explicar...” claro que existia essa possibilidade, também não era um regime ditatorial, mas tinha uma barreira grande que não tinha com outros professores, pra você ver que não era uma regra da Escola, era uma coisa muito da personalidade dela, tinha professores até piores, professores até piores...

[...]

R - Pois é, tinham professores, né, também, raros, né, porque também tem aquele negócio de perseguir um o outro, ou marcar um ou outro, ou ser extremamente intransigente. Não era regra. A regra era, ao contrário, era muito mais abertura e uma formação liberal. Ela era mais pro outro lado, era rígida, inflexível, mas era uma pessoa justa. Era uma pessoa justa, então, não tinha esse negócio. Ela podia não gostar de você, mas se você fosse bem, você ia passar, se você fosse bem, você ia passar... então, a imagem que eu tenho dela principal é essa, uma pessoa muito bem preparada, com a capacidade de ensino e de transmitir ideia boa, mas rígida e inflexível, mas justa. Então, em... em resumo, é isso.

D - [...] aproveitando sua fala, que não era um regime ditatorial. A ditadura e o Colégio, o senhor já falou que no Colégio havia muita liberdade, mas você também citou colegas que foram presos ainda durante a escola.

R - Isso.

D - Como era lidar com esse espaço, admitido sem censura na escola e, ao mesmo tempo, com limite extra, fora.

R - Rapaz, viver em ditadura, você agradeça por não ter pego, peso não é tão... mesmo porque a gente era menino. Mas viver em ditadura não é fácil, tudo restringido, música censurada, né, Aí tinha aquele negócio, “não...”

Bom, não existia cd, nem fita, na época... você deve conhecer o vinil e o... os compactos, né, então, e também a grana era curta, né, então, tinha muito lançamento de compacto, né? Que lançavam música, né, “Aí, não sei quê, vai ser proibido, vai ser proibido...” Aí você corria para comprar, você corria para comprar. Aquela música, *Apesar de você*, de Chico Buarque, mesmo, foi uma dessas que foi lançada, a censura não percebe as coisas, depois que percebe e proíbe. “vai ser proibida...” aí você corria pra comprar. Então, tem, tem...

tem e... francamente, eu acho são marcas que você leva pra sua vida toda, aquele medo de polícia, tremendo, aquela desconfiança, isso aí até mais na Universidade, menos no tempo da escola, apesar disso ter acontecido, mas tem uma coisa – depois lembrar de falar – então, aquele negócio de você ter colega – isso na Universidade, na Escola, não – de ter colegas que você desconfia que são dedo duro, eu tive essa experiência, de ter colegas que se desconfiava e alguns até depois se confirmou que eram de fato – não no Colégio, na Universidade – no Colégio a gente tinha um... um curso de Educação Moral e Cívica, que foi uma matéria que a ditadura impôs, né, porque não existia no currículo anterior e na ditadura impôs, Educação Moral e Cívica. O nome já diz o que era a ideia, mas lá era um outro espaço de discussão, apesar da gente morrer de medo do professor, porque a gente achava que o professor era um dedo duro, que era alguém que tava lá para espionar, mas não era, depois a gente até conhece as pessoas e fica sabendo, defendo Elcinho, era estudante de sociologia – não sei se era sociologia ou era história, não sei se era estudante ou se já estava formado – então, era um outro espaço para discussão e se discutia tudo e... com várias visões.

Mas, tinha medo, tinha esse receio, então no princípio até as pessoas se seguravam nessas aulas. Não se expunha tudo que você pensava, ou ficava aquela fantasia, não. “Isso aí eu posso ser preso, não sei quê, tal e coisa...” tinha, de fato, esse entorno... e teve passeata com repressão e tudo, você correndo da polícia, tinha tudo isso, tinha tudo isso. E foi também o tempo em que as drogas estavam entrando, as drogas estavam entrando, existia, na Escola existia, mas muito pouco, mas existia, rolava uma maconha um, um, um.. pouco, mas existia. Então, tinha essa parte de repressão política, que não era da escola. Eu acredito, eu não sei, mas eu acredito que os professores e diretores da Escola sofriam essas pressões.

D - Mas não chegava até vocês?

R - Não, não. Assim diretamente não. Aconteceu, como eu lhe falei de gente ser presa, ir presa e torturada.

D - Mas digo, não chegou isso até vocês a mudança nos professores, eles seguiram... os professores que eram abertos e democráticos.

R - Isso. De ter sentido isso via professor, não. Os professores terem mudado de postura, ou terem sido substituído por outro por motivo de visão, isso nunca aconteceu, nunca

aconteceu, até onde eu sei, ou comigo ou com os meus professores, com os professores de minhas turmas. Nunca aconteceu de um professor ser demitido ou afastado por questão política, que eu saiba, é possível que tenha acontecido, mas que eu saiba nunca aconteceu, agora, que tinha um entorno repressivo e que você sentia, isso aí não tem nem dúvida.

[...]

D - Ainda para fechar essa questão da ditadura. Essa sua colega exilada como é que...

R - Não, não foi exilada. Foi presa e torturada. Mas voltou à Escola, completou... – não sei se ela terminou a escola, acho que terminou sim–, fez vestibular, cursou depois... aí é outra história – até tenho contato com ela – ela hoje em dia, não hoje, especificamente, atualmente, né, mas não sei...

Teve uma outra colega, por exemplo, essa não teve, que eu saiba, não teve problema nenhum no tempo da escola. Depois foi para universidade, foi estudar alguma era coisa em São Lázaro, cara, eu não sei se era Ciências Sociais, não sei, mas essa colega, ela realmen... passou ela passou um tempo fora, na Albânia, né? Passou um tempo fora... PCdoB que no tempo era... era clandestino, né, inclusive, alguém chegou pra a gente e falou pra gente, “ah, C. tá na França”. Recentemente eu encontrei com ela, e ela falou “não...” – foi recentemente, quando teve essas movimentações, eu encontrei com ela, eu nunca tinha sabido. Ela disse “Não, eu fui para Albânia, a gente trabalhava lá, na... o que você ficou sabendo foi o disfarce, que eu estava na França estudando, não sei o quê...” mas ela tava na Albânia trabalhando nas transmissões de rádio. Rádio Tirana, né, que eram transmissões em português pra ser captada aqui no Brasil, preparando a revolução... quanta ingenuidade.

Mas, essa especificamente, no tempo da escola, até onde eu sei, não teve problema nenhum, nunca foi visada, nem nada, essa... I. foi um outro caso, I. sim, foi presa, torturada, mas voltou para Escola, não foi... impedido que ela voltasse, ela voltou, terminou, fez vestibular passou e fez a vida dela.

D - Mas sem repercussão disso, entre vocês?

R - Não, não... repercussão era a boca pequena, era na boca pequena... porque, justamente por ser ditadura, não eram todas as pessoas que a gente considerava confiável, então se falava, mas pedia “não divulguem, não divulguem...” inclusive a gente tinha medo de tudo. Desde o mais drástico de matarem a pessoa até da pessoa ficar marcado e ter dificuldade de entrar

na faculdade, de conseguir um emprego, que eram coisas que aconteciam, eram coisas que aconteciam.

Esse foi um caso que eu, especificamente, fiquei sabendo e outras pessoas também, mas se procurava restringir ao grupo, aquele grupo de pessoas que você confiava mais, mesmo que eu achasse que você era uma boa pessoa e tudo, que não era um dedo duro e, até onde eu sei, não tinha dedo duro nenhum, né, todo mundo era menino, né, mas não falava com você, esse caso específico, quer dizer, uma coisa que alguns sabiam, mas não era divulgada assim abertamente.

D - Esse outro episódio da passeata contra lei orgânica, o senhor fala que teve uma greve, era foi promoção do grêmio, era uma ação do grêmio, a greve?

R - Sim. Pra greve eu lembro bem, porque a gente fez uma assembleia – assembleia de Estudantes do Colégio – para ver se o Colégio ia aderir ou não a greve, né. Eu acho que não tinha mais como ter, por exemplo, hoje você tem um Diretório Central na UFBA, você não tinha, tipo, um... e eu não se tem alguma coordenação ou se é só a UNE que junta os vários diretórios, então, tem o diretório da UFBA, da Universidade Católica, lá da UFRB, não sei se tem... tem a UNE e não sei se tem alguma outras entidade que congregue todo mundo, eu não sei se tem. Então não sei como era convocada, mas eu tava entrando e tinha dez anos de idade. Não sei como era convocada esse tipo de coisa, mas nós tivemos, eu me lembro bem disso, eh... uma assembleia na Escola, foi convocada pelo grêmio, era conduzida pelo presidente do grêmio, o presidente do grêmio até me lembro dele, R., ele anda por aqui, ele depois foi ser ator, até desse teatro-oficina, dá uns curso de roteiro, de vez em quando ele dá uns cursos de roteiro.

[...]

Esse R. era presidente do grêmio na época e ele que conduzia a assembleia, então tinha as discussões para saber se ia aderir à greve ou não e depois votação. Eu me lembro bem da votação que até me surpreendeu, eu não sabia de nada e na hora de decidir: “quem é a favor da greve fique sentado, e quem é contra fica de pé”. Levantou eu e mais uns três ou quatro, meu pai retou comigo, meu pai era meio comunista (risos) “como é que você é contra a greve?” Lembro, depois em casa conversando... Era uma decisão dos alunos.

D - Não era uma greve dos professores?

R - Não. Greve de alunos. Foi uma greve dos alunos, decidida pelos alunos e, que eu me

lembre, até onde eu sei, não tinha professor observando a assembleia, participando da assembleia, nada disso. Os alunos reunidos, eh... liderados pelo grêmio, né, e decidindo livremente, se ia ter... e foi uma votação avassaladora, eu vi eu quase fiquei em pé sozinho, fiquei em pé sozinho... sei lá, não sei quantos foram, mas tava a Escola quase inteira e só cinco ou seis contra, naturalmente tinha todo tipo de gente, gente que estava a favor porque ia ter dois dias que não ia precisar ir pra escola, ia jogar bola, né, tinha de tudo, mas era assim, assembleia e votação, debate e votação.

D - E sua vinculação ao grêmio durante a escola foi eletiva, chegou a...

R - Eu nunca, nunca tive nenhum cargo no grêmio, nunca fui nem diretor, nem presidente, nem tesoureiro, nem nada, tinha uns grupos... tentaram fazer uns departamentos, eu acho que uma vez eu participei de um departamento, acho que era até de esporte., que organizava uns campeonatos ou alguma coisa assim, mas eu pessoalmente nunca tive, nunca me candidatei a... porque era eleito, tinha votação, tinha campanha, eu até me lembro uma campanha, depois até eu escrevi uma vez, depois eu posso até mandar para você, foi uma campanha bem forte que tinha... que tinha chapas, que disputavam e, em geral, tinha mais de uma chapa e um período de campanha forte, era permitido, tinha debates e os candidatos iam lá, me lembro até um que o cara ganhou, que foi um dos primeiros marketing político, que o lema era “abaixo a panelinha”, então que ele era um candidato da oposição e dizia que o grêmio passava de gente pra gente, de grupo para grupo, que sempre entra o mesmo grupo e ele se apresentou como... pra quebrar a panelinha, era abaixo a panelinha, e o candidato que era da suposta panelinha, que por também ela amigo nosso, era até uma pessoa mais conhecida e admirada na escola do que o que quebrou a panelinha, quer dizer, o cara que quebrou a panelinha praticamente ninguém conhecia, não tinha muita ... representatividade, uma boa pessoa e tudo mas não tinha... mas teve essa sacada e aí essa apuração em me lembro, porque mobilizou a Escola, né, e ele ganhou, e quando ele ganhou foi todo mundo... as meninas dando beijo foi legal, foi legal. Então eu não tinha essa participação.

D - Ok, [...] só mais duas perguntas ainda voltando às aulas de matemática.

[...]

D - O senhor disse que nas aulas de matemática era dito em algum momento “estamos testando esse material novo” e tal. Vocês se sentiam...

R - Não era exatamente testando, “estamos introduzindo”.

D - Não era uma sensação de estarem fazendo testes, não.

R - Eu pelo menos nunca me senti como cobaia, não sei se essa era a pergunta. Não tive essa sensação, nunca me senti como cobaia, porque confiava naquelas pessoas, até porque o *status*, quando você tem dez anos de idade o professor – mesmo que o professor tenha vinte anos pra você é... – então, você confiava naquelas pessoas, nunca tive esse sentimento de que era um teste, não. O professor estava lá ensinando porque era assim que deveria ser ensinado mesmo e pronto.

D - E, por fim, desses conteúdos todos de matemática o que mais lhe marcou? Foram os conjuntos?

R - Conjuntos, lógica, cara, e não sei...e a geometria espacial, não sei também porque. O fato de ter dado, de ter visto, mas aí já é outra coisa, não é marcar. O fato de ter visto cálculo diferencial e integral no terceiro ano foi uma coisa que marcou também e me deu uma grande vantagem, porque você chega na Universidade e vai estudar isso, seu colega tá vendo pela primeira vez e você já viu aquilo, mesmo que você não se lembre de tudo mais, mas você já tem aquela noção que lhe dá uma vantagem grande, ainda mais eu que fazia geologia, que o pessoal era super fraco em matemática. Isso me dava uma vantagem e me dava um status, né? Isso aí para mim foi bom, isso aí foi bom... mas, realmente o que ficou foi a teoria do conjunto, lógica e essa parte de geometria espacial. Isso aí é o que eu, que eu lembro assim... e eu sempre atribuí a minha base à escola, ao Colégio de Aplicação, o fato de ter passado na Universidade sem problema nenhum, sem querer ser cabotino. Desta forma eu tenho um certo nome no Instituto de Geociências, e eu sempre atribuo à base que eu recebi no Colégio de Aplicação.

D - Agora eu gostaria de lhe ouvir sobre a Páscoa.

R - Ah! Sim, sobre a Páscoa. A páscoa era o seguinte. Apesar da Escola ser uma escola leiga, né, laica. Até nesse ponto está bom pra discutir isso, não tinha nem instrução religiosa, nem qualquer tipo de discriminação, nem nada, mas fazia a páscoa, uma páscoa católica. A páscoa era o que? Era um dia que ia lá e tinha uma missa, uma missa solene no... não me lembro onde é que era, se era no auditório e quando a gente mudou pro Canela, como era defrente dos Maristas, os Maristas têm uma igreja, né, era feito lá, então, era feita uma missa solene e... no fim dessa missa todo mundo comungava e tinha que ir em jejum e no

fim dessa missa tinha um lanche. Então, era um espaço social, era tipo uma festa, não sei se os pais participavam, acho que não, acho que eram só os alunos, era bem legal, você ia participava, não sei o quê, naturalmente, não me lembro, assim, mas os de outras confissões deviam se sentir um pouco discriminado.

Aí teve um ano, foi justamente essa menina que foi presa, I., que ela foi presidente do grêmio, né, ela... era uma promoção do grêmio, a páscoa era promoção do grêmio, a páscoa católica. Aí ela fez uma Páscoa ecumênica, ela fez a páscoa ecumênica e foi feita na igreja dos Maristas, teve a missa, agora, fizeram uma missa diferente, inclusive com... música, eram os colegas mesmo, né, tocando violão, atabaque... me lembro daquela música sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, “Essa cova...” – Funeral de um lavrador –, tem a poesia de João Cabral, a música eu não sei de quem é, se é de Chico Buarque, mas você pode olhar se lhe interessar. “Essa cova que estás com os palmos medida é a conta menor...”

Então, foi uma páscoa com um viés social, meio contestatória, esse tipo de coisa e ela convidou, ela promoveu, e a igreja aceitou, uma páscoa meio ecumênica, então, foi além do padre, foi um pastor, um pastor protestante, que era como se chamava na época, hoje são os evangélicos – pastor Batista – e, pra representar os judeus, não sei porque não conseguiram outra pessoa, foi um aluno, um colega nosso, judeu, ele foi lá, eu me lembro, ele falando o que era a páscoa para os judeus “não, páscoa para os judeus é uma passagem, amor, não sei o quê – esse foi um ano bem legal, teve esse aspecto mais inclusivo, uma coisa que era voltado para os católicos, também na mentalidade da época, né, voltada para os católicos e ela teve, o grêmio que ela liderava teve essa ideia de incluir o pessoal pra mostrar que outras confissões tem o mesmo valor pra quem acredita, então esse foi um exemplo de tolerância, né, que eu procuro levar para, pra minha vida toda.

D - Pensando nessa coisa da discriminação, o senhor já falou que era uma escola para elite, que tinha pouca gente que era classe média baixa, e os que tinham lá eram tratados diferente?

R - Não, ao contrário. Agora, isso aí depende... depende de como você é, tinha colegas que não tavam nem aí, sou pobre mesmo. Tinham dois inclusive que eram primos, um era todo complexado, se sentia discriminado e o outro não estava nem aí. Não tava nem aí, se bem que agora lembrando, teve um episódio, mesmo, aliás, de um terceiro primo desses, era um cara pobre também e tinham as reuniões de equipe, e tinham as reuniões de equipes, então,

esse menino era de nossa equipe, né, e tinha outros, então, normalmente as reuniões de equipe eram na casa de alguém, a gente se reunia “hoje vai ser na casa de Diogo; hoje vai ser na casa de Raimundo...” e tinha um que era o mais rico e gostava de levar muito para casa dele, mas esse menino, ele era um dos mais pobre ele morava no bairro do IAPI, não sei se você...

O IAPI é um barro de baixo poder aquisitivo, ainda hoje, na época acho até era melhor que é hoje, mas para realidade do Colégio, era de baixo poder aquisitivo, mas ele queira fazer na casa dele, com todo o direito, se pode fazer na sua casa por que não vai... Esse menino mais rico se recusou a ir, porque era difícil de chegar, que não ia, que não sei o quê. Eu me lembro bem que eu falei pra ele, “oh, rapaz, eu vou mas eu não sei andar.” Ele disse “não, vamos fazer o seguinte: quando sair você vai almoçar lá em casa” – porque a gente tinha aula de manhã e as reuniões eram à tarde – “não, você almoça lá em casa. Você vai comigo, a gente pega o ônibus...” e eu disse: “tá, tudo bem”, fui, né.

A equipe era eu, ele, mais um colega que foi também e dois não foram, um não foi especificamente por isso, o outro eu não sei porquê. O que acontecia era o seguinte, a gente ia lá fazer a equipe, era eu, você e mais uns colegas, quer dizer, você não vai, a gente vai lá, faz o trabalho e botava o seu nome. “Pô, Diogo não veio; pô, Diogo, você não veio” mas botava o seu nome. Você tinha explicação “pô, dormi, tava com preguiça” mas ninguém... todo mundo relevava. Afinal, a equipe em geral era escolhida entre os que tinham muita afinidade, muita amizade.

Esse menino fez muito certo, ele não admitiu de jeito nenhum que os dois que não foram botassem o nome do trabalho “não, não vai botar” porque era norma, né, fazia a equipe, fazia o trabalho e botava o nome de todo mundo, independente de você ter trabalhado ou não. Claro que se você vivia se pendurando nos outros, rapidamente você seria desmascarado, né, porque também ninguém é otário, mas uma vez era plenamente relevável, mas esse menino não admitiu de jeito nenhum, ele se sentiu ultrajado, isso aí de fato aconteceu, apesar de ter lhe dito que..., isso aí é uma forma, então eu tenho que modificar o que eu lhe disse...

Agora, como eu lhe disse também, tem muito o que a pessoa sente, tem muito o que a pessoa sente, às vezes a pessoa ela mesmo se coloca em uma posição inferior, diferente de outras “não, não tenho mesmo grana mas to aqui igual a você, eu fiz mesmo exame, passei do mesmo jeito, o direito de tá aqui é o mesmo que o seu” e se sente confortável, né, e se

sente confortável. Pelo menos no grupo mais próximo a mim não tinha uma discriminação, eu, pessoalmente, era um dos médios, não era dos mais... meu pai era professor da Escola Técnica, minha mãe era médica e trabalhava no INSS, então não era das pessoas que ganhavam mais.

A Escola Técnica, naquela época, se hoje em dia a universidade não paga uma maravilha, como você bem sabe, naquela época, então... eu não era dos mais abastados, também não era... eu era médio. No grupo não tinha, não tinha... até também vai um pouco da personalidade, eu nunca tive esses negócios, sempre lutei contra isso, todo tipo de discriminação, continuo lutando. Mas, retrospectivamente lembrando, eu tenho que reconhecer que ocorria.

[...]

D - Uma última: o material didático, essas apostilas mimeografada, como é que elas eram? Consegue lembrar delas? Consegue lembrar se tinham figuras, o que é que tinha nelas?

R - Eram muitos mais textos e equações, né, e naturalmente texto de matemática você sempre precisa de algumas ilustrações, mas eram muito mais textos datilografados, né, e equações, que eu não tenho lembranças, mas eu acredito que deviam ser escritas à mão, porque era difícil, né, ainda hoje, mesmo com esses editores de texto é difícil, eu acredito que as equações deviam ser escritas à mão, e as figuras, mas não tenho muita lembrança, não, cara, infelizmente. Pelo tempo não creio que tenha nenhum fanático que tenha guardado uma cópia disso, só me lembro que era tudo rodado em mimeógrafo, aquele negócio com cheiro de álcool, aquela cópia azul, não era preta, era azul, isso, mas não era encadernado, né.

[...]

D - O senhor estava falando do mimeógrafo que era azul...

R - Não, não, era só isso mesmo, eu me lembro que era azul, não era preto e tinha um cheiro de álcool, porque o mimeógrafo era a álcool, não tinha uma facilidade de reprodução, isso em matemática, no curso de matemática, porque os outros eram diferentes, história, português, geografia, tudo tinha livro, matemática que era dessa forma, não tinha livro texto justamente porque eles tavam mudando o ensino, aí não tinha livro texto, eram essas apostilas.

D - Física, química e biologia era o material americano que vocês usavam?

R - Era. Física era o PSSC, não sei se ainda é usado, química e biologia, tinha o equivalente, tinha o equivalente, também tinha uma sigluzinha, tudo em português, mas com a base desse material era americano, química e física. História chegou a acontecer – como você falou sobre essa repressão – de livro que foi sugerido pra a gente como livro texto e foi proibido, se eu não me engano de Celso Furtado, não tenho certeza, mas o livro foi proibido pela censura, isso aconteceu, livros de história universal, livros de história do Brasil também, tinha um de história da Bahia, até usava os livros de professor Luis Henrique Dias Tavares, que ainda está publicando esse livro, de história da Bahia dele continua, ele era amigo de meu pai. Meu pai infelizmente já morreu, mas Luis Henrique ainda está aí publicando seu livro.

D - Matemática não tinha nenhum equivalente?

R - Não sei se existia um material americano, se existia não foi usado. Só as apostilas mesmo feitas pelo pessoal aqui, se eles se baseavam em algum material externo se era criação deles não tinha a menor ideia. Provavelmente no Instituto de Matemática deve ter algum remanescente que possa lhe responder isso, uma pessoa mais velha do que eu com uma memória melhor que possa lhe responder isso. Era só apostila, só a apostila mesmo.

[...]

[agradecimentos]

Entrevista: Ricardo Almeida Araújo da Silva (R)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 1h 11' 40''

Salvador, 27 de outubro de 2010.

Local: Casa do entrevistado

D - [...]queria que você me falasse do seu período de estudo no Colégio de Aplicação. Quando é que você chega no Aplicação?

R - Bom, eu nasci em Manaus, fiz até o segundo ano de ginásio - vou falar do tempo de escola. E na época meu pai faleceu, minha mãe baiana resolveu voltar para Bahia e, inicialmente, ela me colocou interno no Colégio Maristas, onde eu fiquei dois anos, terceiro e quarto anos do ginásio e, quando eu estava terminando o quarto ano, minha mãe me disse: “olha, o Colégio Marista está muito caro e eu gostaria que você fizesse o exame de admissão do Colégio de Aplicação, que é o melhor colégio da Bahia”, ela já me disse assim e, isso no final do ano.

Quer dizer, o exame era em janeiro ou fevereiro, no meio das férias e eu me dediquei ao exame, porque eu sabia que era difícil, tinha uma concorrência grande pra entrar no Primeiro Científico.

Estudei, fiz o exame, passei, fui admitido e me matriculei, então, isso no início de 1962, no Primeiro Científico, fiquei lá e cursei o Primeiro Científico, Segundo Científico e, durante o Segundo Científico, eu me candidatei à bolsa do AFS para passar, fazer o último ano do High School, nos Estados Unidos e, já recebi a bolsa em meados do primeiro semestre de 64, quando eu já estava no Terceiro Científico, já me preparando para o vestibular, essas coisas, mas larguei no meio do ano pra viajar. Fiquei um ano fora. Quando eu voltei já foi pra fazer a revalidação do diploma do High School americano e me inscrever pro vestibular na Escola Politécnica e pronto.

Então, meu período no Colégio de Aplicação foram dois anos e meio, mas eu posso lhe dizer que eu nos Maristas, eu costumava ser primeiro da turma. Os Maristas faziam um sistema de calcular as notas de cada turma e eles davam uma medalha, cada mês eles davam uma medalha para o melhor aluno daquela turma e eu disputava com mais dois colegas esse primeiro lugar da turma.

Um deles é o C., que é médico cirurgião plástico e o outro é N., que é engenheiro que foi

um dos donos da OAS até pouco tempo e agora se desligou e montou um empresa própria. Eu disputava com eles, mais ou menos um terço das medalhas pra cada um, durante o período que eu fiquei nos Maristas, aliás, Raul Seixas também era nosso colega da turma, mas nunca pegou medalha nenhuma.

Eu *tô* mencionando isso, porque no Aplicação eu tive que estudar muito mais e tinha notas bem menores, então, era muito mas duro no Colégio Aplicação, com certeza. Tanto que na engenharia, quando eu fiz o vestibular, dos dez primeiros lugares - eu fui sexto lugar no vestibular - dos cinco primeiros lugares só um que não era do Aplicação, aliás, dos seis primeiros lugares, incluindo eu, dos seis primeiros, cinco eram do Aplicação.

Eu me lembro do M., que está em uma das fotos que eu vou lha mandar depois, N., V., o outro não recordo o nome, isto mostra o que era o Aplicação, pelo menos no lado do curso Científico, porque tinha também o Clássico que eu não me ligava muito, mas os colegas do Científico eram realmente muito estudiosos, M., que eu mencionei, eu estudava constantemente na casa dele, o pai dele era dono da Loja Adamastor, que existia ali na Rua Chile, morava ali no largo Dois de Julho, pertinho do cinema Capri que existia ali, e eu morava perto do Campo Grande e ia estudar na casa dele constantemente.

Era um estudo pesado, a gente estudava muito, bom, não sei que outro tipo de lembrança você gostaria que eu tentasse evocar, mas eu me lembro que a professora de matemática era dona Marta, nós todos gostávamos muito dela, apesar de ser muito dura, puxava bastante a gente, mas isso foi fundamental *pro* nosso desempenho no vestibular e, posteriormente, nas disciplinas de cálculo da engenharia. Apesar, de todos nós também termos feito cursinho do vestibular, isso a gente fez, porque realmente não era suficiente, mesmo porque um menino de dezessete anos de idade, pra levar o dia inteiro estudando ele tem que ser estimulado de várias formas, inclusive assistindo aula tipo cursinho p'ra poder não dispersar, mesmo nós que éramos estudiosos, realmente a turma toda era, especialmente esses que eu acompanhei, por termos ido juntos p'ra engenharia, era um pessoal estudioso.

As outras lembranças que eu posso ter é da participação em grêmio, eu participei do grêmio escolar, mas não era uma atividade muito desenvolvida, eu diria, mesmo porque a diretoria da escola era muito severa, eu tive episódios desagradáveis, não sei se você se interessaria por eles.

[...]

R - O pior deles foi... a gente tinha educação física bem cedo pela manhã, não me lembro exatamente os horários, mas eu me lembro que morava perto do Campo Grande e, normalmente, eu pegava o ônibus p'ra Nazaré, *pro* Colégio, mas quando tinha aula de Educação Física tinha que sair muito cedo e, às vezes, o ônibus demorava muito e eu a pé, tinha que acordar muito cedo e ia a pé do Campo Grande até o Colégio, e a Educação Física era lá embaixo, a gente descia umas escadas lá no fundo, e tinha uma quadra de esportes lá no fundo, que a gente fazia educação física, acho que o professor chamava-se Coelho, que ele também dava aula de Educação Física nos Maristas, quando eu era dos Maristas - eu me lembro dele nos dois colégios -, e ele era um professor que puxava também muito.

Eu me lembro que uma vez eu tive que sair de casa correndo, não me alimentei direito e ele puxou muito pela ginástica e eu quase desmaiei. Lembro que eu fiquei tonto e tive que deitar no chão pra me recuperar. Então, era uma aula muito puxada. Depois da aula, então, a gente relaxava um pouco, a gente tomava banho – tinha um banheiro lá, trocava de roupa pelo uniforme e ia pra aula.

Acontece que, num determinado dia, faltou água e eu depois da ginástica, suado, imundo, com calção e...nem me lembro se eu 'tava de camiseta ou sem camisa, porque a gente jogava algum esporte uns com camisa e outros sem camisa, não me lembro direito... então, eu fiquei sem saber o que fazer, como é que eu vou pra aula assim imundo, será que eu devo botar o uniforme eu assim todo sujo... Aí, quando eu 'tava nessa dúvida, um colega, E., que a gente chamava de "G.", que morava ali na entrada da Saúde, a cinquenta metros da frente do Aplicação, ele me disse: pô, vamos tomar banho lá em casa e você muda a roupa. Eu falei "tá bom, só que eu não vou trocar de roupa, eu só vou trocar depois de tomar banho". Aí, atravessei o Colégio do jeito que eu tava, de tênis, de calção e acho que sem camisa. Atravessei o Colégio e nessa hora já tinha gente das primeiras aulas, *né*, - não achei aquilo nada de extraordinário, saí correndo, atravessei a rua, tomei banho na casa do E. e voltei *pro* Colégio já fardado, limpo e fui pra aula.

Num determinado momento eu fui chamado na diretoria e a diretora questionou minha atitude e me disse que eu tinha que trazer minha mãe no dia seguinte, aí minha mãe me acompanhou no dia seguinte, aí ela disse pra minha mãe que eu tinha desrespeitado o Colégio e ia me suspender por três dias, e isso me marcou terrivelmente pelo resto da

minha estada no Colégio, tanto que pra eu me candidatar a bolsa *pros* Estados Unidos, eu tinha que apresentar uma recomendação do colégio, eu pedi - através da secretaria, obviamente - pra que a diretoria desse essa recomendação e foi negada essa recomendação e, aí, os meus colegas da turma, conversaram com um professor - acho que era o professor de geografia, explicaram a situação pra ele e aí ele disse: cadê o formulário? preencheu o formulário e ele assinou e, acho, que foi o "G.", pegou um carimbo lá da diretoria e "paco"! - carimbou. Foi assim que eu ganhei a bolsa.

Era um colégio duro mas eu acho que essa... Eu não precisava ter passado por isso! Eu nunca mais tive, aliás, nunca tinha tido nenhuma experiência desse tipo e nunca tive posteriormente, fiz Escola de Engenharia quatro anos, me formei, ganhei bolsa da Fulbright pra fazer mestrado nos Estados Unidos, passei dois anos fazendo mestrados nos Estados Unidos e nunca passei por uma experiência desse tipo, enfim, são coisas que acontecem, mas isso, evidentemente, não desmerece o Colégio e muito menos a minha memória que eu tenho do Colégio, dos meus colegas, dos meus professores, uma memória boa que eu tenho deles até hoje me ajudou e muito na minha formação.

A vida inteira eu estudei em colégio público, com exceção desses dois anos no Colégio Marista, porque havia necessidade de eu ficar interno, eu tinha treze anos de idade e não podia ficar hospedado em pensão nem nada, fiquei dois anos interno, um ano e meio interno nos Maristas, o restante todo foi em instituições públicas, inclusive a high school nos Estados Unidos que era gratuita e a universidade onde eu estudei o mestrado, era uma universidade pública, mas nos Estados Unidos não tem essa de gratuidade não, a minha bolsa pagava a universidade pelas matrículas, mensalidades, essas coisas.

Então, minha experiência, em termos gerais, foi essa. O Aplicação com certeza me ajudou e muito, a me disciplinar, a metodologia de estudos, a minha direção... eu, desde menino, sabia que eu ia ser engenheiro, queria ser engenheiro, mas o Aplicação me mostrou com mais clareza essa visão da matemática, da ciência.

Química, por exemplo, tinha laboratório, a gente fazia experiência, às vezes a gente fazia alguma besteira no laboratório, mas o professor entendia que tinha sido um erro, alguma coisa, não havia essa, digamos assim, essa pressão desviada de conceitos didáticos, era uma pressão pra você aprender, mesmo que você errasse.

A mesma coisa nas outras disciplinas. Física, o laboratório de Física era pobre, o de

Química era bom, eu me lembro, Física nem tanto, mas a teoria da Física a gente aprendia direitinho. Mas, repetindo, mesmo assim houve necessidade do cursinho, porque eu e meus colegas queríamos ter bons resultados no vestibular. Agora eu não me lembro, mas deve ter tido colegas que não fizeram cursinho e mesmo assim passaram no vestibular sem maiores dificuldades, mas nós queríamos bons resultados, eu e esses que eu mencionei e alguns outros que eu não me recordo.

D - Quem estava na direção na época que você teve esse problema?

R - (risos)

D - quem era a diretora nessa época?

R - Eu não ia dizer, mas já que você perguntou.

D - Se quiser, fique a vontade.

R - Não, imagino que quem quiser ir aos arquivos públicos vai descobrir. Foi a professora Leda Jesuíno e o Colégio era totalmente conectado à Faculdade de Filosofia e muitos dos nossos professores eram, acho, alunos de mestrado e tal... da Faculdade de Filosofia e da UFBA e eu acho que isso dava uma categoria especial ao Colégio.

[...]

Aqui, o único que fazia face era o Colégio Militar, desses... do vestibular, que acho que é um indicador importante, alguns dos alunos que não eram do Aplicação que ficaram entre os primeiros lugares eram do Colégio Militar.

Acho que, inclusive, o primeiro lugar, o A., era do Colégio Militar, o I., o E., que eram colegas de cursinho, eram do Colégio Militar. Eram basicamente os dois colégios que obtinham melhores resultados no vestibular, pelo menos de engenharia, que é o que eu conheço, que eu me lembro melhor.

Com relação à qualidade de ensino, não há dúvida que era algo especial, além de incentivar a bolsa de estudos que eu ganhei *pro high school*, do AFS. O AFS, na época, focava bastante o Colégio Aplicação, porque sabia que tinha gente mais preparada, não só em termos de estudos, mas... – porque uma experiência dessa não envolve só estudos, envolve relações humanas, né? A pessoa ter que se adaptar a novos ambientes, saber superar obstáculos e esse tipo de coisas e acho que o Aplicação era uma fonte importante pra esse tipo de experiência.

Muita gente do Aplicação foi pra... esse intercâmbio. D., que fez engenharia também, foi um dos fundadores da OAS. O. foi alguns anos antes de mim, ele que ao voltar foi no Aplicação explicar como era o processo, explicar como era que se inscrevia e o que era esperado. Eu lembro que foi o D. que fez essa explanação e algumas pessoas se candidataram e foram, na minha época, também.

D - Mas, ele veio como representante dos alunos, assim, ele veio como aluno ou num papel articulado com a direção do Aplicação?

R - Que nada! Eu não me lembro de nenhuma atividade externa de iniciativa da direção, não me lembro. Pode ser que tenha tido, mas eu não me lembro. Não houve visitas externas, nada disso, também palestras, também nada de externo, também era tudo fruto do Colégio mesmo, das pessoas envolvidas no Colégio, especificamente da Faculdade de Filosofia, o que não deixava a desejar, não, porque eram pessoas muito preparadas, dedicadas... Mesmo em disciplinas que eu não me envolvia muito, como Biologia, a gente era obrigado a estudar, mas a coisa era levada a sério.

D - Mas, pra eu entender essa articulação desse seu colega que foi antes pra... Os alunos se articulavam em torno de promover as próximas bolsas, era uma iniciativa dele, pessoalmente...

R - Não. Existia, como existe até hoje, uma organização que coordena esse intercâmbio e eu fiz parte quando eu voltei, eu fiz parte dessa comissão e a gente procurava as melhores fontes de alunos com perfil que a gente queria, de gente estudiosa e de gente que tivesse um potencial de se dar bem com uma cultura diferente, de morar com uma família diferente, tanto que haviam muitas entrevistas, conversas pra que essas coisas pudessem ser bem cuidadas, né? E, o Aplicação, estava no nosso enfoque, mas a interação era, simplesmente, as pessoas do comitê contatavam diretamente as pessoas conhecidas no Colégio e diziam: “olha podemos fazer uma apresentação aí?” As coisas funcionavam desse jeito. A gente separava um horário lá, quem tinha projetor de slides levava, esse tipo de coisa. Mas, não havia estímulo, isso não havia, por parte da diretoria: zero, nada, nenhum estímulo a esse respeito. Eram iniciativas externas.

D - Você diz assim: “o tipo de gente pra que atender o objetivo que a gente queria”. Qual era o objetivo? O que é que lhe motivava a se candidatar e depois motivava a motivar outros? A sua volta motivava outros alunos... O que é que tava com ideal nisso tudo?

R - Olha, o ideal era que você era a experiência, né? A experiência de você, com dezessete anos, ir pra um país no exterior, viver e estudar numa escola, morar com uma família e passar um ano nesse ambiente, era uma experiência fantástica, pra você abrir horizontes, abrir o coração, abrir a mente, abrir tudo e eu, pessoalmente, gostei tanto que repeti com o mestrado, apesar de ser uma coisa totalmente diferente, eu morava sozinho e tal... mas, pra você ter ideia da repercussão disso, essa família com quem eu morei, eu morei na Califórnia, numa cidade onde tem a Universidade de Stanford, morei com a família lá, eles são meus amigos até hoje, tem quase cinquenta anos. Meu filho já morou com eles, minha irmã já morou com eles, quer dizer, com os parentes da família, eles já vieram aqui inúmeras vezes visitar a gente, é uma amizade que persiste até hoje, tem várias experiências desse tipo.

E a coisa evolui até numa maneira que você não espera, eu conheci minha mulher, com quem eu casei e moro até hoje, um ano depois que eu voltei, ela foi e quando voltou eu a conheci, na volta, e comecei a namorar e casei e *tô* até hoje com ela. Tem outras experiências assim, o próprio D. casou com uma ex-bolsista, o F., arquiteto - esses prédios aqui da ACM, aqueles todos coloridos, com traços coloridos... F. ele foi também um pouco antes de mim, aliás, foi ele quem me apresentou à minha mulher, porque quando a gente voltava, a gente participava da organização da seleção dos próximos. A seleção envolvia testes escritos, redação e tal, pra ver se o cara que... qual era o conhecimento de inglês, qual o conhecimento geral que ele tinha... tinha uns testes, e era entrevista e tal. Então, a gente que voltava era voluntário para participar dessas seleções. E eu fui, ela também e a gente se conheceu ali nesse processo por intermédio de F. Várias, aliás, a mulher de F. também foi ex-bolsista, K., e 'tá casada com ele até hoje, também.

D - O que você acha que foi decisivo pra que conseguisse a bolsa. O que acha que pesou nesses critérios todos a eles analisaram?

R - Eu não sei, teria que perguntar ao D. e ao F. que foram as pessoas que me selecionaram, mas eu fui bem nos testes escritos, eu sabia bem inglês, porque eu estudo inglês desde os dez anos de idade, cursinho particular, ACBEU e essas coisas... Isso, imagino que tenha pesado, a gente faz uma redação dizendo porque quer participar da experiência – imagino que isso pesou também – e a entrevista, a conversa, bota ali três, quatro meninos, também são meninos... talvez com dezenove, vinte anos, eu com dezesseis ou dezessete, conversando e eles me avaliaram esse processo simples, mas eficaz. Novamente: eu acho

que o fato de eu ser aluno do Aplicação pesou muito, como pesou pro D., pesou pro F. e outros de lá que foram. C...

D - O conhecimento das ciências, matemática, física e química, era importante nessa seleção?

R - Não. Não havia nenhuma exigência a esse respeito. Houve quando eu me candidatei a bolsa da Fulbright, mas p'ra... Inclusive, não havia nenhuma exigência de você ser bom aluno lá. A família com quem você se hospedava é que tinha que lhe orientar de alguma forma, mas a escola em si não fazia nenhuma diferenciação. Eu fui aluno de inglês, por exemplo, juntos com os americanos, os exames eram os mesmos, o tratamento era o mesmo.

Eu acho que faz parte da experiência, por isso que você tem que ser dedicado à coisa, bom aluno, pra participar numa situação dessas, mas, quer dizer, não quero dizer que isso era exclusividade do Aplicação, porque minha mulher e a mulher do F., por exemplo, eram de Dona Anfrísia, que era uma colégio particular lá perto do Aplicação e lá, com certeza, não havia essa exigência geral para todos os alunos de... exigência de estudo, né? Era um colégio mais solto como era o Marista, onde eu estudei, teve gente do Marista indo também, quer dizer, outros aspectos eram considerados, não era apenas do menino ser bom aluno.

D - O senhor disse que da direção não tinha incentivo, mas o apoio de alguns professores era visível? Eles conversavam, tentavam influenciar vocês ou eram os próprios colegas que faziam isso, diziam que a experiência valia à pena, que era bom?

R - Ah sim, em primeiro lugar, esse contado com os ex-bolsistas, como o D. que eu lhe falei, isso existiu, dentro do Colégio, eram ex-alunos do Colégio de Aplicação que voltavam e transmitiam a experiência deles. Com relação aos professores, o que eu me lembro é a experiência desse professor de geografia que se dispôs a ajudar, até se expondo, né? Não sei até que ponto isso iria afetar a situação dele no Colégio, mas ele se expôs, ele assinou. Mas, eu não disse que eu tinha submetido à diretoria nem nada, apenas eu disse que eu gostaria que ele fosse quem recomendasse e os meus colegas também não contaram, eles foram simplesmente dizer, antes de eu conversar, que eles apoiariam a minha ida. Eles, como meus colegas, achavam que eu merecia, foram recomendar ao professor que ele me recomendasse, quer dizer, havia essa comunhão de responsabilidade com os alunos.

Realmente, a gente procurava ajudar uns aos outros, eu me lembro das eleições de grêmio,

havia um solidariedade nos estudos, a experiência de estudar na casa do M. frequentemente que, aliás eu estudava também na casa de um outro colega que morava perto do Colégio, que também fez engenharia, A., ele fez engenharia química, ele era bom aluno também, eu ia muito à casa dele, também pra estudar coisas diferentes que eu estudava na casa do M. Havia essa comunhão de objetivos, de solidariedade entre os alunos.

D - Qual era sua atuação no grêmio? O senhor disse que participava, mas era atuação direta?

R - Não... a minha atuação aí... Eu achava que devia colaborar, mas eu não sabia exatamente como, eu não tinha muita vivência ou experiência nesse tipo de coisa, e o máximo que eu queria ser era secretário do grêmio e foi ao que eu me candidatei e me elegi.

Fazia ata, participava das reuniões, mas não passava disso. Não tive uma participação... E foi só uma vez. Eu não me lembro exatamente, mas eu acho que meu objetivo era estudar, eu não queria sair do foco, apesar de achar que era importante, queria colaborar de alguma forma, mas o grêmio não era uma coisa muito ativa, não era. Politicamente era um zero a esquerda, ninguém fazia nada, em termos políticos, apesar de estarmos em 1964, por exemplo, o golpe militar na época pra mim, e acho que pra todos, foi simplesmente algo bem distante.

D - Na Escola isso não interferia?

R - Em nada. Apenas eu me lembro de estar comentando com os colegas o que ‘tava acontecendo, mas isso veio e saiu rapidamente, não havia maiores envolvimento como havia no Central, no Colégio Central, por exemplo, que era bem pertinho, a gente lá no Aplicação não houve nada, apenas papo.

D - E nem implicações na disciplina que a escola tinha que ter com os alunos? Nada alterou? Quer dizer, o militar não impôs um controle maior?

R - Se bem que isso foi em primeiro de abril de 64 e eu fiquei no Colégio mais... abril, maio e junho, fiquei mais uns três meses e saí, viajei. Então, daí em diante eu não sei o que aconteceu, mas nessa época, nada. Não interferiu em absolutamente nada.

D - [...] A admissão no Científico não era admissão para uma turma, mas para algumas vagas.

R - Poucas vagas.

D - Por que eles entravam no início do Ginásio e algumas vagas sobravam pra pessoas que viam entrando.

R - As pessoas iam saindo e sobravam vagas, em um número limitado, eles faziam esse exame para o Primeiro Científico. Daí em diante não podia mais.

D - O senhor o que tinha nesse exame? Como era?

R - Só eram as disciplinas do ginásio, uma redação, português e o resto não me lembro, não, mas era coisa...

D - Escrita? Era prova escrita?

R - E tinha muita gente se candidatando. Foram alguns dias de prova, também não me lembro exatamente, mas foi desgastante principalmente por estar no meio do verão e eu querendo ir pra praia.

D - Esses grupos de estudos a que o senhor se referiu, que ia estudar na casa de colegas, esse tipo de prática de estudar em grupo, atividades em grupo, o senhor lembra isso como promoção do Colégio ou era algo que o senhor já tinha como prática de estudo do Marista?

R - Não, não. Isso era iniciativa nossa, porque só o Colégio de Aplicação e o cursinho não eram suficientes para o que a gente queria, a gente tinha que estudar juntos, fazer trabalhos juntos, esse tipo de coisa. Aliás, isso prosseguiu na Escola de Engenharia, eu durante o tempo todo da Escola de Engenharia eu estudava na casa dos colegas. Mesmo princípio: estudar em grupo porque você atinge uma dinâmica muito melhor pra você adquirir conhecimento e os macetes também de cada professor, que um percebe uma coisa, o outro percebe outra coisa, ajuda um bocado.

D - Quer dizer, que o senhor traz desde o Marista?

R - Não, não. Nos Maristas era absolutamente diferente, eu era interno, e como era o estudo? Você tinha aulas em determinados horários - acho que era só pela manhã -, almoçava e a tarde praticamente inteira, com alguns intervalos, você sentava numa sala com todo mundo, com um irmão marista na frente, todo mundo calado estudando, sozinho, sem conversar, sem nada.

Isso o ano inteiro, tanto que eu desenvolvi muito mais a minha memória visual do que a auditiva, pelo menos na época, eu percebi isso claramente. Depois que eu fui me readaptar. Eu levei dois anos estudando assim, não, digo, o ano e meio que eu fiquei interno lá e, depois, eu tava tão acostumado, que o último semestre, que eu já 'tava em casa, com minha mãe, eu estudava sozinho.

Só depois que eu entrei no Aplicação que eu fui estudar, aprender essa modalidade de estudar com os colegas. Não foi iniciativa... que eu me lembre, minha, não, porque eu não tinha esse hábito, foram eles que devem ter me levado pra casa deles. Acho que se iniciou com esse A., que morava pertinho do Colégio. Às vezes faltava um professor, a gente tinha uma hora vaga ia lá pra casa dele, às vezes não era nem estudo, era alguma coisa...

Ele tinha um tio que, P., que tinha sido assistente de direção de Glauber Rocha em... acho que foi Barravento - deve ter sido Barravento -, e esse tio dele gostava de falar de cinema e tal e eu também. Nessa época eu era um rato de cinema, qualquer folga que eu tinha eu ia *pro* cinema, mas isso não foi o Aplicação que me trouxe, foi desde a minha infância e mais com essa experiência de conversar com P., que contava das loucuras do Glauber. Isso, até agora no mestrado, eu tive ocasião de fazer isso, sentar com os colegas, pra estudar, trocar ideia e tal, um hábito que veio do Aplicação.

D - Isso tava relacionado com metodologia pra apresentar resultados nas aulas, ou em trabalhos de grupos, qual era metodologia de estudos de vocês? [...] na hora de apresentar resultados tinha atividades em grupo também?

R - Não, não. Eu não me lembro de atividades em grupo no Aplicação, não, de fazer um trabalho num grupo, eu não me lembro, pode ser que tenha tido, mas isso daí era uma atividade pra absorção de conhecimento, principalmente Matemática, Física, que eram as coisas que a gente tinha que se dedicar bastante, por causa da... não só das provas e das aulas do Aplicação, mas *pro* vestibular, que ‘tava no horizonte e a gente sabia.

Todos nos estávamos sintonizados no vestibular, porque tinha uma turma de engenharia, que ia fazer vestibular de engenharia... parcela grande, na nossa turma do científico.

D - Você disse que vocês estudavam mais matemática, física e química, por que talvez fosse mais difícil, ou por que tinha mais interesse, por causa do vestibular?

R - Acho que sim, acho que sim.

D - Como eram essas aulas? O senhor já começou a falar e eu gostaria que o senhor falasse mais sobre essas aulas de física, de química e de matemática.

R - As de Física eu confesso que não lembro, não me lembro nem do professor, não me lembro. As de Química eu me lembro que era no laboratório, você fazendo... tubo de ensaio, experiência... pra mim era uma coisa totalmente inédita, porque no Marista não tinha isso, também eu não estudei científico lá, não tenho maiores informações. Então,

apesar de eu não gostar muito de Química, mas era uma coisa que tornava isso interessante, você poder trabalhar com os compostos e não ficar simplesmente decorando fórmulas.

Matemática era dona Martha, que era considerada uma excelente professora de Matemática, o fato é que eu não me lembro exatamente em termos de metodologia o que ela usava, tem muito tempo, mas o fato é que deu resultado.

Não sei se foi... Não foi exclusivamente dela, claro, porque eu também fiz cursinho, mas na Escola eu não tive grandes dificuldades de acompanhar as aulas de Cálculo logo no primeiro ano. A base que eu tive foi fundamental.

Sim, eu tive a ocasião também de comparar o Aplicação com a escola americana que eu frequentei e, a diferença básica, era de recursos. E em 1964, eu cheguei lá em agosto - as aulas começaram em setembro de 64 -, a escola já tinha um computador à disposição.

Os alunos já tinham aula de programação, eram alunos de high school, aqui a gente nem sonhava que isso existisse, tanto que foi essa época que me despertou pra essa área de computação, o mestrado que eu fiz posteriormente foi em Ciência da Computação. Então, havia essa diferenciação que, na época, era brutal. Era uma escola pública, o computador era um computador central, no que eles chamavam de... era como se fosse uma secretaria de educação do município, que era responsável pelas escolas, e tinha conexão e você podia, da escola, mandar os programas, na época era tudo cartão perfurado, então você preparava o programa e mandava executar e recebia de volta, posteriormente. Era uma coisa que... pra época era o que existia!

Aqui não existia nada, então, essa foi uma diferença incrível, a outra diferença, também em termos de recursos, é que eu me matriculei lá nos Estados Unidos em aula de Francês, porque eu 'tava fazendo Casa da França, aqui, na Aliança Francesa, que chamava na época, já tinha estudado francês há algum tempo e lá eu quis continuar e lá já tinha, na escola pública, na high school já tinha o laboratório de línguas, daquele que você bota fone de ouvido e tal e fica escutando, repetindo... esse tipo de coisas. No Aplicação, nada disso. Tinha na Casa da França, quando eu estudava.

D - Mas que não era vinculado ao Aplicação, tinha uma parceria?

R - Pertencia a UFBA, na época, mas não tinha nenhum vínculo. Mas tinha aula no Aplicação... eu não me lembro se tinha aula de línguas... devia ter, mas agora eu não me

lembro. Então, novamente, diferença de recursos.

Química, Química eu diria que era praticamente equivalente, como no Aplicação tinha esse laboratório, lá nos Estados Unidos tinha um laboratório, eu diria que, praticamente equivalente. Matemática, a diferença que eu me lembro, que eu percebi, é que a professora dava aula com retroprojeter, ela pegava uma folha de transparência limpa e, ao invés de escrever no quadro negro, ela escrevia olhando para os alunos, sem virar as costas e escrever no quadro ela escrevia sem dar as costas para os alunos.

Isso era uma diferença... eu senti que isso era uma diferença incrível! Pra você poder perceber, principalmente pra mim, que 'tava assistindo aula em inglês. A professora está de frente pra mim e eu olhando no quadro o que ela escrevia, coisa que eu nunca tinha visto antes e, novamente, uma diferença de recursos, mas, em termos de aula em si, creio eu que não se devia nada às aulas que dona Martha dava no Aplicação, em termos de Matemática, aula de Matemática era a mesma coisa, agora, esse recurso, fazia uma diferença grande.

Bom, outra diferença em Educação Física: a escola americana tinha um campo de futebol enorme, uma quadra de basquete, vestiários maravilhosos, onde nunca faltou água e, lá no Aplicação, uma quadra, digamos, precária. As aulas eram de madrugada, praticamente. Novamente, recurso.

D - Mas, esse conteúdo de Matemática que você falou aí, era o mesmo nível de dificuldade, mas ou menos os mesmos assuntos?

R - Sim, sim. Eu não senti nenhuma dificuldade.

D - O jeito de trabalhar Matemática, nada mudou?

R - Nada, mas essa diferença de recursos era tremenda! Pra mim, na época, era sopa no mel. Eu não aproveitei na época, porque eu achei que seria demais entrar em programação de computador, eu podia ter me matriculado, mas não me matriculei, mas eu conhecia colegas que faziam e eu sempre conversava com eles e tal. Se eu tivesse me matriculado em programação naquela época, a minha evolução tinha sido mais rápida, pra me preparar, pra própria engenharia e pra o mestrado em computação, mas isso foi uma escolha minha e o que foi feito, foi feito. Me dediquei às outras coisas, inclusive Francês, que eu gostava, mas, voltando à Matemática: eu não me lembro de sentir diferença, as dificuldades e as facilidades eram as mesmas.

D - Falando de recurso. [...] e os livros didáticos, os livros didáticos que existiam no

Aplicação e livros que existiam lá... Quais eram esses materiais? O senhor lembra alguma coisa sobre os materiais didáticos?

R - Rapaz, material didático no Aplicação eu não me lembro, mas eu acho que a gente tinha que comprar, mas eu confesso que não me lembro. Lá nos Estados Unidos tinha biblioteca à vontade. Eu me lembro que frequentava muito a biblioteca, não tinha internet, né. Então, qualquer coisa que eu precisava eu tinha que ir à biblioteca e a biblioteca era imensa e, no Aplicação não era bem assim. Lá era imensa, tinha de tudo, novamente recurso.

D - Não era seguido um livro lá? Cada aluno com um, enfim...

R - Rapaz, eu não sei, eu não lembro. No Aplicação... rapaz, eu não me lembro. Eu acho que eu comprei muito livro usado, no Aplicação, eu acho...

No Marista eu já tinha feito isso, comprava muito livro usado de turmas anteriores e, eu acho, não posso lhe dar certeza, mas eu acho que no Aplicação também foi assim. A biblioteca certamente não era das melhores. Eu não frequentava a biblioteca e, lá nos Estados Unidos, eu frequentava muito.

D - De professor de Matemática o senhor só teve Martha Dantas?

R - Que eu me lembro foi, quer dizer, tinha... acho que alunos de mestrado e de doutorado delas que davam aulas de vez em quando, mas eu só me lembro dela.

D - Lembra de algum assunto que trabalhou com ela em Matemática? Conteúdo, algum mais marcante?

R - Não, especificamente não, eu só me lembro que eu gostava, que todo mundo gostava. Apesar dela ser dura, exigente, mas todo mundo gostava.

D - O senhor já gostava de Matemática na época do Marista ou a coisa de gostar ficou mais forte com Martha?

R - Não, eu já gostava desde menino. Matemática e Ciências sempre foram as minhas preferências, agora, Matemática sendo apoio às outras ciências, inclusive, apoio pra computação, que é como eu faço até hoje, aliás, hoje em dia eu não faço Matemática sem computador, isso não existe. Mas, eu resolvo até transformadas, se você precisar, com computador. Na mão eu não faço nada, aliás, hoje em dia não precisa nem computador, tenho calculadora que transforma transformada de Fourier, transformada de Laplace, transformadas Z, com calculadora de mão. Faz tudo.

Eu acho que é exatamente o caminho que eu percebi quando eu cheguei nos Estados Unidos e vi que a escola dispunha de um computador. Na hora eu percebi: é isso aí que eu vou fazer e, no Aplicação, eu não tinha ideia. Aliás, a UFBA só recebeu o primeiro computador eu já 'tava no primeiro ou segundo ano de engenharia, em 67. Eu fui o primeiro monitor da UFBA a trabalhar no computador, eu e um outro colega que fez o vestibular comigo, que era do Colégio Militar. O professor de Cálculo Numérico que a gente teve no primeiro ano, que foi responsabilizado por montar o CPD. Aí eu conversei com ele, falei da minha experiência nos Estados Unidos; sabia inglês, podia ler manual. Aí, ele contratou a gente como monitores, a gente ganhava lá uns trocados pra trabalhar.

D - Querendo retomar... que você fale um pouco mais dessa conexão que o senhor percebia e de que modo ela aparecia entre o Colégio de Aplicação e a Faculdade de Filosofia. Em que era visível a Faculdade de Filosofia.

R - Era visível nos professores que davam aulas p'ra gente, principalmente nos substitutos né? Tinham muitos. Eu tenho uma leve... um leve sentimento de que a coisa atrapalhava um pouco, porque até dona Martha trazia, de vez em quando, trazia uma substituta que não era, naturalmente, do mesmo nível. Tinha bastante aula de substitutos. Era gente preparada, claro, mas eu acho que quebrava o ritmo.

D - Eles vinham fazendo coisas diferentes, ou eles tentavam só seguir o...

R - Não. Eles seguiam o curso normal da disciplina, mas era uma quebra de ritmo. Mas essa é uma sensação leve que eu tenho, não é uma coisa definida. É uma percepção de algo que já se passou há muito tempo e é bem mais tênue do que certas coisa que eu comentei com você, que eu me lembro claramente.

D - Eu queria entender melhor esse papel desses substitutos. Eles vinham pra uma aula que a professora Martha faltava ou eles vinham e ficavam uma época?

R - Não, eu acho que era uma aula só.

D - Quando ela faltava e precisava de substituto...

R - É... Eu não sei se é porque ela faltava ou porque alguém precisava dar aula como parte do processo do mestrado ou do doutorado. Isso aí eu acho que a gente não tinha informação disso. O fato é que existia.

D - Vocês tinham aulas no Aplicação só pela manhã?

R - À tarde a gente ia pro cursinho, era na Ladeira de São Bento.

D - O que é que você acha que era insuficiente. Hoje, tudo bem. Na época lá o senhor falou da motivação, de estar engajado em atividade o dia inteiro, mas você falou duas vezes já que era insuficiente o que tinha no Aplicação e o cursinho deu conta.

R - Sim, porque o vestibular é algo que é muito focado pra você desempenhar e mostrar. Não é nem mostrar conhecimento, porque você resolver um problema de Matemática, num determinado tempo reduzido, não é mostrar conhecimento, então, e o Aplicação não 'tava muito preocupado com isso, dona Martha, por exemplo, queria que a gente entendesse como é que fazia lá o sistema de equações, como é que resolvia as raízes e, etc. e não 'tava muito preocupada em dar os macetes, como os caras do cursinho faziam.

A diferença básica é essa, não só em Matemática, mas em Física e Química, em tudo. Era exatamente a mesma coisa. Até em desenho, era a mesma coisa. Eu tive que fazer cursinho, *pro* vestibular, de desenho, porque tinha uma disciplina era desenho, pra engenharia, acho que hoje não tem mais, mas eu fiz.

D - E o foco da escola não era o macete?

R - Não. A diferença básica era essa, o macete. Claro que eu gostava muito mais, em termos de conhecimento, das aulas do Aplicação, mas eu prestava muita atenção nas aulas do cursinho, porque eu sabia que dependia daquilo, e era uma coisa completamente diferente uma coisa da outra.

Isso daí não como é hoje, talvez seja parecido, mas eu acho que isso é uma distorção da educação, principalmente de um garoto de dezessete anos, brutal. Na época eu acho que não existia, mas, pouco tempo depois, começaram a existir colégios, aliás, meu filho estudou aqui no São Paulo, que fazia isso, o terceiro ano do São Paulo era cursinho de vestibular.

Nos Estados Unidos é completamente diferente, o último ano do high school lá é igualzinho ao primeiro, o cara tem que desempenhar, naquilo que 'tá sendo estudado, e a universidade vai se basear no desempenho dele na high school, além de outras coisas, na vida social, na vida comunitária, se ele faz esporte, etc., etc., etc., se tem dinheiro pra pagar... Uma mentalidade bem diferente, quer dizer, repito: não sei como 'tá hoje, meus filhos já 'tão formados e tal, eu não acompanho mais essas coisas

Mas, na época do Colégio Aplicação, existia uma dicotomia enorme, é um fosso entre a

metodologia de ensino do Aplicação e a do cursinho, que era onde a gente tinha que se dedicar mais e, já na Escola de Engenharia, voltava um pouco à metodologia do Aplicação, porque eram professores dedicados à ciência, né?

Apesar de ser uma coisa voltada pra engenharia, mas o Cálculo, por exemplo, era um Cálculo abrangente, o cara ensinava, derivadas e etc., pra você aprender e não... Eram raros os exemplos de coisas práticas, digamos assim, mesmo porque existiam diferentes, como existe até hoje, tipos de engenharia. Eu fiz engenharia elétrica, que usa um determinado tipo de Matemática, bem diferente da engenharia civil e da engenharia química.

Hoje em dia existe até engenharia ambiental, que eu não sei nem se sabe o que é Matemática, mas o Cálculo, a Geometria Analítica, Cálculo Numérico, eram coisas absolutamente genéricas, não queriam focar, não eram focadas, como o cursinho do vestibular, era focado pra aquilo que é perguntado no vestibular, lá não, era uma coisa pra você se preparar pra o que vinha depois e o Aplicação era mais ou menos a mesma coisa. Mesmo porque, fazia parte da UFBA. A coisa que era ensinada em Filosofia era a mesma coisa... Acredito que era o mesmo tipo de pensamento que existia nos primeiros anos... nos anos básicos da engenharia.

D - [...] O senhor disse que os professores da Faculdade eram professores voltados para a ciência e isso lhe lembrava os professores do Aplicação.

R - Sim.

D - Seria essa uma maneira de explicar o professor do Aplicação?

R - É possível, porque deve ter tido professor da Engenharia que fez Matemática na Filosofia. Aliás, eu tenho um colega do Mestrado de Engenharia Elétrica, que fez Matemática. Ele, naturalmente, no início teve muita dificuldade pra determinados assuntos, mas como o conhecimento dele era de base científica, ele pôde prosseguir, sem maiores dificuldades.

O mestrado em Engenharia Elétrica, eu não poderia dizer nada das outras engenharias, mas é um mestrado que procura lhe dar ferramentas pra você poder fazer cálculos. Quais os cálculos que você vai fazer, não é tão importante, mas a ferramenta, por exemplo, as transformadas, são genéricas. Você pode usar aquilo ali pra calcular o diâmetro de uma banana, mas o importante é você saber o fundamento das transformadas e como calculá-las.

Isso, ele sabia, esse colega. Então, o restante, os aspectos da engenharia, pra ele foram

relativamente fáceis de aprender. Eu acho que é esse tipo de mentalidade que existia no Aplicação, de conhecimento universal, básico. Não só na Matemática, mas nas outras disciplinas também. Só que isso não resolvia o vestibular, pra responder sua pergunta.

Realmente não resolviam e tinha gente que se ressentia disso, né? Acredito que alguns colegas reclamavam desse tipo de coisa, mas eu não. Eu sempre tive uma visão mais abrangente das coisas e, depois nos Estados Unidos, eu me adaptei perfeitamente, porque lá era assim, em tudo.

D - Era fácil, então, fazer essa ponte: Aplicação, high school?

R - Tranquilo, exceto quando se tratava de estudos de governo americano, essas coisas, aí a coisa pegava, porque a visão é completamente diferente, mas, em termos de ciência, era exatamente a mesma coisa, com a diferenciação dos recursos. Então, isso significa, na minha opinião, que o Colégio de Aplicação estava realmente na fronteira em termos de metodologia didática, direcionamento, esse tipo de coisa, apesar de certas atitudes da diretoria.

D - Acabou só me contando uma.

R - Comigo pessoalmente só teve essa.

[...]

Entrevista: Roberto D'Araujo Senna (R)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Tempo da entrevista: 58' 29''

Salvador, 01 de novembro de 2010

Local: Hotel Vila Galé

[...]

R - O Aplicação é muito presente na minha vida e na vida de minha família, na verdade. Nós somos sete irmãos, quatro dos sete estudaram lá, aliás... Quatro dos sete, os dois menores não estudaram porque o colégio acabou e o do meio não quis ir pra lá, preferiu estudar em uma escola próxima do bairro da gente.

Então, o Colégio de Aplicação eu conheço desde sempre, quando meu irmão mais velho entrou lá, ainda era na Faculdade de Filosofia, ali em Nazaré, que era o bairro que nós morávamos, depois quando eu entrei em 69 ele já era no Canela, funcionava lá no Canela. Então, na verdade era uma grande família, porque não só a nossa, como várias outras famílias, tinham vários filhos, varias gerações frequentando. E as turmas eram muito pequenas, cada ano entravam duas turmas de cada série, de trinta e um ou trinta e dois alunos, no máximo. Então, se você pegasse... vamos pegar uma média de trinta alunos, duas turmas por série, tinha sessenta, sete, sete, quatro de ginásio e três de científico, você tinha quatrocentos e vinte alunos, todos se conheciam e era um colégio que favorecia esses encontros, porque ele era extremamente democrático, extremamente liberal, porém, com uma disciplina muito grande, quase que uma autodisciplina, não era um colégio de bagunça nem nada, mas era um colégio, por exemplo que, o uniforme era extremamente flexível.

Eu me lembro que durante algum tempo, no início, o uniforme era uma roupa cáqui com uma camisa branca de tergal, depois passou a permitir qualquer calça azul, qualquer sapato, inclusive tênis, e qualquer camisa de malha, tipo pólo, de qualquer cor clara. Você podia ir de rosa, verde, azul, amarelo e tal, isso era um respeito velado assim, muito grande, os professores eram muito próximos aos alunos, o compromisso com a qualidade o ensino era absurdo, né? Desde o ingresso, o sistema de aprovação pra você entrar no Aplicação era rigorosíssimo, eu me lembro de ter feito cursinho pré-admissão, então tinha, no meu caso tinha alguns professores que preparavam pra o admissão do Aplicação, no nosso caso, a professora Claudemira, que ela tinha uma escola só pra preparar os alunos

pro Colégio de Aplicação, então, em paralelo ao quinto ano primário, a gente fazia o cursinho preparatório, como fazem hoje os cursinhos de pré-vestibular.

Então, era um objeto de desejo de todo mundo, porque era um colégio de nível excelente, pra classe média, como era o meu caso, era uma oportunidade de uma educação de qualidade e de graça, porque era um colégio público, havia o pagamento apenas de uma taxa de matrícula... E o ambiente da escola favorecia isso, ele tinha uma competição sadia e ele trazia o aluno muito pra dentro da escola, as pessoas passavam longas horas mesmo fora do horário de escola, eu mesmo muitas vezes ia pro turno da tarde pra fazer aulas eletivas, que não eram obrigatórias. Era um colégio que oferecia artes industriais, tinha uma oficina de marcenaria na escola, montada, tinha todo tipo de serra que você imaginar, todos equipamentos, então agente, garoto, aprendia a fazer maquete, eu me lembro que em determinado ano o trabalho da minha equipe, nessa maquete, era fazer a maquete do campo grande, da praça Dois de Julho, então, passávamos assim o semestre inteiro, o ano inteiro indo lá, medindo, desenhando escala, detalhando peça por peça, e era o detalhezinho do meio fio, era o detalhezinho do gradil do jardim, os jardins em si, do movimento do caboclo, os marcos, os quiosques... e outras equipes fizeram o Teatro Castro Alves, o Largo de Amaralina, tinha as baianas, que eram recém construído, que virou um marco, outros fizeram o Mercado Modelo...

Então, você veja que hoje é raro você ter uma dessas, imagine naquela época, na década... início da década de setenta, você ter o privilégio de ter... Você tinha também história da arte, nós tínhamos uma professora, Dona Dagmar, uma senhora já, naquela época já muito idosa, que dava aula de história da arte, ainda com slides, com projetor de slides, mostrava arquitetura romana, a arquitetura grega, passava até a arquitetura moderna e tudo mais... Era muito bacana.

Taquigrafia era outra matéria eletiva, a gente aprendia pra fazer taquigrafia, tinha o francês... o inglês era compulsório e o francês era opcional, então à tarde também podia voltar pra escola pra pegar francês.

Nas matérias do currículo básico, por exemplo, a física nós tínhamos um laboratório de física no Colégio, que tinha piscina de onda pra fazer ensaio, todos... laboratório de óptica, de dinâmica, fazíamos os experimentos, né, os professores, sempre tinha assim uma métrica de senioridade dos professores, tinham os professores já bem mas seniores, que eram permanentes e tinham professores jovens, que eram os formandos, que ficavam

fazendo treinamento ou os doutorandos e mestrados que ficavam fazendo treinamento pra entrar na universidade, então, a gente tinha o privilégio de ter professores assim altamente qualificados, uma escola pública de professores... Eu acho que não tinha nenhum professor que não tivesse mestrado e vários com doutorado.

Algumas revoluções no ensino a Escola fez, eu me lembro que dos três anos que eu estudei o científico, como a gente chamava na época, eu nunca tinha feito uma prova de múltipla escolha, nunca, quando foi pra fazer o vestibular eu fui pra um cursinho pra fazer, pra aprender a fazer prova de múltipla escolha, então, eu fui num cursinho de matemática, de física e de química, pra aprender a fazer prova de múltipla escolha, porque eu não sabia fazer, não fui treinado pra fazer, até na matemática nossas provas, o acompanhamento todo era feito de forma cursiva, então você tinha que explicar, desenvolver teoremas, era quase que proibido decorar, quer dizer, as fórmulas tinham que ser comprovadas, você tinha que chegar na fórmula, porque que você utilizou aquela fórmula, tinha que explicar, eram verdadeiras laudas...

[...]

R - Então as nossas provas, eh... de todas as matérias eram, eram muito extensas, a gente ficava, às vezes, tinha matérias que a gente tinha três horas de prova, de tanto que era demandado escrever, era o caso, por exemplo, de história, que era o bicho de sete cabeças lá, um bicho papão. Eu me lembro que tinha uma professora, Anice Atta, que era uma baixinha danada, enjoada, muito rigorosa e que quando acabavam as provas de Anice, a gente não perguntava como é que tinha sido, a gente perguntava assim: quantas folhas de papel pautado você escreveu, então, pra tirar uma boa nota na prova dela você tinha que ter escrito assim umas cinco folhas de papel pautado, que quatro... vinte páginas, era uma coisa maluca, e muita leitura, livros grossos, eu me lembro bem dos livros de história, que era “história da civilização ocidental”, o autor era Edward Mcnall Burns.

[...]

R - Então... história era interessante, a gente fazia o jure... Quando você estava estudando um personagem da história, aí a turma, parte dela era o jurado, parte dela era da acusação, parte, da defesa e você tinha que desenvolver os argumentos pra julgar aquele personagem... quando a gente estudava os grandes impactos econômicos das várias épocas...

[...]

... a revolução industrial e tudo, então era um negócio que mobilizava o Colégio inteiro, entendeu. Na matemática, particularmente, tive professores maravilhosos, Maria Augusta foi uma professora muito boa, Júlia Leocádio, outra professora enorme e, como eu lhe disse, a matemática não era decoreba, você não tava ali pra simplesmente decorar as coisas, mas você se envolvia, você aprendia a desenvolver problemas, era um ensino de matemática mais voltado, assim, pra estimular o raciocínio e desenvolver problemas, então, e com uma interação grande, os alunos viam no quadro negro pra poder exercitar ali, mostrar... muito trabalho em equipe, você poder estudar em equipe pra se consultar com os colegas, porque o objetivo era que o conhecimento ficasse incorporado, então não precisava você ser avaliado individualmente porque a cooperação durante o estudo fazia uma baita diferença.

D - Vocês tinham avaliação em grupo? Vocês tinham avaliação em grupo, de matemática?

R - Não as provas finais, mas vários trabalhos que eram considerados pra nota em grupo, né, inclusive não em matemática, mas... eu vou te contar uma história, a mais inovadora, mais fantástica, que foi o estudo de química e física. Nós adotávamos aquele livro BSSC da, aliás, da biologia e física, BSSC e o PSSC, pra física, eram livros de autores americanos, mas muito didáticos e tal. Então, tinha um professor americano que tinha um método que chamava de “método dos passos” eu não sei o primeiro nome dele, mas o sobrenome dele era Keller, então era conhecido como método Keller de ensino. Durante os três anos do científico, a gente não tinha prova escrita, a gente não tinha avaliação escrita, nem de biologia, nem de física, você recebia... não tinha aula ministrada presencialmente, os professores no início do semestre entregavam o que eles chamavam de “os passos” e você só recebia um passo de cada vez, então, primeiro passo, aí você tinha todas as instruções, a bibliografia que você tinha que estudar, quais eram os temas que você tinha que estudar, o prazo que você tinha pra estudar, quando você se sentisse apto, você marcava uma entrevista com o professor e você fazia uma entrevista verbal, oral e o professor se julgasse que você estava apto pra passar pro passo seguinte, aí ele lhe entregava a folhinha com outro passo e, se você quisesse, você podia se tornar monitor da matéria, então você podia tomar o passo de um colega do passo anterior.

Era muito bacana porque as pessoas faziam isso com responsabilidade e olhe a liberdade que você tinha, eu não me lembro de nenhum caso de favorecimento de média, de um

colega passar o outro sem ter domínio do passo e tal, então, isso era muito bacana, né, muito bom mesmo, isso foi uma revolução, na época era uma revolução.

Isso tudo fica porque a geração... as gerações do Aplicação... acho que o Aplicação funcionou de 62, se não me engano, até 76, minha turma saiu em 75, foi a penúltima, em 76 saiu a última, no ano de 75, que era o meu ano pro vestibular, eu me lembro que tinha um professor chamado Nielson, ele era o professor de física, e o pessoal com aquela tensão natural do vestibular, vai passar ou não vai passar e tal, ele disse, eu me lembro bem que ele disse: “olhe gente, nunca na história do Aplicação, até hoje,...

[...]

... nunca um aluno do Aplicação ficou fora da universidade, podia não passar na sua primeira opção, por exemplo, na Federal, que era a primeira opção de todo mundo, mas passava na Católica, passava na Trabuco, que é hoje a UNIFACS e tal... por que vocês vão ser os primeiros? Não se preocupem, aí ele fez um negócio interessante, ele pegou a sala, viu as profissões que cada um queria seguir e mandou que cada um de uma profissão fosse investigar os melhores colégios da época considerados, os privados, que eram indicados por nós mesmos,

- “Quais são os melhores colégios pra vocês?”

- “não, o pessoal do Antônio Vieira é muito bom, dos Maristas, do Dois de Julho e o Colégio Central e o Colégio Antonio Vieira” que eram dois colégios públicos também.

Aí fazia uma lista dos melhores colégios e dizia: “Então tá bom, vocês vão lá, vão pesquisar quantos candidatos tem pra as profissões que vocês vão fazer”.

E quando nós compilamos o resultado, ele comprovou que se todos os alunos das outras escolas, todos passassem, absolutamente todos passassem, mesmo assim ainda tinha vaga pra todos os alunos do Aplicação entrarem nessas universidades, o que deu muito conforto e, realmente, os primeiros colocados, o primeiro colocado geral do meu ano do vestibular foi o colega J. [...] ele fez medicina, ele teve a maior pontuação de todos, de todos. Depois quem teve a maior pontuação em engenharia foi outro J. [...] a minha foi a segunda maior pontuação de engenharia, né, então os alunos do Aplicação sempre se destacaram muito e, na própria faculdade, sempre tiveram bons desempenho e essa amizade que foi desenvolvida perdura até hoje, né, quer dizer, nós somos um grupo de amigos, como um colega nosso dizia “eternos amigos do Aplicação” e a gente se reúne com frequência,

fazemos festas anuais, eventos anuais de encontros dos colegas e, além das festas, as amizades ficaram. Esse fim de semana eu encontrei amigos, ex-colegas do Aplicação, sempre que eu venho aqui à Bahia, que eu moro fora há muito tempo, são os primeiros que eu ligo e tal, “então vamos almoçar, vamos nos rever” e os filhos já, amigos de outra geração, né.

Muitas vezes quando a gente encontra alguém que estudou no Colégio de Aplicação, mas que a gente não conhecia, já vem imediatamente afinidade, “ah, você foi do Aplicação e tal” então, já tem aquela coisa de confraria meio velada, como se dissesse: “ ah, então você deve ser gente boa, se foi do Aplicação deve ser gente boa”...

Era um fenômeno, era um colégio fenômeno, aí que vem a esperança da gente, assim, é possível ter educação pública de qualidade, é possível, desde que se tenha seriedade e realmente invista na qualidade, não precisa muito investimento financeiro, as instalações eram péssimas no Colégio, era um casarão velho, caindo aos pedaços, quer dizer, caindo aos pedaços... se fazia pintura todo ano, mas só. A estrutura era muito antiga, um anexo que foi feito pra ampliar as instalações, era um anexo todo de concreto armado com lajes pré-moldadas, sem revestimento nas paredes, as paredes eram de bloco sem revestimento, era muito simples, a escola não tinha infraestrutura de esporte, não tinha... a gente praticava esporte em instalações outras, ou ia pro Vale do Canela pra pegar um campo de futebol da própria UFBA ou utilizava... fazia torneio com outras escolas, então a gente ia jogar muito no Colégio Antônio Vieira, a gente ia jogar muito no Colégio Maristas, que era em frente ao Colégio de Aplicação, então, apesar disso, apesar dessa simplicidade, da austeridade das instalações, tinha esse contraste de ter um mega laboratório de física, um mega laboratório de artes industriais e oferecer todas as alternativas que tinha... então realmente é muito interessante.

E o corpo de professores era uma grande família, era uma grande família, desde figuras folclóricas como, por exemplo, a baiana do acarajé, que vendia acarajé dentro da escola, aliás, não podia vender o acarajé porque era proibido fritar o azeite quente ali pra não ter um acidente, era o famoso abará da baiana; tinha uma figura queridíssima de todo mundo, o baleiro Tchulha, morreu esse ano, foi inclusive alvo de uma grande campanha mobilizadora até ele falecer os ex-alunos eram mantenedores dele, ajudavam, nós reformamos uma casa pra ele poder morar dignamente, ele já tava com mal de Alzheimer, então os colegas médicos cuidavam dele e levavam pra fazer os exames, as diretoras da

escola, as várias diretoras, na minha época foi marcante... a diretora de mais tempo da minha geração foi Dona Zilma Parentes de Barros, depois virou pró-reitora e foi pro ministério de educação também, grupo de extensão...

A estrutura era a diretora geral, aí tinha uma diretora pedagógica, no nosso caso era Dona Lígia, que se dedicava muito na disciplina da turma e o pessoal de secretaria, tinha o SOE, Serviço de Orientação Educacional, que era pra fazer a integração entre os alunos e aconselhamento quando alguém estivesse com problema de relacionamento, de adaptação na Escola, então ela focava mais... promovia encontro entre as famílias, os pais eram amigos, eu me lembro que meus pais tinham uma casa de veraneio, aqui numa praia no subúrbio, em Paripe, e vários anos, vários anos consecutivos iam as turmas, eram sempre duas turmas, A e B, então como nos éramos quatro irmão no Colégio, então cada um de nós levávamos as turmas do seu ano pra passar um fim de semana, ia professora, a professora acho que era Odile, se não me engano o nome dela, ela ia com o marido, acompanhava e ficava ali o fim de semana com os alunos, e tinham os encontros, reuniões só de pais, pra avaliar, e as festas mobilizadoras, as festas juninas na Escola era bacana, arrumava-se barraca e os pais iam, participavam das festas e tal...

Era um Colégio que tinha um grêmio muito ativo e nós vivemos uma geração, minha geração foi a geração em pleno regime militar, né, então você vê que o AI-5 foi em 68 eu entrei em 69, entrei em pleno governo de Costa e Silva, mais dura... mais duro período da história, eh... meu irmão mais velho, eu ainda fui contemporâneo dele, ele fazia o terceiro científico quando eu entrei no primeiro ginásio, então ele viveu... ele viveu... 64 ele era alunos da Escola e grandes líderes saíram dali, vários políticos hoje, por exemplo, Z. que é deputado federal pela Bahia [...] muitos anos foi colega de turma do meu irmão, amigo, eu fui colega do irmão dele, o P. [...] que é cineasta, um cara que teve uma militância, uma militância muito grande. Lideranças empresariais que saíram do Colégio, lideranças políticas... Fora de série, é muito rico, você vai ouvir aí depoimentos do mais variados que é difícil você destacar, dizendo assim: não, era um colégio muito bom academicamente, mas pan, pan pan, pan... não, era um colégio em equilíbrio, ele era muito bom academicamente, ele era muito bom no ambiente, ele era muito bom na formação política, na formação do caráter, o desenvolvimento da liberdade com respeito, isso que era fantástico no Colégio, liberdade com respeito.

Todo mundo era livre pra fazer o que quisesse, não tinha chamada, você não era reprovado

por falta e ninguém faltava, até o fumo entre os adolescentes que era muito comum na época, eu mesmo era fumante, naquela época, tinha professores que deixavam fumar na sala de aula, agora, fumava próximo à janela, fumava próximo à porta e tal, mas era permitido.

O Grêmio, tinha uma eleição todo ano no Grêmio, eu mesmo fui do nosso grêmio lá um período, da diretoria do grêmio, uns se dedicavam mais ao esporte, outros se dedicavam mais às outras atividades, nos tínhamos uma salinha muito pequena que a diretoria cedeu pro grêmio e tinha uma mesinha de sinuca e uma mesa de ping-pong, mais nada, mas ali era um ponto de encontro, ia e se discutia as coisas, a gente tinha um exercício democrático do voto naquela época... você ter o direito de ser candidato, concorrer a uma eleição, tinha... isso que eu procurei pra lhe trazer, que até pouco tempo eu tinha, a minha, o meu título de eleitor do Colégio de Aplicação, mas não achei, eu tinha até pouco tempo, então você tinha que tirar o título de eleitor, votar nas urnas, tinha apuração das urnas, eram auditadas pra não ter marmelada e tal...

Muito bacana, o que que é mais marcante assim que... ah, tinha um, aí não era do Colégio de Aplicação, mas era um momento da cidade que tinha o festival de música inter-colegial, o Aplicação sempre tinha... muita musicalidade presente, sempre tinha músicas de autoria de colegas, eu nunca fui muito bom de música, tenho péssimo ouvido e não sei tocar nenhum instrumento, mas participava ali, dava força às turmas. Do ponto de vista da formação religiosa também dava muita liberdade, era um colégio que abraçava várias religiões, a comunidade judaica toda estudava no Colégio de Aplicação, então, na minha turma talvez quarenta por cento ou mais, da minha turma, eram judeus, todos grandes amigos até hoje, o Colégio Israelita da Bahia só oferecia até o curso primário, então no ginásio eles iam pra lá porque os judeus são muito competitivos e o Aplicação era um colégio muito puxado, então era uma demonstração de que o aluno era preparado, passar no admissão do Colégio de Aplicação... então, árabes, Judeus na turma, na mesma sala, se discutia relação entre árabes e judeus, se discutia o conflito... tinham os católicos também... os feriados judeus, como tinham tantos judeus na escola, os feriados judeus eram respeitados no calendário, como os feriados católicos e os feriados árabes, se respeitava muito isso e, quando se fazia celebrações, eram sempre... não ecumênicas, que o ecumenismo é só entre religiões cristãs, o judaísmo não é cristão, mas fazia um culto, todo mundo se sentia representado e aí se tinha um ambiente neutro, que era muito em função

da paz, das luzes, da música e tal, aquela confraternização de todas as religiões, muito bacana, muito bacana

[...]

D - o senhor já sai no finalzinho, o Colégio já perto de acabar, já eram bem poucas turmas, como era esse sensação no final do... o Colégio estava perto de acabar...

R - A minha... por exemplo, a minha irmã, logo depois de mim, que estudava lá, quando ela chegou na... ela não conseguiria formar lá porque anunciaram muito antes que iria acabar, e quando ela chegou no quarto ano do ginásio ela saiu, porque o Colégio... ela teria que ficar até 77, o Colégio tava anunciado acabar em 76, eu não, eu como ia sair em 75, permaneci até o final, e via sempre que a turma que formava não era reposta, e acabou o vestibular, o vestibularzinho, né, o admissão. Mas não era... não ficou um ar melancólico, não, eu senti muita tristeza, porque eu quando saí do Aplicação em 75, comecei a faculdade em 76, o primeiro semestre da faculdade eu cursei e tranquei, e fui estudar nos Estados Unidos, eu tranquei dois semestres e o colégio acabou e eu estava nos Estados Unidos, então eu recebi o jornal "A Tarde" daqui, meus pais me mandaram a reportagem grande com caderno, tinha uma manchete assim, bem grande, bem forte, assim: "O sonho acabou..." "o Aplicação acabou..." "acabaram com o sonho..." e tal, então, me lembro que foi muito emocionante, eu chorei muito quando eu li a... eu já tava saudoso, estava estudando fora e quando eu li aquela notícia, assim e eu vi que... acabou de uma hora pra outra, acabou, um negócio que era uma esperança e tal, vamos ver se um dia esse sonho retoma, né, e a gente consegue re-fundar alguma coisa parecida com isso, né.

D - [...] O senhor estabelece uma relação possível e harmoniosa entre disciplina... era uma escola disciplinar e liberal.

R - Total, porque a relação era de confiança, então quando você deposita confiança numa pessoa, que era o que acontecia com nós, alunos jovens, que recebíamos essa confiança dos professores, dos diretores, dos nossos pais também, de ter essa liberdade, desenvolve o senso responsabilidade, você não pode deixar de corresponder, você não pode frustrar, então, essa disciplina que fica pro resto da vida, a disciplina que vem da tomada de consciência de que você não pode jogar fora a confiança que depositaram em você, isso era muito presente em todo Aplicação, até aqueles colegas mais bagunceiros e tal, pa pa... quando chegavam na hora da demonstração da responsabilidade que era estudar, que era

zelar pelo patrimônio... Não tinha vandalismo no Colégio, nunca... tinha... pra não dizer que nunca vi um vandalismo, tinha negócio de parede do banheiro riscada, que a gente fazia brincadeira lá, fazia eleição das meninas mais bonitas, fazia o ranking lá na porta do banheiro, então... uma coisa que folclórica, quase... mas você não via um vidro quebrado, uma parede suja, uma carteira quebrada e a turma era... na época era cheia de energia e bagunçeira e festa e jogava bola e não sei o que, mas tinha o zelo, tinha o senso de responsabilidade, então eu acho que esse equilíbrio do liberal eu acho que é isso, acho que quanto mais liberal é a formação, mais você conscientiza a pessoa do senso de responsabilidade.

D - Mas é por que no regime militar, o controle fora do Colégio era muito intenso, repressão.

R - O ambiente fora era diferente do ambiente dentro. Fora era de repressão, mas o ambiente dentro, não. O ambiente dentro era de liberdade absoluta, liberdade de expressão, inclusive, pra você ter uma ideia, o nosso grêmio teve um período que o pessoal começou a chamar o grêmio de “brega”, brega aqui na Bahia é puteiro, então aí a nossa diretora, Dona Zilma, achou que aquilo já era muito apelativo: “pô não, porra, vamos manear, põe outro nome...” então a comissão toda foi lá e provou pra ela que “brega” era: Balneário Recreativo Estudantil do Ginásio de Aplicação. Aí fizemos um acordo, ela permitiu... se colocasse pontos, como se fosse as iniciais de Balneário Recreativo, poderia, então, ficou BREGA com os pontinhos (risos) mas ficou, ela não tirou, não tirou.

E tinha, lógico que tinha momentos... eu me lembro de um momento muito tenso... que... o Colégio era vizinho, de muro, de um pronto-socorro ali no Canela e, na época de São João, tinham o hábito de soltar bombas, né? Aquelas bombas e tal... e a gente fazia bombarelógio, pegava um cigarro - não sei se você já fez isso na sua adolescência - você pegava um cigarro já no final, aceso, você botava a bomba pra explodir no lugar, à medida que o cigarro ia consumindo sh... ela acendia e pipocava, então, isso tinha muito na Escola, tinha lá o terrorismozinho das bombas de São João, de brincadeira, e, numa dessas bombas, colocaram próximo do muro do pronto-socorro, tava chegando uma ambulância e aí parece que o paciente se sentiu mal e... eu sei que foi polícia lá no Colégio, foi polícia no Colégio. Aí como ninguém... todo mundo sabia quem tinha sido o autor, mas ninguém queria entregar ninguém, então a diretora colocou todos os alunos no pátio da Escola, com a polícia... todos no pátio e fazendo exame pirotécnico, pra ver vestígios de pólvora na mão da gente, então, esse tipo de coisa aconteceu, a própria polícia dentro da Escola, aquela

coisa de repressão, terrorismo e tal, mas só foi esse episódio que eu lembro assim mas tenso, não tinha censura, as músicas não tinham censura, o que era raro, tinha censura nas músicas profissionais, mas nos nossos festivais de música não tinha censura.

D - E vocês sentiam... quer dizer, isso ficava completamente fora da escola ou esse debate, esse receio de um comportamento ser censurado não tava nas relações dos professores, dos colegas?

R - Não, os professores, tinha até versões, né, por exemplo, uma das matérias obrigatórias do Colégio era OSPB e lá era chamada de... começou como OSPB e passou pra EPB, Estudos dos Problemas Brasileiros, e o outro era Estudos dos Problemas Sociais Brasileiros, não me lembro como foi a sequência... começou como EPB, depois virou OSPB... mas tinha essa matéria de civismo, então tinha um professor o Nelson, o Nelsinho, que era um baixinho muito querido da turma, mas que surgia uma história que ele era do DOPS, que ele era agente infiltrado do DOPS no Colégio, lógico que ele tinha a visão dele do civismo, muito forte, muito rígida, então você estudava realmente os problemas brasileiros com a cartilha do regime militar, do civismo, do respeito à pátria, do amor à bandeira, do amor ao hino, etc, etc. Mas, ele era um cara que jogava bola com a gente, ele levava a gente... às vezes fazia excursão, levava pra colônia de férias do SESC, na praia, era um ponto que ele sempre ia e levava, interagia, mas tinha sempre aquela... então, tinha um medozinho velado quando Nelsinho chegava na turma: “ó, muda o assunto aí que é vem o cara do DOPS aí” (risos)

Mas o ambiente dentro era de total liberdade, total liberdade, impressionante. Multirracial, multicultural, multirreligioso, multissexual, tinham colegas que tinham tendências homossexuais já manifestadas naquela época, mas se existia todo respeito, colegas de todas as raças, de todas as religiões, era bacana.

D - Era trabalhada a questão da discriminação ou não?

R - Não precisava, não precisava ser explícita, porque o ambiente inibia isso, então a crônica era o respeito, a confiança e o respeito, era a principal agenda da Escola, estava acima de tudo, liberdade, confiança e respeito, isso que moldou, vamos dizer assim, a personalidade dos alunos, e se desenvolvia muito a coragem, todos ex-alunos do Aplicação escrevem muito bem, leem muito, falam muito bem, são exímios oradores, porque isso era estimulado, como eu te falei, esses debates que tinham de algo, de você ir pra frente da sala

defender, falar, a coisa de você não ter a avaliação escrita, e sim oral, você era obrigado a falar, em português, nas aulas de português, lia-se muito e se discutia os temas, se discutia os livros, as histórias nas interpretações dos personagens, e se fulano tivesse feito assim ou assim, como poderia ter sido o final da história e tal, entrar no juízo de valor, “mas o que é que você acha do caráter do personagem tal?” então, isso era fascinante, fascinante.

D - O senhor seguiu a área de exatas, certo?

R - Eu segui a área de exatas.

D – O senhor acha que isso tem a ver com a formação do Aplicação?

R - Olhe, a minha opção pela engenharia, se deu seguinte, ela se deu no ano... no terceiro científico, na hora quase deu fazer a opção, deu marcar a caixinha e foi por influência de um professor particularmente, que era um professor meu de física, professor Nielson, que eu já comentei, e do Nelsinho também, esse de Educação Moral e Cívica... Educação Moral e eh... agora eu lembrei, OSPB depois mudou pra Educação Moral e Cívica. Os dois... eu era, eu sempre fui excelente aluno de matemática, excelente aluno de física e tal, mas eu queria fazer Direito, a minha vida inteira, a minha adolescência inteira eu queria fazer Direito, eu ia pro Fórum Rui Barbosa com um tio meu que era advogado, doze, treze anos de idade eu botava um paletó e uma gravata e assistia audiência no Fórum, adorava, a a questão do jure e tal e coisa... eu queria ser advogado criminal, criminalista, né, eu queria trabalhar ali e tal, pa pa pa... e eu escrevia muito bem também, então eu queria porque queria fazer Direito, na hora então... “então vamos fazer o psicoteste” fazia psicoteste e dava exatas, “pô, mas eu vou fazer Direito” mas o psicoteste, exatas. Aí tinha convidados, profissionais convidados pra dar palestras pra os alunos, pra ajudar a mostrar como era a realidade das profissões e todo mundo falava que eu tinha aptidão pra exatas, quando chegou na hora eu falei: “não é possível que o mundo esteja certo e eu errado, eu vou fazer engenharia” e aí optei por fazer engenharia civil e não engenharia elétrica que naquela época fazer o vestibular do ITA, de engenharia elétrica no ITA, era o supra-sumo, do supra-sumo. Então, era o que esse professor meu de física queria que eu fizesse, “não Roberto, você tem que incluir...”, “mas nem que a vaca tussa eu vou pra uma escola militar, sair do Aplicação e ir pra uma escola militar eu vou ser expulso no dia seguinte, porque eu não estou acostumado com a rigidez, eu estou acostumado com a liberdade” e eu também não queria, eu nunca me vi como um... com a formação que eu tive eu nunca me vi trancado numa sala de aula... ou, numa sala de escritório eh... sem tá interagindo com

gente e tal, então eu fui pra engenharia justamente porque das engenharias é a que ofereceria mais condições de eu ter contato com gente, esse processo produtivo que foi a minha vida até hoje e que eu sou muito feliz, faria de novo, me realizei, me realizo como engenheiro...

Mas, quando chega na engenharia eu sou muito demandado pelo Direito, então eu continuei sendo um apreciador e um estudioso do Direito, então eu sento com advogado pra discutir os assuntos de Direito afeitos à minha área de atuação. Por exemplo, Direito Societário, que eu sou muito demandado, eu conheço bastante; o Direito Administrativo, eh... toda legislação de concessão no Brasil eu acompanhei de perto, participei de grupos de debates e de estudos, da formulação da lei e tudo mais... tive vários encontros com parlamentares pra influenciar na formação da legislação...

Eu acho que o Colégio em si me despertou pra esse lado mais de humanas e esses professores em si me influenciaram na tomada de decisão porque viam um talento enorme pra exatas e que, de fato, aconteceu, no vestibular e fechei a prova de matemática, toda, toda, e quando saiu o gabarito tinha uma errada eu questionei, era uma pergunta sobre matrizes e foi a única. Eram 75 questões, as 74 no gabarito eu fechei, essa tava errada e eu questionei, eu disse a minha mãe:

- Minha mãe tá errado, publicaram errado.
- Meu filho, deixe de ser prepotente, como é que...
- Eu tenho certeza absoluta que a resposta é essa.

No dia seguinte saiu uma errata e eu fechei as 75, fechei, por exceção de duas perguntas, eu fechei física inteira e na Faculdade as matérias de engenharia do Instituto de Matemática, todas. Naquela época já era conceito, aliás, no Aplicação já era conceito, não era nota: I, MI, M, MS e SS. Então, eu só tive uma matéria no Instituto de Matemática que eu passei com MS, todas outras eu passei com SS. Eu só tirava SS, então, isso eu devo ao Aplicação, quem me educou foi o Aplicação. Nunca perdi uma matéria na faculdade inteira, minha média de curso daria pra eu entrar em qualquer universidade no mundo que eu quisesse aplicar e, ao mesmo tempo, nunca fui CDF, muito pelo contrário, sempre equilibrei... eu joguei futebol a minha vida inteira, praticava esporte, namorava...

[...]

Porque eu acho que... mais do que conteúdo, mais do que conhecimento, o Aplicação me

ensinou a estudar, me ensinou a ir buscar conhecimento quando eu precisasse dele, me ensinou a interpretar, então, essa capacidade simples que eu desenvolvi lá de você pegar e essência do conteúdo e... sabe, não tá muito preocupado com o detalhe do detalhe, de decorar o assunto, mas sim entender, aprender e apreender e guardar aquilo, isso o Aplicação deu, não tá presente só em mim, não, é uma característica dos colegas todos que passaram por lá.

D - [...] queria que o senhor falasse mais dessa sua trajetória com as exatas durante o Aplicação, o que é que o senhor lembra, o que lembra mais dos professores, dos conteúdos, o que é que o senhor lembra mais, o que foi mais...

R - Olhe, eu lembro muito dessa professora Júlia Leocádio porque ela era vizinha minha, morava no mesmo bairro que eu, e J., o irmão dela, que também estudava no Aplicação, era meu amigo e meu pai, meu pai é médico, era colega de Dr. J. o pai dela também, então eu já tinha uma afinidade de família muito grande e eu adorava a Júlia, ela passou pouco tempo lá porque ela tava justamente concluindo o mestrado dela e era obrigatório passar.

A Maria Augusta já era de um estilo diferente, ela não tinha um rapport com os alunos assim tão grande quanto tinha a Júlia, por exemplo, ou como tinha o Nielson ou Nelsinho ou Lígia, de português, ou Anice, de história, ela era muito fechada, mas brilhante na explicação, quer dizer, as pessoas... o interessante do ensino de matemática é que ninguém saía com dúvida, isso era bacana, e ninguém precisava ficar naquela neurose que eu via nos outros colégios, do decoreba, não. “Pô, tem prova amanhã, tem que decorar, tem que decorar...” Não, eu nunca... eu, nem no vestibular, deixei de fazer a minha... as minhas fórmulas... todas que eu queria pra responder o problema... e foi assim que eu aprendi matemática.

Eu não sei uma fórmula decorada, mas se você me der um problema eu vou lá resolver e vou chegar à solução do problema, resolvendo ele, era assim que a gente estudava, era assim que a gente aprendia. Eu não tenho, assim, nada marcante a não ser isso pra lhe falar da diferença de estilo de duas professoras completamente diferentes, da completa ausência da neurose do decoreba e a solução de problemas, era solução de problemas o tempo inteiro, solução de problemas, desenvolvendo o raciocínio.

D - Quais eram os conteúdos que vocês estudavam no Colégio, de matemática?

R - Eu me lembro que quando eu saí... quando eu saí, não, quando eu fui fazer o cursinho

paralelo com o terceiro ano, todo conteúdo do vestibular eu já tinha visto até o segundo científico, no terceiro científico eu tava vendo conteúdo que eu fui ver no primeiro semestre da faculdade, então... integral, derivada, que era conteúdo de Matemática Básica II, que era a primeira matéria que dava na Faculdade, eu vi no Aplicação.

D - O senhor só teve essas duas professoras de matemática durante o curso inteiro?

R - Elas foram as mais marcantes, é capaz de ter tido outras também, mas essas são as que eu me recordo mais.

D - Por que o senhor escolheu fazer cursinho de matemática, física e química?

R - Porque eram as três que tinham maior peso pra engenharia, então eu não podia errar, que cada ponto que eu perdesse era 3, as outras não, eram peso 1, peso 1,5, peso 2, essas eram peso 3, então, eu não fui por deficiência, porque eu precisava aprender mais aquelas matérias, eu fui por falta de prática de fazer prova de múltipla, porque eu tinha medo de perder muito tempo e o vestibular é teste de conhecimento no tempo adequado, não adianta você resolver uma prova em cinco horas se o limite são quatro, então eu fui, justamente, pra pegar esse macete. Aí eu tive... aí eu tive um grande professor, também, fora do Aplicação, Octamar Pinto Marques, no cursinho... no Curso Politécnico, eu acho que ele é ativo até hoje, eu acho que ele deve dar aula até hoje, o cara de melhor didática que eu já conheci, agora, proposta diferente do ensino do Aplicação, lá era a proposta preparar para o vestibular, então, eram as perguntas que mais caem, os shortcuts - os atalhos pra resolver os problemas, eh... macetezinho pra você decorar fórmulas...

Aí você perguntou de matérias... a área que eu mais gostava era geometria, eu adorava geometria, geometria era fantástica, inclusive a gente tinha que desenhar... essa questão do tridimensional, do espacial... era muito bacana, eu gostava muito disso.

D - As aulas de geometria tinham muito desenho, é isso?

R - Muito, muito, muito desenho.

D - Lembra de alguma coisa específica de geometria que estudavam no Colégio que foi bom?

R - Eu me lembro assim... a gente tá conversando e eu tô me lembro da cena da sala, né, a sala... esse período que minha memória é forte eu estudava já no anexo, novo, que eu te falava que era de laje pré-moldada, estrutura de concreto, laje pré-moldada, tinha ventiladores de teto e um quadro, quadro negro, mesmo, não era quadro branco, naquela

época era quadro negro e os professores usavam giz colorido, justamente porque, como tinha muito desenho e você fazia desenhos em perspectiva e espaciais e, etc., facilitava muito você visualizar a imagem usando cores diferente do que tava no primeiro plano, do que tava no segundo plano, do que tava no tridimensional, e os professores todos tinham uma caixinha, assim, de madeira, com giz dentro, com aquela... o apagador era a tampa do negócio, o layout era o mesmo, as cadeiras todas que tinham pra destros, pra canhotos tinha aquele lugar ali que dobrava, pra você apoiar, o professor sempre no centro, de costas, o quadro negro, os alunos ali, em fila, agora, tinha muita cola, nossa pesca - aqui na Bahia, tinha muita pesca, em época de prova.

Então, de matemática... essa era fantástica, na estrutura da sala tinha uma viga central com a alma grande, que ficava no eixo da sala, então, todo mundo sentava pra fazer a prova da metade da sala pra trás e os professores ficavam indignados, “pô, vocês não sei o quê, não sei o quê” “não, professor...”, na realidade a gente botava as fórmulas na viga, então, todo mundo quando tinha uma dúvida, corria, ia lá... (risos)

D - Nunca foram pegos?

R - Nunca fomos pegos, nunca fomos pegos... e tinha turma, tinha bons alunos entre os quais, como eu lhe disse, nunca fui CDF, mas sempre fui um ótimo aluno e eu também não era o aluno do dez, eu era o aluno do 8,5 ou 9, mas eu era 8,5 ou 9 em tudo, meu irmão era CDF, no Colégio de Aplicação tinha, no final do ano, a eleição do melhor aluno e dava-se uma corujinha.

D - Pra cada série?

R - É pra cada série e depois tinha a coruja do melhor aluno, da melhor nota e melhor média do ano. Meu irmão ganhava todos os anos a corujinha com a melhor média de todo o ano e pra mim, era muito bacana, porque nós somos muito diferentes, C. é um cara introspectivo, na dele, pouco amigos, muito intelectual, muito focado, muito concentrado, não era bagunceiro, não jogava bola, não tomava cerveja, não contava piada, não dava palavrão, entendeu? e eu era tudo isso, eu jogava bola, eu contava piada, dava palavrão, saía com os meninos pra tomar chopp ali no Canela, e não sei o quê, pe-re-re, interagia com todo mundo, então, eu tinha... foi o que me ajudou a descolar um pouco da imagem...

Quando eu entrei no Colégio eu era o irmão de C., o irmão de C., o irmão de R., meu irmão R. tinha uma apelido chamado [...], porque a praia lá em Paripe chamava-se Tubarão de

Paripe e R. levava, todos nós levávamos... R., antes de mim, levava os amigos dele pra lá, então o apelido dele era [...], “ah, vamos pra Tubarão”, [...] era o apelido de R.

Então, eu era o irmão de C. e o irmão de [...] e, rapidamente, eu criei personalidade própria, entendeu? Passei a ser Roberto, deixei de ser o irmão do C., que era o CDF da escola e deixei de ser irmão de [...], que meu irmão era muito querido também, e passei a ter personalidade própria, então, por aí.

D - O senhor falou que vocês faziam muitas atividades em grupo, mas era sempre no Colégio ou era fora do Colégio que vocês faziam?

R - Fora de Escola, fora da Escola... Tinha muito, eu... Nós estudávamos muito em casa de amigos, sempre em grupo. Quando eu morava em Nazaré, então, eu, M., I. e L., éramos vizinhos do mesmo bairro, então, por sinal são três judeus, todos três, I., M. e L., e nós íamos pra escola juntos, voltávamos juntos, estudávamos juntos e somos amigos até hoje.

[...]

R - Ah, então vou lhe dar, posso lhe dar aí a dica, por exemplo, se você quiser entrevistar a pessoa mais competitiva da minha turma no Aplicação, entreviste I., que era... ela vai lhe dar detalhes acadêmicos absurdos, porque ela era a CDF, podia ser tida como CDF, ela estuda, estuda, estuda, estuda, focada, focada, focada, focada, competitiva, competitiva, competitiva... sabia tudo, ia lá e tirava dúvida com o professor e voltava e não sei o quê, parara, era uma coisa absurda. Ela hoje trabalha no COT, ali no Canela, é fácil você localizá-la, ela é filha do... o pai dela é médico, Dr. M., é dono do COT hoje, ela e o irmão trabalham lá, ela é uma boa referência da minha turma, I.

Outro que é um grande empresário, aqui na Bahia, é J. [...] que foi também brilhante aluno, que foi o que eu te falei, na engenharia ele teve a maior pontuação e eu tive a segunda maior pontuação, excelente aluno, brilhante, na matemática então, era o craque, craque, craque, craque. J. ele é o empresário da JG engenharia.

[...]

D - O senhor falou que bicho papão era história, mas...

R - Pra mim era.

D - Mas, existia algum outro bicho papão...

R - Vou te contar, vou te contar... eu detesto decoreba e as provas de Anice, ela tirava muito ponto quando você errava data, quando você errava nome completo ou sequência de um evento, etc., etc., e era uma prova muito extensa, muito cansativa, então, foi uma matéria que... e com Anice, eu tive um episódio... a gente discutia muito, ela não gostava de mim, não sei porquê, tinha birra, assim, tipo... eu também não gostava dela, era a professora que... depois a gente até se reencontrou, já adultos e tal e conversamos numa boa, mas...

E depois eu fiquei sabendo que ela falava super bem de mim no Colégio Dois de Julho, que minha irmã quando mudou pro Dois de Julho, quando saiu do Aplicação e foi pra lá, foi ser aluna dela e ela não sabia que era minha irmã e aí ela citava alguns alunos de outros colégios e minha irmã disse que várias vezes ela me citou lá, mas ela me levou pro conselho de classe, foi a única matéria na minha vida que eu perdi, porque você tinha, no Aplicação, a prova normal, se você não tivesse uma média você fazia uma recuperação, se você falhasse na recuperação você fazia ré-ré, que era o que os colégios chamavam de segunda época, a gente chamava de ré-ré, re-recuperação, você fazia a prova, não obteve média, você com média M, passava, fazia só uma prova final, você tava passado mas fazia uma prova precisando de pouco ponto, se tirasse MS e SS você não fazia prova final...

[...]

[agradecimentos]

Entrevista: Valber Roberto Carneiro Carvalho (V)

Entrevistador: Diogo Franco Rios (D)

Salvador, 01 de novembro de 2010

Tempo da entrevista: 2h18'34''

Local: Casa do entrevistado

[...]

V - Valber Roberto Carneiro Carvalho, mas, profissionalmente, sou Valber Carvalho, aqui uma pasta que eu tenho com documento, fotos antigas, em geral, assim, quando eu procuro um documento é onde eu vou... tá nessa pasta, aí, Colégio de Aplicação.

Capaz de muita gente deve ter, Colégio de Aplicação... as mudanças que foram acontecendo comigo... esse aqui eu acho que era o segundo... o primeiro ano B, eu era primeiro ano de ginásio, aqui já é o último ano, eu já tô começando a crescer o cabelo, aqui eu com dez anos, olha cara de CDF, aí é antes do Aplicação, aí depois você vai ver foto minha aqui, eu cabeludo e você vai dizer: “eu não acredito que é o mesmo cara”. E é o mesmo.

D - Grêmio Isaías Alves, você saberia dizer se o grêmio sempre se chamou assim?

V - Rapaz eu já peguei assim, eu não posso te dizer por antes não, né?

D - Você entrou em que ano no Colégio de Aplicação?

V - Olhe pra aqui, isso aqui... histórico escolar, de que ano? 1974. Meu último ano lá é o último, a oitava série, aí as notas eram, I, MI, M, MS, S.

D - Você só fez o ginásio lá?

V - Só, porque eu fui obrigado a sair – isso aqui é a mesma coisa? Pela nota de baixo... É, eu acho que é uma cópia, né?

D - É parece ser uma cópia.

V - Checando as outras notas, aqui, M, MS, M, SS, é, é o mesmo.

[...]

V - É. Aqui eu comecei a jogar bola, tinha o que... comecei a jogar bola, eu me inspirava em um jogador que tinha no Bahia, que se chamava Douglas, tinha um cabelão... a meninada, os meninos todos imitavam. Sempre que tem um ídolo assim, os meninos copiam, o cara fazia gols belíssimos.

Não acredito que vá ter mais nada do Aplicação, não, eu deixei nessa pasta justamente pra

não ficar dando trabalho procurando... Basicamente é isso.

[...]

V - Lá tinha uma coisa quando você entrava no primeiro ano B você ia direto, segundo ano B, terceiro ano B, quarto ano B, entendeu?

[...]

V - Minha média 6,93.

D - Média geral, calculava média geral?

V - Exame de admissão pa-pa-pa, total de pontos de 346, media 6,93, 1970, Colégio de Aplicação, Centro Pedagógico Reitor Miguel Calmon, Faculdade Federal de Educação, não, Faculdade Filosofia e Educação da Federal da Bahia.

D - Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

V - É Faculdade de Filosofia? Era de Educação, não?

D - Hoje é a Faculdade de Educação.

V - Valor numérico dos conceitos: inferior de zero a dois, I...

[...]

D - Você não guardou o título, você tinha um título de eleitor?

V - Não.

D - Na sua época não tinha?

V - Comigo não.

[...]

D - Como era, tinha mudado para Centro Pedagógico? Deixou de se chamar Colégio de Aplicação na sua época?

V - Rapaz, eu não me lembro, não, será que já é a história do...

O depoimento que eu vou te dar... talvez quem possa ter um depoimento desse é alguém que cursou com mais idade, entendeu? Porque, assim, você, garoto, não tenha essa...

Eu vou te dar outras informações emotivas, leituras que a gente fazia... Eu me surpreendi quando eu... eu era considerado um aluno mediano, não sei porque, porque eu tinha sido o melhor aluno durante meu primário inteiro, eu era o melhor aluno da sala, disparado, eu fui... me mudaram de ano com seis meses de alfabetização e me passaram pro primeiro, porque tinha o primeiro ano A e o primeiro ano B, me mudaram de curso, de ano por causa disso, porque eu não tinha tirado nenhuma nota abaixo de nove, né, no meu primeiro ano primário e, aí, quando eu vou para o Aplicação, coincide com milhões de outras coisas que

aconteceram em minha vida, então, eu não queria mais ser o melhor aluno, e ainda peguei um colégio mais difícil que o Dois de Julho...

Eu vou te fazer uma pergunta como jornalista: o que é que te levou a de interessar por isso?

D - Tentando não lhe deixar muito tendencioso nas suas histórias, posso contar essa historia depois?

V - Pode.

D - Só pra não lhe deixar...

V - Pra não mexer na minha resposta, né?

D - Exatamente.

V - Deixa eu contar rapidinho... se quiser ligar o...

D - Tá ligado.

V - Já tá ligado esse tempo todo?

D - Tá ligado.

V - Olhe, o meu... eu sempre fui... eu sempre fui o melhor aluno da sala no primário, aí resolvi, resolvi, quer dizer, meus pais resolveram que eu iria pro Colégio de Aplicação, que era uma tendência natural, por dois motivos, pela excelência da Escola e pelo fato de não ser paga, então, se eu não me engano, era como se nós pagássemos, assim, cem reais no primeiro semestre e cinquenta no segundo, era uma coisa bem barata, cento e cinquenta, cem, era uma coisa assim.

D - Tinha taxa, então?

V - Tinha uma taxa, taxa, eu me lembro... como se você pagasse um DARF, hoje, um documento de arrecadação federal, se pagava, então, você cursava, então, tinha um vestibular, chamado exame de admissão, que era como se fosse um vestibular, então, muita gente tentava, eu me lembro que eu tirei... tinha umas 60 vagas e eu tirei o número vinte e três.

Vinham pessoas dos Maristas, do Antonio Vieira, do Dois de Julho, que era o meu caso. Eu tinha cursado o quinto ano primário no Dois de Julho e vinham pessoas do Tereza de Lisieux, os colégios mais gabaritados, vamos chamar assim, na época, e tinha uma coisa muito interessante, existia uma restrição de idade, no sei se você sabe disso, você só podia entrar no primeiro ano de ginásio, fazer admissão, se você nesse ano seguinte que tivesse cursando, você tivesse ou dez ou onze anos, então significava que as turmas eram: primeiro ano, 10 e 11, segundo ano, 11 e 12, 12 e 13, 13 e 14. Então, você não tinha como fugir

disso, tinha uma restrição de idade, né, e a gente fez o exame, me lembro que tomei banca não sei o quê, pra poder garantir a minha entrada e... entramos lá, foi ótimo, aí, o que é que acontece, quando você entra no Aplicação... eu vim de um colégio que não era tão rígido, no Dois de Julho, no sentido dos costumes.

O Colégio Antônio Viera, por exemplo, um colégio jesuíta, as pessoas usavam calça cáqui e usavam, nesse período que eu era quinto ano primário, os caras usavam gravata, uma gravata sobre a camisa, no Dois de Julho não havia essa imposição, mas tinham umas camisas com três listras aqui, parecendo adidas, branca e uma calça social, acho que azul marinho, uma coisa dessas. Aí vou pro Aplicação.

No Aplicação você podia usar calça jeans e, eu não me lembro se foi adotado já no primeiro ano que eu entrei ou foi no segundo ano, no ano de 72, que é um ano particularmente muito louco no Brasil, assim, pra você ter uma ideia, o ano de 72 foi o ano que o Brasil, na música, lançou, Júlio Medalha é que fala isso, Caetano lançou *araçá azul*, Gil lançou *expresso 2222* e Chico lançou *construção*, então, é um ano muito esfuziante, assim, que tem muita coisa acontecendo... eu não sei se as fardas novas foram lançadas em 71 ou 72, eu sei que era novidade, todo mundo de camisa polo, de cores variadas, só não podia ser vermelha nem preta, talvez fosse por causa da ditadura, então, todo mundo... então, você imagine: você acostumado, olha pro Colégio defronte, que era o Maristas e vê todo mundo sério, as roupas muito padrão e você... todo mundo de jeans, com tênis coloridos, de todas as cores, então, você tinha tênis... é... eu tô abrindo bastante leque, talvez lhe interesse, né?

D - Interessa.

V - Mas me lembro muito bem das roupas que usávamos, havia tênis keds, tênis Iris, kichute, os mais populares. Então, tinham tênis de todos os tipos, tinham calças jeans, que variavam desde uma jeans despersonalizada até quem tinha mais dinheiro tinha uma lee riders ou levi's importadas e as camisas, por uma indicação da Escola, eram camisas da marca Master, nunca esqueço disso. Por que eu tô citando tudo isso? Porque era um delírio visual a Escola na hora do recreio, você via aquela coisa colorida, sabe, e aquilo fazia muito bem aos olhos.

Além disso, o Colégio conseguiu, não sei se quando eu era segundo ou terceiro ano, 72 ou 73, que o grêmio tivesse um som e o grêmio tinha uma aparelhagem de som que tocava músicas, quem vai lhe dizer detalhes disso é quem era do grêmio. Tocava-se rock n roll no horário do recreio e tocava Uriah Heep, Black Sabbath, Led Zeppelin, tocava pauleira, meu

irmão, o couro comia, mas durou pouquíssimo tempo porque alguém foi lá e roubou o equipamento do grêmio. Então, tocava essa zorra, era um som maravilhoso e era uma época que Nelsinho Motta fazia um programa na tv, só pra pessoas muito antenadas, chamado *sábado som*, que era justamente mostrando clipes e outras coisas... esse programa seria um neandertal predecessor da MTV. Então, você via os caras mais feras do rock... e tocava isso.

Tinha os babas, tinha um baleiro chamado Tchulha, morreu agora, que era muito querido

[...]

e tinha os babas, tinha um baba na frente e um baba no fundo, sempre babinhas de três alunos contra três ou dois contra dois. Tinha mais três contra três, com o gol fechado, isso era, vamos chamar assim, a vida social que você via no intervalo, nos recreios.

Era um colégio que tinha muitos judeus, e muitos filhos de famílias “famosas” misturadas com outras bem classe média. Havia um clima de uma certa liberdade na escola naquela época de ditadura em que, muito garoto, não entendia muito.

Era uma Escola que ela era muito voltada para o mérito, tinha a coisa da meritocracia. A gente tinha aulas lá, no formato da Universidade Federal, que era, por exemplo, você ter aulas normais de manhã e você escolhia as matérias eletivas ou optativas, como se fosse na Universidade, aí você tinha matéria que tinha um peso, as que você podia pegar e as que você não podia pegar, aí a gente tinha... pra você ter um ideia, a gente tinha que pegar duas por semestre, tinha artes industriais, aí você fazia tábua de carne para sua casa, fazia blocos de rascunho com a capa toda colorida, você fazia um armário, se fosse mais capacitado pra isso, fazia livros... aí você tinha aulas de história da arte, através de slides – imagine isso no início da década de 70 –, você aprendendo Grécia, Roma, os grandes artistas do Renascimento, através de slides, você tinha taquigrafia, artes industriais, iniciação artística, história da arte... me lembro desses quatro assim, deve ter mais.

Outra característica muito interessante da Escola é que você tinha testes de língua estrangeira, no primeiro ano, se eu não estou enganado, a gente estudou inglês e francês e, nos anos seguintes, você fazia uma opção por uma das duas línguas e aí um garoto do quinto ano... do que seria hoje a quinta série, primeiro ano de ginásio, fazia um teste – mas se ele estudava inglês desde garoto – e ele era nivelado aos caras que estavam no segundo grau, ele frequentava aulas de inglês com esses caras, na mesma sala, era um pivetinho de onze anos com uns caras já barbados, vamos chamar assim, e nesse teste de inglês a maioria ficava no mesmo nível da sua sala e outros que eram muito avançados iam pra

outro lugar. Essas aulas eram à tarde e isso permitia você frequentar uma outra sala, com outras pessoas, porque de manhã era o ensino natural, normal.

Então, uma escola que tinha apenas sete níveis de aprendizado, quatro de ginásio e três de segundo grau, chamado de científico, na época. Tinham sete turmas com duas salas, dava quatorze salas de aula, cada uma com trinta alunos. Quatrocentos e vinte alunos... e aí você tinha essa disposição – o prédio ainda existe, é onde hoje funciona a Faculdade de Nutrição –, aquele prédio também parecia que fazia parte daquele processo, – que eu não peguei a sede anterior –, onde estudei eram prédios de concreto armado e tijolo, sem pintura, então, eu acho que isso reforçava pra gente a ideia de um lugar experimental, entendeu?

D - Vocês estudavam no prédio anexo... é isso?

V - O prédio onde estudávamos é um prédio de concreto armado aparente e tijolos, as paredes não são caiadas, não tem reboco, não tem pintura. Nesses prédios escolares, só o interior das salas de aula tinham pintura, acabamento. Do lado de fora as paredes eram cruas e, do lado oposto ao pavilhão de aulas, havia um outro prédio mais “normal” onde funcionavam as salas do segundo grau no andar de baixo e, em cima, era o laboratório de ciências.

Então, você tinha essa disposição: um prédio antigo formato chalé, na frente, – que ainda tá lá –, tá tudo lá, tinha o prédio antigo e aí você entrava, nesse prédio antigo tava a diretoria, superintendência, a secretaria, aí você, ao passar por dentro desse prédio, você chegava num quadrilátero onde à sua esquerda ficava a cantina, imediatamente à sua direita uma escada de caracol que levava ao grêmio e para a sala de educação artística e que também conduzia ao mesmo prédio da administração da entrada. Eram 2 prédios de aulas, um do segundo grau embaixo e laboratório em cima. O outro, em concreto armado com uma escada central com três salas de aula em baixo antes da escada, depois da escada que levava ao segundo andar, havia mais uma última sala de aula no andar de baixo e contíguo, a oficina de artes industriais. Em cima, eram seis salas, três de cada lado com a escada no meio. Na área final da escola havia um quadrilátero de cimento onde se jogava bola. Ao fim de tudo isso um muro com um portão e o Vale co Canela atrás, certo, através desse portão os alunos iam para as aulas de educação física lá atrás, que aconteciam no fundo da escola, no Vale do Canela.

Tinha bullying na Escola, viu?

Na Escola tinha bullying... alguns garotos faziam bullying... no sentido de abusar, mas alguns mais fortes faziam a defesa dos mais franzinos ou mais tímidos, vamos chamar assim. Eu demorei muito a entender que o tamanho que você tem quando garoto determina

muito a sua maneira de ver o mundo, né, se você é o menor da sala, como eu era, só tinha um cara menor que eu, P., eu era o vice-menor, vamos chamar assim, então, você tá mais sujeito a alguém encher seu saco, mas eu me lembro que teve uma situação que eu apanhei de uns veteranos porque eu usava botas, no quinto ano primário eu comecei a usar botas ortopédicas e a bota ortopédica é um negócio barra pesada pra jogar bola, e nisso o cara passou por mim e o campo onde a gente jogava – onde hoje é a Faculdade de Administração, Educação, lá em baixo no Vale do Canela, era muito cascudo, muito seco e o cara passou por mim e o meu pé tocou no calcanhar dele e o cara tomou uma queda daquelas dos joelhos ficarem esfolados e, depois, acabou o jogo e a gente ganhou, eu acho, e a gente era calouro e aí eu tomei um murro aqui, no bebedouro, tomei um murro e um chute e aí aquilo me marcou muito porque era um grupo, eu apanhei de uns três ou quatro, e eu cheguei em casa muito calado, e meus pais acabaram descobrindo o que foi, meu pai foi lá na Escola, bradou, né, eu me lembro que alguém disse assim, né, isso não era motivo para o pai vir na escola – mas era mais coisa de calouro e veterano, porque tinha muito essa coisa de calouro e veterano lá. Então, eu era um calouro que derrubou o cara. Você tem alguma perguntar para fazer?

D - Eu queria saber sobre outros casos de bullying. Se lembra de mais alguma história contigo ou com outra pessoa?

V - Rapaz, veja bem, tinha uma menina lá, que eu não vou dizer o nome, que a menina tinha as melhores notas da sala em matemática, mas se descobriu, depois, que ela era bastante burra, eu acho que ela estudava demais, porque quando o professor lançava o assunto na sala ela não captava nada, entendeu? Então, quando a professora de matemática falava assim: “dada um reta r e um ponto $p...$ ”, “professor por que a reta é r ?” aí era risada geral, e depois ela tirava a melhor nota da sala em matemática, e a gente sacava e isso, o ambiente em muitas as escolas no Brasil funcionam mais ou menos assim: os inteligentes têm mais moral que os estudiosos, no sentido de, se você é inteligente naturalmente você tem um DNA mais valorizado, né? e isso havia lá como em muitas outras escolas.

Outra coisa engraçada do Colégio, porque ele lidava com tanta gente que já era boa em outros colégios que, era comum um aluno, vamos chamar de mediano, nota seis num ano, se tornar um aluno respeitado no ano seguinte estar em um outro nível de notas porque aqueles novos assunto lhe interessarem mais ou porque era um período da vida que se estava mais focado, mas, assim, você podia não ser bom em tal matéria, mas ser excelente em outra. A cada ano, você tinha no máximo uma ou duas pessoas em cada sala, que iam

muito mal e acabavam perdendo de ano e saíam da Escola, mas, em geral, você poderia ser um aluno mediano em matemática, mas você jogava duríssimo em história e as pessoas vinham atrás de você, tinha muito essa coisa: não era aquele grupo que você vê, tradicional de colégio, assim, esse são os “feras”, os “fodões” e o resto é gentinha, não. Você tinha aqueles que eram bons em todas as matérias, pessoas muito estudiosas, inteligentes e estudiosas, mas você via – como se fosse futebol –, você pode estar numa série A do campeonato e o Ceará chegar lá em São Paulo e ganhar do São Paulo, tinha isso, então, tinha uma determinada matéria que tinha alguém que não se sobressaía nas outras, mas era excelente em geografia e ia “pra cabeça”.

As professoras de lá, os métodos, eles eram muito revolucionários pra gente, por exemplo, eu me lembro de uma aula de português, que tinha um caderno chamado livro-caderno ou caderno-livro, chamado *criatividade*, grandão, assim, aí você abria e tinha uns exercícios propostos e um deles era assim: recriar...

[...]

V - ... recriar histórias que você conhece de conto de fadas. Recrie. Faça um final diferente.

Rapaz, tinha gente que misturava Mao-Tsé-Tung com o presidente americano da época, com Nixon, com Herry Kissinger, que era o secretário de estado mais famoso da época, você tinha milhões de incentivos à inventividade e isso era muito valorizado.

Eu me lembro que em meu segundo ano a professora de história, bastante querida, Maria do Carmo, utilizava um livro adotado pela Escola, que para a época era uma maluquice, – eu tô falando em maluquice no bom sentido, em 1972, veja há quantas décadas –, o livro de história geral era em quadrinhos, você imagine, você estudando Roma, Egito, em quadrinhos, eu não entendo porque isso não existe hoje –, aquilo nós atraía demais, a princípio parecia um livro ilustrado e até pouco profundo, mas aprender através de histórias em quadrinhos? aquilo entrava no seu cérebro de uma maneira muito maravilhosa... – não entendo porque os livros hoje não buscam isso.

Geografia, era interessante, a professora chamava Elisabete, lembro que poderia ser melhor, se ela pudesse utilizar os recursos da história da arte, os slides, e fazer o aluno entender visualmente, não simplesmente, imaginar, que uma ilha é uma porção de terra cercada de água por todos os lados, seria melhor. Português eu já falei, que tinha muito incentivo à sua criatividade, ao mundo social e político que nos cercava.

Matemática. Quando chegamos na sétima série, sétima e oitava, nós tivemos o prazer de estudar, de sermos aluno de uma mulher meio doida, vamos chamar assim, pelo menos

aparentemente, mas extremamente inteligente, uma das autoras do livro que a gente estava estudando, você imagina o que significa isso? Maria Augusta, não lembro o resto do nome, não, agora, o livro era feito por oito pessoas, o primeiro, o mais famoso, um matemático daqueles, chamado Omar Catunda, e ela era a última ou a penúltima, rapaz, aquilo era um delírio para gente, a mulher era uma das autoras do livro que a gente tava estudando... e ela jogava duríssimo, ela inventou um sistema de avaliação em que o aluno em todas as aulas tinha que estar presente no início da aula, você não podia faltar e não podia perder o início da aula porque havia um teste, ela chamava de mini-teste ou testinho.

O teste era o seguinte: para ninguém “pescar” (colar) ela dividia a sala em quatro diferentes turmas com testes diferentes e escalava as pessoas da seguinte maneira: na primeira fila A1, depois A2, depois A1, depois A2, na fila ao lado, B1, B2, B1, B2... para cada uma era ministrada uma questão diferente, isso significava que você ia ter alguém com a mesma questão que a sua se você virasse bastante seu rosto, para estabelecer um contato com a segunda fileira à sua direita ou esquerda, tinha uma fileira no meio e ficava impossível pro aluno colher ou passar uma informação sem chamar a atenção. Então, ela dava quatro exercícios, um pra cada uma dessas turminhas responder, aí você respondia e ela recolhia em cinco minutos, aquilo, e quando você acertava recebia um “mais”, se errava recebia um “menos”, a quantidade de “mais” que você tivesse era somada e aquilo gerava uma nota que ia ser dividida com a nota do teste e a nota da prova, e aquilo era um terror de alguma forma, mas também te mantinha aceso, é como um piloto de avião que tem que fazer teste todo mês pra saber se tá bem, só que era toda aula, e foi um período, assim, muito, mas muito difícil, eu fui muito bem na sétima série, eu me lembro, em equações do segundo grau e sofri um pouquinho na oitava, que era geometria.

Mas o ensino de lá era um negócio tão forte que quando eu saí de lá, eu fui fazer o segundo grau no Colégio Dois de Julho e tirei logo na entrada umas seis notas dez, assim de cara, porque as provas lá eram de marcar enquanto as provas dessa professora, Maria Augusta, eram assim: “considerando que existem duas retas paralelas que cortam outras duas retas não sei o que lá... e que o ângulo tal SI é igual... congruente com o ângulo tal, prove que essa terceira reta que passa aqui é paralela também a essas duas”. Você tinha que provar por lógica geométrica. “Com efeito...” – a gente tinha que começar assim –, “com efeito, considerando-se que o ângulo tal é igual ao ângulo tal e que o teorema de não sei quem diz que quando duas retas se cruzam no ângulo tal pa-pa-pa... gera uma terceira reta não sei o quê...”, então, pra você responder aquilo você escrevia um catatau de... treze linhas,

justificando... até você provar por A mais B, por lógica, que aquele ângulo tal era igual ao ângulo tal. Então, a prova de matemática da oitava série, era assim, era uma prova muito difícil, de escrever, de relacionar teoremas e gerar conclusões, lhe colocava para pensar e por isso era fantástica.

Tinha aulas de EMC - Educação Moral e Cívica, inserida pela ditadura da época, e no segundo grau tinha OSPB, você tinha que aprender uma série de coisas, dia da bandeira, essas coisas... fazia parte do pacote militar. Ah! voltando ao uniforme da escola, a calça jeans com camisa pólo colorida nos garantia uma certa diferenciação de comportamento, como os alunos usavam o escudo da escola plastificado e com uma presilha no fundo para prender, isso lhe permitia ir ao cinema, com a roupa do colégio, imagine, isso era um luxo para nós garotada, quando você saía da escola, se precisasse ir por cinema, só era necessário tirar o escudo plastificado e guardar e você ia pro cinema, normalmente, você não tava com farda, porque antigamente – não sei se hoje é assim –, era proibido você ir com farda pro cinema, significava que você estava faltando às aulas.

Então, isso nos dava uma mobilidade urbana, assim de... era como se fosse... a palavra certa mesmo é à paisana, na rua, se você tirasse aquilo, você estava à paisana, isso era muito interessante, eu acho que mexia muito com a cabeça da gente.

Existia, assim, competitividade na sala de aula, em termos de ser melhor e, alguns, se davam a esse trabalho de competir, eu digo pra você: se eu fosse mais garoto eu teria entrado na competição, que eu sabia que tinha capacidade pra isso, mas minha entrada no ginásio coincidiu com o período da copa de 70, eu passei a me interessar por futebol e meninas, então, essas descobertas de paquerar, de namorar mexeram comigo a ponto de... Eu não queria, eu não tava tão focado e, imagine, o Brasil tinha ganho a copa de 70 e a partir daí eu fui dar meus primeiros chutes, assim, comecei a jogar, eu vivi uma realidade muito louca, que eu acho que isso, talvez, seja uma coisa que lhe interesse, é...

Eu morava na Avenida Sete, certo, num casarão antigo e o fundo da minha casa dava pra uma rua chamada São Raimundo, uma casa comprida, aquelas com frente e fundo e eu jogava bola com essa galera e jogava bola com meninos da minha idade, mas enquanto eu era, por exemplo, sétima série, terceiro ano do primeiro grau, muitos eram primário, então, aos treze anos... eu tinha doze e fiz treze no ano de 1973, eu jogava bola com meninos de treze, que eram quinto ano primário, quarto ano primário. Então, isso era um hiato cultural, porque eu ia pra sala de aula e se falava em David Nasser, se falava em “Revista O Cruzeiro”, se discutia o que estava acontecendo no mundo, entendeu, e o lugar onde eu

jogava bola e que era muito importante para mim, fazer aquela interação, eram meninos de outra classe social, abaixo da minha e, extremamente ignorantes, no sentido do saber e eu tinha que ter esse elo aí, nessa fase que eu lhe falei de Douglas, jogador do Bahia, onde hoje tem o “Orixás Center”, aqui em Salvador, você sai do Vale dos Barris, sobe pra ir pro Politeama, onde tem um prédio enorme, Orixás Center, ali tinha um prédio de uma família e, na frente, – o prédio ficava mais alto –, tinha uma rua de barro, depois foi asfaltada, que era o lugar da gente jogar bola, então, esse... essa... essa gangorra foi muito interessante para mim, porque eu ia jogar bola com aquela meninada, dia de sábado, a gente ia jogar na Federação, onde hoje tá o PAF da UFBA e a gente quase apanha aí – que era um lugar que a gente chamava de lugar de índio –, então, o campo era enladeirado e cheio de gente em volta, assim, de outro nível social, a gente ganhando o jogo na “terra dos caras” e nada da gente deixar os caras empatarem, e o jogo não acabava, a gente um pouco acuado. O segundo tempo durou uma hora e cinco minutos, até os caras empatarem, porque eles não podiam sair com a derrota.

Então, ia pro IAPI, bairro mais longe, aí jogava lá, apanhava, ganhava, então, eu comecei a descobrir esse lado moleque quando eu tava no ginásio, que no meu primário eu passei todo lendo, eu não tive aquela coisa de menino de oito anos, sabe, dar badogada nos outros, matar passarinho, nesse período eu só fazia ler, só queria estudar, porque eu adorava ler, aí o Brasil ganha a copa e alguém me fala em conhecer menina, alguém falou em comer menina, “pô, como é isso?”. Eu era menino, com onze anos de idade, bestão, e aí o Colégio de Aplicação me ajudou nisso de, por ser um colégio mais aberto na mentalidade e essas duas coisas se combinaram e fizeram com que eu decidisse, assim, de uma maneira consciente, que eu não queria entrar na competição de ser um dos melhores alunos da sala, porque eu tinha sido o melhor, disparado, no ensino fundamental, então, como se fosse assim, “agora eu não quero mais isso, agora eu quero descobrir aquilo ali...”

Porque o Colégio era muito exigente, então, para você ser um dos melhores, você tinha que se entregar ao estudo e eu queria dividir o meu tempo, queria fazer minha lição e jogar bola.

D - Essas descobertas aconteciam... essas coisas, essas papos de menino, aconteciam no recreio do Colégio?

V - Não, rapaz, tinham grupos, né, por exemplo, o grupo dos meninos mais retados, vamos chamar assim...

D - Você fazia parte?

V - Não. Eram meninos que, como eu disse, os que tinham matado passarinho, que tinham tido uma vivência de mundo que eu não tinha e eu não pertencia a esse grupo, eu conhecia, convivia, mas não pertencia, eu também não era uma pessoa, assim, escornada no canto da sala, eu tinha um grupozinho, de uns três ou quatro caras, e... também fisicamente eu era muito menino, isso também interfere porque, sabe aquela estória de quem diz “não sei quem já tem gala...” [...] e você não tem ainda, os seus querereres em relação às meninas são diferentes, você ainda tá meio devagar pra abordar e o cara que já tá aceso, já tá se sentindo homem, já tá sob ação mais forte de hormônio, ele tem outras, vamos chamar, traquinagens.

Então, tinha um fato: pra você fazer parte desse grupo você tinha que ser ou mais vivido ou grande, para ser pequeno e estar nesse grupo, você tinha que ser mais vivido e eu não tinha vivência, minha vivência era livro... Eu costumava dizer pra minha mãe, “olhe, se você tá pensando que eu vou passar o final de semana sem ler um livro, você tá muito enganada”. Ela tinha que comprar um livro todo final de semana, nas bancas se vendiam coleções de... “O conde de Monte Cristo”, esses livros, assim, eu batia o olho... eu sumia e voltava com o livro lido. Eu passava o sábado e o domingo lendo... feliz. Mas não fazia aquilo pra agradar ninguém, não, era desejo, o livro me levava a um mundo que eu adorava.

Outra coisa, eu me lembro que comecei a usar óculos também, isso pra mim, de alguma forma, me... eu me sentia um pouco fora de contexto, o fato de usar bota também, ajudava – eu mesmo me isolar um pouco, né –, porque ninguém usava bota, bota era uma coisa fora de padrão e por que eu usava bota? por causa de falta de curva no pé, uma coisa de família, aí até fiquei com um pouco... é que meu pé é muito aberto, assim, até empatou um pouco de jogar futebol porque meu chute não era tão forte, eu não tinha esse carço, aqui... então, fisicamente, eu era, assim, o segundo menor da sala, um cara um pouco tímido e tava descobrindo um mundo completamente novo pelo Aplicação...

Engraçado que esse tipo de memorialização eu acabo descobrindo coisa que parece psicanálise, que nunca tinha pensado no assunto.

Tinha uma professora de ciências, chamada Socorro, à medida que você passava para outras séries o professor de Ciências era um cara chamado Nielson, tinha aulas de ciências no laboratório... já falei português, matemática, ciência, geografia, tinha inglês, que era Cleidir, esqueci o nome da professora de francês, francês só foi uma vez, só foi um ano. Aline, eu acho.

D - Você me falou de um livro de português, e os livros das outras matérias, você lembra de

alguma coisa?

V - Me lembro dessa de história, que eu te falei, me lembro do de matemática...

D - Como era o livro?

V - Era um livro branco com uns desenhos meio abstratos, geométricos, assim na frente, geométricos, provavelmente editado pela UFBA, o pessoal toda da UFBA, Martha Maria de Souza Dantas, me lembro de uma, Omar Catunda, que era o primeiro, olhando assim, de certa forma, aquilo era um delírio, né, você conversava com gente, com seus colegas de outros colégios... a gente aprendia matemática estudando num livro em que a nossa professora era uma das autoras...

Ah, tinha teatro também, outra matéria optativa, eu cheguei a fazer teatro lá, lá eu ganhei meu primeiro dinheiro na vida 25... chamava cruzeiros ou mil cruzeiros, foi uma peça de teatro que eu fiz com um cara chamado “Grande” e uma menina que o apelido dela era Elevador.

A professora chama-se Lúcia di Sanctis, a gente saía da Escola e atravessava a rua, andava uns trezentos metros e ia pra Escola de Teatro tomar aula de teatro na Escola de Teatro, imagine, cara, a gente fazia teatro, eu me lembro que foi uma peça de teatro que eu fiz, que chamava “o pintinho feio”, que era o patinho feio com outro nome, fez uma adaptaçãozinha, na verdade, eu era o único de turmas mais novas, eles eram todos do segundo grau.

E...acho que fiz uma segunda peça lá, só, assim de teatro, e teatro era muito bacana também, era um colégio que incentivava muito a você traçar sua individualidade, traçar seu caminho, né, tinha uma superintendente que era bem dinâmica e rígida, chamava Lígia, “Lijão”, o apelido dela, e a diretora, Zilma Parente de Barros, que você vai encontrar... – tinha uma filha linda, deve ser linda ainda, V. –, que você vai encontrar algumas pessoas que vão lhe falar, sobre pressões dos militares na escolha das diretoras.

Eu não sei, eu não posso dizer porque eu vim saber disso agora, porque eu, como garoto, não tinha a menor leitura disso e nem tinha conhecido a anterior, mas eu soube disso, recentemente, que existe um rachazinho, assim, de algumas pessoas que foram do outro Aplicação, que era mais combativas no sentido de... mais questionadoras da ditadura, né, e que essa segunda fase do Aplicação ou terceira, que eu não conheci direito, seria uma fase mais amena, menos politizada.

Quando você tem onze, doze, treze anos, com essas descobertas que eu tava fazendo... eu não tem essa noção política da Escola, né, você poderá perguntar aqueles que estudaram lá

no segundo grau, e apurar quantos Colégio de Aplicação resistiram e por que o do Bahia não resistiu e acabou sendo fechado, entendeu? Quer dizer, decretaram o fim do Colégio, de uma maneira gradual, e eu fui da primeira turma que foi cerceada de continuar estudando lá, porque era assim: “quem estiver concluindo o primeiro grau no ano de 1974, não faz o segundo grau, acaba, quem estiver no segundo grau, conclui o segundo grau”.

Então, quem entrou em 71, como eu, em 74 forçosamente tinha que ir embora, certo? Quem entrou em 73, por exemplo, fez 73, 74, 75, 76, e o mesmo valia para quem estava no segundo grau, quem tava encerrando sairia de todo jeito porque iria fazer vestibular, quem estava no segundo grau, terminaria, e eu, nossa turma, foi a primeira turma penalizada porque estávamos lá e tínhamos que sair, aí eu voltei ao Dois de Julho

[...]

V - Agora, eu ouvi isso aí, esse rachazinho, assim, como se as pessoas que foram do primeiro Aplicação ou do segundo, não sei, dizendo assim: “ah, esse pessoal que entrou depois é mais alienado...” e se for por essa linha aí, eu fui um alienado porque eu cursei o ginásio que eu sabia das coisas políticas e eu não tinha o menor interesse, cara, eu queria descobrir esse mundo meu, de mulher e futebol, aí no segundo grau pode ser que eu viesse a despertar pra isso.

D - Você fala de um primeiro, um segundo e um terceiro Aplicação.

V - É, eu tô falando de sedes, parece que teve três sedes, duas com certeza tiveram, a sede do Canela é a que eu estudei. Teve gente que foi de Nazaré é fez uma segunda parte no Canela e, talvez, tenha tido uma outra... tem uma música dos Novos Baianos, você conhece?

D - Conheço.

V - Colégio de Aplicação. Alguém tava dizendo outra dia, talvez eu encontre no meu email, a explicação para isso, era um cara dos Novos Baianos que paquerava uma menina do Aplicação, isso é fácil de achar, entendeu, aí deve umas duas ou três pessoas que eu gostaria de lhe indicar... quem você já conversou?

[...]

V – [...] uma outra coisa interessante, eu não sei se... mas, assim, vamos partir do princípio que todo mundo que tava lá dentro era inteligente, que o exame era muito difícil, agora, recentemente, uma reunião de ex-alunos, eu comecei a me... começou a chamar minha atenção pra isso, que a inteligência não é uma prerrogativa para o sucesso, entendeu, você encontra pessoas que não estudavam, que eram inteligentes, e hoje são pessoas muito bem sucedidas, você encontra pessoas que não são tão bem sucedidas financeiramente e, em

tese, na minha cabeça, eu via como um monobloco, “pow, aqui todo mundo é inteligente, todo mundo vai brilhar em algum lugar, mesmo que não seja numa área de conhecimento, mas vai brilhar...” Eu comecei a questionar essas coisas, recentemente, eu digo assim, rapaz que loucura, né, tais e tais figuras foram para lugares exponenciais, não tô nem me referindo a dinheiro, mas ser expoente em sua profissão e outros não, teve uma menina lá, por exemplo, que me lembro que ela ficou famosa, Diana Pequeno, virou cantora e cantava aquela música *blowing in the wind* traduzida, virou sucesso na época, assim, da galera cult e depois sumiu, você tinha figuras que apareciam, hoje você tem excelentes engenheiros, médicos, gente na área de advocacia, gente que hoje trabalha em organismos multilaterais, em grandes empresas ou são consultores... tem uma porrada de gente muito bem colocada. Eu acho que o Aplicação é um Colégio que quem estudou lá teve uma experiência única.

D - Você acha que os encadeamentos profissionais das pessoas...

V - Eu acho, eu acho que é difícil fazer essa mensuração porque muita gente, como eu, não cursou o segundo grau lá e a proposta de lá era você entrar é sair pra o vestibular, o nível de aprovação era um negócio absurdo, lá dentro, não tenho assim pra te dizer, mas eu acho que o nível de aprovação era absurdo, você contava nos dedos quem não passava no vestibular, de sessenta passavam, assim, eu vou chutar, noventa e tantos por cento, era uma coisa assim, entendeu, era tido como um colégio de excelência e some-se a isso, não pagar, era tudo, né. A gente estudava utilizando as técnicas mais modernas, quer dizer, hoje o que se usa para estimular a criatividade em português era uma coisa que naquela época era muito revolucionária, nas outras escolas era época de ditado em sala de aula, ditado, redação, agora, imagine no Aplicação: “escolham uma história de conto de fadas e recriem...” Pow, pra um menino de onze anos, doze... você pegava *Branca de Neve* e mudava tudo, daqui a pouco tava misturada com Mao-Tsé-Tung e os anões, cada um é o presidente de um país...

[interrupção]

D - [...] eu queria que você falasse não só do bullying, mas da discriminação, no sentido de quem era mais pobre como era que isso funcionava no Colégio?

V - Eu não via, assim no lance da pobreza eu acho que, algum tipo de discriminação... eu acho que, quando você tá nessa idade e você tem uma família que, não necessariamente seja rica, mas que você tenha acesso a informação muita coisa você não “sente” muita coisa.

Chamava atenção, assim, por exemplo, isso é uma coisa bem bestinha, mas me chamava atenção, tinha uma menina, o nome dela era C., depois a gente veio a ser colega no

jornalismo, e ela tinha um gravador Phillips, aquilo era uma novidade, você ter um gravador de mão com fita cassete e ela ficava ouvindo beatles o tempo inteiro, então, aquilo chamava atenção, ela era uma figura que me chamava a atenção na Escola, por ter aquele brinquedo eletrônico, do qual ela não se separava, aquilo era uma espécie de passaporte social que lhe dava destaque mas não gerava em mim qualquer tipo de incômodo.

Mas, eu acho que... o bullying ele existia mais, muito menos em relação a sua classe social, e muito mais em cima de sua timidez, o fato de você não interagir naqueles grupos e você é... nessa época aí você tem essa coisa de ser popular, não ser popular, eu acho que tinha muito mais assim, no meu caso, algumas vezes eu passei por situação, assim, por exemplo, tinha um cara que entrava lá na sala todas as vezes, várias vezes pra me abusar, eu dizia “porra, bicho, me largue, me deixe...” porque na verdade não é que eu não soubesse brigar com ele, é porque eu não tinha vontade de brigar todo dia, então, eu sabia que se eu fosse revidar aquilo, na próxima vez que ele me visse, eu estaria distraído, minha cabeça estaria sonhando com outra coisa e eu ia receber a galinha pulando, não tinha essa maldade, e aí, um belo dia, H., um dos maiores colegas da sala e meu amigo até hoje disse, “porra, Valber, pega esse sacana...”, aí eu peguei, botei aqui na gravata, apertei, botei no chão... o cara pirou, não esperava que eu tão miúdo fosse tão forte, porque eu era menino mas tinha o braço muito ossudo, apertei, apertei... “viu, velho, viu, sacana, agora me largue, velho, me deixe, viu?” e aí, H.: “viu, foi mexer com ele...” Mas o cara já vinha fazendo isso há um tempo e, no meu caso, é um lance de personalidade, mesmo, eu não queria confusão, eu era uma cara muito quieto, e eu achava que se eu fosse revidar ia começar um jogo sem fim de revides, quando eu menos esperasse.

Agora, acho que o bullying era uma coisa assim, não era tão, tão exacerbada como você vê hoje, o... o trote era forte, o trote de calouro era forte, você passava pelo corredor polonês, tinha aquela coisa: “calouro, me dê o dinheiro... calouro vai fazer tal coisa...” tinha o dia do trote em si e você passava o ano inteiro, de alguma forma, sendo, sendo... sendo, assim, ficando a mercê do veterano e eu me lembro que tinha uma expressão, assim, não sei se chamava meu peixe, quando alguém ia fazer algo com você, o cara veterano dizia “esse aí é meu peixe”, tipo assim, eu gosto dele, não se meta com ele, não, tinha esses apadrinhamentos, por simpatia, simpatizava com você, aí no dia do trote inicial, não, no dia do trote o coro comia.

D - Como acontecia o trote?

V - Rapaz, eu não me lembro, assim, eu me lembro que tinha corredor polonês, como eu falei, eu não sei se tinha talco, tinha umas coisas assim de sujeira, eu não sei, mas eu me lembro que tinha a palavra trote, você tinha que passar por algumas coisas meio desagradáveis, mas não era nada barra pesada, não.

D - Você praticou algum trote?

V - Não, não era muito da minha, você pode abusar um calouro, “Colé, calouro?”... é como eu disse pra você, eu era muito na minha, eu não tenho esse perfil violento, entendeu, tô tentando me lembrar de mais coisas.

D - Você falou que era um Colégio de mérito, mas não me disse, exatamente, o que lhe faz ter essa impressão.

V - De que era uma Escola do mérito? Eu até tentei lhe dizer, no sentido assim, você era valorizado pelo seu potencial, pela sua performance, eu me lembro, que quando eu cheguei no último ano, na oitava série, eles divulgaram um mapa com todas as notas das potencialidades dos alunos no ginásio, como se fosse a média das suas habilidades e suas deficiências avaliadas durante o curso e eu fiquei muito encantado porque eu acho que era o terceiro melhor do meu curso, da minha série, e não sabia disso, como eu disse pra você, tinha alguém que era muito bom em tal coisa e o outro não era, essa nota do SOE era sobre inteligência geral, inteligência abstrata, capacidade de usar o português, capacidade de ser entendido, velocidade, qualidade no que faz, memória visual, memória auditiva.

D - Como era que o SOE fazia essa avaliação?

V - Eles faziam entrevistas com você, se... era uma ou duas vezes por semestre, você fazia um teste, um questionário, entrevista, entendeu? Era um SOE que, acredito, também devesse ser revolucionário, assim, em relação às outras escolas, eu tenho a sensação que eles testavam coisa de educação lá, coisas que depois viriam a ser aprovados em outros locais. A gente tinha essa sensação... Imagino que as reuniões dos professores deveriam ser riquíssimas, de avaliações, de técnicas que estavam sendo usadas, entendeu?

Então, quando eu falo de mérito é assim, e eu acho que... primeiro, o fato de não ser pago botava todo mundo com a possibilidade de estudar ali, do que se fosse, por exemplo, você pensasse no Vieira ou no Maristas ou no Dois de Julho, os colégios top de linha, onde se você não tivesse dinheiro, não estudaria, ou estudaria como bolsista. Pelo que sei os alunos de lá eram, em sua maioria, expoentes em suas escolas, estudaram e passaram e tiveram acesso àquele Colégio de excelência, onde você tinha na mesma sala de aula pessoas muito ricas e pessoas de classe média baixa.

Então, o fato de não ser pago tornava-o mais democrático, então, era uma Escola que por si só, por seu espírito, era uma Escola do mérito, em que você ia lá não pelo dinheiro que seu pais pode pagar, mas pela bagagem que você trazia, e como o Colégio era de excelência atraía ricos também, então, ricos e pobres vinham disputar vaga e acabavam numa sala de aula com todas as diferenças sendo resolvidas no espaço de convívio. Eu não me lembro de gente expulsa, deve ter tido, mas não me lembro de gente expulsa por mau comportamento, entendeu, saíam... é por isso que eu digo, era uma Escola do mérito, então assim, você saía porque não tinha condição de acompanhar por suas notas, entrou um cara lá que era tão ruim que ele acabou perdendo o ano e acabou saindo, tinha um ou outro caso de gente que perdia ano, pouquíssimos. Eu me lembro que uma vez eu ia perder o ano porque todo mundo faltava às aulas de iniciação artística para jogar bola e, um belo dia, eu recebi a notícia-bomba que eu havia perdido todas as oito matérias, fui pra segunda época, prova final de todas, por causa de falta em iniciação artística, mas acabei passando em tudo.

D - Mas, perder implicava em sair...

V - Não, digo assim, vamos supor que você perdeu o ano, aí você vai e repente, aconteceram alguns casos, em média, de trinta pessoas tinha uma média de uma ou duas repetência por turma, aí... só que tinha casos, que eu acho, presumo, que o próprio pai com... a direção da Escola pedia pro pai tirar o filho de lá, que o filho não tinha condição de seguir, não é só o caso da repetição, tipo assim, não consegue ser bom em nada, mas isso eu vi mais assim com um cara que veio de fora, veio do Rio, não sei se esse cara foi transferido, que era do Aplicação de lá ou porque o pai era militar, porque tinha umas coisas meio nebulosas, um caso só que me lembro... Na minha sala uma menina sofria bullying, lembrei agora, muito tímida, muito inteligente e o pai dela era dissidente de ditadura militar, o pai dela é um escritor famoso, eu só vim saber agora, e ela era completamente dissociada de todo mundo, eu acho que naquele período, o fato do pai ou estar preso ou correndo da repressão gerou nela essa atitude, o pai dela é autor de um livros mais famosos da época da ditadura, um livro contra a ditadura e aí, essa menina, era uma excelente aluna, mas não interagiu com ninguém, eu me lembro, assim, que na hora do recreio tinha umas pessoas que ficavam dentro da sala, ela era uma dessas pessoas, e hoje eu faço leitura disso, como querendo dizer, eu não quero circular, eu não quero ser vista, ou pra não curtirem com minha cara ou porque já vivia a mesma situação de reclusão do pai, ela sofria bullying, me lembro disso.

D - Você disse que a Escola ajudava a traçar sua individualidade, ajudava cada um a traçar seu caminho, o que disso era fez contigo?

V - Rapaz, primeiro que, eu acho assim, que fui, talvez, umas das poucas pessoas que comemorei o fato de que não ia fazer o segundo grau lá.

D - Por que?

V - Porque eu ia pra um outro ambiente utilizando o que aprendi ali, então, como eu entrei tímido ali e eu tava saindo daquela timidez, eu queria ir pra outro ambiente pra exercitar uma nova maneira de ser, aprendida no Aplicação, entendeu? Então, eu cheguei no Dois de Julho como um cara, como Gilberto Gil fala naquela musica, Back in Bahia, “como se ter ido fosse necessário pra voltar”, então, enquanto em relação ao conhecimento formal, didático, eu provavelmente perdi muito, mas enquanto socialização eu ganhei muito mais indo para um outro colégio como um “estrangeiro”, o cara voltou e viu todo mundo de novo e com novas maneiras de ver o mundo, de encarar o mundo, entendeu?

D - Me fala também do seu exame de admissão, você lembra como foi?

V - Eu fui bem na minha prova, eu me lembro que eu fui bem nas provas, mas o aluno que passou em primeiro lugar, segundo lugar, isso ficava lá marcado dentro da Escola, mas esse primeiro lugar nem se refletiu depois como primeiro lugar, não significou que se adaptou àquele ambiente diferente. Eu acho que do mesmo jeito que eu sou um cara originalmente tímido, que vivia numa ilha, numa redoma chamada livro e que o Aplicação serviu pra me socializar e, ao mesmo tempo, eu pude fazer o contraponto de um lugar com pessoas muito especiais, muito inteligentes, muito bem informadas e, do lado de cá, a pivetada com quem eu jogava bola.

Teve gente que era muito mais formal, entrou no Aplicação por causa da excelência, mas se bateu com a liberalidade de costumes da Escola, eu sei que teve gente que sofreu com isso, é como se tivesse acostumada a um colégio mais tradicional, entendeu? Então, esse colégio mais tradicional... aí, um bom exemplo aqui, existia, deveria existir, deve ter existido, mas não me marcou tanto, uma coisa que tinha no Dois de Julho, uma mulher, uma profissional chamada censora, olha que nome, censora, eu nunca parei... tô me tocando do que a palavra significa agora, conversando com você. O que a censora faz? A censora retruca, brada, reclama, se você tiver fazendo alguma brincadeira impertinente na hora do intervalo, ou se tá todo mundo em aula e você tá fugido e tá lá se agarrando com alguém lá embaixo no campo, no sei o que lá, e volta a censora te pega fora da sala de aula ou a censora te pega fumando, a censora é um elemento disciplinador, uma figura que disciplina na escola. Se existiu no Aplicação eu não lembro, primeiro, o Colégio era pequeno que de lá de cima se alguém olhasse veria o pátio inteiro, um pátio com quatorze

salas de aulas, apenas, que você tinha seis salas em cima e nove salas em baixo, a de cima tinha uma varandinha, completamente exposta pra quem vê de lá, estou aqui daqui de cima eu vejo o primeiro andar, com suas seis salas, e do lado de lá, as pessoas me veem porque todas as portas eram convergentes para o pátio. Eu não me lembro dessa figura da censora, talvez tivesse, mas se teve não me marcou. No Dois de Julho, não, lá tinha isso, lógico, um colégio bem maior. Então, essa liberalidade de não haver essa censora, era um colégio mais livre em que, até pra abusar, se você fosse abusar alguém, você não teria alguém olhando por você, vamos chamar assim, entendeu?

Então, dentro da sala de aula ou, então, se fosse reportado a diretoria ou coisa assim, não era... não tinha uma pessoa, assim, acho que pelo próprio espírito da Escola mais livre, então, eu acho que isso deve ter incomodado a pessoas... porque eu era o tímido em busca de liberdade e tem aquelas figuras que são muito formais e que batem de frente com a liberdade excessiva, batem de frente com a falta de regras muito bem delimitadas, entendeu, então, de alguma forma, vamos chamar assim, uma frase que um amigo meu usa e que eu gosto muito, que é assim, o princípio da anarquia: ninguém manda e todo mundo obedece.

D - É assim que definiria a disciplina da aplicação?

V - Tinha Ligão que era uma espécie de gerentona, mais braba, que falava grosso, mas no geral, eu acho que o formato da Escola, era uma escola com muita liberdade e você tinha que aprender a saber até onde você podia ir, entendeu, por isso que eu digo na formação dessas individualidades. A minha turma já era uma turma menos politizada, eu não sei se porque a gente não viveu o segundo grau lá, né, não deu pra ver essas diferenças, então, não deu pra sacar isso, mas coincidentemente, se tentou fazer ou se fez reencontros do Aplicação – ó que coisa interessante – se você pegar no universo de 100 pessoas 97... do meu ano e para antes de mim, tem 3 pessoas dessas 100, estou falando mais jovens do que eu, é como se fizesse assim, eu não sei se isso tem a ver com o período da Escola, eu não sei se tem a ver, se o meu ano e os que vieram atrás de mim não cursaram o segundo grau e não estreitaram os laços, eu não sei se tem a ver com as próprias gerações que vieram a partir dali, em que os pais, talvez, não estimulassem, já que ia tirar seu filho dali, de qualquer interação maior, para que seus filhos não serem presos e, talvez, até dentro de casa, você garoto já ouvisse falar pra não ir, pra não entrar em determinadas coisas e, aquilo, você ouvindo com sete anos, mexe muito com você e vira uma espécie de “lei” que você só vai romper com quinze ou dezesseis, quando você começa a ficar dono do seu

pensamento, porque nessa fase de onze a doze você tá meio que seguindo aquilo que você ouviu, eu não sei, mas, coincidentemente, as tentativas de atrair pessoas para se reencontrarem e fazerem um projeto em comum, da turma que entrei em 1971, até a turma de 1974, desses aí que não cursaram o segundo grau na Escola, somente dois ou três de cada cem, acho que até menos, seriam dois, eu e mais outra pessoa, o resto nem por e-mail, nem nessa corrente de e-mails. O que significa o que? Ou eles não se sentem íntimos ou compartilhadores das mesmas vivências que esses que estão propondo os encontros tiveram, lógico, ou não foi possível estabelecer essas conexões porque eles saíram antes,

[...]

Então, sobre essa questão entre sucesso e inteligência. Eu acho que o Aplicação é assim, conceitualmente um lugar de pessoas inteligentes, que o teste de admissão era extremamente difícil, cara. Não era pouco, não, era muito difícil, e o Aplicação também, outra coisa que eu acho que tem que ser ressaltada, assim, que eu acho que é uma grande perda que existe na educação hoje, era um colégio que não tinha prova de marcar, era um colégio de escrever, então, por mais que você diga que a prova de marcar...

Prova de marcar você elimina logo duas coisas que são inimagináveis, em algumas questões que só ficam duas coisas, você tem 50% de chance de acertar, cara, sem escrever uma palavra, sem emitir um julgamento, sem escrever uma palavra pra o cara ver que você não sabe português, entendeu?

Isso era uma coisa que lá tinha, quando eu saí de lá e vou pro Colégio Dois de Julho, tiro seis notas dez, eu chegava e fazia tuque-tuque, essa aqui, essa aqui... Então, existem alguns valores do Aplicação que eu acho que não poderiam ter se perdido, eu sinto por isso, de não ter sido, disso não ter sido disseminado pra outras escolas, né, você vê que hoje a questão da farda até entrou em segundo plano, você vai em muitos colégios e você não tem essa exigência da farda, o cara tá com a farda, mas a calça não precisa ser igual, não tem aquela rigidez de antigamente.

[...]

D - Você falou a pouco que você tinha a impressão que o Colégio era um espaço de experiência, isso é pela comparação com a outra escola?

V - Sim.

D - Ou interna, que tudo era testado ali?

V - Rapaz, veja bem, a minha leitura é a leitura do que vivi, então, eu vim de vários colégios, eu vim de colégios particulares, depois pra colégios públicos, coincidiu com um período

que minha família, meu pai se desfez de tudo que tinha por um problema de doença na família, então, a gente vendeu tudo, a gente veio do colégio particular, depois migrou pra colégio público, depois do colégio público eu fui pra o Dois de Julho, no quinto ano, aí mesmo tendo estudado nesse colégio público de ensino pior, eu lia tanto, eu estudava tanto, que eu fui para o Dois de Julho e passo a ser o primeiro, aí eu saio do Dois de Julho, em que eu era o primeiro, e vou me bater com os primeiros de outros colégios, esse primeiros têm experiências de vida totalmente... de forma bem diferente uma das outras....

[interrupção]

[...]

Agora, o segundo grau da Dois de Julho foi muito legal, foi muito louco, foi uma experiência bacana, mas eu acho que foi bacana porque eu tinha vindo do Aplicação, então, eu não me inseria na categoria dos CDFs, aquele cara que quer cumprir as metas e o Aplicação me fez é... assim, me deu a liberdade pra vir a me tornar mais rebelde, menos enquadrado.

D - Em pleno período da ditadura?

V - É, mas era uma rebeldia comportamental, não era uma rebeldia... então, entendeu, talvez aí você ouvindo alguém que viveu os dois períodos possa decifrar melhor isso, porque, talvez, a Escola até tenha se liberalizado, em termo de vestimenta, como uma válvula de escape em relação à falta de participação política, tô só levantando uma lebre, aqui, tipo assim, já que não pode tal coisa, vamos liberar aqui os costumes, a maneira de vestir, pa-pa-pa e diminuir as pressões. Eu não sei, mas quem estudou em Nazaré tinha ao seu lado os Salesiano, colégio de padre, quem veio pro Canela, tinha uma outra coisa interessante, os Maristas na frente, que é um colégio de padre e muro com muro com o Pronto-Socorro do Estado da Bahia, então, a gente... nunca houve, assim, a Escola de aumentar o muro lateral, então, a gente vinha correndo, assim, pra ver um cara chegando com uma faca nas costas, porque o muro da Escola tá aqui, o lateral, uma área que não era muito olhada pela diretoria, e o carro chegava aqui, parava aqui, e as pessoas eram retiradas daqui e pra entrar no pronto-socorro, aquela área onde a ambulância para ou o taxi, trazendo a pessoa ferida, e depois que tira a pessoa desce a rampinha, aquele lugar de parar ficava na frente do nosso olho, a gente cansou de ver coisa barra pesada, era engraçado isso, e você tinha...

Ah, uma outra coisa que eu esqueci de dizer, existia uma coisa na época, muito interessante, chamada festival de música, participava o Dois de Julho, o Vieira, o Social e o Maristas, tinha festivais na Concha Acústica, você fazia um festival interno e os dois

vencedores iam participar do festival intercolegial, que aquilo era muito bom, sabe torcida com faixa? e revelando gente, né, pra área de música, o mais famoso foi M., um cara que ficou bem conhecido aqui na década de 80 e esse cara tinha rock, tinha N., o cara que é publicitário, era do Maristas, já era um cara bem, assim, inteligente e bem crítico.

D - E o Aplicação, disputa pau a pau?

V - Pau a pau, não, os melhores caras tavam no Vieira e no Marista e... por causa de um cara chamado S., que estudava no Vieira, e o M. que era um showman, né, um cara bonito que ia lá e metia a mão no bolso e... fez um rock, metia a mão e jogava chiclete “e toquem fogo em Roma que ela não é a cidade modelo, isso era uma grande falseta”, metia a mão e jogava chiclete na galera e fazia uma crítica ao capitalismo, então, numa Concha Acústica, se você imaginar você com treze anos de idade ver um cara de dezesseis fazendo isso... é pauleira, é muito forte, né, você via ali um cara como um artista mesmo e as torcidas... falavam “o M. na final”... “ahhhhhhhh...” levanta todos, o Dois de Julho tinha faixas, isso era muito legal, era uma coisa de um minifestival desses que tinha da música popular brasileira.

D - A ditadura não interferia dentro do Colégio, então?

V - Teve gente que foi perseguida mas eu não “via”.

D - E vocês sabiam disso?

V - Não, eu vim saber agora que teve gente que parou de frequentar a Escola porque... caiu na clandestinidade, mas eu não sei quem são e não era do meu universo naquele momento.

D - Ok, vou lhe pedir pra falar um pouco mais de matemática, você falou que era “muito doida” a professora Maria Augusta...

V - É, porque ela entrava assim... não dava bom dia, o bom dia era assim: “bom dia [...] A1, “A1”, você já tinha que saber quem era A1, ela apontava pra você “A1”, aí o cara que era o terceiro, olhava para frente, “eu sou A1 também.”Aí o outro, “eu também sou A1”, sabe? la-la-la-la... A2 la-la-la-la... escrevia no quadro, dividia o quadro em quatro partes, ela dizia “B1”... B2... aí ficava andando pra um lado e pro outro, assim, certo, aí... “acabou o tempo”, recolhe todo mundo, muito acesa então, era outro padrão, em relação a Maria do Carmo de história que era uma lady, uma pessoa de óculos, uma pessoa bonita, coroa, assim, senhora, pra gente uma senhora, né, de quarenta anos era uma senhora. Essa mulher chegava e dava uma aula de história e ficava todo mundo assim, ninguém se mexia, depois tinha um livro, quadrinhos, então, era um outro estilo.

Nessa época da vida a beleza física das professoras também interfere, tem pessoas que não

são bonitas, mas são carismáticas, são simpáticas, mas... eu nunca tinha parado pra pensar isso, mas isso também interfere na absorção do conhecimento.

D - Maria Augusta não era...

V - Maria Augusta, não, Maria Augusta era acesa, dava uma ideia, ela passava a ideia pra gente de uma pessoa matemática, como você já ouviu falar de... de... como é o nome desse cara? Einstein, guardadas as proporções... Einstein encontrava com você, conversava, conversava, depois dizia, venha cá, quando eu vim, eu vim de lá ou vim de cá? Você veio de lá. Ah, já almocei, obrigado.

Ela era assim, entendeu, ela chegava na sala acesa... e isso ela não tinha um comportamento padrão, tem professoras lá no Aplicação, pra você ter uma ideia, se tornaram amigas, amigas, amicíssimas de alunos, de alunos de curso maiores que o meu, são amigas até hoje, de saírem juntas, você acredita? Eu encontrei uma delas, me falou o nome lá, amigas, tavam amigas, e no meu caso, não, é como eu tô dizendo, saímos cedo.

D - Mas, Maria Augusta foi a única professora de matemática de sua turma?

V - Não, teve uma primeira pessoa que não marcou tanto, depois de passar por Maria Augusta, você não consegue lembrar o nome da outra pessoa.

D - O que vocês estudavam matemática? O que você lembra de matemática?

V - Estudamos muitas coisas...

D - Como era o conteúdo de matemática?

V - No primeiro ano eu não lembro, exatamente, o que foi dado, no segundo ano eu me lembro de equação de 1ª grau, no terceiro ano eu me lembro de equação de 2ª grau e na oitava série, foi um ano dedicado a trigonometria, um ano do pensamento lógico na matemática, então, “com o efeito, dada a teoria...” às vezes, pra responder a uma pergunta você tinha que usar dois teorema e um axioma, “dado o axioma de sei quem, que diz que dois ângulos retos, quando são congruentes, formam um ângulo de 180° e, pelo teorema tal, que diz que quando uma reta passa perpendicular a um ângulo de 180° , geram um segundo ângulo do outro lado e, pela mediatriz de não sei quem que diz isso, prova-se, está provado que um ângulo tal é congruente com o ângulo tal.

Isso era a matemática da 8ª série, escrita, isso mexia com a gente pra caramba e, confesso a você, tinha uma certa dificuldade, não era um terreno em que eu bailava, bailei, fui um dos melhores alunos da sala, em equação do 2º grau, foi na sétima série, aí fui um dos melhores, porque era fácil para mim, era fácil entender aquilo, mas a oitava eu já senti um

pouco de dificuldade e... eu acho que a grande inovação em relação aos outros lugares, pelo que eu perguntava a colegas meus, minha irmã que cursava no Dois de Julho, mesmo ano que eu, era que lá era prova de marcar sobre assuntos numéricos e eu fiz uma oitava série completamente... eu tinha que fazer uma explanação sobre a matemática, eu tinha que explanar a matemática, porque que isso é igual a isso e porque isso é simétrico a isso. Eu tinha que usar a lógica, usar os teoremas, usar as teorias da matemática pra chegar no resultado desejado, entendeu? Isso não era mole, não, você escrevia muito, você saía de cuca fundida das provas.

D - Como era que Maria Augusta dava aula?

V - Rapaz, ela dava aula elétrica, ela ia pro quadro...

D - Ela desenhava...?

V - Desenhava, foi a primeira vez a gente começou a falar da reta r , do ponto p , não sei o que... pelo menos que eu me lembre, “dada uma reta s ...”, aí a menina falava “por que a reta é s , professora?” Ela não conseguia entender que a uma reta era r e a segunda era s , “e por que essa reta é s , professora?” Eu dava uma risada, né, e essa menina depois tirava a melhor nota.

Ela era muito acesa, toda assim... você encontrava com ela pra conversar, pra falar, fora do horário de aula, e aí era como se ela não tivesse tempo a perder com você, não que ela não fosse lhe ouvir, mas é como se tivesse muitas coisas na cabeça dela se processando ao mesmo tempo, aí dava essa ideia de uma pessoa metida em matemática, uma pessoa metida com a matemática, que a cabeça dela estaria resolvendo outras equações enquanto tava conversando com você, é assim a ideia que ela passava.

D - E o livro didático? Usava o livro como? Esse livro que era ela algumas autoras...

V - Usava, usava muito, só dava ele, os livros do Aplicação tinham muitos livros que, também acho que a gente saiu na frente, que hoje existem, livros-cadernos, livros com as questões ali pra você escrever de lápis, isso é uma coisa que se tornou tendência, depois, mas eu me lembro que os livros de antigamente você não podia escrever, o livro era uma coisa imaculada e o caderno era uma outra coisa e, lá no Aplicação, a gente teve acesso a isso, livro-caderno, explicava o assunto e depois vinha as perguntas para você escrever ali mesmo, são coisas bacanas, não tinha pensado nisso.

D - E esses livros eram todos produzidos lá ou vinham livros de fora?

V - Não, acho que vinham livros de São Paulo também.

D - De matemática?

V - Matemática... depois da chegada de Maria Augusta, não, é como se Maria Augusta ela veio nesse processo aí de Omar Catunda e ela... é como se fosse assim, nós estamos utilizando a inteligência que existe dentro da UFBA e, como Omar Catunda não pode estar aqui dando aula, Maria Augusta... talvez até tenha se incorporado ao processo, trazendo até alguma dinâmica para ensinar isso, de uma maneira mais assim, em sala de aula, talvez o nome dela tivesse sido inserido...

[...]

D - [...] o termo matemática moderna lhe diz alguma coisa?

V - Foi usada lá isso, matemática moderna, eu acho, foi quando você começou utilizar a utilizar, pelo que eu tô entendendo...

Ah, a gente deu conjuntos, cara, me lembro, matemática moderna era uma coisa que assustou no início, e lá era isso, matemática moderna, me lembra... me assustava porque era diferente de tudo que eu tinha visto no primário, era uma outra maneira de ver a matemática, é que no primário chamava de aritmética.

Você agora me botou pra pensar, matemática moderna... eu me lembro que tinha umas coisas, se eu não tô enganado, tinha umas coisas de nomear uma reta r no ponto P , eu acho que tinha alguma coisa por aí, não sei mais o que eu posso me lembrar, eu me lembro dessa expressão, matemática moderna, me assustou no início, como uma coisa que não vinha dentro dos padrões que eu estava acostumado a estudar, mas depois eu vi que não era... tem alguma informação que tá aqui por um triz pra lhe contar e não consigo lembrar, matemática moderna... sem uma informação adicional, acho que não consigo lembrar, não.

D - Matemática moderna está muito associada aos livros usados no Aplicação, produzidos na UFBA.

V - Acho que o nome era esse, matemática moderna, né, pois é, rapaz, aqueles livros eram muito fortes, difíceis e as aulas de Maria Augusta eram muito instigantes, você... você era apresentado a um assunto novo, assim, de tempos em tempos, se você não tivesse lá você tava ferrado, tipo assim, ela vinha e... nunca mais você tinha facilidade de pegar aquele assunto, porque era um dia em que ela explanava, abria o assunto, o resto era consequência daquele dia, aí tudo reportava àquele dia primeiro, onde ela abriu o assunto, a mulher era elétrica, elétrica.

D - Depois o que ela fazia, debatia o assunto?

V - Não, era continuação do assunto, mas era assim, “você não participou da primeira vez e eu não vou ficar rememorando aqui a primeira explanação, era como se... como eu disse, uma mulher acelerada que não tinha mais tempo a perder, ela expôs muito bem naquele dia e os outros dias eram continuação daquilo.

D - Ela fazia isso no quadro? Usava régua para desenhar? Ela...

V - Ela usava régua para desenhar... com giz.

D - Era quadro negro?

V - Com giz. Verde. Eu me lembro que tinha uma brincadeira de pegar todo o pó, de tempos em tempos, tinha, tinha... tinha um ventilador central, pegava todo o pó e colocava em cima, chegava os professores desavisado e ligava e fuuuu... era um fumacerio da zorra, ninguém fazia isso com Maria Augusta, não, fazia isso com aulas mais amenas.

D - Vocês tinham estagiário na sua época?

V - Não me lembro, me lembro de estagiário em vários colégios, mas lá eu não me lembro. Deve ter tido, mas não fixou, me lembro, assim, que chegava uma professora mais jovem... pode ter tido, cara, algumas coisas somem da cabeça e outras me marcam muito, tem coisa que parece que eu estou lá hoje.

D - Na aula dela, o que marcava era ela mesma?

V - É... e essas coisas que eu te falei todas do ensino de trigonometria, era muito marcante, mas a chegada dela, assim, o fato, a chegada dela na sala de aula já era um gêiser, chegava já chegou elétrica e já dizia: “A1”, não dava bom dia, não, “A1”, ou então não falava nada e ia direto pro quadro, aí escrevia A1... A2... A3... rapidinho, era uma questão só, entendeu, você tinha que responder, e ela somava as notas os mais e os menos aí dava sua média, aquilo era um fator da média final, então, aquilo, o teste e a prova, ela era assim.

D - Isso assustava?

V - Ela é sua parente?

D - Não. Isso assustava?

V - Rapaz, ela era respeitada, primeiro, por causa da disciplina que ensinava, matemática, segundo, por causa da personalidade dela, então, ela não era uma pessoa de gritar com aluno, ela não tinha esse estilo de gritar, ela simplesmente... você ia se ferrar por uma questão de falta de conhecimento, só isso, entendeu? “Eu sou tão acelerada, eu não tenho tempo pra você, que ou você me segue ou você tá ferrado, cara.”

Não tinha aquela coisa, professora, veja bem, isso daqui... “estude tal coisa, estude tal

coisa, tal assunto, tô correndo, tô correndo, preciso dar aula em outro lugar...” Ou então ela ouvia você, se você tivesse uma pergunta pertinente ela pegava um papel, tic, tic, tic, resolvia e mostrava pra você, aqui ó, mas se fosse uma pergunta muito lá atrás, de alguém muito atrasado, não tivesse bam-bam-bam, se fosse uma pergunta pertinente da aula que ela acabou de dar, ela respondia pra você, explicava, agora, venha com pergunta da casa do chapéu que aí ela não tinha paciência, não, ela dizia, “ah, estude tal negócio, estude... página tal...” e pau, se picava, e ficava assim, sabe, botava pra gemer sem gritar ninguém, mas era querida, era respeitada, inteligente, então, num colégio de pessoas inteligentes ela era respeitada porque era inteligente, viam nela um talentão, né, basicamente eu acho que é isso.

D - A última coisa, de teoria dos conjuntos você lembra o que?

V - Lembro muita coisa. Uso, inclusive, esse termo, quando alguém vai fazer algo... uma relação biunívoca, isso eu me lembro muito, me lembro de... é... de biunívoca, unívoca, tinham uns conjuntos que..., pow, tinha um nome, que eles iam, saiam do conjunto, eu me lembro que, entre um conjunto e outro tinha uma interseção e tinha conjuntos que não se combinavam com ninguém, eles ficavam meio que ilhados, mas a relação biunívoca é uma coisa que eu uso até hoje, essa troca, tinha uns que só tinham um sentido, tinham outros... vai e vem, mas eu acho que é tanta informação que veio depois do jornalismo que você, de alguma forma, você perde muitas coisas, eu me lembro de mediana, mediatriz, um outro termo que eu uso é congruente, eu vim ouvir outro dia, congruente, uma coisa congruente com outra ou é incongruente, simétrico, assimétrico, isósceles, equilátero, essas coisa de teorema de Pitágoras, teorema de... muita gente aí, axiomas, essas coisas a gente lembra, assim, vagamente,

[...]

[agradecimentos]